

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

**VIOLÊNCIA E CIDADANIA NA SOCIEDADE MEDIATIZADA:**  
**O programa *Linha Direta* sob a ótica da Recepção**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**DANIEL BARSILOPES**

**São Leopoldo, fevereiro de 2008**

**VIOLÊNCIA E CIDADANIA NA SOCIEDADE MUDIATIZADA:**  
**O programa *Linha Direta* sob a ótica da Recepção**

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS como requisito parcial para obtenção do título de mestre em ciências da comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de La Torre

DANIEL BARSILOPES

São Leopoldo, fevereiro de 2008

**VIOLÊNCIA E CIDADANIA NA SOCIEDADE MUDIATIZADA:  
O programa *Linha Direta* sob a ótica da Recepção**

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS como requisito parcial para obtenção do título de mestre em ciências da comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de La Torre

Defendida em 25 de fevereiro de 2008

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Veneza Mayora Ronsini - UFSM

---

Prof. Dr. Valério Cruz Brittos – Unisinos

---

Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de La Torre – Unisinos

**DANIEL BARSILOPES**

*Aos meus pais, Omar e Regina, que me  
ajudam a transformar cada um dos meus  
sonhos em realidade e que, por mim,  
fazem até o impossível.*

*Ao Prof. Efendy, pela amizade e pela  
cumplicidade na realização desta  
pesquisa.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais super-heróis, Omar e Regina, por tudo. Pelo amor verdadeiro e incondicional; pelo apoio emocional e financeiro; pela torcida incessante e pela vibração com cada nova conquista minha; por estarem cotidianamente ao meu lado, mesmo que milhares de quilômetros nos separem fisicamente; por serem o meu porto-seguro; por me incentivarem sempre e fazerem com que eu não desista nunca dos meus sonhos; enfim, por serem exatamente o que quero ser um dia para os meus filhos.

Ao meu orientador, Prof. Efendy, por ter me concedido o privilégio de passar dois anos gozando de sua companhia e, com isso, compartilhando de seu brilhantismo e de sua competência, de sua sensibilidade e de sua generosidade. Obrigado pela atenção, pelo respeito, pela dedicação e pelo exemplo próximo de um pesquisador em comunicação cuja sede pelo conhecimento se renova a cada dia.

Aos meus queridos irmãos, Alexandre e Luciana, pelo carinho e pelo apoio emocional e financeiro; por participarem de todos os momentos da minha vida, marcando presença em cada um dos meus passos; por serem meus “musos” inspiradores, atuando como os maiores exemplos de que o sucesso sempre será uma consequência da dedicação e do trabalho árduo.

Aos sobrinhos mais lindos e amados do mundo, Ronald, Giovanni e Mateus, por me motivarem, através de seus sorrisos e de sua inocência, a pesquisar a cidadania e a tentar ajudar a construir um mundo mais justo, pacífico, igualitário e cidadão para eles.

À banca examinadora, pela disponibilidade e pelo interesse em participar deste momento marcante em minha trajetória acadêmica, brindando-me com seu olhar atento e com suas contribuições.

À Profa. Dra. Denise Cogo, pela incessante contribuição à minha formação como pesquisador e pela atenção e generosidade de sempre.

Ao Prof. Dr. Valério Brittos, pelo invariável interesse pelo meu percurso acadêmico, ofertando-me constantes caminhos para o crescimento intelectual.

Aos queridos “amigos do Sul”, pela presença constante no meu dia-a-dia; pelos inesquecíveis momentos que passamos juntos; pelas trocas acadêmicas e pela aprendizagem constante que tenho com eles; pelos passeios, viagens, baladas e comilanças; por serem minha família aqui no Rio Grande.

Ao grupo de pesquisa PROCESSOCOM, por ter me proporcionado um imensurável aprendizado; pelos momentos de trocas, discussões e reflexões; por ter me aproximado de grandes pesquisadoras como as Profas. Dras. Jiani Bonin e Nísia Rosário; pelos divertidos encontros extra-classe.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por ter sido muito mais do que eu esperava dela; por ter me oferecido momentos de crescimento e de descoberta que ficarão gravados eternamente em minha vida; por ter me possibilitado o início de minha formação como pesquisador e professor; por ter simbolizado a realização de um grande sonho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pelo acolhimento e pelo oferecimento de todas as possibilidades de crescimento profissional.

Às “meninas da secretaria” do PPGCC, especialmente à Lílian, pela disponibilidade de sempre, pela atenção com os pós-graduandos e por nos auxiliarem com a parte mais chata da academia: a burocracia.

A CAPES, pela viabilização desta pesquisa.

Ao estado do Rio Grande do Sul e à cidade de São Leopoldo, por terem me recebido de braços abertos, e por terem me ofertado qualidade de vida e felicidade durante esse dois anos longe de casa.

A todos os telespectadores do *Linha Direta* que deram vida a esta pesquisa, pela disponibilidade em atuar como colaboradores da investigação e pela confiança ao me deixarem entrar em suas vidas.

À Tecbril, pelo apoio à realização da pesquisa e pela flexibilidade com relação à liberação de seus funcionários para a participação na investigação.

Aos tios Cláudio e Isabel e à prima Flavinha, pela hospitalidade em todas as visitas à Caxias do Sul para o desenvolvimento da pesquisa e pelos maravilhosos finais de semana em Canela.

Aos queridos e inesquecíveis amigos de Fortaleza (alguns dos quais já não mais lá, mas “espalhados” em busca de desafios), pelo carinho e pela presença constante, mesmo que virtual, durante o processo de elaboração desta pesquisa.

Ao Menino Jesus de Praga, meu fiel protetor, por ter me guardado e me dado forças durante esses dois anos distante da minha família, dos meus amigos e da minha cidade.

A Deus, por estar sempre me cobrindo com suas graças e por me proporcionar momentos felizes como esse.

*Bombas na guerra-magia*  
*Ninguém matava, ninguém morria*  
*Nas trincheiras da alegria*  
*O que explodia era o amor*

Festa do Interior, Gal Costa



## RESUMO

A presente investigação analisa as relações entre violência e cidadania na sociedade contemporânea – profundamente atravessada pelo fenômeno da midiaticização – tendo como objeto de referência o programa *Linha Direta*, exibido todas às quintas-feiras pela Rede Globo de Televisão desde maio de 1999. Apresenta uma teorização e uma reflexão sobre as temáticas pesquisadas – especialmente mídia, violência e cidadania, analisadas em um processo de inter-relações – e disserta detalhadamente acerca do programa televisivo, conjecturando sobre diversos elementos conformadores do *Linha Direta*. A pesquisa é desenvolvida sob a ótica da recepção, enfocando, portanto, os telespectadores do programa e as produções de sentidos que fazem – a partir de seus contextos e de suas vivências – a respeito das mensagens veiculadas pela atração televisiva, especialmente no que dizem respeito à configuração de uma cidadania midiaticizada, operando no combate à violência urbana, e às relações do *Linha Direta* com o Estado. Os telespectadores atuantes como sujeitos-informantes da pesquisa advêm de cenários distintos e formam três grupos de investigação: indivíduos de classe média da Grande Porto Alegre/RS; jovens funcionários de uma fábrica de tintas em Caxias do Sul/RS; e mães de família da Vila São Jorge, em São Leopoldo/RS. As estratégias de investigação desenvolveram-se sob uma perspectiva multimetodológica de pesquisa em recepção, englobando questionários fechados para a fase de exploração e entrevistas etnotelevisivas em profundidade e videofóruns para a fase de aprofundamento com os sujeitos-informantes. A análise dos dados da recepção é feita tendo-se como objetivo a constante relação entre as falas e as posturas dos telespectadores investigados e o arcabouço teórico a respeito dos temas pesquisados, num profundo vínculo entre o conhecimento estabelecido e o concreto observado. Dentre os resultados obtidos destacam-se três: 1) a presença das mediações institucionais (especialmente a família e o trabalho/estudo), culturais (o contexto da violência), principalmente, e videotecnológicas (as aptidões para entender as lógicas postas em prática pela televisão), em segundo plano, como atravessadoras do processo de (re)apropriação das mensagens veiculadas com o programa; 2) a percepção, a partir da ótica dos telespectadores, de uma cidadania midiaticizada atrofiada, vinculada especificamente à idéia de informação e visibilidade, não exercendo toda a sua potencialidade de exercício cidadão e de transformação social; 3) a reflexão, a partir da fala dos sujeitos-pesquisados, acerca de um processo de apagamento, através do *Linha Direta*, das responsabilidades do Estado frente à situação institucionalizada da violência urbana em nossa sociedade. A polícia e a justiça são culpadas pela impunidade e pela corrupção, mas o governo não é apontado como um dos principais mobilizadores de um enraizamento do fenômeno da violência em nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: televisão; *Linha Direta*; violência; cidadania; investigação em recepção.

## ABSTRACT

The current investigation analyzes the relation between violence and citizenship in the contemporary society – deeply trespassed by the phenom of mediatization – taking as reference the TV show *Linha Direta*, aired every Thursday by Rede Globo de Televisão, since May, 1999. It presents theory and reflection about the research themes - specially media, violence and citizenship, analyzed in an interrelated process – and discusses the show detailedly, conjecturing about several elements of *Linha Direta*. The research is developed according to reception viewpoints, therefore focusing on the viewers and their interpretations – from their contexts and experiences - of the messages broadcasted, specially the ones concerning the configuration of a mediatized citizenship, acting in the struggle against the urban violence, and the relationship between *Linha Direta* and the State. The viewers that acted as informers for the research come from different scenarios and form three groups of investigation: Porto Alegre's (RS) middle class citizens; young employees of an ink plant at Caxias do Sul (RS); and family mothers of Vila São Jorge, in São Leopoldo (RS). The investigation strategies were developed within a multimethodologic perspective of reception research, comprising closed questionnaires during the exploitation phase and profound interviews and videoforums for the deepen phase with the informers. The analysis of the reception data is made having as main guideline the constant relation between speech and posture of the interviewed viewers and also the theory background concerning the researched themes, linking established knowledge and observed knowledge. Among the results, three of them can be highlighted: 1) the presence of the institutional mediation (especially family and work/study); cultural (the context of violence), mainly; and video technological (the skills to understand the logics practiced by television), in the second place, as intermediaries of the process of reappropriation of the messages broadcasted by the show; 2) the perception, from the viewers' point of view on, of an atrophied mediatized citizenship, linked specifically to the concept of information and visibility, not exercising all its potential of citizen practice and social transformation; 3) the reflection, from the researched-subjects' speech on, about a process of deletion, through *Linha Direta*, of the State's responsibilities concerning the institutionalized situation of the urban violence in our society. The police and the justice are guilty for the impunity and corruption, but the government isn't pointed as one of the main mobilizers of contemporary violence taking roots.

Keywords: television, *Linha Direta*, violence, citizenship, reception investigation

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO.....   | 14  |
| 2 O PROBLEMA DE PESQUISA.....   | 22  |
| 2.1 Objetivo geral.....   | 23  |
| 2.2 Objetivos específicos.....  | 23  |
| 3 CONTEXTUALIZAÇÃO.....   | 24  |
| 4 O PROGRAMA <i>LINHA DIRETA</i> .....  | 34  |
| 4.1 A questão do gênero.....  | 36  |
| 4.2 Descrição do programa.....  | 40  |
| 4.3 As esquetes-reportagens (simulações).....   | 43  |
| 4.4 “A luta do bem contra o mal”.....   | 44  |
| 4.5 A ficcionalização do real.....  | 48  |
| 4.6 O som no <i>Linha Direta</i> .....  | 51  |
| 4.7 O apresentador.....   | 54  |
| 4.8 A fala do especialista.....   | 55  |
| 4.9 O estúdio.....  | 58  |
| 4.10 “Atestado” de audiência.....   | 60  |
| 5 A CULTURA DA VIOLÊNCIA E DA CIDADANIA MEDIATIZADAS.....                                   | 65  |
| 5.1 A violência – uma perspectiva histórico-social.....                                     | 66  |
| 5.1.1 Tipos de violência.....   | 72  |
| 5.2 Imprensa sensacionalista – o caos moderno ganha visibilidade.....                       | 76  |
| 5.3 O fenômeno da midiatização.....   | 79  |
| 5.4 A violência urbana como cenário contemporâneo.....                                      | 85  |
| 5.5 Violência e cultura midiáticas contemporâneas.....                                      | 97  |
| 5.6 <i>Linha Direta</i> e cidadania na sociedade midiatizada.....                           | 107 |
| 5.6.1 Cidadania ou cidadanias?.....   | 107 |
| 5.6.2 Cidadania no Brasil.....  | 111 |
| 5.6.3 A cidadania midiatizada.....  | 115 |
| 5.7 <i>Linha Direta</i> e as relações com o Estado.....                                     | 123 |
| 5.7.1 O estado neoliberal, a fragilidade da cidadania e a consolidação da<br>violência..... | 123 |
| 5.7.2 A crise do Estado e as associações da sociedade civil.....                            | 130 |
| 5.7.3 Televisão e Estado: uma relação de cumplicidade.....                                  | 134 |

|   |     |
|---|-----|
| 6 A PESQUISA DE RECEPÇÃO.....   | 142 |
| 7 METODOLOGIA.....  | 149 |
| 7.1 Tipo de pesquisa.....   | 149 |
| 7.2 Estratégias metodológicas.....  | 152 |
| 7.3 Sujeitos-pesquisados.....   | 154 |
| 7.4 Modelos de investigação.....  | 155 |
| 7.4.1 Plano de observação audiovisual.....  | 155 |
| 7.4.2 Questionário.....   | 155 |
| 7.4.3 Entrevista.....   | 156 |
| 7.4.4 Debates em grupo (Videofórum).....  | 157 |
| 7.5 Tratamentos dos dados.....  | 159 |
| 7.6 Percurso metodológico.....  | 159 |
| 7.6.1 Pesquisa exploratória.....  | 159 |
| 7.6.2 Investigação com os pesquisadores do NEV – USP.....                                       | 162 |
| 7.6.3 Entrevistas em profundidade.....  | 163 |
| 7.6.4 Debates em grupo (Videofórum).....  | 165 |
| 8 ANÁLISE DA RECEPÇÃO DO PROGRAMA <i>LINHA DIRETA</i> .....                                     | 169 |
| 8.1 Contextualizando os sujeitos receptores brasileiros na segunda metade dos anos<br>2000..... | 169 |
| 8.2 Os sujeitos da investigação.....  | 174 |
| 8.2.1 Jovens funcionários da fábrica.....   | 175 |
| 8.2.2 Mães de família da Vila.....  | 177 |
| 8.2.3 Indivíduos de classe média.....   | 179 |
| 8.3 Perfil dos sujeitos-pesquisados.....  | 181 |
| 8.4 Procedimentos de análise.....   | 182 |
| 8.5 O que têm a dizer os telespectadores do <i>Linha Direta</i> ?.....                          | 184 |
| 8.5.1 Contextualizando os indivíduos.....   | 184 |
| 8.5.2 Consumo dos meios.....  | 187 |
| 8.5.3 Consumo de televisão.....   | 194 |
| 8.5.4 A questão da violência.....   | 201 |
| 8.5.5 Violência, TV e <i>Linha Direta</i> .....   | 209 |
| 8.5.6 Cidadania.....  | 227 |
| 8.5.7 Estado.....   | 237 |
| 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 251 |



## INTRODUÇÃO

Falar sobre violência e cidadania na sociedade em que vivemos na atualidade aparenta ser coisa muito simples e fácil, pois ambos os conceitos estão disseminados – muitas vezes de forma superficial e preconceituosa –, constituindo a pauta do dia nas rodas de conversações. No momento, praticamente todas as pessoas têm um discurso pronto para falar sobre tais assuntos e se acham perfeitas conhecedoras das questões que envolvem tais fenômenos. Mais ainda do que conhecer os assuntos, a população mostrase disposta a discutí-los, e as sugestões de como diminuir o problema da criminalidade e de como exercer a cidadania multiplicam-se na voz do povo.

É certo que parte do interesse desta pesquisa por esses temas – e a maneira como eles se relacionam entre si e se vinculam à mídia hegemônica contemporânea – advém justamente dessa proliferação de opiniões e juízos acerca dos assuntos tratados aqui que se assiste na atualidade. Talvez nunca se tenha falado tanto acerca da violência como nos dias de hoje. E, como consequência (ou seria causa?), também poucas vezes se ouviu tanto a respeito da cidadania, ou da ausência dela, como agora. Mas é precisamente quando as temáticas estão disseminadas nas pautas de conversações de quase todo mundo – agendada, muitas vezes, pela mídia – que fica mais difícil se falar sobre elas de forma aprofundada e coerente – como requer uma abordagem científica e acadêmica –, fugindo dos discursos polarizados, repetitivos e sem um teor crítico adequado, como muitas vezes vemos tanto nos debates midiáticos sobre os assuntos da violência e da cidadania como nas conversas leigas de boa parte dos sujeitos sociais a respeito dos temas. As questões, por serem polêmicas, geram, por vezes, posturas mais controversas ainda.

Não podemos – e nem queremos – justificar a violência nas cidades e nos espaços urbanos nos dias de hoje, mas não devemos nos furtar de refletir e de ter consciência de que o Estado brasileiro acaba por oferecer os caminhos e as alternativas para que a violência e a criminalidade se solidifiquem em nosso país. E não somente o Estado e sua estrutura colaboram neste sentido, mas, também, o capitalismo, a política, o sistema econômico, a mídia confluem na oferta de caminhos e alternativas para o reforço da delinquência. Para quem está inserido em um contexto que vivencia esse fenômeno de perto – fato que dilacera o mais simples ato de ir e vir –, sentindo-o no seu

cotidiano, é complicado conseguir compreender os atos de criminalidade como consequência de uma situação que lhe é anterior. Ficam quase sempre mais evidentes o sujeito, o criminoso, o culpado, o ladrão, o assassino; e a estrutura, a situação, o contexto muitas vezes permanecem obscurecidos, como se não tivessem vínculo com a violência nossa de cada dia.

É nesse cenário de destaque aos criminosos e de eclipse ao Estado e ao sistema de exclusão social e de exploração econômica – mantenedores da situação institucionalizada da violência – que se encontra o programa *Linha Direta*, exibido desde maio de 1999 pela Rede Globo de Televisão, que se apresenta como um instrumento de exercício cidadão na luta contra a criminalidade, por proporcionar aos telespectadores a possibilidade de denunciarem criminosos foragidos e poderem, assim, fazer justiça, praticando sua cidadania. O programa é o objeto de estudo desta investigação, o exemplo mais do que ilustrador acerca das relações entre violência e cidadania na sociedade atravessada pelo fenômeno da *midiatização*<sup>1</sup>. É o *Linha Direta* – e sua violência *espetacularizada*<sup>2</sup> – que nos acompanhará ao longo desta dissertação.

Vários são os trabalhos que já utilizaram a abordagem espetacularizada da mídia como temática, como o de Sodré (1992 e 1972) e o de Sodré e Paiva (2002), que focam suas análises na estética do grotesco<sup>3</sup> e na sedução que essa linguagem causa no público. Outros, como o de Angrimani (1995), abordam o sensacionalismo<sup>4</sup> na imprensa

---

<sup>1</sup> “Tendência à ‘virtualização’ ou ‘telerrealização’ das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias de comunicação” (SODRÉ, 2002, p. 21). Antônio Fausto Neto, em aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 17 de maio de 2006, destaca que este é um conceito em construção, que resulta do avanço do fenômeno das mídias em nossa cotidianidade. Estes são apenas alguns dos vários conceitos que se tem acerca da midiatização. Deter-nos-emos mais acerca deste fenômeno no sexto capítulo deste trabalho.

<sup>2</sup> O conceito de espetáculo trabalhado nesta dissertação será explicitado e aprofundado no terceiro capítulo.

<sup>3</sup> Segundo Paiva e Sodré (2002, p. 17), o grotesco pode ser entendido como “combinação insólita e exasperada de elementos heterogêneos, com referência freqüente a deslocamentos escandalosos de sentido, situações absurdas, animalidade, partes baixas do corpo, fezes e dejetos – por isso tida como fenômeno de desarmonia do gosto, ou *disgusto*, como preferem os estetas italiano – que atravessa as épocas e as diversas conformações culturais, suscitando um mesmo padrão de reações: risos, horror, espanto, repulsa”.

<sup>4</sup> Angrimani (1995, p. 13) lança mão do dicionário Aurélio para definir sensacionalismo: “S.m. 1. Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar”.

escrita, no caso, no jornal *Notícias Populares*, caracterizado por suas manchetes apelativas e seu conteúdo de baixa credibilidade, muitas vezes pautado em histórias criadas pela redação<sup>5</sup>. Especificamente acerca do meio televisivo, não podemos deixar de citar o trabalho de Teixeira (1998) sobre o tratamento espetacularizado dado pelo programa *Cidade Alerta*, da Rede Record, ao fenômeno da violência urbana.

Nesse panorama de programas televisivos a escolha do *Linha Direta* como objeto de referência justifica-se a partir de alguns importantes diferenciais. Exibido pela Rede Globo, destaca-se entre as outras atrações do gênero policial<sup>6</sup> por ser apresentado pela maior emissora de televisão do país e por já nascer com o renomado “padrão Globo de qualidade”. É também o único<sup>7</sup> que faz a reconstituição, não só do crime, como, também, da vida da vítima e de como esta teve seu destino cruzado com o do acusado, a partir das simulações, que são o grande diferencial do programa. Para completar, se destaca por, todas às quintas-feiras, exibir em cadeia nacional dois indivíduos procurados pela justiça e incitar, na audiência, a caça a esses foragidos, disponibilizando um número de telefone para a denúncia anônima.

Dada a relevância do programa no contexto televisivo brasileiro e a intensa gama de peculiaridades da atração, Mendonça (2002), Teixeira (2002), Santos (2003) e Negrini (2005) já trabalharam a temática do *Linha Direta*. Os autores restringiram sua investigação ao estudo da elaboração das mensagens emitidas pelo programa e à análise

---

Também acerca desta palavra, o dicionário eletrônico Houaiss nos diz que sensacionalismo significa: “uso e efeito de assuntos sensacionais, capazes de causar impacto, de chocar a opinião pública, sem que haja qualquer preocupação com a veracidade”.

<sup>5</sup> Como a história do “bebê-diabo”, criada pela redação do jornal, que foi manchete de 22 edições, em 1975.

<sup>6</sup> É importante que tenhamos em mente, desde já, que a Rede Globo não inclui o *Linha Direta* no gênero de programas policiais, mas enquadra-o como um programa prestador de um serviço de utilidade pública. Como ele mostra casos policiais mal ou ainda não resolvidos pela justiça, exibindo reconstituições de crimes, depoimentos de profissionais e de familiares envolvidos, laudos periciais, dados do Ministério Público, enfim, como ele se utiliza de todos esses artefatos, seguindo um perfil semelhante ao de seus predecessores nos Estados Unidos e na Inglaterra, não vemos restrição (e nem preconceito) quanto ao uso, em nossa pesquisa, da terminologia “policial”, apesar de termos claro que o *Linha Direta* se configura complexo demais para ser enquadrado somente como um gênero desse tipo, estando ao programa da Globo imbricado uma série de outros fatores.

<sup>7</sup> Os outros programas do gênero, no Brasil, não se utilizam do recurso da simulação. Chegam sempre ao local do crime (algumas emissoras disponibilizam um helicóptero para “caçar” pelas ruas da cidade eventos que possam se converter em notícia) após este ter acontecido e pautam as reportagens com a exibição exaustiva do local bem como com depoimentos informais tomados na hora de familiares, vizinhos ou transeuntes.



do discurso construído por ele. Centraram-se nos aspectos referentes ao conteúdo da atração – focando, especialmente, o tratamento violento e dramático dado ao discurso do programa –, seus dispositivos técnicos, a questão do gênero, enfim, detiveram-se mais a uma abordagem sob a perspectiva da produção do *Linha Direta*.

Em virtude da delimitação inerente à pesquisa acadêmica, há lacunas, sobre esse tema, que devem ser preenchidas. Nessa lógica, é de grande interesse a ênfase e o desenvolvimento de pesquisas que trabalhem sob outra ótica, que apontem para uma análise da audiência, mais centrada nas produções de sentidos feitas, pelos telespectadores, a partir das mensagens emitidas com o programa, enfim, uma análise que possa propor uma compreensão acerca da complexidade dessa relação entre o programa e seu público. Julgamos que uma perspectiva teórica capaz de dar conta dessa empreitada seria a da Pesquisa de Recepção.

Surge, então, o interesse em mais uma pesquisa acerca do *Linha Direta*, justificando-se por seu olhar diferenciado, a partir da perspectiva da recepção, e por procurar ir além da análise focada no conteúdo violento do programa, abordando, também, as relações da atração com a cidadania. Nosso trabalho distingue-se dos demais ao tomar o público do programa como perspectiva de reflexão, tendo como eixo articulador da pesquisa a relação entre o *Linha Direta* e sua audiência, numa análise que procura contemplar tanto uma teorização da violência e da cidadania no cenário onde a midiaticização – ou seja, o constante processo de penetração da mídia em diversos outros campos sociais, dentre eles, especialmente, para esta investigação, o campo da justiça e da polícia – se faz presente de forma avassaladora, como uma abordagem empírica dos telespectadores da atração televisiva em estudo.

Pesquisas como esta, que se dedicam à análise e à apreensão da temática da violência na mídia, têm relevância para o estudo científico, visto que envolvem dois de grandes fenômenos de nossa atualidade: a proliferação desenfreada da violência urbana e os meios de comunicação de massa em seu intenso processo de midiaticização. A maneira como ambos os fenômenos se interpenetram, gerando um tratamento peculiar dado à violência urbana pelos meios de comunicação hodiernos – com seu alto poder de penetração nas massas –, e as conseqüências daí decorrentes são de grande importância para a sociedade, especialmente quando o combate à criminalidade é liderado não mais

somente pelo Estado, mas conduzido, também, pela mídia, em um movimento que acaba por compor uma cidadania midiaticizada.

A investigação que aqui se segue se justifica perante o foco em “Processos Midiáticos” da instituição que a acolhe por se empenhar em produzir conhecimento acerca do veemente curso da midiaticização em que se encontram as relações com os meios de comunicação em nossa sociedade contemporânea, configurando um momento singular e importante de interpenetrações entre a mídia, os campos e os agentes sociais.

A pesquisa é relevante do ponto de vista teórico quando propomos à Pesquisa em Recepção – que tem especificamente na América Latina um marco em seu desenvolvimento nos anos 1980, e, a partir de então, uma geração de conhecimento nesse sentido com grande respaldo no campo comunicacional – novas possibilidades de investigações, encaminhamentos e resultados, contribuindo com a construção da visão do “receptor<sup>8</sup>” como um indivíduo produtor de sentidos a partir de sua inserção cultural, e não mais como um sujeito amorfo e passivo, visto sob esta perspectiva durante tanto tempo pelas teorias funcionalistas da comunicação.

O trabalho desenvolvido aqui também tem grande valor social quando oferecemos à comunidade científica geração de conhecimento não apenas com relevância teórica, mas, também, aliado à prática, ao propormos ao campo da comunicação o estudo acerca de temas tão presentes em nossa sociedade hodierna como cidadania e Estado, analisados no contexto da violência urbana. Trata-se da produção científica que é pensada no intuito de se expandir para além da universidade e adentrar outros espaços, atingindo outras esferas da sociedade que não somente a acadêmica. Procuramos gerar conhecimento para os agentes e para as instituições sociais, e não para ficar restrito ao âmbito científico, circulando somente entre os pares.

---

<sup>8</sup> Nomenclatura passível de muitas críticas devido ao seu reducionismo. Deter-nos-emos de forma mais enfática acerca desse ponto na fundamentação teórica deste trabalho, mas desde já assinalamos que, de acordo com Gomes e Cogo (1998, p. 21), “no processo comunicativo torna-se impossível identificar emissão e recepção quimicamente puras. Daí porque o conceito de recepção, tal como está concebido e com a carga semântica que carrega, ser insuficiente para exprimir a nova realidade que se deseja significar”.

A presente investigação é dividida em nove capítulos, sendo esta introdução o primeiro deles. No segundo capítulo abordamos o problema de pesquisa, dissertando sobre as inquietações que nos motivam a ter a relação entre a violência e a cidadania midiaticizadas como temáticas de interesse para esta pesquisa, e o programa *Linha Direta* como objeto de estudo. Também nesse capítulo elucidamos o objetivo geral – como os telespectadores do *Linha Direta* produzem sentido – e quais são essas modalidades de sentidos – a partir das mensagens emitidas com o programa – e explicitamos os objetivos específicos que norteiam nossa investigação.

No terceiro capítulo contextualizamos os cenários social, econômico e midiático que proporcionaram, em meados da década de noventa, o surgimento do programa *Linha Direta*, bem como fazemos um resgate de como o sensacionalismo e o gosto pelo grotesco vêm acompanhando toda a história da televisão brasileira, atuando em movimentos cíclicos. Ao final do capítulo pontuamos como os principais ícones da mídia espetacularizada da década de noventa comportam-se nos dias de hoje.

Descrevemos e analisamos detalhadamente o programa *Linha Direta* no quarto capítulo, procurando refletir sobre cada um dos elementos que o compõem: simulações (ou esquetes-reportagens), apresentador, estúdio, som, cores, prisão dos capturados, bem como sobre os processos de ficcionalização do real e acerca dos movimentos maniqueístas empreendidos pela produção da atração. Também é ressaltada a fala do especialista como um dos subsídios ao qual recorrem parte dos programas com teor jornalístico no intuito de conferir veracidade e importância ao seu conteúdo.

No capítulo cinco dissertamos sobre a cultura da violência e da cidadania, refletindo sobre como cada um desses conceitos vêm se desenvolvendo historicamente, como ambos passam a adentrar e a serem penetrados pela mídia, num movimento retroalimentador, e como violência e cidadania tornam-se elementos imbricados, em uma sociedade contemporânea na qual o enfraquecimento do poder do Estado permite que questões anteriormente sucedidas e discutidas no espaço público passem a ser atravessadas pelo sistema midiático hodierno, gerando uma violência e uma cidadania midiaticizadas.

A Pesquisa de Recepção é contemplada no capítulo seis. A trajetória dessa corrente de conhecimento, os autores que mais contribuíram para sua solidificação no campo da comunicação, a mudança na visão do telespectador trazida pela reflexão de seus teóricos, a importância da teoria das mediações para a compreensão de um sujeito que produz sentidos – acerca do que apreende da mídia – a partir de sua inserção cultural e de seu contexto, as linhas de pensamento divergentes dentro da Teoria da Recepção e a maneira como as observamos nesta investigação, sob uma perspectiva que rechaça as visões polarizadas e simplistas e tenta conciliar o que for de mais rico nos diversos pontos de vista que pensam sobre o “receptor”.

No sétimo capítulo a abordagem é focada na metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa. As estratégias metodológicas colocadas em prática, as técnicas e os instrumentos de pesquisa utilizados, os sujeitos-informantes selecionados como colaboradores, o percurso empreendido pela investigação – com suas idas e vindas constantes, seus avanços e retrocessos e suas pausas para ponderações –, dentre outros aspectos da metodologia têm, nessa seção, seus “bastidores” revelados, como parte importante da reflexão sobre a investigação e da visão acerca da pesquisa em comunicação como um processo.

A análise dos dados advindos com a pesquisa feita com o público do programa dá vida ao oitavo capítulo. O cenário da audiência brasileira de televisão na segunda metade dos anos 2000, os sujeitos-pesquisados e os contextos de onde vêm, as estratégias e os procedimentos de interpretação dos dados coletados e a análise das produções de sentidos feitas pelos telespectadores do *Linha Direta* investigados nesta pesquisa configuram o capítulo, cujo um dos objetivos principais é vincular as posturas da audiência estudada com as teorias a respeito dos conceitos de mediação, mídia, violência e cidadania, buscando o estabelecimento de uma ponte entre o teórico e o concreto observado.

O nono, e último, capítulo traz as considerações conclusivas que fazemos após a finalização da investigação, destacando o trajeto percorrido pela pesquisa, as reflexões mais importantes acerca dos conceitos trabalhados e dos posicionamentos dos telespectadores analisados e enfatizando a certeza de que as temáticas discutidas aqui não se encontram completas em suas abordagens, necessitando, portanto, da

continuidade de pesquisas que tenham os temas da violência e da cidadania, vinculadas aos processos midiáticos, como focos de interesse e de atenção.

## 2 O PROBLEMA DE PESQUISA

A partir do interesse em analisar com profundidade as relações entre o programa *Linha Direta* e seu público à luz das Teorias da Recepção, lançamos a seguinte questão norteadora da pesquisa: como o público se relaciona com o programa *Linha Direta*? Ou seja, como os telespectadores do *Linha Direta* produzem sentido – e quais modalidades de sentidos – a partir das mensagens emitidas com o programa?

Procuramos, em nosso trabalho, enveredar por caminhos ainda carentes de aprofundamento em estudos acerca do *Linha Direta*, percursos esses que julgamos serem de extrema importância no contexto de nossa sociedade contemporânea, atravessada pelo fenômeno da midiaticização. Trajetórias que vão além da investigação dos dispositivos de produção da atração para analisar, não apenas o apoderar-se do discurso da violência pelo programa (fato inevitável quando se estuda um programa que tem a violência urbana e a criminalidade como principais atrativos), mas, principalmente, outras questões de grande relevância, tais como a interpretação, a partir da audiência, da relação entre o *Linha Direta* e o Estado, caracterizada por nós como um vínculo de “morde-assopra”; e o consumo de cidadania pelos públicos, a apropriação do sentimento de ser cidadão através dos processos midiaticizados<sup>9</sup>. Desejamos verificar de que maneira, e a partir de quais processos, essas questões se articulam, se interligam e são decodificadas pelos telespectadores da atração.

O interesse pelo *Linha Direta* não se dá, como já sugerido anteriormente, de forma isolada, com o foco no programa por si mesmo, mas sim tomando a atração televisiva como um dispositivo midiático inserido em um contexto muito mais amplo, aliás, em contextos: o contexto da violência urbana, disseminado de forma cada vez mais avassaladora, não fazendo mais tanta distinção de classe entre suas vítimas; o contexto de uma verdadeira “moda” que atingiu a palavra cidadania nos últimos anos; o contexto de uma sociedade altamente midiaticizada, que tem no campo das mídias um elemento articulador de uma série de instâncias que pautam suas existências; o contexto de um Estado que passa por um processo de deslegitimação de suas instituições.

---

<sup>9</sup> Esses dois pontos, que se referem aos objetivos específicos da pesquisa, serão abordados de maneira mais profunda e detalhada no capítulo cinco deste trabalho.

Tomando como base o conceito de “violência como cidadania dilacerada” (TAVARES DOS SANTOS, 2002), suscita nossa curiosidade de pesquisador a posição que busca estabelecer o programa *Linha Direta* como um reestruturador dessa cidadania perdida dos telespectadores. Como se construiria esse sentimento de ser cidadão não sendo mais ele alicerçado somente pelas instituições públicas anteriormente responsáveis por essa função, mas sendo essa cidadania – evidenciada na luta contra o crime e a impunidade – liderada agora principalmente pela televisão? Como o público espectador do *Linha Direta* lida com isso? Como essa audiência consome pautas de cidadania – se consome, e que tipo de cidadania aí se processa – quando assiste ao programa? Quais formas tomam nos telespectadores essa luta contra a violência urbana empreendida na Rede Globo, tendo o *Linha Direta* como porta-voz? E quais reflexões os sujeitos que assistem ao programa fazem acerca do Estado, já que se trata ele de uma instância intrinsecamente ligada a ambas as questões – violência e cidadania?

## **2.1 Objetivo geral**

- Compreender como os telespectadores interpretam as mensagens emitidas com o programa *Linha Direta*. Como essa audiência se relaciona com e apropria-se da atração televisiva.

## **2.2 Objetivos específicos**

- Averiguar, a partir da pesquisa empírica de recepção, como se constrói o exercício da cidadania no público espectador do programa (e, principalmente, analisar em que modalidade isso se processa) através da interpretação do discurso de “utilidade pública” – cuidadosamente elaborado pela produção do *Linha Direta* – exibido por esta atração.

- Investigar, com base na pesquisa empírica de recepção, como a audiência da atração, a partir do discurso construído pelo programa *Linha Direta*, interpreta a atuação e as responsabilidades do Estado frente à manutenção e ao crescimento do fenômeno da violência urbana em nossa atualidade.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO

O conceito de *espetáculo* que cunhamos aqui diz respeito à maneira sensacionalista com que um determinado assunto pode ser abordado pela mídia, ganhando destaque e espaço nos meios de comunicação. É dada aos assuntos uma roupagem de espetáculo, de show, desvirtuando a abordagem séria acerca do tema, que, a partir de então, passa a ter uma análise superficial do seu conteúdo, sendo destacados somente aqueles pontos que possam causar polêmica, “estardalhaço”. O assunto acaba sendo banalizado pela extensa exposição nos veículos midiáticos. Não podemos, de modo algum, mesmo sabendo de suas críticas e de seus limites, deixar de resgatar os conceitos de espetáculo oferecidos por Guy Debord em seu clássico livro “A sociedade do espetáculo” (1997), tais como: pseudo-mundo à parte, objeto de mera contemplação; imagem autonomizada; relações entre pessoas mediadas por imagens; capital, em tal grau de acumulação, que se tornou imagem; e o mundo real transformado em imagens. Acerca do jornalismo-espetáculo, faz-se importante resgatar Barros e Silva (*apud* BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 74), quando dizem, acerca desse tema, que: “atrofia dos assuntos de relevância pública, espetacularização da vida íntima, ênfase no *showbiz* e sentimentalismo exacerbado [...] são recursos estratégicos, legítimos e desejáveis quando a notícia se torna exclusivamente refém das oscilações de audiência”. Kellner (2006, p. 122) parece corroborar essa visão, quando nos diz que a “produção de notícias também está sujeita à lógica do espetáculo, em uma época de sensacionalismo, tabloidização, escândalos e contestações políticas”.

É sabido por todos nós que programas pautados no espetáculo, ou seja, que apelam para o grotesco e para o sensacional, já há muito tempo fazem parte do cenário audiovisual brasileiro, inclusive estando, anteriormente ao desenvolvimento da televisão, já presentes no rádio e em sua programação assistencialista<sup>10</sup> e na imprensa escrita, por meio de jornais sensacionalistas<sup>11</sup>, configurando o que, no Brasil, ficou

---

<sup>10</sup> Programas que retratam espetacularizadamente as mazelas da comunidade, tendo como eixo central o “oferecimento” de ajuda aos ouvintes que ligam ou se encaminham ao estúdio de gravação. Podem ser dados como exemplos os programas radiofônicos assistencialistas de Sérgio Zambiasi, senador pelo Rio Grande do Sul e de Anthony Garotinho, ex-governador do Rio de Janeiro.

<sup>11</sup> Como os jornais *Última Hora*, *Diário Popular*, *Notícias Populares*, *O Povo*, *O Dia*, *Jornal da Rua*, dentre outros.



conhecido como “imprensa marrom<sup>12</sup>”. Podemos afirmar até que esse tipo de programação na TV foi se desenvolvendo ao longo do incremento da própria televisão em nosso país, em uma espécie de “movimento cíclico”. De tempos em tempos essa “onda popular”, pautada no “grotesco escatológico, numa disfunção artística” (SODRÉ, 1972, p. 37), retirava-se e retornava à cena, sempre de acordo com a concorrência entre os canais e o interesse das emissoras (CAPPARELLI e LIMA, 2004). Vale a pena, no entanto, ressaltar a visão de Figueiredo (2007)<sup>13</sup>, quando esta autora afirma que “o sensacionalismo não deve ser visto como algo unicamente vinculado às lógicas de mercado, mas, também, a uma perspectiva histórica, como, por exemplo, a matriz popular do melodrama. O certo é que a presença do sensacionalismo deixou alguns programas gravados na memória da televisão brasileira. Como esquecer de *O homem do sapato branco*<sup>14</sup>, *O povo na TV*<sup>15</sup>, os programas do Chacrinha<sup>16</sup> ou do famoso *Aqui Agora*, apresentado pelo lendário Gil Gomes<sup>17</sup>, já em fins dos anos oitenta? A generalização desse tipo de programa ao longo da história da televisão, no entanto, não é motivo suficiente para impedir-nos de tentar enquadrar mais especificamente uma certa ênfase que houve na última década do século XX no ressurgimento desses programas na TV brasileira. Para contextualizarmos o surgimento do *Linha Direta* na grade de programação<sup>18</sup> da Rede Globo, como também para analisarmos o surgimento dos outros programas televisivos que se utilizam de métodos sensacionalistas de

---

<sup>12</sup> No Brasil, quando se quer acusar pejorativamente um veículo, o termo utilizado é “imprensa marrom”, possivelmente uma apropriação do termo francês para procedimento não muito confiável (ANGRIMANI, 1995, p. 22)

<sup>13</sup> Vera Lúcia Follain de Figueiredo, em relato acerca do trabalho “O sensacionalismo como processo cultural” de Ana Lúcia Enne. GT Cultura das Mídias, no XVI encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba. 14 de junho de 2007.

<sup>14</sup> Apresentado por Jacinto Figueira Júnior na década de sessenta.

<sup>15</sup> Apresentado no SBT no início dos anos oitenta.

<sup>16</sup> Apresentados por Abelardo Barbosa, o Chacrinha, em diversas emissoras do país. Chacrinha terminou sua carreira no final dos anos oitenta com o programa *Cassino do Chacrinha*, exibido na Rede Globo de Televisão.

<sup>17</sup> Gil Gomes foi um dos nomes mais famosos na apresentação de programas sensacionalistas na abordagem da violência. Comandava, na década de 1980, o programa *Aqui e Agora*, no SBT, e era conhecido por seu estilo exagerado e apelativo.

<sup>18</sup> Grade de programação é a síntese de programação da emissora, contendo, entre outras informações, programas e respectivos horários.

exibição da violência, tais como *Cidade Alerta*<sup>19</sup>, *Brasil Urgente*<sup>20</sup>, entre outros, temos que voltar à meados da década de noventa, mais especificamente à época do surgimento do Plano Real e da fase da “multiplicidade da oferta” (BRITTOS, 2000) na televisão brasileira.

O plano econômico do governo de Itamar Franco, que trouxe como consequência o controle da inflação e a estabilização da economia, também teve grande responsabilidade pelo surgimento de um novo público na recepção televisiva, público esse que passou a ter acesso à televisão como meio de comunicação a partir desse novo panorama econômico criado em seu governo. Com o controle da inflação e a estabilização da economia houve uma maior facilidade das camadas economicamente menos favorecidas em poder adquirir, pela primeira vez, determinados aparelhos eletroeletrônicos, dentre eles, destacam-se a televisão.

Em 1993, existiam cerca de 31 milhões de aparelhos em uso. De 1994 a 1998, foram vendidos cerca de 28 milhões de aparelhos, quase dobrando o número existente em 1993. E o fato mais significativo é que, desse total, cerca de 6 milhões foram comprados por famílias que estavam adquirindo sua primeira televisão. Esses novos telespectadores estão localizados nas classes D e E (BORELLI e PRIOLLI, 2000, p. 148).

A partir de então, uma nova parcela da população tem, pela primeira vez, acesso à televisão<sup>21</sup>. Uma parcela econômica e culturalmente menos favorecida<sup>22</sup>. Faz-se interessante, também, a partir das perspectivas oferecidas por essa nova fase no cenário receptivo brasileiro, refletir sobre as novas configurações que se processam nas relações

---

<sup>19</sup> Exibido na Rede Record. No momento da elaboração deste trabalho o programa encontra-se fora do ar, sem previsão de retorno à grade.

<sup>20</sup> Exibido pela Rede Bandeirantes.

<sup>21</sup> É importante ressaltar que o governo dos militares teve, também, grande participação na disseminação do uso do aparelho-receptor, na década de setenta, como veremos na fundamentação teórica deste trabalho.

<sup>22</sup> O Plano Real, ao elevar o potencial de compra e de acesso a bens de consumo, multiplicou a expansão de subprodutos culturais, aspecto perceptível na música, publicação de livros, programas de TV e outros, criando modelagem cultural de baixa qualidade.

Fonte: FNDC

Disponível em:

[http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont\\_key=150227](http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=150227)

Acesso em: 17 jan. 2008.

entre esses públicos e a televisão, quando a assistência muitas vezes migra da praça onde está instalado o aparelho-receptor para a contemplação da comunidade, ou da casa do vizinho<sup>23</sup> para a assistência no lar, fazendo com que os telespectadores tenham mais oportunidades, eles mesmos, de determinação dos canais a serem consumidos, em vez de assistirem ao que foi determinado pelo controlador da TV da praça ou pelo vizinho. Corroborando com esses movimentos de transformações, o desenvolvimento das inovações tecnológicas e a conseqüente chegada das TVs por assinatura, que tem uma programação mais diferenciada e segmentada, já que atuam para um público mais exigente e de maior poder aquisitivo, faz com que haja uma migração de camadas das classes<sup>24</sup> A e B da televisão aberta para os canais pagos.

Esses fatores, em conjunto, apresentam dados novos à realidade para a televisão brasileira. Há, a partir de então, uma nova audiência televisiva, composta por mais pessoas das classes C e D – que muitas vezes não tiveram acesso à educação de qualidade, cultura e outras formas de entretenimento – e por menos pessoas das classes A e B. E as emissoras de televisão aberta têm que se adaptar a esse novo panorama receptivo, se não quiserem perder audiência e, conseqüentemente, dividendos.

As emissoras menores, com uma grade de programação menos estável do que a da Rede Globo, portanto mais flexível para mudanças, resolveram apostar nesse novo mercado e “usá-los como estratégia de apelo para garantir uma quantidade significativa de audiência” (RONDELLI, *apud* MENDONÇA, 2002, p. 62). Fazendo uma síntese desse cenário televisivo, atravessado por todos os fenômenos ordenadores de uma lógica ainda mais focada no lucro, Oliveira (2003, p. 64) afirma que:

num mercado concorrencial, mais curto, os ‘efeitos perversos’ provocados pela ‘guerra das audiências’, a preceito da busca incessante de ‘shares’ são evidentes. Se o ‘produto’ não ‘vende’ o

---

<sup>23</sup> Nas cidades de interior, especialmente na região nordeste do país, ainda hoje se observa a assistência de TV nas praças e/ou na casa de vizinhos. Há cerca de treze anos essa característica era ainda mais forte.

<sup>24</sup> É importante deixarmos claro que a palavra *classe* aqui está relacionada ao uso do substantivo pelo IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Ou seja, *classe* como nos referimos aqui está vinculada às categorizações hierárquicas do IBOPE feitas através de pesquisa. Nessas pesquisas são avaliados o contexto socioeconômico dos indivíduos, com base nas informações de escolaridade, profissão, posse de bens, dentre outros. A partir da análise dos dados advindos com a pesquisa é feito um perfil do telespectador, então distribuído em categorias, classes, que podem ser A, B, C, etc.

fecho é uma ameaça, para o pânico do desemprego que contribui para as concessões deontológicas e éticas, cometidas [...] em nome da sobrevivência.

É nesse momento, então, que surge o programa do apresentador Ratinho<sup>25</sup>. O comunicador, que segundo Borelli e Priolli (op. Cit, p. 121), “cria instabilidade no horário nobre da televisão brasileira, tanto em termos de quantidade como de perfil de audiência”, faz sucesso na Rede Record em 1997, mas muda-se em 25 de setembro de 1998 para o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão – com status de astro e salário milionário. O programa abusa, de forma espetacularizada, de cenas chocantes de violência, entre outras barbaridades, tais como a exibição de pessoas com anomalias genéticas e disfunções sexuais, crianças e jovens espancados e violentados pelos próprios pais e o resultado de testes de paternidade, que são mostrados em pleno palco, ao vivo. Como o *Programa do Ratinho*<sup>26</sup>, o programa do apresentador Gilberto Barros, o Leão<sup>27</sup>, também começa a fazer sucesso, baseado no mesmo formato. Faz-se interessante refletir sobre a importância desses comunicadores na solidificação desse gênero de programação. “Eles são capazes de chamar a atenção do volátil telespectador por seu espetáculo, por sua ‘performance’, inclusive, corporal” (BORELLI e PRIOLLI, op. Cit, p. 130). Foi nesse ambiente televisivo que também surgiram verdadeiros “ícones” do grotesco, como as personagens “Tiazinha” e “Feiticeira<sup>28</sup>”, as dançarinas Carla Perez e Sheila Carvalho<sup>29</sup>. Foi nesse período, igualmente, que os apresentadores Fausto Silva e Gugu Liberato digladiavam pela corrida da audiência no domingo à

---

<sup>25</sup> Ratinho, personagem do apresentador Carlos Massa, foi repórter do programa *Cadeia* e apresentador do programa policial *190 urgente*, ambos na CNT. Mas foi na Rede Record que despontou como apresentador do programa *Ratinho Livre*, que em muitos momentos forçou a Rede Globo a atrasar o *Jornal Nacional* e esticar a novela das 21h para tentar diminuir a audiência da concorrente. O apresentador, com seu estilo exagerado, defende que é mais barato matar os bandidos que mantê-los presos (matéria da revista VEJA, 18/03/1998).

<sup>26</sup> Exibido no SBT de 1998 até o ano de 2006.

<sup>27</sup> Gilberto Barros, o Leão, também despontou como apresentador na Rede Record, comandando o programa *Leão Livre*, uma espécie de sucessor de Ratinho (quando este foi para o SBT), que tinha o mesmo formato e conteúdo do primeiro. Ambos os apresentadores concorriam diretamente, na grade nobre noturna, especialmente no fim da noite. Atualmente, no entanto, Gilberto Barros encontra-se na Rede Bandeirantes, apresentando o programa *A grande chance*, com outro perfil, com atrações como jogos de perguntas e respostas.

<sup>28</sup> Ambas as personagens são oriundas do programa *H*, da Rede Bandeirantes, apresentado à época por Luciano Huck.

<sup>29</sup> Dançarinas do grupo baiano de axé *É o Tchan*.

tarde, sendo fruto dessa briga, onde vale tudo por cada ponto a mais no monitoramento do IBOPE<sup>30</sup>, o caso do “sushi erótico”<sup>31</sup>. Na “fase da multiplicidade da oferta”, segundo Brittos (2006, p. 24):

a busca da captação rápida do consumidor, já que as dinâmicas de fidelidade deste para com os distribuidores e produtores é cada vez mais tênue, tem promovido a expansão de critérios de formatação de produtos de fácil assimilação, o que tem sido chamado, no caso dos mercados televisivos, de popularização das programações.

E assim vão surgindo nas emissoras brasileiras programas desse gênero, além de programas ditos de “variedades” ou “femininos”, nos horários matutino e vespertino<sup>32</sup>, que dedicam um espaço para a “sociedade”, para a “denúncia”, enfim, para a abordagem de forma espetacularizada da violência. Segundo Capparelli e Lima (2004, p. 100), “o grotesco passou a assistencialismo, sensacionalismo, linguagem chula e show de variedades”. Acerca disso, e em conformação direta com as lógicas dos programas que abordam a violência urbana de forma sensacionalista é interessante trazeremos Vieira (2003, p. 21-22), quando este autor afirma que:

a exacerbação do grotesco que se tornou recorrente na mídia de massa filtra da dimensão pública as questões mais relevantes para o debate público, seja através do agendamento de temas [...] que só prestam para instigar a lassidão na periferia, seja através da parcialidade expressada através de abordagens tendenciosas.

Faz-se interessante, neste momento, uma rápida digressão para refletirmos, também, como se encontra a situação de alguns desses apresentadores na grade televisiva brasileira atualmente, mais de 13 anos depois da implantação do Plano Real e quase uma década após o ápice de programas como o do Ratinho, do Leão, do João Kleber, dentre outros ícones do grotesco da segunda metade da década de noventa. Carlos Massa, o Ratinho, não se encontra inserido na programação do SBT neste

---

<sup>30</sup> IBOPE: Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

<sup>31</sup> Exibido no programa de Fausto Silva, onde uma mulher, nua e coberta de sushi, servindo de prato, ia tendo sua nudez revelada aos poucos, ao passo que os sushis iam sendo devorados pelos artistas convidados.

<sup>32</sup> Os horários da manhã e da tarde são dedicados, em muitas emissoras, aos programas de variedades, mais voltados para o público feminino. São programas que têm como atrações a presença de artistas, cabeleireiros, estilistas, culinharistas e um grande espaço dedicado às fofocas do mundo televisivo.

momento. Seu *Programa do Ratinho* foi paulatinamente tendo a duração diminuída – bem como uma série de mudanças de horário – até acabar por completo, gerando uma série de atritos entre o apresentador e Sílvio Santos, dono da emissora. O comunicador também comandou o *Jornal da Massa*<sup>33</sup> e o *Você é o Jurado*<sup>34</sup> na mesma emissora, mas ambos não atingiram o sucesso e foram também afastados da grade. Atualmente, Ratinho também atua como empresário e fazendeiro, tendo comprado, recentemente, quatro retransmissoras do SBT no Paraná<sup>35</sup>. Gilberto Barros, o Leão, após a descontinuidade de seu programa *Leão Livre*, comandou as atrações *Quarta Total* e *Domingo Show*, ambas também na Record, mais voltadas, porém, para um show de variedades, saindo da ótica explícita do grotesco encontrada no primeiro programa do artista na emissora. Após sua mudança para a Rede Bandeirantes, Barros apresentou o *Sabadaço* e, posteriormente, comandou um programa de gincana, o *Boa Noite Brasil*, nos quais recebia artistas da própria Band (e outros cantores, grupos e artistas do segundo escalão) para participar de shows e brincadeiras. Atualmente comanda o jogo *A Grande Chance*, nos moldes do *Show do Milhão* (apresentado esporadicamente por Sílvio Santos), onde os convidados disputam uma brincadeira de perguntas e respostas, um “teste de inteligência”. João Kleber, constantemente atacado por seus excessos – especialmente através do movimento “Ética na TV” – quem financia a baixaria é contra a cidadania<sup>36</sup>, onde Kleber constantemente aparecia no topo do ranking de denúncias –

---

<sup>33</sup> Telejornal apresentado por Carlos Massa no SBT. Tem como marca, segundo a página do programa na internet, o fato de ser um telejornal irreverente e a serviço do telespectador.  
Disponível em:  
<http://www.sbt.com.br/jornalismo/jornaldamassa/>  
Acesso em: 12 out. 2007

<sup>34</sup> Show de calouros onde o próprio telespectador vota nos participantes.  
Disponível em:  
<http://www.sbt.com.br/voceejurado/>  
Acesso em: 12 out. 2007

<sup>35</sup> As retransmissoras TV Iguaçu (Curitiba), TV Cidade (Londrina), TV Naipi (Foz do Iguaçu) e TV Tibagi (Apucarana) foram compradas por R\$ 70 milhões pelo apresentador.  
Fonte: FNDC  
Disponível em:  
[http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont\\_key=183766](http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=183766)  
Acesso em: 16 jan. 2008

<sup>36</sup> A campanha é uma iniciativa da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, em parceria com entidades da sociedade civil, destinada a promover o respeito aos direitos humanos e à dignidade do cidadão nos programas de televisão.  
Disponível em:  
<http://www.eticanatv.org.br/>  
Acesso em: 12 out. 2007

fez a emissora RedeTV passar um dia todo sem sinal de transmissão, como pena pelos excessos cometidos pelo apresentador em seus programas *Eu Vi na TV*, *Canal Aberto* e *Tarde Quente*. Logo após esse incidente o comunicador foi afastado da grade e da própria empresa. Atualmente mora e trabalha em Portugal.

Isso não quer dizer, de maneira alguma, que o grotesco tenha acabado na televisão brasileira. Ele só passou a assumir, em alguns programas, formas mais implícitas, uma abordagem mais discreta de atuação. Alguns dos programas policiais espetacularizados, como o clássico *Cidade Alerta*, foram extintos da programação televisiva por falta de patrocinadores e pela fuga dos anunciantes, que não queriam mais ter seus produtos vinculados a atrações dessa natureza. Mas o *Casos de Família*<sup>37</sup>, por exemplo, continua sendo exibido na atual grade de programação do SBT, levando pessoas ao palco para falar de seus problemas íntimos e pessoais para todo o país, com temas como “desconfio da sexualidade do meu filho”, “meu marido não me satisfaz mais na cama”, dentre outros conteúdos absolutamente apelativos e focados unicamente na lógica do lucro máximo, sem qualquer preocupação com a qualidade do que está sendo veiculado e com o interesse de formação sociocultural dos telespectadores.

Gugu Liberato<sup>38</sup> e Fausto Silva<sup>39</sup> continuam na apresentação de seus programas de auditório, onde as famigeradas pegadinhas, a exposição da miséria do outro e o melodrama piegas de “estórias emocionantes” continuam a dar a tônica das atrações. E os próprios apresentadores citados nos parágrafos anteriores continuam a utilizar ingredientes semelhantes na construção de seus novos programas, onde apenas a receita sofreu alguns tipos de alterações. A exposição do outro ao ridículo, seja em shows de calouros, seja em brincadeiras de mau gosto, seja a partir de perguntas embaraçosas, continuam a sustentar grande parte da programação “de variedades” das emissoras brasileiras.

---

<sup>37</sup> Apresentado por Regina Volpato na programação vespertina do SBT.

<sup>38</sup> Gugu Liberato vem perdendo audiência e importância no *show business* nacional desde o caso do falso depoimento do PCC, em 2003. O episódio – que apresentou um depoimento forjado de membros do PCC proferindo ameaças a personalidades brasileiras – teve como consequência um grave ferimento na imagem de credibilidade e na popularidade do apresentador.

<sup>39</sup> O programa de Fausto Silva vem perdendo audiência para a atração comandada por Tom Cavalcante na Rede Record. O quadro “B.O.F.E de elite”, sátira ao filme *Tropa de Elite*, que vai ao ar dentro do *Show do Tom*, por vezes fica em primeiro lugar no IBOPE, superando o *Domingão do Faustão*.

Em 2003 estreou na RedeTV o programa *Pânico na TV*, versão televisiva do programa radiofônico *Pânico*. Os quadros da atração humorística prestam-se, essencialmente, a satirizar os participantes do *showbiz* nacional, além de escarnecer muitos dos acontecimentos políticos e sociais que adquirem visibilidade na opinião pública. O grotesco está presente em quase toda a pauta do programa, que conta com quadros nos quais, por exemplo, parte do elenco da atração vai à praia com a finalidade de dar notas às moças em trajes de banho, bem como colar adesivos com os dizeres “vô” e “num vô” em seus corpos, referentes à sua estética. A figura feminina é constantemente rebaixada no *Pânico na TV*, que exhibe personagens como “Gordelícia”, “Mulher Samambaia”, além da apresentadora Sabrina Sato, que se coloca sempre em um papel de submissão e inferioridade intelectual.

O mais assustador é pensar que esses artifícios utilizados na escalada pela audiência não se concentram somente nos programas de auditório ou nas atrações que têm o “falar da vida dos outros e expô-los ao ridículo” como função e objetivo primordiais. Os programas também vistos como “sérios” são constantemente atravessados pelas lógicas da mercantilização da programação, na qual o lucro permeia, de maneira às vezes explícita, os objetivos de entretenimento e de informação que deveriam nortear as emissoras na produção e na edição de suas atrações. Nada mais emblemático dessa lógica do que uma das edições do *Jornal Nacional* que trataram da cobertura do acidente com o avião da TAM, que não conseguiu pousar no aeroporto de Congonhas, em julho de 2007. Como explicar a existência de uma câmera da Rede Globo (ou alguma outra câmera, cujas imagens foram adquiridas pela emissora carioca) capturando as imagens mais íntimas e pessoais da vida de dezenas de pessoas esperando pelo rádio a comunicação da lista oficial de passageiros da aeronave? Como justificar, senão pela luta desenfreada pela audiência, a exibição, no telejornal mais assistido do país, de rostos desesperados, gritos dolorosos, desmaios e atitudes de desespero de parentes e amigos que acabavam de saber ou confirmar seus entes queridos como uma das vítimas da tragédia? Como conceber como natural que um momento tão particular, tão íntimo de uma série de pessoas seja divulgado de uma maneira tão violenta, tão grosseira pela televisão e pelos meios de comunicação impresso<sup>40</sup>? Como podemos

---

<sup>40</sup> A edição da revista *Veja* de 25/07/07 também traz em foto ocupando duas páginas o momento em que a lista de passageiros oficial era divulgada pela companhia aérea. A *Veja*, apesar do



perceber, o grotesco ainda se faz presente, agora, porém, com uma nova roupagem, procurando uma abordagem menos explícita e direta, por mais que algumas vezes ainda sejamos capazes de assistir a velha carapuça da vulgaridade vindo à tona, até nos programas respaldados por uma dita reconhecida qualidade.

Voltando, no entanto, à década de noventa e ao movimento de espetacularização da programação àquela época, podemos observar que a Rede Globo de Televisão ficou fora desse cenário por cerca de três ou quatro anos após as transformações advindas com o Plano Real. Durante esse tempo viu o programa do apresentador Carlos Massa, o Ratinho, perder em audiência somente para a novela das 21h e para o humorístico *Casseta e Planeta*. Faltava à maior emissora de televisão do país um programa que tivesse um apelo mais popular, que tentasse atrair essa nova fatia de audiência recém-chegada<sup>41</sup>. Mas, como se daria a chegada de um programa desse gênero numa emissora cujo “padrão de qualidade<sup>42</sup>” é reconhecido internacionalmente? Vale a pena, aqui, acerca da relação padrão de qualidade x *Linha Direta* resgatar Capparelli e Lima (2004, p. 99), quando dizem que:

[O Padrão Globo de Qualidade] pode manter-se tecnicamente, mas perde sua aura ética e estética, no momento em que os outros canais ameaçam de alguma forma a primazia da rede. Um dos exemplos é o programa *Linha Direta*, entre os de maior audiência de 2000: diante da ameaça da Rede SBT nos anos 1980 e 1990, que ganha pontos na audiência, a Rede Globo mantém o padrão técnico de qualidade e recria programas próximos do grotesco escatológico em versão chic.

---

sensacionalismo, da produção de escândalos, dentre outros movimentos espetacularizados dos quais se utiliza recorrentemente, construiu para si a imagem de uma revista séria e respeitada.

<sup>41</sup> No entanto, é importante que tenhamos claro que pesquisas do IBOPE indicam que esses programas são assistidos, também, por parcelas relevantes das classes A, B e C (fonte: Ibope Telereport: Mai/2005).

<sup>42</sup> “A TV Globo é, sem dúvida, a implementadora de um modelo vencedor de padrão de qualidade que, desde os anos 70, vem norteando todas as demais televisões brasileiras” (Borelli e Priolli, 2000, p. 79). “Instituindo um padrão de qualidade, leva em consideração questões técnicas, éticas e estéticas, tornando seus produtos reconhecidos pela audiência. Esse padrão funciona como um modelo diretor, normalmente conhecido como Padrão Globo de Qualidade” (CAPPARELLI e LIMA, 2004, p. 99).

#### 4 O PROGRAMA *LINHA DIRETA*

A análise do programa que aqui se inicia é baseada na assistência contínua (e não uma assistência “comum”, mas seguida do olhar atento e curioso de um estudioso da comunicação) do *Linha Direta* pelo pesquisador desde a sua estréia, em maio de 1999, ou seja, há mais de oito anos<sup>43</sup>. O acompanhamento sistemático ao programa, o constante movimento de relacioná-lo com o arcabouço teórico a respeito de mídia, violência e cidadania, as conversas formais e informais com os telespectadores acerca da atração e a leitura de materiais também não acadêmicos (como entrevistas com o apresentador e reportagens sobre o programa em revistas semanais, notas sobre a atração em cadernos especializados em televisão dos jornais de circulação nacional) ofertam-nos a competência necessária para investigar, analisar e interpretar o *Linha Direta*.

Gostaríamos de deixar claro, desde agora, que este capítulo não se pretende como uma mera descrição do programa, um “contar o que é o *Linha Direta*”, mas sim uma construção que fazemos sobre ele. Trata-se, aqui, não exatamente do *Linha Direta* apresentado na Rede Globo, mas da nossa apropriação sobre ele, do programa entendido pela pesquisa, do produto midiático inserido dentro de um contexto televisivo, cultural, histórico e social. Refere-se, então, ao objeto (o programa) capturado em um movimento dinâmico, em constante relação com outras instâncias, atravessando e sendo atravessado por elas. Este é o nosso *Linha Direta*, este é o nosso programa, do qual a investigação apropriou-se como exemplar mais do que emblemático das relações entre violência e cidadania tendo a sociedade midiaticizada como pano de fundo.

De saída, faz-se fundamental a informação (e a justificativa) de que os especiais *Linha Direta Justiça* e *Linha Direta Mistério* não estão inclusos no corpus de análise e no desenvolvimento da pesquisa, por considerarmos que ambos não apresentam as características principais que impulsionam e motivam este estudo: a violência urbana

---

<sup>43</sup> Tendo sido, também, foco de atenção e objeto de estudo da monografia de conclusão de curso do autor. BARSÍ LOPES, Daniel (2004). *O espetáculo da violência no telejornalismo policial: o programa Linha Direta*. 2004. 96 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará.

em nossa sociedade contemporânea midiaticizada e os entrecruzamentos disso com a construção da cidadania e com a noção de Estado.

O *Linha Direta Justiça*, que vai ao ar uma vez por mês, atua mais como um “documentário”, contando histórias de crimes que ficaram marcados na sociedade brasileira e que foram extensamente noticiados pela mídia da época. Tratam-se, no entanto, de crimes que aconteceram há muitos anos e que, portanto, já prescreveram (portanto, a denúncia dos acusados não faz mais sentido, visto que a lei brasileira não permite julgamentos após 20 anos do crime ocorrido). No *Linha Direta Mistério*, que vai esporadicamente<sup>44</sup> ao ar, são exibidos casos onde a ênfase nas explicações dos acontecimentos se dá através do sobrenatural. São contadas histórias sobre espíritos, experiências de quase morte, dentre outras coisas não comprovadas empírica e cientificamente.

Não há, em ambos os casos, a “caça” aos criminosos foragidos e nem a denúncia, características marcantes do programa “padrão”. Devido a estes motivos, os programas especiais do *Linha Direta* não serão considerados nesta investigação.

Mas não é por isso que deixaremos de destacar que o episódio do *Linha Direta Justiça* que apresentou a reconstituição da chacina da Candelária foi indicado ao prêmio *Emmy* internacional, considerado o *Oscar* da TV em âmbito mundial, na categoria “atualidades”. A indicação oferece indícios do reconhecimento do programa na grade de programação brasileira. O modelo tecno-estético (BRITTOS, 2006)<sup>45</sup> do “padrão Globo de qualidade” certamente foi um dos principais fatores, juntamente com a proposta “documental” do programa, para a recomendação ao prêmio. Uma atração da BBC, no entanto, ganhou o *Emmy*.

---

<sup>44</sup> A última vez que foi ao ar foi no dia 17/11/05.

<sup>45</sup> Padrão tecno-estético é o modelo que vai produzir sentido para o consumidor. Conjunto de elementos que caracterizam o modo de um fazer midiático. Passa pelo dinheiro, mas não se esgota nele. O dinheiro, como recurso, é o caminho para conquistar estes elementos (ex: tecnologia, recursos humanos, cenografia, iluminação, dentre uma série de elementos relacionados com o *know-how*). Existem vários padrões tecno-estéticos, como o da Globo, o do SBT, o da Folha de São Paulo, o do Diário Gaúcho, etc. O papel do público é diferenciado em cada um desses padrões. Todos esses modelos se comunicam de alguma forma e constituem um sistema tecno-estético hegemônico. Valério Brittos, em aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 07 de agosto de 2006.

#### 4.1 A questão do gênero

Tratando-se o programa *Linha Direta* de um produto dos meios de comunicação de massa, não vemos como não iniciar a abordagem dessa atração televisiva passando, antes, por uma breve discussão acerca dos gêneros televisivos, tão intrinsecamente vinculados à produção massiva da cultura midiática contemporânea. Não é nosso objetivo, no entanto, fazer um resgate e uma análise aprofundada acerca da temática, pois além da questão do gênero não se encontrar como um dos temas principais a serem abordados aqui, a temporalidade exigida para a produção desta pesquisa não comportaria a ideal penetração em todos os pontos atravessados pelo estudo. Trazemos a questão de gênero, aqui, no sentido mais de evidenciar a fluidez desse conceito e de deixar transparecer o *Linha Direta* como um gênero híbrido.

Podemos dizer que o conceito de gênero, assim como outros conceitos tratados nesta dissertação, vem de outros campos sociais. Neste caso, “gênero” nasce na literatura. Segundo Rosenfeld (2002), textos são produzidos com a finalidade de comunicar-se, e é no gênero que transparece a posição, o comportamento de seus autores frente ao que é retratado. As obras literárias são originalmente categorizadas como drama, lírico e epopéia. Vale ressaltar, ainda segundo Rosenfeld (op. Cit), que os gêneros não estão dados e prontos no mundo. Eles são construções que nos auxiliam a agrupar trabalhos semelhantes, que refletem determinados momentos da sociedade, ajudando-nos na produção e leitura desses trabalhos.

Acerca do gênero, não há como negligenciar a visão deste conceito como instrumento de controle, como aprisionamento, ou seja, “como um projeto ideológico cujo objetivo é controlar as reações da audiência, fornecendo-lhe um contexto interpretativo” (ALTMAN, *apud* FEUER, 1987, p. 118). Os gêneros funcionariam, nessa interpretação, como sistemas de orientação e expectativas, indicando uma pré-leitura do texto. No entanto, o que ressaltamos – e tomamos como referência em nosso trabalho – é a reflexão de gênero em relação à cultura de massas contemporânea, ou seja, gênero visto como “estratégias de comunicabilidade” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 307), como “autênticos pactos de leituras sociais que tornam possível não só um enorme negócio, mas uma transformação cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 52). Alimentando a discussão, Borelli (1993, p. 176) afirma que:

gênero, enfim, parece ser uma categoria abrangente, capaz de classificar uma série bastante diversificada de elementos e servir de elo [...] dos diferentes momentos da cadeia que une espaço da produção, anseios dos produtores culturais e desejos do público receptor.

Verón (1999) nos remete aos “contratos de leitura” que identificam os enquadramentos, as maneiras do dizer, que são os artifícios que criam as pontes entre o meio e o leitor/telespectador. Nesse sentido, ainda segundo Martín-Barbero (1997, p. 298), “os gêneros constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e a do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos”. Maldonado (2006, p. 285) complementa esse raciocínio, quando conceitua os gêneros como:

conjuntos que envolvem tipos e estilos de mensagens que facilitam a interacionalidade entre as pessoas e os produtos midiáticos. Os gêneros configuram propostas concretas de comunicação [...] que se organizam de acordo com lógicas e estratégias de comunicação previamente estruturadas, estabelecendo elementos de compreensão e acordo entre os produtores e as pessoas em contextos de mediação.

Assim como existem os gêneros literários, categorizados como dramáticos, líricos e épicos, a produção dos meios de comunicação de massa também segue uma série de tipificações, tais como filmes de comédia, ação, suspense; programas de auditório, informativos, de debates, telenovelas; música pop, sertaneja, clássica, erudita; livros de auto-ajuda, didáticos; revistas de negócios, de variedades, especializadas, etc. O interessante em toda essa gama de possibilidades de categorização é a atenção que se dá à questão do conflito entre a repetição do modelo e a necessidade de inovação. Como conciliar uma padronização de formatos com a criatividade que a produção cultural requer? Segundo Borelli (1993, p. 180), “modelos, regras, normas e padrões – em luta permanente com mudanças, diversidades e particularidades – sempre existiram e são, por excelência, elementos constitutivos e perpetuadores do funcionamento de qualquer cultura”.

O fundamental é termos em conta que os gêneros são flexíveis, sofrem um constante processo de transformação e de adaptação a novos contextos. Segundo Enne

(2007)<sup>46</sup>, “os gêneros não podem mais ser vistos como algo congelado, como um ‘modelinho’ a ser seguido”. Machado (1999) completa, afirmando que “os gêneros são categorias fundamentalmente mutáveis e heterogêneas. Não compreender essa [...] variedade pode implicar numa concepção de gênero esclerosada, [...] desprovida de sentido, anacrônica e irrelevante numa civilização como a nossa”. Ou seja, o que vemos agora é uma numerosa quantidade de gêneros se mesclando, dando origem a subgêneros e gêneros híbridos, como mais um artefato da indústria cultural na incessante busca do sucesso na empreitada de chegar até seu público.

A hibridização dos gêneros pode ser vista muito claramente no campo jornalístico, pois este funciona a partir de um modelo, o informativo, atuando em conjunto com outras especificidades, próprias de cada empresa jornalística responsável pela notícia. Segundo Berger (1998), o jornalismo não produz somente um tipo de discurso, sendo ele um gênero híbrido por excelência.

Castro (2005, p. 244) corrobora a visão da hibridização dos gêneros quando afirma que:

Em televisão atualmente é impossível falar de gêneros puros, uma vez que o campo jornalístico se dirige a públicos cada vez mais diversificados, rompendo com os antigos modelos de programação cristalizada dos canais abertos que separavam os gêneros em entretenimento, informativo e educativo. Hoje, os programas estão cada vez mais híbridos, mesclados, e a ficção está constantemente misturada com a realidade (e vice-versa).

Um programa como o nosso objeto de estudo, o *Linha Direta*, “uma outra janela jornalística dentro da televisão<sup>47</sup>”, pode ser perfeitamente considerado um gênero híbrido, pois se utiliza de dois dos maiores fenômenos de audiência da Rede Globo: o telejornalismo e a telenovela<sup>48</sup>, ambos aliados à lógica do sensacionalismo e do

---

<sup>46</sup> Ana Lúcia Enne, na apresentação do artigo “O sensacionalismo como processo cultural” no GT Cultura das Mídias, no XVI encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba. 14 de junho de 2007.

<sup>47</sup> Fala da professora Flávia Seligman em disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 16 de outubro de 2006.

<sup>48</sup> Ao final da exibição do programa, os créditos da atração mostram “Central Globo de Jornalismo” e “Central Globo de Produção”.

espetáculo de imagens. Pode-se, inclusive, dizer que o *Linha Direta* foi, em sua estréia em 1999, uma inovadora junção dessas duas categorias televisivas, tendo em seu conteúdo tanto aspectos jornalísticos, tais como o levantamento de fatos, dados, depoimentos, etc., como também aspectos de teledramaturgia, já que as simulações dos crimes são feitos em forma de *esquetes*<sup>49</sup>. É a Rede Globo colocando os carros-chefe de sua grade – comprovadamente aceitos pelo público – como modelos a ser seguidos pela produção do *Linha Direta*.

Interessante na discussão sobre gênero – e seus processos de hibridização – destacar a consolidação da própria violência como um gênero midiático na contemporaneidade. Conforme afirma Ivana Bentes (2007)<sup>50</sup>, a violência tornou-se um gênero em si, gênero esse que atravessa, no cenário atual, a televisão, o cinema, o jornal impresso, o rádio e todos os outros meios de comunicação. Os fenômenos da criminalidade adquirem cada vez mais visibilidade e se enquadram de formas cada vez mais nítidas às lógicas midiáticas. O *Linha Direta* se hibridiza ainda mais por contemplar a violência em sua constituição, além do jornalismo e da dramaturgia.

Uma peculiaridade do programa que queremos aqui resgatar é o fato de ele estar situado em “entretenimento”<sup>51</sup> dentro da grade de programação da Rede Globo. Que o *Linha Direta* é um gênero híbrido parece estar claro, mas o que salta aos olhos em sua análise atrelada à noção de gênero é o fato de seu vínculo explícito ao entretenimento, relação essa deixada clara pela emissora. E cabe a nós perguntarmos: e desde quando o sofrimento dos outros, a violência e a morte podem ser encaradas como entretenimento? Sim, até podem – e, de fato, recorrentemente são. Mas até que ponto se pode, formalmente, categorizar um programa que mostra uma série de tipos de violência, que

---

<sup>49</sup> O termo *esquete-reportagem*, utilizado aqui, vem do livro de Mendonça (2002). No dicionário eletrônico Aurélio, a palavra *esquete* aparece vinculada ao teatro e significa “pequena cena de revista teatral, ou de programa de rádio ou televisão, quase sempre de caráter cômico”. O *reportagem*, adicionado à palavra original por meio de hífen, vem justamente para diferenciar o uso da expressão no programa da Globo, visto que no *Linha Direta* a *esquete*, essa “pequena cena”, surge mais como uma reconstituição, com um tom muito mais jornalístico, onde não há espaço para a comicidade. Para evitar a repetição do termo nesta dissertação, *esquete*, *esquete-reportagem* e *simulação* serão utilizados aqui indistintamente.

<sup>50</sup> Na apresentação da palestra “Imagens de exceção”, ministrada no IX Seminário Internacional da Comunicação, promovido pela PUCRS. Porto Alegre, 8 de novembro de 2007.

<sup>51</sup> <http://redeglobo.globo.com/>

quase sempre culminam em morte, como algo capaz de entreter, de divertir, de distrair e de recrear? Onde fica o bom-senso e o respeito às famílias e aos amigos de vítimas que têm suas tristes histórias exibidas como entretenimento por uma emissora?

Que o consumo daquelas histórias, que a assistência ao programa possa se dar sob essas lógicas, sob esses interesses “voyerísticos” de saber que a dor é do outro e não minha – e por isso eu me sinto reconfortado – (SONTAG, 2003) é uma coisa, pois os consumos e apropriações por parte do público são diversos. Outra coisa é a instância da produção, de saída, já qualificar o programa como algo que se propõe a entreter. Como um programa que trata da problemática da violência urbana em nosso país pode ser encarado como algo para divertir e distrair? Para poder refletir com maior propriedade sobre isso, faz-se necessário, então, conhecer mais profundamente o programa *Linha Direta*, o que faremos a partir de agora.

#### 4.2 Descrição do programa

Procuramos aqui fazer uma descrição analítica detalhada e completa acerca do programa *Linha Direta*, tentando abordar o máximo possível dos constituintes de sua forma, de seu conteúdo e, principalmente, de seu discurso, por acreditarmos, a partir dos ensinamentos de Martín-Barbero, que uma pesquisa de recepção passa, necessariamente, por aspectos da produção, pois temos que levar em conta a concentração econômica dos meios e a reorganização do poder ideológico de hegemonia política e cultural, que está tendo lugar em nossa sociedade (MARTÍN-BARBERO, 1997). E não nos caberia, aqui, negligenciar esses aspectos fundamentais para tentar compreender a lógica do programa.

O programa *Linha Direta* – baseado numa adoção da fórmula dos programas americanos do mesmo gênero, que fazem sucesso lá desde a década de sessenta – estreou na Rede Globo no dia 27 de maio de 1999<sup>52</sup>, apresentado por Marcelo Rezende

---

<sup>52</sup> Não podemos deixar de mencionar a investida da Rede Globo, bem no início da década de noventa, em uma versão do *Linha Direta*, apresentado por Hélio Costa, que, no entanto, não obteve sucesso e nem permanência na grade de programação à época. Também deve ser resgatado que em dezembro de 1998 o *Fantástico* exibiu um quadro, com 40 minutos de duração, com o formato do que seria o futuro *Linha Direta*, sobre o *serial killer* chamado de “Maníaco do Parque” (CAPPARELLI e LIMA, 2004).



e substituído<sup>53</sup>, posteriormente, por Domingos Meirelles. O programa, que exhibe semanalmente (às quintas-feiras) dois casos<sup>54</sup> de crimes nos quais os acusados (ou parte deles) estão foragidos<sup>55</sup>, propõe-se a ocupar um lugar além do de simples meio de comunicação e divulgador de informações. Ele quer para si um lugar de mediador, de interlocutor entre a sociedade e a justiça, colocando-se, em muitos casos, acima da própria justiça, fazendo o papel dela, o papel que, segundo o discurso do programa, ela havia deixado de fazer.

O *Linha Direta* construiu para si uma imagem de programa de “utilidade pública”, pois está a serviço da sociedade, em busca de solucionar os casos que a justiça, por sua “lentidão e incompetência”, não foi capaz de resolver. A denúncia, o fato de o telespectador poder denunciar por telefone – sem ser identificado – o paradeiro do foragido, é o grande trunfo do programa, o que, para a emissora, é o diferencial em relação aos outros, que “mostram por mostrar”, sem nenhum comprometimento com a população, sem dar a oportunidade de participação à sociedade, “ávida por justiça”.

Será justamente porque a justiça não funciona a contento que o programa se proporá ‘heroicamente’ a intervir, mobilizando a sociedade para que esta, sob o comando da TV Globo, ajude, ‘com sua parte’, a fazer a justiça funcionar (MENDONÇA, 2002, p. 38).

---

<sup>53</sup> Há duas versões para justificar a troca de apresentadores, porém, ambas necessitam de confirmação. A primeira diz que houve uma controvérsia editorial de Marcelo Rezende com a cúpula da Rede Globo, pois Rezende queria mostrar crimes de “colarinho branco” e foi vetado pela emissora. A segunda diz respeito a um escândalo envolvendo Marcelo Rezende, que fez a Globo decidir pela substituição. Rezende teria sido denunciado e condenado em um processo de reconhecimento de paternidade. Ambas as versões foram dadas, informalmente, em contato via e-mail com o professor Alex Niche Teixeira, do departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O professor estudou o programa *Linha Direta* em sua dissertação de mestrado.

<sup>54</sup> Já foram verificados e documentados, no entanto, episódios do *Linha Direta* em que somente um caso foi exibido, como, por exemplo, o do dia 05 de outubro de 2006, exatamente o programa de reestréia após o período eleitoral. Mas a regra padrão do programa é a exibição de dois casos por semana, sendo a exibição de somente uma história algo esporádico.

<sup>55</sup> No episódio exibido em 30 de novembro de 2006 a dinâmica do primeiro caso mostrado deu-se de uma maneira diferente da habitual, diferença essa que vale aqui ser destacada. Um pastor da Igreja Universal, principal incriminado pelo assassinato de um jovem, encontrava-se preso, ao contrário dos acusados da grande maioria das histórias exibidas no *Linha Direta*. A história do crime, os motivos, o ato, e, principalmente, os prováveis outros envolvidos no homicídio encontravam-se envoltos em um grande mistério. O acusado, que teve amplo espaço e direito de voz, dizia-se inocente, mas não revelava pistas mais relevantes que pudessem comprovar sua inocência. Em vez do número de telefone para a denúncia anônima do paradeiro do foragido, foi pedido aos telespectadores informações acerca do crime e de possíveis comparsas do pastor.

Vemos aí uma nítida atuação “messiânica” do *Linha Direta*, como única possibilidade de “salvação” para essa situação de calamidade pública provocada pelos efeitos da violência em nossa sociedade, atuando em conformidade com o sentido “fraternal” e “caridoso” proposto pelo discurso da Rede Globo, discurso esse em muito pautado pela auto-referencialidade dos meios de comunicação.

Os casos mostrados no programa podem ser divididos em três categorias:

- a) Os casos em que a justiça já condenou o indivíduo, mas este se encontra foragido.
- b) Os casos em que ainda não houve condenação oficial por parte da justiça, mas no qual o acusado pela promotoria está foragido.
- c) Os casos em que o crime não tem explicação nem acusados, casos nos quais a justiça ainda não se manifestou por falta de provas<sup>56</sup>.

Um dos artifícios mais característicos do programa é a esquete-reportagem. E são justamente as simulações – atuando em conjunto com a figura do apresentador e dos especialistas, com a composição do cenário e com a utilização do som – que funcionarão como elementos do discurso do programa. O *Linha Direta*, por não poder em muitos casos utilizar-se do escrito, do dito, do explícito, visto que, como já foi dito antes, alguns indivíduos ainda não foram condenados oficialmente pela justiça, recorre muitas vezes ao uso da imagem, do discurso não-verbal para convencer seus telespectadores da culpa do acusado e da necessidade que se faz de denunciá-lo. Interessante quando Mendonça (2002, p. 43) diz que “a imagem como linguagem não só informa ou comunica, mas se constitui em texto, em discurso”. Também se faz necessário citar Sousa (*apud* MENDONÇA, 2002, p. 43), quando este nos diz que “falar de modos de significação implica falar também do trabalho de interpretação da imagem, procurando entender tanto como ela se constitui em discurso, quanto como ela vem sendo utilizada para sustentar discursos produzidos com textos verbais”. Sobre isso, é claro que a imagem, seja exposta nas esquetes, no cenário e, até mesmo, a imagem do apresentador, funciona como um elemento que dá credibilidade ao que é dito, ao que é explícito. As simulações estão lá com a função de corroborar, de comprovar o que é exposto de forma direta no programa. Comprovar de uma maneira que não deixe

---

<sup>56</sup> Esses casos são bem raros dentro do panorama geral de histórias mostradas pelo programa.

dúvidas, que não ponha em risco a eficácia do *Linha Direta*, mostrando, deixando claro aos olhos da audiência que o crime realmente aconteceu, e da forma mais brutal possível. É com base nessa perspectiva, de transparecer ao público através, principalmente, das imagens, que se baseia o discurso do *Linha Direta*.

### 4.3 As esquetes-reportagens (simulações)

As *esquetes* são pequenas histórias que fazem uma retrospectiva da vida da vítima e do acusado, com destaque para a primeira, até a época que antecede ao crime, atingindo o clímax no momento em que este é exibido. As esquetes são narradas em *off*<sup>57</sup> e, algumas vezes, interrompidas pela fala do apresentador do programa, em sua maioria antecedendo ao intervalo comercial, para fazer um comentário do que está por vir na história, como uma tentativa de prender a atenção do telespectador e fazê-lo aguardar ansiosamente pelo próximo bloco. Para isso são utilizados recursos de impacto, narrativas como “ele ainda não sabe, mas este é o dia de sua morte” ou “é a última vez que ela vê o marido”.

Existe um cuidado todo especial para a montagem das esquetes-reportagens, pois elas são o “carro-chefe” do *Linha Direta*, aquilo que o diferencia dos outros programas do gênero existentes em outras emissoras de televisão brasileiras<sup>58</sup>. Para a montagem da simulação existe um núcleo de dramaturgia, que fica a cargo da direção artística, e um núcleo de roteiro, responsável pelo texto final e pela organização das esquetes-reportagens. Existe, também, uma equipe responsável por escalar os atores para as personagens, preocupados, inclusive, com a semelhança física entre o ator e a personagem que este irá interpretar, ou seja, as pessoas reais envolvidas na história, transformadas, aqui, em personagens da esquete.

A atenção para com a construção das esquetes é explicada pela carga de responsabilidade que estas têm no programa. É justamente a esquete a responsável por

---

<sup>57</sup> A voz *off* do *Linha Direta*, ou seja, a voz que somente é ouvida, mas cuja pessoa que a fala não é vista, será analisada com maior detalhamento na seção 5.5 deste trabalho.

<sup>58</sup> Como já foi dito anteriormente, o *Linha Direta* é o único programa a se utilizar do recurso da simulação, ou seja, o único dentre os programas que abordam a violência urbana na grade televisiva brasileira que faz uma reconstituição de dias antes do crime culminando com a simulação do crime em si. Utiliza-se, para tal fim, de elementos (roteiros, cenógrafos, cenaristas, figurinistas, atores, figurantes, dentre outros) da Central Globo de Produção.

fazer com que o objetivo do programa seja atingido, ou seja, que a denúncia seja feita pelo telespectador. Se a esquete não despertar interesse na audiência, ou se não passar a “verdade” da simulação para o público, o objetivo do *Linha Direta* não será atingido. É pensando nisso que o programa também se utiliza da presença de colaboradores, como promotores e delegados, comentando os casos, como maneira de passar credibilidade ao que está sendo dito, pois a credibilidade, no programa, é um componente indispensável que deve ser transmitido à audiência. Quando o caso teve alguma repercussão estadual ou nacional são exibidas gravações de jornais e telejornais que abordaram o assunto à época, bem como podem ser mostrados objetos utilizados no processo, como fotos de perícia.

Todas essas atitudes do programa têm o intuito de ressaltar a veracidade do que está sendo exibido na simulação, pois o público não pode vê-la como quem assiste a um mero capítulo de novela. Ele tem que acreditar e, principalmente, se envolver profundamente naquilo que está sendo exibido, ele tem que se indignar e, a partir da indignação, fazer a denúncia. E, para esse objetivo ser alcançado, toda uma trama discursiva é construída.

O programa não se limita a noticiar a existência de um criminoso foragido. É preciso reconstruir o crime com o máximo de carga emotiva para que o telespectador, ao se identificar com a família da vítima, execute a denúncia. (MENDONÇA, 2002, p. 67).

#### **4.4 A “luta do bem contra o mal”**

As esquetes são construídas de modo maniqueísta, criando um verdadeiro abismo entre a “santidade” da vítima e o “mau-caratismo” do acusado. As esquetes-reportagens seguem quase sempre o mesmo roteiro, começando com a exibição de fatos da infância da vítima até o momento em que esta tem seu destino cruzado com o do acusado. As simulações sempre ressaltam as qualidades da vítima, sua vida alegre e feliz, sua família. Tudo é construído de forma a deixar transparecer ao telespectador a paz que reinava absoluta na vida da vítima até o momento em que ela encontra a pessoa que irá transformar radicalmente seu destino e o de todos em sua volta. A música de fundo, as imagens dos felizes encontros familiares, a amizade das pessoas pela vítima, toda a narrativa é embasada num tom romântico, com o intuito de deixar florescer na

audiência uma ternura pela pessoa vitimada. Intercalando a exibição da esquete, são mostrados depoimentos de parentes e amigos da vítima, todos transparecendo uma mistura de descrença e de revolta com a justiça, mostrando uma profunda tristeza com o ocorrido. Muitas vezes o choro não é contido e as palavras são embaralhadas devido aos lábios trêmulos, angustiados com aquela situação sem resposta, sem punição aos que merecem. Nos depoimentos, familiares e amigos ratificam ainda mais as qualidades e o bom-mocismo da vítima, sempre mostrada como uma pessoa de caráter e dignidade irretocáveis. Lagrange (1995) nos fala das condições psicológicas para que haja uma potencialização do impacto das notícias de crime, como, por exemplo, a necessidade entre o leitor e a vítima de uma comunhão de situações suficientes para suscitar um processo de identificação e, através deste, uma empatia pela vítima.

Mesmo quando a vítima age a partir de determinadas posturas moralmente duvidosas, estas são exibidas nas simulações de uma maneira não-explícita. Como, por exemplo, no episódio<sup>59</sup> que contava a história de uma moça pobre da Baixada Fluminense (RJ) que se casou com um espanhol rico e foi morar na Europa. Ficou implícito que a moça encontrou-se com o estrangeiro por meio de um programa pago, mas os termos “prostituta”, “garota de programa”, dentre outros, jamais foi mencionado. A mesma moça foi capaz de deixar marido e filho na Espanha para voltar ao Brasil e o ato de abandono – especialmente à criança – foi contado como um ato patriótico, de alguém que não suportava viver longe de seu país de origem, que, por mais que tivesse uma vida estável e confortável no exterior, não seria capaz de viver longe de seu povo.

Porém, o mesmo não se pode dizer das construções da personagem do acusado. Na maioria dos casos o “criminoso” nunca é mostrado em sua infância, sendo apresentado ao público já em sua forma jovem ou adulta. O acusado é mostrado como um indivíduo sem passado, sem história, sem família. Um “elemento” (expressão muito usada pelos apresentadores de programas policiais) sem contextualização, que, ao contrário da vítima, que é mostrada como uma pessoa com uma história de vida, surge do nada, aparece como que saído das “profundezas do inferno”. Pouco se sabe a respeito do acusado, por quais tipos de problemas ele passou, se foi vítima de espancamentos e

---

<sup>59</sup> Linha Direta de 05/10/06.

Disponível em:

<http://linhadireta.globo.com/Linhadireta/0,26665,GHE0-4625-232551,00.html>

Acesso em 12 dez. 2006.

maus-tratos durante a juventude, com quais tipos de situações de humilhação e violência teve que conviver, suas privações, enfim, é uma pessoa que parece não ser dotada de uma vida anterior ao fato de ser acusado de um crime. É como se a história de vida dele começasse no dia do crime, como se pudesse ser resumida a este fato. Nuances de humanidade nunca são mostradas nas personagens do *Linha Direta*, nem mesmo nas vítimas (que são santificadas), pois o ser humano não pode ser enquadrado como completamente bom ou totalmente mau.

As vítimas têm sempre passado – e sempre feliz, embora batalhador. Em contrapartida, o passado do foragido é sempre uma incógnita [...] que se justifica pela necessidade do programa em construir, nos seus esquetes, uma clara polarização entre o bem e o mal (MENDONÇA, 2002, p. 86).

É interessante ressaltar que o ato violento, pelo qual o indivíduo está sendo acusado, é mostrado como se surgisse do nada, surgisse descontextualizado de toda uma situação, de toda uma estrutura já institucionalizada que justamente é a responsável por criar indivíduos violentos.

A violência, nas esquetes do *Linha Direta*, nos é passada como algo que já nasce com a pessoa, algo congênito, que não teve qualquer relação com a sociedade e com a atuação dos governos, pois nunca é mostrada a influência que estes (sociedade e governo) tiveram na formação dessa violência presente no indivíduo. E, jamais, nos é mostrada a violência que esta sociedade e que estes governos praticaram contra esses (e muitos outros) cidadãos, negando-lhes educação; moradia decente; direito à saúde, lazer, cultura; entre outras coisas as quais a população não teve direito em sua vivência. Então, segundo Moraes (1990, p. 45), “Não temos o direito de esperar um comportamento brando por parte das pessoas em um espaço [urbano] que as aliena dos seus semelhantes e as expropria de si mesmas”.

Nas poucas esquetes nas quais a infância do acusado é mostrada, os fatos a serem expostos são aqueles que já atestam, desde pequeno, o caráter frágil da criança-problema. É como se aquele menino ou aquela menina já estivesse predestinado ao mundo do crime, como se os olhos da maldade daquela criança não pudessem revelar outra coisa senão um adulto violento e criminoso.

Vemos, em toda a construção do programa, o intuito de atribuir a culpa ao acusado. Podemos falar em pluralidade de vozes (dos familiares, amigos, testemunhas, profissionais, etc.), mas em unicidade de sentidos no *Linha Direta*. Ou seja, tudo parece estar pronto a corroborar a visão de que o criminoso é efetivamente o culpado e merece ser punido. Resgatando Bakhtin (*apud* BARROS, 1999), faz-se importante destacar o discurso monofônico, autoritário, dificultando “o diálogo entre eu e o outro” (*idem*). A *voz off*, como veremos mais adiante, funciona muito bem como instrumento desse discurso autoritário.

Faz-se relevante que reflitamos, também, acerca das fotos utilizadas para mostrar as vítimas, sempre de modo a destacar sua pureza e alegria: fotos abraçadas com os filhos, com o cônjuge, com a família reunida na noite de Natal, em momentos marcantes de sua vida, como formatura, viagens, bodas, etc., tudo para deixar transparecer ao máximo a felicidade que reinava na vida daquela família antes de terem seu destino abalado pelo crime. Diferentemente do que ocorre em alguns programas, que muitas vezes denigrem a imagem dos mortos – seja utilizando-se dos cadáveres sem nenhum respeito, seja insinuando determinadas atitudes suspeitas por parte da vítima, procurando mostrar algum desvio de comportamento da mesma, fazendo a vítima ser vítima duas vezes – no *Linha Direta* isso não ocorre, passando a figura da vítima quase que por um processo de “canonização”. As imagens da vítima estão sempre a ratificar sua “santidade”. Citando Mendonça (2002, p. 107), “Não há, portanto, exemplo melhor que possa comprovar que o discurso não se constitui apenas de palavras. Assim, a materialidade visual poderá construir significados ainda mais convincentes do que mil palavras”.

Todo esse maniqueísmo tem uma lógica para a produção do programa. O realce das características boas das vítimas, bem como a carga emotiva das exposições de imagens de seu passado e da angústia e tristeza de seus parentes com sua morte, tem o intuito claro de criar uma relação de identificação do telespectador para com a vítima e sua família. Essa carga proposital de emoção tem o objetivo de enfatizar na audiência um sentimento de revolta, buscando gerar um estado de oposição à impunidade do acusado. O recurso dramático das esquetes-reportagens faz com que o telespectador imagine que aquele crime poderia ter acontecido com um filho, um irmão, um amigo, e, com isso, seja atingido o objetivo final do programa, que é a denúncia. Tendo essas

lógicas midiáticas como contexto, “as imagens da violência na atualidade adquirem traços de ficcionalização, como se só o fato em si não bastasse para ser mostrado” (BENTES, 2007)<sup>60</sup>.

#### 4.5 A ficcionalização do real

Para a compreensão da construção da trama narrativa das esquetes-reportagens do programa *Linha Direta* é importante que se tenha em mente a idéia de *ficcionalização* do real e a maneira como ela pode ser usada pela mídia televisiva.

Os programas da mídia eletrônica vivem operando o tempo inteiro este curto-circuito entre imaginário e real, de tal maneira e em tal magnitude que se debilita a capacidade do senso comum de fazer a distinção entre o verdadeiro e o verossímil, isto é, entre o que efetivamente acontece e as simulações do acontecimento. (SODRÉ, 2003).

Apesar de se utilizar claramente de elementos da teledramaturgia, um dos pontos de preocupação da direção na produção do programa é fazer com seja plenamente mostrado ao telespectador, e que seja percebido por ele, que o que é exibido na esquete é uma simulação do real, uma representação de uma fato que verdadeiramente ocorreu. Não se pode, em hipótese alguma, deixar que a audiência absorva o conteúdo da esquete como uma obra de ficção, uma obra “novelística”, sem a veracidade que lhe é necessária. Caso isso aconteça, o telespectador não será motivado a fazer a denúncia e o objetivo do programa será frustrado. É importante deixar muito claro para o telespectador que os fatos mostrados verdadeiramente aconteceram e que ele não pode ficar neutro diante daquilo tudo, como ficaria diante de uma cena de novela, de uma obra de ficção.

Sobre isso, acerca da importância de se evidenciar o “real”, faz-se interessante quando Maura Martins<sup>61</sup> nos fala da relação entre os efeitos de real e o “novo

---

<sup>60</sup> Na apresentação da palestra “Imagens de exceção”, ministrada no IX Seminário Internacional da Comunicação, promovido pela PUCRS. Porto Alegre, 8 de novembro de 2007.

<sup>61</sup> Na apresentação da palestra “A ficcionalização da realidade cotidiana da experiência factual do New Journalism”, ministrada no IV SBPJor, realizado na UFRGS. Porto Alegre, 07 de novembro de 2006.



jornalismo”<sup>62</sup>, mostrando que quanto mais se coloca os detalhes simbólicos no texto mais se aumenta os efeitos do real, chegando-se mais perto de uma “verdade mais completa, mais próxima do real”. Nesse sentido, então, o *Linha Direta* se utilizaria das dramatizações com respaldo na realidade, existindo, aí, uma ponte entre o programa e o “novo jornalismo”. É importante ter em mente, entretanto, que esse respaldo é absolutamente passível de controvérsias.

No *Linha Direta*, a ficcionalização do real trata justamente de tornar esse fato, esse acontecimento dramático, em algo “mostrável” para a televisão, em algo que, principalmente, desperte interesse no público espectador, nem que, para isso, essa “verdade” tenha que receber alguns “retoques” para ficar mais atraente para a audiência.

O processo de ficcionalização do real, mesmo com o “respaldo na realidade”, pode trazer ambigüidades às esquetes, visto que muitas vezes as simulações parecem ser produzidas de uma forma totalmente arbitrária, sem a opinião das duas partes. Mesmo tomando-se como verídico que o criminoso mostrado seja realmente culpado, como se pode fazer uma reconstituição fidedigna de dias antes ao crime até o dia da efetivação deste sem a versão do acusado (que está foragido) e sem a versão da vítima (que em muitos casos está morta)? No *Linha Direta* há a construção de toda uma história, uma simulação dos fatos ocorridos. No entanto, parte das informações utilizadas para a criação desta reconstituição é baseada nas opiniões de amigos e parentes, emocionalmente abalados e totalmente parciais. Como contar o que houve quando só vítima e acusado estiveram juntos?

Os editores do programa parecem ter inserido, em alguns momentos, cenas de simulação inspiradas em suposições que, embora atendam ao intuito de ilustrar melhor a história contada, se constituem a partir de elementos cuja veracidade parece ser impossível de ser comprovado. (MENDONÇA, 2002, p. 81).

É como se, para o programa, o que importasse fosse a versão, e não propriamente o fato. Essas situações onde se faz uso da “liberdade criativa” da

---

<sup>62</sup> Não é de nosso interesse o aprofundamento sobre o “novo jornalismo”, apenas queremos pontuar a relevância da ficcionalização do real, especialmente na contemporaneidade, e sua relação com o jornalismo. Cabe, no entanto, afirmar que o “New Journalism” é um movimento, nascido nos anos sessenta nos Estados Unidos, que procura fazer uma aproximação entre a técnica jornalística e a criação literária, pretendendo uma descrição do fenômeno tal como ele acontece.

dramaturgia são bem freqüentes no *Linha Direta*. Tudo feito com o intuito de deixar a simulação mais “envolvente” e de explicitar (muitas vezes erroneamente) o maucatismo do acusado. Certos diálogos entre vítima e agressor, bem como certas atitudes do acusado são impossíveis de serem comprovadas. A vítima está morta e o acusado foragido, ou seja, também não teve qualquer participação na montagem da esquete. Como justificar certos olhares malignos, risos macabros, diálogos ameaçadores e atitudes desnorteadas? Simplesmente baseados no fato do indivíduo ser acusado de um homicídio? O Ministério Público, baseado em laudos e perícias, pode comprovar a *causa mortis*, violências sofridas pela vítima na hora do crime, arma ou utensílio usado para o assassinato, dentre outros, bem como, após a investigação, outras coisas acerca do homicídio podem ser descobertas. Mas certos atos e diálogos reproduzidos na simulação vêm tão somente da técnica da produção do programa *Linha Direta*, com o objetivo de ressaltar qualidades na vítima e defeitos no acusado, elevando ao máximo a carga de dramaticidade exposta ao público receptor.

Depois do exposto, vemos que pode já não mais haver uma preocupação, por parte dos emissores, com o real, e sim com a transformação deste, uma reapropriação, de maneira a torná-lo mais “interessante” para o público. O que nos leva a pensar que o receptor pode não buscar em permanência a verdade, que não faz parte de seu objetivo identificar o real na dramatização, mas sim encantar-se com a dramatização do real, buscar esta espécie de sobre-realidade que surge com o trabalho da mídia.

Interessante quando Felinto (2006) resgata a discussão sobre a ficcionalização do real, ao retomar a visão de Brian O’Blivion, um personagem de ficção de David Cronenberg, do filme *Videodrome – Síndrome do vídeo*, que diz que “a tela da televisão tornou-se a retina do olho da mente [...] o que aparece na tela emerge como experiência pura para os que assistem. Portanto, a televisão é realidade e a realidade é menos do que a televisão”. Rodrigues (2000, p. 204) parece corroborar essa postura, dizendo que “do efeito de realidade decorre o efeito de simulação ou a performatividade dos dispositivos mediáticos, a sua capacidade para antecipar, modelar e substituir o real”. Borelli e Priolli (2000, p. 33) vão no mesmo caminho, quando dizem que “é interessante observar a existência, por parte do público receptor, de uma verdadeira

mixagem entre real e ficcional”. Mauro Alencar (2006)<sup>63</sup>, também sustenta essa posição, quando afirma que “hoje, com a transformação da vida em entretenimento (*reality shows*), a realidade apoderou-se fortemente da ficção”.

A realidade agora passa pelo mesmo processo de “criação” das telenovelas globais, com simulações tendenciosas e construções de personagens caricaturais, baseados em informações parciais e em clichês, representando distorções do que efetivamente pode ter acontecido.

#### **4.6 O som no *Linha Direta***

O som tem uma participação fundamental na constituição do programa. É ele quem dá o movimento, pois a imagem, por si só, não consegue imprimir ritmo. A partir de Kilpp (2006)<sup>64</sup>, podemos até mesmo enunciar que, na televisão, o som tem maior importância do que a imagem, pois conseguimos acompanhar um programa sem vê-lo, porém escutando-o, mas entenderemos poucas coisas acompanhando somente as imagens, sem ouvir o som emitido pela atração.

Segundo Canevacci (2001), podemos distinguir dois tipos de vozes dentro do *Linha Direta*: a *voz in* e a *voz off*. A *voz off* constitui-se como uma espécie de narradora, que vai ajudando a delinear a história. Podemos ressaltar a existência de um tom autoritário na *voz off*, autoritarismo este que direciona o olhar do telespectador. Configura-se como uma voz de “Deus”, que parece estar acompanhando tudo de cima. A *voz off* é carregada de subjetividade e procura imprimir, na audiência, seus pontos de vista. É uma voz onipresente, que parece tudo saber, que conta a narrativa como se já soubesse o final da história. A *voz off*, até o fim da temporada 2005 do programa, era feita pelo ator Bruno Garcia, um dos destaques da nova geração de atores da Rede Globo. Em 2006, no entanto, a *voz off* passou a ser feita pelo veterano ator Carlos Vereza, dono de uma voz mais grave e, também, mais conhecida do que a de Garcia, visto que Vereza atua em novelas desde 1968. A mudança pode ter causado um certo

---

<sup>63</sup> Em reportagem sobre a novela *Vidas Opostas*, da Rede Record, veiculada no Jornal Diário do Nordeste de 28 de janeiro de 2007.

<sup>64</sup> Em aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 29 de junho de 2006.

estranhamento inicial – especialmente nos telespectadores assíduos do programa – vinculado a um sentido de não-reconhecimento àquela voz, que não é a mesma que acompanhou o *Linha Direta* por sete anos.

Com relação à *voz in*, ela se configura como a voz que aparece na simulação, bem como a voz do apresentador, dos especialistas, dos profissionais e dos colaboradores. Enfim, é a voz que pode ser identificada. Podemos destacar entre a *voz in* as vozes das personagens, que atuam contribuindo com a *voz off*, atestando seus direcionamentos, corroborando com o sentido que a narração quer passar aos telespectadores. Não podemos deixar de falar, também, dos risos macabros, dos choros desesperados, dos gritos de horror, entre outros artifícios utilizados pelas simulações para transmitir a sonoridade das histórias contadas, para dar consistência, emoção e, principalmente, veracidade às esquetes-reportagens.

Faz-se fundamental que, dissertando acerca do som no *Linha Direta*, ressaltemos a trilha sonora e os ruídos na composição da simulação. Segundo o que afirma Holman (2001), podemos dizer que o som em um filme ou programa de televisão tem dois papéis preponderantes: um narrativo e o outro gramatical. Como narração, o som pode ser direto ou subliminar. No primeiro caso, a música e os ruídos utilizados fazem parte do ambiente, seja porque as personagens os executam ou porque os ouvem. No segundo caso, o som é trabalhado para atuar de forma subliminar, inconsciente, na audiência, pois esta tende a tomar o som como um todo, quando, no entanto, é importante que afirmemos, ele está sendo deliberadamente construído e manipulado, a partir de vários componentes, para gerar um envolvimento emocional com os telespectadores.

No caso do *Linha Direta*, o papel gramatical da música aparece quando esta permite, por exemplo, a ligação entre as cenas das simulações dos crimes e os instantes dos comentários do apresentador, sem que haja uma sensação de deslocamento ou corte por parte de quem assiste, ainda que o apresentador não esteja, necessariamente, no local da simulação.

Contrariamente ao sentido exposto acima – quando o som é utilizado com o sentido de ligação –, é interessante que percebamos o uso do som como ruptura. O *lead* do *Linha Direta* – que inicia o programa, antes mesmo de sua abertura –, composto por

um excesso de cortes, pela abundância de ruídos e sons de gritos, tiros e choros e pela trilha instrumental de suspense, é articulado de modo a romper com o ambiente anterior de recepção. Sairá de cena o ambiente de leveza e humor de *A grande família* para entrar a tensão, o medo e o suspense provocados por *Linha Direta*.

Ainda sobre a sonoridade no programa, é relevante que falemos a respeito do que chamamos de vozes alternantes, já comentadas em seções anteriores deste trabalho<sup>65</sup>. São as vozes de familiares e/ou amigos dos envolvidos nos crimes e as vozes de colaboradores e profissionais. As vozes dos familiares surgem com forte apelo dramático, sempre embaladas por sentimentos de revolta e descrença nos poderes públicos do país. O choro e as lágrimas muitas vezes não conseguem ser contidos. Aqui existe uma ênfase na trilha sonora instrumental, para marcar o sentimentalismo envolvido e fazer com que as palavras emotivas ditas pelos familiares e/ou amigos das vítimas chegue com carga máxima até a audiência. O telespectador tem que se identificar com aquela mãe ou aquele marido que perdeu um ente querido, tem que, a partir do discurso melancólico de imagens e sons, pensar que a vítima poderia ser seu filho ou esposa.

As vozes de colaboradores e profissionais surgem com o intuito de marcar a credibilidade do programa e a autenticidade dos fatos. São delegados de polícia, promotores de justiça, advogados, testemunhas, entre outras *personas*<sup>66</sup> – que se apresentam ali como eles mesmos, em seus papéis de autoridade, mas que são, na verdade, a partir do momento em que são exibidos pela televisão, *constructos* deles mesmos – que estão ali na TV para dizer que o que houve e o que está sendo contado pelo programa é realidade. Para marcar a autoridade do real a maioria das falas dessas *personas* não é acompanhada de trilha alguma e os ambientes onde são tomados seus depoimentos são seus habitats naturais – delegacias, escritórios de advocacia, ministério público, etc. –, com os ruídos próprios desses locais, conferindo mais veracidade ainda aos fatos. Os especialistas convidados ao estúdio do programa para serem entrevistados

---

<sup>65</sup> Outras vozes que não a do narrador (*voz off*), do apresentador e da simulação, mas que tem uma importância fundamental na constituição do *Linha Direta*.

<sup>66</sup> O termo, em espanhol, é utilizado por Suzana Kilpp em seu livro. Optamos por não traduzi-lo, respeitando a nomenclatura originalmente utilizada pela autora.  
Fonte: KILPP, Suzana (2005). *Mundos Televisivos*. Porto Alegre: Armazém Digital.

por Domingos Meirelles também não têm suas falas acompanhadas por nenhum tipo de trilha sonora.

O som no *Linha Direta* atua de forma imprescindível na articulação daqueles artifícios que são a base do programa: a violência, o espetáculo e o real.

#### 4.7 O apresentador

Domingos Meirelles<sup>67</sup> começou a apresentar o *Linha Direta* em seu segundo ano de exibição, após o afastamento de Marcelo Rezende. Apesar de dar sugestões na pauta e no texto do programa, seu envolvimento com o *Linha Direta*, geralmente, não vai muito além da apresentação. Nascido no Rio de Janeiro, o apresentador ingressou no jornalismo em 1965, no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer. Passou pelas redações de *Veja*, *Realidade*, *Jornal da Tarde*, *O Globo* e *O Estado de São Paulo* e há onze anos é repórter especial da Rede Globo. “A contrário do que se vê em outros programas que tratam de temas parecidos, o apresentador do *Linha Direta*, Domingos Meirelles, não grita e nem cospe na câmera. Mantém o tom calmo, porém grave”<sup>68</sup>. O apresentador, embalado por elegantes trajes, apesar de sua maneira informal de se relacionar com o telespectador, procura portar-se de uma maneira contida. Tal posicionamento é muito diferente da atitude dos outros apresentadores de programas do mesmo gênero, que mostram (muitas vezes intencionalmente) um envolvimento fervoroso e exagerado com os casos mostrados, gritando, gesticulando em movimentos nervosos, chamando os acusados de “meliante”, “elemento”, isso quando não chamam, com veemência, os envolvidos no crime de “assassinos”, numa total falta de compostura. Muitas vezes, apresentadores como José Luiz Datena<sup>69</sup> chegam a clamar, no ar, pela maioria penal

---

<sup>67</sup> Em 1972, recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo, pela edição especial da *Realidade* sobre a Amazônia; em 1982 e 1992, ganhou o Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos; e, em 1993, foi agraciado com o Prêmio Rei de Espanha de Televisão.

Fonte: Associação Brasileira de Imprensa.

Disponível em:

<http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=1263>

Acesso em: 02 fev. 2007.

<sup>68</sup> Fonte: reportagem da revista *Época*. Edição de 26 de julho de 2004.

Disponível em:

[http://www.alexmaron.com.br/portfolio2/Epoca\\_Domingos\\_260704.pdf](http://www.alexmaron.com.br/portfolio2/Epoca_Domingos_260704.pdf)

Acesso em 07 fev. 2007.

a partir de 16 anos, ou seja, desempenhando explicitamente uma posição em relação aos casos de violência apresentados em seu programa. Com Domingos Meirelles esse tipo de comportamento não acontece, pois o comunicador procura manter um comportamento mais discreto, mas não por isso uma atitude passiva. Segundo Milton Abirached<sup>70</sup>, diretor-geral do programa, “o Domingos tem uma cara de pai indignado com as tragédias, mas que respeita as leis”. O que muitas vezes ele faz é mostrar um ar de descrença na inocência dos acusados, procurando jamais desmotivar nos telespectadores o ato da denúncia. Quando, nas interrupções às esquetes-reportagens feitas pelo apresentador para aumentar o suspense, é mostrado seu rosto anunciando o que está por vir nas atitudes do acusado, é sempre com um certo ar de contestação para com o indivíduo. Essa mesma feição pode ser percebida quando da exibição dos acusados que foram presos ao longo da semana. Quando é dada a chance a esses acusados de se expressarem perante a câmera, é notável no apresentador um sinal de contestação, algumas vezes exposto em tom de ironia, se referindo às frases proferidas pelos ex-foragidos, como se duvidasse daquelas palavras ali sendo expostas. Mas, com certeza, tudo de uma maneira bem mais discreta do que nos programas do gênero das outras emissoras. Domingos Meirelles comporta-se mais como um Willian Bonner<sup>71</sup> do que como um Gil Gomes.

#### **4.8 A fala do especialista**

O campo midiático, atuando a partir de atravessamentos aos outros campos sociais necessita de elementos que solidifiquem sua posição hegemônica como articulador de todas essas instâncias. O discurso jornalístico, especialmente, precisa construir sua credibilidade perante seu público. Exercendo sua função de espelho da

---

<sup>69</sup> José Luiz Datena apresenta o programa *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes. O programa se baseia no mesmo formato dos outros policiais exibidos na mesma faixa de horário, entre 17:00 e 19:00 horas, mostrando, de forma sensacionalista, os últimos acontecimentos em termos de acidentes, homicídios, rebeliões em presídios, entre outros. O programa dispõe de um helicóptero sobrevoando a cidade de São Paulo sempre em busca de novos acontecimentos.

<sup>70</sup> Reportagem da revista *Época* (idem).

<sup>71</sup> Willian Bonner, pai de família, casado há mais de dez anos com a mesma esposa – Fátima Bernardes, sua companheira de trabalho e de bancada na apresentação do *Jornal Nacional* – conhecido por sua imagem de seriedade e credibilidade, sem envolvimento em escândalos em sua vida profissional e pessoal, e distante em relação aos contínuos acontecimentos “espetacularizados” do *show business* em nosso país, edita e apresenta o *Jornal Nacional*, o telejornal mais importante e assistido do país.

realidade social, é indispensável ao campo jornalístico a configuração de autoridade do real, de testemunho onipresente dos fatos. É aí que entra a “fala do especialista”, que exerce na televisão – a partir de seu diferencial da imagem em movimento – uma participação fundamental na conformação da legitimação da mídia na explanação dos fatos sociais. Compartilhamos da visão de Mata (1999), que nos faz perceber que na cultura midiática contemporânea parte das experiências dos sujeitos sociais são mediadas através da mídia, que tem, na fala do especialista, um de seus elementos de configuração da veracidade do que é informado.

Em 2007 as transformações que todos os anos atingem o *Linha Direta* em sua reestréia na grade da Rede Globo em abril – mas que anteriormente se restringiam à pormenores como abertura, logomarca, cenários, voz do locutor, etc. – foi mais intensa, ocasionando, pela primeira vez desde a estréia do programa, em 1999, a presença de convidados no palco, interagindo com o apresentador Domingos Meireles. O programa, então, traz finalmente ao estúdio a participação dos especialistas, componente já bastante utilizado e difundido em outros programas na grade massiva da televisão brasileira.

Utilizando-nos do aporte teórico oferecido por Bourdieu (1997), é interessante refletirmos e dar-mo-nos conta de como esses convidados para a televisão são sempre os mesmos, são sempre pessoas plenamente adaptadas ao mundo da TV e às lógicas que o conduzem, profissionais com a capacidade de falar sobre os assuntos de maneira fácil, superficial e veloz, procurando não deixar brechas em suas falas, espaços para a livre interpretação, tudo com o objetivo final de pronto entendimento por parte dos telespectadores, indo ao encontro das lógicas da televisão hegemônica. A velocidade das informações é destacada por Mata (1999), que afirma que “hoj, de lo que se trata no es ya de ‘saber inmediatamente’, sino de ‘saber antes’”. Segundo Oliveira (2003, p. 68), “estamos a ser levados para um culto da superficialidade e da imediaticidade pela forma como os ‘media’ nos tentam dar noticia, contar estórias, sobre os fenômenos mais complicados da sociedade atual”. E os especialistas – tendo lugar cativo nos diversos meios de comunicação, especialmente na televisão – se prestam perfeitamente a este papel de moderadores entre o público e os assuntos em questão, sendo as temáticas quase sempre tratadas de forma ligeira e apenas aparente.



Acerca desse assunto, Duarte (2004, p. 60) afirma que “difícilmente [a TV] poderá abordar esses conteúdos em profundidade, porque assim feriria princípios muito internalizados da gramática televisiva e [...] também porque a densidade de imagens, a fragmentação de texto e o tempo impediriam”. No entanto, ponderando a postura de Duarte, temos modelos claros na televisão mundial de emissoras que conseguem unir as características intrínsecas à mídia televisiva (velocidade, fragmentação, etc.) com a qualidade no processo de produção, levando em consideração a profundidade aos temas tratados e o respeito, tanto pelos assuntos pautados como pelo público espectador. A BBC de Londres, por exemplo, pode ser citada como umas das emissoras que prezam por esses princípios de qualidade (LEAL FILHO, 1997). A superficialidade dos conteúdos televisivos está vinculada menos com as características do suporte e mais com um tipo de fazer televisão, que tem sido bastante difundido nas empresas televisivas hegemônicas e privadas, especialmente.

Os convidados são especialistas de áreas correlatas aos assuntos pautados no *Linha Direta*, personalidades que falam o óbvio, que simplesmente não acrescentam nada de novo ao debate acerca do problema da violência urbana em nossa sociedade. O que se vê no estúdio do programa são as mesmas discussões de sempre – as mesmas perguntas e as respostas semelhantes – sendo requeitadas e levadas à assistência do telespectador. Machado (1999) alicerça essa posição quando nos diz que:

grande parte dos debates promovidos sob essas circunstâncias é marcado pelo ritmo ferrenho do cronômetro, com perguntas e respostas desferidas à queima-roupa, sem intervalos para pausas, hesitações ou reflexões. A possibilidade de um real diálogo filosófico, nem é preciso dizer, depende muito da conquista de um outro timing televisual, mais livre e mais fluido do que aquele imposto à televisão pela metralhadora de cortes dos spots publicitários.

Os especialistas estão ali para fortificar a credibilidade do programa, para somar à autoridade do real exibido nas cenas da esquete-reportagem. O diálogo empreendido entre o especialista e o apresentador não dá lugar ao improvisado, ao inesperado, à fluidez inerente a uma discussão com conteúdo e tensionamentos. Um está lá simplesmente para corroborar a posição e a fala do outro, como se tudo o que está sendo dito ali já estivesse previamente acordado em um ensaio feitos nos bastidores, de modo a garantir

que nada escape às lógicas televisivas e aos elementos básicos dos debates midiáticos. Sustentando essa reflexão, Oliveira (2003, p. 67) afirma que:

Os media, sobretudo os audiovisuais, servem-se dos ‘experts’ muitas das vezes para dar legitimação à orientação de ‘agendamento’ por eles organizado. [...] São as novas ‘vedetes’ do opinionismo, integradas na estratégia da ‘mercadorização dos media’.

Mais interessante ainda é perceber, a partir da presença desses convidados – psicólogos, psiquiatras, educadores, pedagogos, assistentes sociais, sexólogos, delegados, etc. – no palco do programa, uma intensa exploração do lado patológico dos indivíduos acusados. Grande parte da fala dos especialistas constrói-se no sentido de evidenciar a perturbação mental dos foragidos, categorizando-os como psicopatas, como indivíduos com desvios em seu estado normal provocados por “moléstias”. Essa postura do *Linha Direta* vai ao encontro da já falada descontextualização do fenômeno da violência empreendida pelo programa.

Os crimes pelos quais os indivíduos estão sendo acusados são mostrados como se surgissem do nada, como se fossem descolados de toda uma situação, de toda uma estrutura já institucionalizada que justamente é uma das responsáveis por criar indivíduos violentos. A causa da violência urbana que assola o país e que é retratada na tela da rede Globo por meio do programa seria, então, natural, e não social. Nada mais coerente – para as lógicas do programa e dos debates midiáticos, claro –, então, do que se ouvir na fala desses convidados da atração frases como: “pessoas com este tipo de distúrbio...”, “indivíduos com este grau de psicose...”, sempre se referindo às anomalias genéticas, mas jamais às anomalias sociais da sociedade brasileira. Interessante, sobre isso, quando Correia (2004, p. 164) afirma que “ela [a televisão] pode [...] reproduzir os compromissos estabelecidos, impedindo a problematização crítica da realidade através do recurso a práticas discursivas que insistem na estabilização do que já existe”.

#### **4.9 O estúdio**

As cores utilizadas no estúdio do programa – mais enfaticamente em sua abertura e sua logomarca – são, principalmente, o vermelho e o azul, cores das luzes-

sirenes dos carros de polícia. O vermelho também pode ser lembrado como uma cor quente, intensa e sensorial<sup>72</sup>, que simboliza sangue, luta<sup>73</sup>, luto<sup>74</sup>, e faz com que quase tudo relacionado à violência seja transmitido pela cor vermelha, utilizada também na mídia impressa para este fim.

O estúdio do programa, seguindo o exemplo da vinheta de abertura, passou por algumas transformações ao longo dos anos, deixando para trás uma “roupagem” mais carregada e adotando um visual mais *clean*, uma arquitetura moderna e arrojada – com a utilização do aço, evocando um estilo meio “espacial” (com monitores espalhados pelo cenário, em diversas alturas, com fotos dos envolvidos nos casos da noite), procurando enquadrar-se no movimento evolutivo – que segue uma tendência especialmente norte-americana – dos estúdios de gravação de programas televisivos, principalmente na Globo, que dedica uma atenção especial a isto, como parte de seu “padrão de qualidade”<sup>75</sup>. As cores vermelha e azul, tão características do programa, foram suavizadas e a nuance que chama atenção no estúdio das temporadas 2006 e 2007 é o tom de “gelo”, um azul claro – e até terno – mais neutro e “limpo” e um tom sóbrio de marrom “amadeirado”. O estúdio é dividido nesses dois ambientes, e, conforme a posição do apresentador, o azul ou o marrom aparecem como fundo. Fica nítido, com esse movimento de sobriedade e “limpeza”, uma intenção, por parte da produção do programa, em seguir o estilo do cenário do *Jornal Nacional*, procurando solidificar a imagem de credibilidade do *Linha Direta* vinculando-a à do telejornal mais assistido do país já a partir de seu estúdio, tão logo a atração entre no ar.

---

<sup>72</sup> “Psicodinâmica das Cores”. Disciplina ministrada pelas professoras Lara Espinoza e Liana Timm no curso de comunicação da Unisinos.

Disponível em:

<http://www.comunica.unisinos.br/%7Elara/psicodinamica/>

Acesso em: 17 dez. 2006.

<sup>73</sup> O vermelho costuma ser associado com os movimentos de esquerda de uma forma geral e com o comunismo em particular.

Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vermelho>

Acesso em: 17 dez. 2006.

<sup>74</sup> Representa o luto na Igreja Católica, por analogia ao sangue de Cristo.

Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vermelho>

Acesso em: 18 dez. 2006

<sup>75</sup> Gostaríamos de enfatizar que parte deste padrão e deste modelo de qualidade é importado de emissoras norte-americanas e européias. A Globo muitas vezes segue tendências da cultura midiática ocidental, trazendo idéias, produtos e conceitos experimentados e aprovados no primeiro mundo.

O estúdio também mostra, mas não mais com a veemência de antes, os dois elementos fundamentais para que seja alcançado o sucesso do *Linha Direta*: o número do telefone para ser feita a denúncia e os retratos dos acusados da noite. Dessa forma, são os telespectadores expostos à importância do ato da sua denúncia. Quando o apresentador está em primeiro plano, aparece muitas vezes, intencionalmente, em plano de fundo, os retratos dos foragidos mostrados no programa da noite, como forma de tentar, da maneira mais eficaz possível, divulgar ao máximo aquelas caras pela audiência de todo o país, fixando os rostos e os nomes no público. E antes de cada entrada da vinheta para o intervalo comercial as fotos dos foragidos exibidos na noite são mostradas em tela cheia<sup>76</sup>, com seus nomes escritos embaixo e narrados pelo apresentador. Um detalhe interessante a ser notado é que os rostos dos acusados nas fotos nunca estão rindo. São quase sempre utilizadas fotos onde os acusados estão sérios, e, se possível, com um “ar carrancudo”, uma cara de mau.

Apesar das mudanças na vinheta de abertura e no design do estúdio, o formato do programa continua basicamente o mesmo desde a sua estréia, em 1999, estando as transformações mais vinculadas às questões estéticas.

#### **4.10 “Atestado” de audiência**

Um importante ponto do *Linha Direta* que merece aqui uma análise mais detalhada é a maneira como a atração se utiliza das prisões dos acusados como seu “atestado” de audiência, como uma verdadeira legitimação simbólica do papel do programa na sociedade e na grade de programação da Rede Globo de Televisão.

Um comportamento muito freqüente dos meios de comunicação de massa – e, pode-se dizer, das empresas em geral – é essa busca pelo retorno (o *feedback*) do telespectador, procurando identificar gostos, opiniões, hábitos, etc. Ao contrário do que pode sugerir em um primeiro momento, esse interesse pelo perfil da audiência pode não estar diretamente ligado ao desejo das emissoras em satisfazer suas necessidades. Aliás, está, mas não como um fim, como um mero interesse das empresas em atender aos desejos de seus clientes/telespectadores, procurando agradá-los. Esse interesse no perfil

---

<sup>76</sup> Quando a exibição de algo ocupa toda a tela da televisão.

da audiência e de suas necessidades apresenta-se como um meio, uma maneira de se atingir o objetivo final das emissoras e de qualquer empresa, que é o lucro.

Com isso, desencadeou-se um processo que é a constante busca em se mostrar esse interesse pelo público, em provar para a audiência a eficácia dos “produtos” que são oferecidos pelas empresas de comunicação, num ato contínuo de auto-referencialidade, tão característico na mídia hodierna. É a maneira de conquistar essa fatia de audiência, mostrando que o que está sendo exibido pela emissora é um programa de qualidade reconhecida, e, portanto, merece a atenção do telespectador. Esse movimento de referenciar determinados programas, produzindo uma marca sólida e procurando criar vínculos fortes com os telespectadores, é muito utilizado pelas emissoras, especialmente pela Globo. Parte do sucesso da emissora carioca advém justamente do fato de suas atrações, suas práticas de *merchandising* social, suas premiações, seus sucessos de audiência, etc. serem constantemente pautados dentro da programação<sup>77</sup> e fora dela, nas revistas, jornais e outros veículos de comunicação do Grupo Globo.

Com o *Linha Direta* não poderia ser diferente. O enfoque dado às prisões como conseqüência das denúncias dos telespectadores é tão grande que, em todas as edições do programa, este é aberto com o apresentador falando resumidamente sobre os foragidos presos durante a semana. Algumas imagens dos ex-procurados são mostradas e o apresentador informa que os detalhes das prisões serão mostrados ao final do

---

<sup>77</sup> E não só dentro da programação da Globo. Atualmente os produtos televisivos oferecidos pela emissora carioca são mostrados e debatidos também por outras redes de televisão, como, por exemplo, a RedeTV. A empresa paulista, especialmente nos programas vespertinos, pauta as novelas, os artistas, os *reallity shows*, dentre outras atrações da Rede Globo, que acaba sendo sistematicamente favorecida por esse tipo de publicidade. Vale salientar, no entanto, que a emissora carioca já fez algumas tentativas judiciais de proibir a exibição de imagens de suas atrações e as entrevistas com seu elenco na programação da RedeTV. A mais recente das tentativas foi frustrada, como notícia o *site* do FNDC. “O juiz Sergio Ricardo de Arruda Fernandes, da 21ª Vara Cível do Rio de Janeiro, negou à Globo liminar que proibiria a Rede TV de reproduzir imagens de todos os seus programas e de gravar entrevistas com seus artistas em eventos. [...] Se os pedidos da Globo fossem acatados pelo juiz, boa parte da programação da Rede TV seria afetada, entre eles os femininos e o *TV Fama*, que exploram descaradamente o conteúdo da rede líder, e o *Pânico na TV*. O mesmo juiz já havia proibido a Rede TV, em outubro, de reproduzir imagens de *Big Brother Brasil*”.

Fonte: FNDC

Disponível em:

[http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont\\_key=223336](http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=223336)

Acesso em: 24 jan. 2008.

programa, utilizando-se disso como mais uma arma para prender a atenção do telespectador até o fim da exibição.

No último bloco do programa, após a exibição das duas esquetes da noite, é mostrada novamente, de forma resumida desta vez, a esquete-reportagem que contava a história do crime pelo qual o foragido preso durante a semana é acusado. Após a reexibição da simulação são mostradas cenas da prisão do acusado, com a voz do apresentador dando detalhes da mesma, como, por exemplo, a cidade em que o acusado estava residindo, o local em que este se encontrava na hora da prisão, e a atitude do ex-foragido no momento em que foi detido. Nesse momento é dada a oportunidade de fala aos acusados. No entanto, o momento em si, as imagens, já dizem muito por si só: um indivíduo, cercado de policiais, preso com algemas. Como as palavras ditas por esse sujeito podem ter mais força do que toda a carga simbólica negativa envolta na imagem dele? Finalizando, são mostrados os depoimentos de parentes e amigos da vítima, comemorando a prisão, afirmando que agora podem ter paz, já que o culpado pagará pelo crime cometido.

Segundo Mendonça (2002, p. 19) “A denúncia do telespectador é efetivada e a prisão dos foragidos vai ao ar como atração e como atestado da boa capacidade de atuação do programa”. Todas estas cenas são mostradas como um verdadeiro troféu, mostrando para todo o Brasil a eficiência do programa em atingir plenamente o seu objetivo, de ser um “porta-voz” da sociedade perante a justiça, de exercer seu papel de utilidade pública, de ser mais que um mero meio de comunicação.

A denúncia, por parte do telespectador, que resulta em uma prisão ainda é mais reverenciada caso essa captura tenha sido feita pouco tempo após a exibição do programa. É enfática a voz do apresentador dizendo que o acusado foi preso somente alguns dias após sua história ser mostrada no *Linha Direta* da semana anterior. Torna-se mais acentuada ainda, com um tom quase triunfante, quando o acusado “foi preso em menos de 24 horas após a exibição do programa, graças a você, telespectador, que colaborou com a sua denúncia”. Graças ao telespectador e, claro, ao programa, que presta “este serviço à comunidade”. Também não pode ser esquecido o fato de que a

cada semana o programa recebe cerca de 2000 telefonemas e, a cada mês, cerca de 1500 e-mails<sup>78</sup>.

Torna-se mais óbvia ainda a intenção do programa em atestar sua credibilidade junto ao público espectador e à sociedade quando este faz a contagem dos foragidos presos ao longo dos quase 9 anos de exibição do *Linha Direta*. No *site*<sup>79</sup> do programa na Internet também é mostrado em destaque esse número, que chega a soma de 431<sup>80</sup> acusados capturados. 431 pessoas as quais o programa julga-se responsável, juntamente com a participação da sociedade, pela captura. Esse número serve como uma espécie de mostruário, que atesta a eficácia da proposta do *Linha Direta*, que ratifica essa “cumplicidade” entre a Rede Globo, o programa e o telespectador.

Todos esses dados que envolvem o *Linha Direta* devem atuar como subsídios para nos fazer refletir como números inexpressivos frente ao cenário da criminalidade nacional conseguem ser transformados em eficientes pela produção do programa. Se o Ministério Público tivesse resolvido 431 casos de homicídios e penalizado essa soma de criminosos em quase nove anos seria acusado de falido e incompetente. Quando a Rede Globo, por meio de um de seus programas, ajuda a prender mais de quatro centenas de acusados foragidos é vista como uma emissora que presta um inestimável auxílio à sociedade. O que pesa a favor do movimento midiático vinculado à questão da violência é a visibilidade que a televisão – especialmente uma empresa do porte da Globo, com seu grande poder de penetração – consegue dar aos seus feitos. Os casos resolvidos pela justiça sem a intervenção da mídia não adquirem status de visibilidade. Somente os grandes crimes, envolvendo celebridades ou pessoas da elite brasileira têm seus desfechos, anos depois, noticiados pelos meios de comunicação. À imensa maioria dos episódios de crimes ocorridos e praticados por pessoas comuns resta o ostracismo no que diz respeito aos seus julgamentos. A mídia destaca em sua pauta de assuntos a serem abordados e veiculados as ocorrências de violência sem solução, sem pistas, enfatizando continuamente a impunidade que assola a nação.

---

<sup>78</sup> Fonte: Informativo de programa (pesquisa de mídia. Out/07). Departamento de Marketing do Sistema Verdes Mares de Comunicação, retransmissor da Rede Globo de Televisão no Estado do Ceará.

<sup>79</sup> <http://linhadireta.globo.com/>

<sup>80</sup> Dados do dia 18/01/2008.

É nesse panorama que um programa de televisão que faz, semanalmente, uma contagem de criminosos capturados a partir de sua intervenção consegue adquirir status de utilidade pública e utiliza essa roupagem como justificativa de sua presença na grade de programação. A visibilidade dada à resolução dos crimes, à captura do assassino, ao sentimento de dever cumprido das famílias das vítimas e, principalmente, à parcela de heroísmo oferecida ao telespectador – que atua em prol da justiça ao denunciar o foragido – faz com que um número irrisório de casos solucionados com o auxílio do *Linha Direta* (levando-se em consideração o número de fatos dessa natureza que ocorrem diariamente em âmbito nacional) convertam-se em ações de cidadania praticadas pela Rede Globo. Os milhares de casos que sequer chegam a ser divulgados pela atração (ou porque não foram enviados à produção do programa ou porque foram vetados no processo de seleção das histórias) são menosprezados e o que prevalece é a postura beneficente de uma emissora que interfere no campo da justiça e da polícia – mesmo que não seja esse o seu dever a priori e que essas instâncias não façam parte de sua alçada de atuação – para fazer o papel que ambas não estão sendo capazes de exercer sozinhas, sem o auxílio da mídia.



## 5 A CULTURA DA VIOLÊNCIA E DA CIDADANIA MUDIATIZADAS

Falar de violência, cidadania, globalização, Estado, midiaticização, dentre outros conceitos que são abordados aqui nesta dissertação, é um tanto quanto complicado e complexo. A complicação vem do fato de estarem essas palavras extremamente difundidas na sociedade e de serem citadas a todo o tempo pelo senso comum. Poucos termos são tão ouvidos atualmente, sob os mais variados enfoques e perspectivas, quanto violência, mídia e globalização, por exemplo. Essa fala superficial, proferida por uma série de “especialistas”, produziu uma sensação de que muito se diz e pouco se sabe, quando se procura trazer essa abordagem para a ótica do campo científico. As coisas realmente estão aí, alimentando o discurso – muitas vezes preconceituoso, difundido tanto pela mídia como pelas elites – do senso comum. A violência a cada dia faz mais vítimas e difunde uma cultura do medo, a globalização avizinha-se de forma veloz de nosso cotidiano – quer coisa mais globalizada do que um simples cartão de plástico com o qual você faz compras e paga contas? Isso é simplesmente a “substituição” (a longo prazo, claro) do dinheiro de papel, aquele que nos acompanha há tanto tempo. Daqui a alguns anos as “ancestrais” carteiras de dinheiro, que tanto pesam no bolso de nossas calças, darão lugar a um simples e compacto compartimento onde caberão somente o cartão e os documentos pessoais, e, num futuro não muito distante, será substituída por um chip, no qual serão armazenados todos os nossos dados – e a mídia, bem, a mídia passou a ser o centro de todas as atenções. Há hoje um verdadeiro “midiacentrismo”, estando esse campo social – o campo das mídias – na “boca do povo”. Tem gente que pode não ter o que vestir, mas, com certeza, possui um aparelho de televisão em casa e se acha o maior dos *experts* no assunto.

Nosso trabalho também é complexo, uma vez que não estamos aqui para repetir o discurso do senso comum. O papel do pesquisador das ciências sociais e humanas é exatamente o de aprofundar os conhecimentos, problematizá-los, confrontá-los, distanciando-se da fala aprisionada e da visão pequena de especialista. O olhar do estudioso da comunicação é sinóptico. Ele vê as coisas em circularidades, em confluências, em articulações, em diversas dimensões e contextos, e não somente num sentido linear de causa-efeito, tão caras às abordagens simplificadas e levianas.

É exatamente esse olhar sinóptico do cientista da comunicação que vê violência, globalização, midiaticização, Estado e cidadania como elementos que formam um grande conjunto, uma grande massa de bolo, onde fica difícil separar quem é quem, o quê implica no quê. Os conceitos problematizados neste trabalho não são estanques, por isso a extrema dificuldade em analisá-los em separado.

Com objetivos didáticos, na tentativa de facilitar a leitura da dissertação aos interessados, assumimos o risco e optamos, então, por trabalhar este grande conjunto teórico em tópicos e sub-tópicos. Procuramos, num sentido de dar ordem ao caos, explicitar os conceitos e as temáticas numa espécie de linha histórica (pelo menos no início do capítulo), problematizando-os e trazendo-os à discussão a partir de uma perspectiva temporal. Fica enfatizado, desde já, que todas essas questões que são abordadas aqui se interpenetram, se mesclam, estão profundamente imbricadas. E muitos dos eventos ocorrem de forma concomitante, sendo o encadeamento proposto aqui somente uma forma de tornar a apreensão das temáticas e a leitura do trabalho mais acessíveis. A ênfase, portanto, se dá nas retroalimentações, na maneira como violência, mídia, globalização, Estado, cidadania se articulam intrinsecamente, formando um todo complexo.

### **5.1 A violência – uma perspectiva histórico-social**

Uma palavra que possivelmente definiria bem os nossos dias é *violência*. Talvez poucos termos – se é que não podemos falar em nenhum – se encaixem tão perfeitamente para definir, enquadrar, situar e fazer transparecer uma era. Poucas palavras fazem parte de nosso dia-a-dia de uma forma tão intensa e presente quanto violência e seus derivados. Não há um dia sequer em nossas vidas – vividas nessa sociedade contemporânea onde todos os nossos tradicionais referenciais de civilização parecem estar sendo postos à prova ou esfacelando-se – em que não deparamos com situações onde a violência esteja presente. Na rua, no trabalho, nas relações familiares, e até nos mais singelos momentos de diversão, quando, por exemplo, somos obrigados a pagar cinco, dez reais para estacionar o carro em um parque, ou em outro lugar qualquer, para brincar com nossos filhos. Se ficarmos trancados em casa – e aí, aparentemente, parece que nos protegemos do mundo violento lá de fora – e ligarmos a televisão ou o rádio, ou abrirmos o jornal, simplesmente para nos distrair, ou para nos

informar, mais uma vez a violência chega até nós, através da mídia, pois, como afirma José Vicente Tavares dos Santos<sup>81</sup>, “a violência está difusa e institucionalizada em nossa sociedade”. Dada essa disseminação da cultura da violência em todos os estratos de nosso mundo, sua relação com a esfera midiática não poderia ser diferente, tendo o crime “lugar ‘cativo’ em praticamente todos os meios de comunicação social”<sup>82</sup>

Vincular a violência somente à contemporaneidade, deixando transparecer aí um certo tom saudosista das épocas áureas de tranquilidade de um passado feliz que não volta mais é uma falácia. A violência é um fenômeno muito antigo, que acompanha toda a história da humanidade, desde as comunidades mais primitivas. Na Roma antiga já se cultivava o hábito das lutas, onde os gladiadores levavam milhares de pessoas às Arenas para acompanhar e vibrar com o espetáculo exacerbado da violência. A violência imposta pelos impérios coloniais europeus às nações dominadas é outra prova de que este fenômeno faz parte da história do mundo e de todo o processo de evolução das sociedades (HOBSBAWM, 1995). Como esquecer a violência pela qual passou o negro africano, forçado a deixar seu território e vendido como mercadoria durante a exploração européia ao seu continente? E aqui mesmo, no Brasil, há longínquos cinco séculos, como não lembrar da maneira como foram violentados, dizimados e completamente expropriados de suas vidas os índios que aqui habitavam antes da chegada dos portugueses? E a violência das duas guerras mundiais, que dizimaram dezenas de milhões de indivíduos, muitos dos quais civis, e obrigaram um sem-número de pessoas a deixarem seus territórios? E o período escravocrata, que deixou marcas de exclusão e racismo que perduram até os nossos dias, estigmatizando a raça negra? E a ditadura militar, que fez tantas vítimas de tortura<sup>83</sup>, resultou em inúmeras mortes e

---

<sup>81</sup> Em aula ministrada na disciplina “Sociologia da Conflitualidade”, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 15 de maio de 2007.

<sup>82</sup> “Crime e TV”. Revista do ILANUD – Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e do Delinqüente. N. 13, 2001, p. 11.

<sup>83</sup> É importante destacar que a tortura não ficou restrita aos períodos de exceção, mas continua sendo praticada na contemporaneidade. Segundo relatório publicado por ONGs como o grupo *Tortura Nunca Mais*, em 2000, foram documentados 1631 casos de tortura e mais de quatro mil informalmente, apenas no estado de São Paulo. As vítimas de maus-tratos são principalmente jovens, negros e de baixa renda, em instituições prisionais e na Febem – Fundação do Bem-Estar do Menor, como forma de intimidação ou para que se obtenha a confissão de crimes.

Fonte: USP Online: A tortura ainda é praticada no Brasil, mostram relatórios.

Disponível em:

[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=595&Itemid=29](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=595&Itemid=29)

Acesso em: 21 jan. 2008.

deixou profundas seqüelas para o desenvolvimento democrático das nações, especialmente na América Latina, para trazer para um contexto mais próximo a nós?

Como expusemos acima, a violência é um fato antigo, que tem suas causas localizadas nos primórdios da civilização. A violência que se observa hoje, especialmente a urbana, a qual será tratada aqui mais detidamente, não é outra coisa senão uma conseqüência (potencializada por diversos outros aspectos confluindo numa mesma direção) dessa violência institucionalizada durante séculos pelos poderes dominantes e naturalizada pelo restante da população. É um fator tão intrínseco à história do homem que se pode dizer que a própria história tem na violência uma importante marca. É relevante trazer essa sucinta contextualização histórico-social do fenômeno para podermos situar a violência como uma microfísica, uma “questão social mundial” (TAVARES DOS SANTOS, 2002), e não relativa especificamente a esse ou aquele contexto, a essa ou aquela região do planeta.

Não há como iniciar uma discussão sobre violência sem vinculá-la primeiramente à noção de agressividade. O processo civilizador pelo qual passou a sociedade fez com que fossem controlados determinados rompantes de violência por parte dos indivíduos. Foram sendo instituídas regras, limitações, proibições e alguns costumes foram sendo adotados, num sentido de evitar-se a barbárie generalizada e descontrolada e de conter os atos de violência dos períodos pré-históricos, especialmente a violência física. O percurso civilizador, no entanto, não consegue superar e conter uma agressividade que é inerente à condição humana. Agressividade que encontra na violência uma forma de catarse. A partir da teoria de Freud, Tavares dos Santos (1995, p. 286) nos diz que:

a violência [...] seria uma parte da pulsão de morte – a parcela da agressividade não reprimida pelo superego e nem introjetada como culpabilidade, tampouco sublimada como criação – que se dirige para um outro, com o recurso à força ou à coerção, de modo a causar dano físico ou simbólico.

Com o processo civilizador a barbárie dos homens das cavernas, de fato, foi controlada, dando, no entanto, lugar a uma espécie de “neo-barbárie contemporânea”, proporcionada por uma estruturação da sociedade que tem como base a desigualdade, a exclusão e o empobrecimento, sem falar no esgarçamento das relações sociais, das

noções de confiança e de reciprocidade (PUTNAM, 2002). Harvey (1993, p. 17) acrescenta, afirmando que “a interação social passa a ser marcada por estilos violentos de sociabilidade, invertendo as expectativas do processo civilizatório”. Todos esses fatos, em conjunto, passam a gerar diversos tipos de conflitos, resolvidos por meio do poder e da violência. Segundo Michaud (1989, p. 11), existe violência quando:

numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Fischer (1992) nos fala da coerção, na produção de um dano ao outro como elemento fundamental nas relações sociais pautadas na violência. Essa prática violenta, inserida numa extensa rede de dominação de vários tipos – classe, gênero, etnia, etc. – resulta numa complexa teia de exclusões. Acerca dessa relação com a exclusão social, Odalia (1991, p. 30) nos diz que “o ato rotineiro e contumaz da desigualdade, das diferenças entre os homens, permitindo que alguns usufruam à saciedade o que à grande maioria é negado, é uma violência”.

Para Moraes (1990, p. 79) “A violência é típica do ser humano. Ao longo de toda a história ela se tem feito presente. Ela sempre se originou de necessidades e interesses antagônicos geradores de um clima de disputa, de medição de forças”. Como a história das sociedades sempre foi pautada nas desigualdades entre os homens, nas disputas entre ricos e pobres, dominantes e dominados, incluídos e excluídos do jogo do poder, o que Odalia e Moraes dizem corrobora com a visão de que a história humana foi e é construída em conjunto com a cultura da violência.

O intrínseco vínculo entre humanidade e violência deve ser, no entanto, ponderado na visão de Engels (s.d.), que trabalha a violência sob uma perspectiva marxista, relacionando-a à economia e aos modos de produção. A violência, para este autor, não deve ser pensada como uma característica imanente à natureza humana, como algo dado desde o início. Ela deve ser tomada como fruto do livre arbítrio, como consequência do momento social vivido pelos indivíduos, do contexto econômico no qual estão inseridos. Segundo Tondato (2004, p. 25), “a violência não é um simples ato de vontade, exigindo condições prévias para manifestar-se”.

Uma outra visada sobre a cultura da violência relaciona-a intimamente ao poder. A violência, segundo esta corrente, se perpetuaria através do poder – mais especificamente através do excesso de poder (TAVARES DOS SANTOS, 1995) –, e se vivemos em uma sociedade onde o poder não é mais somente exercido de cima para baixo, mas é descentralizado e difuso, ou seja, está inserido na cotidianidade das relações sociais – no trabalho, na família, na vizinhança, no agir em grupo, na sexualidade, etc. – (FOUCAULT, 1979), conseqüentemente temos a violência interpenetrando todos os espaços de nossa vivência, intrinsecamente ligada ao nosso cotidiano, efetivamente fazendo parte de nossa cultura.

Arendt (2001) tem uma visão oposta à explicitada acima sobre a relação entre violência e poder. Para esta autora, violência e poder são conceitos opostos. Com o esfacelamento da possibilidade de atuar em conjunto, como grupo, o indivíduo moderno necessita de instrumentos para aumentar o vigor – que é uma característica individual –, resultando em formas violentas de agir. Arendt (op. Cit) afirma que o poder faz parte de qualquer comunidade política, e que resulta da capacidade humana para agir em conjunto, necessitando, portanto, do consenso de muitos. “Poder consegue obediência pelo consentimento, violência só consegue obediência através do uso do implemento” (ARENDRT, 2001, p. 35). Acerca de poder e violência, o esvaziamento de um reforça a existência do outro.

No verbete encontrado no Dicionário Aurélio Buarque de Holanda<sup>84</sup> encontramos: **Violência**. (Do lat. Violentia.) *S. f.* **1.** Qualidade de violento. **2.** Ato violento. **3.** Ato de violentar. **4.** *Jur.* Constrangimento físico ou moral; uso da força, coação. Já no Dicionário Houaiss<sup>85</sup>, encontramos, também: **1.** exercício injusto ou discricionário, ger. ilegal, de força ou de poder. **2.** cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania. **3.** dano causado por uma distorção ou alteração não autorizada.

Para o Dicionário de Direitos Humanos<sup>86</sup>, violência significa todo e qualquer ato que atente à dignidade, à liberdade e à integridade física e psíquica do indivíduo,

---

<sup>84</sup> Dicionário eletrônico Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>85</sup> Dicionário eletrônico Houaiss.

<sup>86</sup> Visualizado no *site* “DHNET – Direitos Humanos na Internet”.

produzindo-lhe dor, sofrimento ou qualquer forma de limitação ao seu bem-estar ou ao exercício livre de seus direitos. Corresponde às ações que concorrem para a exclusão de pessoas da vida econômica, política e social de uma determinada comunidade. São varias as formas e as causas da violência, por isso se fala em violências.

É imprescindível que percebamos, apoiados, por exemplo, no que já foi dito pelos dicionários Aurélio, Houaiss e de Direitos Humanos, bem como pelos autores resgatados acima, que violência não se restringe ao uso da força, da bala de revólver, da ameaça explícita, como muitas vezes o senso comum nos faz pensar. E não só o senso comum, pois vemos recorrentemente o senso sistêmico, com formação intelectual e técnica, apoiando o genocídio, a repressão e a violência social como alternativas louváveis de gestão empresarial e governamental. Mas o que devemos ter em mente é que a violência pode estar presente em várias situações do cotidiano da sociedade, muitas vezes, no entanto, sem sequer se fazer perceber. Consideramos aqui como violentas todas as práticas de interação que causem danos, sejam eles físicos, morais, materiais, simbólicos ou culturais.

Devemos ter em mente que violência não é somente aquilo visível a olho-nu, aquilo que deixa marcas estéticas no corpo, como uma guerra, por exemplo. Violência é algo muito mais complexo, que comporta uma série de tipificações, e que pode se manifestar de diversas maneiras diferentes dentro da sociedade, da família, dos diversos grupos em que o indivíduo esteja inserido, sendo a violência física só mais um tipo dentre tantos.

Diante do enunciado, faz-se então necessária uma sucinta exposição de diversos tipos de violência<sup>87</sup> as quais o indivíduo pode estar exposto na sociedade contemporânea.

---

Disponível em:  
<http://www.dhnet.org.br/interagir/dicionario/index.html>  
Acesso em: 25 jan. 2008.

<sup>87</sup> Algumas das exposições dos tipos de violência expostos aqui foram retiradas de trechos das falas da socióloga Inês Sílvia Vitorino Sampaio e da filósofa Sandra Helena de Souza, ambas ministrando a palestra “Violência, Mídia e Responsabilidade Social” apresentada na “Semana de Ciências Sociais” da UNIFOR, cujo tema era “Violência e Sociedade”. Fortaleza, 24 de novembro de 2003.

### **5.1.1 Tipos de violência**

#### **Violência Estrutural ou Cultural**

Atuação das classes, grupos ou nações econômica ou politicamente dominantes, que se utilizam de leis e instituições para manter sua situação privilegiada, como se isso fosse um direito natural. Refere-se às condições extremamente adversas e injustas da sociedade para com a parcela mais desfavorecida de sua população. Ela se expressa pelo quadro de miséria, má distribuição de renda, exploração dos trabalhadores, crianças abandonadas nas ruas, falta de condições mínimas para a vida digna, falta de assistência em educação e saúde. Segundo Odalia (1991), alguma de suas manifestações são a discriminação de diversos grupos sociais pelo gênero, raça, etnia, religião, orientação sexual e a própria aceitação de desigualdades como a pobreza, o sexismo e o racismo como algo natural.

#### **Violência Sistêmica**

Prática resultante do autoritarismo, que se tornou profundamente enraizada, apesar das garantias democráticas tão claramente expressas na Constituição de 1988. Suas raízes, no Brasil, encontram-se no passado colonial. Ainda hoje as manifestações da violência sistêmica são inúmeras, e o Estado tem se mostrado bastante ineficaz no combate à tortura legal e aos maus-tratos aos presos, bem como à ação dos grupos de extermínio. Constantes violações dos direitos humanos permanecem, na maioria dos casos, impunes. As dificuldades e a burocracia no longo processo de implementação da lei, além da complicação em aplicá-las de fato (e a as desigualdades na aplicação), enfraquecem a vigência e dificultam o fortalecimento da legitimidade do governo democrático como promotor da cidadania. As desigualdades nas práticas judiciais corroboram e fortalecem um sistema violento, que privilegia alguns em detrimento de outros, que sequer tem acesso à assistência jurídica decente. Segundo Foucault (1999, p. 35), é “evidente que é segundo a classe à qual se pertence, segundo as possibilidades de fortuna, segundo as posições sociais que se obtém a justiça. A justiça não lhe é atribuída do mesmo modo”.



## **Violência Direta ou Física**

Ações e delitos, que se mostram na forma direta, em agressões, golpes, nas mais diversas formas de agressões físicas, “contra as pessoas cuja vida, saúde e integridade corporal ou liberdade individual estão em jogo” (CHESNAIS, 1993, p. 12). Fischer (1992, p. 7) acrescenta dizendo que este tipo de violência “pode ser definido como o atentar direto, corporal, contra um indivíduo, e se reveste de um triplo caráter: brutal, exterior e doloroso”.

## **Violência Doméstica**

Abuso do poder exercido pelos pais ou responsáveis pela criança ou adolescente. Existem vários tipos de violência doméstica: violência física (bater, empurrar, chutar), violência psicológica (xingar, humilhar, agredir com palavras), o abuso sexual, a negligência e o abandono. Em termos estatísticos, no Brasil, cerca de 70%<sup>88</sup> dos casos de violência contra crianças e jovens têm os pais como agressores. Essas agressões, em geral descontroladas, são consideradas como medidas de educar e disciplinar, próprias do abuso do poder exercido pelos pais. No entanto, com frequência, tais “medidas educativas” ultrapassam o razoável e tornam-se atos violentos exercidos pelos progenitores dos indivíduos afetados. Para completar esse quadro, cabe ressaltar que a violência contra as mulheres<sup>89</sup> tem cifras alarmantes e crescentes, e que o maior número de casos ocorre contra meninas e mulheres, dentro de suas próprias casas, pelas mãos de seus pais ou padrastos e maridos ou companheiros. Esse tipo de prática violenta ainda encontra espaço – e aceitação – em sociedades patriarcais como a nossa.

---

<sup>88</sup> Fonte: DHNET – Direitos Humanos na Internet.  
Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/violencia/violencia.html>  
Acesso em: 21 jan. 2008.

<sup>89</sup> A socióloga Wânia Pasinato Izumino, do Núcleo de Estudos da Violência (NEV), vinculado à Universidade de São Paulo (USP), em sua pesquisa de doutorado, acompanhou o desdobramento judicial dos registros policiais de três delegacias de defesa da mulher na capital paulista, entre os anos de 1996 e 1999. Nessas delegacias os crimes de lesão corporal e ameaças entre casais chegam a corresponder a 80% das ocorrências registradas.  
Fonte: Com Ciência: Mulheres não são vítimas passivas da violência  
Disponível em:  
[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1454&Itemid=29](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=1454&Itemid=29)  
Acesso em: 21 jan. 2008.

## **Violência Policial**

Uso da força física contra outra pessoa de forma ilegal, não relacionada ao cumprimento do dever legal ou de forma proibida por lei. A análise das formas de controle da violência policial no Brasil revela que inexitem, ou são débeis, os mecanismos voltados para o controle do uso irregular ou pouco profissional da força física pelos policiais. Esse controle seletivo da violência não é acidental, mas está associado à distribuição extremamente desigual do poder político na sociedade brasileira. Durante o regime autoritário (1964-1985), o governo federal promoveu claramente – ou tolerou – a violência policial como um instrumento de autoridade política, mais especificamente de controle da oposição ao regime autoritário. Embora essa modalidade de uso da violência policial tenha diminuído, ainda não desapareceu, passando a ser usada, sobretudo, como instrumento de controle social e, mais especificamente, como instrumento de controle da criminalidade.

A violência policial é um tipo de violação dos direitos humanos que preocupa cada vez mais os cidadãos, porque é praticada por agentes do próprio Estado, que teriam, teoricamente, a obrigação constitucional de garantir a segurança pública, proporcionando à sociedade confiança quanto ao domínio sobre a criminalidade. Os casos de violência policial alimentam, de forma bastante expressiva, um sentimento de desbordo e insegurança que dificulta qualquer tentativa de controle, podendo também contribuir para a escalada de outras formas de violência.

## **Violência Política**

Segundo Odalia (1991), essa prática de violência assume formas as mais diversas: pode ser um assassinato político, a invasão de um país por outro (também uma forma de violência militar), o desaparecimento de opositores, legislação eleitoral que fraudava a opinião pública, leis que não permitem às classes sociais, especialmente o operariado, organizar seus sindicatos e associações. Michaud (1989, p. 26) complementa, afirmando a violência política como a “violência acionada para estabelecer o poder político, mantê-lo e fazê-lo funcionar [...] ou renovar a sociedade”. Pode se converter numa tentativa, a todo custo, de repreender e violar preferências contrárias as do grupo situado no poder.

## **Terrorismo**

Em suas muitas manifestações, o terrorismo é um dos pesadelos da civilização moderna, por seu componente de irracionalidade, pela amplitude de suas conseqüências e pela impossibilidade de prevenção. Sua motivação varia de convicção política à ânsia pessoal de afirmação, mas o resultado é sempre a morte, a mutilação e a destruição em grandes proporções. Terrorismo é o uso sistemático do terror ou da violência imprevisível contra regimes políticos, povos ou pessoas para alcançar um fim político, ideológico ou religioso. É caracterizado como uma concepção mecânica de tomada de poder com a utilização de diversas possibilidades técnicas, como explosivos e armas de mão. No entanto, o terrorismo mundial sofre uma profunda alteração de estrutura e organização a partir do evento do ataque às Torres Gêmeas, em setembro de 2001, principalmente no que concerne ao seu estreito vínculo com os elementos midiáticos postos em ação na divulgação das imagens do espetáculo de horror (MELO NETO, 2002).

## **Violência Simbólica ou Institucionalizada (Invisível)**

É caracterizada por aquelas formas de violência “de caráter quase invisível [...] cujas ações danosas podem obstruir o desenvolvimento do potencial humano” (VAN SOEST *apud* SILBERMAN e LIRA, 1998, p. 34). São disputas que dizem respeito aos projetos de nomeação, à forma como as pessoas classificam os outros indivíduos, os outros grupos e categorias sociais. Se expressa através do preconceito, das imagens e de formas extremamente sutis de violência. É uma forma peculiar de violência, porque, segundo Bourdieu (1989), as pessoas que a praticam e, com mais freqüência, as que recebem este tipo de violência, não a percebem como tal, portanto não reagem a este tipo silencioso. Podemos citar como tal, a violência praticada contra a mulher e sua exposição vulgarizada; a exclusão do negro na sociedade; a exposição do indivíduo, desde a infância, a hábitos de consumo por parte da mídia, entre outras formas mais ou menos implícitas.

Tondato (2004, p. 39) considera três tipos de manifestação da violência:

(1) o ato violento individual, concretizado em estupros, assassinatos em série que seriam produtos de patologias [...], (2) o ato violento social, exemplificado por seqüestros e latrocínios, seria produto da busca pela igualdade, por aqueles que se sentem injustiçados em uma sociedade de consumo [...] e (3) o ato violento institucionalizado, do qual as guerras são o produto mais acabado, produto da busca pelo poder político-econômico.

Após essa abordagem dos contextos da violência, procurando situá-la como um elemento não característico de uma determinada época especificamente, mas como uma cultura que se desenvolve ao lado e ao longo da história da humanidade; de dar visibilidade a alguns sinais dessa relação – tão profunda atualmente – entre o campo das mídias e a violência; além de resgatar as principais tipificações e formas de manifestações do fenômeno em nossa sociedade, agora continuaremos a ver que a violência e o medo e, principalmente, sua apropriação espetacularizada pela mídia, vêm se instituindo em nosso meio já há muito tempo, tendo sido o final do século XIX e o início do XX, momento marcado pelas mudanças proporcionadas pelas configurações sistêmicas e culturais, um período propício a essa consolidação.

## **5.2 Imprensa sensacionalista – o caos moderno ganha visibilidade**

Já dissertamos, no início deste trabalho, acerca da ênfase na espetacularização, na década de noventa, como contextualização para o surgimento dos programas televisivos voltados para uma abordagem sensacionalista da violência, especificamente o *Linha Direta*. Discorreremos sobre as bases sociais, políticas e econômicas que propiciaram esse momento singular nos últimos anos do século XX, tendo em mente, porém, que ele é um fenômeno bem mais antigo, e que necessita de uma especial atenção desde seus primeiros sinais. Agora procuraremos fazer um resgate histórico acerca do processo pelo qual passou a sociedade e que culminou com o interesse pelo sensacional.

A sociedade de fins do século XIX e início do XX passava por uma fase de intensas transformações, ocasionadas especialmente por fatores como a industrialização, a urbanização e a modernização. A dinâmica das cidades se alterava com uma velocidade constante, provocada pelo progresso, proporcionando um novo ritmo de vida aos habitantes das metrópoles em formação. O indivíduo passava por intensas mutações

na sua forma de se relacionar com o espaço urbano, onde todo ele, naquele momento, parecia se reconfigurar de uma forma distinta. Segundo Singer (2001, p. 116), “a modernidade implicou um mundo fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana”.

A modernidade teve a turbulência como elemento configurador. Barulhos, tráfego intenso, painéis, sinais de trânsito, publicidade, vitrines e tudo mais que compunha a cidade moderna fez com que o indivíduo deparasse com uma nova intensidade de estimulação sensorial. “A metrópole sujeitou o indivíduo a um bombardeio de impressões, choques e sobressaltos. [...] A modernidade, em resumo, foi concebida como um bombardeio de estímulos” (Singer, op. Cit, p. 116). Isso tudo tem como consequência que o homem moderno começa a se acostumar a esse violento choque de estímulos e passa a querer, a necessitar de mais estímulos do tipo para gerar reações. Segundo Sontag (2003, p. 23-24), “a caçada de imagens mais dramáticas [...] orienta o trabalho [jornalístico] [...] e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor”. Seguindo o exemplo do antibiótico que passa a não mais fazer efeito quando muito utilizado pelo organismo, o homem necessita de uma estimulação cada vez mais intensa, para que ela supere a estimulação anterior, a qual ele já estaria “acostumado” e com a qual não vincularia uma resposta.

É nesse cenário que surgem os jornais e os *cartoons* sensacionalistas<sup>90</sup>, solidificando a abordagem espetacularizada aos fenômenos da modernidade e seus efeitos “nefastos” à humanidade. A quantidade de pessoas nas ruas, o intenso movimento de bondes e, posteriormente, de automóveis, os crescentes acidentes de trabalho ocasionados pelas novas maquinarias, os riscos que a nova arquitetura de moradias populares trazia aos seus usuários, enfim, uma série de novos fatores trouxe uma sensação de medo contínuo no ambiente moderno. Recorrendo à Singer (2001, p. 127), faz-se necessário citar sua afirmação de que “a morte não natural [...] também havia sido uma fonte de medo nos tempos pré-modernos [...], mas a violência, o caráter

---

<sup>90</sup> Especialmente os jornais e *cartoons* norte-americanos do final do século XIX e início do XX, tais como *Life*, *Whirl*, *New York World*, *The Standard*, dentre outros.

repentino e aleatório [...] da morte acidental na metrópole parecem ter intensificado e focalizado esse medo”. Todas as transformações sociais ocorridas com a modernidade fazem surgir, também, um medo do outro, alicerçados e fortificados pelo medo milenar do estranho, do diferente, do invasor, do rival, etc. Segundo Lagrange (1995, p. 219),

a heterogeneidade social e étnica de unidades urbanas afeta às vezes a existência de valores comuns. [...] A heterogeneidade de valores e o distanciamento cultural induzem os grupos sociais fragilizados pelo desemprego, pela desconfiança e por sentimentos de frustração a ver no outro uma ameaça.

O medo, a morte e a violência na sociedade moderna serviram como pano de fundo para o realce da imprensa sensacionalista, que cobria recorrentemente, com um apelo espalhafatoso, todos os tipos de incidentes ou acidentes que pudessem ocorrer na metrópole moderna, num movimento de atualização do que já acontecia nas tragédias gregas ou chinesas, por exemplo. A “imprensa amarela”<sup>91</sup> se consolidava desde o início do século XX porque o sensacionalismo grotesco fazia vender jornais e o suspense surgia como a tônica da modernidade. A morte funcionava – e essa afirmação ainda cabe nos dias de hoje – como matéria-prima primordial para o jornalismo, constituindo um efeito de catarse no público leitor. Enquanto penso na morte do outro, não penso na minha; enquanto a desgraça acontecer com o outro e não comigo, tudo bem. Segundo Singer (op. Cit, p. 133):

A imprensa ilustrada empregava linguagem bombástica. Isso não surpreende, uma vez que a imprensa tinha um óbvio interesse comercial em retratar o mundo com um tom drástico. Afinal, clamor público e emoções fortes, e não o realismo cotidiano rotineiro, vendiam jornais.

Enfim, as bases do sensacionalismo na imprensa remontam ao início do século passado, profundamente marcado pelos processos de urbanização na modernidade. Vejamos agora como todos esses movimentos e transformações das dinâmicas sociais se aprofundam ainda mais quando as empresas comunicacionais e a imprensa passam a se constituir sob a forma de organizações midiáticas e o fenômeno da midiaticização passa a

---

<sup>91</sup> A imprensa amarela desenvolveu-se nos Estados Unidos entre as décadas de 1890 e 1900. “Era um mundo ainda sem TV e poucas alternativas de lazer” (Angrimani, 1995, p. 21). “A imprensa amarela [...] deixou pegadas que foram e continuam sendo seguidas quando se deseja fazer um jornal sensacionalista” (idem, p. 22).

entrecruzar as formas de vida na sociedade contemporânea, fertilizando um terreno propício ao desenvolvimento da cultura da violência em nossa sociedade.

### 5.3 O fenômeno da midiaticização

Apesar de uma série de correntes tratarem o conceito de midiaticização de formas distintas e controversas – falando, até mesmo, em era pós-midiática –, temos em conta, na articulação desta pesquisa, que a midiaticização tem dado seus primeiros sinais mais evidentes na década de 1980, época em que uma profusão de mudanças acontece na sociedade. Na verdade, trata-se de um fenômeno mais antigo – indícios do processo podem ser vistos desde os anos 1960 –, mas que vem a se delinear mais claramente nesse momento de reconfigurações que foram os anos 1980. Uma conjuntura de acontecimentos que vêm se desenrolando e tem seu “desabrochar” nesse período, tais como a consolidação do sistema capitalista, a expansão da globalização e o desenvolvimento dos avanços tecnológicos – com uma especial ênfase no aprimoramento do setor informático, especialmente a Internet, a partir dos anos 1990 –, provoca uma série de transformações em nossa sociedade contemporânea.

Segundo Capparelli e Lima (2004, p. 11):

A palavra globalização teve sua origem nas *business schools* norte-americanas no começo dos anos 80. [...] Não há um acordo sobre o seu significado e muitos autores, sobretudo europeus, para expressar criticamente o mesmo processo, utilizam outra palavra – mundialização.

Como consequência dessas mudanças, uma série de paradigmas, já em processo de transformação, tem acelerada a velocidade dessas alterações. Heterogeneidades e fragmentações atingem seu auge, linearidades cedem espaço para descontinuidades, enfim, um cenário novo se descortina. Acerca da “idade mídia” (RUBIM, 2001), Antônio Albino Canelas Rubim nos oferece um panorama no qual traça as principais transformações ocorridas em nossa sociedade atravessada pelo fenômeno da midiaticização. Segundo ele, a experiência pessoal passa a ser vivida

1. como mestiçagem de espaços geográficos eletrônicos, conectados em rede através das potencialidades inscritas nas diferentes mídias,

[...]; 2. como hibridização de convivências – vivências em presença – e televivências – vivências à distância possibilitadas por redes tecnológicas; 3. como conjunto de estoques culturais locais e globais, tão bem sintetizados na expressão glocal (RUBIM, 2003, p. 109).

Vieira (1998, p. 71) complementa, afirmando que:

A globalização redimensionou as noções de espaço e tempo. Em segundos, notícias dão a volta ao mundo, capitais entram e saem de um país por transferências eletrônicas, novos produtos são fabricados ao mesmo tempo em muitos países e em nenhum deles isoladamente. Fenômenos globais influenciam fatos locais e vice-versa.

Com o advento da tecnologia, então, novas formas e possibilidades de sociabilidade se fazem presentes. Assim, as relações interpessoais abrem um grande espaço para as relações via rede; o vínculo perde espaço para o fluxo; as distâncias diminuem e países separados por milhares de quilômetros se aproximam com as fibras óticas e com os satélites; enfim, o planeta se torna pequeno e o tempo das pessoas e das coisas se torna acelerado. Interessante quando Gumbrecht (1998) nos fala da “situação pós-moderna”, intrinsecamente ligada e em muito proporcionada pelos fenômenos da midiaticização. Para este autor, essa situação seria composta por outras temporalidades sociais, ou seja, por uma espécie de inchaço do presente; uma destotalização, que se refere à dissolução de fundamentalismos e à distância do concreto e do histórico; e uma desreferencialização, ocasionada pelo desvanecimento dos nacionalismos, da xenofobia, etc. Mas o que temos observado com relação ao fundamentalismo e à xenofobia, no entanto, é justamente o contrário daquilo proposto por Gumbrecht. A aproximação dos diversos povos por meio das novas tecnologias de comunicação, pelo menos até agora, não tem feito diminuir as posturas fundamentalistas e as atitudes xenófobas. Provas disso são o constante medo do terrorismo e as diversas práticas de racismo e preconceito ao outro, ao diferente.

Trata-se a comunicação midiática de um estágio – condicionante e alternador das formas de vida tradicional, como percebemos a partir de Sodré (2002) – da comunicação. Estágio no qual a mídia passa a mediar ainda mais as relações humanas – cada vez menos feitas face-a-face – e a experiência pessoal passa a ser intercambiada pela técnica. A mídia, aliada a esta técnica, deixa de ser apenas auxiliar para se tornar o cerne da questão. Interessante quando Hardt e Negri (*apud* Capparelli e Lima, 2004, p.



12) nos dizem que “as comunicações não apenas expressam como organizam o movimento da globalização. Elas organizam o movimento multiplicando e estruturando as interconexões através das redes”. Sobre isso, se faz de fundamental importância que citemos Sodré (op. cit., p. 21), quando ele diz que “tudo isto, associado a um tipo de poder designável como ‘ciberocracia’, confirma a hipótese, já não tão nova, de que a sociedade contemporânea (dita ‘pós-industrial’) rege-se pela midiatização”.

Falando de midiatização é relevante que nos detenhamos, também, acerca do campo das mídias. Não há, aqui, como não resgatar Rodrigues (2000, p. 202), quando ele afirma que:

o campo dos media é a instituição que possui a competência legítima para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer a hierarquia de valores, assim como o conjunto de regras adequadas a respeito desses valores, no campo específico da mediação entre os diferentes domínios da experiência sobre os quais superintendem, como vimos, na modernidade, os diferentes campos sociais.

Ou seja, trata-se o campo midiático de um mobilizador de outros campos sociais, atuando na interação entre esses demais campos e promovendo diálogos. O campo das mídias pode ser pensado como um gestor da grande conversação pública da sociedade contemporânea. E, ainda de acordo com Rodrigues (op. cit.), o campo midiático atua como um reconector do mundo fragmentado moderno.

Devemos perceber, também, certas características que adquirem contornos mais concretos no jornalismo da atualidade, intensamente atravessado pelas lógicas da midiatização. A ênfase se dá numa auto-referencialização constante da atividade jornalística contemporânea nessa nova ambiência midiática. Segundo Fausto Neto (2007)<sup>92</sup>, “o jornalismo passa pelo processo de um falar do outro para um falar de si mesmo”. Ou seja, ganha força nesse cenário a visibilidade do processo de construção da notícia, até mais – em alguns casos – do que a própria notícia. Mas esse ponto de vista deve ser ponderado, pois é redutor afirmar categoricamente que a atividade jornalística fale mais de si própria. É importante que reflitamos que somente alguns dos processos

---

<sup>92</sup> Apresentando o artigo “Mudanças na Medusa? A enunciação midiatizada e sua incompletude” no Seminário Midiatização, Sociedade e Sentido, da Rede Prosul. São Leopoldo, 11 de outubro de 2007.

jornalísticos adquirem visibilidade, ou seja, apenas os movimentos que atestem a credibilidade, a neutralidade e a objetividade, que devem estar vinculadas à prática da profissão. A auto-referencialidade jornalística, a visibilidade parcial que ganham as etapas de construção da notícia, servem também para camuflar o formato comercial da profissão, condicionado, orientado e dirigido por interesses comerciais muito bem articulados.

Ainda sobre a questão da auto-referencialidade, Braga<sup>93</sup> afirma que “a mídia reforça sua credibilidade quando fala de si mesma”. O *Linha Direta* se utiliza desses elementos ao operar o tempo todo entre o jornalismo, a ficção e a auto-referencialização jornalística. A casa em que a vítima viveu seus momentos finais nas mãos do assassino não só é mostrada “simbolicamente”, através dos cenários de estúdio onde são filmadas as simulações do programa, como também aparece na “vida real”, quando um jornalista, delegado ou a própria testemunha do crime refaz os passos de vítima e assassino, mostrando casa, rua, bairro em que toda a história aconteceu. Mas aí não são mais os lugares de encenação da esquete, mas sim os lugares “reais”, no sentido de mostrar que aquilo tudo verdadeiramente aconteceu, num espaço concreto e físico. Todos esses processos são construídos num sentido de geração de confiança, pois a visibilidade do fazer jornalístico opera na configuração da credibilidade deste campo.

Sobre a auto-referencialidade do programa, nada mais emblemático do que a parte final<sup>94</sup> da atração, na qual os foragidos exibidos no *Linha Direta* que foram capturados através da denúncia dos telespectadores são expostos no programa, como verdadeiros símbolos da eficácia e da importância do programa na sociedade. Esses movimentos empreendidos pelo programa da Globo fazem com que reflitamos sobre “essa constância da auto-referencialidade como um processo em que enunciação é tomada como enunciado” (GOMES, 2004, p. 44). A auto-referencialidade se apresenta, então, através das operações de linguagem colocadas em prática pelo *Linha Direta*.

Ainda no que concerne à questão da confiança na mídia, devemos perceber que o sistema midiático pode ser caracterizado como um importante ponto de acesso

---

<sup>93</sup> Em comentário feito no debate acerca do artigo citado acima.

<sup>94</sup> Em alguns episódios a captura dos foragidos é mostrada no meio do programa, entre os dois casos da noite.

(Giddens, 1991), delineando-se como o campo que vai penetrar todos os sistemas abstratos – sistema financeiro, sistema político, sistema educacional, sistema médico, etc. A mídia funciona, então, como ponto de acesso porque “traduz” o que acontece em outros campos sociais. Muitas vezes, é a partir do sistema midiático que nos damos conta de determinados fatos e acontecimentos. Esses fatos existiam, já estavam lá, mas parte significativa dos casos só passa a tomar forma, só se materializa para os indivíduos quando a mídia passa a atuar sobre ele. Não que a violência não exista sem a atuação do sistema midiático sobre ela, mas os atos e os efeitos da criminalidade, muitas vezes, só passam a alcançar, mesmo que apenas simbolicamente, determinados estratos sociais quando são corporificadas através da mídia. Ou seja, a mídia, segundo Giddens (op. Cit) ajudaria a “explicar” a sociedade para os sujeitos que dela participam. Em nossa contemporaneidade o sistema midiático parece funcionar como um referencial de segurança, atuando sobre a confiança dos cidadãos nos sistemas abstratos.

Acerca da atuação do campo das mídias sobre os outros campos sociais, mas dessa vez indo num sentido contrário à geração de confiança nos sistemas abstratos – geração de confiança questionável, especialmente tratando-se do cenário brasileiro, onde as mídias se auto-referem em muito como “fiscalizadoras” e “denunciadoras”, bastando, para ilustrar isso, que nos remetamos à campanha política para as eleições de 2006, onde o que se viu foi uma geração de desconfiança –, é interessante que destaquemos, também, a sobreposição que a mídia faz em relação a esses outros campos, algumas vezes no sentido de diminuí-los, desqualificá-los. Sobre isso, também se faz relevante que citemos Rodrigues (op. cit., p. 205):

como exemplos [...] destacam-se as questões [...] suscitadas pelas relações do campo dos media com o campo jurídico a propósito da revelação de elementos de processos não transitados em julgado, da divulgação dos nomes de réus antes de sua condenação pelos tribunais, da revelação das fontes.

A maior velocidade dada pelo fenômeno da midiática e pela informatização do mundo aos acontecimentos nem sempre têm somente benefícios como consequência para a sociedade. Quando a exposição à mídia confere agilidade, por exemplo, a determinados processos de proteção ao consumidor – processos corriqueiros, mas que, certamente, levariam anos sem a interferência do sistema midiático – tem-se, então, o

lado positivo dessa dinamização. No entanto, quando a mídia passa por cima do andamento da justiça (sendo ele lento ou não), que tem um ordenamento prévio a seguir, tais como fatos a apurar, provas a analisar, testemunhas a depor, etc., ela pode, muitas vezes, na ânsia pela velocidade no fluxo dos acontecimentos, condenar ou absolver antecipadamente um indivíduo. É exatamente isso que faz o *Linha Direta* quando incita, na audiência, a caça aos fugitivos mostrados no programa. Indivíduos que, embora algumas vezes ainda não tenham sido oficialmente julgados pela justiça, têm seus rostos exibidos para todo o país e a história do crime ao qual supostamente estão ligados contada, pela emissora, de um modo, como já vimos acima, parcial e unilateral. Nesse sentido, faz-se interessante resgatar o caso da escola Base, pautado na mídia há cerca de um ano<sup>95</sup> devido aos valores de indenização que começaram a ser negociados e veiculados. O casal dono da escola Base, em São Paulo, e o motorista que servia à instituição foram acusados, em 1994, pelos pais dos alunos e, posteriormente, pela polícia do Estado, de abuso sexual de crianças que estudavam no colégio. As notícias foram extensamente veiculadas na mídia, a escola apedrejada e os três acusados ameaçados de morte. Inocentados, os acusados entraram com ação por danos morais contra sete veículos de comunicação e seguem ganhando as causas na justiça. Só da Rede Globo, o valor da indenização fica em torno de 1,35 milhão de reais<sup>96</sup>.

Ainda há muito que aprender e o que se entender sobre a dinâmica da mídia em seus processos de midiaticização, principalmente no que concerne a perceber de que forma esse dito “poder midiático” realmente se configura, com qual intensidade e articulada a quais outros fatores. A midiaticização não se constitui sozinha, e seria ingenuidade pensá-la autonomamente, sem o devido vínculo a outras instâncias. O curso da midiaticização interfere diretamente na cultura da violência, e é influenciado por este fenômeno, numa relação de imbricação, de circularidades, característica do cenário contemporâneo.

---

<sup>95</sup> Novembro de 2006.

<sup>96</sup> Fonte: Folha de São Paulo. 26/10/06.  
Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2610200609.htm>  
Acesso em: 30 out. 2006

#### 5.4 A violência urbana como cenário contemporâneo

O planeta vem passando por intensas transformações desde as duas últimas décadas do século XX. A queda do muro de Berlim, em 1989, pode ser emblemática da entrada em uma nova era, em um novo período, onde nossos referenciais de ser e estar no mundo passam por intensas reconfigurações. Uma série de rupturas se sucedia ao passo que novos tipos de relações eram produzidos. Enfim, segundo Tavares dos Santos, “alguma coisa estava acontecendo no mundo”<sup>97</sup>. Este autor completa, afirmando que “mudaram [...] as configurações do social e das questões sociais nas últimas três décadas” (TAVARES DOS SANTOS, 1999, p. 12).

Com a série de eventos proporcionados pelo desencadeamento da globalização, dos processos informatizados e do fortalecimento do capitalismo selvagem, mudanças estruturais acontecem em nossa sociedade de transição do século XX para o século XXI. A “era do globalismo” (IANNI, 1996) faz emergir uma sociedade formada tanto pela homogeneização quanto por profundas contradições sociais, por desigualdades e exclusões. Segundo Ianni (1992, p. 51)

trata-se de uma totalidade histórico-social diversa, abrangente, complexa, heterogênea e contraditória, em escala desconhecida. Esse é o horizonte no qual se desenvolvem a interdependência, a integração e a dinamização, bem como as desigualdades, as tensões e os antagonismos característicos da sociedade mundial.

Essa sociedade global, ainda em fase de desenvolvimento – o que dificulta seu pronto entendimento – trouxe uma série de alterações e reformulações nas vidas dos sujeitos que dela participam. As relações de sociabilidade se reconfiguram; as redes de solidariedade se desagregam; o desenvolvimento do capitalismo alicerça a segmentação social; a progressão contínua da mundialização da cultura fortifica o imperialismo, acarretando massificação, individualização, ocidentalização e desterritorialização; as inovações tecnológicas são acompanhadas da precarização do trabalho e do desemprego. Ou seja, todos esses processos efetivados pela sociedade global contemporânea são “marcados pelo incremento não apenas das diferenças, mas também

---

<sup>97</sup> Fala de José Vicente Tavares dos Santos em aula ministrada na disciplina “Sociologia da Conflitualidade”, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 08 de maio de 2007.

das desigualdades sociais e do mecanismo de seleção-exclusão social” (SOUSA SANTOS, 1994, p. 82).

O fenômeno da globalização e o desenvolvimento do capitalismo são também a solidificação e a imposição cada vez mais explícita de uma cultura do consumo, uma cultura que utiliza a mídia para disseminar valores onde o que importa e o que dignifica e diferencia os indivíduos é o consumismo. Como os efeitos da globalização e o aquecimento da economia não são positivos e benéficos para todos e o aumento das desigualdades se dá de forma cada mais veemente, uma parcela considerável – para não dizer a grande maioria – da população fica de fora desse restrito grupo que pode se regozijar com o poder de compra que dá acesso aos bens de consumo que, com tanta insistência, são exibidos nos meios de comunicação. Esse contingente, sentindo-se excluído da possibilidade de comprar no “Magazine Luisa”<sup>98</sup> e ser feliz, procura utilizar-se de uma contra-linguagem como uma maneira de adquirir a visibilidade que lhes é negada constantemente pela sociedade. “A impossibilidade de acesso da grande maioria das camadas populares a bens e valores largamente publicizados, através da mídia e da cultura de massas em geral, acirra a tensão e o ódio sociais” (VELHO, 1996, p. 19). Bucci (2001, p. 25) alicerça esta visão, quando afirma que

Eles matam, sim, para se apropriar de um significante que lhes ateste a existência, e esse significante pode ser o símbolo da Nike. Sem isso eles não estariam sem um par de tênis: eles estariam sem identidade, não viveriam a sensação de pertencimento ao universo glamouroso das propagandas que vêm pela TV.

Todos esses movimentos dão forma a um processo de “desfiliação” (CASTEL, 1998), ou seja, a ausência de inserção dos indivíduos em estruturas que tenham significação social. Segundo Pais (2001), há cerca de vinte ou trinta anos existia uma previsibilidade de destino, que hoje não existe mais. A ausência de destino, de placas, de direções coloca o jovem em uma encruzilhada, pois não há mais o trilho a ser percorrido, provocando, então, a ruptura dos laços sociais.

---

<sup>98</sup> O Magazine Luisa, loja de eletrodomésticos e móveis que tem extensa penetração publicitária na televisão brasileira, tem como slogan “vem ser feliz”, numa atitude clara de que a felicidade está ligada ao poder de compra e ao consumismo.

Esse esgarçamento nas relações entre os indivíduos se faz sentir, também, através do rompimento dos laços de confiança e de reciprocidade nas instituições socializadoras, tais como a família, a escola, a comunidade, etc., fazendo com que “sobre” muitos elementos para o Estado socializador, que, também vítima de um processo de desgaste de suas instituições, não dá conta de abarcar, ocasionando o constante e assustador aumento de contingentes populacionais abandonados à própria sorte.

Como consequência de todos esses fatores – e porque não dizer, também, como retroalimentador desses processos – está a exacerbação do fenômeno da violência.

À medida que o individualismo foi assumindo formas mais agonísticas e a impessoalidade foi, gradativamente, ocupando espaços antes caracterizados por contatos ‘face-to-face’, a violência física foi se rotinizando, deixando de ser excepcional para se tornar uma marca do cotidiano (VELHO, 1996, p. 17).

Dentre essas novas questões sociais, provocadas por todas essas alterações nas formas dos indivíduos se relacionarem entre si e de se relacionarem com o mundo, os fenômenos da violência adquirem novos contornos, passando a disseminar-se por toda a sociedade. “A violência [...] seria um modo desesperado, mas permanente de buscar a integração política e social de um sistema vivido e percebido como fragmentado, dividido e dotado de éticas múltiplas” (DAMATTA, 1993, p. 197).

A violência e a criminalidade surgem como elementos de uma espécie de resposta dos despossuídos à sociedade, como um componente de visibilidade, como um importante artifício no sentido de proporcionar luz às suas causas, aos seus anseios, à sua revolta com a exclusão e a desigualdade sociais. O fenômeno da violência surge como uma tentativa de inserção social, como uma forma cultural de expressão de alteridades, que encontra em um determinado estilo de vida, em um determinado comportamento diante da sociedade uma forma de adquirir existência no espaço público. A violência revela-se, no horizonte da linguagem e das representações, como enunciação, como manifestação explícita dos conflitos e dificuldades vivenciados no dia-a-dia da vida social. Acerca disso, Soares (2000, p. 30) afirma que “a impotência do Estado em prover segurança e meios adequados de sobrevivência, que incluem chances

de prosperidade, libera os indivíduos do dever da obediência e legitima a desobediência civil”.

A violência converte-se, então, em um ato de comunicação, em um protesto contra “as grandes promessas da modernidade [que] permanecem incumpridas ou [cujo] o seu cumprimento redundou em efeitos perversos” (SOUSA SANTOS, 2000, p. 23). O fenômeno surge não como ação, mas num sentido muito mais de reação a uma rotina marcada corriqueiramente pelas desigualdades e pela negação de bens essenciais à existência social plena. Todas essas formas de expressão da violência passam, então, a fazer parte de nosso cotidiano, a entranhar-se por todos os espaços de nossas cidades, convertendo-se em um verdadeiro caos urbano que amedronta e domina a população em nosso país.

É na década de oitenta do século XX que de forma mais enfática o vínculo entre o Brasil e a violência urbana começa a demonstrar contornos mais claros, como um indício do que seria essa relação tão marcante no cenário nacional e, até mesmo, mundial nos dias contemporâneos. Com o fim da ditadura – e a dissipação das questões ligadas ao período não democrático como pauta primeira do jornalismo – é a problemática da violência urbana que ascende como questão nacional, apesar dos índices de criminalidade se fazerem aumentar desde os anos sessenta (AGUIAR, 2005). É somente nos anos oitenta, portanto, que o Brasil vê as notícias de violência e criminalidade saírem das páginas destinadas a essas editoriais nos jornais para as manchetes de capa, como os assuntos que serviriam de chamada para os telejornais. A partir de então o brasileiro vê cair por terra o mito de um povo “pacífico por natureza”. A imagem simpática e acolhedora do “país da malandragem” passa a esvaecer-se e começa-se a perceber, então, a construção de uma institucionalização da violência em nossa sociedade, guiando a solidificação de um imaginário coletivo que vê e sente o Brasil como um país violento.

À diferença de violência – cujos significados já resgatamos anteriormente –, por crime se entende formas codificadas de violência, descritas no Código Penal. No Brasil são caracterizados como tais os comportamentos mais graves, aos quais se destinam penas de reclusão de até trinta anos. Compõe a chamada criminalidade urbana violenta ocorrência de crimes contra o patrimônio (roubos e latrocínios); contra a vida



(homicídios dolosos); contra a saúde pública (tráfico e uso de drogas); contra os costumes (estupros); além das contravenções penais (porte ilegal de armas). São incluídas nesta categorização tanto as tentativas quanto os atos consumados (AGUIAR, 2005).

Quando falamos em urbano (e a urbanidade é algo recorrente nesta dissertação), neste trabalho, não o utilizamos no sentido de capitais, de grandes cidades. O uso do conceito não se dá num sentido de oposição entre “cidade grande” versus campo, mas no intuito de caracterizar os conjuntos urbanos, a reunião de pessoas que vivem e dividem um mesmo espaço de convivência pública, mesmo que esse espaço seja uma cidade com 10.000 habitantes, no interior do estado, a cinco quilômetros de imensas plantações de trigo. O urbano não se relaciona aqui à grandiosidade de capitais como São Paulo, Rio de Janeiro ou Porto Alegre, mas às cidades, que mesmo com um tamanho diminuto comportam pessoas diferentes, classes sociais distintas, estilos de vida diferenciados, processos de exclusões e violência, que sempre estiveram e estarão presentes em qualquer coletividade, pois luta e disputa são elementos intrínsecos a qualquer relação social, e “o conflito atuará como um pano de fundo, mesmo dos momentos considerados mais ‘equilibrados’ ou ‘pacíficos’” (VIANNA, 1996, p. 178). O sentido de urbano, aqui, está relacionado às aglomerações de pessoas, sejam essas aglomerações pequenas, médias ou grandes. Até porque temos em conta, no desenvolvimento deste trabalho, o constante processo de urbanização do rural, cujos povoados e vilas adquirem cada vez mais traços de urbanidade e nos quais a inserção da violência e da cultura midiática se fazem presente de forma crescente.

A população das cidades brasileiras, especialmente as médias e grandes, mas sem excluir, de modo algum, as pequenas<sup>99</sup>, vive atualmente um momento de tensão e medo, gerados pelo sentimento de total impotência frente à situação caótica causada

---

<sup>99</sup> Quando se compara os homicídios com o tamanho da população, fica claro que a violência tem crescido mais no interior do país do que nas capitais. De acordo com o estudo, isso acontece por falta de investimento em segurança nas cidades menores. Hoje, dos 50 municípios com maiores índices proporcionais de homicídios, metade tem menos de 50 mil habitantes.

Fonte: “Violência cresce no interior”. *Jornal Nacional* de 29 de janeiro de 2008.

Disponível em:

<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1670970-3586-782984,00.html>

Acesso em: 29 jan. 2008.

pela violência urbana. As pessoas têm medo de se exporem às ruas perigosas das cidades, de sair de casa para a escola, para o trabalho, dentre outras atividades cotidianas e corriqueiras, pelo simples fato de que não sabem se voltarão para a segurança de seus lares. Isso se é ainda pudermos chamar os lares de lugares seguros, não só pelas possibilidades cada vez mais reais de sermos atingidos por balas perdidas dentro de nossas casas (obviamente, dependendo de onde nossas casas estão situadas), como pela própria violência doméstica, mascarada por tanto tempo tanto por quem a infligia como por quem a sofria, mas que agora parece evidenciar-se como um problema dos mais graves em nossa sociedade hodierna e que não se encontra isolado em um ou dois casos.

O medo chegou a tal ponto que, para as pessoas se sentirem protegidas dentro de seus lares, são feitas verdadeiras transformações nos projetos originais de casas e edifícios das classes média e alta, transformando-os em pequenos quartéis-generais. Cercas elétricas, muros altíssimos, circuitos internos de TV, sistemas de alarme, enfim, toda uma parafernália tecnológica é utilizada para dar segurança aos habitantes daquela residência, mesmo que sua privacidade já não seja a mesma de antes e que esses indivíduos se sintam verdadeiros prisioneiros dentro de suas próprias casas. Não há, aqui, como não nos remeter à Foucault e sua percepção de uma “sociedade vigiada”. A idéia do Panóptico, desenvolvida por Bentham<sup>100</sup> no final do século XVIII e recuperado por Michel Foucault em seu livro “Microfísica do poder” (1979), se encaixa perfeitamente em nossa contemporaneidade. Mesmo tendo sido imaginada há tanto tempo, nada poderia ser tão atual como a idéia de uma sociedade onde todos os indivíduos ficariam na eterna dúvida se, naquele momento, estariam ou não sendo vigiados. Para tentar combater os índices de violência urbana, inúmeras câmeras são posicionadas em locais estratégicos das grandes cidades, procurando flagrar momentos de delitos, sejam eles de maior ou menor gravidade. São câmeras escondidas nos mais diversos lugares, desde praças e avenidas, passando por elevadores, colégios, lojas, etc. Com o constante desenvolvimento da tecnologia, o direito de ir e vir também pode ser vigiado, sujeito a sanções. Vemos agora a instalação de GPS<sup>101</sup> nos carros como a

---

<sup>100</sup> Jeremy Bentham escreveu, em 1789, o “Panóptico”. BENTHAM, Jeremy (2000). *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica.

<sup>101</sup> Sistema de navegação por satélite. Informa, a qualquer momento, a posição exata em que o usuário se encontra sobre a superfície terrestre.

revolução da década em termos de segurança. Pais instalam o equipamento no carro dos filhos como mais um instrumento de controle sobre eles, como uma maneira de saber por onde transitam e se está tudo em ordem com os jovens. E basta uma transgressão ao espaço físico estabelecido pelos pais para a circulação dos filhos para que a empresa mantenedora do sistema entre em contato imediatamente, via mensagem de celular, informando que o usuário acabou de ultrapassar os limites programados para seu deslocamento.

Estamos, há todo momento, em nossa sociedade informatizada, suscetíveis à observação de outros. Segundo Chesnais (1993), nossa sociedade nunca foi tão vigiada, fiscalizada e policiada como no fim do século XX. Este autor complementa, afirmando que “nossa época é obcecada pela segurança [...]. Não se suporta que certos perigos não possam ser prevenidos, enquadrados, canalizados” (CHESNAIS, 1993, p. 429).

As classes mais desprovidas financeiramente, que muitas vezes sequer tem moradia própria (imagine recursos para investir em segurança), parecem realmente fadadas à convivência de perto com a violência, tendo ela como vizinha. Especialmente porque, quanto mais periférico é o bairro, mais esquecido ele o é pelo Estado e pela sociedade e, conseqüentemente, mais suscetível ao fenômeno da violência estão seus moradores. Até mesmo os artifícios da “sociedade vigiada” são colocados menos em prática quanto mais os bairros vão se afastando dos centros comerciais e estratégicos das cidades.

Interessante quando Morais (1990, p. 19) diz que:

O fato, porém, é que estamos amedrontados por muitas razões. Importante é notar que nem todas estas razões têm a ver com o que se chama de crime. Em verdade, o crime é apenas um aspecto da violência nas grandes cidades – muito embora seja aspecto da maior importância.

Isso significa que a violência acaba sendo algo que não se limita ao crime em si, mas algo que abrange muitos outros aspectos da vida cotidiana, não se restringindo ao uso de uma arma. Nas cidades de hoje vivemos uma situação na qual temos medo da violência no trânsito, dos motoristas loucos que dirigem sem um mínimo de respeito para com os outros motoristas e, menos ainda, para com os pedestres. Temos medo de

sermos confundidos com bandidos pela polícia ou seguranças particulares. O nível de paranóia da sociedade está tão alto que pessoas mal vestidas em lugares públicos muitas vezes são confundidas com bandidos e podem passar por situações altamente constrangedoras. Temos medo da noite, de andar pela noite, de voltar sozinhos de festas durante a madrugada. Temos medo de usar objetos (muitas vezes comprados como consequência do suor de nosso trabalho) ostensivos em nosso vestuário: relógios, jóias, pastas e bolsas caras. Carros importados atualmente já trazem o medo como item de série, pois chamam a atenção de assaltantes. Temos medo por nossas crianças, de abusos sexuais que venham a sofrer, quando estas andam sem a nossa companhia e não temos o controle e a segurança sobre elas. Dados estarrecedores do mais recente estudo da Organização das Nações Unidas – ONU afirmam que morrem anualmente no Brasil 80.000 crianças vítimas de abuso sexual, negligência e abandono<sup>102</sup>. Enfim, o medo, tal qual a violência, institucionalizou-se em nossa sociedade. Sobre isso, é de extrema relevância citar Vaz (2004, p. 2), quando ele diz que:

Há bem pouco tempo atrás – uns vinte anos – a visão das crianças no sinal provavelmente despertaria piedade nos motoristas. [...] Hoje, apesar dos vidros escurecidos e fechados dos carros, a proximidade da pobreza é imediatamente assimilada como ampliação do risco de um cidadão ‘comum’ tornar-se (mais uma) ‘vítima da violência’ que assola a cidade.

Essa institucionalização do medo e da violência faz com que aceitemos a emergência de uma nova forma de vida, uma forma na qual o funcionamento das coisas, a lógica do ir e vir, a ordem das instituições, tudo é alterado para configurar-se às exigências dessa sociedade alicerçada na cultura da violência. O sociólogo Sérgio Adorno<sup>103</sup> afirma que “a naturalidade com que as pessoas encaram a violência e se adaptam a ela é preocupante. Todo dia morrem pessoas, todo dia pessoas são assaltadas.

---

<sup>102</sup> Fonte: dados da ONU retirados da reportagem “Crianças vítimas da violência”, exibida no programa *Fantástico* de 08 de outubro de 2006.

Disponível em:

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1303311-4005-0-0-08102006,00.html>

Acesso em: 08 out. 2006.

<sup>103</sup> Em entrevista à reportagem especial do *Jornal Nacional* sobre o tema da violência urbana exibida em 22 de fevereiro de 2007.

Disponível em:

<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1466368-3586-642570,00.html>

Acesso em: 22 fev. 2007.

Isso é mais ou menos visto como se fosse natural. Nós sabemos que não é isso”. Já o psicólogo Ari Rehfeld<sup>104</sup> diz que “as pessoas estão se conformando com esses novos hábitos. Vivem como se eles fossem sempre o único modo de ser no mundo”. Até as coisas criadas para trazer benefícios e facilidades à sociedade, como os caixas eletrônicos 24 horas, têm suas funções remodeladas em virtude de tentar proteger o cidadão. Um serviço que se dispunha exatamente a proporcionar comodidade ao indivíduo, fazendo com que ele pudesse sacar dinheiro a qualquer hora, passa a ter seu funcionamento encerrado às 22h, objetivando, assim, evitar assaltos e seqüestros-relâmpagos durante a madrugada. Interessante resgatar Vaz (2004, p. 6), quando este autor fala que do

[...] aumento do mercado de carros blindados [...] à impossibilidade de ser multado ao se ultrapassar um sinal fechado após as 22h, da transferência de sedes de empresas multinacionais para fora do Rio de Janeiro ao fechamento de bares e restaurantes devido à queda na clientela noturna, os efeitos desta experiência coletiva, generalizada [...] do crime se faz presente.

Vivenciamos um clima difuso de insegurança, e boa parte de nós acredita que o caminho para a resolução deste problema seja a adoção de medidas mais repressivas e autoritárias por parte dos órgãos competentes, o que acaba por disseminar uma lógica circular de medo e tensão, ficando a sociedade refém do sentimento de insegurança coletiva. Ou seja, a presença da violência em nossa contemporaneidade se expressa através de todo um contexto que permeia nossas vivências como sujeitos sociais, a violência se anuncia como um processo de dominação – onde nos sentimos dominados pelo medo, mesmo que não sejamos vítimas diretas de atos de criminalidade –, e não somente por um conjunto de atos brutais. É nesse sentido que falamos de uma violência como cenário, como verdadeiro palco onde os atores políticos da contemporaneidade exercem suas atividades cotidianas, não se restringindo o fenômeno, aos atos físicos.

Compreendendo nossos municípios como “cidades escassas”, espaços urbanos que se tornam objetos de disputa generalizada e violenta entre seus habitantes, (CARVALHO, 2000), onde a cidadania não se faz presente e nos quais grande parte da população não se reconhece como partícipe da uma civilidade coletiva, somos levados a

---

104

Idem.

perceber o esvaziamento do sentido de espaço público dando lugar à efervescência do ressentimento e da desconfiança sociais, tendo como consequência o rompimento dos laços de solidariedade e a generalização do conflito. Desenvolve-se, então, a fragmentação da autoridade e a disseminação de microssociedades com seus chefes e leis próprios.

É nesse cenário de ausência do Estado e do poder público que assistimos a variadas formas de poder paralelo emergindo no sentido de guiar, para o bem ou para o mal, tantas favelas, vilas e comunidades que parecem padecer de um sentimento de filiação. Vemos, então, a cobertura jornalística pautar com certa frequência nos últimos anos a formação das milícias nas favelas das cidades, especialmente no Rio de Janeiro. As milícias são organizações paralelas ao poder estatal, com a função de “defender” a comunidade, o morro, a favela, da presença dos traficantes e dos marginais. “Formadas por policiais e ex-policiais militares, bombeiros, vigilantes, agentes penitenciários e militares, muitos deles moradores da comunidade, essas milícias passaram a empregar a estrutura do Estado como base para suas operações”<sup>105</sup>. Segundo dados da Subsecretaria da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, em 20 meses o número de comunidades dominadas pelas milícias saltou de 42 para 92<sup>106</sup>. As milícias, em grande parte, são apoiadas pelos moradores das favelas, que vêem nesse tipo de formação uma saída para o grave problema do narcotráfico. Nada mais emblemático da ênfase que vêm adquirindo as milícias no cenário nacional do que a apropriação desse fenômeno pela atual novela das 20h da Rede Globo, *Duas Caras*<sup>107</sup>, na qual a comunidade chamada de “Portelinha” é comandada por “Juvenal Antena”, aquele que sabe tudo sobre todos, personagem interpretado por Antônio Fagundes. Pelo menos na ficção o aglomerado (chamado de comunidade por uns e de favela por outros) rege-se pela paz e pela calma, sendo ao “capitão” do território destinados os louros do sucesso de empreendimento da ordem no local.

---

<sup>105</sup> Fonte: Jornal Globo Online.  
Disponível em:  
<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2006/12/09/286975035.asp>  
Acesso em: 16 fev. 2007

<sup>106</sup> Idem.

<sup>107</sup> Mais informações disponíveis em:  
<http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Home/0,,9153,00.html>

Os pontos mais polêmicos com relação às milícias em formação no Rio de Janeiro não aparecem muito explicitamente na novela da Globo. Cabe ressaltar, no entanto, que em alguns capítulos é citado o fato dos moradores da comunidade da “Portelinha” serem obrigados a pagar uma “taxa” de proteção ao grupo de “Juvenal Antena”. Na “vida real”, segundo reportagem do Jornal *O Globo*, “quem é contrário ao pagamento, além de ameaçado, é rotulado como simpatizante do tráfico pelos integrantes das milícias”<sup>108</sup>. O interessante na reflexão acerca do aumento das milícias nos últimos anos é a questão da ausência do poder público, que abre brechas para que determinados grupos ocupem o espaço que, a priori, deveria ser de posse do Estado. E não podemos negligenciar o fato de que se tratam as milícias de organizações ilegais, um “poder paralelo” que se instalou no desbordo do Estado do Rio de Janeiro. As milícias não somente se responsabilizam pela segurança da comunidade como, através do pagamento das taxas pela população, fazem obras nas favelas, como centros de fisioterapia<sup>109</sup>. Ou seja, não bastasse ter de pagar os impostos “oficiais” ao Estado, agora as comunidades de determinadas favelas no Rio pagam um outro tipo de imposto, destinado às milícias. Estariam as comunidades do Rio pagando por segurança “privada” na ausência do Estado frente ao problema? Devemos refletir, também, sobre o fato de que as milícias são movimentos não liderados pela TV (pelo menos até então). São formas de ocupar um espaço deixado aberto pelo Estado, mas formas desvinculadas da gerência do sistema comunicacional, sendo este responsável mais pela cobertura midiática do processo do que por sua liderança. Resta-nos aguardar para ver como o movimento delinear-se-á daqui para frente com a exibição da novela e de que forma essa apropriação explícita da milícia por uma rede hegemônica como a Globo repercutirá na maneira como o fenômeno vem se desenvolvendo.

Gostaríamos de ressaltar com todas essas reflexões que, apesar de termos em mente o vínculo entre violência e pobreza, entre criminalidade e desigualdades sociais, o fenômeno da violência urbana e sua constante difusão na sociedade hodierna não pode ser explicado somente pela miséria ou pelas condições desiguais de vida. Esses fatores apresentam-se como elementos primordiais, claro, mas a violência se expressa, também,

---

<sup>108</sup> Fonte: Jornal Globo Online.  
Disponível em:  
<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2006/12/11/286991405.asp>  
Acesso em: 16 fev. 2007

<sup>109</sup> Idem.

como uma nova forma de viver no mundo. Não que ela seja novidade – como já vimos ela se desenvolve ao largo da história da humanidade –, mas é quando os referenciais de vida, quando a família, a comunidade e a escola se desintegram (ou têm suas atividades e sua importância na vida das pessoas remodeladas) que vem à tona uma violência que não se explica somente pelas adversidades econômicas e pelas diferenças entre as classes. Isso não explicaria a violência cometida por “filhinhos de papai”, por exemplo, que tocam fogo em índios, que espancam empregadas domésticas, que surram mendigos dormindo nas praças. Isso não explicaria a formação de gangues de garotos e garotas de classe média (as “famosas” gangues dos condomínios fechados), que se divertem espalhando medo e ameaças entre suas vítimas. Talvez seja a ruptura social, esse esvaziamento das noções de civilidade e de coletivismo, a ênfase que tem se dado, recorrentemente, ao “ter” em detrimento do “ser”, aliados a uma idéia difundida da impunidade – especialmente para os sujeitos das classes média e alta – que tem feito da violência, seja ela em sua forma física, direta, ou obscura, através da ameaça e da dominação, algo entranhado em nossas vivências no cenário cotidiano.

O que temos como certo acerca desse panorama de desvios e de criminalidade que enunciamos é que os crescentes índices de violência fazem com que da hora em que acordamos até a hora de deitarmos em nossas camas para dormir tenhamos o medo como nossa companhia constante, o mesmo medo que faz com que verdadeiras reviravoltas em nossas vidas sejam feitas, privando-nos de nosso bem mais valioso – a liberdade, com o intuito de tentar nos proteger da violência urbana.

Vejamos agora como todos esses processos e transformações das dinâmicas sociais, proporcionados pelo – e alimentadores do – fenômeno da violência urbana e pela disseminação do medo na sociedade, estão profundamente vinculados a um movimento da mídia, no qual ela se apropria dessa cultura violenta e a reconfigura sob seus moldes. Cultura midiática e cultura da violência são mais dois fenômenos em nossa contemporaneidade que se entrecruzam e devem ser trabalhadas em conjunto.



## 5.5 Violência e cultura midiáticas contemporâneas

Depois de tudo que vem sendo exposto aqui neste trabalho vai ficando cada vez mais claro que a cultura da violência passa a ser penetrada pela cultura da mídia. E vice-versa. Ambas vivem uma relação de simbiose, a partir da qual fica difícil analisar essa cumplicidade levando em conta uma relação de causa-efeito, mas sim uma causalidade dialética. No caso específico desse vínculo, é mais coerente afirmar que a mídia se alimenta da violência – quando este fenômeno gera matéria-prima para ser exposta nos conglomerados midiáticos – ao mesmo tempo em que a violência também se alimenta da mídia – quando vemos cada vez mais as organizações criminosas se utilizando de veículos de comunicação para divulgar seus atos e gerar repercussão pública, por exemplo. Segundo Rondelli (2000, p. 150), “se a violência é linguagem – forma de se comunicar algo –, a mídia, ao reportar os atos de violência, surge como ação amplificadora desta linguagem primeira, a da violência”.

É nesse efeito de amplificação que assistimos à mídia recorrentemente em busca de um lugar para a violência. A violência está na favela, nas ruas escuras, no morro. A violência está com os drogados, com os pichadores e grafiteiros, com os meninos que tomam conta dos carros. “A violência tem um lugar, um ator específico, um outro fora de mim, longe de mim” (DIÓGENES, 2000, p. 218). É nesse processo que somos levados a estigmatizar o outro, pois a violência está sempre com o outro, nunca conosco. Desde a antiguidade criaram-se e disseminaram-se preconceitos para indicar o outro como causa do perigo e do medo. Todos que fugissem ao padrão estabelecido pela igreja – os feiticeiros, os bruxos, os muçulmanos, os ciganos, etc. – eram vistos como outros, como inimigos a serem combatidos. No processo de desenvolvimento e de urbanização das cidades a percepção do outro se dava através do imigrante, do indivíduo que vinha “de fora” e que, muitas vezes, via-se responsabilizado pelos atos de incivilidade que se multiplicavam na metrópole. Esse tipo de preconceito, infelizmente, não ficou restrito à antiguidade, pois até hoje o nordestino é visto como o outro que traz a barbárie de volta aos modernos centros urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente. Bairros como o Brás e a Mooca, por exemplo, na cidade de São Paulo, são vistos com certo receio pelos paulistanos natos por serem locais de moradia e de trabalho de boa parte de sujeitos oriundos do Nordeste, que vêm tentar melhores condições de vida no centro-sul do país. “A fala do crime nunca abandona suas

categorias preconceituosas, essas categorias a constituem. Associam o crime às favelas e denigrem os favelados” (CALDEIRA, 2000, p. 81). Grisolia (1998, p. 38) alicerça esta posição, quando afirma que

em muitas ocasiões os malfeitores apresentam características de um grupo determinado. Isto reforça nossos preconceitos sociais e contribui para a marginalização destes grupos. Este aspecto da violência, além disto, nos reconforta, já que parece confirmar que nossos preconceitos pessoais são corretos, ainda que na realidade não o sejam.

O outro da atualidade é quase sempre o outro visto aos olhos da mídia, o outro que não é branco, que não é da classe média ou alta, que não tem poder. Dificilmente encontraremos esse outro em Brasília, no Congresso Nacional, nos gabinetes da capital federal. Por acaso a cidadania não é constantemente dilacerada e violentada pela corrupção dos nossos políticos? Mas os políticos têm poder, são (em sua grande maioria) brancos e poucos têm origem humilde. A cultura midiática, na ânsia de apontar o lugar da criminalidade, de corporificar o fenômeno, recorre aos conceitos pré-concebidos. Com o objetivo de materializar a violência em raça, cor, estrato social, local de origem, acaba, quase sempre, essa mesma mídia, recorrendo à própria violência, em sua forma invisível, naturalizada, e que, por isso mesmo, torna-se mais difícil de ser combatida. “In the banal theatrics of the mass media, crime becomes racialized and race criminalized” (COMAROFF, 2002, p. 5).

É interessante que percebamos as distinções entre o “nós” e os “outros” na própria maneira do brasileiro se portar frente ao problema da violência urbana. Brito (2007)<sup>110</sup> faz-nos refletir que é somente quando a classe média, a “elite branca” é atingida que a opinião pública passa a se manifestar e a se organizar em torno daquela causa. É como se as mortes e os diversos tipos de crimes que acontecem cotidianamente na periferia não contassem, servindo apenas como dados estatísticos. A união, de fato, em torno do problema, capitaneada pela mídia, só se dá quando a burguesia é afetada pela violência.

No Rio de Janeiro houve o brutal assassinato do João Hélio, então essa mídia, que fez tanta cobertura, não fez quando, em Ribeirão

---

<sup>110</sup> Eduardo Brito, pesquisador do NEV-USP – Núcleo de Estudos da Violência, em entrevista concedida ao autor desta dissertação em 3 de maio de 2007.

Preto, uma prostituta foi arrastada pela rua da cidade por um membro da classe média. [...] Só que as diferenças são brutais, no caso, era uma criança da classe média arrastado por membros de grupos desprivilegiados economicamente; no outro caso, era um rapaz da classe média arrastando uma prostituta. Então, quem merece ser arrastado, quem não merece ser arrastado? Quem pode ser arrastado e quem não pode? Nenhum dos dois pode ser arrastado. Só que essa prostituta, se é negra, se é pobre, não interessa. Agora nós definimos quem pode e quem não poder ser eliminado. Então, quando os não elimináveis são eliminados na cidade há uma mobilização. Quando os elimináveis são eliminados há uma nota de rodapé como a prostituta de Ribeirão Preto (BRITO, 2007).

A busca por apontar sempre “nós” como vítimas da criminalidade e o “outro” como causa da violência, adicionada ao constante processo de caracterização da criminalidade como consequência dos genes de malignidade presente nos indivíduos, faz com que vejamos recorrentemente no *Linha Direta* casos de violência vinculados à despachos de macumba, feitiços, simpatias, dentre outros artifícios não comprovados cientificamente advindos das religiões não-oficiais. Nesse sentido é proposta pelas artimanhas do programa uma desqualificação das religiões e da cultura afro-descendentes, estando a criminalidade não relacionada às causas sociais e ao dilaceramento da cidadania, mas às atuações de pais-de-santo, de macumbeiras, de umbandistas. Esses movimentos procuram recrudescer as lógicas propostas pelo programa quando encontram um outro como lugar da violência, um outro distante do católico apostólico romano, e quando sugerem que a criminalidade advém não como uma consequência do desbordo do Estado, mas como um resultado da índole ruim desses “outros”, geradores de malefícios à sociedade e que, por isso mesmo, devem ser combatidos e extirpados.

Bentes (2003)<sup>111</sup> complementa essa reflexão quando nos diz que:

Nessa combinação de ficção, jornalismo, fabulação e dramatização, os teleshows da realidade (*Cidade Alerta*, *Repórter Cidadão*, *Programa do Ratinho*, *Domingo Legal*, mas também em *Linha Direta*, da Globo) fazem não apenas uma teatralização e espetacularização do terror e da insegurança social, mas reforçam discursos bélicos, o racismo, o denunciamento e toda sorte de pregação moralizante, que inclui frequentemente apologia à pena de morte, ao

---

<sup>111</sup> In: A sociedade contra a TV. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 dez. 2003. Caderno Mais!, p. 4-5.

justiçamento e linchamento, aos preconceitos de toda ordem, num discurso obscurantista e populista.

Essa competência para estigmatizar o outro também pode passar por processos variados, e até contraditórios, inclusive por um percurso que vai da demonização ao endeusamento do que é de fora. Foi isso que assistimos quando da apropriação do movimento funk pelo sistema midiático. A mesma mídia que condenou sumariamente o funk – culpando-o pelos arrastões ocorridos no Rio de Janeiro em 1992 e 1993<sup>112</sup> e enquadrando como um movimento eminentemente criminoso – foi capaz de glamourizá-lo alguns anos depois, levando os grupos de funk para a televisão e as músicas dos bailes para as paradas de sucesso das rádios de todo o país. O movimento funk, naturalmente, sofre um processo de descontextualização de suas raízes, ou melhor, passa por uma transformação, no intuito de harmonizar-se às lógicas midiáticas. É nesse sentido que vai para a TV a mitificação dos bailes funks dos morros, gerando nas classes média e alta o desejo de um verdadeiro “safári” pelas favelas cariocas no objetivo de conhecer de perto esse baile que adquiriu visibilidade no Faustão, na Xuxa e no Gugu. A mesma mídia que destrói pode endear. E vice-versa.

O mesmo pode-se dizer da favela e da periferia. Estigmatizadas durante tanto tempo, simbolizando a personificação da miséria, da violência, das condições subumanas de vida, a favela e a periferia ressurgem nos mais recentes anos no cenário midiático como esses lugares “pitorescos” e “divertidos”. Seja através das “aventuras alucinantes” vividas por Laranjinha e Acerola, no seriado *Cidade dos Homens*<sup>113</sup>, nas quais os personagens fogem de traficantes, escapam da polícia, se envolvem em relacionamentos amorosos proibidos e comemoram o sucesso de todas as empreitadas no baile funk, ou seja a partir das histórias mais inusitadas vividas nas periferias de todo o mundo mostradas por Regina Casé em seu programa *Central da Periferia*<sup>114</sup>, o que se torna claro são as apropriações (e desapropriações) feitas pela mídia. A favela é um típico contexto que se vê geralmente retratada na mídia por visões extremistas e pobres

---

<sup>112</sup> Os arrastões ocorridos no Rio de Janeiro tiveram ampla tematização na mídia carioca e nacional à época. Os jornais divulgaram os acontecimentos com manchetes como: “Hordas na praia”, “Galeras do funk criaram pânico na praia”, “Movimento funk leva a desesperança” (HERSCHMANN, 2000).

<sup>113</sup> Seriado apresentado pela Rede Globo em quatro distintas temporadas entre 2002 e 2005.

<sup>114</sup> Apresentado por Regina Casé, primeiro como um programa independente, nas tardes de sábado, e, posteriormente, como um quadro dentro do *Fantástico*, aos domingos.

de historicidade: ou o lugar maldito que deveria desaparecer do mapa ou o espaço *sui generis* que parece estar “bombando” (FREITAS, 2007) na pauta da televisão.

Bentes (2007)<sup>115</sup> corrobora essa posição e completa, afirmando que as imagens da pobreza e do outro surgem na mídia, quase sempre, de um maneira bipolar: ou em situações criminalizadas, nos telejornais e jornais impressos; ou de forma romantizada e domesticada, tendo as telenovelas e os demais produtos ficcionais como elementos configuradores. A “sedução” da favela, exibida diariamente na novela das 20h da Rede Globo – que apresenta a “Portelinha” como o lugar perfeito para se viver, sob a milícia de “Juvenal Antena” – é rompida corriqueiramente com as invasões da polícia aos morros cariocas e com as trocas de tiros entre policiais e traficantes, exibidas com destaque pelos telejornais da mesma emissora. É justamente aí, nos noticiários televisivos, onde mais se fazem as distinções entre nós e os outros. Segundo Brito (2007),

há uma certa aceitação quando [...] há um confronto com a polícia e morrem dez pessoas, a polícia coloca assim: ‘eram traficantes’. Ninguém questiona. Passa fácil. A mídia alimentou durante esse tempo, a polícia alimentou que [...] o grande confronto da sociedade é contra o tráfico de drogas. Da cidade que trafica e da cidade que não trafica. Então, se você entra numa favela e mata [...] uma criança de sete anos, ‘ah, era filho de traficante. É uma perda que se justifica porque nós eliminamos um traficante’. Agora a questão é: todos eram traficantes? Então a manipulação da mídia é interessante.

A violência surge para os sujeitos muitas vezes – através dos incessantes processos de repetição midiática – como algo banalizado, que parece já não nos tocar mais, corroborando o sentido exposto por Singer (2001), dos estímulos que não produzem mais resposta. O fascínio e o magnetismo provocados pela violência reproduzida na televisão, em livros ou curta-metragens apresentam este fenômeno muitas vezes apenas como mais um dentre tantos outros produtos passíveis de consumo. A estilização da violência surge cada vez mais em filmes, documentários, ensaios fotográficos e em muitas outras produções midiáticas, nas quais a criminalidade surge – em grande medida – glamourizada, editada por modernos recursos de edição de imagens. Isso sem falar num tipo especial de violência que é particularmente exercido

---

<sup>115</sup> Apresentando a palestra “Imagens de exceção”, ministrada no IX Seminário Internacional da Comunicação, promovido pela PUCRS. Porto Alegre, 8 de novembro de 2007.

pela mídia, que é a violência simbólica, aquela que se apresenta sem se fazer perceber e que, por isso mesmo, tem efeitos nefastos, como quase tudo que se oferece de forma oculta.

Quando assistimos TV deparamo-nos com um quadro generalizado de violência, seja ela explícita ou simbólica. Quer seja a violência clara e objetiva exibida no *Linha Direta* ou em reportagens do *Jornal Nacional*, ou mesmo em cenas de assassinatos, seqüestros, brigas e ameaças nas telenovelas, quer seja a violência indireta dos programas de humor, que estão sempre a desqualificar e estigmatizar o outro, o diferente do que seja o adulto branco, magro e classe média, padrão do “homo-televivus” – o gordo, o baixo, a empregada doméstica, a criança, o velho – tudo faz parte de um contexto histórico-cultural, de uma violência há tempos perpetrada pela mídia e aceita pelos seus espectadores como algo natural. O alcance da cultura da violência não deixa escapar sequer a programação infantil na televisão, que sob a lógica do mercado, do máximo lucro, opta cada vez mais por desenhos animados que abusam de cenas fortes e chocantes, sem nenhum vínculo com a proposta didática que pauta a lei de radiodifusão no Brasil. Migliaccio (2001)<sup>116</sup> afirma que

o TV Folha fez um levantamento informal sobre a programação da TV Globo, emissora líder em audiência no país, e constatou que o telespectador é bombardeado por cenas que mostram os mais variados tipos de violência durante as cerca de 22 horas, em média, que o canal permanece no ar diariamente. Das 5h25 de segunda-feira, dia 2/07/01, às 3h40 da quarta 4/07/01, foram exibidos 22 homicídios explícitos, 1.066 agressões físicas, 921 ofensas verbais, além de terem sido disparados 471 tiros dos mais variados calibres.

Segundo a revista do Ilanud<sup>117</sup>, “todos os desenhos animados de todas as emissoras analisadas [...] mesmo os mais educativos, integram cenas de crime”. E completa afirmando ainda que “ocorre no desenho animado que o crime é praticado sem que a ele se oponha qualquer forma de censura, de controle, de punição”.

---

<sup>116</sup> Fonte: Folha Online: Violência impera nos canais abertos de TV.

Disponível em:

[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=502&Itemid=29](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=502&Itemid=29)

Acesso em: 21 jan. 2008.

<sup>117</sup> “Crime e TV”. Revista do ILANUD – Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e do Delinqüente. N. 13, 2001, p. 71-72.

No cinema talvez a situação se agrave ainda mais. A distribuição de brigas, mortes, tiros, facadas, seqüestros, atentados terroristas, ataques de todas as espécies, lutas de gangues, dentre outros elementos utilizados pela indústria cultural, dão a tônica de grande parte dos filmes exibidos nas salas de cinema em todo o ocidente. No Brasil a cena não seria diferente. Estando a nossa produção cinematográfica nacional muito inferior – em quantidade – à realização audiovisual “hollywoodiana”, fazemos parte do grande bloco de países, especialmente os da América Latina, que sofre as conseqüências do imperialismo norte-americano. Mesmo com relação à produção nacional, vemos que os filmes que atingem sucesso de público e de crítica parecem aderir à “infalível” receita da violência. *Cidade de Deus*, *Carandiru* e a “moda do momento”, o longa-metragem de José Padilha, *Tropa de Elite*, que retrata o trabalho do BOPE<sup>118</sup> contra a criminalidade e o tráfico nas favelas do Rio de Janeiro.

Através do rádio também sofremos violências de diversas ordens. Começando pelo jabá, uma prática antiga na qual as produtoras musicais pagam – ou fazem permutas de diversos tipos – às emissoras para que suas canções sejam tocadas nas rádios. Uma violência que obriga o público ouvinte não a escutar músicas de qualidade (sendo esta a condição primeira para classificar o que deve ou não ser emitido), mas aquelas canções que devem ser tocadas porque estão sendo pagas para tal fim. É nessa relação de troca, na qual o lucro manda, que somos muitas vezes constrangidos a escutar a trilha sonora de tal telenovela ou seriado. Outra prática bastante comum nas rádios de todo o país são as famosas “pegadinhas”, artifício tão comum na televisão que há algum tempo foi transposta para o rádio também. Pessoas comuns e artistas são constantemente violentadas em suas casas com telefonemas de comunicadores de rádios fazendo piadas com seus nomes ou pregando peças, expondo os indivíduos ao escárnio. Uma verdadeira violação da privacidade do lar, da intimidade dos sujeitos.

Nas histórias em quadrinhos, que tanto fazem parte da vida de milhares de crianças em suas primeiras aventuras pelo mundo da leitura (e por que não dizer dos adultos também?) a violência se faz presente da mesma forma. Cada vez mais os estúdios de quadrinhos utilizam-se de lutas, guerras e afins em suas histórias, principalmente nos gibis de super-heróis, que têm sempre o dever de derrotar o inimigo

---

<sup>118</sup>

Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar.

por meio de violentas brigas, com o uso de agressões e armas, de fogo ou brancas. Quando não se mostra de forma clara, a violência nas revistas em quadrinhos se dá de forma implícita, muitas vezes não se fazendo notar por parte de seus leitores. Dorfman e Mattelart (2001) têm um interessante trabalho que mostra como o imperialismo estadunidense enraíza-se nas historietas da Disney, por meio de personagens aparentemente tão inofensivos quanto Donald, Tio Patinhas, Margarida, etc. Nesses meios de comunicação e entretenimento o outro, o estrangeiro, o pobre, o feio, etc. é sempre visto como uma ameaça, como alguém que foge dos padrões e por isso deve ser combatido ou ridicularizado.

Ser mais velho ou mais rico ou mais belo neste mundo [o mundo de Disney] dá imediatamente o direito de mandar nos menos ‘afortunados’. Estes aceitam como natural esta sujeição; passam o dia todo a queixar-se acerca de tudo e da sua própria escravidão. São incapazes, porém, de desobedecer ordens, por mais insanas que sejam (DORFMAN e MATTELART, 2001, p. 30-31).

Poucos exemplos, no entanto, são mais emblemáticos e reveladores dessa intrínseca relação entre violência e cultura midiática do que os videogames e jogos de computador. Preocupação maciça de pais e educadores, os famosos jogos há tempos já se tornaram temática de calorosos debates, dentro e fora de casa e da escola. Seja sozinho ou reunido em grupos – por meio de uma rede informacional que agrega distintos jogadores em diversas partes do mundo – o que importa para essas crianças e adolescentes é atingir os objetivos do jogo: matar, destruir tudo o que surja na tela do computador ou da televisão, aniquilar a tudo e a todos. Determinados jogos promovem uma verdadeira explosão de violência e crueldade. Em um deles o jogador, guiando um carro, ganha quanto mais pessoas conseguir atropelar e tirar do seu caminho. Os jogos de computador e videogame adquirem, cada vez mais, traços de realidade a partir das constantes inovações tecnológicas na indústria dos “joguinhos”. Segundo García Canclini (1998, p. 306-307),

do cinema contemporâneo [os jogos de videogame e de computador] tomam as vertentes mais violentas: cenas bélicas, corridas de carro e moto, lutas de caratê e boxe. [...] Desmaterializam, descorporificam o perigo, dando-nos unicamente o prazer de ganhar dos outros.

Interessante quando Galeano (1996) nos fala que a relação entre violência e mídia não se dá somente nas aparições de explosões, mortes, socos e facadas na tela da



televisão ou nas páginas dos jornais. Não que esse tipo de violência não seja um indício – grave – desse vínculo, mas outro sinal dessa conturbada simbiose entre violência e cultura midiática, sinal esse muitas vezes esquecido e negligenciado pelos cientistas sociais, é dado através de uma maneira silenciosa e ainda mais perigosa. A televisão seria, então, “uma escola de violência”. Mas não somente “por ensinar, por demonstrar condutas truculentas, mas por deixar em carne viva os abismos sociais que divorciam os homens” (GALEANO, 1996, p. 56).

Outro ponto que deve ser salientado nessa discussão sobre a relação entre violência e cultura midiática diz respeito às guerras, à maneira como o campo midiático vem atuando de maneira bastante atrelada à disseminação, na população, de uma cultura de guerra ao longo dos anos. As propagandas de guerra, conquistando os jovens a participar dos confrontos, seduzindo-os para o combate, muitas vezes chama-os para a morte, destruindo emocionalmente milhares de famílias que perdem seus filhos. A forte propaganda empreendida por Hitler na busca de um verdadeiro arsenal humano para pôr em prática sua dominação se fez presente de forma veemente na Europa nazista na primeira metade do século XX.

Isso sem falar na indústria de cobertura das guerras, que vem se desenvolvendo rapidamente ao longo das variadas experiências dos fotógrafos nos campos de batalha. Superando a deficiência de só cobrir as batalhas após elas terem se efetivado, capturando somente os cadáveres e os vestígios das lutas, o desenvolvimento tecnológico das câmeras e a maior facilidade de transporte proporciona o acompanhamento “real” dos confrontos, por parte dos jornalistas. “Agora era possível tirar fotos no calor da batalha, se a censura militar permitisse, e registrar closes bem cuidados das vítimas civis e dos soldados exauridos e enfarruscados” (SONTAG, 2003, p. 22).

A guerra do Vietnã dá mais um salto na evolução e passa a ser a primeira guerra testemunhada dia-a-dia pelas câmeras de televisão, “apresentando à população civil americana a nova teleintimidade com a morte e a destruição” (SONTAG, op. Cit, p. 22). A partir de então, as coberturas televisivas da guerra no momento em que esta se desenrola passam a fazer parte do cotidiano corriqueiro do mundo midiático, fazendo

essas imagens chegar à casa de milhares de pessoas ao redor do globo, solidificando a cultura da violência na sociedade.

Mas o ápice dessa relação entre a mídia e a guerra – nesse caso sob a forma de terrorismo – se dá na manhã de 11 de setembro de 2001, quando do ataque ao *World Trade Center*, em Nova York, pelo grupo terrorista liderado por Osama Bin Laden. O intervalo de alguns minutos entre o choque do primeiro avião com uma das torres e o embate da segunda aeronave com o outro prédio proporcionou um verdadeiro espetáculo de imagens de pânico, horror, medo e desespero<sup>119</sup> ao alcance do mundo todo. O espaço de tempo, cuidadosamente elaborado pelo grupo seqüestrador das aeronaves (SANT’ANNA, 2006), tornou possível que milhares de jornalistas, cinegrafistas, repórteres e curiosos do mundo todo assistissem e gravassem para a posteridade a cena do momento exato do segundo choque. Segundo Rondelli (2000, p. 152), “a ação terrorista, que utiliza os atentados para se visibilizar, almejando com eles obter ressonância para a expressão de uma idéia, é um exemplo prosaico deste poder da violência como expressão e linguagem”, expressão e linguagem proporcionados em seu atrelamento à mídia.

Como podemos observar, são profundas e não muito recentes as relações entre mídia e violência – vínculos que vêm se desenhando desde a invenção da imprensa e a virada do século XIX para o XX. Apesar do posicionamento adotado por nós de uma fuga do midiacentrismo superficial e das análises simplistas que colocam o campo midiático como “supra-sumo” da modernidade, não há como negar a cada vez maior participação que a instância da mídia adquire na sociedade hodierna. Além de penetrar em movimentos de eclipse o fenômeno da violência, mais recentemente a mídia passa a se propor como a instância que pode atuar num restabelecimento da cidadania dos indivíduos espectadores, restabelecimento que se dá exatamente no combate à violência urbana. Como se dão esses processos?

---

<sup>119</sup> Vale ressaltar que essas mesmas imagens causaram sensações opostas em determinadas posições geográficas do globo terrestre. Em grande parte do Oriente Médio e da Ásia as reações foram de alegria e entusiasmo.

## **5.6 Linha Direta e cidadania na sociedade midiaticizada**

### **5.6.1 Cidadania ou cidadanias?**

O termo cidadania parece estar em voga nos últimos anos. Nunca se falou tanto no assunto, de uma forma tão diversificada, e por agentes tão distintos na sociedade. É a cidadania dos eleitores em épocas de eleições; é a cidadania do consumidor, que não pode ter seus direitos lesados; é a cidadania dos sujeitos urbanos, que devem seguir as regras de boa convivência dentro do espaço da cidade; a cidadania dos imigrantes, que devem ter respeitados seus hábitos e sua cultura diferenciados dos do local em que habitam, a cidadania dos grupos minoritários, como os gays, os negros, as prostitutas, que não devem ser discriminados por sua condição social, racial e sua orientação sexual; a cidadania a qual os meios de comunicação de massa se auto-referenciam como propagadores. Enfim, o termo se disseminou. O que tem ocorrido, no entanto, é uma apropriação por vezes superficial da noção de cidadania, ocasionando que o conceito fique “esvaziado pelo uso indevido” (PINSKY, 2005, p. 13). Como se bastasse saber que o termo vincula-se a algo positivo para sair atrelando-o por aí afora. Tentaremos, então, fazer um breve e sintético resgate da história da cidadania, focando, posteriormente, em como ela vem se processando em sua articulação com o fenômeno da midiaticização.

O berço da cidadania está principalmente na Europa. Cortina (2005) nos fala da civilização grega e de seu legado acerca do termo, que nasceu com a cidadania ateniense nos séculos V e IV a.C. No entanto, a cidadania grega é um mito, uma falácia de contos de fadas. A cidadania ateniense era exclusiva, e não inclusiva. Dela não participavam as mulheres, as crianças e os estrangeiros. A partir dessa prerrogativa, a principal marca da cidadania grega, que é “a participação direta nos assuntos públicos” (CORTINA, 2005, p. 39), é limitada, pois não considera todos os indivíduos dignos de serem designados como cidadãos.

No império romano a cidadania estaria mais vinculada à noção do Direito, ou seja, como um estatuto jurídico. Segundo Cortina (2005, p. 42), “o cidadão é agora [...] o que atua sobre a lei e espera a proteção da lei em qualquer parte do império: é o membro de uma comunidade que compartilha a lei”.

A cidadania moderna, que tem seu nascimento baseado no iluminismo – que considerava o homem como ser universal e sujeito individual –, apesar de sua dupla raiz – grega e romana –, também se alimenta das revoluções francesa e inglesa e dos processos de independência americana, ocorridas nos séculos XVII e XVIII, e, também, do nascimento do capitalismo. A Revolução Americana, em 1776, foi pioneira na formulação dos direitos humanos, tendo a premissa de preservação das liberdades como básica em sua declaração de independência. No entanto, apesar de seus termos inovadores para a época, parcelas da sociedade continuavam excluídas e impossibilitadas de serem consideradas como cidadãs, tais como os índios, os escravos e as mulheres. “A sociedade americana em rebelião estava longe de conferir os mesmos direitos a todos que a compunham” (SINGER, 2005, p. 202). Apenas nos últimos anos do século XVIII, através de emendas na constituição, é que foram considerados cidadãos todos os indivíduos nascidos nos Estados Unidos. No entanto, somente em 1960, ou seja, há menos de cinquenta anos, é que, como consequência de muita luta e violência, os direitos dos negros passaram a ser respeitados nos Estados Unidos da América.

A Revolução Francesa, na verdade, tem sua origem em 1775, com a revolução social – que coincide temporalmente com a independência dos Estados Unidos –, que precedeu a política, que só começou efetivamente em 1789, com a reunião dos Estados Gerais. Como consequência da revolução é aprovada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, inspirada claramente na Declaração de Independência dos Estados Unidos. A declaração de independência estadunidense também inspirava fortemente as campanhas empreendidas na luta pelos direitos humanos na Inglaterra (exatamente o país que se opunha à libertação dos EUA, sua colônia). O surgimento, então, dos Estados nacionais modernos faz com que comece a se desenhar a configuração atual do conceito de cidadania, vinculado aos dois lados da expressão Estado nacional: “Estado” e “nação”.

Uma questão que desde o período de formação dos Estados nacionais já vem se delineando de forma preponderante é acerca das relações de trabalho e de seus vínculos com a cidadania. A falta de emprego para a totalidade dos indivíduos desde aqueles tempos já se fazia sentir como um grave problema da sociedade. E aí já se formava a tão famosa polarização entre os que acreditavam no mercado como capaz de gerir da

melhor maneira possível a distribuição de empregos – essa corrente via o desemprego como ato voluntário por parte dos indivíduos que não queriam trabalhar, mas sim viver da ociosidade – e os que viam no Estado a obrigação de gerenciar as relações entre o trabalho e os cidadãos. Os conturbados vínculos entre mercado e Estado já se faziam sentir na Inglaterra da primeira revolução industrial, quando as lutas pelos direitos dos trabalhadores esbarravam na Câmara dos Comuns, que acreditava que

a garantia ao operário de encontrar trabalho em quaisquer circunstâncias seria contrária aos interesses dos empregadores e do Estado, pois tornaria os trabalhadores exigentes em relação ao trabalho que se lhes propõe. O proprietário, o fabricante ver-se-iam expostos à falta de operários quando suas empresas demandassem um grande número de braços (CASTEL, 1998, p. 247).

A partir de então começa a se perceber uma organização das classes populares e dos trabalhadores – especialmente nos países que foram berço da revolução industrial, e que, por isso mesmo, tinham o setor fabril mais avançado em relação aos demais – no sentido de se estabelecerem como sindicatos, ou seja, na luta por seus direitos de trabalhador. Aí se inicia a batalha pelo direito de fazer greves, de se organizar na disputa por melhorias de salário, por condições mais justas de trabalho, pela diminuição da jornada diária de labuta, enfim, pela conquistas de mais direitos sociais referentes à condição de trabalhador. A luta de classes cada vez mais se acirra, com a oposição veemente dos donos dos meios de produção à extensão de garantias cidadãs aos empregados. Isso proporciona uma série de idas e vindas nos direitos sociais, com novas conquistas sendo efetivadas ao mesmo tempo em que se vêem retrocessos em relação a outras causas dos cidadãos. Acerca disso, Singer (2005, p. 226) afirma que

a conquista de direitos sociais, em geral, nunca pode ser considerada definitiva, enquanto o antagonismo de classe permanecer e provocar reações dos setores mais conservadores da sociedade, que nunca se conformam com a concessão de direitos que, a seus olhos, são privilégios injustificados.

A Alemanha também foi palco desse processo de conquistas sociais ao longo do século XIX. Com a unificação dos dois partidos operários existentes no país – o marxista e o lassaliano – em 1875, o chanceler do império, Otto von Bismarck, resolveu tornar ilegal a recém criada união partidária. Como uma medida de compensação aos trabalhadores por este ato autoritário uma série de resoluções foi tomada, tais como leis

protegendo-os de acidentes de trabalho, enfermidades e velhice. Em 1911 foi criado na Alemanha o Código de Seguros Sociais, que trazia em suas diretrizes um sistema de aposentadoria, cujas contribuições eram divididas por igual entre empregados e empregadores. O código, “o primeiro de seu gênero na História [...] era o primeiro a instituir sistemas de proteção obrigatórios. [...] Ele tinha [...] por função enquadrar a população assalariada” (SINGER, 2005, p. 236).

Mas foi precisamente na Inglaterra, por uma lei também de 1911, que nasce o estado de bem-estar social. Essa lei cria um sistema obrigatório de seguro contra enfermidade e desemprego, cobrindo, também, o risco de invalidez. Ao contrário da Alemanha, que exigia que a totalidade dos benefícios concedidos fosse paga por empregados e empregadores, a Inglaterra inaugura um sistema de seguridade social que procura equilibrar todas as categorias sociais, “atribuindo-lhes um denominador comum: a cidadania” (SINGER, 2005, p. 237). Esses autores complementam, afirmando ainda que a lei “marca o início da constituição dum *welfare state* na Grã-Bretanha. Lloyd George [primeiro ministro à época] fala dum sistema que permitiria cuidar do indivíduo ‘do berço ao túmulo’ pelos mecanismos da seguridade” (SINGER, op. Cit, p. 237).

A noção de cidadania – e suas diversas aplicações –, entendida aqui não como um conceito estanque, mas como um processo histórico, político e cultural, absorvendo novos direitos e deveres ao longo dos séculos, foi passando, como podemos observar, por uma série de caminhos e transformações ao longo dos tempos. Marshall (1967), grande estudioso e um dos pioneiros numa teorização do assunto, nos diz que se trata a cidadania do direito a ter direitos. Vieira (2003, p. 18) especifica a questão, quando afirma que:

cidadania é um ‘status’ jurídico e político que concede ao cidadão direitos e deveres. Direitos nas esferas civil, jurídica e social, e deveres, no âmbito, por exemplo, da prestação do serviço militar, do recolhimento de impostos, da denúncia da malversação da coisa pública, etc.

Estreitamente vinculado ao Direito, Vieira (1998) recupera Marshall, ao explicitar que a “cidadania seria composta dos direitos civis e políticos [...] e dos direitos sociais” (p. 22). Vieira (op. Cit) ainda complementa, afirmando que a cidadania

também é formada pelo direito aos direitos culturais, que surgem com veemência na virada do século XX para o XXI. Agora resgatando Turner, o mesmo autor (op. Cit, p. 23) fala até mesmo em categorias de cidadania, classificações, mostrando-nos que “haveria, assim, uma cidadania conservadora – passiva e privada –, e uma outra revolucionária – ativa e pública”. A cidadania social – vinculada ao Estado do bem-estar – é acusada por Cortina (2005) de ser passiva. Precisamos, segunda a autora, de uma cidadania ativa, que também assuma, e não somente cobre responsabilidades.

Uma interessante perspectiva para se tentar compreender a cidadania é perceber sua relação intrínseca com a identidade e com o sentimento de pertença. A identidade seria uma força motivadora para o exercício da cidadania. O sentimento de pertença, de se reconhecer como parte integrante de algum lugar, aumentaria o desejo de participação, e teria como consequência o aumento da civilidade (CORTINA, 2005). Para pensarmos o caso do Brasil, nada mais emblemático do que a citação de Cortina, quando esta autora espanhola nos diz que “quem não é tratado como cidadão não identifica a si mesmo como tal” (CORTINA, 2005, p. 73).

### **5.6.2 Cidadania no Brasil**

Especificamente acerca da noção de cidadania que tem se desenvolvido no Brasil, temos, a partir de Carvalho (2002), que o exercício deste conceito, ao longo da história do nosso país, quase sempre se deu de uma maneira delicada e conturbada. A começar por um ponto primordial – bagagem trazida, como vimos acima, desde a Grécia antiga – que diz respeito a uma noção exclusivista e parcial de cidadania: a discussão sobre, afinal, quem são os cidadãos. Durante séculos de tráfico negreiro, tínhamos disseminado em nosso país a idéia de que os escravos não eram cidadãos, portanto nada mais óbvio do que eles estarem de fora de qualquer participação cidadã, isso com o aval de grande parte da sociedade brasileira à época. “A escravidão penetrava em todas as classes, em todos os lugares, em todos os desvãos da sociedade: a sociedade colonial era escravista de alto a baixo” (Carvalho, 2002, p. 20). Mesmo após a abolição da escravatura, que só ocorreu em 1888 – sendo o Brasil um dos últimos países na América a libertar os escravos – os então homens livres continuaram sem perspectivas, sem “chão”, sem nenhuma oportunidade de exercer seus direitos cidadãos,

pois “as marcas da escravidão, tanto metafórica como literalmente, [...] estão presentes na sociedade” (VELHO e ALVITO, 1996, p. 241).

Isso sem falar nos analfabetos e nas mulheres, que passaram anos sem o direito de voto. E nas empregadas domésticas, que não há muito tempo, apenas, tiveram resguardados seus direitos previdenciários, e passaram, portanto, anos tendo seus direitos sociais cerceados pelo Estado. Isso para não falar do mercado informal, que até hoje não tem uma legislação que dê conta de resguardar os direitos de seus praticantes que o exercem dentro da legalidade. Um país como o Brasil, com um enorme contingente de trabalhadores no setor terciário, tinha que ter um código de leis coerente com esse contexto. Quando existem privilégios, quando determinadas classes possuem direitos que são negados a outras, não existe cidadania, pois o termo está ligado à plenitude, ao acesso de todos, indistintamente, aos direitos sociais, civis e políticos. No Brasil, “quando nós estamos sendo bem tratados é porque nós estamos sendo tratados através de privilégios, e não porque somos cidadãos” (VELHO e ALVITO, 1996, p. 235).

Acerca desse ponto, é importante percebermos que a ausência de uma efetivação plena dos direitos em nosso país faz com que se entre, muitas vezes, em uma discussão sobre quem merece mais e quem merece menos o acesso aos direitos, que, teoricamente, deveriam contemplar a todos, sem qualquer tipo de hierarquização. Direito é algo que não deve ser disputado, pois, se é direito, deve estar dado como tal, deve ser pensado como uma conquista e não como um favor.

Então, por exemplo, a discussão de quem merece ser atendido no posto de saúde e de quem não merece. [...] O acesso à creche, por exemplo, porque tem mãe que pensa ‘porque eu trabalho e eu mereço mais do que ela’. Não, o direito é pra todos, pra quem trabalha e pra quem não trabalha. [...] Então quer dizer, em vez de você criar um senso comunitário, você tem uma certa disputa interna entre as pessoas, que em vez de lutarem para que todos tenham, começam a lutar entre si pra quem tem mais direito a quê (ALVES, 2007)<sup>120</sup>.

Uma reflexão importante quando se fala de cidadania em nosso país, dá conta de perceber que poucas vezes – se é que não podemos falar em “nenhuma vez” – os

---

<sup>120</sup> Renato Alves, pesquisador do NEV-USP – Núcleo de Estudos da Violência, em entrevista concedida ao autor desta dissertação em 3 de maio de 2007.



direitos civis puderam ser exercidos em conjunto com os sociais e os políticos, proporcionando, assim, uma “cidadania plena” (PINSKY, 2005), que abarcasse, então, as três formas de direito previstos para o exercício cidadão simultaneamente. O que temos assistido na história do Brasil, segundo nos fala Carvalho (2002), é uma sucessão de alternâncias. Quando a população está mais perto de praticar os direitos civis, distancia-se dos políticos. Quando se vê na possibilidade de exercício dos direitos políticos, é afastada dos direitos sociais. É como se a cidadania fosse quebrada em “compartimentos”.

Outro fator que vem a corroborar essa fragmentação da cidadania em nosso país é o fato de que no Brasil a luta por direitos dos trabalhadores, a participação da população nesse movimento, em muitos casos se deu de uma forma “egoísta”, com cada grupo se preocupando apenas com sua classe profissional. Temos visto isso, ao longo dos anos, com, por exemplo, as organizações sindicais e a batalha pelos direitos previdenciários, com cada sindicato buscando apenas os seus direitos, e até mesmo se recusando em diminuir seus privilégios em prol de uma legislação que alcance a sociedade como um todo. Santos (1979, p. 24) corrobora e alicerça esta posição quando afirma que

não se tratava de um direito de cidadania, inerente a todos os membros de uma comunidade nacional [...] mas de um compromisso a rigor privado entre os membros de uma empresa e seus proprietários. [...] a previdência de que se cuidava cobria apenas os empregados de uma só e mesma empresa.

É no governo de Getúlio Vargas que é aprovado o Código de Leis Trabalhistas (CLT), em 1943, garantindo que parte dos direitos trabalhistas fosse ampliado para mais categorias sociais, mas ainda deixando de fora os trabalhadores rurais, domésticos, autônomos e todos aqueles que exerciam profissões não regulamentadas, além, claro, de excluir de seu alcance os subempregados e os desempregados. A cidadania, mesmo com a institucionalização do código trabalhista, continuava exclusivista e restritiva, deixando de contemplar em seu seio grandes estratos da sociedade. É como se a cidadania estivesse intrinsecamente – e tão somente – vinculada ao trabalhador. Interessante quando Santos reflete acerca disso, dizendo que “a cidadania está embutida na profissão e os direitos do cidadão restringem-se aos direitos do lugar que ocupa no processo

produtivo. [...] Tornam-se pré-cidadãos, assim, todos aqueles cuja ocupação a lei desconhece” (SANTOS, 1979, p. 75).

Não só diversas camadas da sociedade ainda continuavam de fora da categoria de cidadão, tomando-se por base seu estreito vínculo com o trabalho, no governo de Getúlio Vargas, como, em 1950, quase 60% da população ainda permanecia impossibilitada de exercer o ato cívico do voto, pois os analfabetos, que perfaziam quase 60% do povo brasileiro, eram proibidos de escolher seus representantes públicos por meio das eleições. Em 1950 somente 15,9%<sup>121</sup> da população do país participou como votante. Interessante quando Pandolfi (1999, p. 53-54) afirma que “no imaginário do povo, a palavra ‘direitos’ (usada sobretudo no plural), é, via de regar, relacionada com aquele conjunto dos benefícios garantidos pelas leis trabalhistas e previdenciárias implantadas durante a era Vargas”. É somente com a constituição de 1988, ou seja, há menos de 20 anos – em um país que tem mais de cinco séculos desde a invasão dos portugueses –, que os direitos civis e políticos adquiriram um pouco mais de visibilidade, com a condenação expressa à tortura e ao racismo, por exemplo, e a extensão do direito de voto aos analfabetos.

E assim vem sendo elaborada a noção de cidadania em nossa nação, através dos tempos, da atuação do império, das oligarquias agrárias e do coronelismo<sup>122</sup>, da era Vargas, do populismo, das ditaduras militares e agora, sob a batuta de nosso atual Estado, que, inserido no movimento capitalista internacional, combina monetarismo neoliberal com políticas sociais assistencialistas, coronelismo com concepções socialdemocratas sobre o papel do Estado, do governo e da sociedade civil. Trata-se, então, contemporaneamente, do complexo Estado brasileiro atuando na conformação da

---

<sup>121</sup> Fonte: (PINSKY e PINSKY, 2005, p. 482).

<sup>122</sup> O coronelismo é um sistema político, uma complexa rede de relações que vai desde o coronel até o presidente da República, envolvendo compromissos recíprocos. [...] O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca do reconhecimento deste de seu domínio no estado (CARVALHO, 1997).

Fonte: Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual

Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci\\_arttext#v1](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext#v1)

Acesso em: 22 jan. 2008.

cidadania em conjunto com as regras de uma globalização onipresente, que configura o planeta sob uma nova perspectiva.

### 5.6.3 A cidadania midiaticizada

A partir das transformações – trazidas pelo advento da urbanização, da globalização e da midiaticização – ocorridas nas formas dos indivíduos se relacionarem entre si e nas suas formas de interações com os meios de comunicação e com as instituições, é de fundamental importância o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem a compreensão dos processos de construção da cidadania na sociedade midiaticizada. A cidadania, o sentimento de ser cidadão, de pertença a uma comunidade, antes praticados pelas relações “face-a-face”, pelas identidades locais, pelas interações territorializadas, e, principalmente, pela atuação do Estado, passam a ser, também, intercambiados pela mídia. E, cada vez mais, esses intercâmbios são sentidos de forma mais forte. Não podemos deixar de perceber em nossa sociedade contemporânea o fato de que o fenômeno da midiaticização parece afetar todas as práticas sociais existentes, passando a fazer parte de nossa cotidianidade, muitas vezes, segundo se observa em Mata (1999), atuando como mediação entre os sujeitos e as instituições.

Com a globalização e as inovações tecnológicas – e as conseqüentes transformações nas formas de interações acarretadas por essas inovações – as instituições clássicas acabam perdendo parte de seu peso. Dá-se, então, segundo Carvalho (2002, p. 225), “a redução do papel central do Estado como fonte de direitos e como arena de participação”. Ainda segundo Mata (2000), percebemos, com o processo de midiaticização, uma significativa tendência de substituição das instituições oficiais – partidos, órgãos governamentais, instâncias judiciais – como o lugar para a representação cidadã, pelos meios massivos de comunicação. É bastante relevante, para a discussão acerca desta temática, que atentemos ao fato de que para muitas pessoas, atualmente, torna-se mais simples e, principalmente, mais rápido recorrer ao sistema midiático<sup>123</sup> – televisão, rádio, jornais, Internet – na busca de resoluções para uma série

---

<sup>123</sup> Para confirmar isto basta percebermos na Internet e em várias revistas e jornais de circulação nacional – especialmente em seções do tipo “Seus Direitos” ou “Ajuda” – a quantidade de casos de insatisfação e cobrança de resoluções, por parte dos leitores, em relação a bens e serviços que são agilizados e/ou resolvidos a partir da intervenção do veículo midiático. No rádio, práticas como essas são

de questões do que, por exemplo, procurar ajuda em órgãos oficiais, tais como Procon<sup>124</sup>, Decon<sup>125</sup>, etc. (no caso de soluções para problemas relacionados ao consumo de bens e serviços). É nesse cenário, então, que os indivíduos recorrem ao *Linha Direta* em busca de solução para crimes mal ou sequer resolvidos pela justiça. Sobre este ponto, faz-se necessário, então, que resgatemos Orozco Gómez (2003, p. 11), quando esse autor questiona “Cómo se está constituyendo el sujeto individual y colectivo como ciudadano de um país e del mundo, cuando la mayor parte de su constitución está mediatizada por sus múltiples vínculos com médios y tecnologías de información?”

Com relação ao meio televisivo, é ainda importante assinalarmos, a partir de Mattos (2002), que o desenvolvimento da TV a cabo no Brasil “surgiu como um dos mais democráticos e avançados do mundo” (Mattos, op. Cit, p. 127), como consequência da aprovação da Lei 8.977, que trata especificamente da regulamentação desse tipo de televisão em nosso território. Isso abriu uma série de perspectivas otimistas para o exercício da cidadania através da TV em nosso país, o que, no entanto, acabou, pelo menos até então, não se conformando da maneira idealizada. “Lamentavelmente, vários itens previstos na lei [da TV a cabo] jamais saíram do papel, tal como a prometida regionalização de parte da programação das TVs” (Mattos, op. Cit, p. 127). A realidade que podemos observar atualmente é que esse tipo de TV constitui-se tendo uma forte segmentação como base, ficando excluída do acesso aos canais por assinatura grande parte da população telespectadora brasileira.

No entanto, ainda segundo Mata (2006)<sup>126</sup>, “os meios proclamam-se como o espaço para exercer o direito à cidadania. O espaço que supre a carência de cidadania”. A mesma autora (2002) ainda completa, afirmando que passa a ser do sistema midiático a empreitada de agenciar a articulação de interesses coletivos, que concorrem como elementos de disputa pela hegemonia – que, por sua vez, também se instala nas

---

até mais antigas. Já a televisão, devido a custos e operacionalidades, não tem a mesma tradição, como o rádio, em atuações comunitárias.

<sup>124</sup> Programa de Defesa do Consumidor.

<sup>125</sup> Programa de Proteção e Defesa do Consumidor.

<sup>126</sup> Conferência de Maria Cristina Mata em aula inaugural do ano letivo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 29 de março de 2006.

instituições midiáticas. Corroborando com Mata, torna-se fundamental citar Bucci (2004, p. 33) quando ele nos diz que “o que não é visível não existe. O que não tem visibilidade não adquire cidadania”. E completa afirmando que:

a esfera pública da sociedade de consumo, a sociedade em que vivemos, tem a sua esfera pública privatizada, na qual atributos da cidadania se convertem em bens de consumo e na qual a lógica do espetáculo absorve e comanda a organização e a disposição dos conteúdos (Bucci, 2004, p. 41).

Refletindo por esse caminho, devemos ter em conta que na contemporaneidade, atravessada pela midiatização, o desejo de existência por parte dos sujeitos já não se limita mais apenas à existência física, ao simples ato de existir. “Existe um público, uma esfera de cidadania, que precisa encontrar livres canais de manifestação para fazer-se valer ante o Estado e diante da sociedade” (GOMES, 2003, p. 33). Ou seja, ao indivíduo atual incide, também, a necessidade de existência pública, de fazer-se visível na sociedade, de transitar e de ser contemplado nas relações de sociabilidade hodiernas, tão impregnadas pelo fenômeno da midiatização. Nessa linha de raciocínio, a cidadania passa a requerer, então, um alto grau de publicização, para que os direitos sejam reconhecidos e respeitados de forma pública, para que os cidadãos exerçam seus direitos e deveres publicamente. Rubim (2003, p. 112) afirma que “sem a publicização possibilitada pela comunicação [...] a cidadania entra em colapso, posto que não pode se constituir e realizar”.

O mesmo autor (2003, p. 110) ainda oferece subsídios para esta reflexão, quando nos diz que:

Se antes, em uma situação de dominância do espaço geográfico e local, a comunicação interpessoal garantia, de imediato, a existência pública, agora, na era do sensacional avanço do espaço eletrônico em rede e global, a comunicação deve sofrer uma necessária transmutação.

Segundo Ianni (1997, p. 3), “entre as instâncias [...] que sofrem impacto direto da globalização estão nada menos do que sociedade civil, Estado, partido político, sindicato, movimento social, opinião pública, povo, classe social, cidadania”. Com isso, a noção tradicional e clássica de cidadania de Marshall – vinculada aos direitos sociais, civis e políticos – deve sofrer uma reformulação, uma espécie de atualização, para

continuar possibilitando uma tentativa de plenitude dos indivíduos em suas vivências. Em nosso espaço/tempo contemporâneo, desterritorializado, glocal, instantâneo e intensamente penetrado pelo sistema midiático, a cidadania, para dar conta de acompanhá-lo – já falamos mais acima da cidadania como um processo histórico, que vai sofrendo mutações ao longo de sua trajetória – deve, além de garantir os direitos sociais, civis, políticos e, até culturais – nos termos de Vieira (1998) –, assegurar, igualmente, os direitos comunicacionais dos sujeitos, os direitos de participar dessa esfera midiaticizada, de ser incluído nesse novo espaço/tempo, de, enfim, adquirir essa visibilidade pública, essa existência não somente mais física, mas, também, social.

A cidadania – para ultrapassar esse descompasso entre teoria e prática, entre o que se pensa acerca do tema e o que efetivamente se percebe sendo posto em prática – deve contemplar em seu bojo uma configuração também comunicacional, que dê conta de uma cidadania dita eletrônica e outra, dita planetária. A eletrônica contempla a necessidade de que todos os seres contemporâneos tenham acesso ao espaço virtual (à inclusão digital), lugar essencial de sociabilidade nos dias atuais, e a planetária diz respeito ao fato de que, com as crescentes transformações trazidas pela globalização, sejamos cada vez menos sujeitos de um espaço somente nacional, inscrito apenas sob uma territorialidade local, para nos transformarmos em seres *glocals*, com alta penetrabilidade do mundial, do planetário em nossa constituição.

Difícil – apesar de não ser impossível – é pensar que em um país como o Brasil, com fortes desigualdades e exclusões sociais, com extrema concentração de renda e de poder nas mãos de tão poucos, todos esses obstáculos possam ser ultrapassados de forma plena na configuração de uma cidadania completa e irrestrita, que abarque todos os indivíduos de todos os estratos sociais. Rubim (2003, p. 105) argumenta que “a desigualdade social intensa, não resta dúvida, aparece como um dos maiores perigos para a realização plena da cidadania”. Se até mesmo a noção clássica de cidadania, ainda nos termos imaginados por Marshall, que inclui “somente” os direitos sociais, políticos e civis, ainda carece de efetivação em nosso país, imagine uma extensão do termo, que, por exemplo, também dê conta de contemplar uma extensa inclusão digital no espaço das sociabilidades virtuais.

Interessante que reflitamos, a partir das considerações de Castell, que a inclusão digital deve ser acompanhada da educação, pois não adianta ter o acesso se não se sabe o que fazer com ele, se não se sabe aonde ir, onde buscar o que se quer encontrar e o que fazer com o que se encontra. “Na realidade, a Internet amplifica a velha exclusão social da história, que é o nível de educação” (CASTELL, 2008)<sup>127</sup>. Ou seja, o processo de inclusão digital é mais complexo do que o que se pensa. Como pensar que ele seja efetivamente posto em prática – não somente com acesso, mas com educação para a qualidade do acesso – em um país como o Brasil, cujas deficiências diversas no setor da educação perduram até hoje?

Se, em uma nação como a nossa, até os dias atuais, ainda vemos o flagelo da saúde pública – somente para citar um caso básico e dos mais graves – como ruptura numa realização da cidadania social; observamos o coronelismo, o compadrio e as eleições fraudulentas – especialmente no sertão nordestino – numa violação clara dos direitos políticos e assistimos às constantes, e cada vez mais necessárias, sanções de nossa liberdade de ir e vir como maneira de nos proteger da violência, num sinal óbvio de falha dos direitos civis, quem dirá se, numa visão menos otimista, poderemos pensar na plenitude de uma cidadania cultural e comunicacional.

Imaginemos se em um lugar onde são cobrados preços abusivos por um simples ingresso de cinema e a meia entrada para estudante – uma conquista tão cara à UNE<sup>128</sup> – sequer é respeitada na Grande Porto Alegre; onde concertos, peças teatrais, musicais e exposições, muitas vezes, são destinadas apenas à elite financeira – que pode pagar quase o valor de um salário mínimo para ver numa boa localização do teatro um espetáculo como o Cirque du Soleil – e onde os livros têm preços cada vez mais exorbitantes podemos falar em cidadania cultural para todos.

Perguntemo-nos se em um país onde o acesso à Internet ainda é restrito; os equipamentos em muitas escolas e centros comunitários de socialização digital são precários e ultrapassados; a banda larga e a possibilidade de conexão mais rápida e por

---

<sup>127</sup> Fonte: O poder tem medo da Internet. Entrevista com Manuel Castells  
Disponível em:  
[http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont\\_key=220135](http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=220135)  
Acesso em: 22 jan 2008.

<sup>128</sup> União Nacional dos Estudantes.

tempo indeterminado continuam com preços elevados, dificultando a qualidade de acesso; os canais por assinatura, apesar da tentativa democrática em seu processo de implantação no Brasil, continuam segmentados e excludentes, podemos pensar em cidadania comunicacional para a população, em direito à inclusão digital, em cidadania midiática absoluta.

Não vamos deixar, no entanto, o pessimismo apocalíptico – unilateral e cego, como todas as posições extremistas – dos três parágrafos anteriores tomar conta de nossas reflexões e dos encaminhamentos que podemos perceber a partir de tudo o que vem sendo exposto. Se estamos trabalhando com o conceito de cidadania midiaticizada, de uma cidadania que, de alguma forma, é atravessada e transformada pelo fenômeno da midiaticização, é porque em algum momento acreditamos que isso seja possível, por algum instante que seja, é porque julgamos que a visibilidade proporcionada pela mídia possa levar cidadania a determinadas causas, que ficariam escondidas e sujeitas ao esquecimento longe da luz oferecida pelo campo das mídias. É porque cremos, como veremos mais abaixo, na capacidade da sociedade civil de também se apropriar dos meios de comunicação em benefício da coletividade, num caminhada ainda bastante tímida, mas que pode parecer promissora se observarmos com clareza e interesse as práticas que já vêm sendo feitas.

Acreditamos, igualmente, que a informação séria, decente, imparcial, proveniente de um jornalismo que ainda tenha o interesse público e o debate de questões sociais pelos atores da sociedade civil como foco e objetivo principal possa oferecer caminhos para uma efetivação da cidadania plena. Mas até mesmo a informação – tão propalada por alguns autores como um elemento primordial na configuração da cidadania midiaticizada dos sujeitos – vem sofrendo sucessivas transformações ao longo dos tempos, propiciando um reenquadramento de suas condições de produção e uma atualização de sua concepção nos dias atuais. A questão do interesse público, caríssima ao jornalismo, passa por uma reelaboração de sua definição em grande parte do campo jornalístico contemporâneo, que deixa o modelo da imprensa de opinião para constituir-se, no cenário hodierno, em modelo de imprensa empresarial. Com isso, o jornalismo passa a ser entendido não mais



como um conjunto de serviços sociais destinados a suprir a ‘arena da opinião civil’, mas como um sistema industrial de serviços voltados para prover o ‘mercado de informações’ segundo o interesse das audiências [...] num estado de enorme concorrência (GOMES, 2003, p. 37).

Nesse processo de transformação do jornalismo o sentido de “público” também passa por reconfigurações, também tem seu sentido original modificado. O público deixa de estar relacionado à cidadania, ao povo, para se vincular, na contemporaneidade, à audiência, a uma cota de pessoas, a uma grandeza demográfica qualquer. Ainda segundo Gomes (2003, p. 45), “sai de cena o ‘cidadão’ e o prosscênio fica inteirinho à disposição do ‘leitor’. Sua excelência o leitor deve ser servido, apenas com ele o jornalismo tem o ‘rabo preso’”.

Com a mudança na noção de público e de interesse público, a partir da transferência de foco do cidadão para a audiência, muda, também, obviamente, o conceito de notícia, do que é e deve ser notícia. A informação para um público entendido como cidadão é diferente da notícia de interesse para um público convertido em audiência. A audiência, agora configurada em públicos segmentados e diversos, tem interesses distintos, procura por informações diferenciadas, as quais o jornalismo, pensado sob uma configuração mercadológica (BOURDIEU, 1997) deve corresponder. Com isso tudo, a cidadania proporcionada através da informação, da visibilidade de acontecimentos oferecida pelo sistema midiático ao conhecimento público, sofre uma substancial mutação. Segundo Gomes (2003, p. 48), “uma parte apenas [das notícias] consiste em informações imediatamente importantes para a tomada de posição política e para a orientação política do cidadão. O resto satisfaz todo tipo de demandas de informação”.

É nesse contexto de uma cidadania atravessada pela mídia, de transformações nas lógicas do fazer jornalístico, de reconfigurações da noção de público onde se abre um espaço para refletir acerca das visibilidades oferecidas pela mídia e de sua relação com a “censura oculta” (OLIVEIRA, 2003), também proporcionada pelo sistema midiático. A censura oculta, ao contrário da censura imposta aos meios de comunicação pelos governos ditatoriais, de forma explícita, faz-se de maneira silenciosa, sem se deixar perceber. É a partir dessa sua manifestação imperceptível que ela se torna ainda mais nefasta. A censura oculta se dá nas lógicas do fazer midiático, nos diferentes tipos

de sanções que podem incidir sobre as mensagens informativas, sejam sanções de mercado, logísticas, administrativas (dos grupos comunicacionais), etc. Segundo Halimi (1998, p. 3), “a comunicação social proclama-se ‘contra-poder’, mas a imprensa escrita e audiovisual é dominada por um jornalismo de reverência, por grupos industriais e financeiros, por um pensamento de mercado, por redes de conivências”. Ainda sobre a censura oculta e sua relação com a prática da cidadania, nada mais suscitador do que o que aponta Vieira (2003, p. 17), quando fala do “valor que a cidadania assume na conjuntura atual, [quando os] meios de comunicação de massa [...] a transformam em escudo retórico para camuflarem os seus reais interesses”.

Como podemos, então, a partir de tudo o que vem sendo dito aqui, pensar numa configuração de uma tal visibilidade proporcionada pela mídia? Será realmente que podemos afirmar que o que não está exposto no sistema midiático não existe? E será, também, no sentido inverso, que tudo o que existe está, necessariamente, exposto na mídia? Será que não podemos falar numa visibilidade e, por que não dizer, numa cidadania parcial quando o *Linha Direta*, por exemplo, mascara, deturpa, enfim, não dá visibilidade à história do acusado e põe visível somente a trajetória de vida da vítima? Será que muitas das histórias e dos casos mostrados pelos meios de comunicação não se baseiam, em grande parte, em formas estereotipadas da mídia comercial? E não seriam essas formas parciais de visibilidade apenas uma dentre tantas realidades existentes? É importante que possamos refletir, a partir destes questionamentos, sobre a noção de visibilidade proporcionada pela mídia. De que forma e com quais argumentos podemos pensar numa cidadania articulada pelos meios de comunicação, onde o que está fora do alcance deles não adquire *visibilidade* e, portanto, onde o exercício cidadão não se efetiva?

Enfim, para aprofundar, problematizar e, por que não dizer, polemizar esta discussão é interessante que citemos Maldonado (1999, p. 128), quando ele resgata o pensamento de Habermas dizendo que “os sujeitos [na ótica de Habermas] não são entes passivos, completamente manipuláveis. Eles têm a possibilidade de exercer a sua cidadania no âmbito da cultura, confrontando-a com o Estado e o poder institucional”. Será que a televisão é o instrumento utilizado por esses sujeitos para atuar nesse confronto com o Estado? E de que maneira isso se configura? Não seria um paradoxo a mesma TV que fomenta e faz apologia à violência – através de programas de auditório

que se utilizam constantemente do grotesco, do chocante e do apelativo, dos filmes e telenovelas onde sangue, mortes e tiros fazem parte do roteiro do início ao fim, dos seriados (principalmente os enlatados norte-americanos) onde descobrir quem é o *serial-killer* é a principal atração – passar a liderar uma verdadeira campanha contra os índices de criminalidade urbana, adentrando, nessa campanha, os espaços anteriormente ocupados pelo Estado? Enfim, depois do exposto, não há como fugir de uma pergunta cabal ao desenvolvimento da pesquisa: em que medida o Estado, sob sua configuração neoliberal<sup>129</sup>, tem contribuído para a conformação dessa cidadania planetária e midiaticizada descrita acima? De que forma pode se dar um combate à violência liderado não mais somente pelo Estado e pelas instituições oficiais, mas, preponderantemente, pela televisão?

## **5.7 Linha Direta e as relações com o Estado**

### **5.7.1 O estado neoliberal, a fragilidade da cidadania e a consolidação da violência**

Com o desenvolvimento da globalização nas últimas décadas, e a constante transformação do mundo em espaço técnico, científico e informacional, o Estado aparenta perder força e centralidade frente à configuração das instâncias de poder em nossa sociedade. Para ilustrar essa lógica torna-se necessário citar Vieira (1998, p. 105), quando ele nos diz que “os Estados nacionais se enfraquecem à medida que não podem mais controlar dinâmicas que extrapolam seus limites territoriais”. Com o planeta em seu estágio de globalização crescente, a ênfase em políticas neoliberais e no livre comércio é cada vez maior, gerando uma expansão na dissociação entre Estado e mercado. Isso teve como consequência, ainda segundo Vieira (op. Cit, p. 108), “um quadro no qual os direitos e obrigações, poderes e capacidades dos Estados foram redefinidos”<sup>130</sup>. Com isso, Poster (2003) não vê possibilidades de atuação da cidadania

---

<sup>129</sup> Temos em conta que a nomenclatura não consegue expressar a complexidade que envolve o Estado nacional na atualidade. Pensar no Estado brasileiro como um neoliberalismo “puro” é redutor. Utilizamos o termo cientes das especificidades que o neoliberalismo adquire em cada nação na qual é implantado.

<sup>130</sup> É importante termos em mente que essa situação peculiar enfrentada pelo Estado em tempos globalizados muda consideravelmente de país para país. Mais adiante, com o avanço da reflexão, veremos que no Brasil as coisas não se configuram de modo a deixar claro um desvanecimento do poder do Estado. Em nossa nação o governo ainda situa-se, apesar de todas as transformações, como importante elemento de poder.

numa era marcada pela globalização, pois, na visão deste autor, a cidadania seria “corrompida” e “contaminada” pelo mercado, proporcionando a dominação de todos pelo capital. “O discurso crítico atual localiza um antagonismo entre globalização e cidadania” (POSTER, 2003, p. 320).

O neoliberalismo, segundo esses teóricos, é o extremo oposto ao estado de bem-estar, pois seus valores pautados no individualismo são incoerentes com a noção de cidadania. Um consenso se estabeleceu em denominar neoliberalismo as políticas de privatização econômica e “ataque aos direitos sociais” (COGGIOLA, 2005, p. 332). A ofensiva neoliberal, que teve no governo de Fernando Henrique Cardoso um marco no Brasil, prevê: “ajuste fiscal; redução do tamanho do Estado; fim das restrições ao capital externo; [...] abertura do sistema financeiro; [...] desregulamentação; [...] e reestruturação do sistema previdenciário” (COGGIOLA, op. Cit, p. 332). Indo de encontro ao que postulam os autores, vale enfatizar, entretanto, que neoliberalismo e cidadania não podem ser vistos como alternativas absolutamente dicotômicas e inconciliáveis, pois assistimos no atual Estado brasileiro a combinação de formas monetaristas de governo com práticas voltadas para o bem-estar. A administração do país posiciona-se em alguns aspectos como socialdemocracia e, em outros, como liberalismo.

A ordem neoliberal, através dos grupos de pressão, dá “sugestões”, verdadeiras instruções de procedimentos que devem ser adotadas pelos governos. “Organizações multilaterais, como o FMI e o Banco Mundial, passaram a impor novas formas de conduzir as políticas públicas em campos tão diversos como os transportes, a saúde, a educação e o meio ambiente” (NAVES, 2005, p. 564). O Estado, então, vê-se obrigado a obedecer a essas “recomendações”, pois, do contrário, corre o risco de ver suas moedas sob o ataque dos especuladores e suas economias debilitadas pela fuga de investidores. No mundo globalizado bastam apenas alguns minutos para um boicote e/ou uma crise econômica disseminar-se por todo o planeta, como rastilho de pólvora, ocasionando efeitos catastróficos à economia-mundo. Queremos destacar, no entanto, que o Banco Mundial e o FMI vêm perdendo parte de sua legitimidade e de seu poder nos últimos cinco anos – devido aos fracassos em suas consultorias, estratégias e receitas –, o que não faz com que desconsideremos todo o impacto que ambas as

instituições provocaram durante toda a década de noventa do século passado e o início deste milênio em diversas nações, especialmente da América Latina.

O predomínio neoliberal entre os anos 1980 e 1990 do século passado não acabou com os direitos sociais já adquiridos, mas dificultou, sem sombra de dúvidas, a conquistas de novos. Com as filosofias neoliberais os debates entre o mercado e o Estado como gestores da política do emprego voltam com força total, cabendo ao grupo dos neoliberais a postura de ter o desempregado como aquele que não consegue emprego porque não quer. Essa visão ainda percebe o Estado como incapaz de administrar as políticas econômicas. “Por esse raciocínio, por maior que seja o montante de desempregados, a economia sempre se encontra em pleno emprego, ou seja, emprego e desemprego resultam do livre encontro de vontades dos agentes de mercado” (SINGER, 2005, p. 255).

Proveniente de toda essa situação de desregulamentação, o quadro de desemprego generalizado – que chegou a atingir cerca de 15% da população economicamente ativa em 2000<sup>131</sup> – e de formas precárias de trabalho – como os cada vez mais freqüentes trabalhos por temporada, sem carteira assinada e sem direitos trabalhistas – acarretou uma situação de diminuição drástica da cobertura dos direitos sociais, visto que muitos de seus benefícios foram pensados para ajudar assalariados regularmente contratados, e não previam o contingente cada vez maior de indivíduos atuando no setor informal da economia. Segundo Singer (2005, p. 257-258), fica no ar

uma forte sensação de que o estado do bem-estar se encontra em profunda crise. [...] Nessa situação, cresce a criminalidade e a violência criminosas, o que aprofunda o fosso social entre os bolsões de pobreza, que são muitas vezes forjados do crime organizado, e os que dispõem de trabalho regular bem remunerado.

O desenvolvimento do crime organizado – que, com todos os avanços nas novas tecnologias de comunicação e informação, se desenrola em escala internacional – faz com que sejam movimentadas quantias que se aproximam de um trilhão de dólares<sup>132</sup>,

---

<sup>131</sup> Fonte: (PINSKY e PINSKY, 2005, p. 259).

<sup>132</sup> Fonte: (PINSKY e PINSKY, 2005, p. 337).

mobilizando e fazendo progredir uma economia que tem a contravenção e a transgressão à ética como alicerces.

Todos esses deslocamentos globalizantes – e glocalizantes, pois não podemos negligenciar que cada vez mais as interações entre o global e o local também se fazem presentes no cenário contemporâneo –, como estamos observando ao longo deste trabalho, trazem sérias conseqüências à população. Conforme afirma Giddens (1966, p. 13), “a globalização não é um processo único, mas uma mistura complexa de processos, que frequentemente atua de maneira contraditória, produzindo conflitos, disjunções e novas formas de estratificação”. Interessante quando vemos alguns autores falando em “globalização e desordem mundial” (COGGIOLA, 2005), no lugar da tão proclamada frase repetida pelos serviçais do apologismo cego e irrefletido à globalização, que fala em uma nova ordem mundial.

Nesse cenário de desordem, o investimento em políticas públicas, pelo Estado, é redesenhado e as desigualdades entre países ricos e pobres, agravadas com a globalização, fazem com que vultosas somas sejam investidas por esses países economicamente menos favorecidos em pagamentos de dívidas e empréstimos com organismos internacionais, somas essas que muitas vezes são retiradas dos programas sociais e das ações de cidadania. Os acordos de livre comércio – como o NAFTA<sup>133</sup>, por exemplo –, sob a égide da OMC<sup>134</sup>, em sua grande maioria, só beneficiam os países desenvolvidos, pois entraves comerciais continuam sendo impostos aos produtos oriundos dos países em desenvolvimento, ocasionando graves crises econômicas. Segundo Coggiola (2005, p. 339),

um quarto de século de neoliberalismo destruiu conquistas sociais em grande escala, e subordinou, em quase todos os países, os direitos sociais a uma suposta (e quase nunca verificada) ‘eficiência econômica’. O século que concluiu acabou pondo a cidadania efetiva [...] diante de uma alternativa cada vez mais clara: sua destruição, ou sua vigência apenas formal, no quadro do regime social existente.

---

<sup>133</sup> Acordo Norte-americano de Livre Comércio.

<sup>134</sup> Organização Mundial de Comércio.

Acerca especificamente do cenário brasileiro e de suas relações com as políticas neoliberais, Telles (1998, p. 43) afirma que “em terras brasileiras, o assim chamado neoliberalismo consegue a façanha de conferir título de modernidade ao que há de mais atrasado na sociedade brasileira, um privatismo selvagem e predatório, que faz do interesse privado a medida de todas as coisas”. Com uma reflexão focada nos meios de comunicação, Vieira (2003, p. 25) acrescenta que “para a mídia de massa a verdadeira cidadania é aquela que emana dos cofres do Estado, que manda construir e reconstruir retóricas segundo o sermão neoliberal”.

Todas essas crises econômicas geradas nesse novo cenário emergente, obviamente, geram catástrofes sociais, tendo como consequência, dentre outras coisas, a explosão da violência urbana em nossa sociedade. Sobre isso, torna-se fundamental resgatar Sodré (1992, p. 40), quando ele nos diz que:

nessa exasperante contigüidade da miséria (fome, epidemias de controle relativo, analfabetismo) com fluxos concentrados de dinheiro no interior da própria comunidade marginalizada, e em face da realidade material e simbólica da cidade moderna, emerge a violência anômica (agressões, assaltos, homicídios) como uma “contra-linguagem”, isto é, uma “linguagem” que não se instaura a partir das regras das instituições civis hegemônicas na sociedade global, mas a partir de sua ausência ou de seu desnaturamento abusivo. A violência desordenada é sintoma do desbordo do Estado.

Complementando o raciocínio de Sodré, Odalia (1991, p. 87) nos diz que “quando uma sociedade oferece ao homem aquém do que ela própria é capaz, é uma sociedade violenta e injusta”. Segundo a filósofa Viviane Mosé<sup>135</sup>, “como a população excluída não tem o benefício da cidade, ela também não precisa seguir as regras. Ela cria suas regras próprias”. Carvalho (2002, p. 216) alicerça esta posição quando afirma que:

Esses ‘elementos’ são parte da comunidade nacional apenas nominalmente. Na prática, ignoram seus direitos civis ou os têm sistematicamente desrespeitados por outros cidadãos, pelo governo, pela polícia. Não se sentem protegidos pela sociedade e pelas leis. Receiam o contato com agentes da lei, pois a experiência lhes

---

<sup>135</sup> Reportagem do Fantástico de 11 de fevereiro de 2006.

Disponível em:

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1453295-4005-636977-0-11022007,00.html>

Acesso em: 11 fev. 2007

ensinou que ele quase sempre resulta em prejuízo próprio. Alguns optam abertamente pelo desafio à lei e pela criminalidade.

Um estado – mas, também, um empresariado<sup>136</sup> – que trata a sua gente com o descaso com o qual o Brasil cuida de sua população não poderia pensar que uma parcela da população não pudesse reagir de alguma forma contra toda essa desigualdade social. E essa forma de reação acaba sendo a violência direta, essa que, por seus atos explícitos, acaba sendo a que chama mais atenção da comunidade e dos meios de comunicação.

É interessante resgatar que durante o ano de 2007 – especialmente no primeiro semestre – a mídia passou a focar com bastante regularidade a temática da redução da maioria penal e da instituição da pena de morte no Brasil, agendando assuntos dessa natureza nos principais telejornais do país, bem como nos jornais impressos de maior circulação. Isso se deveu, em grande medida, à tragédia com o menino João Hélio<sup>137</sup>, ocorrida em fevereiro de 2007, na qual um dos acusados de participar do assalto seguido de assassinato é um menor de 16 anos. Vimos, então, o judiciário, o senado e até o presidente Lula manifestando-se em diversos meios de comunicação sobre o assunto da revisão da penalidade para os jovens<sup>138</sup>. A mídia explora determinados acontecimentos violentos, onde haja uma explosão da violência direta, onde possa, a partir da cobertura da imprensa, existir repercussão nacional. Mas, e os milhares de crimes<sup>139</sup> hediondos

---

<sup>136</sup> Não podemos, no entanto, nos omitir de registrar aqui que o *marketing* social nas empresas é um movimento que cresce a cada ano no Brasil, aumentando o número de empresas socialmente responsáveis. Isso se configura ainda como um percurso, um caminho que se espera que seja seguido cada vez mais por uma quantidade maior de instituições comerciais.

<sup>137</sup> João Hélio Fernandes Vieites, 6 anos de idade, morreu após ser arrastado por mais de sete quilômetros, preso ao cinto de segurança do carro onde estava, no bairro Oswaldo Cruz, Zona Norte do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2007. O crime ocorreu durante um assalto. A mãe, uma amiga e a irmã de 13 anos de João conseguiram escapar, mas o garoto ficou preso ao cinto quando os assaltantes arrancaram com o carro.

<sup>138</sup> Fonte: Jornal Folha Online.  
Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u131586.shtml>  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u131528.shtml>  
Acesso em: 12 fev. 2007

<sup>139</sup> Em 2002 a proporção de homicídios sobre o total de óbitos por causas externas na população de 0 a 19 anos foi de 39,6%.  
Fonte: Homicídios de Crianças e Jovens no Brasil, 1980 a 2002  
Disponível em:  
[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=807&Itemid=96](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=807&Itemid=96)  
Acesso em: 23 jan. 2008.



que o sistema midiático hegemônico não cobre, aos quais não oferece visibilidade? E as centenas de assassinatos, crimes contra a mulher, exploração infantil, violência no trânsito, assaltos que acontecem corriqueiramente nas grandes cidades brasileiras e que não têm voz na grande mídia?

Interessante, também, refletir sobre a maneira como a sociedade discute a temática da criminalidade, pois o sistema, o mesmo que gera indivíduos violentos, pelos motivos já expostos aqui, parece querer camuflar a origem de toda essa violência,

---

Em 2000 a porcentagem de mortes no trânsito com relação às mortes por causas externas foi de 25, 3%. A proporção de suicídios foi de 5,8% e os números proporcionais relativos aos homicídios somam 38,8%.

Fonte: Mortalidade por homicídios no Brasil na década de 90: o papel das armas de fogo

Disponível em:

[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1071&Itemid=96](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=1071&Itemid=96)

Acesso em: 23 jan. 2008.

Também em 2000 o número de mortes por arma de fogo foi de 26,7 por grupo de 100.000 habitantes no Brasil.

Fonte: Homicídios e Armas de Fogo no Brasil e em São Paulo

Disponível em:

[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1026&Itemid=96](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=1026&Itemid=96)

Acesso em: 23 jan. 2008.

O número geral de homicídios no Brasil foi de 48.374 em 2004. No mesmo ano o número no estado do Rio Grande do Sul foi de 1980.

Fonte: Homicídios

Disponível em:

[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=755](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=755)

Acesso em: 23 jan. 2008.

“Os homicídios e os acidentes no trânsito são os dois principais responsáveis pela taxa de mortalidade entre homens com idades de 15 a 24 anos. Juntos, representam até 80% das mortes, segundo Juarez de Castro Oliveira, 44, gerente de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica do IBGE”.

Fonte: Folha Online: Homicídios e acidentes elevam taxa de mortalidade entre homens

Disponível em:

[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=537&Itemid=29](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=537&Itemid=29)

Acesso em 23 jan. 2008.

“Entre 1996 e 2006, cerca de 465 mil pessoas foram assassinadas no país, a maioria a tiros, de acordo com o levantamento realizado por duas ONGs e pelo governo federal”.

Fonte: Reuters: Brasil teve meio milhão de homicídios numa década

Disponível em:

[http://br.noticias.yahoo.com/s/reuters/manchetes\\_crime\\_homicidios\\_pol](http://br.noticias.yahoo.com/s/reuters/manchetes_crime_homicidios_pol)

Acesso em: 29 jan. 2008.

“Foi registrado no período entre 1980 e 2002 um total de 696.056 óbitos por homicídios no Brasil. Crianças e adolescentes de 0 a 19 anos correspondem a 16% (110.320) desse total. Esse número são os mais alarmantes que existem no mundo, dentre os países que não enfrentam guerras internas. É o que diz o detalhado relatório de 312 páginas lançado em novembro pelo Núcleo de Estudos de Violência (NEV) da USP”.

Fonte: USP Online: Brasil lidera número de homicídios de jovens entre países sem guerra interna, diz relatório

Disponível em:

[http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com\\_content&task=view&id=122&Itemid=29](http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=122&Itemid=29)

Acesso em: 23 jan. 2008.

querer fazê-la parecer algo natural, inerente ao sistema de sociedade em que vivemos, algo contra o que é inútil se lutar. Vieira (op. Cit, p. 89) ilustra bem isso quando diz que “a pobreza, a fome, as guerras civis são negligenciadas como algo próprio dessas sociedades em transição, um estágio evolutivo e doloroso rumo à democracia e ao livre mercado”. Corroborando essa visão, temos que inúmeras vezes a violência é mostrada, no *Linha Direta*, como um desvio psicológico, sendo exibidos no programa depoimentos de psicólogos e psiquiatras, muitas vezes relacionando atos de violência com desvios psíquicos. Segundo Odalia (op. Cit, p. 30), “essa maneira de pensar e agir institucionaliza a desigualdade e faz parecer como natural a distinção entre os homens que possuem e os que não possuem. A verdade, contudo, é que essa institucionalização nada tem de natural”. Mas é do interesse dos poderes dominantes fazê-la parecer assim, pois sendo essa discrepância entre ricos e pobres – e tudo mais o que envolve essa desigualdade, especialmente a falta de atuação dos governos – algo natural, não há, então, razões para ser ela considerada uma violência contra a população por parte do Estado – um Estado empresarial, configurado sob os interesses dessa classe – e, muito menos, como consequência, um motivador de atitudes violentas na sociedade.

### **5.7.2 A crise do Estado e as associações da sociedade civil**

É justamente quando o Estado, fragmentado e enfraquecido por um movimento neoliberal mundial nesse sentido, torna-se ausente no controle dessa caótica situação política, econômica e social, deixando incessantemente de investir em habitação, saúde, educação, saneamento, transportes e na formação do ser humano, que parece emergir uma sociedade civil – ou, pelo menos, se manifesta algum esforço nesse sentido – buscando tomar as rédeas da situação, especialmente por meio das Organizações não-Governamentais, dos movimentos sociais, religiosos, culturais, etc. Ou seja, “quando o poder central revela-se inacessível aos interesses da população [...] a tendência é surgirem novas formas de organização, que vão constituir o que se entende por ‘sociedade civil’” (NAVES, 2005, p. 564).

As organizações da sociedade civil – ou do terceiro setor, como também são chamadas – têm origens diversas em nosso país: algumas são ocasionadas pelos movimentos filantrópicos e outras derivam dos movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970. Mas foram nos anos oitenta e noventa que essas associações se consolidaram no

Brasil, através das organizações não-governamentais, que “nascem calcadas no modelo norte-americano e dentro de circuitos de cooperação global” (NAVES, 2005, p. 570). As ONGs dos anos noventa encontram nas colaborações internacionais o elemento valioso e indispensável para apoiar a luta pela cidadania.

A partir de então assistimos a uma verdadeira disseminação das organizações não-governamentais na sociedade, através de associações as mais diversas com focos de interesses os mais distintos. Sejam movimentos na luta contra a fome ou contra a ausência de moradia para todos ou congregações que têm como objetivo tirar cães e gatos das ruas e leva-los à adoção, as entidades voltam-se para questões de interesse público, no intuito de formular projetos, acompanhar sua execução e prestar contas de suas finanças.

Algumas ONGs converteram-se em valiosas marcas do planeta<sup>140</sup>, tais como Anistia Internacional, WWF, Greenpeace, dentre outras. Talvez a partir da visão das associações civis também como uma estratégia de negócios, como uma marca que pode gerar retorno financeiro, percebemos nos últimos anos a participação cada vez maior do empresariado como parceiro nas ações desenvolvidas pelo terceiro setor. A responsabilidade social ganha destaque nas táticas mercadológicas de empresas que entendem o merchandising social como uma maneira premente de agregar valor à marca. Vemos empresas como Natura, Faber Castell, Banco Real, dentre outros vários exemplos que poderiam ser aqui citados, usando suas benfeitorias, suas práticas cidadãs de empresas socialmente responsáveis – seja com o meio ambiente, com as crianças, com os negros, com os animais, etc. – como forte componente de marketing. O altruísmo talvez não seja a razão primeira dessas atitudes, mas não podemos negligenciar que práticas como essas repercutem de forma positiva na vida de milhares de indivíduos.

Interessante quando Moraes (2001) nos faz refletir que essa sociedade civil, planetária e transnacional – sob a forma de movimentos sociais, ONGs, dentre outras associações da sociedade civil –, por mais que lute contra parte desses fenômenos gerados pela globalização, pode se utilizar eficazmente das novas tecnologias de

---

<sup>140</sup>

Revista *Meio e Mensagem* – Caderno Especial: 24 anos. 22 de abril de 2002, p. 44.

comunicação ao seu dispor, gerando um movimento em rede, que pode interligar o mundo todo instantaneamente. Resgatando as considerações feitas mais acima (nas quais víamos com dificuldades uma efetiva consolidação de uma cidadania que inserisse os indivíduos no acesso às novas tecnologias, e, com isso, possibilitasse uma cidadania comunicacional), é prudente termos em conta uma visão não polarizada a este respeito. Talvez seja, de fato, utópico pensar num país como o nosso oferecendo a promoção da cidadania a partir das novas possibilidades de comunicação de forma irrestrita. Mas é sabido que para se alcançar uma inclusão digital, proporcionando o acesso da população aos meios de comunicação é preciso que o primeiro passo seja dado. E isso já vem sendo feito a partir de algumas iniciativas.

São muitas as associações que procuram contemplar em seus trabalhos na sociedade os atravessamentos entre a população e as mídias, no intuito de tornar esses cidadãos mais do que meros espectadores, mas sim, também, produtores. É a partir dessa idéia que vemos jovens de periferia participando de oficinas e cursos técnicos de vídeo, escritores iniciantes disponibilizando seus textos para leituras e trocas na Internet, sujeitos de demandas trazendo visibilidades às suas causas através das rádios comunitárias – cuja inserção em nosso território faz-se de forma cada vez mais abrangente, superando, até mesmo, o número de rádios comerciais. Ou seja, o caminho ainda é muito longo até proporcionarmos em nossa sociedade uma verdadeira consolidação da cidadania comunicacional, mas não podemos deixar de destacar que cada vez mais medidas nesse sentido têm sido postas em prática, apesar da força da mídia hegemônica que se materializa de forma cada vez mais veemente.

É nesse cenário, de uma pretensa cidadania comunicacional, que a televisão, como mídia de maior penetrabilidade e alcance entre a população, pode atuar como “capitã dessa sociedade civil na luta pela democracia e por formas auto-sustentáveis de progresso”. Sobre isso, faz-se urgente que retomemos a visão de Gomes, quando o autor nos fala da atuação da imprensa, dizendo que “é preciso notar que esta [a imprensa] tem lugar estratégico como instituição e instrumento da esfera pública” (1998, p. 161). E completa, afirmando “que a mudança estrutural da esfera pública está profundamente vinculada à mudança do papel da imprensa e da comunicação em geral” (op. Cit, p. 165). Trazendo complexidade à discussão, vale a pena incluir a posição, talvez extremadamente pessimista – pois não contempla toda a história da mídia alternativa,

popular e subversiva no mundo –, de Bolaño<sup>141</sup>, que vê a esfera pública global como “privatizada, segmentada e excludente” e completa afirmando que “a emancipação humana não pode se dar por meio da esfera pública. O sistema não permite”. O autor finaliza assegurando que “a tecnologia não liberta ninguém, ela pode, no máximo, oferecer meios para tal fim, mas esses meios não vêm sendo utilizados nesse sentido”.

No Brasil, a Rede Globo de Televisão outorgou para si esse papel de mediador entre as instituições e a sociedade<sup>142</sup>. O próprio *slogan* da emissora já deixa isso muito claro quando diz que “cidadania, a gente vê por aqui”, “saúde, a gente vê por aqui”, “educação, a gente vê por aqui”, ou seja, a constituição do sujeito como cidadão passa, necessariamente, pela tela da Rede Globo, onde devemos nos ver e nos reconhecer. E interessa a nós, justamente quando procuramos alicerçar nossa pesquisa sob a ótica da recepção, perceber de que maneira a população, os espectadores de TV “enxergam cidadania” na tela da Globo, se, de fato, isso acontece, e, principalmente, de que maneira isso se processa. Também não há, nessa discussão, como não mencionar o *Ação Global*<sup>143</sup>, promovido pela emissora em parceria com o SESI<sup>144</sup>, quando diversos serviços são oferecidos gratuitamente à população, tais como assistência médica e odontológica, cortes de cabelo, esportes, emissão de documentos, etc. O *site* do *Ação Global* informa que em 2005 foram mais de 2,25 milhões de atendimentos e 120 mil documentos emitidos. Também no *Jornal Nacional*, segundo Borelli e Priolli (2000, p. 76), “proliferam [...] matérias sobre saúde, consumo e solidariedade, num claro reforço, neste último caso, às iniciativas individuais e àquelas da sociedade civil organizada”. Nesse sentido, talvez o *Linha Direta* seja um dos programas que mais explicitamente desempenhe o papel de onipresença exercido pela Rede Globo de Televisão sobre seus espectadores. A emissora, além de buscar fazer parte do cotidiano das pessoas, informando-lhes os acontecimentos mundiais com o telejornalismo, entretendo-lhes

---

<sup>141</sup> César Ricardo Bolaños em aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 06 de novembro de 2006.

<sup>142</sup> Vale a pena ressaltar, aqui, que o poder adquirido por décadas de atuação e de quase hegemonia na sociedade brasileira podem, no entanto, não configurar uma unanimidade com relação ao discurso proferido pela Rede Globo aos seus telespectadores. Veja-se o exemplo da oposição exercida pela emissora frente ao governo Lula. Mesmo após um sistemático contra-apoio de 18 meses a emissora não conseguiu que o presidente deixasse de ser reeleito pelo povo nas últimas eleições.

<sup>143</sup> <http://acaoglobal.globo.com/>

<sup>144</sup> Serviço Social da Indústria. Tem como *slogan* “a marca da responsabilidade social”.

com seus shows diversos, mostrando-lhes a “realidade” brasileira através da ficção das telenovelas, agora exerce o papel do Estado, ajudando a capturar criminosos foragidos com a “participação cidadã” dos telespectadores. Nesse momento podemos perceber a emergência da idéia de “telespectadores-policiais”, em constante situação de vigilância e controle, indo ao encontro da perspectiva descrita por Foucault (1979), já abordada neste trabalho.

O *Linha Direta*, em perfeita conformação com o discurso praticado pela Rede Globo, construiu para si uma imagem de programa de “utilidade pública”, proporcionando o exercício da cidadania em seus telespectadores na luta contra a violência. Mas como pode se configurar essa fiscalização do Estado pela sociedade civil, encabeçada pela TV, em um cenário de extensas relações e dependências entre esse mesmo Estado e os sistemas televisivos? Até que ponto a televisão, especialmente a Rede Globo, tem imparcialidade suficiente para cobrar ao Estado?

### **5.7.3 Televisão e Estado: uma relação de cumplicidade**

Faz-se fundamental, então, que, seguindo o fluxo de reflexões pertinentes à situação do Estado nesse cenário globalizado e midiaticizado, percebamos e possamos clarificar uma corrente que não pensa o poder estatal como à parte em todo esse processo, mas o vê como um organismo atuante e uma peça importante no desenvolvimento dessas relações entre as mídias e o mercado na contemporaneidade. Segundo Capparelli e Lima (2004, p. 53):

Ao contrário daquilo que o discurso hegemônico da globalização nos quis fazer acreditar, o Estado nacional, o Estado brasileiro em particular, continua um ator ativo e decisivo, tanto nas atividades econômicas quanto na definição das políticas públicas do setor de comunicações.

Mattos (2002, p. 151) reforça esse posicionamento quando afirma que “apesar da atuação das forças do processo de globalização, pode-se identificar em vários itens a maneira como, no Brasil, o Estado ainda exerce um papel fundamental na escolha do caminho [dos meios de comunicação] a seguir”. Mattelart (2005, p. 109) corrobora esta visão quando nos diz que “o Estado-nação é sempre o mecanismo indispensável da tradução das idéias em normas aplicáveis e aplicadas”. E continua, ao afirmar que “é

simultaneamente a partir dos Estados e fora deles que se constrói um espaço público embrionário de dimensão mundial”.

Devemos, então, perceber o Estado – alicerçados pela visão dos autores acima –, como um organismo ainda atuante no cenário contemporâneo, embora não possamos fechar os olhos às transformações que vêm acontecendo, mais especificamente desde os anos 1980, devido aos processos mundializantes. Simplesmente reduzir a importância do Estado frente aos movimentos globalizantes é cair em uma posição simplista que não nos leva a uma reflexão consciente da questão. É válido, nessa discussão, ressaltar que globalização e Estado podem também caminhar juntos. Basta vermos o caso da China. Uma das economias mais dinâmicas e eficientes do mundo é um capitalismo de Estado.

Como nessa interface entre Estado e globalização o ponto que mais nos interessa em nossa reflexão é o vínculo com o sistema midiático, é preciso, nessa questão, voltarmos um pouco no tempo e percebermos a importância que teve o Estado na consolidação da TV como veículo de massa em nosso país. Para que a televisão no Brasil chegasse a este nível de penetrabilidade, a ação dos governos foi fundamental. Segundo Sodré (1994, p. 101):

A audiência televisiva se expandia nos anos 60, depois que o Estado facilitou a instalação de fábricas estrangeiras de aparelhos-receptores e de componentes técnicos [...] O advento da tevê em cores nos anos 70 – diversificação desejável num mercado suntuário em expansão – foi igualmente incentivada pelo Estado.

Mattos (2002, p. 35) ratifica essa posição, quando nos diz que:

a televisão, pelo seu potencial de mobilização, foi mais utilizada pelo regime, tendo também se beneficiado de toda a infra-estrutura criada para as telecomunicações [...] Criando condições operacionais para as telecomunicações brasileiras, [...] principalmente para o sistema telefônico, o regime militar contribuiu para o desenvolvimento técnico da televisão, a qual também foi usada para promover as idéias do regime autoritário.

Corroborando com essa visão apresentamos a posição de Borelli e Priolli (2000, p. 87), quando afirmam que:

Os militares, no intuito de estabelecer uma integração nacional que pudesse levar sua ideologia de norte a sul do país, investiram e apostaram nos meios de comunicação, em particular na TV, para cumprir essa tarefa. Foi o Estado que desenvolveu todo o aparato do sistema de rede nacional.

O governo dos militares, na década de setenta, foi o responsável pelo “milagre econômico<sup>145</sup>” e pela instituição do “parcelamento”, ou seja, pela possibilidade e difusão, entre os consumidores, das compras a prazo, sendo este fato o responsável por uma extensa obtenção de aparelhos-receptores. Mattos (2002, p. 89) afirma que “em 1968, o governo introduziu uma política de crédito que permitia adquirir-se um televisor em 12, 24 ou 36 meses”. Flávia Seligman<sup>146</sup> nos diz que “poucas vezes se comprou tantos eletrodomésticos, especialmente aparelhos de televisão, como na época do governo dos militares, nos anos setenta”. Também não se pode deixar de citar a relevância do Estado para que as linhas de transmissão de energia se desenvolvessem e se alastrassem por grande parte do país, levando a energia elétrica e a possibilidade do uso da televisão para quase todo o território nacional.

Outros fatos acerca da participação do Estado no desenvolvimento da televisão não podem também deixar de ser destacados aqui. O primeiro é que o governo sempre teve participação contínua e elevada no mercado publicitário (que é o que verdadeiramente sustenta em termos financeiros a televisão). Vieira (2003, p. 25), fala de uma “dimensão [...] econômica, [...] com o governo liderando o ranking dos maiores anunciantes do país”. Acerca deste aspecto, Mattos (op. Cit, p. 37) corrobora este posicionamento, quando afirma que “o governo [...] desde o início dos anos setenta, vem sendo o maior anunciante do país<sup>147</sup>, quando se consideram os três níveis, municipal, estadual e federal”. Mais emblemático ainda quando Mattos (op. Cit, p. 37) afirma que “assim, o governo brasileiro tem o poder de influenciar os meios de

---

<sup>145</sup> O “milagre econômico” ocorreu entre 1969 e 1974 como resultado de um modelo econômico de desenvolvimento autoritário. Durante esse período, as taxas anuais registraram um crescimento de 9 a 11% (MATTOS, 2002, p. 40).

<sup>146</sup> Em aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 13 de novembro de 2006.

<sup>147</sup> No ano de 1996, por exemplo, o governo federal e constituiu no maior anunciante do país. O orçamento para campanhas publicitárias foi, somente na administração direta, de R\$ 112 milhões, sem contar com os programas educativos do Ministério da Educação, no total aproximado de R\$ 23 milhões e mais R\$ 5,5 milhões a cargo do Itamaraty para promoção do país no exterior (MATTOS, 2002, p. 76).



comunicação de massa, principalmente a televisão, através de pressões econômicas e o controle legal”.

O segundo fator, e talvez mais importante, é que as redes de televisão têm as concessões de seus canais, concessões essas que são feitas pelo Estado para determinado período e, portanto, são de tempos em tempos renovadas, ou não, por este. Vieira (op. Cit, p. 25) afirma que “o governo acaba agindo como proprietário dos meios de comunicação, concedendo as outorgas segundo as articulações e necessidades política do momento. O que é abuso de poder”.

O vínculo entre televisão e Estado é tamanho que o governo brasileiro teve total interferência nas decisões sobre o tipo de TV digital que será implantada no país. A escolha entre os modelos europeu, japonês ou americano deu-se através de uma minuciosa (e longa) análise por parte do Estado, especialmente do Ministério das Comunicações, e de seus técnicos, procurando detectar qual das opções se configuraria como mais vantajosa para o país. O que aparenta, no entanto, é que a atenção, por parte do governo, foi focada muito mais nos interesses econômicos com a TV digital do que numa preocupação com o público espectador. Daí a ausência de uma discussão mais cuidadosa acerca dos conteúdos e a relevância dada somente à forma. Enfim, o que se percebe com isso tudo é a íntima relação que o Estado tem com a televisão, relação essa que se dá através dos tempos. “O vínculo entre as comunicações e as elites políticas, sobretudo regionais e locais, deixou raízes profundas no país” (CAPPARELLI e LIMA, 2004, p. 31).

Também podemos citar os oligopólios<sup>148</sup> formados por algumas empresas de comunicação no Brasil, como a Rede Globo, controlada pela família Marinho; o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão, controlado por Sílvio Santos; a Rede Record,

---

<sup>148</sup> Oligopólio é uma forma evoluída de monopólio, no qual um grupo de empresas promove o domínio de determinada oferta de produtos e/ou de serviços, estabelecendo uma situação em que um número pequeno de empresas domina o mercado, oferecendo barreiras à entrada de novas corporações, sejam pelos altos custos de entrada ou através da proteção do setor público (por meio das licitações, por exemplo).

controlado pelos bispos da Igreja Universal; entre outros. Esses oligopólios comunicacionais podem trazer sérios danos à sociedade. Segundo Arbex Jr. (2003, p. 385), “O monopólio da comunicação exercido pelas corporações da mídia tem conseqüências políticas, culturais, sociais e econômicas de longo alcance e profundidade”. Vale destacar que esse fenômeno da concentração do poder da comunicação nas mãos de uns poucos grupos impede a pluralidade, a diversidade e a democracia, indo de encontro aos apelos de democratização dos meios de comunicação.

O que ocorre, também, para a formação desses oligopólios é a falta de fiscalização por parte do governo, que cria as leis de proteção, mas não as põem em prática. Um exemplo disso é o decreto que limita em cinco as concessões em VHF, em nível nacional, e em duas as concessões em UHF, em nível regional, para empresas de um mesmo grupo. Só a Rede Globo tem participação em trinta e duas emissoras de televisão. Isso mostra, mais uma vez, o quão forte é essa relação entre a televisão e o Estado, que neste caso faz “vistas grossas” ao número de concessões em favorecimento a determinados grupos comunicacionais. “As concessões de serviços de radiodifusão [...] foram sempre usadas como ‘moeda política’ em troca de apoio para o grupo transitoriamente ocupante do Poder Executivo” (CAPPARELLI e LIMA, 2004, p. 31).

No caso da Rede Globo, essa relação entre Estado e TV pode ser considerada ainda mais perniciosa. Já na implantação da emissora no país um duvidoso acordo financeiro, técnico e comercial foi feito entre a Globo e o grupo americano *Time-Life*, o que a constituição brasileira oficialmente não permitia. (BRITTOS e BOLAÑO, 2005). O Estado, no entanto, arquivou a fraude. Existia aí um jogo de interesses, uma troca nociva de favores, onde a Rede Globo também contribuía com sua parte, com o apoio explícito à ditadura militar que se instalou por mais de vinte anos no país, entre 1964 e 1985. A emissora omitiu diversos fatos sobre o governo dos militares, transmitindo somente aquilo que pudesse estar relacionado ao ideal desenvolvimentista divulgado pelo Estado. A Globo também foi constantemente consultada com relação às indicações de nomes para cargos públicos e foi beneficiada diversas vezes por alterações na constituição e nas leis de radiodifusão. Segundo Mattos (2002, p. 91), “aqueles que conservam boas relações com o governo sempre foram e continuam sendo beneficiados com empréstimos, subsídios, isenção de impostos e publicidade oficial”.

É de fundamental importância, neste espaço, resgatar a ocultação, pela emissora, dos movimentos pela redemocratização do país a partir das “Diretas já”, que foram seguidas vezes mascaradas pelo jornalismo do grupo Globo. A manifestação em São Paulo, na Praça da Sé, com cerca de 300.000<sup>149</sup> pessoas, foi exibida pela emissora nos seus noticiários como uma comemoração ao aniversário da cidade. Vale destacar, também, a tentativa de fraude nas eleições para governador no Rio de Janeiro em 1982, quando a candidatura de Leonel Brizola não agradava ao regime militar. Como podemos observar, são muitas as relações entre a Rede Globo e o Estado brasileiro, relações essas que tornam ambíguas e parciais quaisquer tentativas de fiscalização dos governos por parte da emissora carioca. Borelli e Priolli (2000, p. 87) afirmam que “enfim, [o Estado] construiu as bases para o desenvolvimento da TV e de um mercado interno, mas cobrou esses benefícios em fidelidade política”.

Essa prática clientelista, no entanto, não se configurou somente nos anos de ditadura militar. É claro que existe uma ênfase nesse período quando se analisam as íntimas relações entre governo e TV, visto que nessa época a televisão de massa se desenvolvia e se solidificava em nosso país com a extensa contribuição do Estado, mas a prática da troca de favores permanece até os dias atuais, com formas cada vez mais inovadoras – condizentes com a contemporaneidade – de influência e persuasão, de ambos os lados. É interessante trazer a opinião de Mattos (2002, p. 93-117), quando este autor afirma que:

não foram só os governos de exceção que procuraram interferir no conteúdo da televisão. Essa prática continua sendo uma máxima em todos os outros, inclusive no de Fernando Henrique Cardoso, no ano em que a televisão completou meio século de operação no país. [...] Tanto a TV Globo como as demais redes de televisão continuaram a servir ao novo regime da mesma forma que serviram aos militares.

Depois de todo o exposto acerca das relações entre cidadania e Estado na sociedade global e midiaticizada, enfocando o combate à violência urbana capitaneado pela televisão, é de extrema importância ressaltarmos que, apesar de ser generalizado no senso comum, e, também, no meio acadêmico, que o *Linha Direta* se coloca em uma

---

<sup>149</sup> Persiste uma certa divergência em relação ao número de participantes dessa manifestação, chegando até mesmo a um milhão de participantes em alguns textos sobre o fato. Utilizamos-nos dos dados presentes no livro de Brittos e Bolaños (2005).

posição de desqualificação às instituições “polícia” e “justiça” (o que, em momento algum, deixa de ser verídico), em nossa interpretação o programa mantém uma relação de “morde-assopra” com o Estado. “Morde” justamente quando enfatiza, em transmissão nacional, a ineficiência da justiça e da polícia, subestimando claramente ambas as instituições e se pondo no lugar de “salvador da pátria”, fazendo o papel que caberia inicialmente a elas. “Assopra” quando exhibe uma violência “descolada” de seu contexto gerador e mantenedor. Segundo Vaz (2004, p. 13), “o mais problemático na cobertura é a sistemática descontextualização dos acontecimentos narrados”. Freitag (2005)<sup>150</sup> completa, quando afirma que “de fato, prevalece o sensacionalismo e o destaque do fato bruto, em uma verificação mais cuidadosa do por que da violência”. A criminalidade urbana mostrada no *Linha Direta* – fortemente exibida nas simulações dos casos apresentados pelo programa – jamais é enfatizada como consequência das falhas do Estado – que deveria ser do “bem-estar social”<sup>151</sup> – e da falta de políticas públicas que invistam em educação, moradia, saneamento, transporte, emprego, saúde, etc. Fundamental quando Freitag (2005)<sup>152</sup> nos diz que:

não estou querendo afirmar que esses meninos [...] sejam santinhos. Mas para se tornarem ladrões, criminosos e estupradores passaram uma infância e experiências fora de escolas e famílias que os tornaram frios e agressivos, porque ninguém jamais se interessou por eles.

A partir da lógica do programa, vale a pena trazer o posicionamento de Mata (2000, p. 172), quando esta teórica nos diz que “la comunicación de los problemas y conflictos sociales, convertidos hoy cada vez más em relatos y exhibiciones que, a fuerza de ser narrados y mostradas, pierden visibilidad y ocultan [...] el verdadero rostro de la hegemonia”.

---

<sup>150</sup> Bárbara Freitag, socióloga, em entrevista ao Jornal Diário do Nordeste, sobre a temática “Cidade, um mero cenário da violência”.

Disponível em:

[http://www.kaleidoscopio.org/forum/post.asp?method=TopicQuote&TOPIC\\_ID=1043&FORUM\\_ID=65](http://www.kaleidoscopio.org/forum/post.asp?method=TopicQuote&TOPIC_ID=1043&FORUM_ID=65)  
Acesso em: 23 jan. 2006

<sup>151</sup> Vemos, no Brasil, uma ausência da terminologia “Estado do bem-estar social” sendo efetivamente posta em prática pelos sucessivos governos.

<sup>152</sup> Idem.

É mostrada, pelo programa *Linha Direta*, uma violência descontextualizada, como se assaltos, seqüestros, assassinatos, violência doméstica, etc. fossem produtos somente de “genes de malignidade” ou de “possessões endiabradas” que certos indivíduos trazem em si, não tendo qualquer relação com o meio social em que esses indivíduos se formaram. Acerca deste assunto, Arbex Jr. (2003, p. 386), afirma que:

a violência em determinada favela é explicada pela ação de indivíduos ‘malvados’, de narcotraficantes e de ‘gangues de malfeitores’, sem que explicita o fato de que sua ação se dá num quadro de ‘desemprego estrutural’ que destrói a vida de milhões de jovens.

Quando a criminalidade urbana não é mostrada como consequência de uma situação anterior, o programa isenta o Estado (na figura dos poderes Executivo e Legislativo) de suas responsabilidades sociais, deixando recair a culpa somente à justiça e à polícia. É fundamental que percebamos esse ângulo pouco explorado nos estudos acerca do *Linha Direta*, mostrando que, por mais que o programa tenha construído para si uma imagem de “fiscalizador” do Estado, ele também tem com este – mantendo uma certa tradição, que se arrasta por décadas, de dependência entre a televisão e os Governos – uma relação de cumplicidade em determinados aspectos. Ou seja, uma ligação pautada no aproveitamento e no choque.

## 6 A PESQUISA DE RECEPÇÃO

Iniciaremos a abordagem da Pesquisa de Recepção tomando de empréstimo a visão de Lopes (1995), quando a autora nos diz que os estudos em recepção ainda não se configuram como um paradigma, por ainda haver perspectivas funcionalistas e marxistas em suas pesquisas. Refletindo sobre essa afirmação, pomos-nos a pensar se é realmente esse o caminho que as teorias devem seguir, o de tornarem-se um paradigma. Depois da crise da ciência no século XX, da qual nos fala Wallerstein (1996), da ruptura que devemos levar a cabo na intenção de desmistificar o caráter totalitário das ciências, parece até um paradoxo esse posicionamento assumido por Lopes, quando ela deixa transparecer que os estudos de recepção *ainda* não atingiram um nível paradigmático pela permanência de visões que talvez já devessem ter sido ultrapassadas pelos pesquisadores. Buscando analisar a afirmação de Lopes sob outro prisma, colocamo-nos a pensar a noção da Pesquisa de Recepção como um momento pré-paradigmático segundo o que diz Santos (1990), quando este autor fala que essa situação torna as investidas no campo em questão ainda mais instigantes, pois o mesmo estaria ainda aberto, contendo as condições potenciais para o avanço da ciência. Ou seja, o fato das investigações em recepção não se configurarem como teorias fechadas, inquestionáveis, irretocáveis, verdadeiros cânones da ciência totalitária, faz com que sejam ainda mais produtivas as tentativas de pesquisas nessa área. A recepção estaria, então, aberta às contribuições.

Muito se pergunta sobre o poder de influência da mídia sobre os públicos e vários são os resultados e as correntes de pesquisa acerca do tema. São posições diferenciadas que se desenvolveram ao longo da história dos estudos desta temática, desde visões altamente catastróficas e apocalípticas, que vislumbram uma dominação do mundo por parte dos meios de comunicação, até os estudos que mostram os telespectadores como sujeitos ativos e produtores de sentidos. Destacam-se, nessa discussão, as Pesquisas de Recepção, uma vez que se propõem a analisar essa troca, essa relação entre emissores e receptores, procurando detectar como a recepção decodifica o conteúdo das mensagens emitidas pelos meios, e de que modo reapropria essa mensagem. Nada mais emblemático do posicionamento desta teoria do que a perspectiva oferecida por Orozco Gómez e Charles Creel (1996) – que vão ao encontro

das proposições oferecidas por Martín-Barbero (1997) –, quando esses dois autores afirmam que é na recepção e não na emissão que se produz a comunicação.

As Pesquisas de Recepção não são uma novidade nas investigações no campo da comunicação – se os enquadrarmos cronologicamente –, possibilitando que afirmemos que os primeiros estudos mais significativos datam das décadas de 1930 e 1940. Nesses trabalhos iniciais, voltados para uma perspectiva funcionalista (a Abordagem Empírica de Campo), contudo, havia um interesse focado na análise dos efeitos, ou seja, buscava-se conhecer as mudanças de comportamento e de ação dos receptores – e não toda a complexidade da recepção – com o objetivo de ampliar a influência da mensagem transmitida, aumentando, assim, sua eficácia.

Já a perspectiva trazida pela Escola de Palo Alto<sup>153</sup>, é a de que estamos *em* comunicação e a de que todos os comportamentos humanos têm valor de comunicação, pois há interrelação, diferente do funcionalismo, onde a comunicação é entendida a partir de dois pólos isolados: emissor e receptor. O funcionalismo vê a comunicação alicerçada numa relação de causalidade, onde uma ação ocasionada pelo produtor gera necessariamente um efeito determinado na audiência (WINKIN, 1998).

Ressaltamos, dentro da Pesquisa de Recepção, a relevância e o prestígio dos trabalhos de investigadores latino-americanos (pioneiros em uma etnografia da audiência). Isso corrobora uma das justificativas deste trabalho, deixada já clara nas páginas iniciais. É inegável o respaldo que a América Latina (obviamente que com maiores ou menores semelhanças entre a produção dos diversos países que a compõe) conquistou no cenário mundial de produção acadêmica na área da comunicação, especialmente no que diz respeito à Pesquisa de Recepção, ao interesse pelo público, ao conhecimento mais aprofundado acerca da audiência (um conhecimento não superficial, diferente do adquirido com as pesquisas voltadas mais para as estratégias de marketing). “Contrariamente à idéia de que a pesquisa fora do ‘primeiro mundo’ é atrasada” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 55), os pesquisadores latino-americanos desejam fugir da visão determinista e linear, focada na análise dos efeitos, procurando uma “reflexão alternativa às análises funcionalistas, semióticas e frankfurtianas

---

153

Escola fundada em 1942, nos Estados Unidos, tendo como precursor Gregory Bateson.

predominantes até então” (LOPES, 1999, p. 13). Segundo Cogo (2006)<sup>154</sup>, “uma das maiores contribuições dos autores latino-americanos é a produção de conhecimento voltada para ‘nós’, para a nossa realidade”.

Os teóricos da América Latina, a partir dos anos 1960 (com Michèle Mattelart no Chile) e, mais enfaticamente, nos anos 1980, analisam a inserção social e a identidade cultural para investigar os espaços de recepção e de interação entre os receptores. Temos, a partir de então, uma ênfase na cultura, vendo-a como primordial para entender e analisar os processos comunicacionais. “Emerge e alcança destaque [...] um enfoque que privilegia as conexões entre comunicação, cultura e que, busca, sobretudo, capturar a experiência dos sujeitos [...] referida às práticas relacionadas aos meios” (JACKS e ESCOSTEGUY, op. Cit, p. 53). Surge como necessário, nessa perspectiva cultural da recepção, resgatarmos a visão de Grisa (2003, p. 49), quando este autor, seguindo a vertente dos estudos latino-americanos, nos diz que “o texto por si só não é capaz de gerar nenhum sentido. A mensagem não pode causar nenhum efeito se não houver uma interação ‘cultural’ do receptor com essa mensagem”. Mattelart (2005, p. 100) afirma que “os telespectadores [...] ressemantizam [as mensagens] em função de inscrições nas culturas particulares, nacional, étnica, familiar, etc.”. Devemos ter a cultura como um espaço privilegiado para se evidenciar e se alcançar os processos comunicacionais, tendo como destaque nesses estudos, também, o contexto, as interações e os sujeitos. O receptor, multiplamente dimensionado, configurado, híbrido (CANCLINI, 1998), deve ser pensado como sujeito situado culturalmente, ou seja, inserido em um contexto cultural específico.

Um grande momento na Pesquisa de Recepção se dá quando temos como eixo básico de reflexão o deslocamento de estudo dos meios às mediações, como pode ser visto nas análises de Martín-Barbero (1997) e sua Teoria das Mediações, e de Orozco Gómez (1991) e sua Teoria das Multimediações. A partir de então, não somente a visão de um receptor passivo é desconstruída, mas é, também, destacada a idéia do processo comunicacional não limitadamente a partir dos meios de comunicação, mas sim das múltiplas mediações implicadas.

---

<sup>154</sup> Em aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 23 de agosto de 2006.



Podemos dizer que as mediações são constitutivas da espécie humana. Segundo Jacks e Escosteguy (op. Cit, p. 66), “conceito fundamental em Martín-Barbero, a mediação deve ser entendida como uma forma de fugir da razão dualista, superando a bipolaridade ou a dicotomia entre produção e consumo, ou ainda, entre as lógicas da produção e a lógica dos usos”. Orozco Gómez (1993, p. 61) propõe que se entenda o conceito de mediação “como um processo estruturante que configura e reconfigura, tanto a interação dos auditórios com os meios quanto a criação, pelo auditório, do sentido dessa interação”.

Lopes (*apud* MARTINS, 1996, p. 106), parece clarificar o conceito de mediação, quando nos diz que “o processo de produção de uma mensagem jornalística é repleto de mediações, desde o repórter até o receptor da notícia, o qual também procede à seleção e à compreensão a partir de um conjunto de fatores que operam em sua vida e em seu cotidiano”. Esses fatores podem ser enunciados como as instituições, as organizações sociais e os sujeitos. Portanto, é possível afirmar, no âmbito da Teoria das Mediações, que “[o receptor] não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 287).

Interessante, também, nesse panorama, incluir Gomes (1998, p. 157), que resgata a visão de público sob a ótica de Habermas. Para o autor, “um público não é uma mera aglutinação de indivíduos. É uma reunião de pessoas privadas, isto é, livres, capazes de apresentar posições discursivamente [...] Um público é uma reunião de sujeitos capazes de opinião e interlocução”.

Indo ao encontro disso, Bianchi (2006, p. 145), nos diz que:

A partir da oferta midiática, o receptor constrói seus próprios percursos, suas próprias processualidades. As leituras que executa sobre aquilo que é ofertado é mediada por múltiplas relações que passa a firmar ao longo de sua trajetória social, familiar, educacional e com a própria mídia. Constrói e reconstrói o que é veiculado no âmbito midiático.

González (1994, p. 265) corrobora esta posição, quando afirma que:

Todo texto ou discurso especializado que emana dos campos nunca é recebido por indivíduos isolados, porque estes sempre estão inseridos nas diversas redes ideológicas que constituem as formas elementares de convivência social, em cujo seio se gera, se digere, se desconstrói, se recicla e se reconstrói o discurso dos campos, todos os dias, dia após dia.

É absolutamente válido termos em mente que a recepção não é um processo estanque, que se inicia quando a televisão (ou outro meio de comunicação) é ligada e finaliza-se quando a TV é desligada. A recepção é, portanto, um processo contínuo, que abrange uma série de esferas da vida do telespectador. A partir de Palo Alto, que fez emergir a idéia de que estamos *em* comunicação, é importante destacar que estamos, também, *em* recepção. Sustentando essa abordagem temos a visão de Bianchi (op. Cit, p. 145), que afirma que:

as relações que se estabelecem com o midiático não se dão apenas no momento da escuta [acerca de um estudo de rádio], mas envolvem outras temporalidades e, especialmente, mediações que circundam o cotidiano dos receptores. Para além do instante da escuta, os discursos que chegam ao receptor [...] estão inseridos em um processo em que o cotidiano, a família, o trabalho, o gênero, a religiosidade e tantas outras mediações participam ativamente no sentido que é construído.

Sobre essa controversa relação entre os meios de comunicação e a audiência, faz-se interessante destacarmos a posição de Huertas (2002) quando esta autora nos chama a refletir sobre as estratégias adotadas pela mídia na busca de uma fortificação de sua penetração e de seu poder. Segundo Huertas (op. Cit, p. 167), “es cierto que el poder de los médios sobre el publico se ha relativizado, pero las estratégias programáticas son absorventes y pueden favorecer el uso automático y no consciente de la televisión”. Huertas parece acertar (e se opor a isso) quando nos fala de duas vertentes opostas, que vêm se destacando no campo da comunicação nos últimos tempos, relacionadas ao estudo do público: uma que vê o receptor como assujeitado e não percebe nele qualquer capacidade de atuação e outra que pensa a audiência como soberana e principal integrante do processo comunicativo. É, em grande medida, com base em posicionamentos polarizados que vem se construindo a discussão sobre a temática do receptor nos estudos de comunicação. Cogo (2006)<sup>155</sup> também mostra-se contrária a

---

<sup>155</sup> Em aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 30 de agosto de 2006.

essa polarização e procura um caminho flexível de reflexão, quando afirma que “temos que ver o receptor como autônomo, mas com restrições. Não podemos cair na visão simplista do receptor soberano”.

Devemos refletir sobre a utopia (Huertas, 2002) de se pensar num receptor soberano, com total poder frente às estratégias utilizadas pelos meios de comunicação. Sustentando essa posição, Morley (1998, p. 434) afirma que:

El poder de los espectadores para reinterpretar significados difícilmente puede equipararse al poder discursivo de las instituciones mediáticas centralizadas a la hora de construir los textos que el espectador interpreta a continuación, e imaginar otra cosa es simplemente una insensatez.

O que muitas vezes podemos confundir com uma “atividade da recepção” é o fato de que muitos dos meios de comunicação parecem se adequar a certas demandas dos telespectadores, procurando satisfazer certas necessidades do público, com base em pesquisas mercadológicas de audiência, com o intuito de preencher determinados nichos de mercado. A mídia, segundo Huertas (op. Cit, p. 172), “aprovecha esa información para garantizar la audiencia”.

É claro que não podemos deixar de apontar aqui que nos últimos anos vem se desenvolvendo uma certa competência do indivíduo como telespectador. Determinadas evoluções na tecnologia, como os aparelhos de videocassete e, mais atualmente, de DVD, que chegam ao uso doméstico, contribuem para um maior conhecimento, por parte do público, de técnicas midiáticas e audiovisuais. Esse fato somado às gerações atuais que se formaram e cresceram imersas na cultura televisiva – segundo Huertas (op. Cit, p. 179), “disponen de una competencia de lectura tipicamente televisiva” – ou seja, que se relacionam com a TV de um modo culturalmente naturalizado, faz com que cada vez mais o telespectador se vincule de uma maneira mais “íntima” com a televisão, não havendo mais lugar para se pensar a separação TV-Público como um abismo irreduzível. Fica claro, no entanto, que essas competências adquiridas não querem dizer, necessariamente, que o público tenha uma habilidade crítica no relacionamento com a mídia.

A complexidade dessa discussão acerca da relação entre os meios de comunicação e sua audiência é tamanha que, mesmo em correntes que defendem um papel participativo e “ativo” do público no processo comunicativo, como os Estudos Culturais de Birmingham – que enfatizam dois aspectos: o leitor/receptor como sujeito social e produtor de sentido; e o consumo da mídia como espaço simbólico de interpretações potencialmente diferenciadas – existem concessões ao poder desse receptor. É o que vemos em Hall (*apud* PAULA, 1998, p. 4), que se filia a esta corrente de estudos, mas argumenta que “a mensagem televisiva é codificada de tal maneira que induz a uma ‘leitura preferencial’<sup>156</sup> restringindo o potencial de outras leituras, [...] que traz, implícita, a ordem institucional, política e ideológica”. Ang (*apud* MATA, 2000, p. 167) parece corroborar a visão de Hall quando afirma que “los públicos pueden ser muy activos de muy diversas maneras al utilizar e interpretar los médios, pero seria ingenuamente optimista confundir su actividad com um poder efectivo”. A mesma autora, agora resgatada por Mattelart (2005, p. 106), nos diz que “a heroização neopopulista do receptor resistente uniu-se à apologia neoliberal da absoluta soberania do consumidor atomizado”.

Se há ou não manipulação por parte da mídia sobre o seu público, se a ideologia dos poderes dominantes se perpetua ou não através do sistema midiático – além de ampliar o mercado consumidor da indústria cultural, a televisão age também como instrumento mantenedor da ideologia e da classe dominante (CAPPARELLI, 1982) –, se os receptores são assujeitados ou ativos, se as leituras que a audiência faz do que é emitido pela TV vai ou não ao encontro daquilo que é pretendido pela produção do programa, o que podemos confirmar convictamente nesse cenário de ambigüidades é a presença intensa do sistema midiático na contemporaneidade, fazendo com que as formas de sociabilidade na sociedade hodierna sejam pautadas pelos atravessamentos do fenômeno da midiaticização, ou seja, quando as relações passam a se fundamentar menos a partir das instituições formais e mais a partir da sociotécnica.

---

<sup>156</sup> Segundo os Estudos Culturais de Birmingham, a leitura preferencial existe quando a decodificação do conteúdo da mensagem, pelo receptor, vai ao encontro do que foi proposto pelo emissor.

## 7 METODOLOGIA

### 7.1 Tipo de pesquisa

Os procedimentos metodológicos da pesquisa se configuram como uma confluência de métodos, uma perspectiva *multimetodológica* (LOPES, 2000), funcionando em um sentido de integração de métodos de orientações diversas, proporcionando um movimento de “compartimentação disciplinar [...] que tem caracterizado a construção histórica das ciências sociais e humanas” (LOPES, 2000, p. 120). Seria uma perspectiva na qual cada autor constrói seu próprio processo metodológico, processo esse que atenda às especificidades de seu objeto de pesquisa. Torna-se fundamental destacar o que Maldonado (2004) nos diz:

No existen métodos "listos" para una inmediata aplicación, toda problemática exige construcciones y combinaciones metódicas que dependen de la realidad, del proceso o del fenómeno que vamos a investigar; por consiguiente los métodos devem ser construidos y articulados de acuerdo com cada pesquisa.

Se cada autor deve ser seu próprio metodólogo (MILLS, 1975), deve, então, construir uma metodologia que melhor se adapte aos seus interesses e às necessidades de sua problemática de pesquisa, atendendo aos seus requerimentos. A escolha do método deve vir a partir das solicitações do problema de pesquisa e não ser simplesmente o resultado de um “dogma epistemológico” (MILLS, 1975, p. 84). Oliveira (1998, p. 21) corrobora essa posição ao afirmar que o “método envolve [...] técnicas que devem estar sintonizadas com aquilo que se propõe”. Segundo Lopes (2001, p. 144), “é o objeto e sua problemática que devem nortear o uso das técnicas [...], as vantagens e desvantagens de cada uma”.

Interessante refletirmos, também, acerca de um desenvolvimento da pesquisa que possa contemplar os elementos histórico-midiáticos da audiência. Acerca disto, Maldonado (2004) ressalta que :

Esos destiempos presentes en un mismo espacio cotidiano son un elemento fundamental para investigar la problemática de la producción de sentido; los tipos de usos de los medios de comunicación por los públicos; las memorias y los imaginarios.

Não há, aqui, como não nos remeter, mais uma vez, à Maldonado (2004), quando este autor sustenta que:

Un despliegue metodológico importante para la investigación crítica fue aquel que afirma que los "objetos": poder, Estado e medios de comunicación tienen que ser estudiados, no en su caracterización como aparatos invulnerables, omnipotentes y ubíquos, sino como problemáticas en las cuales existen contradicciones, grietas, conflictos, paradojas y rupturas que permiten luchar por la hegemonía.

Essa afirmação vai diretamente ao encontro de nossa problemática de pesquisa, quando nos propomos exatamente a pensar o Estado e os meios de comunicação em interpenetração, gerando conflitos, em uma disputa comumente tensa pelo poder. Nada mais ilustrativo do que refletir sobre a televisão adentrando o “terreno” da justiça e do Estado – ao mesmo tempo desqualificando-os e vivenciando com eles uma situação de troca de favores e interesses que perdura por décadas – no combate contra a violência e a criminalidade, tomando para si o ato heróico de “caça aos bandidos”.

Lopes (2000, p. 120), nos diz que “o principal desafio que atravessa hoje os estudos latino-americanos de recepção está na tradução metodológica da teoria das mediações em projetos de investigação empírica”. São processos metodológicos que procuram dar conta de compreender a recepção não como um momento isolado, como uma “via de mão única”, mas como uma “malha de interações recíprocas” (LOPES, 2000, p. 127). Enfatiza-se, ainda, a necessidade de buscar nessa estratégia multimetodológica uma articulação de conhecimento e pensamento que seja transdisciplinar, e não de forma reducionista.

Se o objeto da pesquisa é multidimensional e tem vários contextos diferentes vinculados a ele, ou seja, se ele é multi, requer, igualmente, uma estratégia metodológica também multi. Já que trabalhamos com teorias que procuram dar conta de contemplar todas as multidimensões da nossa problemática, por que não articular e elaborar, também, metodologias que sirvam aos mesmos propósitos? É fundamental termos em conta que cada uma das técnicas contempla uma coisa específica, mas acaba

por obscurecer outra, revelando apenas uma face do objeto. Bonin (2007)<sup>157</sup> afirma que devemos tentar descobrir todas as “faces do cubo”, e, para isso, devemos utilizar as estratégias multimetodológicas, com a finalidade de que cada técnica sirva a um determinado propósito, possibilitando, ao final, termos o máximo de faces desvendadas.

Procuramos, então, traçar aqui uma estratégia metodológica que nos apresentasse dados, que nos suscitasse idéias e reflexões, que nos apontasse caminhos e trajetórias a seguir, enfim, uma estratégia que permitisse que aproximássemos e aprofundássemos o contato com a audiência do *Linha Direta*, tendo um conhecimento mais complexo e panorâmico desse público, e sabendo exatamente sob quais perspectivas, sob quais bases e a partir de quais questionamentos e problemáticas desenvolver-se-ia nossa abordagem.

A investigação levada a cabo no mestrado e apresentada nesta dissertação desenvolveu-se sob uma configuração multimetodológica em três dimensões. Multimetodológica quando nos utilizamos da combinação de metodologias variadas e em três dimensões quando, em nossa investigação, contemplamos três esferas distintas: a do programa *Linha Direta*, a dos telespectadores do programa e a dos pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência – NEV-USP, que, ao mesmo tempo em que também se configuram como audiência do programa, não são uma audiência “comum”, mas um público que o assiste com outros olhos, com uma visão de pesquisador do fenômeno da violência urbana e que, portanto, mantém com a atração televisiva uma relação distinta daquele sujeito que o assiste como mero elemento de entretenimento e informação.

Com relação à pesquisa da pesquisa, à investigação do panorama de estudos acerca da questão da violência urbana em nosso país e às posições acerca da problemática da criminalidade e do dilaceramento da cidadania no Brasil – bem como as lógicas que podem envolver a produção do programa *Linha Direta* – a partir da ótica de pesquisadores do campo das Ciências Sociais, foram feitas entrevistas com dois pesquisadores do NEV – Núcleo de Estudos da Violência da USP – Universidade de

---

<sup>157</sup> Na apresentação da palestra “Multimetodologias em Recepção”, inserida dentro do ciclo de conferências sobre metodologias transformadoras, organizado pelo grupo de pesquisa Processocom. São Leopoldo, 30 de novembro de 2007.

São Paulo. Foram pensadas entrevistas semi-estruturadas, aplicadas com os pesquisadores na própria sede do núcleo.

Com relação à investigação da recepção, foi escolhido o questionário como procedimento de pesquisa para a fase exploratória. Para a fase de aprofundamento foi selecionada como estratégia a utilização de entrevistas individuais semi-estruturadas e de debates em grupo, procurando-se conhecer mais íntima e estreitamente o contexto social, cultural e econômico dos sujeitos pesquisados, suas histórias midiáticas e suas apropriações dos meios de comunicação, especialmente da televisão. Enfim, procuramos detectar o meio em que esses receptores formaram-se, o “mundo” do qual eles fazem parte e o que vêm construindo (e o que pretendem vir a construir) em sua vivência e sua relação com a mídia.

Já para contemplar a esfera do programa *Linha Direta* e a ótica do produto (que, apesar de não ser nosso foco nesta pesquisa, não pode ser negligenciada, sob pena de não podermos compreender a recepção de forma aprofundada sem ter conhecimento das lógicas que se instauram na produção) foram considerados os quase nove anos de acompanhamento à atração televisiva pelo pesquisador e autor deste trabalho, especialmente as duas últimas temporadas (2006 e 2007), que foram assistidas, anotadas, documentadas e debatidas de forma extensiva e interessada.

## **7.2 Estratégias metodológicas**

Com base no problema de pesquisa que se delineou para este projeto, procuramos uma estratégia metodológica que pudesse dar conta de resolvê-lo, no sentido de nos encaminhar a reflexões, nos direcionar ao encontro de respostas às perguntas norteadoras do problema. Segundo Lopes (2001, p. 94), o método “aparece como uma série de opções, seleções e eliminações que incidem sobre todas as operações metodológicas no interior da investigação: na definição do problema da pesquisa, na formulação de hipóteses, na teorização de conceitos”. Marilena Chauí complementa, afirmando que o método “significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado” (CHAUÍ, 1994, p. 354).



A lógica em que se baseou esta pesquisa foi a da experimentação, da tentativa. Não conseguimos entender, em nossa perspectiva, que saberes absolutos e inquestionáveis, que métodos prontos e acabados servissem de modelo para o desenvolvimento deste projeto. Nossa metodologia, que se desenhou sob um panorama multimetodológico (como já foi explicitado acima), não está em nenhum manual, não possui uma receita pronta, de fácil e óbvia adaptação a outras pesquisas. Ela esteve em constante construção, e foram os resultados preliminares surgidos com o desenrolar da investigação, foram as reflexões feitas em constantes reuniões de orientação, foram os *insights* produzidos com a assistência ao programa-objeto, foram as trocas feitas com professores e colegas do mestrado, enfim, foram todas as vivências da própria pesquisa que nos trouxeram colaborações para o desenvolvimento dela. Ou seja, é a pesquisa que foi se alimentando da própria pesquisa.

Acerca do eixo sobre o qual se desenvolveu a pesquisa com os telespectadores, desde o princípio foram pensados três fases distintas para o desenvolvimento desta, fases as quais, devemos ressaltar, se entrecruzaram em diversos momentos, dado a curta temporalidade disponível para a realização de uma pesquisa de mestrado – somente dois anos –, o que fez com que nem sempre as coisas pudessem seguir uma ordem rigorosa em sua execução. A primeira fase foi a da exploração de campo, do contato inicial com os cenários selecionados e com os colaboradores advindos desses cenários. A partir das contribuições, das reflexões e dos resultados preliminares obtidos com esta primeira imersão, e após a delimitação dos colaboradores, entramos na segunda fase, a de aprofundamento. Já com os sujeitos pesquisados selecionados, o aprofundamento se deu através das entrevistas em profundidade, individuais, e dos debates em grupo, procurando, com isso uma penetração mais minuciosa e detalhista no “mundo” dos telespectadores do *Linha Direta*. Através desses modelos de investigação procuramos nos entranhar nas vivências e na inserção sociocultural da audiência do programa-objeto. A terceira e última fase foi a da análise final dos dados, levando-se em consideração que após cada fase houve uma análise preliminar para que pudesse ser desenvolvida a estratégia para se chegar à fase seguinte. Cabe, aqui, afirmar que a assistência atenta e contínua ao programa *Linha Direta* seguiu acompanhando todas essas fases, contribuindo, também, para gerar questionamentos e reflexões.

Enfim, pensamos que a partir desse eixo, articulado primeiramente sob o prisma da flexibilidade, e não da rigidez, conseguiríamos obter as respostas às questões norteadoras desta pesquisa, ao problema central que nos moveu e nos encaminhou todo o tempo no desenvolvimento da investigação. Queremos deixar claro, ao contrário do que possa aparentar à primeira vista, que procuramos considerar os conhecimentos metodológicos já fundamentados, para não correr o risco da pesquisa entrar em desbordo e em um processo de descontrole. Mas, também, nos utilizamos dos ensinamentos de Guber (2004), quando esta autora nos diz que é preciso uma rota para a pesquisa, mas uma rota suscetível a mudanças, alterações, surpresas, desvios de plano, o que for necessário para o desenvolvimento pleno das questões propostas. É preciso estar aberto ao inesperado e dele saber tirar o melhor proveito.

### **7.3 Sujeitos-pesquisados**

É importante deixar claro, desde já, que a nomenclatura *telespectador* diz respeito, aqui, aos indivíduos que assistem ao programa *Linha Direta*. São as pessoas que colaboraram, por livre vontade, com o desenvolvimento da investigação, tendo, para tal finalidade, que atender a dois pré-requisitos básicos: assistir ao programa e estar disposto a participar do processo da pesquisa.

Os universos dos colaboradores selecionados, devido às suas pertinências em gerar interesse de investigação e em suscitar questionamentos acerca do público espectador do programa e de sua vinculação com o *Linha Direta*, são oriundos de três cenários distintos. A relação informantes / cenário no qual são pesquisados se dá dessa forma:

Amostra 1: jovens; Cenário 1: fábrica Tecbril (Caxias do Sul – RS)

Amostra 2: adultos; Cenário 2: moradores de classe média de São Leopoldo e de Portão

Amostra 3: mães de família; Cenário 3: vila (São Leopoldo)

## 7.4 Modelos de investigação

### 7.4.1 Plano de observação audiovisual

O plano de observação audiovisual consiste na assistência e gravação de um corpus do *Linha Direta*, seguido de análises e reflexões acerca do material.

O corpus selecionado procurou abranger o segundo semestre de 2006. A amostra é composta dos seguintes episódios: programas *Linha Direta* exibidos em 5 e 12 de outubro<sup>158</sup>; 2, 9, 23 e 30 de novembro e 7 de dezembro de 2006. A delimitação na escolha do corpus se deu em virtude de uma delimitação espaço-temporal da própria exibição do programa. O *Linha Direta* foi interrompido em agosto (a última exibição do mês foi no dia 10/08/06) devido à reformulação da grade de programação da Globo, ocorrida em virtude do início da propaganda eleitoral gratuita dos candidatos às eleições de 2006 (o lugar da atração foi substituído na grade pela minissérie *A casa das sete mulheres*), e só retornou na primeira quinta-feira de outubro (05/10/06), quando do final da reexibição da minissérie e do final do primeiro turno das eleições. A partir dessa delimitação, então, todos os programas foram assistidos regularmente, gravados e tiveram documentados os pontos suscitadores de discussão posterior na pesquisa, até a exibição do último programa do ano, em 7 de dezembro. Foram, no entanto, descartadas dessa seqüência de atividades (gravação e anotação, visto que a assistência prosseguia, indistintamente), no período estabelecido, as exibições do *Linha Direta Justiça*<sup>159</sup>.

### 7.4.2 Questionário

Para a fase exploratória da pesquisa selecionamos o questionário como técnica de investigação. O questionário, mesmo sabendo de suas limitações – principalmente seu caráter muito fechado – é utilizado na pesquisa, especialmente na investigação dos universos e dos sujeitos a serem selecionados para a continuidade da pesquisa e posterior aprofundamento. É justamente seu caráter de objetividade e de fácil tratamento

---

<sup>158</sup> Na quinta-feira do dia 26 de outubro não houve exibição do *Linha Direta*, visto que o horário foi ocupado pelo debate entre candidatos ao cargo de governador do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>159</sup> Dias 19/10/06, 16/11/06

dos dados obtidos que torna o questionário um instrumento perfeitamente adaptado a essa função inicial de “conhecimento de campo”, de abordagem inicial.

O questionário proposto para a pesquisa exploratória foi composto por 16 perguntas, sendo 3 delas dissertativas e 13 com o caráter de múltipla escolha. Foi elaborado, também, com perguntas acerca dos dados pessoais de cada um dos colaboradores, procurando aprofundar o conhecimento acerca da faixa etária, do grau de escolaridade, da etnia, dos locais de origem, dentre outras informações sobre a amostra selecionada.

O objetivo do questionário – construído procurando conter determinadas características, tais como uma linguagem objetiva, simples e clara e a não-ultrapassagem de uma folha com frente e verso, para que a extensão das perguntas não causasse uma sensação de desânimo nos respondentes – foi o de detectar, ainda que preliminarmente, alguns indícios acerca do consumo de televisão, tais como frequência de assistência e tipo de programação que mais surte interesse. O questionário procurou também iniciar a aproximação com a temática da cidadania e do Estado. Em seguida, entrou direto no contexto específico do programa *Linha Direta*, abordando a frequência de assistência à atração; seu vínculo com uma prestação de serviço de utilidade pública; sua forma de tratar a questão da violência urbana; o ato da denúncia; a interpenetração do programa no campo da justiça; e sua relação com outros programas do mesmo gênero. Finalizou a teia de questionamentos com duas perguntas abertas, inquirindo uma espécie de “auto-retrato” do colaborador acerca de seus sonhos, desejos e perspectivas para um mundo ideal.

#### **7.4.3 Entrevista**

Para a fase de intensificação do conhecimento acerca dos telespectadores do *Linha Direta* foi pensado um tipo de entrevista configurada como *etnotelevisiva em profundidade*. Com roteiro semi-estruturado, a entrevista teve como objetivo aprofundar as descobertas acerca do telespectador, adentrando seus espaços privados, suas vivências, suas relações com os meios de comunicação (especialmente com a televisão), suas práticas sociais, sua inserção cultural, suas experiências com o fenômeno da violência urbana e com o Estado e a conformação do exercício de sua cidadania. Enfim,

procuramos com a entrevista, de 48 quesitos, divididos em sete blocos distintos e complementares (contextualizando o indivíduo; consumo dos meios; consumo de televisão; a questão da violência; violência, TV e *Linha Direta*; cidadania; Estado), perscrutar questões, contextos implícitos, posicionamentos e opiniões que nos revelassem de maneira mais clara e evidente aquilo que o questionário não deixou explícito, aquilo que o questionário, por sua objetividade, não deixou transparecer.

A entrevista, por ser semi-estruturada, tinha um roteiro orientando o rumo das questões, de forma que o universo relativo ao vínculo do telespectador com o programa (e como os meios de comunicação em geral) e com o contexto da violência pudesse ser contemplado da forma mais satisfatória possível. Mas isso não significou rigidez absoluta, e nem cortes abruptos na linha de raciocínio do entrevistado, como se a eles coubessem responder somente aquilo que lhes foi perguntado. O sujeito-pesquisado teve liberdade de deixar fluir seus pensamentos, suas reflexões, seus pontos de vista e modos de perceber o mundo que o rodeia, cabendo ao entrevistador a perspicácia de encaminhar toda essa profusão de idéias a serviço dos interesses da pesquisa, das indagações e das temáticas contidas no roteiro da investigação.

#### **7.4.4 Debates em grupo (videofórum)**

O *videofórum* é um procedimento de pesquisa que aglutina um conjunto de sujeitos-pesquisados para um debate, reflexão e comunicação de informações sobre o problema pesquisado, utilizando, como eixo articulador dos pensamentos, os materiais de vídeo editados de acordo com a estrutura da problemática. A técnica é derivada do cinemafórum e caracteriza-se, principalmente, por ter a mídia de forma presente, e não de maneira abstrata. Fala-se sobre mídia no contato com a própria mídia. A estratégia consiste em passar um trecho do programa selecionado como objeto de estudo para o grupo de telespectadores que atua como participante da investigação. Em vez de essa etapa se dar de modo individual, como nas entrevistas em profundidade, os colaboradores atuam em conjunto, como em um debate de fato. Após a exibição do vídeo a conversa é iniciada, sendo mediada pelo pesquisador.

Além da captura do momento exato em que assistem ao programa, a técnica do videofórum serve também ao propósito da interação, de possibilitar o debate grupal, a

discussão de idéias, as opiniões seguidas e as contestadas, os pontos de maior interesse pelo conjunto dos sujeitos-pesquisados, as questões que não surtiram tanta atenção, etc. Depois de duas rodadas de pesquisa envolvendo os telespectadores apenas de forma isolada<sup>160</sup>, achamos que seria rico para a investigação ter uma última fase na qual os telespectadores investigados pudessem debater e discutir suas idéias e suas opiniões, de forma livre e espontânea (porém organizada, planejada e com objetivos claros) e, também, a partir dos encaminhamentos propostos pelo mediador.

O videofórum executado serviu à proposta de revelar o maior número de “faces do cubo”, objetivo da proposta multimetodológica empreendida nesta investigação. Após o início do aprofundamento do contato com os telespectadores e com o mundo que os rodeia (feito com as entrevistas) tornou-se enriquecedor para a pesquisa que pudésemos estreitar o conhecimento acerca dos sujeitos-pesquisados desta investigação, revelando expressões da relação entre os indivíduos colaboradores e o programa-objeto que não puderam ser contempladas com as técnicas de pesquisa usadas nas etapas anteriores.

O contato com os sujeitos-pesquisados no exato momento em que assistiam ao trecho do *Linha Direta* selecionado para a investigação possibilitou perceber as nuances que ainda não haviam sido clarificadas. O grau de atenção ao conteúdo, os olhares, os comentários, as reações faciais, dentre uma série de outras expressões e comportamentos puderam ser percebidos e analisados com o uso da técnica do videofórum. O uso de trechos do *Linha Direta*, de imagens do programa-objeto fez-se de fundamental importância na tentativa de ativar o repertório que cada um dos telespectadores analisados têm sobre a atração da Rede Globo.

Após a exibição do vídeo o debate foi iniciado, mediado e guiado pelo investigador, que deixou os colaboradores à vontade, no sentido de dar-lhes liberdade para que falassem tudo o que achassem pertinente no que diz respeito à temática e ao programa em questão. Os tópicos abordados na discussão em grupo foram os de maior interesse da pesquisa, os que deviam ser aprofundados em uma reflexão já não mais

---

<sup>160</sup> Na aplicação dos questionários na fábrica houve a divisão em dois grupos de colaboradores, no entanto, os sujeitos-pesquisados não tinham acesso às respostas dos colegas, portanto não ocorreu nenhum tipo de interação e de debate.

individual (como nas etapas anteriores), por parte dos sujeitos-pesquisados, mas em consonância ou divergência com a opinião dos outros participantes do fórum. A negociação dos sentidos, a assimilação debatida em grupo acerca do *Linha Direta* e da temática da violência e da cidadania emergiu como uma atividade primordial na tentativa de analisar a apropriação do programa por seus telespectadores.

## **7.5 Tratamentos dos dados**

No que tange ao tratamento dos dados colhidos nesta investigação, a análise foi tanto de ordem quantitativa como de ordem qualitativa. O aspecto quantitativo advém da sistematização da coleta – tabulação e organização em gráficos dos dados, para uma melhor visualização e compreensão acerca deles, especialmente na fase da pesquisa exploratória – levando em consideração fatores como as respostas e os posicionamentos mais freqüentes; o qualitativo é resultante da análise e da investigação das causas, dos contextos onde são produzidos essas respostas e esses posicionamentos, e se fez presente de forma mais enfática nas etapas de aprofundamento da pesquisa.

## **7.6 Percurso metodológico**

### **7.6.1 Pesquisa exploratória**

A pesquisa exploratória se iniciou, na verdade, desde o início do mestrado, com a assistência contínua ao programa-objeto e com a inserção ao material bibliográfico que pudesse auxiliar na construção do referencial teórico-metodológico para o desenvolvimento da investigação. As disciplinas cursadas também tiveram importância na orientação das reflexões, servindo como um arcabouço teórico de onde se pôde tirar questões e elementos norteadores do processo investigativo.

Para a exploração ao campo dos receptores, ou seja, dos telespectadores que assistiam ao programa *Linha Direta*, foram articuladas uma série de estratégias. Algumas terminaram por se mostrar infrutíferas, mas com outras obtivemos sucesso. Não resta dúvida, após uma experiência deste porte, que o acesso ao público de classes economicamente menos favorecidas se dá de forma muito mais fácil e tranqüila do que a entrada aos espaços dos telespectadores de classe média. Isso ficou claro e se traduziu

numa certa dificuldade enfrentada no desenvolvimento do estudo de obter contato com o público dos estratos sociais mais elevados.

Inicialmente, um dos cenários de recepção previstos na investigação era com moradores do prédio onde o pesquisador reside, no centro da cidade de São Leopoldo, RS. Primeiramente nos parecia muito claro e óbvio que, de quarenta apartamentos, pelo menos 10 moradores se disporem a participar. O processo foi iniciado com uma “carta-convite” (APÊNDICE 1), espécie de uma circular onde era explicada sucintamente a pesquisa de mestrado e por meio da qual eram convidadas as pessoas que assistem ao programa-objeto, o *Linha Direta*, para que participassem como sujeitas da investigação. No caso específico do cenário do prédio, as cartas-convite foram deixadas nas caixas de correio de cada um dos apartamentos, e os moradores interessados em participar deveriam retornar com a circular preenchida para a caixa de correio do pesquisador. Mas uma semana, duas, três, um mês depois não havia chegado nenhuma carta-convite respondida por algum vizinho demonstrando interesse em ser colaborador da pesquisa. A partir disso resolvemos, então, que deveríamos analisar novamente os procedimentos adotados, procurando detectar em que ponto eles haviam sido falhos, enfim, o motivo do insucesso da aproximação. Primeiramente, percebemos a utilização errônea do termo “família” nas circulares. Ora, se a investigação se dava em um edifício com apartamentos pequenos, com apenas um quarto, dificilmente neste prédio encontraríamos famílias. Depois, em conversas com o porteiro, confirmamos esta intuição, a de que ali moravam mais estudantes, solteiros, ou então recém-casados. Ou o termo “família” deveria ser retirado ou, se fosse essa instituição de grande importância para a pesquisa, o cenário de investigação deveria ser outro. De fato, a família não era um foco do trabalho empreendido no mestrado, portanto o erro se configurou mesmo na utilização incorreta do termo. No entanto, após essa aproximação frustrada aos condôminos do prédio não seria possível num curto período de cerca de um ou dois meses depois mandarmos outra carta-convite, desta vez sem a palavra família. O desgaste com os vizinhos já havia sido feito. Foi então que procuramos outro condomínio para a empreitada e, dessa vez, optamos por usar o síndico como mediador – utilizando-se da figura do líder, como uma “ponte de segurança” entre os moradores e o pesquisador – essa pessoa estranha a eles. Foi a partir das conversas com o porteiro do primeiro prédio que percebemos a importância de um mediador, de uma pessoa que, supostamente, soubesse de muitas coisas acerca do cenário da investigação. Com a



utilização desses procedimentos conseguimos atingir nossos objetivos. Os residentes do Condomínio Morada do Bosque foram convidados a participar da pesquisa – também a partir de uma carta-convite (APÊNDICE 2) – e oito moradores demonstraram interesse em participar como sujeito-pesquisado. Foram marcadas com eles sessões diversas para a explicitação mais clara da pesquisa e de seus objetivos, e para a aplicação do questionário (APÊNDICE 3).

Nesse ínterim descortinou-se a perspectiva de um novo cenário de investigação: os membros da comunidade “Eu adoro o *Linha Direta*”, do *site* de relacionamentos Orkut. A idéia era a de que os integrantes da comunidade seriam convidados a participar como sujeitos-pesquisados. Mas como ultrapassar a barreira do virtual? Como empreender uma Pesquisa de Recepção através da Internet? Não que essa mídia e esse suporte não pudessem ser analisados sob essa perspectiva, mas não era essa a intenção da pesquisa, não era esse o tipo de cenário de investigação – virtual – o que se buscava. A opção foi, então, fazer o convite aos integrantes da comunidade residentes na Grande Porto Alegre (APÊNDICE 4), desenvolvendo um deslocamento de participantes virtuais para participantes reais, como os outros dos outros cenários propostos. Os telespectadores da Região Metropolitana de Porto Alegre, descobertos no Orkut, que se manifestassem no sentido de participar como colaborador passariam do contato virtual para o real, com o agendamento de visitas presenciais do pesquisador às suas residências. Essa era a proposta, que não se consolidou pela falta de pessoas interessadas. Mesmo após alguns incentivos feitos nas comunidades relacionadas ao programa no Orkut nenhum membro se apresentou como interessado em participar.

Na Vila a pesquisa exploratória se deu de uma maneira bem mais fácil do que nos condomínios de classe média. Foram algumas as tardes passadas em suas ruas – especialmente aos domingos, por volta das cinco da tarde, quando as pessoas colocavam as cadeiras na rua para tomar chimarrão e conversar com os vizinhos, aproveitando o sol que se punha mais tarde no verão de 2006 –, conhecendo os sujeitos, fazendo os primeiros contatos, as sondagens iniciais, enfim, abordando os moradores com a carta-convite (APÊNDICE 2) para a participação na pesquisa. As pessoas hospitaleiras, solícitas e simpáticas facilitavam o acesso a esse público, fosse para dizer que assistiam ao programa e que tinham interesse em participar da pesquisa ou para afirmar que não viam, mas que podiam indicar outras pessoas que assistiam. E assim foi se processando,

com objetividade, o trabalho exploratório na Vila São Jorge, próximo à Unisinos, com a participação de dez telespectadores nessa fase inicial da investigação. Foi combinado com cada um desses colaboradores o retorno à vila para a aplicação do questionário (APÊNDICE 3) com eles.

Na fábrica a investigação exploratória se deu de uma forma mais confortável. O processo de pesquisa foi iniciado com uma carta-convite (APÊNDICE 5) distribuída (por meio de uma pessoa de dentro da fábrica encarregada especificamente para isso) aos funcionários da Tecbril, chamando-os a participar da pesquisa, explicitando seu conteúdo e seus objetivos. Os funcionários tiveram alguns dias para retornar com a carta-convite preenchida, caso tivessem interesse em colaborar com a pesquisa. Dez funcionários retornaram a carta-convite demonstrando desejo em participar como sujeito-colaborador. Alguns dias depois, já com a presença do pesquisador na Tecbril, os funcionários previamente selecionados (através do interesse demonstrado com a devolução da carta-convite) foram reunidos em dois grupos, de cinco pessoas cada, em uma sala para a explicação mais detalhada da pesquisa – e de seus objetivos – e para a aplicação do questionário (APÊNDICE 3).

### **7.6.2 Investigação com os pesquisadores do NEV – USP**

A pesquisa no Núcleo de Estudos da Violência da USP<sup>161</sup>, na cidade de São Paulo, se processou em três dias seguidos de visitas à sede, agendados previamente em

---

<sup>161</sup> Criado durante a transição democrática, em 1987, o Núcleo de Estudos da Violência é um dos Núcleos de Apoio a Pesquisa da Universidade de São Paulo. Uma das características do NEV/USP é o caráter interdisciplinar de suas pesquisas, as quais giram em torno de uma questão teórica comum: a persistência de graves violações de Direitos Humanos durante o processo de consolidação democrática. O NEV/USP desenvolve projetos de pesquisas, cursos de extensão e atividades voltadas à promoção e proteção dos direitos humanos. Através da Comissão Teotônio Vilela, o NEV também atua na denúncia de graves violações de direitos humanos e na promoção do acesso universal aos direitos humanos.

Ao longo de seus 20 anos de existência o NEV/USP desenvolveu uma série de projetos de pesquisa e cursos de extensão financiados pela Fundação Ford, Fundação Rockefeller, Comitê Internacional da Cruz Vermelha, CNPq e Fapesp, além de convênios com agências da ONU (OMS/PAHO, PNUD), União Européia, Ministérios da Saúde e da Justiça e Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Desde o ano 2000 o NEV/USP é um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Atualmente o NEV trabalha com três linhas de pesquisa, inovação e disseminação: a) Democracia, direitos humanos e violência: uma análise integrada; b) Monitoramento de Direitos Humanos no Brasil e particularmente em São Paulo; c) Democracia, direitos humanos e segurança pública: estudos comparativos. Para isso, conta com uma equipe de pesquisadores e auxiliares de pesquisa, com formação nas áreas de sociologia, ciência política, antropologia, história, direito, psicologia, literatura, saúde pública e estatística.

algumas conversas com o assessor de imprensa da instituição, por meio de e-mails. No primeiro dia o Núcleo foi apresentado por meio do próprio assessor de imprensa, que direcionou toda a visita. No restante do primeiro dia e no decorrer de todo o segundo a atenção se colocou sobre a biblioteca do NEV, especialmente sobre as produções dos pesquisadores vinculados ao núcleo. Os materiais que surtiram mais interesse foram xerocados (com a devida permissão do bibliotecário do Núcleo), bem como nos foram apresentados materiais que existam em maior quantidade na biblioteca, tais como periódicos, revistas e outras publicações do grupo. No fim do segundo dia foram agendadas as entrevistas com dois pesquisadores para o dia seguinte. Os pesquisadores entrevistados foram sugeridos pelo assessor de imprensa do NEV por serem, segundo ele, os mais acessíveis.

No terceiro dia foram feitas as entrevistas (APÊNDICE 6) com os dois pesquisadores, que se mostraram muito receptivos e interessados pela investigação em questão. Ambos os colaboradores conversaram por mais de uma hora, seguindo as etapas previstas na semi-estruturação da entrevista que lhes foi proposta. Todo o material colhido foi gravado e transcrito posteriormente para a análise.

### **7.6.3 Entrevistas em profundidade**

A pesquisa aprofundada (APÊNDICE 7) se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas individuais com os telespectadores do programa que foram selecionados dentre os participantes da fase exploratória da investigação. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para a análise.

A entrevista com os três jovens da fábrica ocorreu em mais uma visita à indústria, em Caxias do Sul. Procurando não desorganizar a logística empresarial e não atrapalhar o trabalho de cada um deles na Tecbril, os três funcionários foram encaminhados à sala de reunião de maneira tal que não influenciasse de maneira negativa na produção da fábrica. As entrevistas foram realizadas de modo bastante tranquilo, com todos os colaboradores mostrando-se interessados pela investigação, respondendo às perguntas e conversando sobre as temáticas de modo comprometido e entusiasmado.

Em dias distintos foram agendadas as entrevistas com as senhoras da Vila. Ambas receberam o investigador de modo acolhedor em suas casas, oferecendo comida, café, etc. As entrevistas transcorreram de um modo um pouco menos tranquilo, pois muitas das perguntas tinham de ser repetidas duas ou três vezes, no sentido de fazer-se entender claramente pelas colaboradoras. Algumas vezes também era preciso fazer com que o foco voltasse para as temáticas em questão, pois os rumos que as conversas iam tomando, por vezes, nos levavam para longas digressões. Todos esses pequenos percalços – porém motivadores, no sentido de aprimorar as habilidades do entrevistador – foram completamente ultrapassados e não contribuíram de forma negativa em nenhum momento no exercício da investigação com as telespectadoras do *Linha Direta* da Vila São Jorge.

O cenário de investigação do Condomínio Morada do Bosque foi o mais problemático no que concerne às entrevistas em profundidade, pois de início (logo após a aplicação dos questionários) verificamos que praticamente todos não se mostraram interessados em dar continuidade à pesquisa. Dos poucos que se mostraram receptivos à continuidade como colaborador quase a totalidade mostrou-se como não conhecedor em profundidade do programa, demonstrando uma falta de aproximação clara com o objeto de estudo. Eram espectadores que, a julgar pelas respostas ao questionário, provavelmente tinham assistido somente duas ou três vezes o programa. E esses colaboradores não nos interessavam. Somente um telespectadora do condomínio mostrou-se apta a prosseguir na investigação, tanto por interesse próprio como pela assistência contínua ao *Linha Direta*. A entrevista em profundidade com essa colaboradora se deu sem nenhum tipo de problema, mostrando-se a telespectadora muito interessada pelas temáticas abordadas na conversa e pelo desenvolvimento da pesquisa em geral. Toda a entrevista foi gravada para posterior transcrição e análise do material.

Foi então que nos demos conta de que ainda faltava um telespectador de classe média para compor o quadro dos sujeitos-receptores da pesquisa. Após algumas tentativas fracassadas conseguimos obter o nome de um possível colaborador, esposo de uma companheira do grupo de pesquisa, espectador assíduo do programa e disposto a participar da pesquisa. Os contatos foram feitos e a entrevista agendada. Este telespectador, no entanto, não morava no condomínio previsto inicialmente para cenário

da investigação, e sequer morava em São Leopoldo, mas sim em Portão, cidade distante cerca de vinte minutos do centro de São Leopoldo, também na Região Metropolitana de Porto Alegre. Como o fato dos colaboradores pertencerem a um mesmo condomínio não se mostrava como uma característica essencial ao desenvolvimento da pesquisa, não vimos obstáculos em aceitar a participação deste receptor, até pelo fato de que estão todos os telespectadores de classe média agrupados numa localização geográfica específica, a Grande Porto Alegre, que guarda similitudes econômicas, sociais e culturais entre si. Além do que, dentro desse espaço compreendido pela região metropolitana da capital gaúcha as cidades de Portão e São Leopoldo se distanciam oito quilômetros, possibilitando um grande intercâmbio de moradores de uma e de outra cidade no que tange ao trabalho, ao lazer, etc. Após todas essas reflexões e a tomada de decisão em ter o telespectador de Portão como participante da pesquisa, a entrevista em profundidade com ele se deu sem nenhum tipo de problema, mostrando-se o receptor muito comunicativo e bastante interessado pelas temáticas abordadas na conversa e pelo desenvolvimento da pesquisa em geral. Toda a entrevista foi gravada para posterior transcrição e análise do material.

#### **7.6.4 Debates em grupo (Videofórum)**

O vídeo exibido aos grupos de sujeitos-pesquisados continha um trecho do programa *Linha Direta* exibido em 2 de novembro de 2006, selecionado dentre a oferta de programas gravados no plano de observação audiovisual. Foi selecionada a primeira parte do programa, contendo a abertura, a exibição do primeiro caso (da primeira esquete-reportagem) e a exibição dos foragidos que haviam sido presos a partir das denúncias dos telespectadores<sup>162</sup>.

A história selecionada contou a biografia de um casamento infeliz e desgastado pela infidelidade do marido e pela violência constante que se apoderava do casal em suas rotineiras brigas. Em 1997, após um baile no qual a esposa flagrou o marido dançando com outra mulher e, por isso, deu uma tapa na cara dele, o casal voltou brigando para casa. Após chegarem em casa gritando (acordando a irmã da vítima, que

---

<sup>162</sup> As capturas dos foragidos, a partir das denúncias anônimas dos telespectadores, são mostradas ou entre a exposição das duas histórias da noite ou apenas no final do *Linha Direta*. No programa do dia 02/11/2006 as prisões foram exibidas após o primeiro caso e antes do segundo.

havia ficado em casa cuidando da filha do casal para que eles pudessem ir à festa) um silêncio se fez por algum tempo. Posteriormente, o marido jogou a esposa, desacordada, pela janela e, alguns segundos depois, gritou desesperadamente, pedindo socorro, como se a mulher tivesse se suicidado.

Um senhor que aguava as plantas naquele horário em frente ao prédio onde o casal morava viu o rapaz jogando a mulher pela janela. A testemunha ligou para a polícia, que não apareceu no local durante muito tempo. Somente após um longo período de demora os policiais chegaram ao apartamento e encontraram a cena do crime já mexida. Após o exame da perícia, o depoimento do marido e da testemunha a investigação criminal chegou à conclusão de que havia sido o esposo o assassino da moça jogada do alto de seu apartamento. O rapaz fugiu após a prisão preventiva ter sido decretada.

Quase 10 anos depois do crime, o marido, acusado de ser assassino da própria esposa, continuava foragido. O programa mostrou a filha do casal (com o rosto protegido pela técnica do mosaico), então com 10 anos. A mãe da vítima afirmava que a neta dizia não ter pai e que a menina cobrava pela punição do assassino de sua mãe. O *Linha Direta* também destacou que o pai da vítima morreu de infarto, sem conseguir ver a justiça para o caso da filha ter sido feita. Após a exibição do caso foi mostrada a prisão de um foragido, cuja história havia sido mostrada anteriormente pelo programa.

O determinado trecho do programa foi selecionado para ser exibido aos grupos de sujeitos-pesquisados exatamente por contemplar questões de interesse para a investigação e assuntos pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa. Ou seja, por abordar questões como ineficiência da polícia, por não chegar logo ao local do crime; lentidão da justiça, por não ter proporcionado ao pai da vítima que pudesse ter visto o assassino da filha preso e condenado; impunidade, por permitir quase 10 anos de liberdade para um acusado de homicídio; auto-referenciação do programa, ao exibir os casos resolvidos pela atuação do *Linha Direta* e através da ajuda do telespectador, dentre outros pontos relacionados às temáticas tratadas neste trabalho.

O videofórum com os jovens da fábrica transcorreu com tranquilidade e produtividade, como todas as outras etapas da pesquisa desenvolvidas na Tecbril. Foi

utilizado o quiosque de relacionamento para a exibição do vídeo. Um espaço agradável, confortável e com boa iluminação. Como o debate foi realizado no período da manhã, antes do almoço, o local estava calmo e silencioso, oferecendo um ambiente propício para o debate de idéias e de pontos de vista. Durante a exibição do trecho do *Linha Direta* os telespectadores pesquisados mostraram-se absolutamente concentrados. Somente ao final da esquete, quando já da apresentação da captura dos acusados foragidos, os colaboradores fizeram comentários entre si, ironizando a inocência defendida pela acusada de mandar matar o esposo para ficar com o dinheiro do seguro dele. Após o fim do vídeo foi iniciado o debate, com a participação interessada e profícua dos jovens funcionários da Tecbril.

A etapa do videofórum com as mães de família da Vila São Jorge igualmente transcorreu sem problemas e foi bastante produtiva. Inicialmente a idéia era fazer a sessão de debate em uma das salas da Unisinos, mas uma das sujeitas-pesquisadas gentilmente cedeu sua casa para o encontro, afirmando que assim seria mais fácil juntar as moradoras da Vila. Encontramo-nos em uma tarde para a execução do videofórum. Além das colaboradoras da pesquisa também estavam presentes a filha e o neto da dona da casa, que aparentavam ter, respectivamente, entre 30 e 8 anos. Todos os telespectadores mantiveram-se muito atentos e compenetrados durante a exposição do vídeo do programa. Logo no início do trecho do *Linha Direta* apresentado a senhora dona da casa manifestou-se, afirmando que já havia visto aquela edição quando de sua exibição original. A outra colaboradora manteve-se calada durante quase todo o tempo de apresentação do vídeo, falando somente ao final, com exclamações de comoção e pena da família da vítima mostrada no trecho selecionado. A dona da casa voltou a interagir no final da sessão, já na exibição da captura de um dos acusados que havia sido mostrado anteriormente no *Linha Direta*. O comentário jocoso foi decorrente do fato de a acusada de matar o marido com a ajuda do amante ter fugido da primeira prisão juntamente com outro amante. A ironia se deu por conta dos enlaces amorosos da ex-fugitiva. Os outros dois telespectadores (filha e neto de uma das sujeitas-pesquisadas) mantiveram-se calados durante todo o tempo, como se tivessem sido alertados previamente pela dona da casa para que não “atrapalhassem” o encontro. Estavam meramente na condição de escuta. Como não participaram de todo o processo da investigação e de todas as etapas da pesquisa não foram convidados pelo mediador para

participar do videofórum. Após o fim do vídeo foi dado início à discussão em grupo, com a participação interessada e atenta das mães de família da Vila São Jorge.

Infelizmente o videofórum não pôde ser realizado com o grupo dos indivíduos de classe média. Primeiramente, por estarem os dois colaboradores desse conjunto separados em cidades distintas. Ambas as localidades fazem parte da Grande Porto Alegre e não ficam tão distantes uma da outra, mas não restam dúvidas de que esse afastamento dificultou ainda mais a conciliação das agendas dos dois colaboradores. O outro ponto que, de alguma forma, atuou para inibir a execução da etapa do debate em grupo foi a própria barreira colocada pelos sujeitos-pesquisados de classe média, quando, implicitamente, nos faziam perceber que mais do que aquilo que já haviam feito (participação na etapa exploratória e na entrevista em profundidade) não poderiam oferecer. Desde o início da investigação o grupo dos telespectadores de classe média foi o mais complicado, o de acesso mais difícil. Achamos por bem não forçar nada (até porque, provavelmente, o debate feito como obrigação e não com prazer não renderia uma boa e proveitosa discussão) e optamos, então, mesmo sabendo dos riscos, por não aplicar a técnica do videofórum com eles.



## 8 ANÁLISE DA RECEPÇÃO DO PROGRAMA *LINHA DIRETA*

### 8.1 Contextualizando os sujeitos receptores brasileiros na segunda metade dos anos 2000

Para dissertar sobre os telespectadores do *Linha Direta* é necessário, antes de tudo, situá-los num contexto midiático e comunicacional que se apresenta na contemporaneidade, e que é fundamental para que possamos compreender as produções de sentidos que são feitas por esses públicos.

No início deste trabalho contextualizamos o cenário que propiciou o surgimento de uma série de programas televisivos que tinham o grotesco e o sensacional como elementos configuradores de sua estética, de seu discurso e de suas lógicas. O *Linha Direta* apareceu no bojo dessa programação que via no fenômeno da violência um importante componente de espetacularização, elemento esse intrinsecamente vinculado ao processo de popularização pela qual passava a grade de programação televisiva em meados da década de noventa, com o surgimento do Plano Real e com a fortificação de uma fase audiovisual cujo destaque se dava à multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2006).

Quando falamos em “contemporâneo”, nesta dissertação, queremos dizer acerca da época em que vivemos, do momento no qual nossas vivências estão inseridas. Tomando-se a História como perspectiva de referência, ou seja, a trajetória milenar das civilizações, parece-nos bastante claro que os últimos vinte anos possam ser tomados como contemporâneos, principalmente quando resgatamos o que Tavares dos Santos<sup>163</sup> afirma, sobre nossa entrada no século XXI – e, portanto, em uma nova era – já no ano de 1989, com a queda do muro de Berlim e as conseqüências em nível mundial desse acontecimento e de todos os outros que sucederam a consolidação do capitalismo em âmbito planetário. Quando falamos em violência, Estado, globalização, dentre outros conceitos trabalhados nesta dissertação, podemos nos utilizar da nomenclatura “contemporaneidade” sob a ótica da História, portanto sendo maximizada a qualidade

---

<sup>163</sup> Fala de José Vicente Tavares dos Santos em aula ministrada na disciplina “Sociologia da Conflitualidade”, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 15 de maio de 2007.

do que é contemporâneo. Os acontecimentos dos últimos vinte ou cinquenta anos podem ser tomados como atuais, quando levamos em conta os episódios que se sucederam há dois, cinco, dez séculos.

Quando se trata da esfera midiática, no entanto, a noção de tempo parece necessitar de uma outra perspectiva, que possa dar conta de contemplar as rápidas e incessantes transformações no campo das mídias, especialmente quando elas passam a ser intensamente atravessadas pela tecnologia, que se modifica numa velocidade que não nos permite mais enquadrar os acontecimentos somente em períodos compreendidos por séculos ou décadas. Sob essa ótica, acreditamos que o universo dos meios de comunicação e o panorama dos brasileiros em suas interações midiáticas (de forma macro) e televisivas (de modo micro) no ano de 2008 não são os mesmos que se processavam em meados da década de noventa (apesar de também termos em conta que muitas características permanecem semelhantes, especialmente no que concerne às lógicas do capital que guiam os conglomerados midiáticos). O contexto que melhor traduzia aquela época era o da disseminação, em larga escala, dos aparelhos-receptores. Cerca de dez, treze anos depois o cenário “receptivo” nacional é outro. Uma década é muito tempo para a “História” das mídias e de seus vínculos com as novas tecnologias.

Se naquele momento falávamos de uma popularização dos aparelhos-receptores, fazendo com que cada vez mais casas tivessem acesso à programação televisiva, agora falamos numa propagação dos aparelhos de TV dentro das próprias casas. A televisão deixa de ser aquele objeto intrinsecamente ligado à sala de estar para se distribuir pelos quartos, pela cozinha e pelos demais compartimentos da casa, configurando uma assistência fragmentada. A cena da família reunida na sala, após o jantar, para assistir junta a programação da TV, não se conforma mais como o único cenário possível na segunda metade dos anos 2000. Não que ela tenha acabado, mas nas grandes metrópoles nacionais, com as rotinas de vida cada vez mais atravessadas pela velocidade dos fluxos, o ver televisão “em família” não tem mais a preponderância de outrora.

Isso também tem relação com os processos de auto-afirmação e de realização pessoal dos sujeitos urbanos contemporâneos. Cada vez mais as pessoas saem da casa dos pais não apenas para se casar, mas, também, para estudar, trabalhar, investir na carreira, fazer cursos fora de sua cidade ou de seu país. Aumenta progressivamente a

quantidade de indivíduos que moram sozinhos, caracterizando um tipo de assistência televisiva diferenciado. A apropriação de sentidos do que é veiculado pela televisão se dá, também, de forma solitária<sup>164</sup>, como afirma Ford (1999), e não mais somente de forma compartilhada. A TV também pode se conformar como uma espécie de companhia para essas pessoas que moram sozinhas, que as têm ligadas enquanto jantam, tomam banho, arrumam a casa, lavam a louça, estudam, etc. O televisor aparece, então, como uma “voz” dentro de casa, uma voz que fala, mas que muitas vezes sequer é compreendida de fato, assinalando uma audiência dispersa.

Outra questão que vem atravessando de maneira profunda a relação dos indivíduos com a televisão em nosso país é a presença, cada vez maior, do computador e da Internet na vida das pessoas. A TV continua sendo o meio de comunicação de massa por excelência, havendo, no Brasil, 162,9 milhões<sup>165</sup> de pessoas que moram em domicílios que dispõem de televisão colorida. No entanto, é inegável que o televisor, já há alguns anos, passa a dividir seu espaço de importância nos lares dos brasileiros com o computador. A TV perde parte de sua absoluta hegemonia na casa dos sujeitos do século XXI, tendo que disputar a atenção com a tela dos monitores. O “quarto do computador” ou o local destinado a ele nas salas das residências, com sua inconfundível estante preparada para receber CPU, teclado, monitor e impressora, ganha destaque na espacialidade dos lares brasileiros nos anos 2000.

Em meados dos anos noventa, época da popularização da programação televisiva, a Internet ainda era incipiente no país. Seu uso se dava eminentemente em ambientes acadêmicos e científicos e sua presença em residências se mostrava de maneira irrisória, com algumas poucas casas de famílias com alto poder aquisitivo tendo acesso a esta tecnologia. Atualmente o Brasil é o sexto maior usuário de Internet do mundo, em termos de total de população que acessa a rede<sup>166</sup>, ficando atrás apenas dos

---

<sup>164</sup> Variando o grau em que isso acontece de acordo com as classes sociais, as regiões, os países dos telespectadores.

<sup>165</sup> Fonte: PNAD 2005 (pesquisa nacional por amostra de domicílios).  
Disponível em:  
<http://www.pnud.org.br/saneamento/reportagens/index.php?id01=2635&lay=san>  
Acesso em: 12. nov. 2007.

<sup>166</sup> Fonte: ONU.  
Disponível em:  
<http://br.noticias.yahoo.com/s/02112007/25/manchetes-onu-brasil-6-popula-internautas-mundo.html>

Estados Unidos, da China, do Japão, da Alemanha e da Índia. Mesmo que saibamos que o acesso às novas tecnologias e à Internet em nosso país ainda é extremamente desigual e concentrado, vale destacar que considerando todos os ambientes, incluindo residências, trabalho e locais públicos gratuitos e pagos, o número total de pessoas com acesso à Internet no Brasil já é de 36,9 milhões<sup>167</sup>. Em Novembro de 2007 o Governo Federal anunciou que “em três anos o país inteiro estará conectado à Internet banda larga” (Jornal O Globo, 13 de Novembro de 2007). O ministro das Comunicações, Hélio Costa, proferiu que: “o governo está construindo uma vasta rede pública de alta velocidade para atender escolas, hospitais, delegacias, postos de saúde e associações comunitárias” (idem).

A presença da Internet – e todas as mudanças que ela tem trazido à vida das pessoas, por si só, já seria o suficiente para gerar várias outras dissertações. No entanto, não podemos nos furtar de pontuar, ainda que brevemente, algumas ressocializações provocadas pela rede mundial de computadores. Muitas crianças e pré-adolescentes de hoje têm parte de sua educação e de suas vivências mediada pela Internet: os chats, os jogos em rede, os *sites* de relacionamento – como Orkut, Myspace, etc. –, os blogs e fotologs. O “internetês<sup>168</sup>” transforma-se na linguagem recorrente usada pela juventude (e não só pela juventude) em suas conexões com os outros indivíduos através da rede, especialmente nas salas virtuais de bate-papo. Os adultos também fazem parte do universo virtual, usando a Internet não só como ferramenta de trabalho, mas como instrumento para acesso a informações, entretenimento e uma série de outras coisas.

A velocidade de disseminação das novas tecnologias faz com que o que seja considerado novo hoje já possa ser visto como antigo amanhã. Computadores portáteis cada vez mais cheios de funções e com tamanhos menores; celulares que filmam, fotografam, tocam músicas, fazem edições e até servem para ligar; câmeras digitais com

---

Acesso em: 12 nov. 2007.

<sup>167</sup> Fonte: IBOPE  
Disponível em:  
<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=Notícias&docid=CF0A1AA3E7BFDCC98325738600664769>  
Acesso em: 19 nov. 2007.

<sup>168</sup> Modo de escrever as palavras no qual se enfatizam os fonemas, facilitando e agilizando a digitação das frases no computador.

resoluções de imagens de até 12 megapixels, aparelhos tocadores de MP3<sup>169</sup> com tamanhos cada vez mais diminutos e mais leves e reprodutores de MP4<sup>170</sup> com vários recursos embutidos. E para quem pensa que as tecnologias restringem-se somente às classes mais abastadas está enganado. As temporalidades de apropriações é que são diferentes, pois se às classes com alto poder aquisitivo os produtos são destinados no momento de seu surgimento no mercado, com a tendência natural de queda dos preços que os eletro-eletrônicos sofrem após seu lançamento, em cerca de um, dois ou três anos os mesmos utensílios atingem preços acessíveis às classes economicamente menos privilegiadas.

Com a ajuda da pirataria e do comércio ilegal – no mercado brasileiro este crescimento foi de 45% para os setores de roupas, tênis e brinquedos<sup>171</sup> – as classes populares quase sempre dão um jeito de apropriar-se dos bens de consumo. Os DVDs lotam camelódromos e centros das cidades como uma das principais mercadorias sendo vendidas. Tênis e roupas falsificados, eletro-eletrônicos e brinquedos contrabandeados, softwares de computadores pirateados, toda uma gama de produtos é colocada à disposição das classes economicamente desprivilegiadas. Se a “moda” era ver os indivíduos dos centros urbanos do país andando pelas ruas das cidades escutando música em seus aparelhos de MP3, as pessoas da periferia logo deram um jeito de se inserir nessa prática de consumo, e a visão de sujeitos com fones de ouvido (alguns enormes, ainda do tempo dos *walkmans*) conectados aos celulares (com a opção de rádio, mais baratos do que os MP3) disseminou-se no cenário citadino contemporâneo. Ao contrário do que De Certeau (1998) afirma, os fracos montam sim suas estratégias, articulando movimentos de inserção numa cultura de massas midiaticizada.

---

<sup>169</sup> (MPEG-1/2 Audio Layer 3), que é um tipo de compressão de áudio com perdas da qualidade do som, muitas vezes não perceptíveis ao ouvido humano (dependendo da taxa de compressão a ser utilizada para modificar o arquivo de música).

<sup>170</sup> Além dos recursos oferecidos pelos aparelhos tocadores de MP3, os MP4 também são capazes de reproduzir arquivos digitais de vídeo.

<sup>171</sup> Fonte: IBGE

Disponível em:

<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=Notícias&docid=562E1E44838D69D08325723E005C3340>

Acesso em: 19 nov. 2007

Se as mudanças no âmbito midiático e comunicacional foram grandes na última década, transformações ainda mais profundas devem acontecer a partir da recente chegada da TV digital no país. Após anos de discussões acerca do modelo que seria implementado no Brasil (com a escolha do padrão japonês), finalmente, em três dezembro de 2007, a televisão com tecnologia digital chegou à São Paulo. Uma série de reconfigurações nos modos das pessoas assistirem televisão é esperada com a disseminação da TV digital no país. A maior interatividade na relação emissão-recepção, ou seja, nos vínculos entre programação e públicos, é uma das questões mais aguardadas pelos pesquisadores em comunicação. Cautela e bom senso, no entanto, são essenciais nesse momento, para que evitemos os deslumbramentos precipitados acerca das maneiras como os telespectadores vão atuar “fabricando sua própria programação”. Foram posicionamentos apologeticos deste tipo que há cerca de 12, 14 anos previram que nos dias de hoje nós não iríamos mais ao supermercado, pois faríamos nossas compras pela Internet, não compraríamos mais carros nas concessionárias, mas sim através da rede, escolhendo livremente nosso modelo, com a cor e os opcionais que nos conviessem. Foi esse discurso antecipado que previu o fim das livrarias “normais”, afirmando que atualmente compraríamos todos os nossos livros pelos *sites* especializados, e que profetizou que ir ao banco, pessoalmente, seria uma coisa da pré-história no panorama do século XXI. É nítido que a Internet trouxe sim uma série de transformações. Atualmente, de fato, é muito mais cômodo comprar uma passagem através da rede do que ir até uma agência de viagens. Todas as companhias aéreas dispõem da possibilidade da compra de *tickets* através de seus *sites* e o bilhete eletrônico propaga-se de maneira veloz. Mas as pessoas continuam indo ao mercado, ao banco, às livrarias, comprando carros após fazer o *test-drive*, etc. Imaginamos que o cenário dos públicos de televisão e de suas relações com o meio sofra mudanças com a implantação da televisão digital no Brasil, mas afirmar categoricamente a qualidade dessas mudanças torna-se precipitado e perigoso nesse momento.

## **8.2 Os sujeitos da investigação**

Os grupos de sujeitos-pesquisados foram selecionados para esta investigação no intuito de trazer diversidade à pesquisa. Procuramos compor uma amostra de telespectadores do *Linha Direta* que contemplasse um número semelhante de homens e de mulheres (três homens e quatro mulheres), que considerasse várias faixas-etárias (até

20 anos, 20-30 anos, 30-40 anos, mais de 40 anos) e que pusesse em destaque sujeitos com contextos diferentes, trajetórias distintas, inserções culturais diversas, no sentido de possibilitar à pesquisa um conjunto de colaboradores que pudesse enriquecer o trabalho, oferecendo-lhe um caráter mais heterogêneo. Por isso foram selecionados três grupos de sujeitos-telespectadores do programa: jovens funcionários de um fábrica de tintas em Caxias do Sul/RS; mães de família da Vila São Jorge, em São Leopoldo/RS; e indivíduos adultos de classe média, moradores da região metropolitana de Porto Alegre/RS.

Gostaríamos de enfatizar que a opção por uma amostra diversificada se deu muito mais com a intenção de trazer riqueza à investigação do que com o único intuito de criar quadros comparativos entre os três grupos de telespectadores. Claro que se existem três conjuntos de sujeitos-pesquisados acabamos por relacioná-los na análise da produção de sentidos feitas por esses indivíduos acerca do *Linha Direta*. O que queremos deixar claro, desde já, é que o objetivo não foi a comparação de grupos de telespectadores *per se*. Os vínculos, os momentos nos quais os três grupos se aproximam em suas posições, as ocasiões onde explicitam posturas totalmente diferentes, dentre outros movimentos feitos por nós na seção da análise dos dados, vêm como consequência da própria reflexão sobre os inúmeros materiais coletados na pesquisa com os receptores. Quando os grupos exibem concepções substancialmente distintas acerca do programa, elas são evidenciadas, em suas singularidades. Mas quando há aproximações nas formas desses sujeitos se relacionarem com o *Linha Direta*, a análise é feita de maneira macro, contemplando o conjunto dos telespectadores como um todo. Comparar os grupos não é nosso objetivo primordial. Os movimentos comparativos, quando são executados, advêm como consequência dos dados produzidos pelos telespectadores investigados.

### **8.2.1 Jovens funcionários da fábrica**

A Tecbril é uma indústria no ramo de tintas, especializada em tintas para madeiras, localizada em Forquetta (pequeno bairro campestre de Caxias do Sul, distante cerca de 30 minutos de carro do centro da cidade), no Rio Grande do Sul. Iniciou suas atividades em 1990 e, desde então, foi ampliando sua presença no mercado de tintas. Atualmente, sua fábrica conta com 4.000 metros quadrados de área construída, onde

trabalham cerca de 80 funcionários. A indústria fabrica produtos que são distribuídos para todo o país e até mesmo exportados para mercados internacionais.

É interessante que retratemos o ambiente da fábrica, a maneira como ele se configura, sua disposição espacial. Inúmeras latas enormes de tintas encontram-se no amplo estoque, ao lado de grandes depósitos onde os materiais químicos são misturados dando origem às tintas. Caminhões constantemente chegam para fazer entregas de matéria-prima e, posteriormente, serem recarregados com produtos para entrega, gerando uma incessante circulação de funcionários, tudo isso acontecendo em uma espécie de grande galpão aberto (devido às constantes entradas e saídas de material, um espaço fechado torna-se limitador). Em espaços fechados encontram-se os laboratórios, onde novos tipos e tonalidades de tintas são cuidadosamente elaborados, texturas são testadas, enfim, os laboratórios funcionam como espaços de testes e experimentos, onde as novas tecnologias são colocadas a serviço da qualidade. Também há outro espaço fechado, onde funciona o escritório administrativo.

O interesse por este tipo de cenário oferecido pela Tecbril se dá pela relevância que os dados obtidos a partir dos sujeitos colaboradores advindos dele podem surtir para a pesquisa. É importante que investiguemos, que adentremos o mundo do trabalho, o espaço social dos trabalhadores, que interagem entre si e com seus superiores, que ao final de cada mês têm contas a pagar, que ao final de cada dia de trabalho cansativo em uma fábrica de tintas têm relações outras que ocupam suas vidas, como as que traçam com a família, com os amigos, com o bairro, com a política, com a cidade, etc. São indivíduos inseridos em uma determinada cultura, que é gaúcha mas, ao mesmo tempo é entrecruzada pelas tradições trazidas e mantidas pelos imigrantes e seus descendentes, como as festas, as comidas, a colheita e preparo do vinho, a língua, dentre outras características dessa hibridação que talvez até venha se esvaecendo na capital do estado, mas que ainda é tão presente na serra gaúcha. Como esse trabalhador de indústria, envolto (a partir de suas relações com a empresa) completamente no mundo capitalista e globalizado (apesar de estar situado geograficamente e culturalmente num pequeno distrito do interior do Rio Grande do Sul) e em suas lógicas de rapidez, lucro, constantes mutações, redução de custos (mesmo que deles não tire vantagem própria) exerce a sua cidadania? Como ele interpreta a atuação do Estado frente ao fenômeno crescente da violência urbana? Como ele pode – se pode, de que maneira –, através da televisão,



configurar a sua posição social, econômica e política em nossa sociedade? E como ele interage com o *Linha Direta*, ele mesmo envolvido com essa manifestação anti-impunidade promovida pela TV?

Como esses jovens funcionários – visto que a maior parte da amostra selecionada, como veremos adiante, advém da faixa etária de 18 a 28 anos –, ainda no início de suas carreiras profissionais; cheios de sonhos e expectativas; inseridos num período geralmente marcado por dúvidas e incertezas, já que são recém saídos da adolescência e há pouco iniciados na vida adulta, cheia de responsabilidades e cobranças; com pretensões de formar uma família e de querer um mundo melhor para seus futuros filhos, manifestam-se frente ao problema da violência urbana em nossa contemporaneidade, a partir da intermediação da televisão?

Os funcionários pesquisados na fábrica refletem a diversidade existente naquele ambiente. São funcionários oriundos de diversos setores, como laboratoristas, pessoal de escritório e auxiliares de produção. O interessante é que se criou, mesmo que involuntariamente (pois foi a partir do interesse deles em participar da pesquisa que se configurou esse quadro) um universo bastante representativo dos funcionários da Tecbril.

### **8.2.2 Mães de família da Vila**

A Vila São Jorge localiza-se nos arredores da cidade de São Leopoldo, RS, nas proximidades da Unisinos e da estação “Unisinos” do Trensurb, trem urbano que liga São Leopoldo e Porto Alegre. A vila apresenta uma paisagem bastante diversificada, heterogênea e híbrida, com casas que vão desde as mais simples e pobres construções – muitas sequer têm piso e reboco nas paredes – até as residências confortáveis, pintadas e bem cuidadas. A comunidade é formada por um emaranhado de estreitas ruas, aparentemente desordenadas, não se assemelhando ao padrão xadrez dos quarteirões dos centros urbanos. Durante toda a realização da pesquisa na Vila São Jorge pudemos observar que suas ruas eram de terra batida, mas na última visita ao local, para a realização do videofórum, notamos que as vielas da comunidade passavam por um processo de calçamento e que estavam sendo construídos os passeios para a locomoção dos pedestres, pois antes não havia separação entre rua e calçada.

A heterogeneidade continua no que diz respeito à tranquilidade dos moradores da vila. Durante o dia o que se pode perceber é a existência de um espaço de calma, com pessoas transitando pela comunidade, com inúmeras crianças brincando nas ruas, com cadeiras nas vielas, nas quais os vizinhos se sentam para conversar e tomar chimarrão no final da tarde, especialmente durante os finais de semana. Apesar de nunca termos visitado a localidade durante a noite, as informações que temos, a partir das diversas conversas com os moradores durante a pesquisa exploratória e com as duas mães de família nas entrevistas em profundidade e no debate em grupo, indicam que após o anoitecer a tranquilidade cede lugar ao medo e à constante postura de vigilância. Assaltos, assassinatos, delitos envolvendo a polícia, tráfico de drogas, dentre outros tipos de delinquências assustam os moradores da Vila São Jorge. Prova disso é que praticamente todas as residências da comunidade têm um cachorro, um cão de guarda, no intuito de proteger os moradores da casa de possíveis invasões. Já que naquele espaço não há recursos para o investimento em cercas elétricas, sistemas de alarme, muros altos e fortificados, bem como o policiamento é ineficiente e precário, resta aos cães o trabalho de cuidar da segurança dos cidadãos durante a noite.

A partir das interações com os moradores não percebemos a existência de nenhuma associação formal dos habitantes da Vila São Jorge, nenhum tipo de organização oficial que se pretenda zelar pelos interesses da comunidade. O que pudemos captar das falas de alguns moradores e das visitas à localidade foi a presença da Unisinos na vida social da vila. Algumas ações beneficentes lideradas pela universidade foram observadas na comunidade, especialmente voltadas para crianças, jovens e para a terceira idade. É comum vermos os adolescentes da vila entrando no ônibus que liga a estação de trem à universidade, dirigindo-se ao centro de esportes da instituição, para participar de atividades de integração e lazer.

O interesse pelo cenário da vila São Jorge como ambiente para esta investigação se justifica por vários fatores, dentre eles, especialmente, o fato de serem as áreas periféricas, mais distantes dos centros das cidades, as zonas mais suscetíveis ao fenômeno da violência urbana. Espaços por vezes negligenciados pelos poderes públicos, muitas vezes abandonados pelas prefeituras, sub-policiados pela Brigada Militar as vilas e favelas apresentam-se como localidades representativas da problemática da criminalidade em nossa sociedade contemporânea. As apropriações, as

produções de sentidos que fazem os moradores de uma vila, a partir do conteúdo de violência e de cidadania veiculados pela televisão, oferecessem-se como elementos fundamentais para que possamos compreender como os telespectadores assistem ao programa *Linha Direta*.

O interesse pelas mães de família se explica – além do interesse que tem esta pesquisa pela diversidade, por apresentar conjuntos diferenciados de sujeitos-pesquisados – pela importância que vemos nas senhoras de família, nas mulheres que, muitas vezes, conciliam o trabalho fora com os afazeres de casa, com as preocupações com o bem-estar do marido e dos filhos. Em uma sociedade hodierna na qual cada vez mais as mulheres assumem papéis fundamentais dentro das famílias – ao contrário da imensa maioria que vivia anteriormente submissa ao marido, hierarquizadas pelo poder patriarcal – adquire relevância compreender como essas mães de família, tão zelosas com a segurança de seus entes, comportam-se frente ao fenômeno da violência urbana em uma zona vulnerável a esse problema como a vila. Como essas senhoras, inseridas diretamente em um espaço mais suscetível à criminalidade, como uma vila, produzem sentidos e se apropriam de um programa televisivo que tem como elemento principal conteúdos de violência e de cidadania?

### **8.2.3 Indivíduos de classe média**

A cidade de São Leopoldo situa-se na região da Encosta Inferior do Nordeste do Rio Grande do Sul. Faz parte da Grande Porto Alegre, situando-se a cerca de 30 km da capital gaúcha, através da rodovia BR-116 e a 80 km da cidade de Caxias do Sul através da RS-240. Atualmente, São Leopoldo é considerada uma cidade universitária, por sediar a Unisinos, e é conhecida principalmente pela sua noite, que conta com diversas casas noturnas que atraem público tanto da própria cidade quanto das cidades vizinhas, como Estância Velha, Novo Hamburgo, Portão e Sapucaia do Sul, assim como de Porto Alegre. A cidade também possui atualmente um diversificado parque industrial globalizado, além de expressivo setor comercial e de serviços. Situa-se também na cidade o maior pólo de informática do estado do Rio Grande do Sul, vinculado à Universidade do Vale do Rio do Sinos - UNISINOS.

Portão, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, tem aproximadamente 30.000 habitantes. A cidade destaca-se em vários segmentos da economia do Rio Grande do Sul. A indústria química, coureira, calçadista e da borracha são as principais áreas de desenvolvimento tecnológico. A comercialização de flores, vasos e outras peças de artesanato, bem como o destaque a uma gastronomia típica, também atraem pessoas de outras cidades e regiões.

Ambas as cidades integram a região metropolitana de Porto Alegre, também conhecida como Grande Porto Alegre, que reúne 31 municípios do estado do Rio Grande do Sul em um intenso processo de conurbação. O termo refere-se à extensão da capital Porto Alegre, formando com seus municípios adjacentes uma mancha urbana contínua, na qual não se consegue perceber bem onde termina uma cidade e começa a outra.

A escolha de indivíduos adultos de classe média de cidades da Grande Porto Alegre como sujeitos-pesquisados desta investigação advêm do interesse que temos em compreender como os sujeitos sociais de classes sócio-econômicas mais privilegiadas se relacionam com a problemática da violência urbana em nossa sociedade contemporânea. Os modos como esses indivíduos, muitas vezes moradores de condomínios de prédios bem localizados ou de casas confortáveis e seguras, se vinculam à temática da criminalidade e da cidadania tornam-se prementes para um estudo acerca do *Linha Direta*, por termos em conta que parte do conhecimento sobre o fenômeno da violência para esses sujeitos se dá mediado pelos veículos midiáticos, já que muitos deles, favorecidos economicamente, acabam por não compartilhar dos espaços mais abandonados e perigosos das grandes cidades. Munidos de automóveis particulares, esses sujeitos sociais, por vezes, não vivenciam a mesma realidade que se apresenta para quem anda à pé ou nos transportes públicos dos espaços urbanos e convive, a partir de então, com toda sorte de acontecimentos.

Mas como a violência nos dias de hoje, como já dito inúmeras vezes ao longo desta dissertação, não se encontra mais somente localizada (apesar de sabermos que os bairros periféricos são as maiores vítimas do crime), mas disseminada por toda a sociedade, em todas as camadas dos aglomerados urbanos, também surge como interessante e enriquecedor refletirmos como as camadas de classe média comportam-se

frente ao fenômeno da criminalidade crescente e da cidadania dilacerada pela violência. Como esses sujeitos, muitas vezes fechados em seus “mundinhos particulares”, produzem sentidos a partir dos conteúdos de violência e de cidadania presentes no programa *Linha Direta*?

### **8.3 Perfil dos sujeitos-pesquisados**

Jovem da fábrica 1: 28 anos, branca, nasceu em Caxias do Sul mesmo. Tem o ensino superior completo e trabalha como laboratorista na Tecbril. É solteira e mora com a família em Caxias.

Jovem da fábrica 2: 25 anos, branco, nasceu em São Gabriel, no Rio Grande do Sul. Tem o ensino médio e trabalha como auxiliar de produção na fábrica de tintas. É casado e já tem um filho pequeno. Mora com a esposa e com a criança em Caxias do Sul.

Jovem da fábrica 3: 19 anos, descendente de alemães, nasceu em Caxias do Sul, RS. Tem o ensino médio completo e faz faculdade de engenharia química no momento. É solteiro e mora com os pais em Caxias.

Mãe de família da Vila 1: 49 anos, branca, nasceu em Santa Rosa, RS. Tem o ensino fundamental e atualmente trabalha como dona de casa, após alguns anos tomando conta do mercadinho da família, que funcionava anexado à casa. Tem três filhos de sangue, mais alguns outros que criou da infância à juventude, mas que hoje não moram mais com ela. Vive com o marido em São Leopoldo, RS.

Mãe de família da vila 2: 48 anos, branca, nasceu em Rosário do Sul, RS. Tem o ensino médio completo e atualmente trabalha fazendo limpeza em um dos restaurantes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tem dois filhos rapazes. Mora com eles e com o marido na Vila São Jorge, em São Leopoldo, RS.

Indivíduo de classe média 1: 44 anos, morena, nasceu em Canoas, RS. Tem o ensino superior completo e atualmente divide-se entre as atividades domésticas e o

trabalho de vendas pela internet. Mora há 16 anos no condomínio Morada do Bosque. É casada, mas não tem filhos. Mora com o esposo em São Leopoldo, RS.

Indivíduo de classe média 2: 30 anos, branco, nasceu em Montenegro, RS. Tem o ensino superior completo e atualmente trabalha em uma empresa de informática e de software. Tem pretensão de exercer algum cargo político, dado o seu interesse pela área. É casado e tem um filho de 1 ano. Mora com a esposa e com a criança no município de Portão, RS

#### **8.4 Procedimentos de análise**

Para analisar as entrevistas e os debates em grupo com os sujeitos-pesquisados nesta investigação procuramos utilizar os conhecimentos da hermenêutica. Schleiermacher (1999) define a hermenêutica como "reconstrução histórica e divinatória, objetiva e subjetiva, de um dado discurso". Ou seja, trata-se de uma tentativa de compreensão das falas dos sujeitos telespectadores do programa *Linha Direta*, apreendida a partir dos sentidos apresentados no discurso desses colaboradores.

Tendo em conta que os conceitos trabalhados ao longo desta dissertação são fluidos e que “a pesquisa social não pode ser definida de forma estática ou estanque” (MINAYO, 2004, p. 27) nos empenhamos em entender e analisar os posicionamentos e os lugares de fala dos sujeitos sociais investigados a partir das circularidades dos movimentos dos assuntos em questão. Se violência, mídia, cidadania, Estado, televisão, não podem ser compreendidos com base em uma relação de causa-efeito, os sentidos produzidos acerca dessas temáticas também devem ser refletidos a partir da mesma ótica, ou seja, numa constante dialética, na tentativa de “apreender e analisar os acontecimentos, as relações e cada momento como etapa de um processo, como parte de um todo” (MINAYO, op. Cit, p. 12).

Procuramos compreender as falas, as posturas, enfim, os discursos dos nossos sujeitos-pesquisados no que diz respeito às questões abordadas nesta investigação tentando captar os contextos, os cenários onde essas falas, essas posturas e esses discursos são produzidos, de onde eles vêm. Intentamos ver de que forma os contextos, os repertórios culturais, as vivências, as trajetórias de cada um dos nossos colaboradores

atuam como mediações, como atravessamentos em suas relações com a mídia, com a televisão, especificamente, e com os temas da violência, da cidadania, do Estado, da polícia, dentre outros assuntos contemplados pelo programa que é nosso objeto de estudo, o *Linha Direta*.

Esforçamo-nos o tempo todo para atuar sob a teoria e a prática na interpretação das produções de sentidos feitas pelos telespectadores do programa, procurando, constantemente, vincular o teórico e o empírico, alicerçando no arcabouço teórico sobre as temáticas analisadas as reflexões para compreender as práticas e os posicionamentos dos sujeitos-investigados. A teoria das mediações, ou seja, a percepção de que o contexto e o cotidiano dos colaboradores atuam fortemente como fontes que medeiam e atravessam a apropriação do que é veiculado pela mídia, auxiliou nosso pensamento na tentativa de capturar as produções de sentidos feitas pelos telespectadores do programa investigados nessa pesquisa. Também todo o referencial teórico utilizado para que compreendêssemos as relações entre violência e cidadania na sociedade midiaticizada foram utilizados no sentido de nortear nossas idéias, nossos raciocínios, nossa compreensão acerca das questões suscitadas a partir da fala dos colaboradores.

Gostaríamos de deixar claro, desde já, que nossa análise acerca das apropriações que os telespectadores do *Linha Direta* fazem do que é veiculado pelo programa já é, também, uma mediação. Nossa interpretação é mediada e atravessada por nossa subjetividade. “A visão de mundo do pesquisador e dos atores sociais estão implicadas em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho” (MINAYO, op. Cit, p. 21). Ou seja, o que apresentamos e discutimos sobre a produção de sentidos dos sujeitos-investigados sobre o programa *Linha Direta* é a nossa compreensão dos processos e dos movimentos efetuados entre produto e telespectador, sob o nosso olhar. Baccega (2007)<sup>172</sup> corrobora este raciocínio quando afirma que “não existe o puro. A entrevista é uma intercambiação de mundo entre o pesquisador e o entrevistado”. Procuramos, no entanto, nos munir com o máximo de imparcialidade ao tentar adentrar, sem preconceitos, o espaço e as vivências de cada um dos sujeitos-

---

<sup>172</sup> Em comentário proferido no GT Recepção, Usos e Consumo Midiáticos, no XVI encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Tuiuti de Paraná, em Curitiba. 15 de junho de 2007.

pesquisados, objetivando captar as reapropriações que fazem dos conteúdos da mídia a partir de seus lugares no mundo.

## **8.5 O que têm a dizer os telespectadores do *Linha Direta*?**

### **8.5.1 Contextualizando os indivíduos**

Dos sujeitos pesquisados nesta investigação a maior parte se percebe como uma pessoa tranqüila, quando é convidado a falar das considerações que faz de si. Referências ao fato de serem pessoas trabalhadoras e batalhadoras também são pontuadas por alguns deles. As mães de família da Vila São Jorge enfatizam-se como pessoas do bem, sujeitas que não fazem mal a ninguém. Os jovens da fábrica, possivelmente atravessados em suas reflexões pelo ambiente de trabalho – já que a entrevista com eles se processou nas dependências da indústria – destacaram em si a retidão de princípios e a preocupação com a ética. A jovem da fábrica 1, 28 anos, afirma ser “uma pessoa que gosta muito de coisas certas. O que é certo é certo, o que é errado é errado”.

Apesar de todas as mudanças nas formas de sociabilidade e nas maneiras dos indivíduos se relacionarem entre si na contemporaneidade, a instituição da família segue tendo um peso fundamental na vivência dos sujeitos pesquisados. Para a totalidade deles a família é apontada como a coisa mais importante de suas vidas, ocupando o primeiro lugar em suas hierarquias de valores. Percebemos aqui uma ênfase na mediação institucional (OROZCO GÓMEZ, 1996), sendo a família destacada como uma das instituições que exerce influência na vida desses sujeitos, mediando suas experiências sociais, seu cotidiano. “A minha família para mim é tudo. [...] Acho que a família ta em primeiro lugar, depois vem os amigos” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). “Família é fundamental por causa que é a base de tudo” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). Um dos colaboradores realça a importância que um filho dá à noção de família, completando o sentido da instituição. “Parece que muda totalmente o sentido, tu se torna uma pessoa cada vez mais familiar, cada vez voltado mais para a família” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). A importância que tem a família para esses sujeitos colaboradores da pesquisa faz com que essa instituição possa ser tomada, a partir do que nos diz Gomes e Cogo (2001, p. 13), como uma “comunidade de apropriação”, ou seja, como uma das



instâncias que, devido à relevância que adquirem em nossa vivência, medeiam nossas relações com os meios de comunicação.

Também se relacionam com a família as atividades mais gratificantes apontadas pelos colaboradores acerca de seus cotidianos. Para a maior parte deles, estar com a família, na companhia dos filhos – seja através do contato físico ou por meio do telefone – depois de um dia de trabalho, transforma-se no momento mais prazeroso do dia. “Eu tenho uma coisa que eu vou te dizer, eu não sei se é normal ou se não é, mas eu tenho que ligar para os meus filhos” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). O trabalho também aparece como outra mediação institucional (OROZCO GÓMEZ, 1991) de grande relevância, sendo atribuído a ele, por parte dos entrevistados, um papel de destaque nas atividades gratificantes do dia-a-dia. Quase todos os colaboradores aparentam estar felizes com suas atividades laborais, especialmente os jovens da fábrica, que, ponderando-se o fato do ambiente físico do serviço de alguma forma permear os vínculos com este grupo, mostram-se focados e determinados a um contínuo crescimento profissional. “Crescer, sempre o cara tem que pensar em crescer” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Eu busco sempre o crescimento profissional focado sempre numa área só. [...] Então eu procuro me especializar nisso e fazer o melhor trabalho naquela área” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). Vemos aqui a ênfase da cultura como um dos atravessamentos nas vivências desses sujeitos e na forma deles se relacionarem com o mundo que os rodeia. Caxias do Sul é a “cidade do trabalho” na visão dos gaúchos, o município sobre o qual se afirma, no senso comum, que as pessoas vivem para o trabalho. Isso faz com que seus moradores já tragam intrínsecos a si essa marca cultural do emprego, do crescimento profissional, da dedicação ao trabalho, como itens importantes em seus cotidianos.

Somente um dos indivíduos pesquisados, que trabalha com vendas, faz queixas ao trabalho, afirmando que “o mercado hoje ta muito... O povo não tem mais poder aquisitivo” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). Interessante perceber o lugar de fala dessas pessoas quando refletem sobre seus trabalhos. Uma das senhoras da Vila, que trabalha como faxineira num dos restaurantes da Unisinos, mostra-se satisfeita com seu emprego, mesmo ele não sendo propriamente um trabalho “glamouroso”. A faxina, bem como outros afazeres domésticos parece carregar um estigma em si, marca essa que parece não incomodar em momento algum a Mãe da família da Vila 2, 48 anos, que diz:

“eu me sinto bem trabalhando [...] prefiro continuar onde eu to, né, pra progredir melhor ainda”. Aí podemos notar a satisfação que é para muitas das pessoas que tiveram pouco acesso à educação (no caso dessa senhora, somente o primeiro grau incompleto) manter um emprego nos dias de hoje. A realização pessoal que advém de uma ocupação e da possibilidade de ter um rendimento financeiro para a família.

A instituição da família aparece novamente nas falas dos colaboradores, dessa vez vinculada aos processos de aprendizagem pelos quais passaram (e passam ainda). Praticamente todos os sujeitos pesquisados apontam a instituição familiar como uma das instâncias com a qual têm aprendido durante suas vivências. “Olha, eu acho que a família com certeza te ensina muita coisa, ela te ensina os princípios” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). Essa posição é corroborada pela afirmação da mãe de família da Vila 2, 48 anos, quando diz que: “eu aprendi tudo o que aprendi foi com a minha mãe, meus pais, eles que me ensinaram. Desde pequena, quando eu comecei a entender as coisas, eles sempre procuraram fazer as coisas corretas”. O trabalho também aparece como um espaço de aprendizagem, sendo citado por alguns colaboradores. Um deles ressalta a possibilidade de adquirir conhecimento a partir do trabalho, enfatizando e auto-referenciando, no entanto, sua vontade e sua curiosidade em aprender a partir dessa instância. “Eu sempre busco tentar aprender uma coisa nova. Eu acho que eu sou bem chatinho, bem curioso nisso aí. Lá na empresa, embora muitas coisas não sejam da minha área, eu gosto de questionar, eu gosto de saber o porquê das coisas” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). A amizade também aparece como uma instância que pode possibilitar a geração de conhecimento na visão de alguns colaboradores, enfatizando a aprendizagem não a partir das instituições formais de socialização, mas advindas do “mundo da vida”. “Eu acho que mais com o cotidiano [se aprende], na rua com os amigos. É de onde eu mais tiro experiência” (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

Ainda sobre a questão da aprendizagem, vale destacar, aqui, que a escola foi pouco citada pelos sujeitos pesquisados como uma instância com a qual eles aprenderam em suas trajetórias de vida. Acerca disso, Braga (2002) nos fala que os processos de aprendizagem nem sempre se dão apenas a partir dos métodos institucionalizados, como a escola, por exemplo. Segundo este autor, muitas outras formas de conhecimento podem ser vinculadas à expressão “a vida ensina” (BRAGA, 2002, p. 3)

A sociedade reconhece pelo menos três espaços de aprendizagem não subsumidos diretamente às instituições educacionais: a aprendizagem ‘na família’ (de espaço privado, portanto, e seguindo os procedimentos mais ou menos espontaneístas de cada núcleo familiar); a aprendizagem ‘na cultura’ (essa, de espaço público, social); e as aprendizagens práticas, do fazer, dentre as quais sobressaem – mas não exclusivas – as que ocorrem nos espaços profissionais (BRAGA, 2002, p. 3).

Com relação às atividades de lazer dos colaboradores faz-se interessante destacar uma peculiaridade: poucos citam momentos de lazer relacionados às mídias. A maioria dos sujeitos pesquisados faz referências a passeios com a família, prática de esportes, visitas à casa de parentes e amigos. Uma das colaboradoras (Jovem da fábrica 1, 28 anos) diz que costuma ir ao cinema e assistir filmes em casa (sem especificar se por meio do uso do DVD ou se através da programação da televisão – aberta ou fechada). Uma das mães de família da Vila é que enfatiza a presença dos meios de comunicação em suas atividades de lazer, ressaltando que: “se eu estiver em casa tem que estar com meu rádio ligado, a TV ligada. Nem que não esteja na frente” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

### **8.5.2 Consumo dos meios**

Quando perguntados sobre a participação dos meios de comunicação na sociedade e na formação dos indivíduos os colaboradores dão distintas respostas, refletindo de maneiras diferentes acerca da presença dos meios de massa em nossas vidas. Muitos deles ressaltam a importância que adquirem as mídias em nossa contemporaneidade, por estarem intrinsecamente vinculadas às nossas vivências e às nossas experiências como sujeitos sociais. “Muita, muita importância. Porque hoje em dia qualquer pessoa tem acesso a uma televisão. Às vezes não tem escola, mas tem acesso à televisão, então os meios de comunicação interferem grandemente na formação das pessoas” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). Os colaboradores de classe média destacam uma atuação positiva das mídias, por proporcionarem uma maneira de aprendizagem para quem as consome. “Mas muita coisa que a mídia tenta passar, pelo menos o que eu tento assistir, é válido, é importante. É muito bom, considero como um aprendizado” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). Percebemos aí, mais uma vez, segundo Braga (2002), as mídias como instâncias de aprendizagem, como modo não institucionalizado e formal – tal qual a escola – de conhecimento. Huertas (2002, p. 74) completa, dizendo

que “la televisión puede jugar um importante papel em el proceso de crecimiento del niño”, ou seja, enfatizando a utilização do “medio em esse aprendizaje”.

Mas o que chamou mesmo a atenção a partir das reflexões dos sujeitos pesquisado sobre o vínculo mídia-sociedade na contemporaneidade foi que para quase a metade dos colaboradores (3 indivíduos, sendo dois jovens da fábrica e uma mãe de família da Vila) a TV muitas vezes exerce uma influência negativa, especialmente sobre as crianças e os jovens, atuando na constituição psicológica – ainda em formação e, por isso mesmo, mais frágil – desses sujeitos. Indo ao encontro das proposições de Adorno (1969) sobre o prazer hipnótico que a televisão provocaria nas pessoas, alguns dos telespectadores do *Linha Direta* pesquisados dizem que “as crianças vão buscar ali [na televisão] o grau do seu, de suas instruções. [...] Aí acarreta muito no psicológico das crianças e dos adolescentes” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). A mãe de família da Vila, 49 anos, complementa este raciocínio quando afirma que: “muita violência, que às vezes eu penso, esses filmes muito de horror, muita coisa mexe muito com a mente da criança, que a minha mesma mexeu”. Posicionamentos como o destes colaboradores nos remontam à teoria dos efeitos (WOLF, 1995), muito difundida na pesquisa em comunicação de meados do século passado, que vê os meios de comunicação de massa como detentores de um grande poder para influenciar seus espectadores. Sobre isso, Huertas (2002, p. 90) afirma que “ya em 1960, Klapper apuntaba que eran muchos los observadores que habían considerado la televisión como uma droga que dificulta o impide madurar al espectador, al que hace incapaz de enfrentarse a la vida social”. É interessante ter em conta que posicionamentos semelhantes a esses floresçam em determinados estratos da sociedade na contemporaneidade, mostrando que as reflexões dos sujeitos sociais sobre a TV estão longe de alcançar a unanimidade, revelando a complexidade que persiste acerca da temática.

A diversidade de respostas e de posicionamentos dos colaboradores permanece no que concerne à participação dos meios de comunicação especificamente na vida de cada um deles. No entanto, não há como negar a preponderância que tem a TV nesse quadro. Os indivíduos de classe média claramente têm um maior acesso às diversas mídias, acesso esse possivelmente advindo de um maior poder aquisitivo desses colaboradores, bem como há por parte desse conjunto, também, a facilidade de acessar alguns meios de comunicação a partir de seus espaços de trabalho. Televisão, Internet,

jornal impresso, rádio, revistas segmentadas são alguns dos meios destacados por esse grupo. “Tenho acesso à Internet. [...] Todos os dias eu escuto rádio, leio revistas ou, pelo menos, o jornal e, ainda por cima, eu tento acompanhar os noticiários [da TV]. Todos os dias tenho acesso a eles” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

No grupo dos jovens da fábrica percebemos uma participação maior da televisão e do rádio como mídias de maior penetração em suas vidas. No caso específico do rádio, é interessante perceber a atuação da mediação situacional (OROZCO GÓMEZ, 1993) com relação ao consumo desse meio pelos colaboradores. Alguns deles afirmam que a escuta se dá pela facilidade de acesso à mídia, especialmente no trajeto de casa para o trabalho. “É o meio de locomoção que eu tenho até chegar ao trabalho. É o fone que eu uso [uso do fone de ouvido dentro do ônibus, no trajeto de casa até o trabalho]”. A mediação situacional ainda se faz presente, para um dos jovens, no consumo de TV, quando este surge, muitas vezes, como consequência de uma situação de ociosidade em seu lar. “Porque acaba ligando. Tu chega em casa e ta fazendo, ou vai fazer alguma coisa, liga e aquilo, mesmo que tu não esteja prestando atenção naquilo, aquela informação ta entrando, tu ta absorvendo” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). Ford (1999) nos fala sobre esses telespectadores solitários, que muitas vezes ligam a TV em busca de companhia, configurando uma audiência por vezes dispersa.

No grupo das mães de família da Vila a televisão surge como o grande meio de comunicação, como a mídia que faz parte de forma mais efetiva de suas vivências. “Sim, eu assisto mais televisão. [...] Depois da televisão aí eu leio um jornalzinho de vez em quando pra ver se tem alguma coisa mesmo” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). O jornal impresso aparece com bastante destaque na vida da outra mãe de família da Vila (49 anos). Esta senhora afirma que: “se eu tiver o jornal eu tenho que ler”. E completa afirmando que o consumo de mídia impressa se dá, até mesmo, mais do que de televisão. No entanto, essa informação torna-se contraditória quando, ao longo da entrevista percebemos que esse acesso à mídia impressa se dá ocasionalmente, e não por meio da assinatura de um jornal diário ou através da compra sistemática do meio em bancas ou jornaleiros.

Aquilo se eu tiver num lugar, se eu tiver caminhando eu até cato um jornal, que nem ontem mesmo. Eu estava no médico, uma senhora

entrou e deixou o jornal em cima da coisa pra pegar. Daí eu fiz meu esposo ir lá pegar pra mim ler, pra saber o que estava acontecendo, o que estava passando ali naquela coisa. Eu gosto muito” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

Ainda no grupo das mães de família da Vila, é interessante dar-nos conta da importância que a televisão adquire – ainda nos dias de hoje – como meio de socialização, como elemento que possibilita a congregação da família na sala de estar. “A televisão, [...] eu deixo na novela, deixo no jornal, pra gente ter uma convivência. [...] Sempre tem aquela coisa, tu gosta daquilo ali, convive com aquilo ali” Mãe de família da Vila 1, 49 anos. Ou seja, a partir dos ensinamentos de Martín-Barbero (1997) percebemos a televisão como instrumento que, de alguma forma, atua nos modos de socialização e de convivência da família, fazendo parte da cotidianidade familiar. Almeida (2003, p. 206) afirma que

é por tratar de relações afetivas que a novela interage, nestas mesmas temáticas, com os espectadores, provocando neles certas reflexões sobre os relacionamentos íntimos e familiares. [...] a novela trabalha com elementos culturais que tratam da vida afetiva, amorosa e familiar.

Ou seja, percebemos – a partir da fala das mães de família, alicerçadas pelo pensamento de Almeida – que a dramaturgia, tão cara à programação televisiva brasileira, especialmente na maior emissora de televisão do país, funciona como um elemento de congregação da família, um recurso sobre o qual a família se reúne para compartilhar a trama fictícia e para dividir seus próprios enredos. A sujeita pesquisada fala de convivência com a televisão como se aquele aparelho, de algum modo, se vinculasse às suas trajetórias, às suas vivências. Num território como o da Vila São Jorge a TV pode ser tomada como o meio de comunicação não só preponderante, mas o que tem, isoladamente, mais penetração na vida dos sujeitos sociais. Segundo Bucci (2001, p. 18), “são cerca de 40 milhões de lares com TV. Somos muito mais telespectadores do que somos leitores. A leitura de jornais e revistas, para a imensa maioria dos brasileiros, não chega a estabelecer um contraponto à informação recebida da TV”.

A cultura do cinema não faz parte da vida da maioria dos colaboradores da pesquisa. Muitos dizem não ter o hábito de assistir filmes nas salas de cinema e sequer

lembram quando foi sua última incursão por este tipo de atividade. Um dos sujeitos pesquisados vincula sua atitude quanto à falta de prática de ir ao cinema à cultura de sua cidade. “Não, vou pouco. Porque aqui em Caxias do Sul é uma cultura que não vai muito ao cinema, nem teatro. O pessoal procura mais no final de semana ir pra balada. Cinema vou pouco” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). No entanto, outro sujeito-pesquisado, uma jovem da fábrica, 28 anos, também moradora de Caxias do Sul, afirma ir com frequência ao cinema, normalmente uma vez a cada 15 dias. Mas os filmes, de certo modo, fazem parte da cultura midiática dos sujeitos entrevistados na pesquisa, pois muitos colaboradores afirmam assistir filmes em casa, por meio da locação de DVDs. “Cinema não gosto muito, mas gosto de [...] fazer umas locações de filmes” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Hoje em dia tem DVD e tu fica olhando... quando ta cansada, até dormir” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos).

Quando perguntados sobre o meio de comunicação que prioritariamente utilizam para se informar os colaboradores também dão respostas variadas, e justificam igualmente de diferentes maneiras suas opções. Nos indivíduos de classe média a mediação individual (GOMES e COGO, 1998) apresenta-se como um forte elo entre suas experiências pessoais e as maneiras como esses sujeitos apropriam-se das mídias. Seus cotidianos, suas rotinas de vida fazem com que selecionem um meio de comunicação para se informar acerca dos fatos que estão acontecendo no mundo. “Internet. [...] Porque eu passo quase 100% do meu dia com a Internet ligada trabalhando. [...] É pela facilidade de acesso” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Informação? Rádio. [...] Porque agora nesse momento eu to tentando me ligar um pouco mais nesse lado político. [...] Eu tento me envolver muito nesse lado, então a rádio é o meio, é o primeiro meio que vem à mente” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). Os interesses pessoais, os gostos individuais e as vivências específicas de cada um dos colaboradores faz com que tenham nessas mídias explicitadas por eles a fonte de informações acerca dos acontecimentos que os cercam.

No grupo dos jovens da fábrica uma certa diversidade de meios foi mencionada no que concerne à pergunta sobre a maneira de se informar através das mídias. Televisão, rádio e jornal impresso foram citados pelos indivíduos desse conjunto, sendo que a TV foi mais destacada nesse movimento de informar-se sobre os fatos que estão acontecendo porque a “TV tu liga e já tem um canal só de notícias, então tu já...”

(Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Por causa que é o que mais tem acesso hoje em dia, todo mundo assim... É o mais focado. O que me vem à cabeça é a televisão primeiro” (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

Para as mães de família da Vila a televisão aparece praticamente como única forma de obter informação. Uma delas diz que ainda tenta saber das notícias através do jornal impresso, mas que acaba recorrendo a outros sujeitos ou à televisão dizendo que “eu não sou muito estudada” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). Ou seja, a TV aparece para essas senhoras como uma maneira mais didática, mais fácil de se informar, sem que seja preciso voltar-se aos longos textos dos jornais impressos ou às notícias sem imagens do rádio<sup>173</sup>. Segundo Machado (2005, p 15), “costuma-se dizer que a televisão é o meio hegemônico por excelência da segunda metade do século XX”. Apesar de estarmos já nos primeiros anos de século XXI essa realidade ainda não mudou de forma considerável. Mesmo com ascensão de forma cada vez mais veloz das novas tecnologias, especialmente a Internet, para grande parte dos telespectadores a televisão continua funcionando como a “janela para o mundo”, a ponte que faz a ligação entre o universo exterior e suas vivências, mesmo com todas as críticas que se tem feito e que se continua a fazer a este meio de comunicação.

Com relação à diversão, ao meio de comunicação que esses sujeitos acessam em busca de lazer, a televisão é vista como a principal mídia voltada para o entretenimento. Somente um jovem da fábrica (3,19 anos) diz que procura a Internet para se divertir, pois se trata de um “negócio bem abrangente”, no qual ele pode fazer várias coisas ao mesmo tempo. A mãe de família 1, 49 anos, além da TV, também cita o rádio como opção de lazer, pois também gosta de ouvir música para se distrair, além de ver TV. Todos os demais sujeitos pesquisados citam somente a televisão como alternativa de entretenimento dentre as ofertas dos meios de comunicação da contemporaneidade. “Porque tem uns entretenimentos bons, legais...” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Assiste um seriadinho, ver alguma coisa assim” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “É porque justamente ou passa algum filme, [...] ou se fala de alguma história, [...] documentários científicos, em relação aos animais e assim por diante. Eu acho que é a TV que vem à

---

<sup>173</sup> Vale salientar que existem jornais impressos, como o *Diário Gaúcho*, por exemplo, que não trabalham com um tipo de texto longo e nem com uma linguagem mais rebuscada. Jornais como esses circulam muito nos setores mais populares.



mente” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). A posição dos colaboradores faz-nos refletir sobre a função de entretenimento que tem cabido ao meio televisivo desde a sua solidificação como meio de massa hegemônico. Duarte (2004) fala-nos da indústria televisiva como meio de comunicação primordialmente de entretenimento, subjugando os processos informativos ou atrelando-os ao lúdico, ao divertido. Segundo esta autora, o “tom“ da televisão não permite a abordagem séria e pesada que algumas notícias requerem em seu tratamento. Discordamos da autora quanto à generalização com relação ao uso da palavra “televisão”, pois sabemos que existem maneiras distintas de se fazer TV, mesmo que as lógicas capitalistas e produtivas do sistema midiático coajam a um certo tipo pasteurizado. A TV pode (e deve) também informar com seriedade e profundidade. No entanto, não podemos nos furtar de perceber que, se para o objetivo de informação ainda havia um pouco de fragmentação entre a televisão, o rádio e o jornal impresso, para a finalidade de entretenimento essa divisão praticamente se desfaz, estando a grande maioria dos sujeitos pesquisados de acordo que a TV é o meio de comunicação por excelência voltado para o lazer dos espectadores.

Com relação ao tipo de notícias pelas quais têm interesse, mais uma série de opiniões diversas nas respostas dos colaboradores. Política, economia, tecnologia, cultura, cotidiano foram assuntos citados pelos sujeitos pesquisados. A grande maioria dos indivíduos entrevistados, de uma maneira ou de outra, reportam-se às notícias de crimes, de tragédias e de desastres como assuntos de seus interesses. “Outra coisa assim, como é que eu vou te dizer... assalto. [...] Essas notícias. De saber como é que eles fizeram, como é que eles vão fazer. [...] Da polícia [notícias]” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). “Violência. Acaba por te interessar pra saber como é que ta” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Até a questão de tragédia, que a gente vê tantas vezes, que aparece na TV criança jogada no rio, é normal ultimamente. [...] As mulheres que são agredidas. Esse tipo de coisa que tem a ver com violência” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

Percebemos, entre os colaboradores da pesquisa, um nítido interesse pelo sensacional, pela tragédia. Alguns deles se referiram ao acidente com o avião da TAM – que cumpria a rota de Porto Alegre à São Paulo, mas que, por falhas técnicas e humanas, não conseguiu pousar no aeroporto de Congonhas, matando quase duzentas pessoas –, ainda bastante comentado à época das entrevistas para esta pesquisa, como

um dos assuntos que lhes despertava o interesse de se informar através da mídia. O gosto do homem pelo grotesco é antigo. Platão já dissertava sobre isso, em uma passagem de *A república*, livro IV, na qual falava que o ser humano, ainda que com relutância, acabava rendendo-se às atrações repulsivas. Sontag (2003, p. 80) corrobora este raciocínio quando afirma que:

Todos sabem que não é mera curiosidade que faz o trânsito de uma estrada ficar mais lento na passagem pelo local onde houve um acidente horrível. Para muitos, é também o desejo de ver algo horripilante. Chamar tal desejo de ‘mórbido’ sugere uma aberração rara, mas a atração por essas imagens não é rara e constitui uma fonte permanente de tormento interior.

As notícias sobre violência, criminalidade, mortes, dentre outros acontecimentos que deveriam ser extraordinários (mas que, na atualidade, tornam-se cada vez mais corriqueiros e banais) levam a uma reação de catarse para grande parte de seus espectadores, especialmente para os telespectadores, que podem se regozijar com as imagens do macabro. É como se nos reconfortássemos com uma sedução voyeurística (SONTAG, 2003) de saber que a dor é do outro, de sentir que, por mais que tenhamos uma vida cheia de dificuldades e de mazelas, aquilo não está acontecendo comigo, mas com o outro, que teve menos sorte ainda do que eu. É nesse movimento de apontar o outro como ilustração do trágico, do horrível, que o grotesco adquire espaço cativo na televisão e conquista um público fiel, sempre ávido pelas notícias mais recentes sobre as tragédias, os acidentes, as chacinas e tudo mais o que for diferente do “normal”.

O grotesco (em todos os seus significantes: o feio, o portador da aberração, o deformado, o marginal) é apresentado como signo do excepcional, como um fenômeno, desligado da estrutura de nossa sociedade – é visto como o signo do outro. A intenção do comunicador é sempre colocar-se diante de algo que está entre nós, mas que ao mesmo tempo é exótico, logo sensacional (SODRÉ, 2002, p. 73).

### **8.5.3 Consumo de televisão**

As opiniões dos colaboradores acerca da programação das emissoras de televisão brasileiras são bastante divergentes. As mães da família da Vila consideram que a programação é boa porque as divertem, as entretêm, não refletindo de forma mais aprofundada sobre a qualidade desse entretenimento. “Boa. Tem coisa assim, como é

que eu vou te dizer, não é tudo que agrada, mas são boas, aquilo ali te diverte. [...] Então, pra gente se entreter, tirar alguma coisa, senta ali e vou assistindo” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). “Os programas que passam? Eu gosto de todos. Pra mim todos são bons. [...] Sei lá, tu distrai. Passar o tempo, passar o tempo” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). Ou seja, o simples fato de a televisão existir e de sua programação ocupar seus tempos de ócio, funcionando como passatempo para essas colaboradoras, faz com se considere sua programação boa. “A simples visão de qualquer fragmento do mundo miraculosamente produzido no vídeo, a sensação de que o mundo está quase ali diante dos olhos, [...] são elementos capazes de ligar o telespectador, de amenizar a [sua] solidão” (SODRÉ, 1994, p. 32).

Para os indivíduos de classe média a programação das emissoras de TV brasileiras poderia ser melhorada, investindo-se mais em programas informativos e educativos. O colaborador 1, 44 anos, enfatiza que boa parte da programação não agrega nada de bom aos telespectadores. E complementa, dissertando sobre a programação humorística das emissoras: “Eles tinham que melhorar o nível da programação humorística, [...] sabe? Parei [de ver] porque eles não te acrescentam nada, eles não sabem nem fazer mais humor hoje em dia”.

Para os jovens trabalhadores da fábrica a programação da TV tem uma qualidade ruim. “Acho de baixíssima qualidade” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Qualidade péssima” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). Para eles, dentre outras coisas, faltam mais programas educativos ao longo da programação (corroborando com a posição dos sujeitos-pesquisados de classe média), pois os poucos que tem se concentram bem no início da manhã, às cinco ou seis horas. “Acho que eles deviam pensar em algo mais educativo na parte da manhã, para as crianças que estão em casa” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). O mais interessante nas reflexões que podemos fazer a partir das considerações feitas pelos funcionários da fábrica de tintas acerca da programação televisiva é que esses jovens começam, com o tempo, a adquirir competências televisivas (HUERTAS, 2002). Ou seja, esses indivíduos que cresceram já numa cultura eminentemente televisual conseguem detectar determinadas lógicas empreendidas pela mídia televisiva. Os jovens da fábrica são capazes de apontar as artimanhas, os jogos de interesses articulados pela TV na busca de audiência, na manutenção de seu poder. “Eles são... dá para ver que são bem estudadas, pelos horários e pelos tipos de

programas. [...] À tarde o tipo de programa que passa dá mais pro pessoal mais jovem, crianças. À noite já passa o telejornal, que adultos vão assistir” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). Um dos jovens da fábrica (1, 28 anos) aponta que a produção da TV se baseia na seguinte idéia: “Vamos tirar um pouco isso da pauta, vamos mexer mais aqui, aí as pessoas não se ligam no que ta acontecendo lá [se colocando no lugar dos produtores de TV]”. Como podemos perceber, a mediação videotecnológica (OROZCO GÓMEZ, 1996) atua nas formas como esses sujeitos apropriam-se do conteúdo do que é veiculado pela televisão. As mediações empreendidas pela própria televisão, com suas regras, seus modos peculiares de funcionar, intermedeiam as maneiras como os jovens da fábrica refletem sobre a mídia televisiva e, em maior ou menor grau, como a consomem. Eles conseguem, de certa maneira, entender a televisão como uma mídia que é atravessada por uma série de questões, seja de cunho tecnológico ou político, financeiro, social, etc.

A opinião dos jovens da fábrica sobre a Rede Globo de Televisão parece convergir em uma série de pontos. Esse grupo de colaboradores enfatiza a influência que tem a Globo no cenário nacional. “A Rede Globo manda no Brasil praticamente” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Das emissoras que tem é a mais influente” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). Segundo esses sujeitos, boa parte dessa influência se dá nas questões políticas, quando a emissora passa a dar visibilidade em sua programação somente àquilo que a convém. “Eles passam o que eles querem em relação à política. Eles influenciam muito, querendo ou não. [...] Eles passam a idéia deles, não o que geralmente é o certo” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). Alicerçando essa visão da hegemonia da Rede Globo no panorama nacional, Ramos (2005, p. 75) afirma que

nenhum representante da Mídia brasileira é mais patrão do que as Organizações Globo. Patrão não apenas de seus funcionários, mas também de seus pares, radiodifusores e imprensa; e patrão dos poderes institucionais, seja no Congresso Nacional, onde sua capacidade de pressão é quase imperial, seja no Poder Executivo, sobre o qual jamais poupou pressão e do qual obteve o que quis, do general ditador Humberto Castelo Branco, o que lhe propiciou o arquivamento do caso Time-Life, ao atual presidente, e democrata reconhecido, Luiz Inácio Lula da Silva [...].

Acerca dos pontos positivos, os jovens afirmam que eles se encontram na informação, no fato da emissora ser muito atualizada com relação às notícias e fazê-las chegar a um número enorme de pessoas. “Ela coloca as notícias tudo, até a última

pessoa que tem televisão assiste a TV Globo, é o canal que mais pega no Brasil” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “[...] interessante na Globo são os jornais” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). E aí se encontra um grande paradoxo acerca das reflexões dos colaboradores da fábrica sobre a “Vênus Platinada”, pois se o caráter informativo da emissora é visto como ponto positivo, também o é pensado sobre o viés da negatividade, quando a Globo oferece informações parciais. “E o ponto negativo é esse: manipulam as informações de acordo com o proveito que eles querem tirar” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). Se a ênfase em informação dada pela empresa carioca é vista como ponto positivo (mesmo que dessa maneira controversa), o mesmo não se pode dizer das novelas. O gênero dramaturgico é visto como um verdadeiro “vilão” pelos funcionários da Tecbril, funcionando, na visão deles, como um dos principais articuladores da enorme influência negativa que a emissora exerce sobre os telespectadores. “Pelas novelas deles eles passam os valores” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Fazer as novelas às vezes modificando alguns conceitos morais. [...] Modificar esses comportamentos assim, às vezes é complicado” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Novelas, umas porcaria essas novelas. Não se aprende nada. [...] sempre a mesma historinha...” (Jovem da fábrica 2, 25 anos).

As mães de família da Vila São Jorge não se manifestam de forma mais crítica sobre a Rede Globo. Apenas explicitam que gostam da emissora, não sabendo bem como justificar esse gosto. “Que é que eu vou te dizer... pra mim é boa. [...] Não tem o que te dizer que é ruim” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). Mesmo com uma certa insistência para que refletisse mais sobre a Rede Globo, a mãe de família da Vila 2, 48 anos, não se prolongou em sua resposta. “Pra mim é boa. [...] Porque é o canal que eu mais olho, o 12, que é a Rede Globo”. Reforçada a pergunta sobre o motivo de ser a Globo a mais selecionada por ela para assistir, a senhora diz que: “É a que pega melhor onde eu moro [...] e eu gosto de olhar”. Mais uma vez percebemos os atravessamentos das mediações videotecnológicas (OROZCO GÓMEZ, 1991) nas maneiras como os colaboradores apropriam-se da televisão. Os usos que se fazem das emissoras de TV podem ser mediados pela qualidade do sinal, pelas tecnologias de transmissão de imagens, que fazem, na ótica da mãe de família da Vila 2, 48 anos, com que a Globo seja a melhor opção dentre as emissoras nacionais, porque é a que “pega melhor”. Para ela isso já é o suficiente para que a emissora carioca seja eleita como a melhor.

Os colaboradores de classe média vêem a Rede Globo com bons olhos. Ressaltam, ao contrário do grupo de pesquisados formado pelos jovens da fábrica, sua boa atuação no que concerne à produção de novelas. “A Globo, ela é muito boa nas novelas” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). O que de mais interessante adveio das reflexões desse conjunto de telespectadores foi perceber suas considerações acerca do desempenho da emissora como “cão de guarda” dos interesses públicos, num posicionamento bastante divergente do apresentado pelos jovens da fábrica. “Ela se tornou uma mídia que tentou mais do que ser informativa, [...] ela ficou cutucando com vara curta aquilo que tava errado. Então ela trouxe pra sociedade aquilo que tava nos escuros” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Hoje em dia tá bom o jornal deles, porque antigamente a Globo não denunciava muita coisa que acontecia. Melhorou muito” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). É como se a concepção da emissora estretamente vinculada ao governo dos militares, à intervenção das eleições de 1982 no Rio de Janeiro, ao obscurecimento da campanha pelas eleições diretas em 1984 (LIMA, 2005), tivesse dado lugar à imagem de uma Globo que cobra, que denuncia, que leva a verdade aos seus telespectadores. O intenso movimento de oposição ao governo Lula, bem como a todo o Partido dos Trabalhadores, desde o começo de seu primeiro mandato – mas com mais ênfase em 2006, ano de eleições para presidência da República – talvez tenha contribuído para formar essa opinião nos sujeitos-pesquisados. A incessante cobertura televisiva dada ao escândalo do mensalão<sup>174</sup>, às denúncias de quebra de decoro parlamentar por parte do presidente do Senado Federal, Renan Calheiros<sup>175</sup>, dentre outras atuações da Globo como vigilante dos acontecimentos recentes na política brasileira de alguma maneira atravessam essa visão do jornalismo da emissora como “quarto poder”, “na sua função social precípua de agir como um

---

<sup>174</sup> A palavra "mensalão" foi então adotada pela mídia para referir-se ao esquema de compra de votos de parlamentares. O neologismo “mensalão” é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo brasileiro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2005/2006. Popularizado pelo então deputado federal Roberto Jefferson em entrevista que deu ressonância nacional ao escândalo, é uma variante da palavra "mensalidade" usada para se referir a uma suposta mesada paga a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo.

<sup>175</sup> Em junho de 2007, Renan Calheiros, então presidente do Senado Federal, foi acusado de receber ajuda financeira de um lobista, Claudio Gontijo. Segundo a reportagem da revista *Veja* de 25 de maio de 2007, de janeiro de 2004 a dezembro de 2006 o lobista Cláudio Gontijo teria pago pensão mensal de doze mil reais para uma filha de três anos que o senador tem com a jornalista Mônica Veloso, além do aluguel de 4,5 mil reais de um apartamento de quatro quartos em Brasília. Em dezembro de 2007 Calheiros renunciou ao cargo e foi absolvido da cassação de seu mandato.

‘watchdog’, ou cão de guarda, dos poderes estabelecidos – executivo, legislativo e judiciário” (RAMOS, 2005, p. 66).

Um dos colaboradores de classe média diz, no entanto, ter consciência crítica acerca desse papel de fiscalizadora da televisão. “Eu vejo ela com bons olhos, só que eu tento ser crítico muitas vezes, eu não absorvo tudo que ela me passa” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). Parte dessa criticidade acerca do conteúdo emitido pela TV advêm, segundo o sujeito entrevistado, do aporte oferecido pelo rádio. O colaborador escuta as notícias no rádio e confronta as informações com o que vê na televisão. “E geralmente como a gente acompanha os noticiários [de TV], eles são muito... eu não sei como funciona essa área, mas eu acho que tem tempo, então eles têm que abranger o máximo possível e tentar jogar informação. [...] “Por isso que eu gosto de escutar muito rádio. Ele se torna muito mais imparcial, ele não generaliza”.

Com relação à seleção dos canais e/ou programas a serem vistos, alguns colaboradores dizem que o critério de seleção é a temática, ou seja, se o conteúdo do programa que está passando os interessa ou não. Eles vão *zapeando*<sup>176</sup> os canais através do controle remoto até achar algo que os agrada, que vá ao encontro de suas temáticas de interesse. “Eu procuro passar pra os outros canais para ver essa questão da informação” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Eu troco de canal, eu vejo qual que ta melhor e eu deixo naquele ali” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). O curioso é que alguns colaboradores, especialmente os da fábrica, falam em hábito, costume. Eles dizem já saber o que passa em tal emissora em determinado horário e que, por isso, ligam a televisão já com uma idéia prévia do que assistir. “É costume, porque eu já conheço o programa e sei que é bom, sei do que trata a temática” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Pelo horário. [...] A gente já tem uma noção que ta passando isso em tal canal, ta passando aquilo. Vou tentar ver” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). Ou seja, mais uma vez vemos as competências televisivas dos telespectadores (HUERTAS, 2002) vindo à tona. São indivíduos que, devido à sua inserção na sociedade midiaticizada praticamente desde a infância, adquirem conhecimentos acerca dos meios de comunicação, passando a ter a cultura das mídias fazendo parte de seu repertório. A TV como um importante elemento que faz parte do cotidiano e da vivência desses sujeitos

---

<sup>176</sup> Designa-se “zapear” a constante troca dos canais da televisão feita através do controle remoto dos aparelhos-receptores.

sociais (MARTÍN-BARBERO, 1997) faz com que eles acumulem um arcabouço de informações sobre sua programação. A Rede Globo soube tirar proveito dessas competências, atuando “de forma significativa para a fixação de uma grade horizontal e vertical de programação, principalmente após

Sobre a emissora preferida, a maior parte das pessoas cita a Globo como rede que mais gosta ou como uma dentre as prediletas. As justificativas são que ela é mais estruturada, que possui uma maior abrangência de temas em sua programação (jornalismo, telenovelas, esporte, filmes, infantis, etc.) e que já faz parte do costume dos telespectadores. “Porque eu já acostumei ali [na Rede Globo]” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). A Rede Globo soube construir um vitorioso modelo de programação televisiva, voltado para o entretenimento e para a informação, atuando

de forma significativa para a fixação de uma grade horizontal e vertical de programação, principalmente após o aparecimento do videoteipe: o receptor sabe que, em um dia qualquer da semana e em uma hora em particular, o programa desejado estará disponível. O entrelaçamento entre horizontalidade e verticalidade, articulado ao projeto ‘prime-time’, tornaram-se fatores decisivos para que a globo ocupasse, durante cerca de duas décadas, a condição de ‘quase-monopólio’ no campo televisivo (BORELLI, 2005, p. 189).

Há uma grande diversidade no que tange aos programas preferidos dos colaboradores. Novelas, noticiários, seriados americanos, *Globo Repórter*, documentários, filmes, etc. são citados pelos sujeitos pesquisados na investigação. O *Linha Direta* e a programação que trata de violência também são citados como programas que surtem interesse nesses indivíduos. Uma reflexão interessante advinda da entrevista com uma das mães de família da Vila é que esta senhora afirma gostar dos programas que falam de violência, mas a assistência tem que se dar sozinha. “Parece que se eu vou assistir sozinha é melhor. Se eu assistir com outro [...] menor assistir aquela coisa eu me sinto mal. [...] qualquer um que me acompanhe, menor ou minha filha, parece que aquilo ali entra dentro daquela pessoa” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). Vemos aí, nitidamente, a presença da mediação situacional (OROZCO GÓMEZ, 1996) atravessando a maneira como se assiste à televisão e aos programas com foco na abordagem da violência. Dependendo da situação de assistência – se sozinho ou acompanhado por outras pessoas – configura-se uma apropriação diferente do conteúdo que é emitido. A posição desconfortável explicitada pela mãe de família da Vila vai ao



encontro de outras situações enfrentadas por pais que, por exemplo, presenciam uma cena de sexo na novela quando a observam junto aos filhos. A mediação da espacialidade da sala de estar, a interferência do ambiente de assistência no qual são feitas as produções de sentido sobre os conteúdos exibidos pela televisão atuam como fatores determinantes no processo de apropriação.

A mediação individual (OROZCO GÓMEZ, 1991) atua de forma preponderante na afirmação, por parte dos colaboradores, do que eles não gostam de assistir. Percebemos o intermédio da faixa etária, quando muitos dos telespectadores entrevistados dizem não gostar da programação infantil. “Programinha infantil eu não fico olhando, eu não assisto” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Eu não gosto de desenho” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). A questão do gênero também se faz presente, quando percebemos colaboradores dizendo não gostar de programas que, no senso comum, são produzidos para o sexo oposto. “Futebol” (Jovem [do sexo feminino] da fábrica 1, 28 anos). “Programa de auditório e novelas. Troco de canal. [...] O programa de auditório chega a ser meio patético. Chamam os artista para fazer brincadeirinha e tal, tal, tal. [...] Novelas são porque não é a realidade, é uma história. Não gosto, particularmente” (Jovem [do sexo masculino] da fábrica 3, 19 anos).

#### **8.5.4 A questão da violência**

Quando perguntados sobre o que significa violência a maior parte dos colaboradores vincula o fenômeno à agressão, seja ela física ou psicológica. Para as mães de família da Vila a violência está mais relacionada ao crime, ao que é explicitamente fora do padrão. “Violência para mim é o homem espancar a mulher, espancar o filho. Pegar um cidadão trabalhador e dar uns bofetes, [...] pegar o dinheiro do pedestre. Isso é a violência. É brabo, mas tem” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). A mesma colaboradora complementa, afirmando que: “Esses caras que pegam essas guriinhas. Pra mim já é uma violência. [...] espancam, judiam, às vezes até matam, estupram. Isso aí é cruel”. A mãe de família da Vila 1, 49 anos, parece corroborar o sentido apontado pela outra senhora quando diz que: “Violência é tanta coisa... é muita judiação, quando às vezes as pessoas assaltam, coisa errada. Que é isso aí que eu acho, às vezes as pessoas matam. Essas coisas assim que a gente fica apavorado”. O que devemos refletir sobre esses posicionamentos é o fato de a violência estar quase sempre

vinculada estreitamente ao crime. É o que está na ordem do visível que se torna enquadrado como um ato de violência por parte dessas colaboradoras. A maneira como a mídia vem abordando a questão da violência em nossa sociedade em muito contribuiu para a solidificação deste tipo de pensamento nos telespectadores, pois com bem mais intensidade é a este tipo de violência que vem sendo dada visibilidade midiática. A ênfase que vem sendo oferecida ao que causa comoção e estardalhaço, às vítimas de assaltos, assassinatos, seqüestros, dentre uma série de homicídios, faz com que a violência que não se manifesta através da forma direta seja deixada sempre em segundo plano, como se um ato de violência não fosse. Adorno (2002, p. 181) alicerça esta reflexão quando nos diz que

a questão da violência é qualificada, de um modo geral, na imprensa, hoje, como violência criminal – quando há outras formas de violência, por exemplo, a da violação de direitos (direitos humanos, civis e políticos). [...] O que parece adquirir foro privilegiado na imprensa é a problemática do crime. [...] Ele aparece como a violência por excelência.

Dois dos jovens funcionários da fábrica conseguem ter uma visão mais ampla da questão, entendendo a violência, também, como aquela que produz malefícios psicológicos, de ordem indireta e, por vezes, implícita e simbólica. Violências diversas e difusas exercidas através do poder, por exemplo (FOUCAULT, 1979). “Pode ser agressão no teu ser, por exemplo... [...] à tua idéia, pode agredir a tua opinião, pode agredir o teu físico. São diversos tipos de agressão” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “É a pessoa te fazer algum mal. [...] Fazer um mal psicológico, físico” (Jovem da fábrica 1, 28 anos).

Dois colaboradores da pesquisa (Jovem da fábrica 2, 25 anos e Indivíduo de classe média 2, 30 anos) relacionam a violências às causas interiores dos sujeitos sociais, como se os atos de violência, sejam diretos ou indiretos, explícitos ou implícitos, partissem de características particulares dos indivíduos, indo ao encontro do que muitas vezes propõe o programa *Linha Direta*, ao mostrar a violência urbana como conseqüência de fatores interiorizados nos criminosos. “Violência, acho que é tudo aquilo que sai fora do comum, que é a parte irracional do ser humano. [...] É ser um cidadão totalmente errado” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “É uma burrice do ser humano. [...] É o estopim da estupidez” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). Ou seja,

como podemos perceber muitas vezes “a tendência é psicologizar as causas da violência. Do social para o individual: os criminosos, indivíduos anti-sociais, são pouco habilitados para conviver numa sociedade altamente civilizada e urbanizada [...]” (ADORNO, 2002, p. 184).

Somente um dos colaboradores teve uma visão mais crítica do fenômeno da violência urbana em nossa sociedade contemporânea, percebendo-o como um movimento de contra-linguagem (RONDELLI, 2000), como uma reação das massas sujeitas a todo tipo de humilhação em suas vivências, a todo tipo de privação e de não efetivação de direitos.

A violência? A violência hoje, pra mim, é fruto da irresponsabilidade do governo. Porque eles não souberam administrar durante esses anos, não desse governo de hoje, também de hoje, mas há anos vem se acumulando isso. Não deram estrutura pra pessoa. O que aconteceu hoje? Tu não tem estrutura na tua família, com teu filho, não é de um modo geral, né, praticamente, vamos dizer, 60% deles têm problemas. O governo não tem dado estrutura para tu trabalhar. Hoje em dia ta uma dificuldade das pessoas trabalharem. O governo não dá a saúde. A saúde é precária no país. Então vem se arrastando há anos e eu não sei como isso vai... A violência é fruto de tudo isso (Indivíduo de classe média 1, 44 anos).

Sobre a violência e seus contornos, Alves (2007) afirma que “toda forma de não garantia de direitos é uma violência. Não é violência só bater, matar, no sentido estrito, mas a violência no sentido mais amplo, pensando na garantia de direitos humanos das pessoas”. Sobre a tendência que as pessoas têm de vincular a violência apenas ao ato do crime, o pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência diz que “o homicídio é a extensão mais ampla dessa violência, a morte, agressões físicas. Mas essa violência, o homicídio, ela é o corolário de uma série de violações que antecedem esse grau máximo de violação”.

Não podemos nos eximir de nossa parcela de culpa com relação à proliferação da criminalidade e das diversas formas de violência em nossa sociedade hodierna. Seria muito cômodo colocar a culpa por todos os malefícios da civilização nos sucessivos governos. O que queremos ressaltar é a importância de se ter um conhecimento macro, e, ao mesmo tempo, mais aprofundado, sobre o assunto. Os canais que, por excelência, se apresentariam como os mais promissores nesta tarefa são os meios de comunicação,

dado o seu alto grau de alcance e penetração na população. “A mídia coloca-se como um dispositivo que pauta a violência na agenda diária da constituição dos discursos e/ou dos sujeitos sociais” (RONDELLI, 2000, p. 156). Mas a mídia não tem tratado o fenômeno da violência urbana e da criminalidade de forma a promover essa noção crítica por parte de seu público. Segundo Adorno (2002, p. 188), “o que está ausente na imprensa são as raízes desse fenômeno. Por que existe um descontrole da criminalidade? Isso envolve uma discussão sobre o que?”.

Um pouco mais da metade dos colaboradores diz já ter sido vítima de atos de criminalidade, especialmente assaltos. A mãe de família da Vila 1, 49 anos, afirma que na época em que tinha um mercado (na própria Vila São Jorge) foi assaltada inúmeras vezes, levou muitas surras e já chegou até mesmo a ser internada no hospital, para cuidar dos ferimentos provenientes das agressões efetivadas pelos bandidos. “Me bateram bastante também, fui operada no seio no hospital”. Mesmo os sujeitos-pesquisados que não foram vítimas diretas da criminalidade apontam conhecidos e parentes que já o foram.

Devido a essa proximidade do problema da violência em suas vidas – amplificada pelo tratamento espetacularizado e sensacionalista que a temática recebe dos meios de comunicação hodiernos (HERSCHMANN, 2000) – todos os colaboradores da investigação dizem tentar se precaver dela de algum modo em suas rotinas. “Não procuro andar nas ruas escuras” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “O tempo todo tu tá de olho no que ta acontecendo ao redor” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Se eu preciso sair, alguma, coisa, meu marido me acompanha” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). “Por exemplo, se eu vou na padaria eu já não levo a minha carteira. Não levo cartão de crédito. Levo só dinheiro, só e separado, não dentro da carteira” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). Alguns colaboradores também afirmam já terem deixado de ir a certos lugares por medo da violência, e outro, explicitam que se previnem, mas não deixam o medo generalizado tomar conta de si. “Tem algumas coisas que eu tomo cuidado: carteira, celular... [...] Mas eu não tenho essa neurose que eu tenho que ficar cuidando de todo mundo Eu não costumo mudar meu caminho, [...] eu já considero isso meio que uma neurose” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

Acerca da atuação da instituição policial, a grande maioria dos colaboradores da investigação (5 sujeitos pesquisados de um universo de 7 pessoas) afirma não confiar na Polícia e não se sentir seguro com seu trabalho. “Olha, seguro... a gente questiona um pouco” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Não, não confio. [...] Por causa que eles não são de caráter. Eles são subornados, até eu propriamente já subornei a polícia juntamente com minha mãe, porque eu estava sem carteira de motorista” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Porque tem falcatuas. [...] Eles sabem quem são os suspeitos e não prendem” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Eu não me sinto segura, porque não tem segurança nenhuma. [...] Com a brigada eu não me sinto segura não” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). A atuação da polícia, especialmente a Militar (chamada de Brigada Policial no Rio Grande do Sul) é problemática e contraditória. O exercício do poder pela corporação policial em nosso país tem se dado de maneira abusiva, fazendo com que a instituição seja, em muitos casos, temida por aqueles que mais deveriam confiar nela: a população. Casos como as chacinas da Candelária<sup>177</sup> e de Vigário Geral<sup>178</sup> ficaram marcados na imagem da sociedade brasileira, bem como centenas de outros casos isolados que ganham repercussão nas páginas policiais dos jornais impressos e nos noticiários televisivos.

A polícia, vista como uma agência, em geral, incompetente quanto à criminalidade, é, sobretudo, violenta, e na verdade recrudesce o circuito da violência, ao tratar os delinquentes com violência à qual estes respondem com maior violência, o que significa crescente envolvimento no circuito sem fim da criminalidade (ADORNO, 2002, p. 185).

Diógenes (2000), em pesquisa sobre os conflitos entre gangues e policiais em bairros da periferia de Fortaleza afirma que a desordem se perpetua pelo fato de que parece não haver diferenças entre os adversários. Policiais e criminosos agem da mesma forma, tendo a subversão como marca de suas atitudes. A mãe de família 1, 49 anos, que já teve seu antigo mercado várias vezes assaltado, tem muitas histórias e casos para

---

<sup>177</sup> Na madrugada do dia 23 de Julho de 1993 oito adolescentes, moradores de rua, foram assassinados à sangue frio por policiais militares enquanto dormiam sob uma marquise em frente à igreja da Candelária, na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>178</sup> Na madrugada do dia 29 de agosto de 1993 a favela de Vigário Geral, no município do Rio de Janeiro, foi invadida por um grupo de aproximadamente cinquenta homens encapuzados e fortemente armados, que arrombaram casas e assassinaram vinte e um moradores – jovens, adultos e crianças – atingindo famílias inteiras. Este ato ocorreu em represália à morte de quatro policiais militares, atribuída aos traficantes daquela região, numa praça da mesma favela, denominada Catolé do Rocha, no dia anterior.

contar acerca do desempenho da polícia. A senhora disse que por vezes denunciou os assaltos e nunca presenciou nenhum tipo de performance da instituição policial no sentido de punir os criminosos. “Eu denunciava os crimes, eles não faziam nada. Simplesmente eles vinham e me traziam na minha casa, eu chocada, baleada, machucada. [...] Eu vinha pra minha casa e não faziam nada”. A colaboradora ainda afirma que presenciava os próprios policiais aliciando os jovens da comunidade para que eles fossem cúmplices em assaltos pelas redondezas. “Às vezes pegava os guris aqui de dentro da lancheria, quando tinha, eles pegavam o guri pra assaltar. [...] Daí vocês pegam isso e nós pegamos aquilo [reproduzindo a voz dos policiais]”.

Brito (2007) fala que é preciso entender primeiro a cultura da polícia no Brasil. Este pesquisador afirma que “a polícia brasileira, ela não se guia muito como uma polícia investigativa, mas como uma polícia de testemunha”. Ou seja, quando acontecem os crimes em nosso país dificilmente uma investigação mais científica e pericial é feita e você “recai, principalmente, na prova testemunhal. E isso explica em parte ou bastante a questão da tortura no Brasil. [...] Você precisa ter testemunha. Não simplesmente testemunha aquela que fale o que houve, mas testemunha que fale o que você quer ouvir” (BRITO, 2007). Esse entendimento faz com que a questão da violência do próprio órgão policial se faça mais claro para nós.

Esses tipos de violência e de contravenção exercidos pela polícia, quando não sentidos e presenciados diretamente pela população, podem ser vivenciados pela sociedade através da mídia, que cada vez mais vem agendando temáticas desse tipo nas conversações públicas. Se antes a questão da corrupção policial ficava mais restrita ao jornalismo (em suas diversas formas: televisivo, impresso, radiofônico, etc.), nos últimos anos a indústria cinematográfica nacional parece ter encontrado aí um grande filão para suas produções, haja visto o sucesso de público e a repercussão que tem gerado o filme *Tropa de Elite* no cenário atual.

Também as novelas começam a pautar a questão da contravenção e da ineficácia policiais em seus enredos, em mais um exemplo dos movimentos de ficcionalização do real, de tematização de questões ligadas ao cotidiano nas tramas vivenciadas pelos personagens. Na novela *Dois Caras*, apresentada pela Rede Globo de Televisão no horário nobre, o poder paralelo da milícia comandada por Juvenal Antena se instaurou

exatamente através da ausência do poder público. Todos os problemas da história são resolvidos pela personagem de Antônio Fagundes, em conjunto com sua trupe, que zela pela paz e pela ordem na comunidade da Portelinha. A polícia não entra ali. Quando a rica Branca, interpretada por Suzana Vieira, sofreu um seqüestro relâmpago foi Juvenal Antena que a salvou. Diversas foram as personagens da novela que aconselharam a madame a não prestar queixa na polícia, pois não iria adiantar nada, afinal a “polícia neste país não serve para nada mesmo, e chegar até ela é pura perda de tempo”.

Como podemos observar, a desqualificação da polícia e da justiça não é recorrente somente nos programas que tratam da problemática da violência, como o *Linha Direta*. Quando não experienciadas de fato pela população, ou seja, quando a mediação individual (OROZCO GÓMEZ, 1996) não se faz presente (já que em alguns casos os próprios colaboradores já passaram por situações desagradáveis em suas relações com a polícia), as barbáries cometidas pelos policiais, ou simplesmente sua ausência na proteção da sociedade, podem ser consumidas com grande facilidade através dos meios de comunicação massivos. A mediação videotecnológica (OROZCO GÓMEZ, op. Cit), ou seja, a interferência da forma como a televisão apropria-se dos fatos que constituem nosso cotidiano e nossa realidade concreta, opera significativamente nas maneiras como conhecemos e concebemos a instituição policial na atualidade.

A mesma mediação videotecnológica parece atuar também na forma como os colaboradores interpretam o trabalho das diversas instituições policiais. Perguntados sobre o que achavam da operação das Polícias Federal, Civil e Militar os sujeitos-pesquisados da investigação, apesar de uma diversidade nas maneiras de responder, parece encaminhar suas respostas em um sentido: a Polícia Federal como a que tem o melhor desempenho, a Civil como aquela da qual eles não tem muito conhecimento e a Militar como a menos eficiente e a mais corrupta. “A Civil não tenho muito conhecimento não, a gente não escuta muito. E a Federal sim, a Federal a gente escuta bastante. Estão indo atrás de tudo que é isso, é bem divulgado” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Brigada Militar [...] eu vejo como os mais corruptos. [...] Polícia Civil, ela nem se ouvi muito falar, porque trata de outros assuntos. Ela existe, é vista na cidade, mas não é visto o trabalho deles. E a Polícia Federal, só pela mídia fico sabendo” (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

O trabalho da Brigada aos poucos está melhorando, mas só que tem bastante gente lá dentro que não presta. O trabalho da Policial Civil é investigar a criminalidade, os suspeitos. O da Polícia Federal só vejo pela televisão. Eu vejo que a polícia trabalhou em cima de um caso, descobriu alguma coisa (Jovem da fábrica 2, 25 anos).

Como os sujeitos são diversos, as apropriações são distintas também. Perguntado sobre as diferenças entre as três instituições policiais um dos colaboradores responde que: “Pra mim não [há diferenças], pra mim são autoridades” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). Já uma das mães de família da Vila (2, 48 anos) acha que quanto mais alto o escalão maior a probabilidade do exercício da corrupção, daí ela julgar que a Polícia Federal é a instância que age de forma mais ilícita: “Acho que ela [Polícia Federal] é a mais corrompida, acho que é lá em cima”.

O interessante aqui é compreender como a mídia parece guiar as concepções que os colaboradores da investigação fazem das instituições policiais. A Brigada Militar como a corrupta e antro da contravenção; a Federal como a que descobre os grandes escândalos, que empreende as famosas “operações”, que fecha o cerco ao tráfico de drogas a partir dos chefes, enfim, que “estoura” as grandes e poderosas quadrilhas em exercício no país. E a Civil, como não adquire tanta visibilidade nos veículos midiáticos, é a instituição sobre a qual os colaboradores menos têm a falar, ou, quando têm, percebemos que são visões superficiais e muitas vezes errôneas. A polícia tem, principalmente na contemporaneidade, sua visibilidade atravessada pela mídia. Mas não há como negar que a produção de sentidos feita pelos colaboradores é penetrada também por suas experiências pessoais acerca da instituição. O abuso de poder, a atividade executada de forma violenta, o sucateamento dos aparatos policiais, a superlotação das delegacias de polícia (o que faz com que os criminosos muitas vezes sejam soltos em seguida, pela incapacidade de acomodá-los até que se saibam quais os procedimentos adequados naquele caso), dentre outras questões, faz com que a instituição policial tenha conformado uma imagem negativa na mente dos cidadãos. Zaluar (1996, p. 289)<sup>179</sup> afirma que “a justiça e a polícia, no Brasil, continuam intocadas, elas continuam a funcionar exatamente como funcionavam durante o período militar”.

---

<sup>179</sup> No debate “Criminalidade e violência”. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (1996). Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV.



### 8.5.5 Violência, TV e *Linha Direta*

Perguntados sobre qual meio de comunicação selecionavam para informar-se sobre o problema da violência, mais da metade dos colaboradores respondeu que recorriam à televisão. “É mais na televisão que a gente assiste” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). “Eu procuro saber na televisão, é onde dá mais. [...] Se não dá no jornal do meio-dia dá no da noite” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). “Jornais da TV” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Os jornais de televisão” (Jovem da fábrica 2, 2 anos). “Olha, ultimamente é o rádio. [...] Quando é a nível nacional, meio sensacionalista, eu acompanho só na TV. Esse é o acesso que eu tenho” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). Os outros colaboradores (Jovem da fábrica 3, 19 anos; Indivíduo de classe média 1, 44 anos) citam, respectivamente, a Internet e o jornal impresso como fontes para se informar sobre os acontecimentos violentos na sociedade.

Ou seja, quanto às fontes de informação para a questão da violência, o único grupo que coincidiu em suas afirmações foi o das mães de família da Vila, destacando, mais uma vez, a presença e a importância que a TV tem para esse estrato socioeconômico. Percebemos aí a presença da mediação individual atuando nos modos como essas colaboradoras da Vila apropriam-se das mensagens com conteúdos de violência, vindas, predominantemente, da televisão. “El estrato socioeconómico de los sujetos receptores actúa como una mediación importante em la recepción televisiva” (OROZCO GÓMEZ, 1991, p. 33). Ou seja, se as telespectadoras da Vila São Jorge não costumam ter muito acesso às outras mídias acabam por não ter como contrastar, tensionar e relacionar as informações advindas da televisão com as notícias veiculadas pelos outros meios de comunicação.

O interessante é perceber que se para a informação acerca dos fatos gerais do cotidiano (perguntado anteriormente, ver 8.5.2) os colaboradores ainda dividiam-se entre as diversas mídias, no que concerne à informação sobre violência essa dispersão parece diminuir consideravelmente. A televisão surge como o meio de comunicação, por excelência, para se informar do cotidiano violento das cidades brasileiras, na visão da maior parte dos sujeitos-pesquisados desta investigação. O conhecimento sobre a problemática da criminalidade, quando não experimentado presencialmente, é atravessado, eminentemente, pela TV.

A utilização da imagem em movimento pode ser um indício bastante forte desta preferência. Alguns dos colaboradores afirmam: “eles simulam” (Jovem da fábrica 1, 28 anos), “Porque ela informa, vai mostrar a imagem do criminoso” (Jovem da fábrica 2, 25 anos).

O fascínio da imagem, definido como critério principal dos meios visuais, passa a ditar a hierarquia da comunicação: primeiro, uma cena tecnicamente perfeita; depois, um texto, uma narrativa, uma notícia. A técnica viabiliza uma melhor montagem cênica de notícias e acontecimentos, com efeitos como se fossem reais (MARCONDES FILHO, 2000, p. 31).

Ou seja, o peso da imagem, da autoridade do real concedida por ela aos fatos traz credibilidade e interesse. O ato de privilegiar o caráter emotivo; de selecionar com precisão cirúrgica os melhores planos, abertos ou fechados; de eleger as melhores cores, angulações, cortes, tomadas de luz, etc.; de enfatizar os rostos de dor de parentes e amigos da vítima, as perfurações de bala em paredes e portas, as manchas de sangue no chão; todas essas artimanhas proporcionadas pelo uso da imagem de qualidade (ao contrário das fotos de jornais impressos, por exemplo) e em movimento atuam no sentido de configurar a TV como a mídia que melhor pode discorrer sobre a violência urbana, porque é capaz de mostrar os acontecimentos e não somente de falar acerca deles. “a imagem reflete ou ativa o conflito, [...] o concretiza e, a partir daí, o canaliza, dá-lhe um sentido, uma direção” (FERRÉS, 1998, p. 41).

No que diz respeito à informação acerca do fenômeno da violência em nossa sociedade, o que parece ficar claro é que a televisão (e a mídia de massa de maneira geral) tem trabalhado sob um constante pêndulo, que hora tende mais para a informação e hora aproxima-se mais da desinformação. É notório o fato de a mídia trazer o debate à população, tornando visível e agendando o problema na pauta das conversações dos sujeitos sociais. O que implica de forma negativa na maneira como a televisão, principalmente, aborda o crime e a violência em nosso cenário contemporâneo é o tratamento por vezes superficial e acrítico sobre a questão. É como se ela trouxesse o debate, mas não soubesse conduzi-lo com seriedade. “Às vezes ela tem uma abordagem que contribui muito para informar, pra trazer o debate, [...] como às vezes, também, ela já coloca a questão de uma certa forma já direcionada” (ALVES, 2007). Ou seja, a televisão e a mídia de massa, na visão do pesquisador do Núcleo de Estudos da

Violência, apresentam-se como instâncias que trazem o problema da violência ao conhecimento público de forma parcial, de modo a tentar formar uma determinada posição na opinião pública.

Ela [televisão] é muito pouco reflexiva. Porque ao mesmo tempo em que ela informa, ela informa com uma certa tendência, [...] já puxando para um determinado lado, sem ter, muitas vezes, um espaço [...] pra se discutir outras formas de pensar as problemáticas em relação àquelas ações (ALVES, 2007).

Sobre o *Linha Direta*, a maior parte dos colaboradores não se recorda com exatidão quando e como começaram a assisti-lo (independente dos grupos). No entanto, praticamente todos os sujeitos da investigação afirmam que o acompanhamento ao programa se dá há muito tempo. “Ave Maria, faz tanto tempo!” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). “Acho que foi no início, botei e comecei a ver, porque eles contam, simulam” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Isso faz muito tempo, nem me lembro mais quantos anos eu tinha” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Bem naquela época inicial, eu lembro que foi uma coisa bem chamativa, uma coisa nova. Fizeram muita propaganda em cima, isso eu acho que fez com que eu ficasse curioso” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). A proposta “diferente” oferecida pelo *Linha Direta*, muito evidenciada pelas chamadas durante a grade de programação da Rede Globo à época de seu lançamento pode ter captado o interesse dos colaboradores, que demonstram acompanhar a atração desde sua estréia. Discursos como “você em linha direta com a justiça”, proferidos pelo ex-apresentador Marcelo Rezende, nos intervalos comerciais da Globo, despertaram a curiosidade e o interesse dos telespectadores para aquele programa que não somente iria mostrar casos de violência, mas que se propunha muito mais, se auto-referenciava como a instância de solução para essas histórias ainda não resolvidas pela justiça (MENDONÇA, 2002).

São vários os pretextos que os colaboradores explicitam como os que os motivam a assistir ao programa. “Porque mexe com a gente. [...] O que eles dizem é real, aquilo ali” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). “É uma coisa diferente, uma abordagem diferente do apresentador. Ele sempre faz com que aquilo seja totalmente diferente” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “É sobre o suspeito. Vai tentar achar o foragido. [...] Acho interessante” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Eu assisto, eu acho horrível. Pra gente ficar alerta pro que acontece” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos).

Os colaboradores ressaltam justamente as características que distinguem o programa de seus concorrentes do gênero quando falam na caça aos foragidos – na possibilidade dos telespectadores poderem denunciar os criminosos mostrados no programa – e na esquete-reportagem – os efeitos de simulação das histórias empreendido pelo *Linha Direta*. “Inicialmente eu levei pelo lado assim do filme, mas depois isso me ateu na cabeça que era o real, real. Fiquei encucado” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

Mais uma vez percebemos a atuação da mediação videotecnológica (OROZCO GÓMEZ, 1996) atravessando os modos como os sujeitos-pesquisados se apropriam do programa. A maneira como a televisão aborda o fenômeno da violência urbana no *Linha Direta*, executando um movimento de ficcionalização do real, de dramatização dos casos enviados ao programa, faz com que se crie, em muitos momentos, esse embaralhamento entre o que é, de fato, real e o que é da ordem da dramaturgia. O programa não pode ser visto como uma telenovela ou como um filme, pois isso não produziria o desejo de punição por parte do público, mas a produção não pode isentar as histórias de serem dramatizadas, ganhando o apelo necessário para que causem interesse e comoção nos telespectadores. Adorno (2002, p. 188) afirma que

não podemos esquecer que a imprensa é uma expressão da opinião pública, é uma expressão da população. A imprensa não cria essa dramatização por sua livre e espontânea vontade. Ela é a expressão de profundos sentimentos populares, que de certo modo dramatizam a criminalidade, e tem certa relação de identidade com essa dramatização e com o modo como a criminalidade é veiculada.

Muitos colaboradores dizem não se lembrar de um programa em especial, alguma exibição do *Linha Direta* que os tenha marcado de alguma forma. Os que se arriscam em tentar recordar falam apenas superficialmente de alguns casos os quais lhes chamaram mais atenção (alguns dos casos repetem-se constantemente no que concerne à semelhança de histórias, especialmente sobre maridos e/ou esposas que matam seus cônjuges): o que o marido matou a esposa após descobrir que foi traído; a exibição que contava a história de uma menina que havia sido carregada; e as histórias que envolvem seitas, acontecimentos misteriosos, etc. O único colaborador que resgata de forma mais concreta uma esquete-reportagem exibida pelo *Linha Direta* é uma das mães de família da Vila (1, 49 anos), que teve a história de seu tio contada pelo programa e viu o próprio parente ser apresentado em rede nacional como um foragido da justiça.

Meu tio quando era novo ele era matador de aluguel. [...] Eu convivia muito com esse meu tio, muito. [...] Daí um dia eu vi na TV o trailer [chamada do *Linha Direta* no intervalo comercial], o homem mais procurado era ele. Ele não tinha pagado os crimes dele. [...] só que fazia sete meses que ele tinha falecido. [...] Aquilo me paralisou e eu fiquei sem ver uma saída. [...] Daí ele [um sobrinho] ligou para lá [número de denúncia disponibilizado pelo programa] , fez tudo certinho e explicou que ele já fazia tanto tempo que ele tinha morrido” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

Sobre a atuação do programa como um serviço de utilidade pública, a imensa maioria dos sujeitos-pesquisados afirma que sim, que ele presta um bem à sociedade ao expor as histórias de crimes mal-resolvidos e disponibilizar um número de telefone para a denúncia anônima. “Eu acho que faz [bem à sociedade], porque tem muita coisa enterrada lá no fundo que tu vê que pode ser crimes que às vezes não tem mais solução. [...] Eu acho que a pessoa que faz tem que ser punida por isso, [...] por meio da ajuda dos populares” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). “Ele mostra a história, o rosto do bandido. É alguma coisa que tá sendo feita, né? É nesse ponto que a TV tem papel” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Porque eles estão ajudando a pegar os criminosos e tentando” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Ele tem esse lado cidadão, que é de promover justiça, tentar prender, tentar fazer justiça, passar informação de foragido, tentar esclarecer dúvidas” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

Fazendo um resgate histórico, vale assinalar que, ao perceber a implicação decisiva entre o jornalismo e a esfera pública, alguns movimentos foram empreendidos no sentido de aproximar os cidadãos da mídia. Nos Estados Unidos, a partir do final dos anos 1980, tomou forma uma mobilização que ficou conhecida como jornalismo cívico (ou jornalismo comunitário, de serviço público, público ou novo jornalismo). Nelson Traquina cita um dos fundadores do movimento, Jay Rosen: “o jornalismo pode e deve ter um papel no reforço da cidadania (citizenship), melhorando o debate público e revendo a vida pública” (TRAQUINA, 2003, p. 172).

Em 1988, um jornal “assumiu um papel de ativista na tentativa de melhorar a qualidade de vida na comunidade” (TRAQUINA, op. Cit, p. 173), a partir de pesquisas, questionamentos, entrevistas e reportagens que deram origem a um relatório publicado, aos poucos, pelo jornal. Também foram organizadas frentes de cidadãos e eram publicados artigos sobre as temáticas encapadas nestas frentes. Outro jornal, em 1992,

mudou a forma de fazer a cobertura política das eleições, buscando dar ênfase para as preocupações dos cidadãos. Outro jornal fez campanha pedindo recursos e oferta de empregos para comunidades, com o intuito de reduzir a violência.

Há distinções importantes entre a noção de jornalismo cívico cunhado para o movimento experimentado nos Estados Unidos a partir de 1990 e o que se tem chamado de jornalismo cidadão, uma denominação que emana das possibilidades recentes oferecidas pelo uso da Internet, com o princípio de que todos podem fazer parte da construção das notícias, todos podem contar sobre os fatos vividos. Também não é o mesmo que jornalismo comunitário ou alternativo. Silva (2006, p. 1) afirma, acerca disto, que

quando grandes jornais resolvem, por exemplo, dedicar sistematicamente parte de seu esforço de cobertura a causas públicas, estão praticando *civic journalism*. Quando empresas não jornalísticas resolvem financiar ou dar apoio institucional a coberturas dos mesmos assuntos, também ingressam na mesma linha.

Segundo o que o resgate histórico sugere, o *civic journalism* caracterizar-se-ia, portanto, pela existência e manutenção de um vínculo social por parte do veículo, ou, como o definiu Carlos Eduardo Lins e Silva (revista *Imprensa*, janeiro de 1997), “o jornalismo cívico é um elo entre os cidadãos e os problemas da comunidade”.

Mas será que o *Linha Direta* pode ser enquadrado neste tipo de jornalismo, realizando este tipo de atuação voltado para o bem-estar da sociedade brasileira? A ponderação começa pelo fato, já dissertado anteriormente, de que o programa, após idas e vindas na grade de atrações da emissora, é categorizado, atualmente, não como “jornalismo”, mas como “entretenimento” na programação da Rede Globo. Seguindo na reflexão, será que podemos afirmar que a preocupação do programa se volta realmente para o povo, para a solução dos anseios da população no que concerne ao grave problema da violência urbana em nossas cidades? É possível pensar numa “caça aos criminosos” empreendido pela atração da Globo como um fim em si mesmo, como uma tentativa de promover o bem público, ou também como um modo de alcançar outros objetivos, de cunho mercadológico?

Afora essa ambigüidade que paira a respeito das reais intenções da Rede Globo, por meio do *Linha Direta*, no que concerne ao fenômeno da violência urbana, outra questão que se torna relevante para os pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo é o fato de o programa acabar tirando do Estado sua autoridade no combate ao crime, atrelando ao poder público uma imagem de ineficácia, no sentido de coibir aquele tipo de ação e de penalizar os responsáveis, que estão todos foragidos. “O que me incomoda é o fato de outra instituição, que não o Estado, deter o direito de fazer justiça. Acho que justiça com as próprias mãos é um caminho muito curto” (BRITO, 2007). Os estudiosos de violência do NEV ainda apontam outra questão, que é o fato do programa apresentar medidas apenas anódinas, não servindo para, efetivamente, proporcionar soluções para o problema da violência urbana em nossa sociedade contemporânea. “São medidas paliativas. Ao mesmo tempo em que isso ajuda, isso também mascara o problema, por ele [o programa] não mexer na estrutura do problema. E até porque programas como esse se alimentam desse tipo de ineficácia da estrutura” (ALVES, 2007). A raiz do fenômeno da violência, com vistas a uma mudança estrutural, em momento algum é levada à discussão dos telespectadores, que ficam com informações no nível apenas da superficialidade.

Parece claro também aos telespectadores pesquisados nesta investigação a situação ambígua na qual se encontra a atração, porque se a maioria afirma perceber o *Linha Direta* como um programa de utilidade pública, ou seja, prestando um serviço à sociedade, a maior parte dos colaboradores também afirma que a intenção da Rede Globo em manter o programa no ar há tanto tempo se dá por seu interesse nos lucros advindos pela audiência. Boa parte dos telespectadores tem o discernimento de ver a atuação da emissora carioca vinculada a um provável exercício do jornalismo cidadão não somente por suas diretrizes morais e sociais, mas por interesses econômicos. “Por causa que dá audiência, não tem outra. Audiência é dinheiro. Eu acho que eles nem vêem muito o lado... o lado social de cidadania. É só audiência” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Porque deve dar audiência. [...] Senão não ficaria. Ainda mais no horário nobre, num canal que é a Globo” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Porque a audiência é grande desse programa” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). As competências televisivas (HUERTAS, 2002), acerca das regras e lógicas que regem os grandes conglomerados midiáticos também medeiam a maneira como esses telespectadores percebem a inserção

do *Linha Direta* dentro de uma estrutura econômica, na qual são os anunciantes que efetivamente sustentam os custos da programação televisiva.

O sucesso de ele estar há oito anos é porque eu acho que justamente ele dá audiência. [...] Os intervalos comerciais que eu tenho observado são de grandes empresas do Brasil e fora do Brasil também. [...] Na hora do comercial tá lá a propaganda da empresa esperando com várias pessoas assistindo (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

Ainda com base nas competências midiáticas dos telespectadores, que podem tensionar o conteúdo e as propostas da programação televisiva com suas concepções de sujeito inserido social e culturalmente na sociedade, o caráter meramente benemérito do programa também é posto em dúvida por alguns dos colaboradores no que concerne aos casos de violência exibidos pelo *Linha Direta*. Acerca da atração, o jovem da fábrica 2, 25 anos, diz que “tem toda uma cena envolvida, toda uma história, uma entrevista com os familiares dessa pessoa, depoimentos. Então isso aí, eles escolheram bem o programa pra puxar a audiência e fazer um meio social também”. Ainda sobre a ambigüidade da proposta da Rede Globo no que diz respeito ao *Linha Direta*, o indivíduo de classe média 2, 30 anos, afirma que:

Só que algumas das matérias eu me questiono um pouco. [...] Se a idéia é tentar fazer justiça [...] e se tem matérias que o foragido já foi apreendido ou ele morreu ou até mesmo já tá em processo judicial aquilo. Então eu não entendi. [...] Então é um pouquinho de sensacionalismo, é promoção deles também.

Um dos colaboradores (mãe de família da Vila 2, 48 anos) recorrentemente, durante a entrevista, colocava-se contra o ato de delatar o outro. Perguntada sobre a atuação do programa, ela respondeu: “Eu acho que é ruim, porque acho que uma hora dessa pode acontecer o pior pra eles também, pra quem tá denunciando. [...] É a cabuetagem, como eles chamam. Eu, no meu caso, eu não faria isso aí, eu não cabueto ninguém. Deus o livre”. A colaboradora prossegue na defesa de seu posicionamento, revelando, também, que não confia plenamente que os dados do delator sejam realmente mantidos em sigilo absoluto pela produção do programa. “Eles estão dizendo ali ‘denunciem que seu nome não vai ser falado’ [reproduzindo a voz do apresentador]. Ah, não sei...” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). Percebemos aí a presença de diversas mediações atuando na forma como a mãe de família apropria-se do programa. Podemos



destacar a mediação institucional (OROZCO GÓMEZ, 1991), relacionada à comunidade na qual esta senhora está inserida; e a mediação individual (OROZCO GÓMEZ, op. Cit), especialmente no que concerne à espacialidade geográfica de onde vem (e de onde fala) esta colaboradora. O fato de viver em uma vila, em uma comunidade fechada, onde muitos dos moradores se conhece, atravessa a percepção acerca de um programa que dá voz à denuncia a um outro alguém. Em uma vila como a São Jorge, na qual os moradores vão às ruas no fim da tarde dos finais de semana para tomar chimarrão e confraternizar, ninguém quer ser apontado como um delator, como alguém que fez uma denúncia à polícia, enfim, como um cabuete, nas palavras da colaboradora. O medo da repressão, da exclusão pelos vizinhos, da vingança do delatado, em um espaço onde todos conhecem todos – portanto onde seria difícil manter o anonimato – medeia a forma como se pode refletir sobre a atuação do *Linha Direta*.

Questionados se o fato do *Linha Direta* mostrar casos de violência seria positivo, porque serviria para o indivíduo se precaver mais de forma a não se transformar em mais uma vítima da criminalidade, ou seria negativo, pois o programa aumentaria uma sensação de medo, alarmando excessivamente a população, a maior parte dos colaboradores diz que a visibilidade da violência proporcionada pela atração televisiva ajuda a sociedade a se cuidar mais, a se precaver de forma mais firme. “Eu acho que é positivo. Acho que as pessoas têm que estar cientes do que está acontecendo, de quantas barbaridades eles fazem” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Acho que ele atua positivo. [...] Porque pelo menos as pessoas sabem se precaver melhor” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos).

É importante que as pessoas entendam o que que tá acontecendo na sociedade hoje, e onde elas estão convivendo. Porque muitas vezes tu ta morando num lugar e tu não sabe o vizinho que tem. [...] Ele [o programa] faz com que as pessoas criem um pouquinho mais de atenção. Eu acho mais aquela questão dos golpes que viviam sendo aplicados, eu acho que isso foi muito bom. (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

A partir da fala dos colaboradores notamos a ênfase da mediação videotecnológica (OROZCO GÓMEZ, 1991) penetrando suas relações com o *Linha Direta*, no que concerne ao julgamento da visibilidade proporcionada pelo programa aos atos de criminalidade. O próprio campo das mídias, a partir da visibilidade que

proporciona aos diversos outros campos sociais, atua como uma mediação entre os mais diferentes discursos – dentre eles o da violência – e o discurso da própria mídia (RONDELLI, 2000). A luz que o *Linha Direta* coloca aos problemas da violência, por meio das tecnologias televisivas, permite “hacer al televidente testigo presencial de los acontecimientos y legitimar su significado ante la evidencia de sus propios ojos” (OROZCO GÓMEZ, 1996, p. 90), fazendo que com essa exacerbação da violência, esse “choque de imagens” o telespectador possa se cuidar ante a situação desenfreada de criminalidade urbana violenta. Mas ao mesmo tempo em que pode incentivar as pessoas a se precaverem mais, programas como o *Linha Direta* podem provocar uma sensação de medo, na visão de BRITO (2007), que afirma:

Eu acho que esse tipo de programa, eles num conjunto se somam para criar uma sensação de uma sociedade violenta, perigosa, em pânico. [...] A questão não é que a mídia cria violência, mas ela cria uma sensação de insegurança. Ainda mais quando mostra no programa *Linha Direta*, que mostra todas as classes.

Interessante atentarmos para o fato de que o pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência parece se posicionar aqui de uma maneira contraditória frente ao que vem demonstrando em toda a sua abordagem. Quer dizer que por mostrar que todas as classes sociais estão suscetíveis ao fenômeno da violência o *Linha Direta* atua como um elemento disseminador de pânico na sociedade? E se ele continuasse a destacar os crimes que só acontecem nas favelas, entre os pobres, na periferia, ele não estaria atuando de forma negativa? Quer dizer que a sensação de medo e de impotência só pode ser difundida entre os menos favorecidos economicamente, pois se a população de classe média e alta começa a ter noção de que ela é, também, vítima em potencial da criminalidade urbana brasileira a impressão de pânico pode ser prejudicial? Em nossa perspectiva o programa não erra por mostrar os absurdos casos de violência que assolam cada vez mais nossas cidades, mas por não gerar uma reflexão e um conhecimento aprofundados sobre isso. Nesse ponto voltamos a concordar com o pesquisador, quando ele afirma que: “eu acho que não há uma discussão ali. [...] Você mostra o crime acontecendo, mas não há uma discussão real sobre a questão da violência. [...] Eu não vejo que ele [programa] promova algum tipo de formação” (BRITO, 2007).

Os colaboradores da pesquisa se dividem em suas opiniões quando convidados a refletir sobre a veracidade das histórias mostradas nas esquetes-reportagens do *Linha Direta*. A possibilidade de uma “apimentada” nas histórias simuladas suscitou posicionamentos diversos dos sujeitos-pesquisados, oferecendo opiniões distintas mesmo dentro de cada um dos três grupos. “Acho que ele mostra a realidade. Fantasiar mais? Não tem que fantasiar mais. Aquilo ali é o que aconteceu mesmo” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Fantasia um pouco, mas simplesmente semelhante daquele fato que aconteceu. Só que eles pintam, aumentam tudo as coisas, mas é aquilo ali” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). “Eu acho que eles põem menos do que foi [risos] porque a situação hoje... Tu não sabe como é que essas pessoas agem” (Indivíduo de classe média 2, 44 anos). Existe aí uma clara ênfase na “mediação cultural” (OROZCO GÓMEZ, 1991), visto que esses sujeitos têm suas vivências inscritas em uma sociedade onde a cultura da violência se faz constantemente (e de forma cada vez mais avassaladora) presente, vinculando-se intrinsecamente às identidades urbanas em nossa contemporaneidade. O “ser urbano” da atualidade, como já dissertado ao longo deste trabalho, está em conformidade, está inserido nessa cultura da violência, vivenciando-a, e tendo-a como mediação para suas apropriações midiáticas.

Os processos de ficcionalização do real empreendidos quando os programas de televisão dramatizam a questão da violência passam, necessariamente, pela construção da verossimilhança, dos efeitos de real que se pretende mostrar, mesmo que para enfatizar esse real, destacar seus detalhes, suas nuances, uma série de “adaptações” sejam feitas (MARTINS, 2005). É uma “realidade” que para se tornar mais crível passa por transformações. É o detalhe do olhar de fúria do marido traído, a rispidez do agressor, a gesticulação nervosa da vítima, dentre outras estratégias televisivas que se prestam a enriquecer a história, mas que nem sempre são factuais. Orozco Gómez (1996, p. 90) completa, afirmando que “el alto grado tanto de verosimilitud como de poder de representación que pose la TV como medio eletrônico audiovisual refuerza la eficacia de su mediación”. As competências midiáticas de alguns desses telespectadores fazem com que eles compreendam as regras e as lógicas televisivas que regem os processos de produção das simulações do *Linha Direta*. “Apimenta bastante. Acho que não é a realidade sempre o que acontece. Eles botam muito as... por causa que eles fazem simulações com atores e ali eles manipulam. Então eu acho que é muito apimentado” (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

O próprio gênero televisivo (MARTÍN-BARBERO, 1997) atua como uma mediação videotecnológica, ou seja, como um atravessamento midiático na maneira como os telespectadores consomem os conteúdos de violência exibidos pela TV. Ou seja, as próprias estratégias de comunicabilidade do gênero policial já solicitam, por si só, de seus telespectadores que esperem do caso de criminalidade a ser contado a “pitada” de sensacionalismo, o tom dramatúrgico, o desfecho emocionado de seus personagens.

Ele incrementa. [...] Porque as pessoas assistem com olhos de como tivesse olhando um filme, por exemplo. Faz com que as pessoas olhem aquilo com muita atenção, como se fossem assistir quem matou Taís, digamos. Ficam esperando o que que vai acontecer. Querem ver o relato da história, como foi, como vai terminar os fatos. Faz com que as pessoas aticem a mente (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

Ainda acerca da mediação videotecnológica, o caráter de veracidade conferido ao que é veiculado pela mídia, em especial ao que é emitido pela televisão, atua na maneira como alguns dos colaboradores percebem o conteúdo das simulações emitidas pelo *Linha Direta*. “Acho que eles devem mostrar a realidade. Que aquilo ali foi escrito por alguém que deve ter autorizado eles a passarem aquilo, senão eles não podiam mostrar” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Acho que eles falam a verdade, não vão botar uma coisa assim fantasia na televisão. Se eles mostram ali é porque aconteceu. [...] Coisa de crime assim eu acho que é verdadeiro. [...] A maneira como eles contam a história tá legal. Porque eles mostram a verdade” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). “Acho que tá bem legal o formato do programa. Eles pegam e demonstram como é que foi a cena bem certinha. Procuram figurantes parecidos até com as pessoas reais que aconteceu. Então dá pra tu imaginar bem o que aconteceu” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). Aqui percebemos como a televisão ainda confere status de veracidade aos conteúdos veiculados por ela. É como se o simples fato de “aparecer na TV” fosse motivo suficiente para que dúvidas e desconfianças fossem afastadas com relação ao que é visibilizado pela programação televisiva. “la ‘apariencia de verdad’ que caracteriza mucho de esse contenido constituye entonces outra forma de mediar al sujeto receptor lo que se presenta em la pantalla” (OROZCO GÓMEZ, 1991, p. 38). BRITO (2007) corrobora essa afirmação, dizendo que “há uma aceitação muito grande da imagem dada. Se apareceu na TV é verdade. Os argumentos de autoridade são muito

fortes. ‘Eu vi no Jornal Nacional’. [...] Isso acaba virando um argumento de autenticidade, de autoridade, e as pessoas aceitam”.

Com relação ao envolvimento com as histórias contadas no *Linha Direta*, os colaboradores mais uma vez dividem-se em suas opiniões. Excetuando-se o grupo das mães de família da Vila – cujas colaboradoras afirmam pensar na família das vítimas e colocar-se no lugar delas –, os outros dois grupos não apresentam um consenso de opiniões, manifestando os sujeitos-pesquisados posições distintas. No entanto, a maior parte dos telespectadores, de fato, diz pensar na família, na das vítimas e nas suas, imaginando se os casos apresentados no programa tivessem acontecido com seus pais, cônjuges, filhos, etc. “Eu basicamente tento me colocar no lugar. Claro, eu não tenho essa neura. Mas algumas vezes eu fico pensando ‘Nossa Senhora’. Sabe, ainda mais agora que eu sou pai e tenho família. [...] Se eu me coloco no lugar eu fico muito mal” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Eu me coloco no lugar dos parentes das vítimas. [...] Eu me coloco no lugar deles, eu já penso bobagem” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Eu penso na família. [...] Tu fica pensando, custa a dormir” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

Eu acho que o que a gente sente a família deve ter sentido em dobro. A gente não é nada, imagina os parentes, né? [...] Eu sinto pena dos que ficam, né... porque quem morre não vê mais nada, vai até pra um mundo melhor do que esse daqui. Mas pra quem fica é muito sofrimento. Deus o livre de ver isso acontecendo com um filho meu. Acho que eu queria morrer junto. (Mãe de família da Vila 2, 48 anos).

A mediação institucional (OROZCO GÓMEZ, 1996), principalmente no que tange ao peso da instituição familiar na vida dos indivíduos, medeia as formas de apropriação que os sujeitos-pesquisados acionam em suas relações com as histórias simuladas no *Linha Direta*. Também a mediação feita pela própria televisão, por meio de suas lógicas e de sua gramática, atuam nos processos de recepção feitos pelos telespectadores no momento de produzir sentidos acerca do conteúdo dramático e emotivo das tragédias violentas veiculadas pela TV. “A apelación a las emociones del televidente es una forma muy generalizada de mediación de la programación televisiva” (OROZCO GÓMEZ, 1991, p. 38).

Com relação à imagem da polícia retratada na televisão, a maior parte do grupo dos jovens da fábrica afirma que a instituição policial é retratada de maneira negativa, ou então tem sua atuação obscurecida, negligenciada. “É, acho que fala mal. A grande maioria fala mal. [...] por falar nisso, o *Linha Direta*, [...] acho que o último, falava sobre a polícia do Rio de Janeiro que matou quatro adolescentes que eles falavam que eram suspeitos [...] da qual na era” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Eu acho que eles não mostram muito. Acho que eles talvez pudessem mostrar o que eles fazem. Às vezes a gente acha que eles não fazem muita coisa, mas na realidade eles fazem. A gente não tem noção exata do que eles estão fazendo” (Jovem da fábrica 1, 28 anos).

O grupo dos indivíduos de classe média também apresenta opiniões diversificadas. Um dos colaboradores acha que, de fato, as atitudes da polícia fazem com que a imagem que é veiculada sobre essa instituição na televisão acabe por tomar o viés negativo. “Porque têm crimes que eles mostram a parte que a polícia acaba sendo [...] ruim para ela mesma. Pra imagem da polícia” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). O outro colaborador posiciona-se de um modo que vai ao encontro do ponto de vista de um dos jovens da fábrica, ou seja, sobre a visão de um processo de apagamento da atuação da polícia nos casos de violência exibidos pela televisão. “Eu acho que quase não é muito, não mostra muito essa parte policial. [...] ela [polícia] tá ali, mas não é o foco da apresentação. Ela vem a ser o coadjuvante da história, não retrata muito, não é muito mostrada não” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

A partir disso, notamos, então, a presença dos processos de “ocultar mostrando” que Bourdieu (1997) afirma que faz a TV com relação aos seus conteúdos. A polícia é mostrada nos noticiários televisivos, porém a partir de um discurso parcial, que dá visibilidade de forma mais enfática aos seus pontos negativos, à corrupção, ao suborno, a ausência de sua atuação em determinadas situações, à lentidão do aparelho policial, à violência empreendida pelos policiais em suas ações, etc. O trabalho sério dos policiais (já que não é possível uma absoluta generalização da atividade policial como corrupta e ineficaz) é constantemente ocultado da programação televisiva, especialmente quando se trata da abordagem da criminalidade violenta nas grandes cidades brasileiras.

Os episódios brasileiros – e suas respectivas imagens – selecionados para destaque e permanência nas pautas de edição da mídia são

aqueles de uma violência praticada, sobretudo, pela polícia que, responsável por coibi-la, aparece, de forma suspeita ou declarada, como a maior responsável pelo uso de uma violência física desmedida, desproporcional, inadequada ou mesmo ilegítima (RONDELLI, 2000, p. 148).

Vale a pena também destacar a posição de um dos jovens da fábrica que diz que a polícia muitas vezes é mostrada como “coitadinha”, também numa visão parcial acerca dessa instituição. “Eles não têm equipamentos, têm baixos salários, têm que arriscar a vida [reproduzindo o discurso da TV]” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). A partir das falas dos colaboradores da fábrica e dos sujeitos-pesquisados de classe média enfatizamos as posturas bipolares que surgem na mídia quando referentes ao tratamento da questão da violência. A polícia ou é criminalizada, destacando-se suas características de corrupção e ineficiência; ou romantizadas (apesar desse papel de “mocinho” não ser constantemente atribuído ao homem da polícia), sendo os policiais visto como verdadeiros heróis de histórias em quadrinhos, que, mesmo com baixos salários e más condições de trabalho, arriscam suas próprias vidas em defesa da população (BENTES, 2007)<sup>180</sup>.

As mães de família da Vila acham que a televisão mostra a polícia de forma a ressaltar suas características de violência, de corrupção, de abuso de poder, etc. Mas na visão dessas colaboradoras a TV está tão somente reproduzindo a realidade cotidiana da instituição policial, retratando o que, de fato, acontece. Uma das mães de família aponta que a televisão faz um bem quando torna público os atos criminosos da polícia.

Antes eles não mostravam o que os policiais faziam ...[...] Hoje eles estão mostrando [...] o que os policiais fazem errado, eles estão punindo. [...] Às vezes tu pensa assim ‘meu Deus, no meio da brigada eu to seguro’ [reproduzindo a voz de um terceiro]. Não ta segura nada (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

A outra colaboradora afirma que a polícia é “engrandecida” na televisão. No entanto, o sentido de engrandecimento que podemos observar na fala da mãe de família vai de encontro à aceção de “positivo”. O “engrandecer” no entender da sujeita-pesquisada é justamente destacar o lado de poder, de força da polícia, mas não no

---

<sup>180</sup> Apresentando a palestra “Imagens de exceção”, ministrada no IX Seminário Internacional da Comunicação, promovido pela PUCRS. Porto Alegre, 8 de novembro de 2007.

intuito de usar isso em benefício da população, mas com objetivos opostos. “Quando eles [televisão] mostram a polícia ali eles [polícia] querem ser o grandão. Eles que sabem, eles que fazem. Pra eles a felicidade deles é pegar um pra dar de pau, matar, sei lá. Tá ganhando ponto com aquilo ali. Ela [a TV] engrandece, ela engrandece” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos).

As mediações cultural e individual (OROZCO GÓMEZ, 1996) atravessam as apropriações e as produções de sentidos dessas mães de família acerca da maneira como a polícia é retratada na televisão. Moradoras de uma comunidade profundamente marcada pela criminalidade (sendo que uma das colaboradoras já teve seu mercado inúmeras vezes assaltado e nunca viu alguma reação efetiva por parte do órgão policial), essas indivíduos têm suas vivências penetradas pela atuação autoritária da polícia. Em locais muitas vezes esquecidos pelos poderes públicos, como as vilas e as favelas, onde a criminalidade se multiplica de maneira veloz, a ação da polícia muitas vezes se dá de forma violenta, até porque já virou praticamente senso comum nesse país que os indivíduos de menor poder aquisitivo, que a “ralé” das vilas e das favelas, não merece a mesma consideração e o mesmo tratamento dos sujeitos de classe média e alta. Assim como se processa a generalização da visão do órgão policial como corrupto, por parte de grande contingente da população, também pode se efetuar uma generalização, por grande parte da polícia, de que todo morador de vila ou de favela é vagabundo, marginal e ladrão, gerando um círculo vicioso e maléfico para a atuação da instituição policial. Segundo Diógenes (2000, p. 213), as práticas policiais nos bairros de periferia “são pura ação. Dispensam o uso das palavras. Elas reagem à violência [...] mobilizando não apenas uma violência em cadeia, mas, essencialmente, reforçando o vazio das palavras e, conseqüentemente, o vazio de autoridade e da lei”.

Com relação à proposta de redução da maioria penal, tão discutida no primeiro semestre do ano de 2007, os colaboradores apresentam opiniões diversas, não apresentando consenso de posicionamento em nenhum dos grupos. “A diminuição da maioria penal pra 16 anos já deveria de ter acontecido aqui” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Diminuir a maioria penal pra 16 anos ou até mesmo a pena de morte não seria a solução, porque nós estaríamos regredindo à moda romana” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Eu acho que com 16 anos eles sabem muito, tem guri aí com 9, 10 anos que tem punho pra segurar um revólver” (Mãe de família da



Vila 1, 49 anos). “Acho que com 16 anos não... acho que com 18 eles têm que saber o que ta fazendo” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos).

No que concerne à pena de morte, houve uma maior aproximação entre os pontos de vistas dos três grupos de colaboradores. Mesma com algumas poucas concordâncias com relação à prática (que na teoria poderia ser um método eficiente de combate à violência), a grande maioria dos sujeitos-pesquisados reflete que a pena de morte não seria uma boa solução para o caos da violência em nosso país, pois morreriam muitos inocentes, vítimas da ineficiência e da lentidão da justiça brasileira. A pena de morte, na visão dos colaboradores da pesquisa, não foi feita para ser executada no Brasil. “Se eles não conseguem julgar nem os políticos que estão hoje aprontando por aí, como é que eles vão julgar um criminoso?” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). Notamos aqui a ênfase da cultura como elemento atravessador e mediador das maneiras como esses indivíduos apropriam-se da temática da pena de morte em nossa nação. As vivências desses sujeitos (bem como de todos nós) são profundamente marcadas pela visão cultural de um país corrupto (visão essa em muito divulgada pela mídia), de uma justiça lenta e falha e de uma polícia corrompida. Se o poder judiciário é ineficiente para julgar muitos dos casos que lhe chegam, se os poderosos sempre se utilizam do famoso “jeitinho brasileiro” para driblar a lei, como não pensar que a pena de morte em nosso país serviria apenas para matar os pobres e os negros? Como não ter em mente que morreriam inúmeros inocentes e apenas os bodes expiatórios do organizado sistema criminal brasileiro?

No que tange à maneira como a televisão vem tratando as temáticas da pena de morte e da redução da maioridade penal, as colaboradoras da Vila São Jorge acreditam que a TV vem esclarecendo a população quando aborda o assunto. “Sim, ela informa a população o que ta acontecendo sobre isso aí” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). “Esclarece, esclarece, claro...” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). Já no grupo dos indivíduos de classe média as opiniões e posicionamentos dos colaboradores foram diversos. Uma das colaboradoras afirma que a TV vem tratando as questões de forma esclarecedora, efetivando uma ruptura com a antiga visão da televisão que não podia falar de todos os assuntos na época em que a censura e o moralismo imperavam neste país. “Eu acho que a televisão, ela tá tratando bem. Ela até tá conseguindo focar algumas coisas que antigamente não tinha condições de focar. Tudo era proibido, não

sei o que... Hoje eu acho que tá bem focado” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). O outro sujeito-pesquisado desse grupo, no entanto, afirma que a TV não tem dado a atenção que o assunto merece, que ela só traz a discussão acerca de determinadas temáticas quando algo de muito grave acontece. O telespectador resgata a história de João Hélio<sup>181</sup>, dizendo que só após essa tragédia a mídia passou a focar as questões da redução da maioria penal (justamente porque os assassinos do menino eram menores de idade) e da instituição da pena de morte no país.

Não tem trazido o debate. Ela [televisão] traz o debate quando ela tem o sensacionalismo dela. [...] Quando acontece o fato ela traz à tona, ela foca muito, ela tenta trazer à sociedade e tenta trazer aquilo que tá sendo proposto. Só que de uns tempos para cá apagou. Parece que o Brasil não aprende (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

O grupo dos jovens funcionários da Tecbril entra em consenso com relação à questão, afirmando que a TV não vem tratando as questões de redução da maioria penal e da pena de morte de forma elucidativa. “Na questão da maioria penal eu acho que eles não têm ajudado a explicar direitinho porque que deve ser reduzida ou não” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Só falam quando acontece alguma coisa, quando a criminalidade, tipo com o João Hélio aconteceu. Aí queriam pena de morte, queriam rever os códigos penais. Mas aí é questão de dias [...] aí fica esquecido” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). O Jovem da fábrica 3 (19 anos) completa o raciocínio afirmando que a TV generaliza os dados, provocando, então, um não aprofundamento das questões colocadas em pauta, que seria analisada sem criticidade.

Eu acho que eles vêm generalizando os dois fatores. A maioria penal por causa de alguns crimes que acontecem entre alguns menores e eles [TV] querem generalizar. A televisão mostra dois, três casos polêmicos, sem fazer um estudo comparativo. Já em relação à pena de morte, generaliza também por causa de crimes hediondos. Por causa de alguns já querem generalizar para todos a pena de morte (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

---

<sup>181</sup> João Hélio Fernandes Vieites, 6 anos de idade, morreu após ser arrastado por mais de sete quilômetros, preso ao cinto de segurança do carro onde estava, no bairro Oswaldo Cruz, Zona Norte do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2007. O crime ocorreu durante um assalto. A mãe, uma amiga e a irmã de 13 anos de João conseguiram escapar, mas o garoto ficou preso ao cinto quando os assaltantes arrancaram com o carro.

Ou seja, o campo das mídias, quando resolve interferir no campo jurídico, muitas vezes o faz alicerçado por um profundo sentimento popular de revolta, sempre que acontece alguma grande tragédia nacional, baseando essa atuação, muitas vezes, em um sentimentalismo exacerbado e em uma ânsia pela velocidade das ações, sem que muitas vezes os procedimentos envolvidos e as mudanças desejadas sejam analisados com cautela. “A mídia é um dos atores sociais com grande potencialidade de convocar os demais atores a um posicionamento, e o faz com grandes gestos dramáticos” (RONDELLI, 2000, p. 156). Especificamente acerca do tema da maioria penal, a dramaticidade parece ter prevalecido em relação à reflexão aprofundada, no que tange à abordagem da mídia sobre o assunto. Alves (2007) alicerça essa visão e afirma que:

há uma certa campanha, principalmente aí pelos meios de comunicação, pra se discutir a questão da redução da maioria penal. Isso sempre é colocado de uma forma. [...] Ele não é conduzido em forma de debate, de reflexão, mostrando os dois lados do problema. Eles mostram de um lado só.

### **8.5.6 Cidadania**

Perguntados sobre o que significa ser um cidadão, tanto os colaboradores de classe média como o grupo das mães de família da Vila explicitam uma visão mais individualista do termo. “É tentar viver sua vida dignamente. [...] Que eu possa viver minha vida digna, ética, sem violência [...] de uma maneira simples e correta. Eu acho que isso que é ser cidadão” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). O outro sujeito-pesquisado do grupo de classe média transparece em suas palavras uma noção de cidadania profundamente restrita aos direitos jurídicos, à ordem. “Eu tenho que fazer as coisas mais de acordo com o que a lei manda e tentar melhorar. [...] Dar instruções pros filhos. Isso é ser cidadão. Cumprir as leis, não fazer nada de errado” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). A fala das mães de família reproduz uma relação entre cidadania e educação, responsabilidade, bondade, dentre outras virtudes de caráter. “É ser uma pessoa honesta, [...] que não faz mal a ninguém. [...] Eu não faço mal a ninguém” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). “Fazer o bem, [...] ser uma pessoa educada” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). Podemos refletir também acerca de um vínculo entre a noção de cidadania e a honra dos sujeitos quando vemos afirmações como: “Ter o nome limpo é a primeira coisa” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

Ou seja, percebemos aqui, a partir das falas dos colaboradores a noção de uma cidadania mais vinculada aos próprios atos, à própria conduta, ao cultivo de sua honra, enfim, a uma prática individualista do termo, negligenciando a participação na vida pública, nos movimentos da sociedade. É como se bastasse exercer corretamente a sua parte, dentro do que a lei obriga, dentro do que os bons costumes solicitam, para que esses indivíduos já pudessem se considerar cidadãos. O sentido coletivo do conceito de cidadania não é percebido nas posições desses dois grupos de sujeitos-pesquisados. O que podemos compreender disso é a ênfase dos atravessamentos históricos e culturais na vida desses indivíduos e na maneira como eles interpretam o sentido de cidadania. Como a maior parte deles vivenciou o longo período ditatorial brasileiro, os tensos momentos de repressão, a imposição da censura, dentre uma série de outros movimentos que cerceavam a liberdade e a atuação na esfera pública por parte dos cidadãos, talvez tenha sido marcada de forma profunda com a desilusão da ação coletiva no espaço público. Esses sujeitos acabam se fechando em seus "mundinhos particulares", focando todas as suas atenções na família, não mais aquela família de onde vieram, mas na família que escolheram e construíram por sua livre e espontânea vontade. A preocupação se volta aos próprios atos, à conduta correta dos seus procedimentos, à preservação da família.

O grupo dos colaboradores da fábrica já apresenta uma idéia de ser cidadão mais vinculada à coletividade, abrangendo o grupo social como um todo, e não de forma compartimentalizada (PINSKY e PINSKY, 2005). "Pra mim, ser cidadão é, primeiramente, respeitar os outros moradores da cidade, votar, preservar a tua cidade, [...] participar de campanha sócio-educativa [...] e tentar contribuir para uma sociedade melhor de algum jeito" (Jovem da fábrica 3, 19 anos). "Ter respeito com as pessoas. [...] Ajudar o próximo quando puder" (Jovem da fábrica 2, 25 anos). "É fazer parte de uma sociedade, [...] contribuir com o que é possível. Votar" (Jovem da fábrica 1, 28 anos). Percebemos nesses jovens a ênfase que é dada ao voto, como um instrumento de cidadania, como um item que torna possível a todos (em uma democracia, como é o caso do Brasil, pelo menos teoricamente) o pleno exercício dos direitos políticos por parte da população.

A relação que o eleitor mantém hoje com a técnica do voto é [...] que o faz acreditar ser um indivíduo independente e igual em qualidade a todos os outros. [...] Não importam as críticas feitas em nome dos

‘verdadeiros’ princípios democráticos: a democracia se confunde com eleição (CAÑEDO, 2005, p. 518-519).

Temos consciência – e os jovens da fábrica também, pelo que pudemos observar ao longo de todo o processo da pesquisa – que voto, democracia, direitos políticos ainda são coisas problemáticas em nosso país, mesmo depois de mais de vinte anos após o encerramento do período ditatorial. Mas as mediações individuais – especialmente a faixa etária (OROZCO GÓMEZ, 1996) – o “ser jovem”, a esperança de poder (ou, pelo menos, tentar) mudar o mundo, de querer uma nação mais justa e cidadã para os futuros filhos<sup>182</sup> e de tentar contribuir, atuando em conjunto, constitui a percepção desse grupo de colaboradores acerca do que é ser cidadão.

Com relação à atividade exercida ao longo do dia que mais faz os telespectadores do *Linha Direta* sentirem-se cidadãos, presenciamos um destaque às mediações institucionais (OROZCO GÓMEZ, 1991). O exercício laboral, bem como também o estudantil, por meio do ambiente universitário, surge como o afazer primordial no sentido de constituir o “sentir-se cidadão” dos sujeitos-pesquisados, sem distinção dos grupos, ao longo de suas jornadas diárias. “Eu me sinto mais cidadã quando eu vou pro serviço trabalhar” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). “Trabalho. [...] Tu tá dando a tua contribuição para que as [...] funções estejam sendo feitas. Como se fosse uma cadeia de coisas” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Eu acho que na faculdade, por causa que trabalho muito com trabalhos sociais” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Na minha área, que eu trabalho na área de administração, quando eu conheço alguma coisa que é meu domínio e tem alguém, estagiário ou até mesmo uma pessoa que tá começando, eu gosto de ajudar, de passar essa informação adiante” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). Mesmo para quem não trabalha fora de casa a execução do serviço doméstico apresenta-se como um modo de senti-se cidadão, por ter feitos todas as atividades da casa com empenho e dedicação. “Uma limpeza, uma arrumação, [...] uma casa bem arrumada, aquela roupa bem ajeitada, que eu sou muito de organização. [...] Quando eu to com todo o meu serviço pronto, minha casa ajeitada, parece que eu to livre” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

---

<sup>182</sup>

Dos jovens da fábrica somente um colaborador tem um filho, de 2 anos.

Notamos aqui, mais uma vez, a ênfase, por parte dos colaboradores da pesquisa, em um tipo de cidadania que se vincula de uma maneira mais visível às práticas individuais. Somente um dos sujeitos-pesquisados afirmou que se sente mais cidadão na rua, no espaço público e coletivo da cidade, quando pode ajudar uma pessoa, quando pratica uma boa ação nesse sentido, ou seja, da ordem da esfera coletiva. E ainda complementa, dizendo que, em uma sociedade marcada tão intrinsecamente pelo fenômeno da violência, isso se torna cada vez mais complicado, porque as pessoas acham que se trata de um assalto quando recebem algum tipo de ajuda na rua. “Quando eu ajudo uma pessoa [...] na rua. Só que na rua, cidades grandes, as pessoas desconfiam muito. É um suspeito, um ladrão, ficam com o pé atrás” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). Aqui são os atravessamentos culturais, de uma sociedade contemporânea distinta pela criminalidade, cujo crescente medo dos habitantes das cidades reforça ainda mais a desagregação dos laços sociais, o esgarçamento das redes de solidariedade (SOUSA SANTOS, 2000).

É quando os colaboradores da pesquisa são perguntados sobre o que poderiam fazer para dar a sua contribuição à sociedade que vemos emergir o destaque dado por esses sujeitos às associações da sociedade civil. Pelo menos na teoria – já que poucos dos telespectadores do *Linha Direta* efetivamente praticam ações desse tipo na atualidade – o terceiro setor surge aqui como uma instância capaz de viabilizar o interesse dos cidadãos em colaborar com o espaço público coletivo. “De vez em quando eu ajudo uma entidade carente. E aqui dentro do condomínio a gente faz campanha pra isso de vez em quando. Feito uma caixa [para doação] de livros que fui eu que coloquei” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Contribuir fazendo trabalho social também, né? Trabalho voluntário. Arrumando tempo pra fazer isso. Acho que podia contribuir mais” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Tentando ajudar de alguma forma programas sociais, instituições” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Eu queria ter uma creche para botar essas crianças [que não tem com quem ficar enquanto os pais estão trabalhando]. [...] Nem que eu trabalhasse ali dia e noite” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

Presenciamos uma verdadeira profusão de ONGs e de diversas outras associações da sociedade civil no Brasil contemporaneamente. Segundo Naves (2005, p. 565), “compreendem o terceiro setor todas as entidades que não fazem parte da máquina

estatal, não visam lucros e não se afirmam com discurso ideológico, mas sim sobre questões específicas da organização social”. Ou seja, é quando o Estado central revela-se insuficiente e ineficiente para contemplar todas as demandas dos cidadãos que a sociedade se reúne em associações civis. Participar dessas associações (seja diretamente, com o próprio trabalho, ou a partir de doações financeiras), exercer o voluntariado, praticar a benemerência têm se transformado em uma “moda” nos últimos tempos, especialmente entre as classes mais abastadas da população, que, frente à vergonhosa desigualdade social que assola nosso país, se reconforta (e tenta se redimir) em saber que está ajudando alguma instituição, que está “fazendo a sua parte”. Com relação aos sujeitos colaboradores da pesquisa, apesar de todo o discurso em prol das associações da sociedade civil, e do interesse em ajudá-las e delas participar, ficou claro que são mais planos para o futuro do que atividade do presente, pois poucos são os que efetiva e cotidianamente se inserem nessas práticas de solidariedade e de cidadania.

Não podemos nos furtar de também assinalar que um dos sujeitos-pesquisados (Indivíduo de classe média 2, 30 anos) afirmou que tem vontade de exercer um cargo político, e que vê nessa possibilidade uma forma de contribuir com a sociedade.

Não sou formado em ciências políticas, mas eu acho que por aí que eu gostaria de poder ajudar. Tentar ser um representante legal da sociedade. No meio político tentar fazer com que as idéias dos meus amigos, das pessoas com quem convivo, [...] fazer com que essas idéias venham a acontecer, essas idéias boas. Eu acho que isso seria ser cidadão também (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

Perguntados sobre a possibilidade de os meios de comunicação ajudarem aos indivíduos no exercício de sua cidadania, a grande maioria dos colaboradores afirma que a mídia pode atuar sim na construção do sentimento de ser cidadão em seus espectadores, especialmente a partir da informação, da visibilidade que dá a determinados assuntos. “A informação é tudo. [...] Se tem a informação, se tem o acesso, ele [o indivíduo] vai poder fazer a sua cidadania, vai poder praticar a sua cidadania” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Mostrando mais os direitos, os deveres das pessoas. Mostrando onde as pessoas podem buscar auxílio quando estão precisando” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “A televisão mostra às vezes como tu pode [...] fazer alguma coisa para ser educado. [...] Ajuda porque explica. [...] Tu vê mostrar, tu aprende. [...] Eu acho que a televisão mostra muito” (Mãe de família da Vila 1, 49

anos). “Pra mim, no meu caso, eu gosto de olhar a televisão, pra mim eu me sinto bem. Eu me sinto uma pessoa bem informada. [...] O pouco que eu sei, quando falarem pra mim, eu estou sabendo [...] porque ela tá transmitindo pra mim uma coisa que eu não sei” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos).

Tem, tem muito [como contribuir com a cidadania]. Por causa que [...] a televisão é um dos meios de comunicação mais vistos. Muitos programas de governos que tentam instituir alguma idéia que seja passada geralmente dá certo, por causa que todo mundo tem acesso” (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

Ou seja, o que podemos refletir a partir da fala dos sujeitos colaboradores da pesquisa é a existência de uma profunda relação entre informação, visibilidade e cidadania. Para a maior parte dos telespectadores do *Linha Direta* investigados o fomento à cidadania se dá especialmente quando a televisão mostra os fatos, corporifica os acontecimentos através das imagens, tornando-os visíveis. “Se o cara tá em outra cidade dando uma de bonzinho, não tem como desconfiar dele. Por isso que é importante esse papel da televisão de mostrar esses bandidos” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Acho que é feito [incentivo à cidadania pela TV] quando eles mostram esses assassinos. Se não fossem eles a gente não teria como saber, né?” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). Ou seja, é como se a informação fosse o bastante para se exercer a cidadania, como se o fato de saber acerca dos acontecimentos do cotidiano fosse o suficiente para que os telespectadores da televisão brasileira pudessem fazer algo no sentido de tornar a sociedade na qual estão inseridos mais justa e igualitária. Tornar visível não significa, necessariamente, incentivar uma consciência cidadã. A partir das ponderações de Gomes (2003), temos que nem tudo o que é exposto pela mídia, nem todo o montante do que é tornado público pela televisão vai ao encontro dos anseios políticos e públicos dos indivíduos. Parte do que ganha status de notícia pelo jornalismo televisivo vai ao encontro tão somente dos interesses privados dos telespectadores, não contribuindo para o sentimento de igualitarismo e de respeito ao próximo.

Ainda acerca da cidadania promovida pelos meios de comunicação por intermédio, essencialmente, da informação e da visibilidade conferida às demandas da população, vale destacar a posição do jovem da fábrica 3, 19 anos, quando ele afirma que:



Eu acho que a televisão praticamente age mais do que a justiça normal na resolução desses casos, porque esse passou dez anos, foi dito ali, e eles ainda estão buscando pistas. Então, há um valor assim de indignação, de querer buscar a justiça, mesmo que tardia. É isso que eu penso.

Já BRITO (2007) aponta que devemos refletir criticamente sobre o que é, de fato, tornado público pela mídia.

Quanto por cento da demanda apresentada ao programa é levada ao ar? Quantas pessoas se inscreveram no programa pra falar de um determinado problema e que, de fato, foram atendidas? Eu imagino que foi um número mínimo. Eles devem receber ‘zilhões’ de cartas, ‘zilhões’ de pedidos, selecionam alguns que eles acham que dão mais impacto social, mais impacto na imagem (BRITO, 2007).

Ou seja, essa cidadania proporcionada pelo *Linha Direta* passa por todo um processo de seleção no qual somente as “histórias boas”, as que podem causar mais comoção, são levadas ao ar. E como selecionar o que sai e o que fica? E com quais critérios nomear as demandas que podem e as que não podem ser satisfeitas pelo programa? E as várias pessoas quem mandam seus casos para a produção da atração e nunca têm seu pedido por justiça realizado? A Rede Globo, como o “canal da cidadania” no Brasil, acaba proporcionando a defesa do cidadão para uma porcentagem mínima da população. Não podemos falar que “cidadania, a gente vê na Globo” se milhares de pessoas recorrem à emissora e também não tem suas demandas atendidas. Mas também não podemos nos deixar levar por posicionamentos extremistas e negligenciar que se trata a emissora carioca de uma rede de televisão comercial, e não de uma rádio comunitária, por exemplo. E sua função, a priori, não é exatamente a de promover a captura de criminosos foragidos. Nessa dialética acerca da postura do programa, vale a pena apontar, mais uma vez, a reflexão de um dos sujeitos-pesquisados da investigação, que afirma que “É uma coisa que tá sendo feita, né. A intenção [do programa] é de estar fazendo alguma coisa. Se não pode mostrar tudo, todas as barbaridades, [...] já é o começo de alguma coisa” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). Vemos que para esse telespectador o fato do *Linha Direta* mostrar os casos de impunidade, mesmo que somente algumas poucas histórias frente ao enorme contingente que há no país, já é visto como alguma atitude que se tem no sentido de ajudar.

Apenas dois colaboradores mostram-se não concordar com a idéia de que os meios de comunicação possam auxiliar no exercício da cidadania dos seus públicos. “Um pouco, nem tudo. [...] Primeiro lugar é a família que dá essa estrutura para as pessoas. Em segundo lugar... a televisão tem um pouco” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). Ou seja, a família é vista como instituição fundamental e básica para construir o sentimento e a prática de cidadania na população. A mediação institucional (OROZCO GÓMEZ, 1991) assume posição de destaque na maneira como esse jovem vê as possibilidades de um exercício cidadão pelo público dos meios de comunicação de massa. Essa possibilidade é secundarizada frente ao modo como o sujeito foi educado pela família. O outro colaborador, do grupo de classe média, também acredita que a mídia como força motivadora da cidadania perde o valor quando a população não tem acesso aos bens básicos para se sentir um cidadão. Resgatando Cortina (2005), um indivíduo, para praticar efetivamente a cidadania, precisa, antes de tudo, sentir-se como um cidadão, perceber-se incluído em uma sociedade.

A pessoa não consegue ser um cidadão 100% se ela não tem condições para isso. [...] Condições financeiras, condições de moradia. [...] Sabe, não vai ser os meios de comunicação que vai mudar isso. [...] Não adianta, é uma coisa de árvore torta, o meio de comunicação não consegue (Indivíduo de classe média 1, 44 anos).

É como se, por mais interesse (seja social ou comercial) que tenham os meios de comunicação de massa de exercitar o sentimento de pertença, de coletividade, enfim, de cidadania, se os indivíduos não vêm atendidas suas demandas mais básicas, suas necessidades primeiras de educação, de saneamento, de atendimento hospitalar, de transporte, etc., eles não vão se sentir incluídos na comunidade, não se verão como sujeitos sociais de fato, portanto não exercitarão sua cidadania, nem com o auxílio da mídia.

Questionados se já haviam recorrido aos meios de comunicação na tentativa de solucionar casos nos quais haviam se sentido lesados na compra de bens e/ou serviços, a totalidade dos colaboradores da pesquisa afirmou que não tinha apelado à mídia ainda nesse sentido. Não pela ausência de situações vivenciadas por esses sujeitos nas quais o recurso aos meios de comunicação se faria necessário, mas sim por falta de motivação. “Não, não tive essa oportunidade ainda. [...] Mas é uma forma. Vejo as pessoas fazendo isso mesmo” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “É... precisar eu precisei, mas é que eu não

fui atrás. Não adianta” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Não, não me ocorreu essa idéia. [...] Já aconteceu, mas eu não tomei precaução assim, passar na rádio, jornal ou qualquer outra coisa. Aconteceu e eu fui passado pra trás no caso e deixei por isso mesmo” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Não, não... já perdi muita coisa. [...] Chegava pro gerente e falava [...] ‘eu vou pro jornal, eu vou pro Procon’ [...] mas nunca reclamei” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). Insistida a pergunta sobre o motivo de não ter, de fato, recorrido aos jornais, a mãe de família afirma: “Meu filho, é aquilo ali... se eu puder não ofender... eu sou daquele tipo de pessoa que se puder [...] eu quero os direitos que cada um tem, mas eu não sou muito de puxar os meus direitos. Deixa assim como tá, tranqüilo” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

Como podemos observar, a partir dos posicionamentos dos colaboradores da pesquisa, a mídia, pelo menos potencialmente, pode atuar como uma instância de solução e de encaminhamento das demandas dos cidadãos, sejam elas necessidades de luz às suas causas abandonadas pelos órgãos públicos; problemas acarretados com a compra de produtos com defeito de fábrica, dificuldades advindas com a contratação de serviços não prestados corretamente, dentre uma série de outras questões que fazem os consumidores e os cidadãos (GARCÍA CANCLINI, 1996) sentirem-se lesados em seus direitos. Neste sentido é que se inscrevem as iniciativas de dar visibilidade aos interesses imediatos dos cidadãos e suas demandas, que têm aparecido em diversas manifestações da mídia. Exemplo disso é a Caravana JN<sup>183</sup>, a caminhada pela paz<sup>184</sup> feita com apoio de cidadãos comuns e de artistas, exibida na novela das 20h da Globo, as ligações para colher opiniões de espectadores do Jornal da Record<sup>185</sup>, a coluna “Tem concerto?”, do jornal *Diário de Santa Maria*, na qual os leitores expõem suas peijas com relação à negligência da prefeitura perante os problemas da comunidade (BARSI LOPES e KLEIN, 2007). Segundo Brito (2007), “é fato [...] que na mídia você é mais

---

<sup>183</sup> A Caravana JN, comandada pelo jornalista e apresentador Pedro Bial, no Jornal Nacional, em 2006, percorreu todos os estados brasileiros, entrevistando cidadãos em algumas cidades, para colher deles suas demandas, dirigidas aos candidatos às eleições presidenciais de 2006.

<sup>184</sup> Realizada após o assassinato de uma personagem, vítima de bala perdida, na novela *Mulheres Apaixonadas*, exibida pela Rede Globo em 2003.

<sup>185</sup> Apesar de as opiniões corresponderem à resposta a uma pergunta lançada pelos âncoras do jornal televisivo, as participações normalmente dirigem críticas, apelos ou demandas aos setores da vida pública.

bem acolhido. O judiciário tem toda uma burocracia própria, uma estrutura própria” que pode acabar não motivando o recurso a ele nos momentos de necessidade.

O que sentimos, no entanto, com relação à postura dos sujeitos-pesquisados nesta investigação, é que as possibilidades na interação mídia x demandas dos cidadãos fica mais restrita à ordem da potencialidade, não sendo efetivamente posta em prática por eles. Os colaboradores, independentemente do grupo em que estão inscritos, têm consciência dos meios de comunicação como instâncias de visibilidade, porém não se interessaram, pelo menos até agora, em submeter suas necessidades à esfera midiática.

Acerca especificamente da atuação da televisão como uma instância de configuração de cidadania dos seus telespectadores, a fala dos colaboradores não foi diferente da que se refere ao desempenho dos meios de comunicação de forma geral neste aspecto. Os mesmos sujeitos-pesquisados que não viam essa atribuição à mídia continua não vendo na TV a possibilidade de incutir esse exercício cidadão em seu público. Os que vêm na televisão a execução desse papel enfatizam a importância fundamental da informação como um elemento que pode proporcionar a cidadania e citam alguns programas e propagandas da grade onde isso é possível, nos quais eles percebem a potencialidade para a prática cidadã. “Através da informação, de campanha. [...] Ela funciona bem em relação a uma campanha. Por exemplo ‘use camisinha’” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Ajuda assim com informação. [...] Tu já fica mais atento com o que ta acontecendo” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos).

Com programas voltados para isso. Tem aquele canal, Futura, que tem bastante coisas voltadas para esse ponto. Programas que mostram essa parte da cidadania. [...] tem um programa no sábado de manhã [programa Ação], antes de vir trabalhar, às vezes, que passa no... com o Serginho Groisman (Jovem da fábrica 1, 28 anos).

Eu acho que sim [a TV auxilia no exercício da cidadania]. No final do programa, quando o apresentador mostra a foto bem grande do acusado, dá o telefone pra ligar, diz que sua imagem é mantida em sigilo. E em seguida, quando eles conseguem capturar com essas ligações, eles mostram pra ver que funciona. Então é uma prática cidadã que influencia bastante a sociedade (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

Eu acho importante ela fazer isso. [...] Até me lembro de muitas reportagens que era a questão do manual, [...] ou seja, não tinham a

cultura de ler o manual. [...] Criou-se a polêmica do Inmetro<sup>186</sup>, tivemos a reportagem no Fantástico do Inmetro. Aí começou a levantar essa questão de como são feitos os manuais e como eles eram reprovados. [...] É muito importante na mídia, além dela mostrara figura da pessoa que ta ali, mostrar a imagem, que é muito legal. Como é que tu vai falar de manual no rádio? [...] Então ali, [...] as imagens ficam muito mais claras (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

### 8.5.7 Estado

Sobre o modo como o governo vem tratando a questão da violência urbana em nosso país, os jovens da fábrica afirmam que não tem sido de uma maneira adequada. Segundo eles a atenção dada ao problema não tem sido a que o assunto merece, e as tentativas vem sendo constantemente frustradas. “Só quando acontece uma brutalidade que o governo pensa em fazer alguma coisa. E muitas vezes secretários de segurança não resolvem nada, tão lá só para ganhar dinheiro e não fazem nada” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Eu acho que não é prioridade do governo hoje em dia o problema da violência urbana. Eles estão cuidando muito de outros aspectos, sendo que esse aí deixam para segundo ou terceiro plano” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “A polícia era para resolver isso, eles não conseguem colocar... Eles não conseguem dar melhores condições para melhorar isso. Eles só vêm tentando” (Jovem da fábrica 1, 28 anos).

A partir da fala dos sujeitos-pesquisados da fábrica podemos observar a ênfase que se dá nos atravessamentos culturais no momento em que esses indivíduos refletem sobre a problemática da violência relacionada ao Estado. As vivências desses sujeitos (e as de todos nós) são marcadas profundamente pela nítida percepção da apatia dos sucessivos governos no que concerne ao combate à criminalidade. As marcas culturais de uma nação corrupta, que parece ter dois pesos e duas medidas para decidir acerca de cada caso de desvio de norma e de conduta, apontam para esse descrédito com relação à atuação do Estado. Em outro momento da entrevista uma das colaboradoras afirmou que “se eles não conseguem julgar nem os políticos que estão hoje aprontando por aí, como é que eles vão julgar um criminoso que não é do meio deles?” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). Esse sentimento de impunidade também se faz presente no grupo dos jovens funcionários da fábrica. Ou seja, o Estado brasileiro não vem sendo visto como

---

186

Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial.

capaz de pôr ordem à situação de criminalidade desenfreada enfrentada pelo país. As vivências, as experiências individuais e culturais (OROZCO GÓMEZ, 1991) – de já terem sido vítimas de assaltos ou de conhecerem pessoas que já o foram, de terem que se precaver antes de qualquer saída de casa, de se verem impossibilitados, por exemplo, de sacar dinheiro num caixa-eletrônico após às 22 horas, devido ao risco de um sequestro-relâmpago, etc. –, as experiências mediadas pelos meios de comunicação – que bombardeiam incessantemente seus espectadores com notícias sobre a disseminação da criminalidade urbana –, dentre outros fatores experimentados pelos jovens da fábrica, apontam para um sentimento de desilusão quanto à eficácia do poder público no combate à violência urbana.

No grupo das mães de família da Vila também paira uma sensação de descrença no que tange ao tratamento dado pelos sucessivos governos à questão da violência urbana. “É embromado, meu filho. Muito embromado. Eles falam, falam, mas pouco cumprem. [...] É pouca coisa [as ações do governo]” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos). Interessante percebermos a partir da fala da mãe de família 2, 48 anos, um sentido de isenção do Estado com relação ao controle da criminalidade urbana violenta.

Governo? O que é que o governo tem a ver com a violência? [...] Até hoje ninguém controlou, não vai ser o governador que vai controlar, o governo que vai controlar. Eles procuram ajudar um pouco, mas não podem dominar toda a violência do mundo inteiro. Eles têm que tentar diminuir um pouco, mas acho que a violência não vai acabar nunca.

Ou seja, o Estado é visto aqui como uma instituição totalmente desatrelada ao fenômeno da violência. Para essa mãe de família da Vila não existe o menor indício de que o Estado, através da ausência de políticas públicas efetivas e da manutenção da desigualdade social, é um dos maiores propiciadores do fenômeno da criminalidade. Também não faz parte do repertório dessa colaboradora a noção de que o governo é o responsável pela proteção da sociedade, seja a partir de práticas preventivas com relação à violência, bem como com ações punitivas no combate a esse fenômeno. A cultura da disseminação do medo e da violência em todas as instâncias de nossa sociedade contemporânea urbana (AGUIAR, 2005) faz-nos perceber, muitas vezes, o problema da criminalidade e da violência como algo incontrolável, como uma coisa intrínseca à nossa própria existência e que, portanto, não adianta se lutar contra. Segundo o ponto de

vista da mãe de família, a questão é tão ampla que o governo não vai conseguir controlar a violência do mundo inteiro. Eles podem até tentar, mas ela não vai acabar nunca.

Para os sujeitos-pesquisados de classe média não há um consenso no que diz respeito à forma como o governo vem combatendo (ou não vem) o fenômeno da violência urbana em nossas cidades. “Eu acho que eles não vêm tratando [do problema da violência]. Eles não enxergam isso. Eles estão preocupados com os problemas que tem lá dentro do governo. Eles não estão nem aí olhando” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). Já para o outro colaborador deste grupo, apesar de todas as deficiências do governo no que diz respeito ao combate à criminalidade, devemos ter em conta que algo vem sendo feito. E que esse trabalho do Estado se torna até louvável quando o analisamos percebendo as circunstâncias nas quais ele vem sendo executado.

A gente sabe a dificuldade... que a crise econômica que a gente ta enfrentando em relação ao Estado, pelo que a gente arrecada e o que a gente tem de despesa. A gente sabe que o efetivo da polícia é mal pago, mal remunerado. A gente sabe que os equipamentos não são os melhores que são hoje. Mas não existe a possibilidade de se disponibilizar mais recursos, não tem como. Então, pelo o que se tem, pelas ferramentas que se tem, pelas aplicações que podem ser feitas, pelos métodos que eles possuem, acho que estão fazendo um grande trabalho (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

A procura, na ótica do sujeito pesquisado, por compreender o “lado deles” – e assim tentar entender que o trabalho realizado tem sido positivo dentro de um quadro que não favorece em nada a atividade de combate ao crime – perde a força quando ele afirma que “não existe a possibilidade de se disponibilizar mais recursos, não tem como”. Só o fato de o Estado não dispor de recursos suficientes para o combate ao tráfico, aos assaltos, aos seqüestros, dentre outros crimes, já seria o suficiente para enquadrá-lo como ineficiente no que diz respeito ao combate à violência. Quando essa falta de dinheiro para equipar e modernizar a polícia é explicada também pela corrupção, pelos constantes desvios de verba, pelo aumento afrontoso dos salários dos políticos, pelo investimento em projetos fantasmas e em banqueiros falidos, etc., não é possível que falemos em “grande trabalho”, no Estado como um conjunto. Podemos destacar algumas pessoas, alguns políticos que atuam de uma forma positiva no que concerne ao combate ao crime. Cremos ser nesse sentido que o sujeito-pesquisado

destaca um bom trabalho do governo, vinculando-o especificamente ao ex-secretário de segurança do Rio Grande do Sul, e não a todo o conjunto do Estado.

Embora não tivesse muitos recursos pra dispor nessa área, mas a gente sabe que não é uma questão de recursos muitas vezes, é questão de boa vontade. Então, a pessoa [Enio Bacci<sup>187</sup>] que assumiu a segurança pública no início do ano, essa pessoa foi, de repente, cassada. [...] Pessoas que querem trabalhar, parece que no governo mexeram tanto os pauzinhos, mexeram demais que, desculpa a expressão, que a ‘merda fedeu’. [...] Então tiveram que afastar o nosso amigo (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

Talvez pelo fato de ser um dos colaboradores mais politizados, o sujeito-pesquisado que, declaradamente, afirma se interessar por questões políticas e que se diz interessado em se filiar a um partido e a concorrer em uma eleição para um cargo público, o indivíduo de classe média 2, 30 anos, tem uma posição mais ponderada, tentando separar “o joio do trigo”, procurando destacar o bom trabalho de determinados homens do governo, alguns políticos que se preocupam e se interessam, de fato, pela esfera pública. A mediação institucional (OROZCO GÓMEZ, 1996), os interesses pessoais e o repertório de conhecimentos desse colaborador fazem com que ele não tenha uma visão generalizada do assunto.

É interessante, também, salientarmos que os Jogos Panamericanos<sup>188</sup> foram citados por dois sujeitos-pesquisados como motivadores de uma “maquiagem” feita no problema da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. “Eles só estão preocupados no Rio de Janeiro porque vem aí o Pan, mas depois...” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Agora, por exemplo, está chegando o Pan aí e a criminalidade no Rio de Janeiro ta cada vez pior. Só agora que vão botar o exército na rua. Por quê? Porque tem um Pan. Por que não faz isso antes?” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). Percebemos, então, os atravessamentos midiáticos, a mediação videotecnológica (OROZCO GÓMEZ, 1991) atuando na forma como esses colaboradores se apropriam da questão da violência e da forma como o governo vem agindo sobre ela. A intensa tematização dos jogos Panamericanos na mídia ao longo de todo o primeiro semestre de 2007 – tematizando,

---

<sup>187</sup> Enio Bacci, do PDT, foi secretário de segurança pública do Rio Grande do Sul no governo de Yeda Crusius, PSDB. O ex-secretário foi afastado em abril de 2007, após uma série de denúncias, boatos e troca de acusações entre Bacci e delegados de polícia do estado.

188 Realizados no Rio de Janeiro em julho de 2007.



também, a questão da violência como um problema à realização do espetáculo – penetra os modos como alguns dos telespectadores do *Linha Direta* selecionados para esta pesquisa refletem sobre o combate à criminalidade executado pelo Estado. O governo só passa a agir, de fato, quando acontece um evento do porte do Pan no Brasil, na visão desses colaboradores.

Quando convidados a exporem suas sugestões para que o governo tire as pessoas das ruas antes que elas entrem na marginalidade percebemos nitidamente a força das mediações institucionais (OROZCO GÓMEZ, 1996) atuando nas reflexões dos sujeitos-pesquisados. A educação e o emprego aparecem como possibilidades básicas de ofertar um futuro mais cidadão e digno à sociedade, permitindo que as pessoas não entrem no mundo da criminalidade como falta de opção em sua busca por reconhecimento. Rondelli (2000) afirma que a violência aparece como um modo de adquirir visibilidade, uma maneira de reagir ao descaso do Estado e da sociedade com grande parte de sua população pobre e carente. Se esses indivíduos sentem-se abandonados à própria sorte, é por meio do crime, do assassinato, do assalto, da luta, que eles vão procurar evidenciar sua revolta. A escola e o trabalho, na visão dos colaboradores da pesquisa, nos três grupos investigados, surgem como opções de dignificar e ocupar o cotidiano dos cidadãos.

“O governo tem que implantar sistemas de trabalho, montar empresas ou subsidiar empresas pequenas. Desde que essas empresas dêem trabalho para essas pessoas das ruas. [...] Essas crianças [...] têm que trabalhar, estudar e ser alguém na vida” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Então se o governo [...] tentar melhorar essa questão do trabalho, fomentar de novo o mercado, tentar incentivar novos empregos, tirar as pessoas que estão desempregadas das ruas [...] vai diminuir a violência consequentemente” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Na escola. [...] Pra que não fiquem na rua. Esportes, [...] aqueles cursos profissionalizantes. [...] A pessoa estuda de manhã e de tarde vai fazer outra coisa. Preencher o tempo dela” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). “Ter uma escola integral, que entrasse de manhã e saísse de tarde. Com várias atividades, principalmente” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Eu acho que a educação primária [...] devia ser de acesso gratuito. E aí todo mundo ia ter uma formação primária melhor, porque é aí que o indivíduo forma seu caráter, e eu acho que ia cortar o mal pela raiz. Ia começar o quanto antes” (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

“O governo tinha que fazer um [...] internato pras crianças ali. E botar, plantar alguma coisa ali, fazer eles trabalharem para eles adquirirem alguma coisa. [...] Eu acho que o governo tinha que ter mais atenção, porque tem muita criança na rua” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos).

A mãe de família 1, 49 anos, em suas considerações sobre as atitudes que deveriam ser tomadas para tirar as pessoas das ruas, sugere algo parecido com o bolsa-escola<sup>189</sup>, que paga uma determinada quantia de dinheiro à família que tem filho matriculado regularmente na escola, mas faz recomendações de como aperfeiçoar o sistema, de modo a garantir a permanência das crianças na escola e longe das ruas. Os atravessamentos institucionais, as competências políticas dessa colaboradora, bem como suas vivências no cotidiano da Vila São Jorge, a fazem detectar as falhas no bolsa-escola, principalmente com relação ao fato dos pais se apropriarem (para uso com outras finalidades) do dinheiro pago para investir na educação dos filhos, na compra de cadernos, canetas, lápis, vestimenta, livros, etc.

O governo ajuda com esse dinheirinho por mês, só que às vezes esse dinheiro não é usado pra estudar. Às vezes o pai pega esse dinheiro. E outra coisa é que todo mundo não estuda o dia todo e esse dinheiro tinha que ser pago no colégio pras crianças que estudava de manhã e ia fazer uma atividade de tarde. [...] Alguma coisa no colégio, na sociedade. Entendeu? (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

Quando questionados sobre o fato do *Linha Direta* intrometer-se em campos que não fazem, a priori, parte de sua alçada, a imensa maioria dos sujeitos-pesquisados afirma que vê essa interferência pelo lado positivo. “A televisão tem que mostrar isso. Uma coisa que estava escondida há anos. [...] Pro povo ficar sabendo o que aconteceu. Assim eles conseguem fazer com que o governo tome alguma atitude” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Acho que isso é um meio de também ajudar a polícia, porque tem um número lá que é disponível que não exige identificação nenhuma. [...] São 8 anos que existe esse programa no ar. Eu acho que nesse tempo deve ter acontecido muitas apreensões” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “É alguém fazendo alguma coisa. Cutucando, não deixando aquilo ficar no esquecimento [...] A justiça deveria ter um canal e mostrar toda semana quem são os procurados” (Jovem da fábrica 1, 28

---

<sup>189</sup> Programa educacional brasileiro, criado pelo político Cristovam Buarque, cujo objetivo é pagar um salário mínimo a cada família carente que tenha todas as suas crianças entre 7 e 14 anos matriculadas na escola pública.

anos). “Está fazendo correto. [...] Eles têm autorização das vítimas envolvidas pra tocar o programa no ar sobre aquele fato” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Eu acho positivo, porque torna o trabalho deles [polícia e justiça] mais eficaz. E até mostra pra população o que a polícia e a justiça não mostram, não diz o que ta acontecendo” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “Eu acho [positivo] porque ele cobra muita coisa. [...] Porque tá muito lento, muito lento. A polícia não vence, é muito crime, é muita coisa, então a polícia não vence” (Mãe de família 1, 49 anos).

Vemos então, nitidamente, o destaque positivo que os sujeitos-pesquisados dão ao programa pelo fato de ele tornar público os crimes que aconteceram no passado e de tornar possível uma caça aos criminosos quando expõe suas fotos em rede nacional. Segundo Bucci (2001, p. 20), “o que não aparece na TV é como se não tivesse ocorrido na realidade (a realidade depende da chancelada tela eletrônica)”. A TV, especialmente por meio do jornalismo, surge como o espaço que proporciona visibilidade às causas que, sem sua interferência, estariam perdidas. O jornalismo se auto-referencia como a instância capaz de vigiar a sociedade. O *Linha Direta* atua na construção da cidadania, segundo grande parte dos sujeitos-pesquisados, porque cobra da justiça e da polícia resolução para os crimes nos quais os acusados encontram-se foragidos, oferecendo visibilidade a esse casos mal-resolvidos. Segundo Lopes (2007, p. 7),

além da função de observador distante, ao jornalista é atribuído o papel de vigiar. Segundo essa concepção, a missão do jornalista é a de prestar um serviço de vigia à sociedade, ou seja, ele tem o dever de informar aquilo que for de interesse público; funcionar como um sentinela, observando os deslizes dos poderosos, denunciando-os, investigando-os.

A função do jornalismo como cão de guarda tem de ser ponderada. Aliás, as formas como essa cobrança e esse sentido de vigilância são executadas é que devem ser refletidas dentro e fora do campo jornalístico. A justiça, por mais lenta que possa ser, não estando de acordo com a velocidade dos nossos anseios e dos problemas os quais queremos resolver por meio dela, tem um ritual que lhe é próprio: análise de provas, levantamento de dados, busca de testemunhas e de depoimentos, apelações, e toda uma processualidade que, aos olhos dos leigos, pode parecer longa e inacabável. Quando o campo das mídias interfere nesse âmbito, na tentativa de conferir-lhe agilidade, pode estar atuando de forma superficial e pernicioso, negligenciando alguns direitos dos

cidadãos, justamente na tentativa de possibilitar outros. Segundo Brito (2007), “a população se movimenta em torno de paixões, muito bem manipuladas [...] pela mídia”, no que diz respeito às comoções com determinados crimes acontecidos em nosso país. Bucci (2001, p. 26) alicerça este pensamento quando afirma que:

Há [...] os apresentadores que semeiam a confusão quanto aos direitos dos suspeitos, condenando-os de antemão, dando às entrevistas um tom de interrogatório como se eles, os suspeitos, fossem obrigados a estar ali diante das câmeras. Assim difundem entre os telespectadores noções distorcidas do funcionamento da justiça. Tudo isso potencializa a violência. Potencializa uma cultura que pede mais violência. Que atropela os direitos. E a televisão, concessão pública que é, jamais poderia deixar de observar que sua função também passa por bem informar o público.

Apesar de minoritária, vale a pena resgatar a posição da Mãe de família da Vila 2, 48 anos, que afirma ser negativo o fato do programa intrometer-se nas áreas de competência da polícia e da justiça, pois o *Linha Direta* não deveria estar delatando ninguém. “Eu acho que ele tem que deixar pra polícia. [...] Deixa pra polícia tomar conta. Eles que vão atrás dos bandidos, eles vão atrás. Eu acho que não tem que ta ‘dedando’ alguém. Deixa eles irem atrás. Pra que que tem tanta polícia?” A colaboradora, mais uma vez, demonstra sua preocupação e seu descontentamento com os delatores, transparecendo uma postura de busca de neutralidade, na tentativa de não se envolver com os problemas dos outros, procurando, com isso, não ficar depois em uma situação de vulnerabilidade. Em comunidades fechadas, como uma Vila, onde muitos dos moradores se conhecem (e são cúmplices nos pequenos delitos, como o “gato” na instalação elétrica, a sonegação de impostos, quando residências também passam a atuar como pequenos pontos comerciais, etc.), ser taxado de “dedo-duro” pela comunidade traz um pouco de receio, no sentido de se temer retaliações por parte dos moradores. Sobre o ato da delação existente no *Linha Direta*, Bucci aponta os perigos de ser dado aos telespectadores o poder de acusar todo e qualquer cidadão anonimamente, sob pena de termos nosso direito a privacidade violados.

Se todos os milhões de telespectadores anônimos se tornam, por obra do espetáculo, agentes secretos da polícia, que não precisam responder pela veracidade daquilo que imputam a outros, já que tem o anonimato garantido (por uma rede de TV!), o que impede que amanhã cada um de nós estejamos sendo objetos de denúncias

irresponsáveis sem que delas nem tenhamos notícia? (BUCCI, 2001, p. 23)

Sobre este ponto, os pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência da USP, Eduardo Brito e Renato Alves, apresentam percepções discordantes. Brito (2007) afirma que “essa denúncia é muito complicada [...] porque se você ligar de um telefone público há um risco, ‘eu vi dona Maria fazendo uma ligação mais ou menos na mesma hora’”. Já para Alves (2007), a comunidade aparece sim como um setor capaz de ajudar a polícia na captura dos foragidos. É uma pena, no entanto, que a falta de confiança entre ambas as instituições torne-se um elemento de dificuldade nesse processo, que poderia ser muito útil se fosse executado com mais seriedade.

Ele [o programa] conta com a participação do cidadão pra, de alguma forma, encontrar o suspeito ou até os condenados, que é uma coisa boa, e que, inclusive, a polícia poderia fazer se tivesse mais a confiança da comunidade. Tanto a polícia ter mais confiança na comunidade como a comunidade ter mais confiança na polícia. A comunidade é fundamental nesse processo investigativo pra esclarecer, pra denunciar, pra fiscalizar. (Alves, 2007).

No que diz respeito às relações entre a televisão e o governo, o grupo dos jovens da fábrica apresenta um consenso em suas opiniões, demonstrando que os vínculos entre as duas instâncias são baseados na cumplicidade e na troca de favores. “Televisão e o governo eu acho que são muito próximos. [...] O governo é escolhido pela televisão” (Jovem da fábrica 3, 19 anos). “É tudo uma política. A televisão, o governo lá dentro. O que mais depende da televisão é o governo. Porque o governo não pode se queimar com a emissora e a emissora se queimar com ele. [...] É mais marketing e outras coisas. Politicagem” (Jovem da fábrica 2, 25 anos).

Percebo um pouco de cumplicidade. [...] Porque a TV não pode ir contra o governo e nem o governo contra a TV. Acho que, às vezes, tu tira, tu bota outras história pras pessoas não perceberem o que está acontecendo aqui. Toda essa folia que tem no Senado, de roubo. E agora começa o Pan. E aquilo lá fica escondido, tal e quieto (Jovem da fábrica 1, 28 anos).

Segundo Capparelli e Lima (2004, p. 31), “uma em cada quatro concessões comerciais de emissoras de televisão no Brasil está nas mãos de políticos”. O “coronelismo midiático”, ou seja, o uso do poder da mídia como moeda de troca

política, continua a encontrar em nosso país um terreno fértil para sua perpetuação. Como podemos perceber, as relações entre o Estado e as emissoras de TV, tomando-se o dado citado acima como base, dificilmente poderiam ser pautadas por tensionamento e conflitos. Alves (2007) sustenta esse posicionamento quando afirma que “qualquer tipo de mídia – rádio, televisão, escrita – no nosso país, não só no Brasil, mas em outros países também, estão nas mãos de agentes políticos. Não há uma certa inocência, tem-se o interesse nisso também”. Se as Redes de TV têm em cada estado do país suas retransmissoras, e se parte dessas retransmissoras são de posse de políticos ou de pessoas públicas, é pertinente que reflitamos até que ponto os conteúdos transmitidos por esses veículos de comunicação são isentos dos atravessamentos entre a política e a comunicação. Os jovens da fábrica, a partir de suas competências televisivas (HUERTAS, 2002), de seus conhecimentos sobre as lógicas que regem as empresas de televisão – conformado esse repertório devido à presença da TV na sociedade de forma marcante desde os seus nascimentos, já na década de 80 – percebem uma cumplicidade entre TV e governo, uma relação de dependência, na qual os dois pólos devem estar em equilíbrio para a manutenção do poder em ambas as instituições.

Já nos grupos de classe média e das mães de família da Vila os sujeitos-pesquisados dividem-se em suas opiniões acerca das relações entre a televisão e o governo, apresentando opiniões contraditórias. “Eu acho que é uma relação de colegas. De funções diferentes e que cada um vai fazer a sua parte. [...] Eles [televisão] acobertam muita coisa” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Cada vez mais existe um profissionalismo em relação ao jornalismo, que fez com que se tornasse mais ético e tentasse trazer à tona a informação. Tentar trazer a verdade. [...] Tem essa questão cidadã” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos). “Acho que são amigos” (Mãe de família da Vila 2, 48 anos). “Ela cobra. Têm muitas coisas ali, têm muitas pessoas que falam na televisão, que mostra cobrando o governo. [...] Então eu acho que cobra bastante” (Mãe de família da Vila 1, 49 anos).

Ou seja, para esses colaboradores, além das relações de parceria entre a televisão e o Estado, também são destacadas as cobranças, o papel fiscalizador do campo das mídias, atuando em todos os outros campos sociais, especialmente no político, no sentido de vigiar e de tensionar sua atividade (RODRIGUES, 2000). Os constantes escândalos políticos cobertos pela mídia televisiva, a tematização recorrente de assuntos

dessa natureza nos principais telejornais do país, o bombardeamento executado pela Rede Globo ao governo do PT desde 2006, dentre uma série de outros “casos” visibilizados pela televisão manifestam em parte dos colaboradores da investigação a sensação de que, de fato, o jornalismo televisivo vem atuando de modo a tornar público – e, a partir disso, a cobrar uma atitude – os “podres” do governo.

O que parece ficar cada vez mais claro, apesar das divergências entre as opiniões dos sujeitos-pesquisados, é que a política no cenário hodierno deve ser compreendida e analisada nesse novo espaço proporcionado pelo entrecruzamento com o sistema midiático. Rubim (2001, p. 131) corrobora este sentido de atravessamento entre os campos político e midiático, quando nos diz que “em verdade, o lugar da política contemporânea deve ser pensado como perpassado por contrastes e tensões advindos de um momento histórico de transição, no qual fluxos, interesses, demandas globais e nacionais se entrecruzam em disputa”. A mídia age nessas disputas e as torna pública, isso é fato. Mas o que deve ser ponderado é até que ponto as disputas e as cobranças por parte da televisão, com relação ao Estado, se dão com vistas ao benefício do povo ou com finalidade de proveito próprio.

Questionados sobre os motivos responsáveis por fazer o Brasil chegar a este nível de violência e de criminalidade, a imensa maioria dos sujeitos-pesquisados culpa o governo pelo caos instaurado na contemporaneidade. O governo, no entanto, é culpado de formas diferenciadas, na visão desses telespectadores. Alguns colaboradores da investigação acusam o governo de não ter agido na punição dos criminosos, focando sua insatisfação com a falta de prevenção do Estado no combate ao crime. “O governo foi deixando, foi relaxado. Não preveniu o futuro e tirou das ruas os criminosos e foi deixando... A semelhança entre a criminalidade e a política tem a ver. [...] O político fez, eu vou roubar também. [...] Por que os políticos não estão presos?” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “As atitudes tomadas pelo governo, elas não foram preventivas no passado e tornaram isso hoje uma coisa muito grande, uma bola de neve. [...] O tráfico comanda uma certa área e a polícia não tem acesso. Acho que isso aí é incabível” (Jovem da fábrica 3, 19 anos).

Outra parte dos sujeitos-pesquisados também culpa o governo, mas tem uma visão mais abrangente do problema, captando uma questão estrutural do fenômeno, e

não somente um descontrole vinculado à falta de prevenção e de combate à criminalidade. “Eles não cuidaram. [...] Não estavam preocupados com os que não tinham emprego ou com as gerações que viriam. E aí chegou nesse ponto de não ter mais controle. [...] daqui a uns dez anos ninguém entra mais no Rio de Janeiro e aí eles descem pra cá” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Eu acho que a educação e a questão do emprego, hoje, no Brasil são um fator determinante. Se não tem emprego as pessoas não trabalham. Vão fazer o que? [...] E, conseqüentemente, se não tem emprego [...] tem um lado a cair pra esse lado da violência” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

É o trabalho, não tem serviço pro pessoal trabalhar. Se tivesse bastante serviço o pessoal não tinha tempo de pensar bobagem. Pensar em assaltar, em fazer tanta crueldade que acontece por aí. Porque não tem serviço e têm muitos aí que se obrigam a fazer coisa errada. Pais de família que não têm serviço, então muitos se obrigam a fazer alguma coisa pra sobreviver. Eu acho que se tivesse mais serviço a violência diminuiria bastante (Mãe de família da Vila 2, 48 anos).

O interessante aqui é percebermos que, se ao serem questionados sobre o que significava o fenômeno da violência os sujeitos-pesquisados (com exceção de um colaborador) em momento algum relacionaram o governo como elemento configurador da criminalidade urbana, quando perguntados sobre os motivos que fizeram com que chegássemos a este ponto os participantes da pesquisa parecem refletir sobre a atuação do governo nesse movimento. Compreendemos uma visão mais crítica e aprofundada, por parte dos sujeitos sociais, neste ponto da entrevista, quando passam a apontar um vínculo entre as atitudes do Estado e o problema da violência urbana em nosso país. A mediação institucional (OROZCO GÓMEZ, 1991) atravessa esses posicionamentos, quando a maior parte dos colaboradores aponta a falta de emprego e de educação como um forte componente motivador para os atos de criminalidade. É a falta de trabalho, dessa atividade tão fundamental no cotidiano de qualquer cidadão, que provocaria o aumento da criminalidade nas cidades de nosso país, na percepção de alguns telespectadores do programa. Os participantes da pesquisa, mesmo com uma postura mais reflexiva nesta etapa da investigação, ainda não se dão conta de que não só a falta de emprego, mas também a ausência de moradia, de saneamento básico, de transporte público eficiente, de atendimento hospitalar de qualidade, dentre uma série de outros



fatores, aumentam ainda mais as desigualdades sociais, proporcionando o crescimento da violência como contra-linguagem dessa situação.

Um dos participantes da pesquisa destaca as drogas como elemento propiciador desse cenário de descontrole do fenômeno da violência em nossa contemporaneidade. Essa ênfase se dá a partir da interpenetração da mediação individual (OROZCO GÓMEZ, 1996) na vivência desse colaborador. O contexto da Vila São Jorge, do consumo de droga levando às pessoas para a marginalidade, o uso de entorpecentes pelo próprio irmão da Mãe de família, o acompanhamento de perto de todo esse problema dentro da própria família deixaram marcas na história de vida desse sujeito-pesquisado. A droga aparece aqui como a perdição na vida dos indivíduos, o principal item motivador dos alarmantes índices de criminalidade em nossa sociedade.

A droga. Existe muita droga, porque a maldita da droga levou muito as pessoas, como eu disse, pro banditismo. A droga levou [...] pobre, médio, rico. Hoje em dia não é só pobre que rouba, o rico também rouba. E por quê? Porque tem a necessidade daquela maldita droga. Eu tinha meu irmão que era drogado. Eu, às vezes, me sinto culpada da morte porque eu ajudava [financeiramente] de medo que ele roubasse, matasse (Mãe de família 1, 49 anos).

Perguntados sobre o que fariam na tentativa de diminuir o problema da violência caso fossem donos de um veículo de comunicação, as respostas dos sujeitos-pesquisados foram diversas. No grupo dos colaboradores de classe média o destaque se deu na tentativa de dar espaço e voz aos cidadãos. “Eu abriria espaço para o povo falar” (Indivíduo de classe média 1, 44 anos). “Tentar conciliar essa questão cidadã. Tentar através de uma ONG ou através do próprio meio de comunicação, que hoje em dia faz com que tu seja formador de opinião. [...] Ações sociais seria uma boa idéia” (Indivíduo de classe média 2, 30 anos).

No grupo dos funcionários da fábrica a ênfase dos sujeitos-pesquisados recaiu na tentativa de mostrar a violência de modo não espetacularizado. Caso fossem donos de uma mídia o enfoque à questão da criminalidade e do fenômeno da violência urbana seriam tratados de maneira não sensacionalista e apelativa. “Não procurar gerar violência. [...] É meio difícil, porque tem um pouco de audiência em cima disso” (Jovem da fábrica 2, 25 anos). “Olha, também não saberia te dizer por onde que eu

começaria a fazer alguma coisa. Talvez tentar não manipular tanto assim as notícias em benefício do que renderia mais. Talvez até não daria certo [risos]” (Jovem da fábrica 1, 28 anos). Aqui são as mediações videotecnológicas (OROZCO GÓMEZ, 1991) que chamam a atenção. Ou seja, são os atravessamentos feitos pela própria televisão na maneira de representar a violência e de tematizá-la de forma chocante, de modo a alavancar os índices de audiência, que, na visão dos jovens funcionários da Tecbril, aparecem como um fator negativo na abordagem da mídia à temática do crime.

No grupo das mães de família as promessas, caso adquirissem um veículo de comunicação, foram diversas. Para uma das colaboradoras a evidência se deu no caráter fiscalizador da mídia. Seria o sentido de “cão de guarda”, do jornalismo, a característica marcante de um veículo de comunicação caso ele fosse de posse da mãe de família da Vila 1, 49 anos. “Eu ia ajudar pra cobrar, eu ia trabalharem cima das coisas que estão acontecendo. Queria ir a fundo [...] pra cobrar aquilo ali. E não deixar assim, sempre tem uma solução”. Para a outra sujeira-pesquisada a relevância da possibilidade de possuir uma mídia se dá na medida em que isso proporcionaria mais empregos. “Eu ia botar as pessoas pra trabalhar pra mim, mas não dá. Eu até ia tentar ajudar eles numa forma que eles pudessem sair dessa violência, fazer uma coisa pra eles procurarem uma coisa melhor pra eles” (Mãe de família 2, 48 anos). Mais uma vez a questão do trabalho aparece com força nas experiências e na fala dos telespectadores do *Linha Direta* que participam desta pesquisa.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o percurso feito no desenvolvimento da pesquisa até aqui algumas considerações podem ser feitas. Primeiramente, é importante que tenhamos em conta o fenômeno da violência como um movimento de contra-linguagem, de reação a uma situação que lhe é anterior, de revolta contra uma estrutura alicerçada na desigualdade e na exclusão sociais, na falta de políticas públicas, no profundo descaso com a população. Essa interpretação da violência e da criminalidade, como consequência de uma conjuntura institucionalizada, é constantemente negligenciada pela abordagem midiática sobre o tema. A violência atroz da antiguidade encontra na contemporaneidade os fatores essenciais para disseminar-se como uma neo-barbárie, que penetra a sociedade de alto a baixo.

No que concerne à relação entre os meios de comunicação e a violência, parece ter ficado claro que o vínculo tem se dado, na maior parte dos casos, de maneira sensacionalista e espetacularizada, gerando um tratamento leviano e descontextualizado sobre o assunto, no qual o que ganha visibilidade e o que aparenta conduzir as matérias e reportagens sobre a temática, na maioria das vezes, é o que pode comover e chocar. Na abordagem veloz e superficial da grande mídia hegemônica – especialmente da televisão – sobre o assunto as raízes do problema são corriqueiramente obscurecidas, fazendo com que a mídia, que deveria esclarecer, atue no sentido inverso, reforçando preconceitos, naturalizando desigualdades e tratando a grave questão da criminalidade descontrolada como entretenimento.

O programa *Linha Direta*, apesar de receber o “DNA” do “padrão Globo de qualidade” e de oferecer aos telespectadores alguns diferenciais em relação aos outros programas do gênero, acaba por seguir a mesma receita – apesar da bem cuidada maquiagem e da preocupação com a estética – dos demais, apelando para estratégias semelhantes, utilizando-se da mesma gramática televisiva que conduz a maioria das abordagens sobre crimes na televisão brasileira (e mundial), destacando o culpado, a cena do crime, os detalhes sórdidos, e ocultando a estrutura, o contexto, o sistema desigual e exclusivista ao quais os “cidadãos” estão submetidos.

É exatamente “cidadania” que este programa se julga capaz de promover, quando dá oportunidade aos seus telespectadores de denunciarem os foragidos exibidos na atração televisiva, “fazendo a sua parte na luta pela justiça”. Vale ressaltar que a noção de cidadania no *Linha Direta* está atrofiada e bastante reduzida. A cidadania, para o programa, restringe-se unicamente à possibilidade de denúncia por parte do público, advinda da visibilidade dada aos crimes ainda não resolvidos pela justiça. Aos que não podem denunciar não é dada outra alternativa de atuar na tentativa de diminuir os altos índices de delinqüência na contemporaneidade. O *Linha Direta* não convida sua audiência a refletir sobre o fenômeno da violência em nossa sociedade, a participar de campanhas contra a criminalidade, a atuar em organizações da sociedade civil que tenham a violação dos direitos humanos como objetivo a ser estudado e combatido, enfim, o programa não conscientiza seus telespectadores sobre a “cidadania dilacerada” pela violência, simplesmente porque não mostra a raiz do problema.

Os contornos da cidadania que o *Linha Direta* procura empreender adquirem, a partir do que temos observado, alguns traços mercadológicos. Seria precipitado e leviano de nossa parte simplesmente afirmar que o programa não exerce nenhum tipo de benefício, que sua atuação é meramente capitalista. São 431 fugitivos capturados. Mesmo que nem todo o contingente tenha sido preso através unicamente do programa (existem casos onde o acusado é capturado antes mesmo do episódio contando sua história ir ao ar), é um número que deve sim ser considerado, principalmente tendo-se em mente a dor das famílias que, após anos e anos sem receber nenhum tipo de resposta das autoridades competentes, resolvem contar suas histórias à produção do programa, na ânsia de obter alguma punição para o incriminado ou, muitas vezes, na expectativa de ao menos entender os motivos do crime ou encontrar os corpos de seus entes que até então se encontram desaparecidos. É importante salientar, também, que, a priori, um programa de televisão não tem a obrigação de ajudar a polícia a prender fugitivos da justiça. A causa cidadã estaria justamente aí, no fato de um meio de comunicação, “espontaneamente”, se colocar como porta-voz do combate à impunidade. Segundo alguns dos sujeitos-pesquisados, “é alguém fazendo alguma coisa”.

Para a maior parte dos telespectadores do *Linha Direta* investigados nesta pesquisa o programa tem sim uma atuação que deve ser respeitada, na medida em que, para esses sujeitos, a polícia e a justiça de nosso país são lentas e têm uma atividade em

muitos casos ineficaz, que não consegue atender a toda a demanda existente, seja por incompetência ou por falta de estrutura de trabalho adequada. O programa, ao dar visibilidade a esses crimes até então impunes, sem resposta e, muitas vezes, sequer compreendidos, agiria de maneira positiva na visão de boa parte do público, no sentido de proporcionar a denúncia anônima e a prisão dos foragidos, seja lá em qual parte do país eles estejam.

É justamente aí, na informação, que reside o elemento de cidadania do *Linha Direta*, na perspectiva dos sujeitos-pesquisados. Para a maior parte dos colaboradores da pesquisa, o fato do programa dar visibilidade aos crimes não resolvidos, informando acerca deles, já atesta sua competência para o exercício da cidadania. O objetivo cidadão do programa é atingido justamente quando o alcance e a penetrabilidade da televisão possibilitam que a população de um país de proporções continentais como o Brasil fique ciente de um crime ocorrido seja no norte ou no sul da nação.

Para grande parte dos sujeitos-pesquisados nesta investigação o vínculo entre informação e cidadania se faz presente com muita ênfase. Na interpretação de uma considerável parcela dos telespectadores que colaboraram com a pesquisa os meios de comunicação podem atuar na construção da cidadania de seu público a partir da informação, da visibilidade dada aos acontecimentos. É a partir da informação, do conhecimento sobre os episódios mais recentes, que esses agentes sociais se sentem parte do mundo, se reconhecem como integrantes da sociedade. Para eles a TV – e o *Linha Direta* – pode atuar em prol da cidadania quando age através da informação.

Mas será que essa noção de cidadania – vinculada intrinsecamente, e tão somente, à informação e à visibilidade – é suficiente para fazer de um veículo de comunicação (ou um programa) um “canal de cidadania”? Sendo assim todos os meios de comunicação atuariam sob uma postura cidadã, pois a totalidade deles, bem ou mal, informa. Mas é a qualidade da informação e, principalmente, as conseqüências e os encaminhamentos que essa informação podem ter, no sentido de transformação estrutural – e não paliativa – de uma situação, que para nós qualificam uma atividade e uma prática midiática como cidadã.

Ou seja, o que pretendemos enfatizar aqui é que nem sempre os fins justificam os meios. A finalidade do programa e da proposta do *Linha Direta* – e, por que não dizer, também da rede Globo, cujo slogan “cidadania, a gente vê por aqui” é cotidianamente exposto em sua grade – de prender os acusados foragidos (intento limitado, vale destacar) podem até ser atingidos, mas os recursos que são utilizados para que essa finalidade seja efetivada são passíveis de críticas, por se inscreverem na lógica do espetáculo e da notícia, do fato jornalístico, como uma mercadoria, que adquire mais ou menos valor de mercado dependendo do seu grau de emoção, de sensacional, de extravagância. É importante salientar, também, que a informação *per si*, isoladamente, não significa nada, e não age para mudar uma situação tão enraizada como a da violência urbana em nosso país.

Simplesmente mostrar crimes e exibir acusados para que eles sejam presos através da denúncia do telespectador não viabiliza uma cidadania efetiva e completa, já que todo o processo – da estrutura social que possibilita e solidifica o crime aos diversos tipos de punição – não é refletido pelo público. Não é refletido porque o programa não oferece esse caminho de pensamento à sua audiência, encobrendo invariavelmente o peso que o Estado brasileiro tem na manutenção dessa (des)ordem violenta. É aí onde se instaura a relação de “morde-assopra” que o *Linha Direta* mantém com o Governo.

O Estado é cobrado no programa unicamente por meio da ineficiência de suas instituições “polícia” e “justiça”. São ambos os órgãos do governo responsabilizados – e deslegitimados através do *Linha Direta* – pela impunidade existente em nosso país, no que diz respeito ao controle dos índices de criminalidade urbana violenta. Inexiste no discurso do programa uma atitude de cobrança e de fiscalização no que concerne à atuação do Estado frente à raiz do problema, à situação institucionalizada da violência em nossa sociedade hodierna. A atração televisiva “morde” quando rechaça a postura lenta e ineficaz da polícia e da justiça, mas “assopra” quando não culpa o Estado como um todo.

O interessante nessa lógica empreendida pelo programa é percebermos que, para a maioria dos telespectadores pesquisados, o Estado aparece igualmente culpado somente pela impunidade, no que diz respeito à questão da violência. Muitos sujeitos-pesquisados apontam os sucessivos governos como irresponsáveis, por não terem

cuidado do problema da criminalidade desde que ele começou a demonstrar seus primeiros sinais e por permitirem que a situação tenha chegado a esse ponto de descontrole e caos. Somente uma colaboradora da pesquisa enxerga a responsabilidade do Estado de forma mais ampla, não somente restrita à impunidade, mas ampliada de forma a perceber que um governo que não investe em políticas públicas como saúde, educação, saneamento, moradia, transporte, dentre outras necessidades essenciais do cidadão, não pode esperar um comportamento diferente por parte da população abandonada que não seja através de procedimentos violentos de reação.

O processo de produção de sentidos, feito pelos telespectadores investigados, acerca do programa demonstrou ser atravessado por uma série de instâncias, dentre as quais podemos citar as mediações “institucional” e “cultural”. A família e o trabalho (ou estudo) mostraram-se como elementos de grande importância atuando na maneira como os sujeitos-pesquisados (re)apropriam as mensagens emitidas com o *Linha Direta*. De forma semelhante, a cultura da violência, ou seja, o contexto de criminalidade e delinquência aos quais estamos vinculados na contemporaneidade, apresentou-se como forte componente operando nos diversos modos de produção de sentidos no que diz respeito ao consumo da atração televisiva. Ou seja, são as instituições que de forma mais presente participam em nosso cotidiano – como a família e o trabalho – e a cultura da violência urbana, disseminada em nossa sociedade hodierna, que atuam como os principais mediadores nas maneiras com as quais os telespectadores do *Linha Direta* se relacionam com esta atração televisiva.

A presença da mediação “videotecnológica”, entretanto, não pode ser diminuída ou negligenciada. Esta também apareceu com destaque nos processos de interação entre o programa e seu público pesquisado, aí, no entanto, de uma maneira diferenciada, vinculando-se mais a determinados grupos de colaboradores. As competências televisivas foram observadas de maneira mais preponderante no grupo dos jovens da fábrica e no dos indivíduos de classe média. As mães de família da Vila, por terem a maior parte de suas experiências midiáticas vinculadas tão somente à televisão e por trazerem suas próprias vivências culturais bastante resumidas à TV, acabam por não ter uma bagagem e um conhecimento aprofundados acerca da mídia que as fizesse “desvendar” seus processos e confrontar seus conteúdos de forma mais enfática. Acreditamos que um maior contato com outros suportes midiáticos, além de

oportunidades de vivenciar diversas formas outras de cultura, entretenimento e lazer, que não estejam relacionadas tão somente à televisão, podem proporcionar aos telespectadores as aptidões para que possam “ler as entrelinhas” das lógicas televisivas.

Ainda sobre a “atuação cidadã” do *Linha Direta*, parece-nos claro que se o programa não tivesse tido bons índices de audiência ao longo desses mais de oito anos em que está no ar, se não agregasse valor mercadológico ao seu intervalo comercial, enfim, se não gerasse lucro para a Rede Globo ele já teria sido retirado da grade. O *Linha Direta* não só trouxe dividendos como, também, respaldo, prestígio, por ser uma atração de “utilidade pública” dentro da programação da maior emissora de televisão do país. Crimes de colarinho branco, corrupção de “figurões” de Brasília, assassinatos e outros crimes políticos são evitados pela produção do *Linha Direta*, numa clara postura de que os interesses da emissora – e sua cumplicidade (cumplicidade essa destacada pela maioria dos sujeitos-pesquisados) com boa parte dos poderosos do Estado – vêm sempre em primeiro lugar. Mas por acaso a cidadania também não é, corriqueiramente, dilacerada pelos crimes ocorridos no alto escalão da sociedade ou a violência que a corrompe só se localiza no universo dos menos favorecidos? Que espécie de prática cidadã é essa que seleciona sobre quais setores vai atuar?

Entre o final do ano de 2007 e o início de 2008 – época em que os jornais e revistas especulam sobre a grade de programação das emissoras, especialmente a da Rede Globo, que tem seus programas relançados ou estreados em abril – é apontado como uma grande possibilidade o fim do *Linha Direta* e a saída definitiva da atração da programação da emissora carioca<sup>190</sup>. Ao longo de 2007 o programa não foi ao ar em algumas quintas-feiras e o substituto para ocupar esses espaços foi *Profissão Repórter*<sup>191</sup>, que obteve índices de audiência superiores aos do tradicional “dono” do horário. É exatamente a atração comandada por Caco Barcelos a forte candidata a

---

<sup>190</sup> Fonte: Jornal *O Pioneiro*: Globo cancela gravações do *Linha Direta*. (Keila Jimenes/Agência Estado)

Disponível em:

<http://www.clicrbs.com.br/jornais/pioneiro/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&edition=9146&template=502.dwt&start=1&section=Home&source=ind&channel=27&id=0&titanterior=&content=&menu=&themeid=&sectionid=&suppid=&fromdate=&todate=&modovisual=>

Acesso em: 27 jan. 2008.

<sup>191</sup> Criado em 2006, como quadro do *Fantástico*, mostra os bastidores das reportagens produzidas por grupos de jornalistas em início de carreira. É apresentado pelo jornalista Caco Barcelos.



ocupar o espaço do *Linha Direta* na Globo. A audiência do programa, que antigamente ficava na faixa dos trinta pontos andava, na temporada de 2007, por volta dos dezoito. Mas será que a “cidadania” vai sucumbir ao mercado? Será que o programa de “utilidade pública” não conseguirá resistir às lógicas capitalistas ou é justamente por estar completamente vinculado ao capital que o *Linha Direta* não resistirá na grade?

Se o programa atua em prol da cidadania, no combate à violência e à criminalidade, ou se não passa de mercadoria, construída sob a égide do capitalismo e da perspectiva da notícia como lucro (e, até mesmo, se continuará no ar em 2008) são perguntas difíceis de responder de forma estanque e definitiva. O que fica claro, no entanto, é que cada vez mais o campo das mídias participa de forma mais enfática nos outros campos, atuando como configurador dessas outras instâncias sociais, agindo inclusive sobre as demandas coletivas. O público dos meios de comunicação (em especial os telespectadores do *Linha Direta*) aparenta saber das potencialidades de se ajudar a construir o exercício cidadão a partir do vínculo entre a mídia e a sociedade, mas parece não estar sendo encaminhado (pela própria mídia) para o máximo aproveitamento dessa relação. O que tem ficado nítido – a partir das falas dos sujeitos-colaboradores dessa investigação – é que a mídia, no sentido de ajudar a construir a cidadania de sua audiência, tem atuado mais como informadora do que como formadora.

Ou seja, a cidadania midiaticizada, tão falada ao longo desta dissertação, existe como uma grande potencialidade no auxílio aos encaminhamentos e resoluções das necessidades dos cidadãos. No entanto, o que vem acontecendo é que essa prática de exercício cidadão através dos meios de comunicação não vem encontrando em parte da mídia a estrutura necessária para o andamento ótimo e para a utilização máxima dessa possibilidade. A experiência que se tem observado na mídia hegemônica, de maneira geral, mostra que a cidadania é incentivada pelos meios de comunicação através da visibilidade, especialmente. Mostrar as coisas e os acontecimentos aos espectadores é fazê-los cidadãos, é o que aparenta a partir da postura da grande mídia, quando nós deveríamos saber que a informação é apenas o primeiro passo – etapa essencial, sem dúvida –, mas que, sem o acompanhamento de uma série de outras atitudes e campanhas, não consegue agir como elemento transformador da sociedade. A cidadania

mediatizada tem se restringido, então, à virtualidade, ou ao desenvolvimento apenas parcial de seu possível desempenho na sociedade contemporânea.

No que concerne à metodologia utilizada na elaboração desta dissertação, nossas considerações finais são as de que a perspectiva multimetodológica, na Pesquisa de Recepção, atendeu aos interesses da investigação, no sentido de tentar desvendar as “faces do cubo”, mas, também, na ponderação de que diversas outras faces ainda carecem (e sempre carecerão) de luz. O percurso desenvolvido – guiado pela constante reflexão acerca dos passos já dados como momento de extrema importância para planejar a caminhada que ainda está por vir – trouxe amadurecimento para a consolidação desta pesquisa, que vê na processualidade um elemento de fundamental importância a ser considerado na pesquisa científica no campo da comunicação.

As exposições finais desta dissertação não são – e nem procuram ser – argumentações conclusivas e totalitárias acerca das temáticas investigadas, pois essas permanecem frutíferas, abertas em suas incompletudes para inúmeras outras abordagens acadêmicas, que certamente ainda surgirão na tentativa de compreender as relações entre violência e cidadania em uma sociedade profundamente marcada pelo fenômeno da mediação. Procuramos pesquisar e encontrar respostas para determinadas inquietações, no que diz respeito aos assuntos aqui tratados. Intentamos contribuir para a teorização dos temas investigados, mas, além disso, buscamos ofertar novas articulações para a construção de estratégias multimetodológicas e para o fortalecimento do campo da Pesquisa em Recepção no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio (2002). Violência, ficção e realidade. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA-USP/Brasiliense, p.181-188.

ADORNO, T. A. (1969). *Intervenciones: nueve modelos de crítica*. Caracas: Monte Ávila.

AGUIAR, Cristiane Lamin Souza (2005). *Medo e descrença nas instituições de lei e ordem: uma análise da imprensa escrita e das sondagens de opinião*. 2005. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ALMEIDA, Heloísa Buarque de (2003). *Telenovela, consumo e gênero: muitas mais coisas*. Bauru: Edusc.

ANGRIMANI, Danilo (1995). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus.

ARBEX JR., José (2003). Uma outra comunicação é possível (e necessária). In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, p 385-400.

ARENDT, Hanna (2001). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

BARROS, Diana (1999). Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. UFPR.

BARSI LOPES, Daniel; KLEIN, Eloísa (2007). *Jornalismo e cidadania: a visibilidade de demandas coletivas na seção “Tem concerto?”*, do jornal “Diário de Santa Maria”. Anais do IX Seminário Internacional da Comunicação, Porto Alegre, PUCRS, GT Jornalismo Impresso.

BERGER, Christa (1998). *Campos em Confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS.

BIANCHI, Graziela (2006). Considerações sobre a processualidade metodológica e a relação pesquisador-pesquisado. In: MALDONADO, Efendy (org.). *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, p. 134-155.

BORELLI, Sílvia; PRIOLLI, Gabriel (Orgs.) (2000). *A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo: Summus.

BORELLI, Sílvia (2005). Telenovelas: padrão de produção e matrizes populares. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo (Orgs.). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, p. 187-203

\_\_\_\_\_ (1993). Gêneros ficcionais na cultura de massa. In: FONSECA, Claudia. *Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina*. Porto Alegre: Ed. Universidade.

BOURDIEU, Pierre (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_ (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand.

BRAGA, José Luiz (2002). Aprendizagem versus educação na sociedade midiaticizada. In: *Revista Geraes – Estudos em Comunicação e Sociabilidades*, Belo Horizonte, PPG de Comunicação, UFMG, n. 53, p. 26-39.

BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo (Orgs.) (2005). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus.

BRITTOS, Valério Cruz (Org.) (2006). *Comunicação na fase da multiplicidade da oferta*. Porto Alegre: Nova Prova.

\_\_\_\_\_ (2000). *Os 50 anos da TV brasileira e a fase da multiplicidade da oferta*. Observatório-revista do Obercom, Lisboa, n. 1, p. 47-59, maio.

BUCCI, Eugênio (2004). *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo.

\_\_\_\_\_ (2001). Violência na TV: um debate mal situado. In: Crime e TV. Revista do Ilanud – Instituto latino-americano das Nações Unidas para a prevenção do delito e tratamento do delinqüente, n. 13, 2001.

CAÑEDO, Leticia Bicalho (2005). Aprendendo a votar. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, p. 517-543.

CANEVACCI, Maximo (2001). *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A.

CAPPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. de (2004). *Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização*. São Paulo: Hacker.

CAPPARELLI, Sérgio (1982). *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L & M.

CARVALHO, José Murilo (2002). *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de (2000). Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHOLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 47-74.

CASTEL, Robert (1999). *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes

CASTRO, Cosette (2005). Globo e educação: um casamento que deu certo. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo (Orgs.). *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, p. 243-262.

CERTEAU, Michel de (1998). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.

CHARLES CREEL, Mercedes; OROZCO GÓMEZ, Guillermo (1996). El proceso de la recepción y la elucidación para los médios: uma estratégia de investigación com público feminino. In: APARICI, Roberto (org.). *La revolución de los médios audiovisuales: educación y nuevas tecnologías*. Madrid: Ediciones de la Torre.

CHAUÍ, Marilena (1994). *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense.

CHESNAIS, Jean Claude (1993). *Histoire de la violence em Occident de 1800 à nos jours*. Paris: Laffont.

COGGIOLA, Osvaldo (2005). Autodeterminação nacional. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, p. 328-341.

COMAROFF, J (2002). Criminal obsessions, after Foucault: postcoloniality, policing and the metaphisycs of disorder. In: *Critical Inquiry*, 30 (4).

CORREIA, João Carlos (2004). *Comunicação e cidadania: os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas*. Lisboa: Livros Horizonte.

CORTINA, Adela (2005). *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola.

DAMATTA, Roberto (1993). Os discursos da violência no Brasil. In: *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco.

DEBORD, Guy (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

DIÓGENES, Glória (2000). Gangues e polícia: campos de enfrentamento e estratégias de diferenciação. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth;

SCHOLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 197-220.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand (2001). *Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DUARTE, Elisabeth Bastos (2004). *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina.

ENGELS, Frederico (s.d.). *Anti-Dühring*. Porto: Edições Afrodite.

FELINTO, Erick (2006). O espectro na sala de estar: as imagens e o imaginário tecnológico da fantasmagoria. In: ARAÚJO, Denise (org.). *Imagem (Ir)realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, p. 108-133.

FERRÉS, Joan (1998). *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed.

FEUER, Jane (1987). Genre study and television. In: ALLEN, Robert C. *Channels of discourse: TV and contemporary criticism*. University of North Carolina Press.

FISCHER, Gustave-Nicolas (1992). *La dynamique du social: violence, pouvoir, changement*. Paris: Dunod.

FOUCAULT, Michel (1999). *Ditos & escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. V. 4.

\_\_\_\_\_ (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FREITAS, Guaciara (2007). *A favela “tá bombando”*: o processo de mediatização da periferia. Anais do Seminário Comunicação, Sentido e Sociedade, São Leopoldo, Unisinos, GT Práticas Sociais.

GALEANO, Eduardo (1996). A escola do crime. *Revista Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicação*. Quito, n. 53, março.

GARCÍA CANCLINI, Néstor (1998). *Culturas híbridas*. São Paulo: Ed. Edusp.

\_\_\_\_\_ (1996). *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

GOMES, Mayra Rodrigues (2004). *Jornalismo e filosofia da comunicação*. São Paulo: Escrituras.

GOMES, Wilson (2003). Jornalismo e esfera civil: o interesse público como princípio moral no jornalismo. In: PERUZZO, C. M. K.; ALMEIDA, Fernando (orgs.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, p. 28-51.

\_\_\_\_\_ (1998). Esfera pública política e media: com Habermas, contra Habermas. In: RUBIM, Antônio; BENTZ, Ione; PINTO, Milton José (orgs.). *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. Petrópolis: Vozes, p. 155-186.

GIDDENS, Anthony (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp.

\_\_\_\_\_ (1966). *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Ed. Unesp.

GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise (2001). *Televisão, escola e juventude*. Porto Alegre: Mediação.

\_\_\_\_\_ (1998). *O adolescente e a televisão*. Porto Alegre: IEL; Editora Unisinos.

GONZÁLEZ, Jorge (1994). *Más (+) culturas: ensayos sobre realidades plurales*. México: CNCA.

GRISA, Jairo (2003). *Histórias de ouvinte: a audiência popular no rádio*. Itajaí: Ed. Univali.



GRISOLÍA, James Santiago (1998). Nuestra oscura fascinación por la violencia. In: SANMARTÍN, José; GRISOLÍA, James S (orgs.). *Violencia, television y cine*. Barcelona: Editorial Ariel, p. 43-66.

GUBER, Rosana (2004). *El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo del campo*. Buenos Aires: Paidós.

GUMBRECHT, Hans Ulrich (1998). *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não hermenêutica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

HALIMI, Serge (1998). *Os novos cães de guarda*. Oeiras: Celta.

HARVEY, David (1993). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

HERSCHMANN, Micael (2000). As imagens das galeras funk na imprensa. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHOLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 163-196.

HOBBSAWM, E. J. (1995). *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras.

HOLMAN, Tomlinson (1997). *Sound for film and television*. London: Butterworth-Heinemann.

HUERTAS BAILÉN, Amparo (2002). *La audiencia investigada*. Barcelona: Gedisa.

IANNI, Octávio (1997). A política mudou de lugar. Revista *São Paulo em perspectiva*, Revista da Fundação Seade, vol. 13, n. 3, jul.-set.

\_\_\_\_\_ (1996). *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_ (1992). *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina (2005). *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker.

KELLNER, Douglas (2006). Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, Denis (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 119-147.

KILPP, Suzana (2005). *Mundos Televisivos*. Porto Alegre: Armazém Digital.

LAGRANGE, H. (1995). *La civilité a l'épreuve: crime et sentiment d'insecurité*. Paris: Universitaires de France.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo (1997). *A melhor TV do mundo: o modelo britânico de televisão*. São Paulo: Summus.

LIMA, Venício A. de (2005). Globo e política: tudo a ver. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo (Orgs.) *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, p. 103-130.

LOPES, Fernanda (2007). Entre a objetividade e a vigilância: contradições do trabalho e da identidade jornalísticos. Verso e Reverso. Revista da Comunicação. Ano XXI, 2007/2, n. 47

Disponível em:

<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=11&s=9&a=92>

Acesso em: 18 dez. 2007.

LOPES, Maria Immacolata (2001). *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola

\_\_\_\_\_ (2000). *Uma metodologia para a pesquisa das mediações*. Coletânea mídias e recepção, São Leopoldo, maio.

\_\_\_\_\_ (1999). *Vinte anos de ciências da comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas*. Santos: Unisanta.

\_\_\_\_\_ (1995). Recepção dos meios, classes, poder e estrutura. *Revista Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo, n. 23, p.99-110, jun.

LUCA, Tânia Regina de (2005). Direitos sociais no Brasil. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto.

MACHADO, Arlindo (2005). *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac.

\_\_\_\_\_ (1999). Pode-se falar em gêneros na televisão? *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 10, jan-jun.

Disponível em:

<http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/10/arlindo.pdf>.

Acesso em: 09 out. 2007.

MALDONADO, A. Efendy (2006). Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO, Efendy (org.). *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, p. 271 - 294.

\_\_\_\_\_ (2004). *Trayectorias metodológicas suscitadoras*. Ciberlegenda, n. 14.

Disponível em:

<http://www.uff.br/mestcii/efendy5.htm>.

Acesso em: 21 nov. 2006.

\_\_\_\_\_ (1999). Da semiótica à teoria das mediações. In: *Comunicação, cultura, mediações: O percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero*. São Paulo: Metodista, p. 113-132.

MARCONDES FILHO, Ciro (2000). *Comunicação & jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Harcker.

MARSHALL, Thomaz H (1967). *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar.

MARTÍN-BARBERO, Jesús (2002). América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA-USP/Brasiliense, p. 39 – 68.

\_\_\_\_\_ (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

MARTINS, Beatriz (1996). *Revisitando as teorias da recepção: uma revisão dos paradigmas e modelos*. 1996. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MATA, Maria Cristina (2002). Comunicación, ciudadanía y poder: pistas para pensar su articulación. *Revista Diálogo dela Comunicación*. Lima, n. 73-74, p. 47-58, jun.

\_\_\_\_\_ (2000). De la presencia a la exclusión. La obliteración del conflicto y el poder em la escena mediática. *Revista Diálogos de la Comunicación*. Lima, n. 59-60, p.166-173, out.

\_\_\_\_\_ (1999). De la cultura masiva a la cultura mediática. *Revista Diálogos de la Comunicación*. Lima, n 56, p. 80-89, out.

MATTELART, Armand (2005). *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola.

MATTOS, Sérgio (2002). *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes.

MELO NETO, Francisco Paulo de (2002). *Marketing do terror*. São Paulo: Contexto.

MENDONÇA, Kleber (2002). *A punição pela audiência: um estudo do Linha Direta*. Rio de Janeiro: Quartet.

MICHAUD, Yves (1989). *A violência*. São Paulo: Ática

MINAYO, Maria Cecília de Souza (2004). *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec.

MORAES, Denis (2001). *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A.

MORAIS, Regis (1990). *O que é violência urbana*. São Paulo: Brasiliense.

MORLEY, David (1998). Populismo, revisionismo y los “nuevos” estudios de audiência. In: CURRAN, J.; MORLEY, D.; WALKERDINE, V. (comps.). *Estudios culturales y comunicación*. Barcelona: Paidós, p. 417-438.

NAVES, Rubens (2005). Novas possibilidades para o exercício da cidadania. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, p. 563-585.

NEGRINI, Michele (2005). *A morte como espetáculo televisivo: a imagem do criminoso e da vítima no programa Linha Direta*. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ODALIA, Nilo (1991). *O que é violência*. São Paulo: Brasiliense.

OLIVEIRA, J. M. Paquete (2003). A democracia, os “media” e a “censura oculta”. In: PERUZZO, C. M. K.; ALMEIDA, Fernando (orgs.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, p. 52-71.

OLIVEIRA, Paulo de Salles (1998). Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Hucitec.

OROZCO GOMÉZ (2003), Guillermo. Los estudios de recepción: de um modo de investigar, a uma moda, y de ahí a muchos modos. *InTexto*. Porto Alegre: UFRGS. N. 9. Disponível em:

<http://www.intexto.ufrgs.br/n9/a-n9a6.html>.

Acesso em: 15 nov. 2006

\_\_\_\_\_ (1996). Televidencia y mediaciones. La construcción de estratégias por la audiência. In: OROZCO GOMÉZ, Guillermo. *Televisión y audiências: um enfoque cualitativo*. Madrid: Ediciones de la Torre, p. 79-94.

\_\_\_\_\_ (1993). Hacia una dialéctica de la recepción televisiva. *Comunicação & Política na América latina*, ano XIII, n. 23, 24, 25. São Paulo: Cebela.

\_\_\_\_\_ (1991). *Recepción televisiva: três aproximaciones y una razón para su estudio*. México: Universidad Iberoamericana. (Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales n. 2).

PAIS, José Machado (2001). *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Âmbar.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz (2002). *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad.

PANDOLFI, Dulce Chaves (1999). Percepção dos direitos e participação social. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (org.). *Cidadania, justiça e violência*. Rio de Janeiro: FGV.

PAULA, Silas (1998). Estudos Culturais e o receptor ativo. In: *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 1-9.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (2005). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto.

POSTER, Mark (2003). Cidadania, mídia digital e globalização. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, p 315-336.

PUTNAM, Robert (2002). *Comunidade e democracia: a experiência na Itália moderna*. São Paulo: FGV.

RAMOS, Murilo César (2005). A força de um aparelho privado de hegemonia. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo (Orgs.) *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, p. 57-76.

RODRIGUES, Adriano (2000). A gênese do campo dos media. In: SANTANA, R. N. Monteiro (org.). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Revan, p. 201-210.

RONDELLI, Elizabeth (2000). Imagens da violência e práticas discursivas. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHOLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 144-162.

ROSENFELD, Anatol (2002). *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva.

RUBIM, Antônio Albino Canelas (2003). Cidadania, comunicação e cultura. In: PERUZZO, C. M. K.; ALMEIDA, Fernando (orgs.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, p. 100-114.

\_\_\_\_\_ (2001). La contemporaneidad como edad-media. In: LOPES, Maria Immacolata; NAVARRO, Raul (orgs.). *Comunicación: campo y objeto de estudio*. México: ITESO, p. 169-181.

\_\_\_\_\_ (2001). O lugar da política na sociabilidade contemporânea. In: PRADO, José Luiz Aidar; SOVIK, Liv. *Lugar global, lugar nenhum*. São Paulo: Hacker, p. 115-140.

SANT'ANNA, Ivan (2006). *Plano de ataque: a história dos vôos de 11 de setembro*. Rio de Janeiro: Objetiva.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos (1979). *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus.

SCHLEIERMACHER, Friedrich (1999). *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes.

SILBERMAN, Sarah; LIRA, Luciana (1998). *Medios de comunicación y violencia*. México: Instituto Mexicano de Psiquiatria e Fondo de Cultura Econômica.

SILVA, Luiz Martins da (2006). *Civic journalism*: um gênero que no Brasil ainda não emplacou. Revista SOS imprensa. UnB.

Disponível em:

<http://www.unb.br/fac/sos/artigos/civicjournalism.htm>

Acesso em: 15 nov. 2006.

SINGER, Bem (2001). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify.

SINGER, Paul (2005). A cidadania para todos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, p. 224-260.

SOARES, Luiz Eduardo (2000). Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; RONDELLI, Elizabeth; SCHOLLHAMMER, Karl Erik; HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 23-46.

SODRÉ, Muniz (2002). O império do grotesco.

Disponível em:

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp1707200291.htm>. jul. de 2002.

Acesso em: 20 set. 2005.

\_\_\_\_\_ (2002). *Antropológica do espelho*: uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes.

\_\_\_\_\_ (1994). *A máquina de Narciso*: televisão, indivíduo e poder no Brasil. São Paulo: Cortez.

\_\_\_\_\_ (1992). *O social irradiado*: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Cortez.



\_\_\_\_\_ (1972). *A comunicação do grotesco*. Petrópolis: Vozes.

SONTAG, Susan (2003). *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras.

SOUSA SANTOS, Boaventura (2000). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez

\_\_\_\_\_ (1994). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento

\_\_\_\_\_ (1990). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Afrontamento.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente (2002). Microfísica da violência, uma questão social mundial. In: *Ciência e Cultura. Revista da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, São Paulo, ano 54, n. 1, julho de 2002, p. 22 – 34.

\_\_\_\_\_ (1999). Novos processos sociais globais e violência. In: *Violência e mal estar na sociedade. São Paulo em perspectiva*, São Paulo, V. 13, n. 3, jul. / set.

\_\_\_\_\_ (1995). A violência como dispositivo de excesso de poder. In: *Revista Sociedade & Estado*. Brasília, UnB, V. 10, n. 2, julho - dezembro de 1995, p. 281 – 298.

TEIXEIRA, Alex (2002). *A espetacularização do crime violento pela televisão: o caso do programa Linha Direta*. 2002. 144 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TELLES, Vera da Silva (1998). Direitos sociais, afinal do que se trata? *Revista USP*, São Paulo (37): 34-35, maio, p. 35-45.

TONDATO, Márcia (2004). *Negociação de sentidos: recepção da programação da TV aberta*. 2004. 290 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

TRAQUINA, Nelson (2003). *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos.

VAZ, Paulo; CAVALCANTI, Mariana; SÁ-CARVALHO, Carolina; OLIVEIRA, Luciana (2004). "Pobreza e risco: a imagem da favela no noticiário do crime", Anais da XIV Compós, São Bernardo do Campo, UMESP, GT Comunicação e Sociabilidade.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (1996). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV.

VELHO, Gilberto (1996). Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos. *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV.

VERÓN, Eliseo (1999). Mercado y estrategias enunciativas. In: *Esto no es un libro*. Barcelona: Gedisa.

VIANNA, Hermano (1996). O funk como símbolo da violência carioca. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos. *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, p. 177-187.

VIEIRA, Liszt (1998). *Cidadania e globalização*. Rio de Janeiro: Record.

VIEIRA, Roberto (2003). Os meios de comunicação de massa e a cidadania. In: PERUZZO, C. M. K.; ALMEIDA, Fernando (orgs.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, p. 17-27.

WALLERSTEIN, Immanuel (1996). *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.

WINKIN, Yves (1998). *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus.

WOLF, Mauro (1995). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença.

WRIGHT MILLS, Charles (1975). *A imaginação sociológica*. Rio de janeiro

# APÊNDICES

## APÊNDICE 1



Prezados vizinhos,

Sou mestrando da UNISINOS e morador deste edifício, Bom Jardim, do apartamento 110. Sou pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e minha pesquisa atual envolve questões relacionadas à Violência, Comunicação e Cidadania. Meu objeto de pesquisa é o programa *LINHA DIRETA*, da Rede Globo de Televisão.

Se você e/ou sua família assistem ao programa *LINHA DIRETA* e gostariam de fazer parte do grupo de pesquisados do projeto, peço, por gentileza, que respondam às breves perguntas abaixo e retornem com este convite à **minha caixa de correio (APT. 110)**, que se encontra no térreo deste prédio.

Aos interessados será enviada uma nova circular, indicando os próximos procedimentos da pesquisa.

Número do apartamento: .....

Quantidade de moradores da residência: .....

Quantos assistem ao *LINHA DIRETA*: .....

Têm interesse em participar do grupo de pesquisados do projeto? .....

Por sua atenção e sua participação, muito obrigado.

Daniel Barsi  
Mestrando e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

## APÊNDICE 2



Prezados senhores,

Sou pesquisador/mestrando da UNISINOS. Minha pesquisa procura estudar como são, atualmente, as relações entre **mídia, violência e cidadania** em nossa sociedade, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, em um momento em que a violência aparece com frequência nos meios de comunicação e o medo da criminalidade parece fazer parte da vida de todos. Pensamos sobre a importância de analisar como os indivíduos exercem a sua cidadania, como eles podem lutar pelos seus direitos sociais, econômicos e políticos, por meio da TV; como os indivíduos podem ajudar a combater a violência por meio da televisão.

Se você e/ou sua família assistem ao programa *LINHA DIRETA* e gostariam de fazer parte do grupo de pesquisados do projeto, peço, por gentileza, que respondam às breves perguntas abaixo, colaborando com nosso projeto.

Aos interessados será feito um novo contato, indicando os próximos procedimentos da pesquisa.

Nome do morador: .....

End:.....

Fone:.....

Quantidade de moradores da residência: .....

Quantos assistem ao *LINHA DIRETA*: .....

Têm interesse em participar do grupo de pesquisados do projeto? .....

Por sua atenção e sua participação, muito obrigado.

Daniel Barsi

Mestrando e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

### APÊNDICE 3

#### Obrigado pelo seu interesse em participar da pesquisa QUESTIONÁRIO

1 – Você assiste TV?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

2 – Com qual frequência você assiste televisão?

a) ( ) 1 ou 2 dias por semana

b) ( ) 3 ou 4 dias por semana

c) ( ) 5 a 7 dias por semana

3 – Quais os tipos de programas pelos quais você tem mais interesse? (Pode marcar mais de uma opção)

a) ( ) Novelas e/ou seriados

b) ( ) Campeonatos e programas esportivos

c) ( ) Telejornais

d) ( ) Filmes e/ou documentários

e) ( ) Programas de auditórios e/ou variedades

f) ( ) Programas sobre crimes, acidentes, desastres, etc.

g) ( ) Outros: Indique:

.....

4 – Você acha que é possível à televisão ajudar a população a exercer seus direitos sociais e políticos? Acha que a TV ajuda o indivíduo a conhecer e a defender seus direitos, a participar na vida cultural, social e política do país, a praticar a sua cidadania?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

5 – Se respondeu “sim” na questão anterior, como você pensa que a televisão pode fazer isso?.....

.....

.....  
.....  
.....

6 – O que você pensa sobre a atuação do Estado contra a violência urbana?

- a) ( ) O Governo aparenta não estar preocupado com isso
- b) ( ) Ele toma algumas iniciativas, mas muito poucas.
- c) ( ) O Governo faz muitas coisas para tentar evitar o crescimento da violência

7 – Você assiste ao programa *Linha Direta*:

- a) ( ) De vez em quando
- b) ( ) Frequentemente

8 – Você considera o programa como um prestador de serviço de utilidade pública?

- a) ( ) Sim, pois ajuda a prender os fugitivos
- b) ( ) Não, pois o interesse maior do programa é a audiência e os lucros que ela envolve

9 – Você acha que o *Linha Direta* aborda a violência urbana de forma chocante e apelativa?

- a) ( ) Sim, utilizando-se de cenas dramáticas como forma de chocar o telespectador
- b) ( ) Não, o programa só mostra a violência como ela realmente é

10 – Na sua opinião, a violência mostrada no programa é:

- a) ( ) Descontextualizada (não mostra o lugar, a situação, os detalhes, a realidade das pessoas e a sociedade na qual acontecem os fatos), sendo exibida somente uma parte do ciclo (a explosão da violência), ou seja, o tiro, a facada, a surra, a briga, etc.
- b) ( ) A pura realidade
- c) ( ) De acordo com os interesses do Estado, pois desvia a atenção de problemas como corrupção, entre outros.

11 – Caso alguma violência tivesse acontecido com alguém de sua família e o criminoso tivesse fugido, você mandaria a história para o programa mostrar?

- a) ( ) Sim, pois assim poderia ser que o criminoso fosse encontrado e denunciado por alguém



b) ( ) Não, preferiria esperar a polícia prendê-los

12 – O programa diz que o nome da pessoa que liga para fazer a denúncia não é revelado. Sabendo disso, você ligaria para denunciar um criminoso foragido se soubesse onde ele estava?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

13 – Você considera que o fato de o *Linha Direta* tomar parte de assuntos que fazem parte do “terreno” da Justiça e da Polícia é positivo?

a) ( ) Sim, pois, já que Polícia e Justiça são lentas e, muitas vezes, ineficientes, pelo menos o programa colabora para tentar solucionar os problemas da população.

b) ( ) Não, pois quando a TV participa de coisas que não lhe são próprias pode acabar se atrapalhando ou cometendo injustiças, como acusar em rede nacional um foragido que seja inocente.

14 – Que comparação você faz entre o *Linha Direta* e outros programas que tratam de violência, como, por exemplo, *Brasil Urgente* (Rede Bandeirantes)?

a) ( ) São todos iguais

b) ( ) O *Linha Direta* aparenta ser diferente, mas no fundo tem a mesma proposta dos outros

c) ( ) O *Linha Direta* está em outro nível, com uma produção caprichada e uma prestação de serviço à comunidade quando ajuda a prender os criminosos foragidos.

15 – Como você se define? Quais são os seus sonhos e os seus desejos de vida?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

16 – Como você imagina o mundo ideal?

.....  
.....

.....  
.....  
.....

### **DADOS DO PESQUISADO**

Nome:.....

Idade:..... Etnia: .....

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino / Função na Tecbril:.....

Cidade em que nasceu:..... Estado:.....

Nível de escolaridade: ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( ) Ensino

Superior ( ) Pós-Graduação

**Gostaria de continuar cooperando com a pesquisa em grupos de debates ou em entrevistas individuais? ( ) Sim ( ) Não**

## APÊNDICE 4

Site: ORKUT

Comunidade: Eu adoro o *Linha Direta*

Data: 30/09/2006

Tópico: Pessoas da GRANDE PORTO ALEGRE

Mensagem:

Olá! Sou mestrando/pesquisador em Comunicação da UNISINOS. Minha pesquisa científica é sobre o *Linha Direta*, na área de Recepção Televisiva, investigando o programa através de seus telespectadores, ou seja, vocês! Gostaria de convidar moradores da Grande Porto Alegre para participar desse projeto, que tem por título "Cidadania e Estado na sociedade midiaticizada - O programa *Linha Direta* sob a ótica da Recepção". É de enorme importância a participação de vocês, bem como é de grande valia a discussão sobre violência, Estado e cidadania em nossa sociedade. Quem tiver interesse em participar é só retornar para o meu e-mail: daniel\_barsi@yahoo.com.br, ou para o meu scrapbook.

Conto com a colaboração de vocês! Abraços a todos!

Data: 02/10/2006

Assunto: E aí, pessoal!

Mensagem:

Continuo contando com a colaboração de vocês! Caso os participantes queiram, a identidade deles será mantida no mais absoluto sigilo!  
Um abraço e vamos participar!

## APÊNDICE 5



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Prezados funcionários,

Sou pesquisador/mestrando da UNISINOS, universidade localizada em São Leopoldo, na Grande Porto Alegre.

Minha pesquisa procura estudar como são, atualmente, as relações entre **mídia, violência e cidadania** em nossa sociedade, especialmente no estado do Rio Grande do Sul, num momento em que a violência aparece com frequência nos meios de comunicação e o medo da criminalidade parece fazer parte da vida de todos. Pensamos sobre a importância de analisar como os trabalhadores exercem a sua cidadania, como eles podem lutar pelos seus direitos sociais, econômicos e políticos, por meio da TV; como os indivíduos podem ajudar a combater a violência por meio da televisão.

Convido todos vocês, funcionários da **TECBRIL**, para participarem desta pesquisa, ajudando-nos a entender e a esclarecer como acontece essa relação entre **TELEVISÃO E INDIVÍDUO**. Assim, vocês estarão colaborando com a pesquisa e auxiliando-nos a descobrir como se dá a luta pelo exercício da cidadania e pelo combate à violência através da mídia.

É só preencher essa ficha e devolver na .....  
para poder participar de nosso grupo de pesquisa.

NOME:.....

FUNÇÃO:.....

VOCÊ TEM INTERESSE EM PROGRAMAS QUE FALAM SOBRE VIOLÊNCIA?  
( ) SIM ( ) NÃO

TEM COSTUME DE ASSISTIR AO PROGRAMA *LINHA DIRETA* (REDE GLOBO)?  
( ) SIM ( ) NÃO

GOSTARIA DE FAZER PARTE DE NOSSO GRUPO DE PESQUISA, SENDO UM DOS ENTREVISTADOS?  
( ) SIM ( ) NÃO

Conto com sua participação para que possamos, juntos, dar prosseguimento a esta pesquisa de grande importância para a sociedade.

Daniel Barsi  
Mestrando e pesquisador da UNISINOS.

## APÊNDICE 6

### Questões para aplicar aos pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência / USP

- 1 – Por que o interesse em pesquisar sobre a violência?
  
- 2 – Quais reflexões têm das posturas, das atitudes dos brasileiros diante do fenômeno da violência urbana em nosso país?
  
- 3 – Concorda que as pessoas ficam mais informadas ou desinformadas com a maneira como a televisão aberta (os canais que chegam ao grande público), em geral, trata o problema da violência?
  
- 4 – Acha que programas como o *Linha Direta*, que caçam criminosos foragidos com a ajuda do telespectador, podem contribuir com o cidadão na conformação de um combate à violência urbana? Se sim, de que maneira isso pode se processar?
  
- 5 – O que pensa sobre o fato de o campo midiático intervir em outros campos sociais, especialmente no campo jurídico?
  
- 6 – Acredita ser possível uma diminuição dos índices de violência urbana no país a curto ou médio prazo? Vê como única solução uma total reestruturação econômica, política e social, a longo prazo, para se obter esse fim? Ou crê que não há mais saída viável para reverter o quadro da criminalidade no Brasil nas próximas gerações?

## APÊNDICE 7

### Entrevistas em profundidade

#### Bloco 1 – Contextualizando o indivíduo

- 1) Que tipo de pessoa você se considera?
- 2) Qual a importância da família na sua vida?
- 3) O que você pensa sobre seu trabalho? Quais são suas aspirações profissionais?
- 4) Qual a atividade mais gratificante no seu cotidiano, a que lhe dá mais prazer?
- 5) Onde você acha que mais tem aprendido durante sua vida? Na rua, na escola, na família, no trabalho ...? E quais as pessoas que você acha que mais lhe ensinaram?
- 6) Quais são suas atividades de lazer?
- 7) O que é importante na vida para você?

#### Bloco 2 – Consumo dos meios

- 1) O que você pensa sobre a participação dos meios de comunicação na formação das pessoas? Qual a importância que eles têm na sociedade?
- 2) Sobre a TV, o rádio, a internet, as revistas, os jornais, etc., de que maneira eles participam na sua vida?
- 3) A qual deles você dedica mais tempo? E em segundo lugar?
- 4) Costuma ir ao cinema? Com qual frequência? Quando foi a última vez que foi? Viu o quê? Quais tipos de filme prefere?
- 5) Quando pensa em informação, qual o primeiro meio que vem à cabeça? Por quê?
- 6) E para se entreter, se divertir, qual o meio de comunicação que mais lhe atrai?
- 7) Quais são as notícias que mais interessam a você (sobre política, sobre sua cidade, sobre o trânsito, sobre desastres, sobre o tempo, sobre o mundo dos artistas, sobre economia, etc.)?

#### Bloco 3 – Consumo de televisão

- 1) O que você pensa a respeito da programação das emissoras?

- 2) Qual sua opinião sobre a Rede Globo? Quais os aspectos positivos e os negativos?
- 3) Na programação da TV, como seleciona um ou outro programa? Por emissora, por horário, por tema, por influência de alguém, por costume, etc.?
- 4) Qual horário prefere para ver televisão? Por quê?
- 5) E de qual emissora gosta mais? Por quê?
- 6) Qual tipo de programa gosta mais? Por quê?
- 7) O que você não assiste? Por quê?

#### Bloco 4 – A questão da violência

- 1) O que é violência para você?
- 2) Já foi vítima de algum ato de criminalidade? Como foi que aconteceu? Onde e quando?
- 3) E no seu dia-a-dia, como o problema da violência interfere na sua vida? Você se previne contra ele? Está sempre observando as pessoas, andando com cuidado? Muda os caminhos para casa ou para o trabalho, pede para alguém lhe acompanhar quando anoitece, anda sem objetos que chamem atenção, já deixou de ir a algum lugar por achar que era perigoso, enfim, como você se protege?
- 4) Você confia na polícia de sua cidade? Sente-se seguro com a brigada militar? E as polícias Civil e Federal, o que você pensa sobre elas?

#### Bloco 5 – Violência, TV e *Linha Direta*

- 1) Como você faz para ter informações sobre o problema da violência? Em qual meio de comunicação você procura esses dados?
- 2) Por que assiste ao *Linha Direta*? Lembra como foi que o assistiu pela primeira vez?
- 3) Existe alguma exibição do *Linha Direta* que te marcou? Por quê?
- 4) Acha que o *Linha Direta* é um programa de utilidade pública ao denunciar os criminosos foragidos? Acha que ele faz um bem à sociedade?
- 5) O *Linha Direta* dá visibilidade a uma série de crimes. Acha isso positivo, porque faz com que as pessoas passem a se proteger mais? Ou acha negativo, porque aumenta a sensação de medo e insegurança na população?

- 6) Por que acha que a Globo mantém no ar um programa como o *Linha Direta*?
- 7) O que você pensa sobre a maneira que o programa retrata a violência urbana? Acha que ele mostra a realidade ou que fantasia um pouco? Por quê?
- 8) O que você sente quando vê aquelas histórias exibidas no programa? O que pensa sobre a família e os amigos da vítima que dão os depoimentos?
- 9) O que pensa sobre a maneira como a polícia é retratada na televisão?
- 10) Sobre a pena de morte e a maioria penal, como você acha que a televisão tem tratado essas temáticas? O que você pensa a respeito dessas questões?

#### Bloco 6 – Cidadania

- 1) O que você acha que é ser cidadão?
- 2) Em qual atividade do seu dia-a-dia você mais se sente cidadão? Por quê?
- 3) Como você acha que pode contribuir com a sociedade?
- 4) Você acha que os meios de comunicação em geral podem ajudar você a exercer a sua cidadania? De que forma?
- 5) Você já foi a algum meio de comunicação para reclamar de algum serviço que não foi prestado corretamente?
- 6) De que maneira você acha que a televisão pode contribuir com isso, com a cidadania das pessoas?

#### Bloco 7 – Estado

- 1) Como você acha que os governos vêm tratando o problema da violência urbana?
- 2) Quais são suas sugestões para o Governo tirar as pessoas das ruas e evitar que elas possam virar criminosas?
- 3) Você acha correto o *Linha Direta* interferir na área de atuação da polícia e da justiça?
- 4) Como você vê a relação entre a televisão e o Governo?
- 5) Por que acha que chegamos a esse ponto tão caótico na situação do problema da violência urbana no Brasil?
- 6) O que você faria se fosse dono de um meio de comunicação (televisão, jornal, rádio, etc.)?



## APÊNDICE 8

### Roteiro do videofórum

Encaminhamentos para o debate

- Com qual ponto você mais se identificou ao longo do esquete do *Linha Direta*?
- Que valores o programa transmite?
- Que sentimentos o programa despertou em você?
- O que você mudaria caso fosse diretor ou produtor do programa?
- Você percebe conteúdo vinculado à cidadania nesse trecho do programa?

## APÊNDICE 9

### Entrevistas em profundidade transcritas

#### Entrevista em profundidade com a Cláudia

##### **Que tipo de pessoa tu se considera?**

Eu sou uma pessoa que gosta muito de coisas certas. O que é certo é certo, o que é errado é errado. Sou um pouco braba. Sou calma, mas eu sou braba.

##### **Certo. E qual a importância da família na tua vida?**

Ai, toda, toda. A família é meu, é meu principal pilar. É tudo que eu procuro fazer pra tá perto, tá junto, tá o máximo possível curtindo. É o que me sustenta, o que me leva pra frente.

##### **E o quê que tu pensa do teu trabalho, quais tuas aspirações profissionais?**

Eu gosto muito de trabalhar aqui, gostei muito de ter mudado de setor. É uma outra visão, né? Tava acostumada a fazer um tipo de trabalho, agora tenho que fazer outro tipo de trabalho diferente E isso é bom que tu não fica fazendo sempre a mesma coisa todo dia. Então, mudança de rotina assim é boa.

##### **Qual é a atividade mais gratificante no teu dia-a-dia, aquela que te dá mais prazer no teu cotidiano?**

Acho que acordar e vim trabalhar mesmo, ter uma ocupação, alguma coisa pra fazer com a cabeça. (Pausa) Tá sempre em busca de, disso de não conseguir parar em casa e ficar o dia inteiro sem fazer nada. Impossível isso.

##### **E onde que tu acha que mais tem aprendido durante a tua vida? Na rua, na escola, na família, no trabalho? E quais foram as pessoas que tu acha que mais aprendeu?**

No trabalho aqui. Aprendi muito aqui tanto com o Paulo, com o Cláudio. De tarem sempre te cutucando ali pra tu pensar mais, ver mais, olhar mais pra frente; e a minha família também, que sempre me fez buscar isso , sempre buscar mais, tudo que eu podia, fazer tudo que eu pudesse e mais um pouco se pudesse.

**E quais as tuas atividades de lazer? O quê que tu faz pra se divertir?**

Vou ao cinema, saio pra jantar com o meu namorado, vejo filme em casa também. Mais essas atividades assim.

**O que é mais importante na vida pra ti? Se pudesse selecionar uma coisa.**

Minha família.

**Por quê?**

Porque sem eles eu não seria nada, sem eles eu não teria nada. (Pausa) Algo vazio. Trabalho é gratificante, mas a família é algo mais importante.

**O quê que tu pensa da participação dos meios de comunicação na formação das pessoas? Qual é a importância que esses meios de comunicação têm na sociedade?**

Muita, muita importância. Porque hoje em dia qualquer pessoa tem acesso a uma televisão. Às vezes não tem acesso à escola, mas tem acesso à televisão, então... os meios de comunicação, eles interferem grandemente na formação das pessoas. Em mostrar o que está acontecendo no mundo da forma deles, mostrar como que as coisas devem ser. Isso eu acho que, como é que se diz, entrar na cabeça das pessoas e vai tomando, às vezes é bom às vezes é ruim.

**E sobre a televisão, rádio, internet, jornais, revistas... De que maneira eles participam da tua vida?**

Eu costumo ler jornal, se não leio de manhã leio à noite. TV eu não tenho tido muito tempo, mas bastante jornal e internet, em menos quantidade. Mas o principal meio que eu tenho observado ultimamente mais jornal.

**Dentre esses meios, o que tu mais dedica tempo é o jornal. Mas em segundo lugar qual seria?**

TV.

**Televisão?**

Ahã.

**Por quê?**

Porque acaba ligando. Tu chega em casa tá fazendo, vai fazer alguma coisa liga e aquilo, mesmo que tu não esteja prestando atenção naquilo, aquela informação tá entrando, tu tá absorvendo.

**Tu costuma ir ao cinema, como você já disse, com que frequência, qual foi o último filme tu assistiu?**

O último filme foi aquele...(pausa), *Treze homens e um novo segredo*. Foi semana retrasada.

**E tu vai com frequência?**

Procuro ir uma vez a cada quinze dias.

**E qual o tipo de filme que tu prefere?**

Eu gosto de ação, comédia.

**E quanto tu pensa em informação, qual o primeiro meio de comunicação que te vem a cabeça, pra tu se informar?**

Jornal ou TV.

**Por quê?**

Porque é eu tô acostumada a ver assim direto, de primeira jornal e a TV. TV tu liga e já tem um canal só de notícias, então tu já...

**São os dois que tu tem mais acesso.**

É.

**E quanto tu quer se divertir, se entreter, qual o meio de comunicação que tu seleciona então, não mais pra se informar, mas pra se divertir?**

A TV também.

**Por que a TV?**

Assisti um seriadinho, ver alguma coisa assim.

**Quais são as notícias que mais te interessam? Sobre política, sobre a cidade, sobre trânsito, desastres, sobre tempo, mundo dos artistas, economia?**

Economia me interessa, política Né? Cultura, os eventos culturais, coisas assim.(Pausa) Violência. Acaba por te interessar pra saber como é que tá, apesar de ser...

**O quê que tu pensa sobre a programação das emissoras de TV?**

Às vezes falta a elas colocarem algo mais educativo, às vezes tem uns programas educativos que são às cinco, seis horas da manhã. Acho que eles deviam pensar em algo mais educativo na parte da manhã pra crianças que tão em casa. Procurar não distorcer tanto as notícias, como às vezes eles gostam de distorcer, de transformar em outra, criar um outro tipo de visão.

**E de que maneira tu acha que eles fazem essa distorção? Tu percebe isso nitidamente?**

Dependendo do contexto que tá acontecendo no país, eles dão importância pra determinados tipos de assunto pro povo não perceber que por detrás disso, por exemplo, a corrupção lá no...no governo tá enorme, então *Vamos tirar isso um pouco da pauta, vamos mexer mais aqui, aí as pessoas não se ligam no que tá acontecendo lá.* Coisas assim.

**E qual a tua opinião sobre a Rede Globo? Quais os pontos positivos e quais os negativos dela na tua visão?**

A Rede Globo manda no Brasil praticamente (risos). É uma organização enorme, ela é a mais vista, é a mais, é a que mais influencia o povo. Tem pontos positivos tudo que ela fez, tudo que ela cresceu, tudo que ela chega, ela coloca as notícias tudo até a última pessoa que tem televisão assiste a TV Globo, é o canal que mais pega no Brasil. E o ponto negativo é esse, é manipular as informações de acordo com o proveito que eles querem tirar. Fazer as novelas às vezes modificando alguns conceitos morais. Por exemplo, hoje não é feio tu ficar com alguém, amanhã eles podem dizer pra tu que não é feio transar com a pessoa na primeira vez que tu ver. Sabe? Modificar esses comportamentos assim, às vezes é complicado.

**Na programação da TV quando você chega em casa e liga a televisão, tu seleciona a programação pela emissora, pelo horário, pelo tema, porque alguém te diz que é interessante?**

Pelo horário, às vezes pelo horário. A gente já tem uma noção que tá passando isso em tal canal, tá passando aquilo. Vou tentar ver.

**Qual o horário que tu prefere pra ver televisão? Por quê?**

Eu gosto de ver antes de dormir, umas dez e meia quando eu deito, eu sempre ligo a TV e dou uma olhada. (pausa) Ou no horário do almoço, quando eu tenho oportunidade de ver o jornal, os noticiários na hora da janta. Um pouquinho difícil mas...

**E qual a emissora que tu tem preferência? Se tu pudesse selecionar uma: Tal emissora é a que eu me interesse mais. Qual seria e por quê?**

Eu curto muito ver o canal 42 do Multishow porque tem muita variedade de coisa assim. Gosto do GNT também.

**Por quê?**

No GNT tu tem documentário sobre várias coisas assim, comportamento. O 42 pela cultura. Às vezes eu gosto de ficar ouvindo música, às vezes tem clipes, às vezes tem uns programas de variedades de coisas assim que estão acontecendo no mundo, no Rio ou em São Paulo. O canal 36 eu gosto bastante em função das reportagens, dos noticiários que eles têm.

**O 36 é o...**

É o canal da RBS

**É o da TVcom?**

Isso, é o da TVcom.

**Qual é o tipo de programa que tu mais te interessa e porquê?**

Eu gosto bastante daqueles seriadinhos que passam na TV a cabo ou desses programas do GNT que tem, passam alguns sobre (pausa). E mais alguns seriadinhos também.

**Qual o tipo de programa que tu não assiste de jeito nenhum, que tu não tem interesse?**

Futebol.

**Qualquer tipo de esporte ou só futebol?**

Mais exclusivamente o futebol. ( risos)

**O que é a violência para ti?**

É a pessoa te afazer algum mal. Independente se é mal físico ou mal pra ti ou te desejar mal. Fazer um mal psicológico, físico. Isso é uma violência pra ti e para os outros.

**Tu já foi vítima de algum ato de criminalidade? Algum assalto? Alguma coisa assim?**

Quando eu era pequena assaltaram a minha casa, mas a gente não tava dentro. A gente chegou lá e viu que tinham assaltado. Só isso Graças a Deus.

**Mas tu nunca foi assaltada? Nunca passou por nenhum tipo de violência?**

Não, não. Ainda bem que não.

**No teu dia-a-dia, como é que o problema da violência interfere na tua vida? Tu se previne da violência de que forma? Tá sempre observando as pessoas, andando com cuidado, mudando o caminho pra casa...?**

Quando paro pra estacionar sempre olho pra ver se não tem alguém. Procuo não deixar o carro em lugar escuro ou sozinho, nem deixo muito tempo na rua. Quando sai de casa a noite tá sempre cuidando. Praticamente isso. O tempo todo tu tá de olho no que está acontecendo ao redor.

**Já deixou de ir em algum lugar porque achou que era perigoso e preferiu ficar em casa?**

Sim, já.

**Você confia na polícia da sua cidade?**

(pausa) A gente tem que confiar. Tem bastante gente... deve ter pessoas com más intenções. Na maioria das vezes a gente tem que confiar.

**Mas a gente tem ou tu espontaneamente acredita que eles fazem o papel...?**

Acredito que eles procuram fazer o papel que eles podem fazer.

**E tu vê muita diferença entre a Polícia Civil, a Brigada Militar e a Polícia Federal? Como tu avalia o papel de cada uma delas?**

Eu acho que a Brigada o papel, tá agitando bastante aqui na região pelo menos. A Civil não tenho muito conhecimento, a gente não escuta muito. E a Federal sim, a Federal a gente escuta bastante. Estão indo atrás e tudo que isso, é bem divulgado. Mas acho que as três deveriam se unificar mais. E não deviam ficar tão separadas.

**Como é que tu faz pra se informar sobre a violência? Qual o meio de comunicação que tu procura pra se informar mais sobre a questão da violência?**

A gente vê mais jornal.

**Jornais...**

Jornais da TV.

**É o que tu tem mais acesso?**

Isso. É o que tem mais acesso.

**Tu lembra como foi a primeira vez que tu assistiu o *Linha Direta*? Tava passando pelos canais...**

Sim, eu estava passando, acho que foi no início, botei e comecei a ver, porque eles contam, simulam, contam.

**Teve alguma exibição que te marcou? Algum programa que tu lembra até hoje?**

Não, não lembro. Mas eu vi várias e gostei bastante.

**Mas nenhum que tenha te chamado...**

Nenhum que tenha me marcado.



**Tu acha que o programa *Linha Direta* é um programa de utilidade pública quando eles denunciam esse foragidos? Tu acha que ele tem um papel positivo na sociedade?**

Sim, sim. Essa questão sim. Ele mostra história, o rosto do bandido. É alguma coisa que tá sendo feita, né? É nesse ponto que a TV tem papel. Qualquer um assistir aquele programa, que viu aquela pessoa lá com a foto estampando, que é o criminoso, vai poder colaborar, vai colaborar. É mais fácil.

**O *Linha Direta* dá visibilidade a uma série de crimes, ele mostra uma série de crimes. Tu acha que isso é positivo, porque faz com que as pessoas possam se proteger mais? Ou tu acha que isso é negativo, porque aumenta essa sensação de medo, de insegurança nas pessoas?**

Não. Eu acho que é positivo. Acho que as pessoas têm que estar cientes do que está acontecendo, de quantas barbaridades eles fazem.

**Porque tu acha que a Rede Globo mantém no ar um programa como o *Linha Direta* por oito anos? Quais são as intenções que tu percebe nessa proposta?**

A intenção de estar fazendo alguma coisa. Se não pode mostrar tudo, todas as barbaridades, pelo menos um programa dedicado pra fazer aquilo. Já é o começo de alguma coisa. Dedicado exclusivamente pra aquilo.

**O que tu acha da maneira que o programa *Linha Direta* retrata a violência? Ele mostra realmente a realidade ou tu acha que ele fantasia um pouco? E por quê?**

Não. Acho que ele mostra a realidade. Fantasiar mais??? Não tem como fantasiar mais... Aquilo ali é o que aconteceu mesmo. Conforme o que foi possível apurar.

**O que tu sente quando tu vê aquelas histórias sendo exibidas no programa? Tu se coloca no lugar da família, dos amigos da vítima que dão aqueles depoimentos? Tu tem um envolvimento com aquilo ali ou tu se mantém mais neutra, não se envolve tanto?**

Consigo me manter um pouco mais neutra. É triste ver o que acontece. Pode acontecer contigo.

**O que tu pensa da maneira como a polícia é retratada na televisão? De maneira geral como é que tu pensa que ela é mostrada?**

(pausa) Eu acho que eles não mostram muito. Acho que eles talvez pudessem mostrar do que eles fazem. Às vezes a gente acha que eles não fazem muita coisa mas na realidade eles fazem (risos). A gente não tem noção exata do que eles estão fazendo.

**Sobre a pena de morte e a diminuição da maioridade penal de 18 para 16 anos, como é que tu acha que a televisão tem tratando esses assuntos?**

Eles não podem se envolver muito. Com relação à diminuição da maioridade penal é um assunto que vem e que não vem. Acho que devia ser mais batido essa tecla. A pena de morte eles não podem falar muito. Tem gente a favor, tem gente contra. Eles não pode tomar muito partido...

**De que maneira eles te ajudam, eles esclareceram as questões ou tu acha que continua tudo muito... que isso não ajuda a população a tomar uma posição a favor ou contra? Ou tu acha que a televisão tem ajudado nessas questões?**

Na questão da maioridade penal eu acho que eles não têm ajudado a explicar diretinho porque que deve ser reduzida ou não.

**O que tu acha que é ser cidadão?**

É fazer parte de uma sociedade. Fazer parte de uma sociedade, contribuir com que é possível. Votar, não votar. Fazer tua parte no lugar, na comunidade onde tu vive. Procurar fazer.

**Qual a atividade do teu dia-a-dia que tu se sente mais cidadão? Que tu exerceu a tua cidadania? Em qual atividade?**

(pausa) Trabalho.

**Por quê?**

Porque eu tô realizando alguma coisa pra melhorar, como é que é tu tá agindo com o meio. Tá dando a tua parte. Tá dando a tua contribuição pra que as (pausa). Como é que se diz? Que as funções estejam sendo feitas. (pausa) Como se fosse uma cadeia de coisas.

**Como tu acha que tu pode contribuir com a sociedade? Tua visão de contribuição pra esse sistema?**

Contribuir fazendo trabalho social também, né? Trabalho voluntário. (pausa) Arrumando tempo pra fazer isso. Acho que podia contribuir mais.

**Tu acha que é uma opção?**

É uma opção.

**Além do trabalho, poder se dedicar...**

É.

**Como você acha que os meios de comunicação podem ajudar o cidadão a exercer a cidadania dele? De que forma tu acha que os meios proporcionam isso?**

(pausa) Pois é. (pausa) Mostrando mais os direitos, os deveres das pessoas. Mostrando onde as pessoas podem buscar auxílio quando estão precisando. (pausa) Essa parte sim.

**E tu acha que isso acontece hoje em dia?**

Acho que tem. Tem um programa no sábado de manhã, antes de vir trabalhar, às vezes, que passa no... com o Serginho Groisman.

**Tu já foi em algum meio de comunicação? Algum jornal, alguma coisa pra reclamar, pra lutar pelo teus direitos, na medida que isso não foi conseguido de outra forma? Tipo, comprou alguma coisa e tu não conseguiu trocar pelos meios normais, legais e tu foi no jornal e reclamou no rádio. Alguma coisa assim?**

Não, não tive essa oportunidade ainda (risos). Consegui trocar, não tive algum problema. Não tive essa... Mas é uma forma. Vejo as pessoas fazendo isso mesmo.

**E de que maneira tu acha que a televisão especificamente pode contribuir assim de forma a contribuir o cidadão a praticar essa cidadania?**

(pausa) Com programas voltados pra isso. Tem aquele canal *Futura* que tem bastante coisas voltadas pra esse ponto. Programas que mostram (pausa) essa parte da cidadania.

**Como tu acha que o governo vem tratando a questão da violência urbana?**

Eles vêm tentando, tentando, mas eles não conseguem resolver. A polícia era pra resolver isso, eles não conseguem colocar... Eles não conseguem dar melhores condições pra melhorar isso. Eles só vêm tentando.

**Mas tu acha que são tentativas mais fracassadas do que de sucesso?**

Mais né? É porque hoje em dia tu vê nas ruas em Porto Alegre. As pessoas contratam guardas pra ficar lá de noite cuidando da rua e tu não tem condições de cuidar.

**E quais seriam as tuas sugestões pro Governo tirar essas pessoas da rua antes que elas virem criminosos, uma atitude preventiva?**

Na escola, eu acho com atividades (pausa) pra que não fiquem na rua.

**Que tipo de atividades?**

Esportes, montar um time de..., montar um grupo de cursos, aqueles cursos profissionalizantes. A pessoa estuda de manhã e de tarde vai fazer outra coisa. Preencher o tempo dela.

**Tu acha correto o *Linha Direta* se intrometer? Ele atua numa área que oficialmente não é a área dele, seria área da polícia, da justiça. O que tu pensa sobre isso?**

Sim. (pausa) É alguém fazendo alguma coisa (pausa). Cutucando, não deixando aquilo ficar no esquecimento.

**Tu acha que se for só através da polícia e da justiça isso ia cair no esquecimento?**

É né? Não teria tanto acesso àquelas histórias, ao que acontecer.

**Como é que tu vê a relação entre a televisão e o governo? Que tu acha dessa relação?**

(pausa) Eu acho que a televisão tá numa posição muito mais (pausa), melhor que o governo. Porque o governo depende do que a televisão tá mostrando pra eles.

**Mas tu acha que é uma relação conflituosa? Uma relação de cumplicidade? Como tu percebe essa relação?**

Percebo um pouco de cumplicidade.

**Porque tu vê isso?**

Porque a TV não pode ir contra o governo e nem o governo contra a TV. Acho que, às vezes, tu tira, tu bota outra história pra pessoas não perceberem que está acontecendo aqui. Toda essa folia que tem no Senado de roubo. E agora começa o Pan. E aquilo lá fica escondido tal e quieto.

**Qual a tua opinião, uma explicação por que chegou nesse ponto de violência no nosso país? Alguma... você vislumbra algumas razões específicas? Por que que a gente deixou chegar a este ponto?**

Má administração do governo (pausa). Acho que é o fundamental, um país tem que investir em escola, em polícia, em segurança, diminuir a pobreza.

**O que tu faria se tu fosse dona de um meio de comunicação - uma televisão, um rádio, um jornal impresso – contra essa situação?**

(pausa) Olha, também não saberia te dizer por onde que eu começaria a fazer alguma coisa. Talvez (pausa) tentar não manipular tanto assim as notícias em favor, em benefício do que renderia mais. Talvez até não daria certo. (risos)

## **Entrevista em profundidade com Yuri**

### **Que tipo de pessoa tu se considera?**

Pro-ativo.

### **Mas pode falar mais.**

Sou uma pessoa pro-ativa, procuro levar a ética em primeiro lugar na minha vida e tenho em primeiro lugar consideração a minha família e em segundo meus amigos, amigos mesmo assim. Seria basicamente isso.

### **E qual a importância da tua família na tua vida?**

É o primeiro lugar em tudo, seja no trabalho, amigos, profissão, qualquer coisa. Deixo tudo de lado, primeiro a família em qualquer circunstância ou situação.

### **E o que tu esperas do teu trabalho, tuas aspirações profissionais?**

Eu busco sempre o crescimento profissional focado sempre numa área só. Eu já tenho... estudo Engenharia e tenho aquilo focado desde o início do caminho. Não tenho nenhuma indecisão. Então eu procuro me especializar nisso e fazer o melhor trabalho naquela área.

### **E alguma aspiração, dentro da tua área, o que tu pretende?**

Eu pretendo ser o melhor. Procuro o crescimento constante. Não tô, não tenho um olhar que eu vou chegar até lá, vou fazer um mestrado e lá eu vou parar. Se tiver, se aparecer uma outra coisa que ultrapasse isso eu quero seguir. Eu quero passar minha vida inteira estudando.

### **Qual a atividade mais gratificante do teu cotidiano da hora que tu acorda até a hora que tu vai dormir? O que te dá mais prazer durante o teu dia?**

Eu acho que o que dá mais prazer é encontrar os meus amigos no final do dia. Faz meio que um coffee break assim, a gente conversa, por causa que todos trabalham e passa o dia separado. Quando era novo a gente passava o tempo junto então o que é mais legal pra mim é encontrar os amigos no final do dia e conversar.

**Onde é que tu acha que mais tem aprendido durante tua vida? Na rua com a vida, assim, na escola, com a família, com o trabalho, amigos? Com quem tu acha que mais tem contribuído para o teu aprendizado? Que pessoas? E os lugares?**

Eu acho que mais com o cotidiano, na rua com os amigos. É de onde eu mais tiro experiência assim. Se tu for fazer um somatório, uma análise legal de tudo foi com os amigos. Família mais na questão moral, ética que vai formar o teu ser. Os amigos me deram experiência.

**Quais são as tuas atividades de lazer?**

Lazer? Esportes, musculação, academia. Esporte como basquete, tênis e futebol, raramente, porque o Brasil é o país do futebol. Quem não joga futebol, né? ( risos)

**Mas tu consegue fazer isso no teu dia-a-dia ou é mais no final de semana?**

Mais no final de semana e não todos, um final de semana um, depois outro. Não tem muita oportunidade por causa do trabalho e eu estudo.

**O que é mais importante na vida pra tu? Tu meio que já respondeu que é a família...**

É a família. O mais importante é a família. Em segundo lugar os amigos. É dentre eles é uma pessoa que eu considero amiga também é minha namorada, que é minha namorada e amiga, dentre eles é o mais importante.

**O que tu pensa da participação dos meios de comunicação na formação das pessoas? Da atuação dos meios de comunicação na sociedade?**

Eu acho que ela é muito ativa, por causa que pra mim o que tu vê é o que vai formar o teu jeito de ser, por exemplo, crianças e etc, olham muitos exemplos num tipo de programa, aquele do domingo. Aqueles bem clássicos, *Domingo Legal*, etc, que traz uma abordagem pesada pra criança. Elas já crescem com aquilo dentro da cabeça. Então eu acho que influencia muito a pessoa.

**Mas tu acha que essa participação se dá de uma forma positiva? De uma forma negativa?**

Negativa, totalmente negativa. Hoje em dia infelizmente a abordagem dos programas é negativa.

**Sobre a televisão, jornal, rádio, internet, tua acha que de que maneira eles participam da tua vida especificamente?**

Na minha vida, mais pela informação, mais pelo telejornais, área esportiva também eu assisto muito. Mas programas que são aí só pra entretenimento nem um tipo eu assisto.

**E qual deles tu dedica mais tempo? Qual que tu tem mais acesso?**

Os telejornais, acho que...

**A televisão então?**

A televisão e o rádio, mais quando eu estou me deslocando de um lugar pro outro. Ônibus, carro.

**Primeiro a televisão, depois o rádio?**

Isso, primeiro televisão, depois o rádio.

**E tu costuma ir ao cinema?**

Não, vou pouco. Porque aqui em Caxias do Sul é uma cultura que não vai muito ao cinema, nem teatro. O pessoal procura mais no final de semana ir pra balada. Cinema vou pouco.

**Tu lembra qual foi o último filme que tu viu no cinema?**

Lembro. Foi *O Diabo veste Prada*.

**E qual o tipo de filme que tu prefere? Não só pra cinema, mas em casa também.**

Eu gosto muito de suspense, que envolve aventura. Alguma coisa que tem que raciocinar pra descobrir a moral do filme.

**Quando tu pensa em informação, qual o primeiro meio de comunicação que te vem a tua cabeça pra tu se informar?**

Televisão.

**Por que a televisão?**



Por causa que é o que mais tem acesso hoje em dia todo mundo assim. É o mais focado. A mídia hoje em dia. Quem quer, por exemplo, fazer a propaganda de um produto vai procurar primeiro a televisão por causa que é o mais assistido, né? Então o que me vem à cabeça é a televisão primeiro.

**E pra entreter, se divertir, tu disse que não utiliza muita comunicação pra isso. Mas se tiver que tipo *não tô fazendo nada, vou passar meia hora com os meios de comunicação pra diversão*. Qual que tu escolheria?**

Internet.

**Por quê?**

Por causa que eu posso me comunicar com outras pessoas e posso ter informações de notícias, tudo. Então Internet é um negócio bem abrangente.

**Dentre as notícias, o que mais te interessa? Notícias sobre política, cidade, trânsito, desastre que aconteceu, sobre o tempo, economia, o mundo dos artistas. O que mais tu tem interesse em ficar atualizado?**

Eu acho que é notícias do cotidiano que seja marcante, por exemplo, uma tragédia muito marcante. Telejornal assim no caso, as informações diárias. O tempo, coisas que tu vai precisar para o teu dia-a-dia. Alguma mudança que houve na cidade que vai te afetar. E em relação a entretenimento, os esportes. Futebol basicamente.

**O que tu pensa sobre a programação das emissoras de televisão?**

Elas são... dá pra ver que são bem estudadas, pelos horários e pelos tipos de programas. Por exemplo, à tarde o tipo de programa que passa dá mais pro pessoal mais jovem, crianças. A noite já passa o telejornal que adultos vão assistir. Ou novela, particularmente, eu acho perda de tempo. Eu acho que é uma programação focada pra dar audiência e automaticamente ter dinheiro. Não pra um crescimento cultural da população.

**Em termos de qualidade, como tu avalia essa programação?**

Qualidade péssima. Bom , ruim, ótimo. Vou pro péssimo, o pior.

**Qual tua opinião sobre a rede Globo? Positivo, se é que existe, negativo?  
Como tu avalia a presença da Globo na sociedade?**

Ela é bem influente. Das emissoras que tem é a mais influente que tem. Eles passam muito o que eles querem em relação a política. Eles influenciam muito, querendo ou não querendo assim. Pelas novelas deles, eles passam os valores. Ela é influente, eu acho, mais da forma negativa que positiva. Pontos positivos têm pela informação, no cotidiano eles são bem atualizado. Só que mais pontos negativos pelos... que eles passam a idéias deles, não o que geralmente é o certo.

**Quando tu vê a televisão o que te leva a selecionar um programa? É a emissora, o horário, a temática dele? Alguém te disse que tal programa era interessante pra ver? O costume? O que te faz escolher determinado programa?**

Ou é costume, porque eu já conheço o programa e sei que é bom, sei do que trata a temática ou se eu vou assistir um programa novo é por indicação. Me diz o horário, o canal eu vou lá e vejo, porque foi um amigo meu que indicou, sei que ele tem gosto bom. Se ele indicou mesmo e eu vejo que não é legal, tudo pra ter uma opinião concreta.

**Qual o horário que tu prefere pra ver televisão? Que tu costuma ver televisão?**

À noite, à noite perto da meia noite. Entre onze horas e uma hora da manhã. Passam filmes interessantes. E antes disso lá pelas oito que eu vejo telejornal.

**Qual o tipo de programa que tu gosta mais? Que mais sente interesse?**

O programa que mais sinto interesse... programa em si nenhum. Mais filmes, da programação de filmes da televisão é o que mais interessa.

**O que tu não tem interesse? Tipo se está passando, tu muda de canal?**

Programa de auditório e novelas. Troco de canal.

**Por quê?**

Por causa que o programa de auditório chega a ser meio patético. Chamam os artistas pra fazer brincadeira e tal, tal, tal. Só que eu vejo que aquilo não está me

acrescendo nada na minha vida de conhecimento tudo. Novelas são porque não é realidade, é uma história. Não gosto particularmente.

**O que é violência pra ti?**

Violência pra mim é... a primeira palavra que me vem a cabeça é agressão. Só que a agressão pode ser de muitas formas. Pode ser agressão no ter, ser, por exemplo (pausa) questionamento, a tua idéia, pode agredir a tua opinião, pode agredir o teu físico. São diversos tipos de agressão.

**E tu já foi vítima de algum ato de criminalidade? Algum assalto, alguma coisa relacionada à violência?**

Sim, já fui assaltado a mão armada e a mão desarmada também.

**E como foi isso?**

Fiquei nervoso na hora, mas...

**Digo assim onde você estava, como foi esse caso?**

Foi na rua. Os dois casos foram indo da minha casa até a faculdade. A distância não é muito curta, mas também não é muito longa. Então dar pra ir de a pé tranqüilo. Então voltando à noite, que estudo só à noite, daí vieram os caras me roubar, me assaltar. Levaram pertences pessoais e...

**As duas vezes foram mais ou menos a mesma coisa?**

As duas vezes foram mais ou menos a mesma coisa. Quase que no mesmo local.

**Só que em uma, eles estavam armados um deles estava com revólver?**

Estava com a arma.

**E faz tempo?**

Uma foi em 2004 e a outra foi em 2006, final do ano, próximo do Reveillon.

**No teu dia-a-dia, como o problema da violência interfere na tua rotina?  
Como tu se previne? Tá sempre observando as pessoas, tendo cuidado?**

Se eu tô num meio muito movimentando, caminhando, eu procuro observar se não tem ninguém me seguindo.

**E tu muda os caminhos de casa pro trabalho? Tem essas atitudes?**

Mudar o caminho que faço?

**Isso.**

Não.

**Já deixou de ir pra algum lugar porque era perigoso o lugar, o caminho...?**

Sim. Geralmente pra alguma festa ou boate, coisa que eu sei que lá não é mesmo que seja um show legal, que tu curta a banda, a música e eu sei que são pessoas de não tão boa índole que freqüentam, eu já deixei de ir.

**E tu confia na polícia da cidade?**

Não, não confio.

**Por quê?**

Por causa que eles não são de caráter. Eles são subornados, até eu propriamente já subornei a polícia juntamente coma minha mãe, porque eu estava sem carteira de motorista. Então só me bastou pra ver que os caras não são honestos.

**Como tu vê a diferença entre a polícia federal, a civil e a brigada militar?  
Como tu avalia cada uma dessas três?**

Brigada militar pra mim ela atua só na cidade, eles não têm uma influência muito grande. Eu vejo como os mais corruptos, por causa que só aqui no meio. Bom, rola boato, notícias a até no jornal da cidade. Polícia civil, ela nem se ouve muito falar, porque trata de outros assuntos. Ela existe, é vista na cidade, mas não é visto o trabalho deles. E a polícia federal só pela mídia eu fico sabendo, no caso, corrupções, tráfico de drogas e coisas do gênero. Mas no meu dia-a-dia não consigo ver nenhuma coisa.

**Mas tu avalia essas três instâncias de que maneira?**

A brigada militar eu avalio como uma instituição ruim o trabalho deles. A polícia civil eu acho que não tem um como fazer uma avaliação, por causa que eu não conheço o trabalho que eles realizam. E a polícia federal também como ruim, por causa que pelo que a mídia diz eles descobrem onde é que tá o furo só que eles não resolvem.

**Como é que tu faz pra ter informações sobre o problema da violência? Quando tu quer se informar sobre a violência qual o tipo de meio tu procura para te dar essas informações?**

Em primeiro lugar eu pesquiso pela internet, que é mais focalizado. Em segundo lugar a televisão, telejornais especificamente.

**O programa *Linha Direta*, tu lembra porque tu assistiu o programa? Estava passando os canais, acho interessante e continuou? Como é que foi o primeiro contato com o programa?**

Como eu descobri o *Linha Direta* eu particularmente assisti desde o começo. Era uma coisa diferente, uma abordagem diferente do apresentador. Ele sempre faz com que aquilo seja totalmente diferente, lembrava muito aquele outro apresentador... Gil Gomes, acho que era ele faz alguma coisa como se aquilo fosse espetacular. Daí me chamava a atenção e eu ficava olhando. Mas quando vê já é uma coisa que já tinha acontecido outras vezes.

**E teve algum programa que te marcou? Algum programa?**

Não.

**Alguma temática que te chamou atenção?**

Não, nenhuma.

**Tu acha que o *Linha Direta* é um programa de utilidade pública, porque ele denuncia os ladrões? Ele atua de forma positiva na sociedade?**

Eu acho que por um lado sim. De um lado positivo, porque ele denuncia os criminosos e funciona como um disque denúncia. E mostra para as pessoas o que acontece, a realidade que tá acontecendo. Não na cidade, mas lá do outro lado do país. Faz refletir as leis de penas, se sai uma nova lei se tu vai concordar ou não. Acho que desse lado é positivo. Mas de forma negativa é porque ele não está preocupado com o

bem estar da população, mas pelo dinheiro também, propriamente dito, com audiência, então essa parte é negativa. Eles apelam um pouco.

**O *Linha Direta* dá visibilidade, ele mostra uma série de crimes e tu acha que é positivo, porque ele leva as pessoas a se proteger, a se precaver mais? Ou tu vê isso mais como negativo porque ele dissemina, ele aumenta a sensação de pânico, de insegurança na população?**

Eu acho que é mais o lado positivo, o lado negativo nem vejo muito. O lado positivo é que é que a pessoa, como tu diz, vai se precaver, saber o que realmente acontece saber o que realmente acontece. Eles dão até dicas de como a pessoa pode se precaver, contra os seqüestros relâmpagos e coisa do gênero. Eu vejo pelo lado positivo.

**Porque tu acha que a Rede Globo mantêm no ar 8 anos um programa como o *Linha Direta*?**

Por causa que dá audiência, não tem outra. Audiência é dinheiro. Eu acho que eles nem vêem muito o lado... o lado social de cidadania. É só audiência.

**O que tu acha da maneira que o programa retrata a violência? Ele mostra a realidade que vem acontecendo ou tu acha que ele fantasia, apimenta um pouco?**

Apimenta bastante. Acho que não é a realidade sempre o que acontece. Eles botam muito as...por causa que eles fazem simulações com atores e ali eles manipulam. Então eu acho que é muito apimentado.

**Quando tu vê aquelas histórias, aquelas pessoas, o que tu pensa? Tu se envolve com a família, com os amigos? Meio que se coloca no lugar daquelas pessoas ou mantêm uma distância do que está sendo exibido? Como tu se envolve com aquelas histórias?**

Mantenho distância. Procuro não me envolver. Distância total.

**O que tu acha da maneira como a polícia, seja a brigada, a civil, como as polícias vêm sendo retratadas na televisão?**

Na minha opinião como coitadinhos. Eles não têm equipamentos, têm baixos salários, têm que arriscar a vida. Por um lado isso aí tá certo, realmente é verdade. Mas se eles fossem ajeitar isso até ia diminuir a corrupção dos policiais. Mas pra mim eles

são muito corruptos. Não digo a maioria, mas metade mais ou menos é. E isso se deve às más condições que são dadas a eles. Acho que em relação à polícia, o que retrata da polícia está certo.

**Como tu acha que a televisão vem tratando a temática da pena de morte e da diminuição da maioridade de 18 para 16 anos? O que tu pensa da maneira como a televisão vem tratando essa discussão?**

Eu acho que eles vêm generalizando os dois fatores. A maioridade penal por causa de alguns crimes que acontece entre alguns menores e que eles querem generalizar. A televisão mostra dois, três casos polêmicos, sem fazer um estudo comparativo. Já em relação à pena de morte (pausa) generaliza também por causa de crimes hediondos. Por causa de alguns já querem generalizar pra todos a pena de morte. No caso da pena de morte, eu acho que até é positivo ser instituído no Brasil, já a maioridade penal não.

**Tu não acha que a televisão tem esclarecido tanto?**

Não. De certa forma não tem mostrado tanto, não tem mostrado a realidade.

**O que tu acha que é ser cidadão?**

Pra mim ser cidadão é primeiramente respeitar os outros moradores da cidade, votar, preservar a tua cidade, fazer, participar de campanha sócio-educativa. Campanhas sociais como um todo, ajudar a pobreza, etc. e tentar contribuir para uma sociedade melhor de algum jeito.

**Qual a atividade do teu dia-a-dia que tu se sente mais cidadão? Qual a atividade que tu acha que mais exerce o teu papel de cidadão?**

No dia-a-dia? Eu acho que na faculdade, por causa que trabalho muito com trabalhos sociais e alguns deles são trabalhos que valem pontuação. Então ali é onde mais exerço a cidadania.

**Por que esse trabalho na faculdade tem vínculo com trabalho social?**

Vincula.

**Como é que tu acha que pode contribuir com a sociedade de forma mais positiva?**

Eu acho que com pequenas coisas partindo de mim. Jogando lixo na lixeira (pausa), tentando ajudar de alguma forma programas sociais, instituições. E pequenas coisas nesse gênero acho que eu vou contribuir. E se todo mundo fizer igual vai ser um todo.

**Tu acha que os meios de comunicação, eles podem ajudar? Eles têm como ajudar as pessoas a exercer a cidadania? Eles podem ajudar as pessoas a praticar o seu lado cidadão?**

Tem, tem muito. Por causa que, como falamos no outro bloco de perguntas, a televisão é um dos meios de comunicação mais vistos. Muitos programas de governos que tentam instituir alguma idéia seja passada geralmente dá certo, por causa que todo mundo tem acesso, então dá certo sim.

**Tu acha que através da informação ela consegue viabilizar isso?**

Acho que sim.

**Tu já foi em algum meio de comunicação reclamar de algum serviço que não tenha sido prestado corretamente? Por exemplo, tu comprou uma coisa com defeito e não conseguiu trocar, aí quis recorrer aos meios legais, mas tu também não conseguiu, então fez uma denúncia no rádio, escreveu para um jornal? Algum tipo de coisa assim já aconteceu contigo?**

Já aconteceu, mas eu não tomei precaução assim, passar na rádio, jornal ou qualquer outra coisa. Aconteceu eu fui passado pra trás no caso e deixei por isso mesmo.

**Não te ocorreu m fazer essa denúncia nos meios de comunicação?**

Não, não me ocorreu essa idéia.

**Então tu acha que a contribuição da televisão pra cidadania das pessoas se dá através da informação? Mais alguma coisa pra falar sobre isso?**



Só através da informação, de campanha. É bem, como eu posso te dizer (pausa) me fugiu a palavra... Ela funciona bem em relação a uma campanha. Por exemplo “Use camisinha”.

**Tu acha que ela consegue ter acesso a um grande número de pessoas?**

Isso aí.

**Como é que tu acha que o governo vem tratando o problema da violência urbana?**

Eu acho que não é prioridade do governo hoje em dia o problema da violência urbana. Eles estão cuidando muito de outros aspectos, sendo que esse aí deixam pra segundo ou terceiro plano. Mas aqui no Rio Grande do Sul, particularmente, a governadora Ieda tá dando atenção maior pra isso, tando em relação à remuneração dos funcionários da área, quanto contratação de novos funcionários, distribuição de equipamentos pra eles e tudo isso aí pra diminuir a violência urbana, o tráfico, tudo. É um todo né?

**Tu disse que o governo prioriza outros assuntos. Quais assuntos são estes?**

Eu acho que saúde eles dão muita importância, educação e corrupção.

**E quais seriam as tuas sugestões pra que o governo tirassem essas pessoas da rua antes que virassem criminosos? Uma atuação preventiva pra que essas pessoas que acabariam entrando no mundo do crime fossem tiradas das ruas?**

Eu acho que a educação primária, o primeiro grau, deveria ser uma coisa que em todo os estados brasileiros da 1ª a 8ª deveria ter o mesmo grau de funcionalidade, da mesma qualidade. E devia ser de acesso gratuito. E aí todo mundo ia ter uma formação primária melhor, porque é aí que o indivíduo forma seu caráter e eu acho que ia cortar o mal pela raiz. Ia começar o quanto antes.

**Tu acha correto que o *Linha Direta* se intrometa na área da polícia e da justiça? Controlar, denunciar as pessoas foragidas é um papel da polícia e da justiça? Quando o programa se mete nesse campo é um ponto positivo ou não?**

Eu acho positivo porque torna o trabalho deles mais eficaz. E até mostra pra população que a polícia e a justiça não mostra, não diz o que tá acontecendo. Torna o programa mais eficaz, eu acredito.

**E como tu vê a reação entre o governo e a televisão?**

Televisão e o governo eu acho que são coisas muito próximas, por causa que... até o que a gente tava falando da Rede Globo tem seus candidatos e conforme eles passam algumas políticas e dão informação pra população através da televisão, isso aí vai fazer com que os eleitores que não pesquisam, votam simplesmente por olhar a tua propaganda eleitoral na televisão escolhe o tal candidato. Então eu acho que são muito próximos, governo é escolhido pela televisão.

**Tu acha que é mais uma relação de cumplicidade do que de conflito?**

Isso aí.

**Por que que tu acha, qual o fator ou os fatores que fizeram com que a gente chegasse nessa situação de violência urbana caótica no Brasil? O que tu acha que fez a gente chegar nesse nível tão caótico?**

Tão pesado. Eu acho que o governo. As atitudes tomadas pelo governo, elas não foram preventivas no passado e tornaram isso hoje uma coisa muito grande, uma bola de neve. Foi crescendo, crescendo, e hoje em dia no caso dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, o tráfico comanda uma certa área e a polícia não tem acesso. Acho que isso aí é incabível, a polícia devia ter controle total de toda a situação. O que não acontece hoje por causa da má administração dos governos anteriores. E a má administração continua desses governos.

**Se tu fosse dono de um meio de comunicação, de um jornal, televisão, rádio, o que tu faria com esse meio de comunicação na tentativa de tentar melhorar essa situação, tentar barrar essa situação de violência que se instaurou?**

Eu ia tentar ter idéias pra instituir programas que mexam com o pensamento das pessoas com relação a cidadania, responsabilidade social que envolve essa questão da violência. Eu ia tentar colocar o maior número de propagandas que não apóiem esse tipo de prática. Eu ia fazer com que o começo, a violência não se desenrolasse, no caso, não uso de drogas, abolir o tráfico que financia a violência, coisas do gênero.

## **Entrevista em profundidade com Vítor**

### **Que tipo de pessoa você se considera?**

Uma pessoa legal, amigável, se depender de mim eu ajudo. Agora... é uma descrição assim que eu sou. Se precisar de mim eu estou à disposição. Eu tiro minha roupa pra dar pra alguém.

### **Qual a importância que tem a família na tua vida?**

Família é fundamental, por causa que é a base de tudo. Onde a gente nasce e o resto da vida, por causa que ela é estrutura da gente ser um profissional futuramente quando a gente é criança estabelecer.

### **E tu já é casado? Tem filhos?**

Sim, sou casado, tenho filho. E tô tentando passa pra ele o que meus pais me ensinaram. Educação é tudo.

### **E o que tu pensa do teu trabalho? Quais são as tuas vontades de trabalhar, de crescer?**

Crescer, sempre o cara tem que pensar em crescer. Eu já tô estudando agora mesmo. Eu passei num curso técnico aí, e me aperfeiçoando mais, adquirir um benefício a mais, uma carreira a mais, trabalhar mais...

### **Qual é a atividade mais gratificante no teu dia-a-dia? Durante o teu dia, da hora que tu acorda até a hora que tu dorme, o que te dá mais prazer? O que tu mais gosta de fazer?**

No trabalho ou em casa?

### **No teu dia todo. Na hora de dormir o que te dá mais prazer, mais realizado?**

O sorriso do meu filho, meu filhinho.

### **Tá, teu filho então?**

Sim.

**Onde mais tu tem aprendido durante toda tua vida? Na escola, na família, no trabalho? Em qual lugar que tu mais acha que tem aprendido e com quem? As pessoas que tu mais acha que te ensinaram durante a tua vida toda?**

Em primeiro lugar minha mãe me ensinou vários fundamentos da minha educação e hoje tô aprendendo com meu filho a ser paciente. Não sou muito paciente. E ter mais paciência e mais espontaneidade.

**E nos lugares? Você acha que tu aprendeu na escola, na rua mesmo?**

Na escola. Eu estudei em escola pública, mas uma escola ótima. É a base de tudo. Depois da família é a escola. Agora tu pega uma escola aí que não quer nada com nada e vai ver as crianças que saem de lá.

**Quais são as tuas atividade de lazer? O que tu faz pra se divertir?**

Ah, não tenho tempo. Trabalho durante o dia, de noite...

**Final de semana?**

Só final de semana. Jogo uma areia, bato um papo com os amigos lá do condomínio e é isso aí.

**Não sobra muito tempo não. E o que é mais importante na vida pra ti de tudo?**

Saúde, o mais importante.

**Ter saúde?**

Ter saúde. Se não tem saúde não tem como trabalhar pra buscar o dinheiro.

**E não tem o resto, né?**

É.

**O que tu acha da participação dos meios de comunicação na formação das pessoas Qual a importância do rádio, televisão, jornal, revista, internet têm na sociedade? O que quê tu pensa sobre isso?**

Principalmente nos adolescentes e crianças que afeta muito. Porque nas crianças... as crianças vão buscar ali o grau do seu, de suas instruções. Tipo, aconteceu

uma violência eles vão querer procurar fora também com seus amigos, com coisa. Aí acarreta muito no psicológico das crianças, dos adolescentes.

**Mas tu acha que de maneira geral, não só nas crianças, mas em todo mundo, nos adultos, nos jovens?**

Pra tudo assim tá beleza. Tu olha o que quer. Hoje tem várias opções de canais de programas variados. E tu olha o que quer. Se quer olhar *Linha Direta*, uma *Praça é Nossa*. Mas daí é em ti.

**Mas o que tu pensa dessa participação da sociedade? Tu acha que é importante?**

Acho que é importante.

**Por que tu acha que é importante?**

É importante porque assim conhece os fatos que tão ocorrendo. E como a *Linha Direta*, ela foca no indivíduo que tá foragido, então já recupera.

**A televisão, rádio, jornal, internet, como eles participam da tua vida ? Você vê mais televisão ou lê mais jornais ou...**

De manhã cedo escuto noticiários.

**Na televisão?**

Não, no rádio. O que tá ocorrendo aqui no Rio Grande do Sul e no país. É pelo rádio que eu acompanho as notícias.

**De manhã é mais rádio então?**

É mais rádio. De noitezinha os jornais, o fechamento do dia. Eu só chego de noite, então eu vejo o fechamento do dia, o que foi dado na...

**Na televisão?**

Na televisão.

**É mais rádio e televisão então?**

É.

**O que tu tem mais...**

Mais meio de comunicação que eu recebo.

**Qual deles é o que tu tem mais... Mais rádio ou televisão?**

Mais televisão. Final de semana.

**Depois da televisão seria o rádio?**

O rádio.

**Jornal impresso revista, internet, isso é menos?**

Isso é pouco, porque eu não tenho muito tempo.

**E tu costuma ir ao cinema? Tu gosta de ir ao cinema? Costuma, freqüenta?**

Cinema não gosto muito, mas gosto de locar uns filmes só. Fazer umas locações de filmes.

**Mas ir pra ao cinema mesmo tu...**

Não.

**E tu lembra qual foi o último filme que tu assistiu no cinema?**

No cinema? Ah! É que onde eu morava não tinha cinema.

**Mas aqui em Caxias?**

Aqui em Caxias não fui.

**E qual o tipo de filme que tu prefere mais? Ação, aventura...**

Ação, suspense, drama. Menos ficção. Ficção não gosto.

**E quando você pensa em informação? Você quer se informar, qual o primeiro meio de comunicação que tu pensa pra se informar?**

Sobre notícias?

**Você quer se informar sobre o que tá acontecendo...**

No rádio.

**Rádio? Por que tu escolhe o rádio então?**

Porque é o meio, é o meio de locomoção que eu tenho até chegar ao trabalho. É o fone que eu uso.

**Por quê? Tu vai escutando até chegar?**

É. Até meu trabalho. É o único tempo.

**Tu escolhe pela facilidade de acesso?**

Pela facilidade de acesso. Senão eu teria na televisão.

**Então pra se informar é mais rádio ?**

Isso. De manhã.

**E quando tu se quer se divertir, sem ser pra tu se informar, mas pra se divertir, descansar, enfim... Qual o meio de comunicação que tu prefere?**

O meu lazer?

**É. Pra lazer.**

É, olhar a televisão.

**Por que televisão?**

Porque tem uns entretenimentos bons, legais...

**Tipo o quê?**

Tipo por exemplo? Assim de cabeça não sei... Futebol pra homen. Tipo uns programas de humor que eu assisto.

**Quais programas de humor?**

Pânico. O que mais...

**Pra se divertir é mais televisão então?**

É. E o *Fantástico* que tá um meio de comunicação legal.

**Quando você quer se informar, dentre as notícias, quais os tipos de notícias que tu mais se interessa? Notícia sobre política, sobre a cidade, sobre o trânsito, sobre desastres, sobre notícia do tempo, se vai chover, se vai esquentar, sobre o mundo dos artistas, sobre economia... Qual o tipo de notícia que tu mais se interessa?**

Sobre ciência, tecnologia. Tem coisa que eu gosto de ouvir nos noticiários. Sobre os avanços da tecnologia.

**E por que você se interessa por isso?**

Porque eu acho curioso e acho interessante. Inova e coisa. Tô sempre procurando alguma coisa, então eu gosto disso aí.

**O que tu pensa a respeito da programação das emissoras?**

Acho baixíssima qualidade.

**Por quê?**

Porque as pessoas tão mais procurando audiência, entreter as pessoas. Principalmente durante o dia sobre as crianças e coisa. Hoje desenhos tão tudo na base da violência.

**Então tu acha que a programação é mais de baixa qualidade?**

É que dá audiência. É baixa qualidade.

**Mas se eles querem segurar a audiência, por que eles colocam baixa qualidade? Devia ser o contrário, não?**

Sim, tinha que ser o contrário. Só que hoje em dia (pausa) tá tudo difícil de alguém ficar olhando notícias boas, só querem olhar desastres, violências...

**O que tu pensa sobre a Rede Globo? Quais os aspectos positivos e os negativos que você vê na Rede Globo?**

É um canal interessante. Na minha média fica com 6.

**Mas por quê? O que você vê de bom e o que você vê de ruim nela quando tu assiste?**



Algumas coisas interessantes na Globo são os jornais, todos os veículos de jornais e novelas, umas porcarias essas novelas. Não se aprende nada.

**Porque que tu acha que novela é uma porcaria?**

Porque sempre a mesma historinha, sempre a mesma história.

**Tu acha que não muda?**

Não muda. A mesma rotina, sempre a mesma historinha e até quando eu assisto uns capítulos já sei o quê que vai acontecer nos outros dias.

**Então tu acha que a parte boa da Rede Globo é a parte do jornalismo?**

Isso, sobre futebol...

**E o que tu acha que não é bom na Globo são as novelas?**

É.

**E na programação da TV, quando tu chega em casa e liga a televisão tu escolhe um programa por quê? Por causa do horário que ele tá passando? Porque alguém te disse que tal programa era bom e tu quer ir lá ver? Por causa da imagem daquele canal que é melhor? Pelo tema? Como é que tu escolhe?**

A imagem em si não. Mais a situação do documentário. Eu tô passando os canais e vejo um documentário eu, é ali que eu paro e assisto.

**Que tipo de documentário te interessa?**

Sobre animais, sobre a história em si, a história passada. Documentário sobre alguma pessoa.

**É mais pelo tema do programa?**

É.

**Tu fica naquele que te interessa?**

É, filmes também me interessam. Mas ultimamente só repetição de filmes.

**Qual o horário que tu prefere para ver televisão e por quê? Quando tu costuma ver televisão?**

Meio-dia.

**Por que meio-dia?**

Porque tem jornal local.

**Mas aqui tu consegue assistir meio-dia?**

Sim, consigo.

**Porque é na hora do intervalo?**

Isso, isso.

**Em casa tu assiste mais o quê?**

Só à noite, só à noite.

**Que horas tu tá em casa?**

Onze e meia. Daí vejo o *Jornal da Globo*.

**Tu assiste o *Jornal da Globo* às onze e meia?**

Só.

**Qual a emissora que tu gosta mais dentre todas?**

A Band e a Globo.

**Por quê?**

Apesar de tudo, é as que mais me convencem a ficar ali assistindo alguma coisa.

**Mas te convence por quê? Por que dentre todas tu escolheu estas duas?**

Tem várias outra, né? Em cada uma eu assisto. Não é o canal, vai mudando. Cada horário, um programa aqui, um programa lá. Então eu vou assistindo. Tipo, *Pânico* é na Rede TV, então eu assisto. Mas eu também assisto *Fantástico*. Uma matéria, outra.

**As duas que tu mais assiste seria a Globo e a Band?**

Isso.

**Qual o tipo de programa que tu mais gosta?**

Mais documentários.

**Mais documentários?**

É

**E você consegue ver esses documentários mais em que canal?**

(Pausa) É que antigamente eu tinha cabo, hoje já não tenho mais, então eu olhava mais documentários.

**E tu lembra dos canais da TV a cabo?**

Sim. Discovery Channel e National Geographic.

**E agora tu não tem mais?**

Não tem.

**Por quê?**

É mais longe. O cabo não chega lá.

**Qual tipo de programação que tu não gosta? Que tu não assiste? Se tu tá zapiando e tu vê passa?**

(pausa) Aonde tem os programas que aparecem mais mulheres. Issaí pro homem é bom, mas aí é baixa qualidade. Então aí a segurança, audiência. Não por causa do programa, mas por causa das mulheres nuas.

**Tu acha apelativo? É isso?**

É.

**Daí tu não gosta desse tipo de programa?**

Até que gosto, gosto, mas daí o programa em si não tem fundamento, não tem conteúdo.

**Então esse tipo de programa tu passa?**

É, passo.

**O que é violência pra ti?**

O que é violência? (pausa) Violência é que nem uma droga. É uma burrice do ser humano.

**Mas por quê? O que tu pensa o que é violência?**

Violência é o estopim da estupidez. Não tem muito que eu falar não.

**E tu já foi vítima de algum ato de violência?**

Eu não, graças a Deus.

**Nunca foi assaltado, nunca foi...**

Eu não. (pausa) Mas minha mulher já foi refém.

**E como é que foi isso?**

Bem rápido assim. Seguraram ela e depois os guardas municipais chegaram. Pegou ele por trás.

**Aonde foi?**

Foi em Caxias, na praça.

**Na praça?**

Foi uma questão de minutos, segundos. Ta vam atrás e como iam pegar ele, então ele pegou minha mulher de refém. Tava bem passando, só...

**E faz tempo isso?**

Logo que nós vinemos pra cá. Uns Três anos e meio.

**No teu dia-a-dia como é que tu se previne da violência? Como é que ela faz parte da tua vida? Tu tá sempre olhando para as pessoas? Tá sempre com cuidado no caminho pra casa? Como é que tu faz?**

Sim, sim. Principalmente no escuro. Não procuro andar nas ruas escuras.

**Tu tem essa preocupação de se precaver?**

Sim, sim.

**E tu já deixou de ir em algum lugar porque achou que fosse perigoso? Ficou com medo?**

Até que não. Sobre isso aí não. Assalto assim, se forem me assaltar eu deixo, com medo de sair.

**E tu confia na polícia da tua cidade?**

Não.

**Por que não?**

Porque tem falcatuas. Nem todos são, a grande maioria são honestos, só que porém eles sabem quem são os suspeitos e não prendem.

**E tu vê alguma diferença entre a brigada, polícia civil, a polícia federal? O que tu pensa do trabalho de cada uma delas?**

O trabalho da brigada aos poucos está melhorando, mas só que tem bastante gente lá dentro que não presta. O trabalho da polícia civil é investigar a criminalidade, os suspeitos. O da polícia federal só vejo pela televisão. Eu vejo que a polícia trabalhou em cima de um caso, descobriu alguma coisa.

**O que tu avalia positivamente do trabalho da polícia federal?**

Sim, positivamente. E a polícia civil também. Apesar de não ter muitos recursos.

**A brigada é que tu tem mais desconfiança?**

Sim, mais desconfiança. Eles usam o poder de autoridade.

**De forma não positiva...**

É. De forma não positiva.

**Como tu enxerga isso?**

Pela questão que eles chegam com estupidez, desrespeito. De uma forma que não tem que chegar.

**Como é que tu faz pra ter informação sobre a questão da violência? Se tu quer se informar sobre as coisas em relação à violência tu utiliza qual meio de comunicação?**

Os jornais de televisão.

**Jornal da TV?**

Isso.

**Por quê?**

Porque ele informa, vai mostrar a imagem do criminoso ou faz um relatório sobre um acontecimento.

**Tu acha que pra saber de violência é mais interessante quando tem imagens?**

Isso.

**Tu lembra quando foi a primeira vez que tu assistiu o *Linha Direta*? Como foi? O que e atraiu no programa?**

(pausa) Isso faz muito tempo, nem me lembro mais quantos anos eu tinha.

(pausa) Como eu falei é sobre o suspeito. Vai tentar achar o foragido.

**E isso tu acha interessante?**

Acho interessante.

**E tu já viu algum *Linha Direta* que te marcou e até hoje tu fica *ah, aquele Linha Direta que falava de tal coisa*. Algum *Linha Direta* que seja especial? Que te marcou de alguma maneira?**

Não.

**Nenhum te chamou mais a atenção do que outro?**

Não.

**Tu acha que o *Linha Direta* é um programa de utilidade pública porque ele denuncia esses criminosos que estão foragidos? Tu acha que ele atua de forma positiva na sociedade?**

Algumas coisas sim. Algumas questões sim e positivamente.

**Por que tu vê isso?**

Porque eles estão ajudando a pegar os criminosos e tentando... o horário que passa o programa é a noite. Tarde e aí só quem assiste o programa são adultos. Então é pra ajudar o pessoal mesmo a descobrir.

**O *Linha Direta*, ele mostra uma série de crimes. E tu acha que isso é bom porque faz com que as pessoas possam se proteger, se precaver? Ou tu acha que é negativo, aumenta a sensação de medo, de insegurança nas pessoas? Elas passam a ficar com mais medo? O que tu acha disso?**

É porque as cenas em si do programa que são violentas, a brutalidade das cenas, dos ocorridos. Agora assistir, isso vai de cada um acho, psicologicamente.

**Mas pra ti o que é que tu pensa?**

É bom, ótimo.

**Tu acha que pra ti é uma coisa mais positiva porque tu passa a se precaver? Ou tu fica preocupado com a questão da violência. Tu fica inseguro ou tu acha que não? É bom porque tu passa a se precaver mais? O que tu pensa sobre isso?**

Pra falar a verdade nenhum dos dois, porque eu já não tenho tempo pra isso. Penso numa coisa mais positiva, penso em estudar ou alguma outra coisa, outra maneira. Violência assim, eu não penso muito não.

**E por que tu acha que a Globo mantém no ar um programa como o *Linha Direta*?**

Porque deve dar audiência.

**Tu acha que é pela audiência?**

Senão não ficaria. Ainda mais no horário nobre, num canal que é a Globo.

**Tu acha que é pela audiência, então. O que tu pensa da maneira que o programa retrata a violência? Tu acha que ele mostra a realidade mesmo ou tu acha que ele fantasia, exagera quando ele mostra aqueles casos?**

Não. Acho que 80% é realidade, outro 20% é o aumento da cena, deve ser muito exagerado. E 80% é o que eles relatam sobre o depoimento as vítimas.

**Esses 20% que eles fantasiam é por quê?**

Pra dar mais audiência.

**O que tu pensa, o que tu sente quando vê aquelas cenas no programa? Tu pensa na família, nos amigos da vítima, da pessoa que foi assassinada? Tu se envolve, se coloca no lugar daquelas pessoas? Como é que tu vê isso?**

É. Eu me coloco no lugar dos parentes das vítimas. O que mais sofre são os parentes das vítimas. Eu me coloco no lugar deles, eu já penso bobagem. Penso em outras coisas ou penso em violência também. Violência gera violência também. Me coloco, mas...

**O que tu pensa da maneira como a polícia é mostrada na televisão? Como é que tu acha que a televisão fala da polícia ?**

É, acho que fala mal. A grande maioria fala mal.

**Por quê? Como é que tu pensa isso? Por que tu pensa que a televisão fala mal?**

Por falar nisso, o *Linha Direta* que eu assisti, acho que o último, falava sobre a polícia do Rio de Janeiro que matou 4 adolescentes que eles falavam que eram suspeitos, ladrões, traficantes, da qual não era. Eles tavam à procura dos policiais que ainda não tinham sido condenados.

**Tu acha que de maneira geral a polícia é mal vista pela televisão? Ou eles mostram de uma forma positiva?**



Tem os dois lados. Tem o positivo e o negativo. Mas a maioria acho que mostra o negativo.

**E sobre a pena de morte e a questão da diminuição da maioridade penal? Em vez da pessoa ser considerada maior com 18 anos ser considerada com 16. O que tu acha que a televisão vem falando dessas duas coisas?**

Agora deu uma diminuída. Só falam quando acontece alguma coisa, quando a criminalidade, tipo com o João Hélio aconteceu. Aí queriam pena de morte, queriam rever os códigos penais. E quando um adolescente mata brutalmente uma pessoa, aí que vão pensar em mudar o código. Mas aí é questão de dias, anos, aí fica esquecido.

**E o que tu pensa sobre essa questão?**

Eu acho que pode ser com 16 anos, tu pode ser preso com 16.

**E a questão da pena de morte, tu acha que daria certo aqui?**

Pena de morte eu acho que daria certo... tem os dois lados. Daria certo ou não, talvez a justiça em si ela condena muitos inocentes e (pausa) e deixa muito bandido do lado de fora. Tem bandido que fica um terço na cadeia e já sai.

**Então tu acha que ia acabar morrendo inocente?**

Sim.

**E a TV de alguma maneira te esclareceu sobre isso?**

Não, não diretamente. Mais em mim mesmo as questões.

**O que tu acha que é ser cidadão?**

Ser cidadão? Ter respeito com as pessoas, ter humildade e ter uma boa relação com as pessoas.

**De que maneira tu acha que se dá essa boa relação?**

Boa maneira? (pausa) Ajudar o próximo, ajudar o próximo quando puder.

**E qual a atividade do teu dia-a-dia tu se sente mais cidadão? Do teu dia-a-dia que te faz exercer o teu papel de cidadão?**

Quando eu ajudo uma pessoa, faz uma boa ação daquela forma.

**E onde é que tu acha que mais faz esse tipo de boa ação? Na rua, na família, no trabalho...**

Na rua. Só que na rua, cidades grandes as pessoas desconfiam muito. *É um suspeito, um ladrão...* ficam com o pé atrás.

**Tu vai ajudar e já acham...**

É. Que é um ladrão.

**Como tu acha que pode contribuir com a sociedade?**

De que forma? A violência?

**Não, de maneira geral. Não só com a violência. Como tu pode dar a tua contribuição para um mundo melhor?**

(pausa) Procurando fazer o bem para as pessoas. Procurando fazer o máximo de mim. Uma boa pessoa que transmita uma boa pessoa pra todo mundo. Nem tem... é meio difícil responder.

**Tu acha que os meios de comunicação, rádio, jornal, televisão, internet, eles podem ajudar a ser cidadão a exercer a cidadania? E de que forma tu acha que isso pode acontecer?**

Um pouco, nem tudo. Um pouco. Pode ser que seja. Primeiro lugar é a família que dá essa estrutura para as pessoas. Em segundo lugar... a televisão tem um pouco, os meios de comunicação.

**De que maneira tu acha que os meios de comunicação podem ajudar nesse processo de tu ser um cidadão ou tu fazer pra melhorar?**

Eu acho que é mais nos adolescentes e crianças.

**Por quê?**

Porque é ali que as crianças e os adolescentes procuram um herói, procuram uma semelhança. Procura fazer o que os outros vão mostrando. Então geralmente a televisão tá mostrando mais pra eles.

**Tu acha que a maneira de exercer essa cidadania é dar exemplo? E tu acha que isso acontece? A televisão dá exemplo de como você se tornar um cidadão? Acontece isso?**

Provavelmente pouco. Tem canais que a programação em si está péssima a qualidade. É pouco que tem.

**Tu já foi em algum meio reclamar de alguma coisa, tipo, foi atrás se tu comprou alguma coisa com defeito ou então se o governo, se o Estado deixou a tua rua com buraco e tu não conseguia resolver. Tu foi atrás ligou e não teve jeito de trocar a coisa que tava quebrada. Tu foi atrás do jornal reclamar?**

Não, não.

**Nunca precisou fazer isso?**

É, precisar, eu precisei, mas é que eu não fui atrás. Não adianta. Porque o cara, presidente do negócio, já tinha aquietado processo. Depois eu não fui mais atrás.

**Tu não foi atrás do processo em si e nem teve interesse em procurar um jornal?**

É. Não tive mais interesse.

**A maneira que a televisão contribui, tu falou que é dar exemplos. E isso que tu acha?**

Sim. É dar exemplos. Como é a pergunta mesmo?

**Como a TV pode ajudar a pessoa a ser cidadão? E se ela pode?**

Acho que em grande parte sim. Acho que sim pode ajudar a se tornar um cidadão.

**Tu acha que de que maneira isso acontece?**

Acontecer, não acontece, porque não mostra muito isso aí. Como eu falei vai em si olhar ou não olhar. Tu quer seguir o caminho ali, quer seguir outro caminho. Há vários caminhos na vida. Tu tem que seguir um.

**E tu acha que a televisão ajuda a encontrar esse caminho ou...**

Ajuda, ajuda.

**Tu acha que ela mostra, mas aí vai da pessoa escolher?**

Aí é da pessoa escolher.

**Como é que tu acha que o governo vem tratando a questão da violência urbana no Brasil?**

Tá à mercê da polícia. Só quando acontece uma brutalidade que o governo pensa em fazer alguma coisa. E muitas vezes secretários de segurança não resolve nada, tão lá, só ganha dinheiro e não fazem nada. Agora, por exemplo, está chegando o Pan aí e a criminalidade no Rio de Janeiro tá cada vez pior. Só agora que vão botar o exército na rua. Por quê? Porque tem um Pan. Porque que não faz isso antes?

**Tu acha que essa atuação é...**

Do governo. O governo tem parte disso. O governo não tá interessado em procurar melhorias na violência e tirar a violência em si.

**E quais são as tuas sugestões pro governo tirar essas pessoas da rua antes que eles vivem criminosos, como prevenção? O que tu sugere que eles fizessem?**

Ter uma escola integral, entrasse de manhã, saísse de tarde. Com várias atividades, principalmente... que a criança escolhe isso.

**Tu acha que falta esse tipo de iniciativa, de tirar as pessoas da rua é dar mais escola?**

É. Só que dar dinheiro resolve um pouco. Tipo, as escolas vão resolver um pouco, mas tem que dar esporte, criação, motivação.

**O *Linha Direta* se intromete na justiça, na polícia, ele adentra os espaços da polícia e dá justiça. Tu acha que isso é positivo ou negativo? É correto ou não de se meter nesses outros lugares?**

Está fazendo correto.

**Por quê?**

Eles têm autorização das vítimas envolvidas pra tocar o programa no ar sobre aquele fato.

**O programa ele se mete nas coisas da polícia e da justiça. Porque, tipo, quem tem que cuidar dos criminosos e a polícia e a justiça e ele está lá falando sobre esse assunto. Tu acha que isso é bom ou é ruim? E por quê?**

É bom. Porque muitas vezes a polícia não sabe onde está o criminoso e a polícia também é falha nisso. Os meios de comunicação, tipo, um criminoso aqui no Rio Grande do Sul matou alguém, está em São Paulo e tu não sabe. Na televisão mostra isso. É abranger todo o país.

**Como tu vê a relação entre televisão e os governos?**

É tudo uma política. A televisão, o governo lá dentro. O que mais depende da televisão é o governo. Porque se o governo não se queimar com a emissora, a emissora queimar com ele. Aí vai começar a largar os negativos do governo.

**Tu acha que é mais cumplicidade?**

As duas relações têm que estar equilibrada na balança as relações delas, governo e as emissoras.

**Tu não vê muito conflito, tu acha que é mais cumplicidade?**

É mais marketing e outras coisas. Politicagem.

**Por quê que tu atribui que nós chegamos nesse estágio de violência, dessa situação caótica no país? Por que que tu acha que nós chegamos nessa situação tão preocupante?**

O governo foi deixando, foi relaxando. Não preveniu o futuro e tirar da rua os criminosos e foi deixando. A semelhança entre a criminalidade e a política tem a ver,

porque o que os políticos fazem o povo, fazem o diabo, fazem... tirar o povo, o dinheiro. Então a comunidade quer fazer a mesma coisa. *O político fez, eu vou roubar também. O político tá fazendo, eu...* Por que os políticos não estão presos?

**Então tu acha que nós chegamos nessa situação por culpa do governo?**

Sim, sim. Governo.

**O que tu faria se fosse dono de um meio de comunicação? Se tu fosse dono de um rádio, de um jornal ou de uma televisão? O que tu faria por essa situação de violência?**

Não procurar gerar violência. Não procurar (pausa) com o pessoal que está escutando, tá olhando televisão. Mostrar as notícias do dia, entretenimento para as pessoas, fazer divertimento.

**Tentaria não mostrar a violência? É isso?**

Um pouco.

**Mas tu acha que estaria ajudando a diminuir a situação não mostrando? Como tu percebe isso?**

(pausa) É meio difícil, porque tem um pouco de audiência em cima disso. Se fosse dono da emissora colocaria. São fatos que acontece, um fato aconteceu hoje, a uns quatro, cinco dias sobre aquilo. Depois cai no esquecimento. Então colocar uns quatro, cinco dias dentro da audiência e colocaria. Depois relaxa. Se eu fosse dono da emissora, diretor outra coisa.

**Entrevista em profundidade com Lori**

**A senhora pode começar falando um pouquinho da vida da senhora, há quanto tempo a senhora mora aqui, quantos anos...**

Tá bom. Dezesseis anos é, pai? Dezesseis anos que eu moro aqui.

**A senhora tem quantos filho? A senhora nasceu aqui mesmo?**

Não, não. Sou de lá de Santa Rosa. Quando começou essa vila. A gente comprou e viemos pra cá. Muitas coisas a gente aprendeu aqui. A gente é do interior, muita coisa a gente não sabia, ficou conhecendo...E daí a gente comprou essa casinha. Hoje em dia a gente tá melhor da vida, tenho muito que trabalhar pra conseguir o que a gente conseguiu. A gente viu muitas coisas aqui nessa vila, sabe? Muita coisa errada acontecendo, então a gente ficou no meio... Dezesesseis pra dezessete anos que a gente mora aqui. E não tem muito mistério, botei mercado também, então a gente teve uma convivência. E tive onze anos mercado, uma convivência com tudo que é tipo de gente.

### **Qual o tipo de gente que tu se considera?**

Eu? Um pessoa assim normal, uma pessoa bem. Graças a Deus.

### **Mas a senhora é mais tranqüila, mais...**

Mais tranqüila, agora mais tranqüila. Antes eu era mais agitada, porque a pessoa que tem um comércio, a tua vida assim, no comércio tu trabalha com todo dia com gente, às vezes é agressiva, às vezes e se tu deixar eles tomam conta. Então agora que faz dois anos que eu parei com o comércio, que a gente teve uma convivência melhor. Que sempre você tá preocupado. E mais, eles vão na tua casa, e tu tem que atender qualquer hora. Se tu não atendia eles levavam a mal. Às vezes também na cobrança, aquilo meio... A gente passa muitas dificuldades. Às vezes até ameaçar, tem gente com conta de R\$ 1.000,00, mas queriam dar 200, 700, 100 pila. Então foi assim, mas graças a deus isso aí a gente superou.

### **Qual a importância da família na vida da senhora?**

A importância da família é tudo. A família é tudo. Acho que eu te falei que eu pequei dois guris pra criar, eles tão com 14, outro com 12. Estão gora visitando as mães. Meus filhos já são tudo casado. Tá só eu agora e eles agora. Mas a família em primeiro lugar. Colégio, que eu me preocupo muito com isso, agora tô com meus netos. Então é isso aí, a gente tem. Eu tive um guri que deu umas dificuldades, eu tive um filho, ele estudava até Unisinos, que tinha curso. Que isso marcou muito na vida da gente e até hoje a gente tem essa marcação, um guri com 16 anos e tirou vida de outra pessoa por causa de uma mulher. Tá até hoje com essa mulher. Então isso marcou muito na vida da gente. Eu até hoje eu olho os cursos da Unisinos, o curso dele, então choca muito com a gente, mexe muito com a gente. Hoje ele tá com 23 anos e tá junto com essa mulher

ainda, mas foi um neném nosso, que os outros já são tudo formado, já são tudo... sabe o quê que é a vida e ele parou ali no estudo. Até hoje, ele tem 23 anos e a gente batalhando com estudo. Mas graças a Deus, o que eu ainda considero uma coisa assim, não existia drogas, que aqui foi uma coisa muito marcada pela droga. Como eu perdi um irmão na droga. Então a gente viu nascer, se criar, viver e morrer. Entendeu? Tudo nesse período de vida, e não, isso foi uma lição de vida. Tu mora no interior, tu não sabia nem o que era droga, que existia aquilo lá. Tu ligava a televisão, a gente ficava ali olhando apavorado. Então quando tu vê acontecer as coisas na tua frente, aquilo foi uma vivência que marca, até eu tava dizendo aqui essa semana falando que a gente tá nessa idade. Tomara que Deus evite essa violência, essa coisurada que a gente não tá seguro nem dentro de casa.

**O que a senhora pensa sobre o teu trabalho? Hoje em dia a senhora não trabalha, é mais dona de casa?**

Mais dona de casa.

**Então a senhora... vocês venderam?**

O mercado. Nós vendemos o mercado. Ele ainda trabalha na firma. Meu esposo tá com 56 anos, tá se aposentando, mas trabalha numa firma. Eu fiquei com o aluguel, que eu fui assaltada no ano, deu quase quatro assalto. Eu digo três assaltos que me levaram, então não deu mais pra repetir que tão levando teu dinheiro todo, machucaram dois assaltos grandes que teve aí. Então não tava podendo mais viver. Então alugamos aquilo ali, nós ficamos com dívidas. Botei aquele dinheiro no banco, continuei com o aluguel. Tô bem. Graças a Deus a gente tranqüilo e tocando a vida.

**Qual a atividade mais gratificante no dia-a-dia da senhora? Durante o dia desde a hora em a senhora acorda até a hora que a senhora vai dormir o que dá mais prazer pra senhora?**

Pra mim, eu tenho um coisa que eu vou te dizer, eu não sei se é normal ou não é, mas eu tenho que ligar para os meus filhos. Numa festa ou num aniversário ou vejo um chegando, outro saindo. Isso aí eu perco até a noção, horário... é fundamental, né que as crianças. Por isso que eu tenho estas crianças que estão junto comigo, agora estão junto com as mães, passar o dia. Então eu acho que a família é fundamental, tudo, tudo.



**Onde a senhora acha que mais tem aprendido durante sua vida, na rua, na escola, na família, no trabalho na época do mercado? E quem foram as pessoas que mais ensinaram a senhora?**

Aqui foi na Unisinos, tive muita ajuda na Unisinos aqui.

**Que tipo de ajuda a senhora teve?**

Olha, assim, eu vou te dizer: idéias, conselhos. Como aqui a gente ajudou muitas pessoas. Drogas, violência, roubo, coisa errada. Nós tivemos muito apoio foi da Unisinos. Então quando as guias vinha com caso de... a gente procurava o que não tinha. Não tinha atividade pra crianças. Eu tenho um guri formado que ele participou. Tiraram aqui as crianças e levaram pro SENAI, e daí eu chorei muito, que eu queria tanto, esse era meu mais novo e outro, mas como não podia ser, então era um de cada família e não todos. Foi salteado as famílias e o meu guri foi um deles e eu queria que o mais novo que fosse, e o mais novo ficou doente, chegou dar febre. Porque foi e ele não foi. Daí quando foi pra passar fim de ano só dois. Ficaram dezessete, dois passou. Só o Daniel e o meu guri que passou, nos cursos da Unisinos e saíram com emprego já da Unisinos. Não que a gente tinha dificuldade de ajudar os filho, era o que a gente queria que as crianças tivessem um progresso, alguma coisa que trabalhasse na vida deles. Eu tenho meu guri mais velho que tem a carteira assinada com 13 anos e até hoje tá trabalhando, esse outro que foi formado. E já o menor, ele já ficou assim, já largou o estudo, aconteceu aquilo ali, ele não estudou tudo ainda. Ele tem quarta série e o que eu luto pra ele é estudar, voltar a estudar. Vinte anos, vinte e dois, vinte e três anos não é tudo, porque eu não tive estudo, então eu sei que isso faz falta, o estudo. Às vezes, muitas vezes as pessoas vêm pedir pra mim com calculadora somando conta, às vezes, eu tentava me esconder pra não dizer que eu não sabia ler tudo. Porque eu não sabia tudo. Então aquilo ali me machucou bastante, eu tenho um irmão, tá com 60 anos e voltou a estudar, ele não sabia assinar o nome. Hoje nós ajudamos ele, tudo pra Unisinos aqui. Então aquilo ali foi, eu, escola que eu sempre digo, quem vai poder ensinar o filho é o estudo ou a educação, que eu sou muito rígida. Eu sinto eu mesma que eu sou muito rígida. Os meus filhos não têm liberdade. Eu, se chegasse uma pessoa me visitar, criança não podia estar passando por perto, então tudo tinha essa atividade de fazer que nós fomos criados. Isso eu já trago de família, essa criação do meu pai, ou responder ou uma fala alta pra conversar. Hoje em dia eu já fico quieta, porque eu não tenho mais filho pequeno, ver aquela forma dos adultos falarem, gritar que eu convivo

aqui com os meus inquilinos, às vezes, conforme aquele grito, aquela gritação eu não tenho isso. Então a gente tenta mudar isso aí, fazer alguma coisa. Então eu também penso que trouxe meus filhos e tenho dois netos, e as filhas tão com a criação dos mesmos. Eu tava dizendo ainda pra minha filha que esse meu que assistia muito filme de terror, muitas coisas assim e eu não quero que meus netos vejam isso assim, esse tipo de coisa, que isso comove, mexe com as idéias das criança, mesmo o vídeo game. Eu sou contra o vídeo game, tem dois vídeos na minha família e eu sou contra aquilo ali. É essa vida nossa.

### **E com quem a senhora acha que aprendeu mais?**

Eu aprendi muito com o mercado, com o pessoal, com a vivência. Eu tinha uma forma que eu criei meus filhos, são tudo um perto do outro. Tem aquela coisa, estudar, conviver em casa. Eu achava que se eu saísse com o vizinho que eu tinha quatro filhos, a minha mãe, meus parentes, então eu queria estar na minha casa, dar atenção para os meus filhos e eu ficava. Então quando eles foram crescendo, trabalhar com o movimento sozinha, eu tinha que decidir tudo. Comprar, vender, trocar. Então eu tinha que saber o problema do vizinho, às vezes eu tinha que ajudar. O outro vinha te pedir uma coisa, o outro tinha uma idéia, tinha uma casa pra vender, eu preciso disso e aí eu dava aquela idéia. Graças a Deus dava certo. Procurava fazer, aí fulana tinha coisa pra vender, eu tenho que gastar com médico, eu preciso de um advogado. Então quando a gente foi trabalhando ali a gente teve muita ajuda das pessoas chegar *Olha Dona Lori se a senhora precisa disso, e eu tiver algum informação, alguma coisa ou outra*, deixava aquele recado, deixava... às vezes, poucas pessoas... e tenho aquela solução, tinha alguma coisa, né? Muitas coisas, às vezes, de vender, dar, doar, ajudar. Depois certas pessoas voltar atrás e dizer: *Ó Dona Lori eu não me esqueço daquilo*. Eu sabia que as pessoas tinham e depois decaíam lá embaixo e voltava a mendigar e voltava levar aquela vida normal, como eu tenho inquilino aí de sete anos sair e voltar, compra terreno e dizer pra mim: *Dona Lori, eu tô em cima do que é meu, mas tem a convivência*. Por causa que às vezes tinha as crianças. Por exemplo, eu tinha um inquilina que morou seis anos aqui e o guri dela uma forma, quando eles vieram eles sofreram muito, o guri tinha ido se matar. Eu tinha que ir, o guri me respeitava porque eu lidava com carinho. Lidei muito, até hoje lido com carinho com as pessoas né? Tem que entender, porque não é só tu falar e não ouvir os outros. Então eu sou muito de ouvir, que agora eu tô falando, mas sou muito de ouvir. Tentar entender, porque tem

maneira que tu não entende, como essa gurizada mesmo droga, então a gente via na rua, antes de morrer que chegava, eles gritavam, choravam, não tinha mais volta. Ligaram pra mim antes de morrer *Tia Lori, não quero que tu falte no meu enterro, eu sei que eu vou morrer partir de amanhã ou depois eu vou morrer. Não tem mais volta.* Então foi coisa assim que eu não tinha, eu tinha muita coisa daquilo guardado. Sabe quando tu faz aquela coisa pra aquele tipo de pessoa que te gosta? Tu acha que tá bem....

### **Então a senhora acha que no trabalho aprendeu muito?**

Muito, muito, muito, muito. Porque ali é o lugar da fofoca, do problema, da precisão do desabafo. Porque tu chega, tá atrás do balcão vem uma pessoa: *Aí eu tô com problemas em casa, assim, assim.* Fica te maltratando aquilo na tua cabeça. Será que não acha que uma solução às vezes a pessoa volta de volta e tem mais um conversa. Então eu era assim, muito de guardar as coisas e não falar nada pra ninguém. Às vezes eu passava até discutia com meu marido, problema qualquer com o filho, eu guardava sabe?, aquilo pra mim. E hoje eu não sou, se eu tiver de resolver com uma pessoa que eu gostar, conversar. Eu achava que eu tinha resolver aquele problema na minha maneira. Então depois que tu foi vendo, era diferente, não era assim. Não era só meu problema, os outros tinham muito pior. E eu não podia resolver tudo. Então com conversa, fazendo entender, dividia aquilo com as outras pessoas. Então foi aqui que eu aprendi muito, foi.

### **Quais são as atividades de lazer da senhora? O que a senhora gosta de fazer pra se divertir?**

Em casa? É escutar música.

### **Não, no dia-a-dia.**

Se eu estiver em casa tem que estar com meu rádio ligado, a TV ligada. Nem que não esteja na frente, que eu acho assim que tá muito vazio depois que casou tudo. Sabe aquela forma das crianças tudo correndo e andando dentro de casa, depois que saiu meu rádio tem que estar ligado. Na cozinha tem um rádio ligado. Tem televisão em toda casa, tem. Todos quarto, sala, cozinha, banheiro. Tudo, tudo tem. Então se eu tô ali tá ligado, se aí tô lá ligado. Porque eu não sou muito de sair, muito de coisa mesmo, não. Eu sou mais em casa...

### **O que é mais importante na vida pra senhora?**

Importante? Como eu te disse assim... é a felicidade. Tu quer ver eu nervosa é qualquer probleminha com os meus filhos que eu fico nervosa. Então como eu te disse, feliz assim é em casa. Nós não somos muito de baile, de festas, não somos. Eu sou muito de fazer festinha em casa, um churrasco, uma festa, reunir a família, amigos e é isso aí que eu fico feliz. Eu sou muito de receber visita, eu não sou muito de ir em casa dos outros. Eu sou muito de receber.

### **O que você pensa da participação dos meios de comunicação na formação das pessoas? O que a senhora acha que a televisão, o rádio, como eles participam na vida da sociedade?**

Ajuda. Ajuda e destrói também. Como eu te disse que aí pra mim, muita violência que às vezes eu penso, esse filmes muito de horror, muita coisa mexe muito com a mente da criança, que a minha mesmo mexeu. Então quando eu cheguei numa época que eu vi que não queria resolver da minha maneira às vezes né? Então eu era aquilo li. Parecia ficar: *Porque ele fez aquilo ali e eu não vou fazer?* Eu digo por mim, a minha maneira e graças a Deus não tenho violência, não tenho nada em delegacia. Mas era isso que eu pensava, sabe? Então mexe, mexe com a cabeça da gente. Eu acho minha, não posso dizer de todos. Mas também tu não fica sem um notícia, como TV muita coisa que tu se defende de alguma coisa. Quantas vezes chegou gente aí pra gente como vendedores, nós tudo dentro, tá atendendo quando vê depois que eu fiz toda minha compra, levar aquele assalto, levar aquele choque. Ser uma pessoa e de repente tu vê e é outra. Uma vez até que marcou muito foi com meu esposo. Meu esposo, eles vieram assaltar nós, tava o meu pai e era aniversário do meu irmão. E quando eu vi entraram aqueles cara de gravata, tudo uns carrões sabe? A gente se comove, a gente é pobre, aquela gente grãfina ali, meu Deus do céu. E daí foi um e disse que ele tinha muita oferta de coisa e meu esposo foi tirar a lista de oferta pra mim da promoções que ele tinha ali e eu fiquei. Daí foi um e me pediu um X. *Me prepara qualquer coisa pra mim comer.* Daí eu disse que X eu não faço, o que podia fazer é algo salgado pra comer. Porque no mercado eu tinha de tudo, tinha de roupa pra cima pra vender. Daí eu disse: *Eu posso te fazer.* E eu vi que duas vezes do meu esposo ele me puxou eu pro lado. E os dois saíram com uma pasta assim, quando eu puxei ele que ele me pediu, e daí quando ele foi se baixar pra mostrar o queijo que ele queria eu vi aquelas armas. E daí ele não deixou eu vim pra banda do meu esposo. Eu voltei e quando eu voltei que meu esposo

entrou aqui, ele levou naquela época era R\$ 1.750,00, e nós de distância, acho que tava dois passos tava minha família, meu pai, meus netos. Ele pegou nó dois e fez entregar o dinheiro e mandou nós ficar calados. Eu não podia dizer nada, até que ele arrancou o carro e saiu distância. Eu só tranquei o portão e voltei. Eu disse *Eles vão voltar e matar nós*. Eu pensei, nunca tinha levado um assalto assim, então a gente ficou aquilo ali...

**Como é que a senhora acha que os meios de comunicação ajudam ou atrapalham nisso? Por quê?**

Ajudam. Ajudam assim numa maneira. Tem as formas que ensinam como é que tu vai fazer. Por causa que se tu for pra ajudar uma pessoa, se eu for e te explicar o meu problema, se tem volta ou não tem, que tem muitas coisas que não tem mais volta, entendeu? Uma solução. Como é que eu vou te dizer um problema grave na família, aí não tem volta e às vezes volta. Maneiras que eu ajudei muito. Tinha um inquilin que morava aqui que ele estuprava gurizinha e ninguém sabia. Eu sempre conversava com as pessoas, eles me fizeram uma barreira pra ele chegar na minha casa, pra alugar a minha casa. Daí uma senhora de idade me falou e daí eu disse: *Não, tem que ver com os olhos*. Porque tu não podia falar. E daí eu peguei, câmeras tu não podia botar, nem nada, a polícia eu não queria lidar, eu peguei a guria que tinha nove anos e conversei com a guria. Daí ela falou que ele era uma pessoa doente, o pai dessa guria. Daí eu chamei a mãe da guria e disse: *Eu não posso falar*. Eu não podia me meter naquilo ali. Eu não tinha visto com os olhos, só o que nós conversamos com a guria, foi assim. A guria morava sozinha com ele e daí eu falei tudo pra mãe da guria. Liguei e chamei a mãe da guria e ela desmaiou, o padastro dela veio e levaram a guria. Imediatamente tiraram a guria e levaram. Constatou aquilo ali e a polícia veio, ele tirou as coisas da casa. Então tem muitas coisas assim que tu vê, então aquilo foi uma forma de... como ela sempre agradece: *Tu me ajudou numa coisa que tava acontecendo há quatro anos*. Foi resolvido numa base de doze dias. Foi mais um problema resolvido.

**Como é que a senhora acha que a televisão, o rádio atua nisso?**

Ah, tem muita coisa. O jornal simplesmente às vezes aumenta, mas aí é o fato que ele aumenta depois volta a ser que eles falam uma coisa. Eu tô dizendo o jornal de papel, não tô nem falando de jornal de TV. O jornal quando leva uma pessoa, tu tá sabendo que é bem diferente, e às vezes eles tão puxando pro lado que às vezes... é aquilo li.

**A televisão, rádio, jornal, internet, de que maneira eles participam da vida da senhora?**

Aí, eu sou muito... Ah, se eu tiver o jornal eu tenho que ler, eu já tava tão assim com o jornal que pra mim era da família. Eu tinha que ler o jornal. Outro é a televisão também, isso aí eu deixo novela, eu deixo o jornal, pra gente ter uma convivência, às vezes a gente vê. Sempre tem aquela, coisa tu gosta daquilo ali, convive com aquilo ali.

**Então o jornal escrito é o que mais a senhora...**

É o papel. É o que mais leio.

**Mais do que a televisão?**

Mais do que a televisão. Aquilo se eu tiver num lugar, se eu tiver caminhando eu até cato um jornal, que nem ontem mesmo, eu estava no médico, uma senhora entrou e deixou o jornal em cima da coisa pra pegar. Daí eu fiz meu esposo ir lá pegar pra mim ler pra saber o que estava acontecendo, o que estava passando ali naquela coisa. Eu gosto muito.

**E qual jornal a senhora gosta de ler?**

Pode ser qualquer jornal. Sendo jornal de coisa, eu usava muito, eu gosto do *Zero Hora*, mas eu uso muito... Como e que é o nome do nosso jornal, pai? Esse aqui, eu uso muitos anos, acho que doze, treze anos o Vale Sinos...

**O VS?**

É. O *Vale dos Sinos*.

**Em segundo lugar a televisão?**

É a televisão, se tu não tem. Porque o jornal tu tem que sair às vezes de manhã, já bota dentro do carro e já levo comigo. Se eu tiver em qualquer lugar parada eu tô mexendo naquela folha, sabe? Eu gosto muito.

**E a senhora costuma ir ao cinema?**

É muito raro.

**A senhora lembra a última vez que a senhora foi?**

Faz oito, nove meses.

**A senhora lembra qual foi o filme?**

Ah, não lembro. Eu fui com a minha filha e meus netos. Mas foi filme de comédia de criança. Fui pra entreter minha filha que ia levar meus netos e a outra minha nora. Daí eu fui junto. Foi aqui no shopping.

**E qual o tipo de filme que a senhora gosta? Que a senhora se interessa mais?**

Comédia. Sempre, sempre comédia. Não gosto muito de ação.

**E quando a senhora pensa em informação, pra se informar, qual o meio de comunicação que a senhora pensa?**

O telefone. Pra uma informação, eu uso muito o telefone.

**E pra informar assim do mundo, das coisas que estão acontecendo, as notícias?**

É televisão e coisa, mas eu sinto assim, eu leio o jornal e se eu não entender bem, porque eu não sou muito estudada, eu pergunto, eu tento me informar com uma pessoa que sabe e aí eu fico escutando, se eu tiver num lugar, tem gente conversando, eu fico escutando pra ver se entendo direito pra ver se ta tranquilo ali. Porque pra pessoa que estuda tudo é fácil. Leu tu já sabe inteiro, agora quem não entende tem que... sabe ajuda aquela coisa assim, mas...

**É mais assim televisão e jornal?**

Televisão e jornal.

**Pra se informar. E quando a senhora quer se divertir, sem ser pra se informar, só para se divertir, pra se distrair, qual o meio de comunicação que a senhora gosta mais?**

Como assim se comunicar? Amigo?

**Não, assim, um meio de comunicação. A televisão, o rádio, o jornal...**

Rádio, é o rádio.

**E por quê que é o rádio?**

Olha, é porque o CD tu bota ali, já tu liga, mas não sou muito também. Se não tiver vezes eu ligo o rádio, porque eu gosto muito de música. Eu venho ali, escuto aquele CD, eu não gosto muito de barulho, só que aquilo ali. O jornal é uma coisa que tu vai pra ver as notícias pra ti entender. Se é pra ti se divertir, televisão, qualquer coisa, se eu tô com a cabeça cheio eu ligo uma música, aquilo sai parece da gente e volta o normal de novo como eu digo, né? Até um problema, se eu tiver um problema que eu tô nervosa eu ligo o rádio. Que me ajuda, prece que dá uma...

**E quais são as notícias que mais interessam a senhora? A política, a cidade, o trânsito, algum desastre assim que aconteceu, o tempo, o mundo dos artistas, economia... Quando a senhora quer se informar, que tipo de notícia que mais interessa a senhora?**

Como é que tu diz? Pra se informar?

**É, tipo de notícia, a senhora gosta mais das notícias aqui de São Leopoldo ou a senhora gosta mais da notícia de algum desastre, assim, que aconteceu, a senhora gosta mais das fofocas dos artistas, de economia...?**

Eu sou mais de economia, de comunicação. Outra coisa assim, como é que eu vou te dizer? Assalto, esses aí a gente que levou muito isso aí, eu sou muito disso aí.

**Essas notícias, né?**

Essas notícias. De saber como é que eles fizeram, como é que eles vão fazer. Tem aquela geração, eu sou muito disso aí. Se a gente tem, como eles fez aquilo ali, eu sou muito de entrar dentro...

**A senhora gosta de notícias da polícia?**

Da polícia, da polícia. Sabe, eu sou bastante também disso aí.



**O que a senhora pensa da programação das emissoras? Da programação da Globo, do SBT, da Record, de maneira geral?**

Eu não sou muito de dizer as coisas, eu te digo é notícia. Novela eu olho pouco. Filme também.

**Mas a senhora acha que é boa, ruim...?**

É boa. Mas pra mim, eu sou mais velha, eu nem olho muito isso aí. Eu mudo de coisa, um filme, um desenho ou outra. Às vezes, sempre tem que olhar um desenho. Eu sou muito assim pros outros, se eu tiver sozinha o meu programa é um, é uma coisa que eu gosto, se tu tiver comigo eu reparto aquilo ali, eu vou deixar dos teus gosto e não do meu. Eu saio dali, vou fazer um chimarrão, vou fazer um café, vou fazer uma coisa, pra não molestar. Eu vou olhar é mais o jornal, é mais essa coisas. Aquele programa da família. Eu gosto muito da sessão da tarde, aquele programa das famílias que é um diferente do outro. Então que aquilo ali eu gosto muito, eu e meu esposo. Sempre a gente comenta aquele programa, sempre tava rindo.

**Mas de maneira geral, a senhora acha que a programação das emissoras é boa ou ruim?**

Boa. Tem coisa assim, como é que eu vou te dizer?, não é tudo que agrada, mas são boas, aquilo ali te diverti. Como eu, que eu não faço nada de serviço de casa, tem empregada. Então pra gente se entreter, tirar alguma coisa, senta ali e vou assistindo.

**Qual a opinião da senhora sobre a Rede Globo? A senhora acha quais os pontos positivos e negativos da Rede Globo que a senhora acha?**

Como assim? O quê que é bom e o que é ruim. Quê que eu vou te dizer? Pra mim é boa. Não tem, porque eu sou assim, é como eu te digo, não gostei, desliguei a televisão e pronto. Só que eu não posso te dizer, pra mim é boa. Não tem o que te dizer é ruim. Aquela coisa assim que pode ser, não gostou.

**E quando a senhora liga a televisão, como a senhora seleciona o programa: pela emissora, pelo horário, pelo tema do programa, porque alguém disse pra senhora que o programa era bom? Como que a senhora faz quando a senhora liga a televisão?**

Eu vou muito por mim num filme e gostar daquele filme, fico ali, sabe? Embora, não sou muito atrás do outro, a gente conversa muito sobre isso, que nem nós tava conversando ali o negócio da... no *Fantástico* aquele negócio de arame, coisa importante isso, aí nós tava comentando, que eu sou muito comunicativa, se eu ver uma coisa diferente eu sou muito de trocar idéia com as pessoas, sabe? *Quê que tu achou daquilo ali?*, isso aí...

**A senhora escolhe pelo gosto da senhora então?**

Pelo meu gosto.

**Se a senhora liga e tá passando alguma coisa que a senhora gosta...**

Se eu não gosto eu já tiro dali imediatamente.

**Como a senhora escolhe um outro programa?**

No aparelho até conseguir um que eu gosto, se não tiver na hora eu desligo também e pronto. Fanática eu também não sou, assim se tiver a gente olha. Também não sou de filme, que vive alugando filme, não sou também. Isso aí não.

**E qual o horário que a senhora prefere pra ver televisão?**

De noite.

**Por que de noite?**

De noite, porque antes da meia noite vou dormir, meia noite nunca fui. Sempre tive aquela coisa assim, que eu tive um mercadinho então vou dormir aquela hora. Eu entro aqui pra dentro de casa uma sete horas e até meia-noite eu fico com a televisão ligada. Sempre foi isso aí. Não tenho visita, agora não me prende deixar uma pessoa não assistir televisão, mas esse é meu horário. Vou dormir antes da meia noite.

**Então é mais à noite. Qual o tipo de programa que a senhora gosta mais?**

Até se for um, como é que se diz, é um filme uma coisa outra de (pausa) isso aí. Só, é às vezes uma propaganda, uma coisa ou outra.

**O que a senhora não assiste de jeito nenhum, não gosta de tal tipo de programa?**

Assim eu acredito numa coisa. Violência eu não gosto de assistir, parece que se eu vou assistir sozinha é melhor. Se eu assistir com outro menor, assistir aquela coisa. Assim, eu me sinto mal. E eu gosto de ver, e eu gosto assim de coisa assim forte, mais, mais... Outra coisa filme de matação eu não gosto, não gosto não. Se é um filme que tá explicando assim, que foi no real isso aí eu gosto. Não aquelas coisas inventada, como eu vou te dizer? Eu sinto mal de assistir, eu já digo melhor qualquer um que me acompanhe menor ou minha filha parece que aquilo ali entra dentro daquela pessoa. Não é como eu...

**Você não gosta de assistir com outras pessoas, só sozinha?**

É. Sozinha.

**Qual o tipo de programa que a senhora não gosta de assistir de jeito nenhum, a senhora mesmo? Qual o tipo de programa que a senhora não gosta e desliga?**

Sobre criança. Às vezes tem muito filme que judia as crianças. Eu não gosto, não alugo e se tiver é sangue. Quer ver qualquer programa que tiver muito sangue eu saio, eu levanto, eu vomito. Até num acidente que tiver muito sangue eu não sei que eu tenho isso comigo.

**O quê que é violência pra senhora?**

Violência é tanta coisa (pausa), é muita judiação quando às vezes as pessoas assalta, coisa errada. Que é isso aí que eu acho, às vezes as pessoas matam. Essas coisas assim que a gente fica apavorado. A polícia tem muito corrupto, às vezes tu não pode falar nada. Então é essas coisas que te falei do meu filho, veio policiais, muita gente vem pedir dinheiro pra nós, sabe? Então aquilo mexeu muito com a gente, que a gente nunca tinha visto isso antes. E aquilo ali a gente ficou com trauma. Saímos para um advogado que a gente nem sabia direito, começou a abrir a vista da gente, conversar que nunca passou um momento e acha que vai passar com outro e não com tua família. E a única coisa que me preocupa muito é, dia e noite, é esse meu filho. Eu tenho muito medo que aconteça alguma coisa com ele, foi uma morte. Então eu tenho muito medo,

medo, medo... Se passar um carro assim eu fico cuidando, se ele tiver aqui dentro de casa eu tô bem, se ele sair da porta nós dois, tanto um como outro, é sempre uma preocupação. Porque uma morte não é uma briga, um tapa. Tem aquela inimizade, então nós temos muito medo de perder ele, muito, muito, muito...

**E a senhora já foi vítima de algum ato de criminalidade? Eu sei que a senhora foi porque a senhora já contou. Mas como foi que aconteceu? Os assaltos foram muitos?**

Me bateram bastante também, fui operada no seio no hospital. E eles queriam dinheiro. E eu tinha arma, porque eu sempre tive arma, faz vinte e pouco anos. Mas era pra mim, que eu pensava que a arma era para se defender e hoje eu vejo que é diferente.

**Por quê?**

Arma não traz solução e eu pensava muito se eu tivesse uma arma em punho as coisas não iam acontecer, sabe? Então quando eu fiz o teste era para, quando eu montei o meu mercado eu tinha que ter a minha arma que eu achava muita segurança a da arma. Então quando eu levei esses quatro assaltos eu tive um momento de puxar nada. Então via assim que eles me pegaram, me judiaram e por causa da minha mesma arma, que eles sabiam que eu tinha, eles me bateram, me machucaram e levaram o dinheiro. Que esse meu filho que eu sempre digo que ele era pequenininho apanhou bastante comigo então, mexe com a gente. Que hoje eu sou contra arma, terrível, terrível. Até uma faca, se eu tenho na cozinha duas facas grandes, eu faço assim de tirar uma. Se me perguntarem eu nem sei onde botei aquela faca, porque eu sou muito contra arma e muito contra essas coisas que eu vi, quando acontece as coisas que tu acha que tem aquela segurança, que tu não tinha. Como hoje, eu pensei em uma bíblia, um pastor. Não, se eu tivesse a bíblia pra ler, aquilo ali enche, traz amor, que às vezes a gente olha, enche mesmo. Pro meu filho que eu tenho pra te dizer que a bíblia traz muito amor e é muito pesado, eu ficava horas lendo a bíblia. Duas horas, tu acha aquilo impossível, era como eu: *Eu boto a mão no revólver, eu atiro, eu aconteço* e tava resolvida. E não era assim. Então quando eu levei isso aí, mas quando eu tava operando no hospital lá meu seio e daí os médicos me perguntaram se eu tinha arma e eu disse que eu tinha. Você viu o quê que adiantou, o médico viu também e ele disse que tinha duas pistola e quando foi agredido dentro do carro dele com a mesma arma dele, eles balearam a família dele. Então o quê que tu pode dizer?

**E no dia-a-dia da senhora, como é que a senhora se previne da violência? A senhora...**

Ah meu filho, se eu vejo qualquer barulho eu saio imediatamente ou se eu vejo uma pessoa estranha na rua eu cuido muito disso aí, um carro. Eu sou muito disso aí, se chegar uma pessoa, se eu não conhecer, que eu sou muito de guardar a fisionomia de uma pessoa. E tu viu, se não viu. É uma vila que tô há dezessete anos, conheceu, nasceu e se criou. A casa melhorzinha quem botou dentro dessa vila foi eu. Então tu conhece tudo e todos e me dou com tudo e com todos, branca, preta, drogada, é pessoa séria, é pessoa advogada. Então quando vem gente aqui e ficava aqui. É polícia também que eu também conheço muito. É aquela vida assim de rotina que tu conhece, então quando eu vejo um barulho lá que eu posso me afastar no portão, uma coisa ou outra. A gente tem medo, a gente ficou mesmo com medo, violência demais.

**Então a senhora se previne desse jeito: com atenção?**

Sim, sim. Sempre com atenção. Meu marido não é muito de levantar e eu já sou de levantar. Eu não consigo dormir, o meu esposo não, se for ele vira o travesseiro... Eu não, se não tá bem eu me levanto, eu arroteio a casa, eu vou ver. Inquilinos, uma coisa ou outra motiva, eu sempre sou assim. O cachorro latiu que eu não achei que é o normal eu vou verificar, ele não, meu esposo não. Mesmo outra vez roubaram as roupa aqui do lado. Um dia de noite que atiraram e minha cama era bem ali, bem na janela e eu sonhei uma noite que atiraram com a pistola, assim na janela e tinha aquilo ali me pegado os tiros. E de manhã eu acordei tava seca a minha garganta com medo e eu tava sozinha, que eu passo a maioria do tempo sozinha, meu esposo trabalha e daí eu fiquei, assim, no outro dia meu esposo dormir e eu tinha muita segurança com ele quando tava em casa, que aquilo a gente dividia, foi o dia que eles roubaram todas as roupas. Dois passos eles fugiram, o cara tava com uma pistola e sabiam que a gente tem arma em casa, que eles sabiam que eu tinha arma em casa e que e não ia afastar. Que eu nunca afastei, já fui agredida e tudo, mas nunca afastei de ficar com medo. Eu nunca tive e nem tenho medo, eu tenho é receio de acontecer alguma coisa, mas medo eu não tenho. Se é pra sair de noite ou de dia. Se tu me disser *tu vai lá*, eu vou. Eu tenho aquela coisa, como é que diz?, uma pessoa assim muito confiável, se tu me disser *vai lá* eu vou, porque eu não

tenho medo de acontecer uma coisa. Mas se tu disser *vai lá que eu tenho certeza*. Então é aquela coisa.

**E a senhora confia na polícia da sua cidade?**

Não.

**A senhora se sente segura com a polícia da sua cidade?**

Não, não, não, não.

**Por quê?**

É como eu te digo, polícia é pouco que ajuda. Porque a gente, mas às vezes, não é todos, mas a gente viu nascer e se criar então foi nesse período que eu tinha... tem os meus amigos já tão morto. Gente da civil e chegava e dizia assim *Tu quer, nós te botemos uns roubo pra cá pra lá*. E eu ficava me perguntando: *Meu Deus!* Como se eles roubam daqui eu foi pra brigada? Eu denunciava os crimes, eles não faziam nada. Simplesmente eles viam e me traziam na minha casa, eu chocada, baleada, machucada e eu vinha pra minha casa e não faziam nada. E depois pra quê que eles vinham me oferecer aquelas coisa, sabe? Que eu não gosto nem de comentar que eu tinha meus filho e eles diziam *Não, Lori, pára aí*. Meu esposo nunca conversava com eles, meu esposo nunca chegou perto deles. Eles diziam: *Não, nós trouxemos mercado, nós assaltemos isso, tu tem segurança total, a polícia mesmo que vai te trazer na porta de casa*. Eu nunca fiz isso que eu juro, eu nunca fiz e eu ficava pensando... então tu tinha aquele medo. Não tinha segurança, não vou dizer todos. E eu via fazer e acontecer. Às vezes pegar os guri aqui de dentro da...de dentro da lancheria, quando tinha, ele pegavam o guri pra assaltar.

**A polícia levava...**

A própria polícia: *Daí vocês pegam isso e nós peguemos aquilo*. E depois prendiam os guris, os guris me contavam, eles prendiam os guris , só que não pareciam mais. As vítimas ficavam ali e eu me perguntava por quê que não poderia ser comigo? Só que naquele meio era outros que vinham aqui. E o meus amigos mesmo, como eu dizia, não eram meus amigos, porque eu sabia, eles achavam que eu não sabia, mas eu sabia o que eles faziam com gurizada. Eles levavam os guris em carro particular, mandavam fazer o assalto e diziam: *Vocês peguem qualquer, e o dinheiro é meu*. E o

que vocês pegam é deles. Que uma vez me comoveu muito, que meu irmão é morto, três guri desses são mortos, foram fazer um assalto. E eu fiquei quase louca e eu chorava, chorava, porque meu irmão tava morto. E meu irmão tinha aprontado umas e a polícia tava atrás dele e daí a brigada chegou ali e não prendeu meu irmão e eu comecei a chorar. Eu disse: *Meu Deus, vão bater muito nele*. Daí eu vi que a polícia não prendia, só conversava, conversava, conversava e daí disse assim pra mim: *Olha, não deixa ele andar na rua, porque se outro pegar vai fazer*. Daí de noite, até perdi minha mãe por causa disso, daí de noite meu irmão chegou bem arrumadinho aqui em casa e disse que ia dar uma volta. Daí eu vi o outro que nós sabia que era de rua, daí eu disse: *Mano, tu vai sair?*, mas ele disse: *Não eu vou ali e já vou voltar*. Mas como meu irmão usava drogas, tu não podia entender ele, qual hora que ele tava falando sério contigo ou não. Só que eu tinha muita convivência com ele, muito, muito, muito, mais que a mãe. Daí um dia ele chegou com umas roupas, um monte de roupa nova e quem dava roupa, calçado era eu, daí eu disse: *De quem é essa roupa que tu tá?* Daí ele tinha um saco de moeda, ele chegou, chegou com aquele saco de moedas e as roupas e disse que tinha feito um serviço lá, assim, assim... Daí eu pensei quem é que vai pagar pelo serviço. Daí eu esperei, aí ele foi pra casa dele e voltou. Ele chegou, eu tava chorando e disse: *Mano, tu fala tudo, porque eu tenho meus filhos dentro de casa e eu quero escutar de ti*. Daí ele me contou que a brigada mesmo levou eles num carro pra roubar, só que não iam prender mais eles, como justamente na outra semana ele caiu e foi preso. Não iam prender ele, iam deixar limpo, daí levaram ele e eles pegaram roupa, calçado, não sei o que mais que eles pegaram e o dinheiro. E o dinheiro era pra eles mesmo.

**E a senhora vê alguma diferença entre a polícia civil, brigada e a federal?**

Eu não tenho muita convivência, só com a civil. Com a civil que eu tive muita convivência, que eles sempre chegavam aqui, não vou dizer todos, mas eles chegavam aqui e diziam: *No dia que te fazer uma coisa nós punimos*. Só que eles queriam uma coisa de mim, sempre dinheiro, sempre dinheiro. Pra que isso?

**E a polícia federal? O quê que a senhora acha?**

É bom até, a polícia federal eu não tenho contato, não tenho convivência. Só a estadual, que eu tenho um sobrinho estadual. Os azulzinho é estadual, né?

**Azulzinhos?**

Os que ataca na rua.

**Ah ta, os de trânsito.**

É, o de trânsito, eu tenho um sobrinho que ele era da brigada, mas passou pra essa ali. Então nós temos convivência. Eles tão no direito dele, porque nesse dia meu esposo foi dirigir e não tinha carteira. E nós tava com medo que pegassem nós, mas eu queria ir na casa da minha irmã, e daí nós fomos. E o quê que aconteceu? Meu esposo desceu numa valeta e pulou com o carro, me bate a cabeça e fiquei tonta lá. Se ele soubesse dirigir nada tinha acontecido. Que pode acontecer outras coisas numa estrada plena, eu vi que ele rodou. Mas assim mesmo nós saímos com ele, que nós achava que ele dirigia, que ele rodou. Daí ele embraveceu com aquilo ali, mas eu disse não, que nós poderia ter nos machucado, machucado outros. Dirigir é pra pessoa que sabe, que eu acho assim se eu não sei ler, porque eu não sei ler, tu pode chegar aqui com uma coisa e mandar eu assinar e confiar na tua palavra que eu não sei nem o que eu estou assinando. E eu sou muito também de trânsito, que eu sou muito assim de corrigir, se a pessoa sai tu sai com segurança ali dentro, que é um filho meu só que dirige com segurança que eu me sento ali dentro, nem meu genro eu não tenho. Mas esse meu guri é muito do direito muito por certa: *Se eu não sei, mãe, não sei.* E ele me cobra, volta e meia: *Mãe, nunca tu faça uma coisa que tu não tem certeza. Se tu tiver certeza aquilo ali, assina aquilo ali, faça aquilo ali.*

**Como a senhora faz pra ter informação sobre o problema da violência?  
Qual o meio de comunicação, a televisão, o rádio, o jornal, que a senhora pega pra ter informação sobre a violência?**

Eu comento muito com as pessoas, eu assisto aquilo ali...

**É mais na televisão?**

É mais na televisão, que a gente assiste aquilo ali e daí tu comenta com as pessoas, a gente conversa sobre isso aí. E eu, até com meu esposo, às vezes nós tamos sentados tomando chimarrão, a gente tá trocando aquelas idéias e chega uma pessoa: *Tu assistiu, Fulana, a coisa?*, *Assisti, Quê que tu achou daquilo ali?*, *Não, mas será que foi?* Às vezes tu tem dúvida de alguma coisa. Como aquela *Linha Direta* que tinha parado e agora voltou. Lembra? Aquela *Linha Direta*, tinham tirado e botou de volta.



**E por quê que a senhora assiste o *Linha Direta*?**

Sim.

**E a senhora lembra como a senhora assistiu pela primeira vez?**

Ave Maria, faz tanto tempo! Hoje tem. Então eu olhei ontem os trailers dela que tinha. Que eu fiquei meio assim, meio... porque mexe com a gente, tem que ser forte aquilo ali. Porque o que eles dizem é real, aquilo ali. Então sei lá, a gente fica naquilo ali.

**E existe, tem algum *Linha Direta* que marcou a senhora?**

Tem.

**Algum especial? Qual?**

Assim eu tenho meu tio. Meu tio quando era novo ele era matador de aluguel, o guri novo. E daí ele era muito violento esse meu irmão da minha mãe e botaram o filho dele e mataram, e botaram... era sargento o filho dele, cortaram ele e botaram dentro do poço. Olha só! Daí ele botou dois advogados contra ele mesmo. Dois advogados, um a favor, outro contra. Ele tinha e tem muito dinheiro, pra sair o júri do cara que matou. Daí fazia quinze dias que não sabia que o filho dele tava morto. Inteirados o quinze dias disseram, daí ele foi sozinho. Daí ele contou, ficou muito doente, muito revoltado, já era, mas era pelo crimes que ele tinha, era vingança. Ele disse quando puxou, que mandaram ele, ele ligou o telefone. Era meia-noite e mandaram ele, ele disse que foi dirigindo com telefone ligado, e daí mandaram ele sozinho e desarmado. Daí ele foi e ele era muito que aquele era o tal, que se ele tivesse aqui ele não ia no banheiro da tua casa, a casa dele se ele tivesse uma arma junto. Ele disse quando ele puxou o poço ele achou o filho dele só os pedaços, as mãos, sabe? E daí tinha um anel da formatura, quando o filho dele passou a sargento ele ganhou o anel. Ele tava os dedos inchados e daí ele viu que era o filho dele. Tá, daí ele queria o júri do filho dele, quando chegou o júri do filho dele ele matou o cara no júri. Diante do juiz, no júri. E daí ele botou trezentos carros de taxistas em volta, ele botou um avião e matou o cara. E daí ele começou a matar quem matou o filho dele e faltava um. Daí ele rodou mundo procurando ele e não foi. Um dia ele achou em Porto Alegre. Ligaram pra ele e deram a informação e informaram e tal, ele ficou bravo. Ele gastou muito dinheiro, e coisa que

não era e era, ele ia verificar e não era. E daí ele tava em Porto Alegre pra fazer o trabalho, o serviço. Daí ele chegou, faltava só um pra ele completar toda a família que ele queria matar. E quando ele chegou ali o cara tava dançando com uma guria e daí diz que no meio da festa, botou o silenciador e atirou. Matou uma guria de quinze anos. E daí ele ficou assim, ele não matou quem ele queria, matou aquela ali. Daí ele ficou muito doente, botaram três pontes de safena nele. Começou médico, médico e a família começou a cobrar dele e ele viu que ele tinha feito uns estragos, ele já tava uma pessoa de idade e tudo. Eu ia visitar ele na casa dele, ele sempre falava: *Minha filha, isso aí vai tirar minha vida*. E eu convivia muito com esse meu tio, muito. E daí eu cheguei e ele tinha um carro zerinho na garagem pra quando acontecer ele fugir. Então quando chegava o fim de ano ele comprava um carro novo daquele ano pra fugir. Daí um dia eu falei pra ele: *já que ele quer matar, por quê que não manda?* Ele disse: *Não, minha filha, eu quero fazer do meu jeito, quem fez com o meu filho tem que me cobrar eu*. E ele ficou muito chateado comigo, eu vivia com ele. Às vezes sentava no sofá junto com ele. E daí eu vi que aquilo ali machucou ele e ele ficou muito nervoso. Daí deu um ataque no coração e ele morreu, mas ele não conseguiu a última morte. Daí um dia eu vi na TV o trailer, o homem mais procurado era ele. Ele não tinha pagado os crimes dele.

### **No *Linha Direta*?**

Na *Linha Direta*.

### **O tio da senhora?**

Só que ele fazia...

### **E como a senhora soube que era ele?**

Sete meses que ele tinha falecido, mais procurado e dava na terra dele esse cara. Eu disse: *Meu Deus, eu vou olhar esse programa hoje que eu me criei em Santa Rosa, esse programa hoje de noite eu vou olhar que é na nossa terra. Quem sabe um conhecido*, eu pensei assim. Quando dá, não dá o meu tio? Toda a vida dele. E tu sabe que eu tava na cama, quando eu cabei de assistir eu tava sentada no sofá. Aquilo me tirou que eu não sei onde é que eu tava que era uma pessoa que eu gostava e tava morto. E ele tava passando na *Linha Direta* e botavam a foto dele pra quem soubesse de uma pista, uma coisa errada. Daí o meu quarto era ali, daí eu sentei no sofá e fiquei

assistindo, a minha TV era aqui. Quando eu me acordei que aquilo terminou eu tava sentada no sofá.

**E a senhora não ligou pra dizer que ele tava morto?**

Não, não. Daí eu fiquei assim, aquilo me paralisou e eu fiquei sem ver uma saída. Daí tocou o telefone. Meu sobrinho ligou e disse: *Lori, tu tá assistindo TV?* Eu disse sim, mas não consegui falar. Parecia que era ele que tava no telefone, a polícia, sei lá eu. *Tu não via o tio que tão dando por quê?* Daí ele ligou pra lá, fez tudo certinho e explicou que já fazia tanto tempo que ele tinha morrido. Então aquilo ali que mexeu muito, daí que quando dá alguma coisa, tu olhava. E aquilo ali foi mais mexendo, então aquilo ali foi um pesadelo pra gente. Dava coisa que nós não sabia da vida, nós não sabia que ele era matador de aluguel, que matou fulano, que ele fazia aquilo ali. A gente sabia da vida dele assim como tu sabe da minha, tu me conhece assim, mas a gente não sabe do passado. Então quando eu vi aquilo ali...

**A senhora acha que o *Linha Direta* é um programa de utilidade pública quando ele denuncia esse criminosos foragido? A senhora acha que ele faz um bem à sociedade?**

Eu acho que faz, porque tem muita coisa enterrada lá no fundo que tu vê que pode ser crimes que às vezes não têm mais solução. Como eu tenho um cunhado meu que é morto, ele matou o próprio pai e não foi punido e nós fomos descobrir depois que ele morreu. Com quatorze anos ele matou o próprio pai, mas como era na família ninguém mexeu com aquilo ali. Então eu acho que fica impune aquilo ali, que tem muitas coisas que eles fazem... e tu pode ver com a polícia mesmo, se não existe uma população um ajuda, a polícia não vai descobrir tudo. Às vezes simplesmente tu pode ajudar, tu pode fazer. E eu acho que a pessoa que faz tem que ser punida por isso, tem que ter a lei, meu filho. Porque ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém. Ninguém tem o direito de se meter na vida de ninguém. Isso aí é uma minha opinião. Então às vezes eu escuto muita coisa assim, dez, doze anos eles pegam as pessoas, mas por meio da ajuda dos populares, as pessoas que ajudam. Eu gosto muito de assistir isso aí e ver.

**O *Linha Direta*, ele mostra vários crimes e a senhora acha isso bom porque ele faz com que as pessoas passem a se proteger mais?**

Claro...

**Ou a senhora acha ruim porque as pessoas começam a ter muito medo?**

Tem, tem pessoas que... Tem dois sentidos. Se tu botar que pode acontecer contigo, claro, lógico, pode ser que a gente nunca pense, que ache que aquilo vai acontecer com a gente. Então mesma coisa, eu retorno a falar do meu filho, a casa caiu, eu não queria nem mais viver. Eu não queria sair na rua, eu não queria mais nada. O que eu digo é isso aí, porque meu filho tirou a vida daquele outro, então eu acho assim essa coisa aí que tá acontecendo, porque pode tirar a vida de outra pessoa. Tu tá convivendo, eu mesmo que alugo casa, eu não sei do passado daquele fulano. Uma vez eu aluguei uma casa aqui pro maior marginal. Depois que ele saiu, a polícia veio procurar ele aqui. Até hoje eu tenho no meu roupeiro aqui, ele não levou a mudança. A mala que um dia nós abrimos, eu e a brigada. É crime, coisa errada que ele tinha feito, o próprio pai dele tinha matado. Mas eu achava que era uma pessoa ótima. Então tu tem aquela convivência de tu achar que é uma boa pessoa e por trás? Porque um dia ele me contou mais ou menos no carro e eu fiquei com medo dele, sabe? Não é medo, aquilo é receio, porque tu acha que tu tem que conviver com uma pessoa que tu conhece. Eu tenho minhas casas de aluguel no mesmo pátio e tu tem que conviver com aquilo ali. Então eu curto muito isso aí, porque eu tenho guri, tem inimizade e tenho medo, porque a gente até hoje mora aqui. De alugar casa, então sempre tem aquilo ali, né? Identificar as pessoas que entram, não gosta disso, não gosta daquilo. Aquilo me chateia, mas não pra abrir pras pessoas, porque se tem uma pessoa saber: *Poxa, uma mulher...* Mas é aquele jeito que eu sou pra ter aquela prevenção de ser aquilo ali. Meu filho foi condenado, vai ter o júri esse ano, já faz sete anos, se ele puxar cadeia, ele vai puxar e tudo. Só que assim o direito tem que fazer como manda a lei, não acha? Eu sou muito do certo. Fez, errou. Eu mesmo, se eu errei, se eu acho que eu te ofendi, vou lá na casa te pedir desculpa. O que eu posso fazer pra tu me desculpar, porque às vezes tu até fala de um jeito que tu ofende uma pessoa e tu nem sabe que tá ofendendo. Depois que passa eu analiso aquilo ali. *Poxa, eu não poderia ter falado aquilo ali.*

**E por quê que a senhora acha que a Globo mantém no ar um programa como o *Linha Direta*? Por quê que existe o *Linha Direta*, por quê que a Globo criou o *Linha Direta*?**

Eu vi esses dias, tu viu a reportagem dele, da *Linha Direta*, do... foi ele mesmo que fez isso aí, procurou por ele mesmo pra fazer esse programa, o da *Linha Direta*, sabia?

### **Quem que a senhora tá falando?**

O locutor.

### **O Domingos Meireles?**

Isso, ele mesmo que procurou. Que disse que tava na casa dele, eu assisti essa palestra dele, que ele disse que não foi a Globo nada que fez isso aí, foi ele mesmo que tirou da cabeça dele. Disse que era muito assim, que ele sabia muita coisa, que é jornalista. E ele disse que via as coisas e não a solução. Embromava muito, embromava aquilo e ia levando muito lento. Até chegar naquele lá, já tinha dez, doze na frente e às vezes não tinha nem a solução daquele outro. Daí ele mesmo falou, deu a entrevista na TV que ele quis fazer isso aí, ele achou e daí ele fez duas pequenas e deu certo. E hoje ele parou e ele diz que retorna mais... No programa da Márcia ele teve, daí ele falou que cada vez que eles tirarem ele do programa. Já tiraram, já suspenderam ele, mas ele vai continuar e até com ajuda do pessoal que ele quer conviver. Quem não gostasse que desligasse a televisão, fizesse alguma coisa...

### **Por quê que a senhora acha que a Globo colocou no ar o programa?**

Mais eu acho porque tá certo, foi certo. Como eu te disse assim, muitas coisas de dez, doze anos já nem tem, tão pensando agora que eles nem vêem isso aí mesmo. Não é verdade? Como aquela mulher que mataram a família dela, ela foi procurar o *Linha Direta*, lá ela foi, o único filho que ela tinha ela perdeu, então nunca teve a solução do crime, ela disse não adianta tu fazer crime, que gera violência, não. Ela queria a solução pra morte do filho dela, que ela não sabia. Ela disse: *Lori, eu posso tá sentada numa mesa num restaurante com quem tirou a própria vida do meu filho*. Então quando ela descobriu que ela pensava que era um, foi na *Linha Direta* que foi pesquisaram e foi outro. Da próprio família, o próprio sobrinho dela que tirou a vida do filho dela. E jamais esse guri ela saberia pela polícia, pelos outros que era o sobrinho dela. Ciúme, né? Ciúme pelo que o outro tinha . E ela nunca... a polícia imaginava os outros lá, mas não da família dela. Quando foi juntado tudo, daí ele confessou. Então tem muita gente... é claro que a polícia faz também, mas a polícia não vence, nunca vai vencer,

nunca, nunca, porque quantos por dia. Mesmo com a *Linha Direta* também. O *Linha Direta* tem cinquenta, cem que seja sorteado, mas que seja um.

**O quê que a senhora acha da maneira como o programa retrata a violência? Ele mostra a verdade mesmo ou a senhora acha que ele fantasia um pouco?**

Fantasia um pouco, mas simplesmente semelhante daquele fato que aconteceu. Só que eles pintam, aumentam tudo as coisas, mas é aquilo ali. Mas eu gosto, porque ele mostra os detalhes desde o começo. Tu tem como tu ir, como te dizem, se a linha é torta tu tem como chegar lá. Então ele vai mostrando os pedaços, aquela coisa assim. Que às vezes eles te dão ali e já tiram no ar. Ele não, ele vai mostrando os detalhes, por quê, aonde surgiu, o motivo de quê, né? É poucos que fazem isso aí, poucos.

**O quê que a senhora sente quando vê aquelas histórias no programa? A senhora pensa na família, na pessoa, nos amigos? A senhora se envolve com aquilo ali?**

Eu penso na família. Até às vezes mexe com a gente sim. Tá com fome de noite tu fica pensando, custa a dormir. Que se tu vai botar tudo, tem gente que é assim, eu sou assim, tu deitar tu pode morrer até dormindo. Mas se tu puder fazer alguma coisa por antes de qualquer coisa, uma batida, um barulho, uma pisada. Tem gente que não se importa disso, mas às vezes importa. E é mesmo como *Linha Direta*, ele te ensina muita coisa assim que tu não sabe na frente de um assaltante. Que tem vários tipos de pessoas, que eu já digo, né? Vários tipos de assaltos, vários tipos de coisa de tu se prevenir, quando ver que não tem, que eles tão te pegando. Porque eu era uma que jurava, que eles nunca iam fazer nada pra mim, porque eu não acreditava. Quando eu via bala saindo daqueles revólver, que eu já vi tiros, graças ao meu bom Deus que não me pegou. Aqueles tiros que não me pegou, eu não imagino o quê que é a vida da gente, por causa que eu não contei, só vi aquele fogo. Eu não lembro se eu torci ou corri. Então a gente fica pensando, meu esposo que nunca foi assaltado, nem na rua, nem em casa, nunca os assaltos daqui de casa tiveram junto com ele, nem nada. Daí esse dias ele disse assim: *Tu tem medo de morrer? Quem não tem medo de morrer? Todo mundo tem, cada um.* Quando Deus quiser te leva, mas tu fica assim meio chocada quando tu vê um...depois eu tu tem participado de um assalto bastante que te mexe contigo, tu vê que o prevailecimento, tu não quer nada, leva o que tem, deixa a vida de gente. Aquilo mexe comigo, agora graças a Deus que eu tô mais calma, mas eu lutei por isso.

**O que a senhora pensa sobre a maneira como a polícia é mostrada na televisão? A senhora acha que a televisão mostra a polícia como, de que maneira?**

Agora não é tanto, que antigamente era só pobrezinho, coisa. Agora eles estão mostrando os direitos também, que os policiais são punidos, como aquele do guri de São Leopoldo, que tirou a vida de amigos nossos. A abordagem, o guri também não tinha nada que tirar a vida do outro guri. Encontramos ele depois, o jeito dele mostrou na TV, nós que convive aqui viu o jeito do homem, que ele tinha o filho da mesma idade. Então é isso aí que simplesmente tem outros assim que... eu tenho sobrinho policial: *De três parte um policiamento...* Você podendo prevalecer, você prevalece. De uma maneira de agressão, mas tem que ser porque o bandido tem que ser também, então vai.

**Então a policia é mostrada de uma forma positiva, de uma forma negativa?**

Agora sim tá mais positiva que negativa, porque antes ele não mostravam o que os policiais faziam...

**E a senhora acha que hoje mostra?**

Hoje eles estão mostrando. Não vou dizer que todos, mas eles estão mostrando...

**A parte boa?**

É o que os policiais fazem errado, eles estão punindo. Não sei se é só disco ou se é verdade. Então é aquilo ali. Então como às vezes tu pensa assim: *Meu Deus, tô lá no meio da brigada que eu tô seguro*. Não tá segura nada. Porque às vezes tem pessoa drogada, tem pessoas que... como na rua, né?

**E sobre a questão da pena de morte e da maioridade penal, o quê que a senhora pensa sobre isso?**

Pena de morte...

**É diminuir, ao invés dos jovens só poderem ser responsabilizados pelo crimes com dezoito anos, eles serem responsabilizados com dezesseis anos?**

Eu achei com dezesseis eles sabem muito, tem guri aí com nove, dez anos tem um punho pra segurar um revólver, um cano pesado, um calibre pesado, simplesmente

eles têm uma segurança e tira a vida de qualquer um. É isso que eu penso. Não vai pensar que... Um guri com nove anos a gente já vê se é criminoso e é punido só por depois. E daí eles aproveitam isso daí: *Eu sou de menor, eu vou roubar, eu vou fazer, eu vou fazer*. Até chegar perto da maioridade, quantos crimes têm, quantas coisas têm acontecido. Outra coisa, eles não querem dar serviço pra essa gurizada, tão na rua fazendo o quê? Né verdade?

**E sobre a pena de morte, o quê que a senhora pensa?**

Isso aí meu filho eu sei lá. Eu pena de morte eu sei lá que existe na Argentina, na Argentina. Existe muito nesses outros países, nós que não têm isso aí.

**E como a senhora acha que a televisão esclarece , como a senhora acha que a televisão trata essa questão?**

Não. Esclarece, esclarece claro. Ela esclarece, como é que eu vou te dizer, nunca... A gente tem sempre aquela dúvida, eu sou muito assim de dúvida. De te dizer certeza, certeza a gente nunca tem, porque hoje tu vê de um jeito, amanhã tu vê de outro. Nunca uma coisa assim fim, como dizem, cabo a rabo. Não sempre tem aquelas coisas deles, então eu não dessa coisa de morte não.

**O que é senhora acha que é ser cidadão?**

Eu acho, meu filho, umas pessoas responsáveis, umas pessoas que não participa dessas coisas. Fazer o bom, quer dizer, tu tem que fazer alguma coisa boa pra tu ser bem. Porque se tu fazer coisa ruim, só e alguém saber. Eu acho que isso é ser cidadão, é ter o nome limpo, é primeira coisa. Um pessoa educada. Pra mim é isso. Eu tenho um amigo que ele chegou e disse pra mim que cidadão.. que eu gosto muito, porque se tu tiver errado eu puxo aquilo ali, eu deixo tu se acalmar, deixo tu ficar quieto, mas eu puxo aquilo ali. Te arrependa do que tu faz muda de vida, troca de vida. Eu sou muito como é que tu vai ser tratado por um cidadão que hoje eu sou, muita gente tem um carinho por mim que eu não tinha antes tempo, sabe? Que eu era aquela vida meio atribulada, aquela coisa errada, meio agressiva. Às vezes as pessoas chegavam: *Lori, eu te amo tanto, te quero tanto bem, tenho tanto medo de te perder, eu tenho tanto medo de algum dia acontecer algo contigo*. Então tu para e pensa, não é só assim. A gente tem que fazer alguma coisa, tu tem que fazer, como agora as pessoas chegam aqui e quando me abraçam choram. Teve um soldado... que tu vê que aquele carinho vem de dentro.



Mas também tu fez alguma coisa pra agradecer, tu nunca... tu já chutada, tu já foi machucada, tu já foi humilhada. Então com humilhação tal e coisa, não adianta tu voltar com a mesma pedra, eu acho que a pessoa tem que ser o que ela é. Mas não com violência essas coisas, porque tem a mudar. Porque a violência gera violência, eu sempre digo. Mas a pessoa... se tu for boa tu pára e pensa: *Poxa, se me atiram uma pedra eu vou atirar outra*. Não, por um tempo eu pensei isso, mas graças a Deus, muito pouco tempo. Se fizesse pra mim eu ia me vingar, eu me vingaria. E daí eu vi que não era, meu filhos como eu tava criando. Sabe, eu tentava fazer da minha maneira, depois eu vi que não era e tu convive. Hoje nós convivemos de muitas pessoas de classes, pessoas de sociedade, pessoas assim de amor, de carinho em roda de ti, então a gente também mudou muito, graças a Deus. Aquele carinho que a pessoa sente pela gente hoje, vai, liga, *eu tô com uma saudade*, tu chega lá, eu quero ir lá conviver com você. E tu chega lá, as pessoas vêm de braços aberto, não querendo que tu sai de dentro de casa deles, mesmo que gente quando chega aquela visita que tu não quer que saia de dentro, vive parece que quer, vai embora tira uma coisa de ti. Então eu acho assim, que pra ser uma pessoa cidadão, uma pessoa educada tem muito o que aprender. Eu tive pouco estudo, mas a gente vai aprendendo a viver.

**E qual atividade do teu dia-a-dia que a senhora se sente mais cidadã?**

Como é que eu vou te dizer assim...

**Em qual atividade do teu dia-a-dia que faz a senhora se sentir mais cidadã?**

Uma limpeza, uma arrumação, às vezes eu me acho assim bem, se tu chegar querer logo uma coisa pra te servir, uma casa bem arrumada, aquela roupa bem ajeitada, que eu sou muito de organização. Sempre tive isso desde criança, organizado, então quando eu tô com todo o meu serviço pronto, minha casa ajeitada parece que eu tô livre, parece que tô assim, eu posso sair porque eu tenho uma coisa comigo, eu não posso deixar roupa suja pra sair se eu tomar meu banho minha roupa tem que ficar limpa, eu não posso sair, eu tenho que já programar se eu tenho que ir pro médico, ontem mesmo quando eu fui pro médico eu tive que tomar meu banho, lavar minha roupa, tava chovendo que não tinha necessidade né? Mas tem que ficar tudo em ordem eu saio bem se eu sair e deixar minha casa agora que tu chega e tem que sair, tem que sair ligeiro, eu saio sabe?, mas lá mesmo eu tô preocupada porque eu não deixei tudo arrumado, tudo organizado se eu me perguntei agora nós tava falando com minha irmã, isso é tipo uma

doença sabia? Isso é que me penso, porque que os outros não tem tanto e eu tenho que ser assim, ele também, o meu esposo ele não sabe, se ele tiver um roupa, uma camiseta virada em cima da cama ele volta, ele pode tá lá no quarto, mas ele volta e desvira a camisa, nós fomos sempre assim, como eu vou te dizer, organizado, pra mim não tem horário de noite, de dia, manhã, meia noite, ou se eu tenho que almoçar fica pra depois, mas primeiro eu vou fazer o meu serviço, minha tarefa que eu tenho que fazer, embora se eu tiver uma coisa pra arrumar lá no fundos, lá no meu inquilino e se eu não arrumar e hoje um inquilino chega lá e que tem que arrumar um chuveiro tem que arrumar isso, tem que arrumar aquilo, eu não fico contente se eu não ver que aquela pessoa também fica contente, eu sou muito de organização

**E como a senhora acha que pode contribuir na sociedade?**

Como assim ?

**Qual a sua parte, como a senhora acha que pode fazer pra ajudar na sociedade?**

Como eu te disse, ajudar no que tu puder, ajudar, porque nem todo mundo tem coisas, assim. Porque aqui mesmo tem um negócio de costura, de criança, tem um negócio assim muito na minha casa, não sei por quê, porque é um pouquinho melhor, eles vêm procurar muita coisa assim. Quando criança necessitam disso, pessoas velhos, a gente sabe muito. *Não, eu preciso disso, O quê que a senhora precisa pra melhorar na vila?*. O quê que precisa aqui dentro dessa vila? É uma creche. Todo mundo quer trabalhar. Mães pagando R\$ 200,00, que ganha um salário mínimo. Pagando R\$ 200,00 pra cuidar de uma criança, pra poder trabalhar. Não consegue trabalhar pra viver a vida. Tirar muitas vezes as coisas da rua. Muitas coisas eu tivesse ali, nem que eu trabalhasse ali dia e noite, mas eu queria ter uma creche pra botar essas crianças, sabe? Aquela coisa ali pra te ajudar, para pessoa ser alguém também. Eles dizem: *Ah, mas a senhora tem tal coisa*. Eu tenho porque trabalhei. Porque tu trabalhou. Tu tem alguma coisa porque tu batalhou, mas as outras pessoas dizem assim: *Ba! Mas eu gostaria, tenho tempo, mas não posso trabalhar*. Porque não tem, em muitos casos não tem o que comer. E tem uma vida. Tem gente que fala: *Poxa! Vai trabalhar, vai fazer uma faxina*. Imagina quem vai de deixar uma criança doente, uma criança atirado. Isso aí a gente tá sempre movimento, reunião, amanhã nós temos reunião. Aquela coisa de sempre andando.

**O que a senhora acha dos meios de comunicação: televisão, rádio, jornal, como é que a senhora acha que eles podem ajudar o cidadão a exercer sua cidadania?**

A televisão, televisão mostra às vezes como tu pode... porque ali tu vê. O rádio, o jornal é escrito num papel, mas ali tu vê alguma coisa que tu pode fazer, alguma coisa pra ser educado. Como eu tava dizendo, pra ser educado não adianta também tu ter tudo e não saber levar aquela maneira. Porque eu também, se tu tá precisando de mim eu fecho minha casa e vou lá te ajudar. Não tem essa que nós semo assim. Se fulano tá precisando, tá construindo lá uma coisa, nós fechamos tudo e vamos lá te ajudar. A vila é assim. E nós semo assim. Às vezes tem gente: *Não, eu vou cobrar R\$ 1,00, R\$ 2,00.* Não. Muitas vezes com fome aquela pessoa, não tem nada pra comer. Tu tem que ir comer, retornar lá e ajudar aquela pessoa, retirar aquelas pessoas, que muitas vezes é esses terrenos invadidos. Eu sou uma que tirei dinheiro do meu armazém pra pagar caminhão pra ajudar aquelas pessoas. A polícia ia lá derrubando as casas, as pessoas sofrendo, as pessoas chorando. Ajudar pessoas desmaiadas, criança, largando no chão, no sol. Tudo isso nós já passemos.

**Mas como a senhora acha que os meios de comunicação atuam nisso?**

Ajuda porque explica, porque hoje em dia não adianta, tem gente que olha e não entende. Que eu era uma que não entendia pouco, não vou dizer que eu entendo tudo, também pouco estudo tive. Mas tu vê mostrar, tu aprende, até uma comida. Vamos fazer uma abóbora, uma abóbora. Toma água, o sal. Tu aprende a conviver, tu aprende com o sofrimento teu, tu aprende. Eu acho que é a televisão. A televisão mostra muito.

**A senhora foi em algum meio de comunicação reclamar de algum serviço que não foi prestado corretamente? A senhora já foi assim no jornal reclamar de alguma coisa que senhora comprou que tava mal feito? A senhora já foi na televisão...**

Não, não. Já perdi muita coisa...

**Mas nunca reclamou...**

Nunca reclamei. Assim, é muito demorado. Olha esta estante aqui eu comprei, R\$ 800,00, o homem veio, dois guris me montou toda virada. Brigaram os guris aqui

dentro. Eu sozinha em casa, fiz um café pros guris e daí quando eles montaram não dava certo. Eles ficaram duas horas aqui, eles brigando (risos) com umas armas que eu tinha ali, um ameaçou o outro com uma furadeira, dois piás, um com quatorze, outro com dezesseis. Eu me assustei, tirei os guri e botei um pra lá e outro pra cá. Mandeí deixar a estante pra lá, e eles foram embora. Sabe quantos meses eu fiquei com a estante pro homem vir aqui na loja? E eu não reclamei, eu só ia na loja. Eu fui mais de dez vezes pra na última eles vieram consertar. E eu já tinha pago R\$ 800,00 que eu comprei à vista. Chegava pro gerente e falava... E uma vez eu disse pra ele: *Eu vou pro jornal, eu vou pro PROCON, que eu não tenho assinatura da montagem da minha estante.* Outra vez eu disse pra ele...

### **E por que a senhora não foi?**

Meu filho, é aquela ali. Se eu puder não ofender, eu sou daquele tipo de pessoa que se puder, eu vi que a estante tava... Ele só me prometia que vinha. Daí da última vez que eu fui eu disse que ia no jornal, *eu vou no PROCON. Tô saindo agora.* Daí ele olhou e falou assim pra mim: *Dona Lori, eu passei a gerente faz um mês e eu não quero perder o meu cargo. A senhora me dá a chance, até sexta-feira eu dou a solução.* Mas pra isso eu tinha pegado quatro gerentes há anos, foram brutos comigo até nas últimas. Ligava pra lá e não queriam me atender. Eu ia lá e se escondiam de mim. Daí da última vez eu fui pra falar mesmo. Daí eu passei na loja e falei com ele e disse assim: *Ó cara, é assim, assim, tô saindo daqui pra procurar meus direitos.* Daí o cara me pediu aquilo e comoveu comigo. Poxa, se eu esperei cinco, por que não foi esperar uma semana? Esperei cinco meses, vou esperar uma semana. E ele pegou e me arrumou. Nesse dia ele me ligou agradecendo pra mim da solução. Que tava todos o meus pedidos lá e ele em um mês ele consertou o que em cinco meses eu pedindo ajuda. Um passando, por cada gerente que passava anotava aquele pedido. Ele disse que tinha pego os cinco pedidos da senhora levei e fui promovido, me agradecendo: *Eu tenho meus filhos pra sustentar.* Depois disse: *Aquela ali não é uma coisa de comer?* Tava segurando, mas tava toda quebrada? Me consertou. Eu não sou muito de vingança, eu te digo. Se vingar, querer cobrar, não. Se puder eu quero...os direitos cada um tem, mas eu não sou muito de puxar os meus direitos. Deixa assim como tá, tranqüilo.

**Como a senhora acha que os governos vêm tratando o problema da violência urbana?**

É embromado, meu filho. Muito embromado, eles falam, falam, mas pouco cumprem. Fala, como eu tô te falando, mas pouco eles cumprem, que mesmo quando eles vão votar te prometem o nervo e o fundo e depois tchau.

**A senhora acha que não tem sido satisfatório?**

Não, não. É pouca coisa.

**E qual sua sugestão pro governo tirar esse pessoal da rua antes que eles virem criminosos? Tirar da rua pra que justamente eles não virem criminosos? O quê que a senhora sugere?**

Eu não sei. Seria um serviço, uma coisa, uma atividade que existe de assinar a carteira, mas antes dessa crianças fazer... o governo ajuda com esse dinheirinho por mês, só que às vezes esse dinheiro não é usado pra estudar, às vezes o pai pega esse dinheiro. E outra coisa é que todo mundo não estuda o dia todo e esse dinheiro tinha que ser pago no colégio pras crianças quem estudava de manhã ia fazer uma atividade de tarde. A senhora, cem pila, mas se tu quisesse ganha tu ia fazer alguma coisa no colégio de tarde, na sociedade. Entendeu? Que daí o pai não ia pode pegar esse dinheiro, porque era do filho. O filho já ia pegar esse dinheiro, se ele queria aquele cem pila ele ia ter que trabalhar vamos dizer meio período, qualquer coisa que ele quisesse. Sei lá eu... porque muitas vezes eu, do meu guris eu fui lá e desisti do dinheiro dos meus guris. Um dia eu olhei o programa, tinha mais gente que precisava mais, por quê que não vamos ajudar? Esses meus filhos, eu digo meus filhos que eles são adotados, eles tinham uma aposentadoria de R\$ 600,00, eu não quis receber. De seiscentos ficou pra trezentos, olha lá. De trezentos eu não quis, porque eu queria uma poupança. Daí como existia essa poupanças eu não podia desistir, porque o governo pega de volta. Então eu fiz uma poupança e pegava R\$ 80,00 desse dinheiro pros guris. Então seria desses R\$ 80,00 como esses cem pilas que eles pagam. Era daí meu guri disse por quê que eu não ia pegar o bolsa escola pra eles. *Nós temos direito de pegar o bolsa escola.* Daí um dia eles estavam tomando café e eu tava aqui, quando eu vi aquelas pessoas passando fome, eu chamei ele e daí o meu guri concordou. Daí meu guri de quinze anos disse: *Mãe, eu ganhei cinqüenta pila, que eu não tenho nada pra fazer de tarde.* No colégio não vinha a ter, quê que eles iam fazer dentro de casa? Às vezes me incomodando, batendo uma bola na rua, batendo bola dentro de casa. Então por quê que nós... qualquer coisa ou

ajudar outras crianças, entendeu? Que o jovem da quinta série já pode juntar o da primeira, né? Qualquer coisa que fosse útil. Sei lá.

**E a senhora acha correto, a senhora acha direito o *Linha Direta* se meter na atuação da polícia e da justiça?**

Eu acho, porque ele cobre muita coisa. Porque aquela vez que eles foram, porque eles tiraram, que ele fazia muita coisa, muito dano. Eu não sei que esse pessoal tudo pensa diferente, que eu não vou pensar igual tudo. Mas eu... olha se pudesse assinar por eles ficar assinaria. Tem outras coisas que é pior...

**A senhora acha que...**

Que tem que ficar. Que ele atua bem nessas coisas que eles estão fazendo.

**Mas porque a senhora acha que eles devem se meter na polícia e na justiça?**

Porque tá muito lento, muito lento. A polícia não vence, é muito crime, é muita coisa, então a polícia não vence. Então como eu tava dizendo eles... não é todas coisas que ser punidos, mas acho que cada um tem o direito de saber, cada um tem o direito. Se tirou a vida, se fez tu tem o direito de conhecer, o que que aconteceu, se teve uma solução. Porque eu acho que alguma família que não sabe a solução sempre fica com aquele negócio na cabeça. Sempre, sempre. Tu acredita em tudo que tu fala. Chegou e falou tu acredita.

**Como a senhora vê a relação entre a televisão e o governo?**

Esse governo daqui prometeu muita coisa e não cumpriu...

**Mas como a senhora vê a televisão junto com o governo.? Essa relação o que que a senhora acha?**

Eu acho a televisão assim bom, mas como é que tu quer dizer do governo? O que ele fez como assim?

**A senhora acha que a televisão cobra do governo ou ela é cúmplice do governo...**

Ela cobra, tem muitas coisas ali, tem muita pessoa (risos) que fala na televisão, que mostra cobrando o governo. Então aquilo ali. Então tu fica ali “ Poderia eu ter falado aquilo com fulano...” Fulano falou, porque às vezes eles fazem aquelas entrevistas, aquela coisa, perguntam né. Então sempre tem um... tu tá aqui que é gente pobre. Tu tá aqui tu escuta aquilo alo. Então eu acho que cobra bastante.

**O que a senhora faria se fosse dona de um meio de comunicação? Dona de uma rádio, dona de uma televisão, dona de um jornal?**

Fazer o que?

**Pra combater essa situação?**

Eu ia ajudar pra cobrar, eu ia trabalhar em cima das coisas que estão acontecendo. Queria ir a fundo como ele vai pra cobrar aquilo ali. E não deixar assim, sempre tem uma solução, se não tem a mãe tem avó. Se não tem avó, tem o filho e vai indo, vai indo. Tem o sobrinho. Sempre tem uma solução pra ti, porque antes dele não existia nada do que existe hoje.

**O que que a senhora acha, porque que a senhora pensa que nós chegamos nessa situação de violência no Brasil? O que que a senhora acha que aconteceu que aconteceu que a gente chegou nessa situação tão...**

A droga. Existe muito droga, porque a maldita da droga levou muito as pessoas, como eu disse, pro bandidismo. A droga levou, se vem é pobre, eu digo pobre, médio, rico. Hoje em dia não é só pobre que rouba, o rico também rouba. E porque? Porque tem a necessidade daquela maldita droga. O que nós não entende é isso aí. Eu tinha meu irmão que era drogado, eu vezes me sinto culpada da morte porque eu ajudava de medo que ele roubasse, matasse. Então tu tem aquilo que tu tem medo, porque quando acontece com a família. Porque quando eu perdi ele das drogas, foi uns 4 anos atrás, a gente sempre pensava e hoje quando eu vejo que dá arrepio, vejo os gurizinhos com drogas. Às vezes no centro um gurizinho me pedindo dinheiro, coitado parado. Eu e meu guri, nós ia ali, eu e meu guri mais novo que eu te falo, nós ia ali na BR, tinha um gurizinho, frio, frio e eu tirei meu casaco de dentro do carro. Meu guri “ Mãe, a senhor pagou 80 nesse casaco e esse guri vi vender por troca.” e eu vesti no guri e ele disse “ Obrigada tia, Deus que lhe abençoe!” Já chegou aquilo, sabe? Eu botei aquele casaco no gurizinho do calçãozinho curto, de pé no chão pedindo dinheiro. Mas chapadinho,

chapadinho, chapadinho. Eu falei assim sei lá, porque se eu pudesse tirar essas crianças da rua. Porque aquilo te corta, o que me mexe dentro de mim é aquilo ali é que eu tive 4, eu cuidei dos meus filhos. Acho que toda aquela mãe não tinha quilo ali, aquelas coisinhas arrumadas pro bem do meu filho. E hoje quando tu vê aquilo ali me dói o coração, se já ladrão, seja... qualquer um na rua aquilo dói na gente, machuca, né. E eu sou muito de como eu digo, se eu tiver um solução eu não importo de mim, se eu tiver um par de sapato eu dou. Se eu tiver aquilo ali amanhã depois eu compro outro. S e eu conseguir a gente ganha, mas eu sou muito de ajudar. E outra coisa te dizem, a polícia dizia pra mim/; “Quando tu ajuda, tu ajuda marginal, tu ajuda isso ai e eles vão mais pedir. “ E ele conheceu meu guri, eu achei tão engraçado , então ele gritou e pediu aquele dinheiro. Daí eu eu enfiei a mão e peguei R\$ 0,70 e deu pra ele, saiu pulando. Daí sai do carro que eu vou dar meu casaco que ele tá com frio. Daí que quando voltou ele já não tinha, tinha ido embora com aquele casaco. Só que como diz meu guri “ Mãe, a senhora pagou 80 pila naquele casaco ,então faz um mês que a senhora tinha aquele casaco e o guri vi vender aquele casso, alguém vi tirar dele.” E vai ser mais pra droga e eu fiquei pensando é verdade. Aquele casaco valia, era um casaco bem. “Eu vou te dar 10 pila” E ele ia dar, só que na hora eu não pensei. Daí meu guri chegou e disse: “ Mãe, a vida não é assim, a senhora pensou que a senhora fez uma boa coisa e a senhora fez a pior coisa.” Eu disse: “ Capaz do guri tá com frio.” ele disse: “ Mãe, a senhora pensa, olha bem e diz a verdade.” Porque às vezes eu pensava assim : “Meu Deus, só ajudando, só ajudando” Mas não é assim também.

### **Entrevista em profundidade com Cleuza**

#### **Que tipo de pessoa você se considera?**

Que eu me considero? Eu me considero... eu... sou uma pessoa boa, acho que... eu batalho, eu vou a luta, eu trabalho. Sei lá, eu sou eu, não sou melhor que ninguém, eu sou essa pessoa que tu vê, sempre alegre com todo mundo. Não levo nada na maldade, pra mim tudo tá bom.



**E qual a importância da família na tu vida?**

A minha família pra mim é tudo. Meus filhos em primeiro lugar. Meus filhos, meus irmãos, minhas irmãs, minha mãe, mas já não tem mais. Acho que a família tá em primeiro lugar, depois vem os amigos.

**E o que que tu pensa sobre o teu trabalho? O que que tu pretende, onde tu quer chegar? Se tu tá feliz? O que que tu acha do teu trabalho?**

O meu trabalho pra mim, eu me sinto bem trabalhando. Sabe, eu gosto de trabalhar, sempre gostei, eu prefiro continuar onde eu tô né, pra progredir melhor ainda. Porque eu gosto do meu trabalho, eu gosto do que eu faço.

**E qual a atividade mais gratificante do teu cotidiano que te dá mais prazer? O que tu se sente mais feliz quando tu tá fazendo determinada coisa no teu dia, o que que é essa coisa?**

Determinar assim?

**No teu dia-a-dia, é quanto tu tá trabalhando que tu se sente mais feliz, quando tu tá em casa, quando tá com as amigas...**

Eu me sinto mais feliz quando com meus filhos, pra mim é um felicidade. No trabalho é um ambiente de trabalho, em casa tu já tem...tá com família é bom.

**E aonde é que tu acha que tem mais aprendido durante a tua vida? Tem sido na escola, na rua, com a vida mesmo, com a família, no trabalho? Onde tu acha que mais aprendeu e com quais pessoas? Quem são as pessoas que te ensinaram?**

Eu aprendi tudo que eu aprendi foi com a minha mãe, meus pais, eles me ensinaram. Desde de pequena quando eu comecei a entender as coisas eles sempre procuraram fazer as coisas corretas. Sempre fiz as coisas direitinho pra não quebrara a cabeça. Se não tenho uma coisa melhor hoje não falta de atenção deles, que eles me ensinaram. Foi que a minha mãe me ensinou , fazer coisas certas pra quando eu tiver minha casa, minha família pra mim sabe pra eu não dar cabeçada.

**Tu acha que foi mais com a tua família que tu aprendeu então?**

Isso, foi. Aprendi mais com eles.

**E quais são as tuas atividades de lazer? O que que tu faz pra se divertir?**

Me divertir (pausa) A diversão que eu tenho é que eu saio assim e vou na casa da minha irmã. Não sou de festa. Não tenho tempo mesmo pra ir pra festa, essas coisas assim, mas se eu tivesse condições eu gostaria de ir num lugar. Viajar, gostaria de viajar, levar os guris pra conhecer coisa melhor. Mas a minha condição é pouca então eu venho pra cá e eles ficam bem aqui.

**E que é importante na vida pra ti?**

Mais importante pra mim?

**De tudo assim o que tu julga que é mais importante?**

Mais importante pra mim, eu acho que é a saúde da gente. Tem saúde tem tudo.

**O que tu pensa da participação dos meios de comunicação na formação das pessoas? Qual a importância que os meios de comunicação têm na sociedade?**

Que as pessoas falam pra mim?

**Qual a participação dos meios de comunicação na sociedade? O que que tu acha, a importância que eles tem pra pessoas, pra sociedade. Os meios de comunicação: televisão, rádio, jornal, internet. O que que tu acha que é a importância deles?**

Dele deve ser a televisão, que se comunica mais é a televisão. Tem jornal também. Eu no meu caso eu já gosto mais de televisão.

**Mas tu acha que é positiva? Como é que tu vê a participação deles na sociedade? O que é bom , o que é ruim? O que que tu acha dos meios de comunicação na sociedade, na vida da pessoas ?**

Na vida deles se é bom pra eles o que que eu posso achar?

**Não na vida das pessoas, dos cidadãos de cidade.**

Achei bom pra eles.

**Não pra, para as pessoas?**

Pra mim, pra eles...

**Não pra eles dos meios de comunicação, mas para as pessoas, para os cidadãos da cidade, as pessoas que tu conhece.**

Agora tu me pegou. (pausa) Pra pessoas da sociedade que frequentam lugares.

**Não as pessoas em casa mesmo que quando têm acesso a um meio de comunicação, a um jornal, ao rádio. Tu acha que é importante que é importante os meios de comunicação na sociedade, o que eles trazem pra eles?**

É importante sim.

**Porque que tu acha que é importante?**

O pessoal fica mais informado. É... eu acho que isso. Fica mais por dentro dos assunto.

**Sobre a televisão, rádio, a internet de que forma eles participam no teu dia-a-dia, da Cleuza? Como é que é tu assiste mais a televisão, rádio?**

Sim, eu assisto mais televisão.

**Mais a televisão que faz parte do teu dia-a-dia? Rádio, jornal...**

Se eu estou em casa eu gosto de escutar a notícia, o jornal da manhã, meio dia.

**O rádio não não?**

O rádio é meio difícil, porque meu guri escuta DVD ele estando em casa.

**E o jornal escrito?**

Escrito é meio difícil eu ler jornal também.

**Internet?**

Não, não.

**É complicado. É mais televisão. (pausa) Desses meios de comunicação o que tu dedica mais tempo é a televisão.**

É

**E em segundo lugar, qual seria? Depois da televisão?**

(pausa) através das pessoas. Chego num lugar e “Tu viu tal coisa?”

**Mas depois da televisão qual o meio de comunicação que tu tem mais acesso? É o rádio, é o jornal, é a revista? Depois televisão qual seria?**

Depois da televisão aí eu leio um jornalzinho de vez em quando pra ver se tem alguma coisa mesmo.

**Então é o jornal escrito?**

Jornal escrito. Zero Hora, né.

**Tu costuma ir o cinema?**

Não. Fui assim uma vez só quando eu conheci meu marido.

**Mas tu lembra qual foi o filme que tu assistiu?**

Como era aquele filme? Aquele da faixa, acho que Rambo. Sei lá. Sylvester Stallone. Mas já faz muitos anos. Faz 16 anos.

**Mas tu não tem costume de ir?**

Não, não tenho costume de ir ao cinema.

**E quando tu pensa em informação, qual o primeiro meio de comunicação que vem a tua cabeça?**

Informação?

**Porque tu quer ficar sabendo das coisas que estão acontecendo.**

A eu me informo com meu marido porque...

**Não mas o meio de comunicação.**

Se eu quero saber alguma coisa?

**É na televisão, no rio, no jornal?**

Daí eu procuro ver na televisão.

**É televisão que tu procura pra se informar?**

É.

**E pra se divertir, sem ser pra se informar, tu quer se divertir, quer descansar, rir qual...**

Daí eu venho pra cá (risos).

**Não mas qual o primeiro meio de comunicação que tu pensa pra se divertir?**

Que tipo de diversão tu tá se referindo assim?

**De lazer?**

De lazer pra descansar.

**Isso.**

Eu gosto de ficar em casa.

**Mas qual é o meio de comunicação? Tu tá em casa e o que que tu gosta de fazer ouvindo música, assistindo televisão, lendo um jornal. Como é que tu faz pra se divertir?**

Se eu tô em casa assisto televisão.

**Então é mais a televisão?**

É a televisão.

**E quais são as notícias que mais te interessam?**

O Jornal Nacional.

**Não. As notícias que mais te interessam. É sobre a política, cidade, tempo, desastre, assalto, essas coisas?**

Sim, essas coisas interessam muito a gente. Que nem deu esse desastre de avião, essa coisarada aí. Eu gosto de olhar essas... Negócio de política eu não gosto não. É muita falcaturia. (risos) Gosto de olhar coisa mais interessante que acontece no mundo.

**O que tu pensa a respeito da programação das emissoras? A programação que passa na televisão que quer tu acha?**

Os programas que passam? Eu gosto de todos. Pra mim todos são bons. Tendo notícia boa que me interessam pra mim é bom.

**Mas do resto da programação, das novelas, das...**

Sim, eu gosto da novela.

**Tu acha que a programação da televisão é boa ou ruim?**

Pra mim é boa.

**Porque que tu acha que é boa?**

É porque tu tá ali. Sei lá tu distrai. Passar o tempo, passar o tempo.

**E qual tua opinião sobre a Rede Globo? O que que tu acha da Rede Globo? Quais são os aspectos positivos e os negativos da Rede Globo?**

(pausa) Pra mim tá boa.

**Porque que tu acha que é positivo?**

Porque é o canal que eu mais olho, o 12 que é a Rede Globo.

**Mas tu olha mais a Globo porque? Porque tu gosta da Globo? Porque é a que pega melhor?**

É a que pega melhor onde eu moro lá e eu gosto de olhar.

**Tu vê alguma coisa de negativo na Rede Globo? Tipo tl coisa tu não acha que é bom, que podia mudar?**

Tem muita coisas ali que não dá mesmo. Tem aquela novela das sete, aquilo ali pra eu nem olho. Não é que seja assim... é cinismo, negócio de magia não cola comigo.

Eu gosto de coisa que acontece. Porque novela é coisa passageira, as vezes as coisas que tá acontecendo não é a realidade. A globo pra mim... o canal 5 é difícil eu olhar o canal 5.

**Na programação da televisão, quando tu liga a TV como é que tu faz pra escolher o que programa que tu vai assistir? É pelo canal, pela emissora, pelo tema, é porque alguém disse que tal programa é legal e tu vai lá e quer assistir? Tu escolhe o programa que tu vai assistir porque?**

Eu troco de canal, eu vejo qual que tá melhor e eu deixo naquele ali.

**Mas tu escolhe aquele ali porque alguém te disse que era legal? Porque tu achou a temática interessante e para pra assistir melhor?**

Sim, se eu estou olhando ali e alguém chega e me diz que o programa é melhor. Eu até troco se eu achar que é melhor. Se eu souber que aquilo ali tá me fazendo bem eu deixo ali onde está.

**É pelo tema?**

É pelo tema.

**Porque eles estão passando e tu se interessou.**

É

**Certo. Qual o horário que tu prefere pra ver televisão?**

Qual o horário?

**Que tu prefere pra assistir televisão?**

Se eu tô em casa durante a semana 8 horas eu ligo a televisão. 8 horas, as vezes se eu me acordo mais cedo.

**De manhã tu já liga a televisão?**

Já ligo a televisão e aí vai até o horário do almoço.

**Manhã toda?**

Manhã toda. Chego no horário do almoço eu desligo. Se tiver que sair que nem hoje eu saí. Aí quando eu chego eu vejo o jornal das 7, olho o jornal das 8 e às vezes até o jornal depois da novela. Tem um troço lá que dá que é um telejornal. Demora um pedaço aí eu tenho que dormir que eu tenho que trabalhar (risos).

**Tu passa muita parte do teu dia assistindo televisão?**

Passo. Não é todo dia, só quando eu tô em casa.

**Qual a emissora que tu gosta mais?**

A emissora que tu gosta mais? (pausa)

**É a Globo, a Record...**

Globo.

**Porque a Globo?**

Porque eu já acostumei ali. Eu acho que ali toda hora tá dando uma coisinha ou outra, tá dando “tá passando tal coisa em tal lugar”. È eu já fico atenta “O que será que houve?” Que a gente tem muito parente pra fora, acontece uma coisa e a gente não sabe.

**E qual é o tipo de programa que tu gosta mais?**

Programa?

**É que tu gosta mais é novela, jornal, programa de humor, filme...**

O que eu mais eu gosto é jornal.

**O que tu mais gosta é jornal?**

É o jornal. Às vezes novel, é a novela das 8 que eu olho. Tem dia que eu nem olho, eu só escuto. Tô fazendo alguma coisa lá.



**O tipo de programa que tu não gosta de jeito nenhum? Tal coisa eu não assisto, não me agrada. Se tá passando tu muda de canal.**

Eu não gosto de desenho, não gosto de filme de terror. Não gosto de (pausa) sei lá novela, tem muita frescura. Não gosto também. Tem uns canais que nós tamos olhando, mas não tem graça nenhuma. Tanta coisa acontecendo por aí tu tá perdendo de olhar aquilo ali.

**O que é violência pra ti?**

Violência pra mim é o homem espancar a mulher, espancar filho. Pegar um cidadão trabalhador e dar uns bofetes, tomar um troco pra pegar o dinheiro do pedestre. Isso é a violência. É “brabo”, mas tem.

**O que mais que tu pensa sobre a violência?**

Esses caras que pegam essas gurizinhas. Pra mim já uma violência, porque esses caras que pegam essas guris, que muitas vezes estão doentes. Pega as gurizinhas, faz e acontece, espancam, judiam, às vezes matam, estupram. Isso aí é cruel.

**E tu já foi vítima de algum ato de violência, já foi assaltada?**

Não Graças a Deus não.

**Nunca foi vítima?**

Não. Toda minha vida trabalhei, cheguei em casa de madrugada, com dinheiro às vezes, pagamento. Nunca, nunca, nunca.

**Nunca passou por nenhuma situação de violência.**

Não.

**No teu dia-a-dia, como a questão da violência interfere no teu dia-a-dia? Como é que tu se previne contra a violência? Tu tá sempre observando as pessoas na rua, não anda de noite, pede sempre pra alguém te acompanhar? Como é que é isso contigo?**

Tem que ser atenta. Que nem eu vou pro serviço de manhã cedo. Fico atenta, sempre olhando para um lado pra outro. Eu olho e tal e coisa. Se qualquer coisa

acontecer...vontade de Deus mesmo. Quando tem que acontecer as coisas não adianta. Mas até agora Graças a Deus nunca aconteceu comigo.

**Mas no teu dia-a-dia tu procura se cuidar pra...**

Me cuido bastante pra não acontecer. Se eu preciso sair alguma coisa meu marido me acompanha. Um homem já é mais...é lógico se der bandeira pro cara ele vai vir agora se tu... Cansei de levar assobio, piadinha mas não dou bola. Abaixa a cabeça e se manda. Qualquer coisa,s e acontecer uma coisa eu entro dentro de qualquer casa. Eu entro não quero nem saber. Sei lá o que vão fazer, se vão me matar ou não.(risos)

**E tu confia na polícia da tua cidade? Tu se sente segura com a Brigada Militar?**

Eu não.

**Porque?**

Eu não me sinto segura, porque não tem segurança nenhuma. Por assim, acontece uma coisa na minha casa e eu chamo a polícia. A polícia não vai tá 24 horas na minha casa. Eles vão ali porque tem que ir. Eles vão embora e acontece o pior.

**Tu não se sente segura com a Brigada?**

Não, não. Com a Brigada eu não me sinto segura não. Se tu tá num lugar em que tá a Brigada qualquer coisa eles estão ali. Agora num momento que tu tá na tua casa ou na rua e alguém faz alguma coisa pra ti, tu chama a Brigada eles vem na hora e fazem o que tem que fazer. A obrigação deles é essa. Ali vê a vítima ali, se morreu ou não morreu e vão embora de novo.

**E na Polícia Civil e na Polícia Federal, o que que tu pensa a respeito delas?**

Acho que ela é mais corrompida, acho que é lá em cima.

**A civil?**

A Civil também. PRICIPALMENTE A CIVIL. Sim porque a Civil, eles tem ordem de prisão. Se tu tá devendo alguma coisa pra eles, eles chegam e buraqueiam a casa. Agora a Brigada não pode fazer isso. Eles não têm mandato nenhum.

**Como é que tu faz pra se informar sobre o problema da violência? Tu quer saber como é que tá a violência no mundo, onde é que tu procura se informar sobre isso, na televisão, no jornal, no rádio?**

É procuro saber na televisão, é onde dá mais. Dá mais na televisão. No jornal, eu não compro jornal. Então se eu me taco de um vizinho pra outro. Então eu procuro olhar na televisão. Se não dá no jornal do meio-dia dá no da noite.

**Tu lembra como foi a primeira vez que tu assistiu o Linha Direta? Tava passando...**

Ah, que eu olhei esse Linha Direta faz tempo.

**Tu costuma olhar?**

Não, não costumo olhar, porque coisa assim eu...sei lá. Eu acho assim, no meu caso pra mim discar pra lá pra dizer que aconteceu uma coisa em tal lugar só se acontecer uma coisa com meus irmãos, meus filhos. Tomara que não aconteça! Caso contrário, com uma pessoa que eu não sei quem é, eu não vou arriscar minha vida de graça. Mas se o Linha Direta tá bom pra eles assim, cada um faz o que deve.

**Existe alguma exibição do programa que te marcou até hoje, alguma vez tu assistiu o programa e tu lembra até hoje? “tl dia que mataram não sei quem”, que te impressionou?**

Foi aquela das Torres, 07 de setembro. Foi 07 de setembro que caiu as torres?

**Não mas que passou no *Linha Direta*.**

Ah, no Linha direta. (pausa) Foi a vez que o marido matou a mulher na frente dos filhos. Esse lugar já foi... Não podia, se a mulher aprontou pra ele, mas não fizesse. Acho que não tinha motivo, acho que ninguém tem direito de tirara a vida de ninguém. A não ser Deus. Eu já penso assim por causa dos filhos. Depois os filhos se criam revoltados com o pai que matou a mãe. E até mais tarde não vão acontecer o mesmo com eles. Deles crescerem e quererem matar o pai. Isso ai acontece. Por isso que eu não

gosto de olhar isso aí, porque eu já tenho os meus guris então eu num...E os guris também não gostam, é muita violência.

**Tu acha assim que o Linha Direta é um programa de utilidade pública, porque ele ajuda, ele denuncia esse criminosos que estão foragidos? Tu acha que ele atua de uma maneira positiva pra sociedade?**

Olha, se é bom pra sociedade eu não sei, agora... tem uma coisa ali que tu não dá o nome, parece que é a identidade, aparece que foi, é o que falam ali.

**Não mas quando ele denuncia esse criminosos que estão foragidos?**

Aparece na televisão.

**Que aparece o rosto e tal, tal, tu acha que isso é bom ou é ruim o fato dele tá denunciando esses foragidos da polícia?**

A eu acho que ruim, porque acho que uma hora dessa pode acontecer o pior pra eles também, pra quem tá denunciando. Vamos lá que eles descobrem depois aí...é o caçuetagem, como eles chamam. Eu no meu caso eu não faria isso aí, eu não caçuetado ninguém, Deus o livre.

**O *Linha Direta* mostra uma série de crimes que aconteceram, tu acha que isso é positivo porque faz com que as pessoas passem a se proteger mais preocupados com a violência ou tu acha que é negativo porque aumenta a sensação de medo, de insegurança, as pessoas ficam paranóicas com medo?**

As pessoas ficam com medo.

**Tu acha que é mais negativo então?**

É mais negativo.

**Tu acha que é mais negativo então?**

É mais negativo. Ficam com medo, sei lá. Mas se ficam com medo pra que que denunciam?

**Não, eu digo assim a pessoa que está assistindo o programa, que só está assistindo não vai denunciar. Tá assistindo tu acha que é bom porque ela fica vendo os crimes e ela passa a se proteger mais “Ah, isso aqui aconteceu então eu**

**vou me proteger mais.” ou tu acha que isso é ruim porque a pessoa vive paranóica...**

É que nem eu vejo aquilo ali eu procuro me proteger, mas não que eu vá denunciar alguém.

**Mas então tu acha que é mais negativo ou mais positivo o fato dele mostrar esse crimes?**

Eu acho que mais positivo.

**Porque que tu acha que é positivo?**

(pausa) Porque eles estão dizendo ali “Denunciem que seu nome vai ser não vai ser falado, vai ser...” Ah, não sei. Eu não assisto muito isso porque...

**Porque que tu acha que a Globo mantêm no ar um programa como o Linha Direta? Porque que ela mostra pras pessoas o programa?**

A globo?

**Isso.**

A Globo, ela mostra o que aconteceu, e eles procuram mostrar bem assim o que foi que aconteceu, eles fazem um replay no caso, assim. Eles mostram mesmo como que aconteceu as coisas.

**Mas porque que tu acha que ela mostra, que ela tem um programa como o Linha direta? Porque assim, qual a preocupação dela em colocar um programa daquele?**

Não sei porque botar o Linha Direta. Se tem uma coisa assim pra resolver é as pessoas e não programa. Que nem aquele programa, não sei de que canal lá, da família lá. Mas o que que eu tenho ver, tu tem que ver, ele tem que ver se o casal não se dão certo, se o filho manda na mãe.

**Casos de Família?**

É, aquilo ali pra mim não tem interesse nenhum. Acho que quem tem que resolver é... que nem o Linha Direta quem tem que resolver é a polícia. É a polícia

mesmo, não botar ali pra todo mundo ficar olhando. Por causa se um mãe vê o filho ali, pode ser o maior marginal do mundo, mas ele não vai gostar de ver aquilo ali. Mas eu prefiro o Linha Direta do que o Casos de Família. O Linha Direta tá simulando o que aconteceu há 3, 4 anos atrás e daí já é um programa diferente, já mostra o retrato da pessoa que foi pegue.

**O que tu acha da maneira como o Linha Direta fala da violência urbana? Tu acha que ele mostra a realidade da violência no Brasil ou tu acha que ele fantasia, exagera um pouco? O que que tu pensa sobre isso?**

Acho que eles falam a verdade, não vão botar uma coisa assim fantasia na televisão. Se eles mostram ali é porque aconteceu. Que nem muitas coisas que eles botam na televisão não acontecem, é só fantasia. Mas coisa de crime, coisa assim acho que é verdadeiro.

**O que tu sente quando tu vê aquelas histórias sendo mostradas na televisão? Tu pensa na família das pessoas que morreram, nos amigos que perderam pessoas queridas? Tu se envolve assim...**

Sim, eu sou muito nervosa. Às vezes tem uma pessoas que eu conheço ou já ouvi falar. Um ator, uma atriz que a gente gosta. “Vala aquela mulher ali morreu.” A gente fica meio chocada, não é pra coisa assim dizer.

**Mas no caso do programa em si, aquelas pessoas que tu não conhece, não aparece ator, nem atriz, são pessoas comuns, tu assiste aquelas histórias e uma criança...**

Sim, eu penso na família. Na família deles “Bá, podia ter acontecido...” Eu acho que o que a gente sente, a família deve ter sentido o dobro. A gente que não é nada, imagina os parentes, né.

**O que tu pensa sobre a maneira como a polícia é mostrada na televisão?**

Mostrada na televisão?

**A polícia é mostrada na televisão de uma maneira. O que que tu acha que é mostrada de uma maneira correta? Eles mostram a polícia sempre mostrando ela pra baixo, como é que tu acha que a televisão mostra a polícia?**

Quando eles mostram a polícia ali, eles querem se r o grandão. Eles que sabem, eles que fazem. Pra eles, a felicidade deles é pegar um dá de pau, matar, sei lá. Tá ganhando ponto com aquilo ali.

**Mas tu acha que a televisão mostra a polícia de uma forma positiva ou negativa? Tu acha que ela engrandece a polícia ou tu acha diminui?**

Ela engrandece, ela engrandece. Ela dá mais força. (risos)

**E o que tu pensa da maneira como a televisão fala da pena de morte e da diminuição da maioria penal? Porque tu sabe que tem alguns políticos que querem que diminuir a maioria penal, então assim, invés de você ser preso só com 18 anos, responder pelos crimes só a partir dos 18 anos, você já pode responder pelos seus crimes a partir dos 16 anos.**

Agora é lei isso.

**Estão pensando em colocar isso como lei, mas não é uma lei ainda. E tem a questão da pena de morte, tem gente que quer a pena de morte seja praticada no Brasil. Como é que tu acha que a televisão trata essas temáticas. Ela informa, ela faz é atrapalhar? O que que tu acha disso?**

Acho que com 16 anos não...acho que com 18 anos eles têm que saber o que tá fazendo. Já sabe, já tem um pouco de juízo, tá sabendo o que é certo, o que é errado. Pena de morte eu sou contra.

**Porque que tu é contra? Porque que tu acha que não é correto?**

Eu não sei, porque matar? Dá um castigo. Bota lá na jaula. Pagou a pena, vem embora. Depois vi seguir a vida em frente. Que eu acho tão triste a morte.

**Eu acho que com 16 anos uma pessoa não sabe ainda bem o que faz? É isso?**

É com 16 anos, eles nem tá querendo crianças com 16 anos. Meu guri tem 16 anos, meu guri com 16 anos só estuda, mas ele é contra violência coisa assim. Então pena de morte assim eu sou contra.

**Tu acha que a televisão ajuda a esclarecer esses assuntos? Tu acha que ela não fala sobre isso? O que tu pensa da maneira como a televisão trata desses dois assuntos?**

A televisão pra mim... tu quer falar sobre a pena de morte e da...

**Maioridade Penal, mas tu acha que ela trata disso? Ela informa a população o que tá acontecendo?**

Sim, ela informa a população o que tá acontecendo sobre isso aí, agora não sei o que vão fazer. Se vão assinar em baixo ou não. Mas na minha opinião com 18 anos eles tinham que cumprir a pena deles e ir embora. É o que acontece.

**O que tu acha que é ser cidadã?**

Ser cidadã? Eu sou cidadão.

**O que tu acha a pessoa ser um cidadão de verdade?**

É ser uma pessoa honesta. Honesta, que não faz mal a ninguém. Tá sempre procurando melhor. Que nem meu caso, eu me sinto uma cidadã, que eu não faço mal a ninguém. Procuro se eu não puder ajudar, também não estrago. Cidadã é um ajudar os outros. Não é assim que funciona? É, deve ser.

**Qual a atividade do teu dia-a-dia que tu se sente mais cidadão? Na hora que tu acorda até a hora que tu vai dormir e tu acha “eu sou cidadão porque eu tô fazendo tal coisa.”**

Eu me sinto mais cidadã quando eu vou pro serviço trabalhar.

**Por que?**

Porque eu gosto de levantar cedo “Aí eu vou trabalhar! Hoje vai ser um dia bom pra mim.” O pensamento positivo. Sai com o pé esquerdo, quando eu sio pra rua nunca saio com o pé esquerdo. Sempre com o pé direito.

**Tu acha que é no teu trabalho que tu mais exerce a tua cidadania?**



Sim no meu trabalho, porque não tem ninguém pra me incomodar, só eu e outra. Então o que eu não tenho o que me estressar.

**E como é que tu acha que pode contribuir com a sociedade? Contribuir com as pessoas, com a população? Como é que tu acha que tu pode fazer a tua parte?**

Fazer minha parte. Vamos supor hoje eu vou fazer minha parte. Hoje eu tô fazendo minha parte, tô contigo fazendo entrevista. Eu tô cumprindo a minha parte. Não tô? Tô te ajudando também. Então hoje eu cumpri minha parte. Eu hoje tô de folga, vou lá na minha irmã aquela mora nos fundos. Vou lá conversar com ela. Daí eu vou cumpri o que eu não posso fazer durante o fim de semana, nem durante a semana.

**E tu acha que os meios de comunicação ajudam as pessoas a serem cidadãos a exercerem a cidadania? Tu acha que eles colaboram nesse sentido?**

Uma pessoa se comunicando com a outra, tu quer dizer assim?

**Não. Os meios de comunicação, tu acha que a maneira como eles atuam na sociedade, na população, tu acha que facilita ou dificulta as pessoas a serem cidadãs? Como é que tu acha que eles atuam nisso?**

(pausa) Não com pessoas com outras pessoas, tu quer dizer?

**Não. Presença deles na sociedade dos meios de comunicação -a televisão, rádio, jornal, a internet – tu acha que ajuda a pessoas a ser cidadã ou não? Tu acha que ela colabora pra pessoa exercer a cidadania? A televisão , poe exemplo, ou o rádio.**

Pra mim, no meu caso eu gosto de olhar a televisão, pra mim eu me sinto bem. Eu me sinto assim...

**Uma pessoa bem informada?**

Sim não de tudo, mas um pouco. O pouco que eu sei quando falarem pra mim eu estou sabendo.

**Porque tu se informa através da televisão?**

Eu me informo através da televisão.

**E tu acha que isso é uma colaboração que ela dá pra tu exercer a tua cidadania ou não?**

É, eu acho que é.

**Porque que tu acha que é?**

Porque ela tá transmitindo pra mim uma coisa que eu não sei. Eu não sei se tu tá me entendendo ou não.

**Tu já foi em algum meio de comunicação pra reclamar de algum serviço prestado corretamente. Uma televisão ou uma geladeira e a geladeira veio com defeito e eles não quiseram trocar e falaram que não podiam trocar. E tu foi escreveu pro jornal ou aconteceu alguma coisa desse tipo.**

Não, não aconteceu.

**Tu nunca precisou recorrer?**

Não precisei procurar os recursos. Os serviços também porque quando eu entro pra trabalhar eu já sei as tarefas que vou fazer. Sei aquela coisa que eu vou tá fazendo, que não é pra fazer. Patrão vem ali e diz pra não fazer tal coisa, então eu não faço. Mas eu sobre reclamação nunca.

**Nunca precisou ir em nenhum meio de comunicação?**

Pra recorrer assim não.

**Tu acha que a televisão pode contribuir com a cidadania das pessoas ou não?**

Pode.

**Através do que ela mais ajuda?**

Ajuda assim com informação. Às vezes a pessoas tá meio estressada e olha a televisão já passa aquilo ali. Tu já fica mais atento com que tá acontecendo. É um distração pra pessoa.

**Como é que tu acha que os governos vem tratando o problema da violência?**

Governo? O que que o governo tem a ver com a violência?

**Como é que tu acha que vem sendo a atuação deles pra tentar controlar a violência?**

Até hoje ninguém controlou, não vai ser o governador que vai controlar, o governo que vai controlar. Eles procuram ajudar um pouco, mas não podem dominar toda a violência do mundo inteiro. Eles têm que tentar diminuir um pouco, mas acho que a violência não vai acabar nunca. Tem que dar mais serviço pra quem precisa.

**E quais são as tuas sugestões pro governo tirar essas crianças das ruas antes que elas virem bandidos? Tem muitas crianças nas ruas que não tem casa pra morar e o que tu faria pra tentar tirar essas crianças da ruas antes que elas virassem bandidos?**

O que eu faria? Se eu tivesse condições...

**O que tu acha que o governo deveria fazer?**

O governo tinha que fazer um, um tipo de um colégio. Não é um colégio, é um internato pras crianças ali. E botar, plantar alguma coisa ali, fazer eles trabalharem pra eles adquirirem alguma coisa.

**Mas tu acha que é correto criança trabalhar?**

Não, eu sou contra crianças que trabalham. Eu digo assim pra eles, não trabalhar na rua. Pra eles ali, eles tem que estudar. Dão estudo pra eles, dão uma coisa pra eles fazer pra não ficarem muito, pensar muita coisa ruim. Eu acho que o governo tinha que ter mais atenção, porque tem muita criança na rua. Os pais abandonam e às vezes, nem os pais que abandona eles querem sair por conta própria deles. Eles passam lá e recolhem e eles voltam de novo. Que que um pai e uma mãe têm que fazer? Tem que largar de mão. Graças a Deus comigo não aconteceu isso aí, mas se um dia um filho meu virar seja lá o que for, alguma coisa ruim, eu interno no colégio. Se virar um drogado, um alcoólatra, não vou... vou procurar ajudar ele. Vai ter todo carinho o meu, o do pai dele. Mas distratar ele não vão.

**Tu acha que é correto o Linha Direta se meter na área da Polícia e da Justiça?**

Sim, eu acho que ele tem que deixar pra polícia.

**Tu acha que é errado então?**

Eu acho que é errado.

**Por que?**

Porque eles estão fazendo a coisa tá aparecendo ali. Deixa pra polícia toma conta. Eles que vão atrás dos bandidos, eles vão atrás. Eu acho que não tem que tá dedando alguém. Deixa eles irem atrás, pra que que tem tanta polícia?

**E como é que tu vê a relação entre a televisão e o governo do estado, da Presidência? Como tu vê essa relação televisão e Governo?**

Televisão e governo? O que que a televisão tem que ver com o governo?

**Tu acha que a televisão coloca o governo de uma forma positiva, de uma forma negativa? Tu acha que é uma relação de cumplicidade ou tu acha que um tem atrito com o outro? Televisão e governo tem atrito ou televisão e governo são amigos? Como é que tu vê isso?**

Acho que são amigos, porque tem falar o e que eles fazem , o que eles não fazem. Acho mais ou menos nisso aí. Eles estão certos ou errados, mas...

**Porque que tu acha que o Brasil chegou nesse nível de violência? Onde é que tá o erro que a gente chegou nessa situação?**

É o trabalho, não tem serviço pro pessoal trabalhar. Se tivesse bastante serviço o pessoal não tinha tempo de pensar bobagem. Pensar em assaltar, em fazer tanta crueldade que acontecem por aí. Porque não tem serviço e tem muitos aí que se obrigam a fazer coisa errada. Pais de família que não tem serviço, então muitos se obrigam a fazer alguma coisa pra sobreviver. Eu acho que se tivesse mais serviço a violência diminuiria bastante.

**Tu acha que o desemprego que favorece a violência?**

Eu acho que deve ser assim. De primeiro não tinha tanta violência como tem agora. Às vezes tem emprego, muitos não trabalham porque não quer, mas já tá naquele ritmo de outras coisas e acham mais fácil e melhor. Não procuram serviço.

**O que tu faria se tu fosse dona de um meio de comunicação, dona de uma televisão, dona de um jornal, dona de uma rádio ? O que tu faria pra ajudar essa população na luta contra a violência?**

Olha, acho que eu montaria uma fábrica pra todo mundo trabalhar.

**Não mas se tu fosse dona de um meio de comunicação, dona de uma televisão, por exemplo, o que tu faria pra ajudar as pessoas na luta contra a violência?**

Pra mim ajudar eles a sair da violência?

**Lutar contra a violência se tu fosse dona de uma televisão, dona de uma rádio?**

Agora tu me pegou. Acho que eu procuraria ajudar as pessoas.

**Mas como é que seria essa ajuda?**

De que forma eu ia ajudar ele se eu tivesse, fosse dona de uma...

**De uma televisão.**

A fábrica de televisão?

**Não dona da Globo por exemplo?**

Eu aí botar as pessoas pra trabalhar pra mim, mas não dá. Eu até ia tentar ajudar eles numa forma que eles pudessem sair dessa violência, fazer uma coisa pra eles procurarem o melhor para eles.

**Entrevista em profundidade com Silene**

**Quanto tempo que tu mora aqui? Quantos filhos?**

Eu moro aqui há dez anos, só eu e meu esposo, não tenho filho

**Aqui no Condomínio Morada de Bosque?**

Sim.

**Dez anos. Mas a senhora é daqui do São Leopoldo ?**

Não sou de Canela

**Que tipo de pessoa a senhora se considera?**

Como assim?

**Uma pessoa mais tranqüila, mais agitada?**

Meio-termo , uma hora to agitada, uma hora mais tranqüila (risos). Tô mais que tranqüilo que pra agitado.

**E qual é a importância que tem a família na vida? Senhora**

Bastante (pausa). Acho que muita coisa , eu acho a o principal da vida é a minha família

**A senhora trabalha em casa ou fora?**

Eu trabalho, eu vendo.

**Trabalha com vendas?**

Sou vendedora.

**O que a senhora pensa a cerca do trabalho que a senhora exerce? A senhora gosta, tem algum plano?**

Eu até gosto. Só que o mercado hoje ta muito... O povo não tem mais poder aquisitivo.

**Isso dificulta né?**

É

**E qual é a atividade mais gratificante no dia-a-dia da senhora? Que mais da prazer?**

(Pausa) Não tem assim, acho que (pausa) quanto tu consegue efetuar uma venda. Isso tu tem que fazer. Ter o prazer de chegar em casa tranqüila. Ficar em casa com a minha família.

**Como é que a senhora acha que tem mais apreendido com a vida? Na rua, na escola, com os amigos, na família. Qual o maior aprendizado durante a vida da senhora?**

A escola me ajudou muito, mas eu acho que a vida te ensina muito mais. A vida.

**Tem alguém que especialmente você possa dizer que aquela pessoa com quem você aprendeu muito. Mãe , pai, amigo.**

Não, não .É tudo um conjunto . Tanto pai, mãe, tudo.

**Quais são as atividades, de lazer da senhora?**

Ultimamente não tem tipo muitas atividades de lazer. De vez qm quando a gente sai. Dá uma volta, vai num parque. Ou vai num shopping passear, alguma coisa assim.

**O que e mais importante na vida da senhora. Pode-se dizer uma coisa sem a qual não pudesse viver, que seja fundamental.**

Que pergunta!(pausa) São três coisas: meu esposo, meu pai e minha mãe.

**A família?**

A família, a família.

**O que a senhora pensa da participação dos meios de comunicação na formação das pessoas? Como os meios de comunicação atuam na sociedade?**

Bom. Jornais eu acho que eles hoje já são instruindo mais a população. Não ta mais aquela aquelas notícias só de desgraça, dessa, daquela. Então eles explicam mais as chamadas nos jornais, tanto na televisão como no jornal em si (pausa) Agora, novelas,... eu não tenho filho, mais simplesmente hoje só .

**... deveria ser proibido. Assim Regime venezuelano?**

Não proibido a novela, mas certas cenas. Certos tipos . Hoje tu tem uma novela que numa determinada TV que traça todo o que uma favela (pausa). Que existe hoje

dentro de uma favela. Que acontece? Aquilo ali, segundo minha opinião, instiga mais aqueles que tão iniciando aquela vida que não se deve seguir, já preparando as pessoas pra aquilo. Outras é cena de ssexo explícito, praticamente nas novelas, que acho que pra crianças. E ali aparece pra menores de 14 anos. Mas tu acha que como hoje vai tirar um filho da frente da TV? Tem que ter um certo jeito as cenas que aparece. Acho que não devia ser.

**O balanço geral que a senhora faz depende do veículo? É isso? Na televisão tem o jornal. A senhora acha que teve uma melhora no jornal impresso?**

Sim. E a televisão tem alguns meios que também melhoram, só que outros não. Esse meio de comunicação é a telenovela, programas de entretenimento.

**Do ponto positivo da televisão que a senhora poderá identificar?**

Não . Tem algumas instituições que a gente, que o povo fica sabendo mais.Hoje tu encontrar TV aqui e se informa sobre um monte de coisa, sobre leis, .....

**Sobre a televisão, rádio, jornais, internet, de que maneira eles participam da vida da senhora?**

Internet, pesquisando e fazendo contato. Televisão eu olho pouco, é só pra jornal alguma coisa assim. Jornal impresso eu olho de vez em quando, mas não tem muito tempo

**Qual deles a senhora dedica mais tempo? Seria a internet então?**

É internet,...

**E em segundo lugar?**

Em segundo lugar a televisão.

**O rádio?**

Não, não . Rádio não

**A senhora costuma ir ao cinema? Tem esse costume?**

Raramente



**Lembra qual foi o último filme que a senhora assistiu?**

Não, não. Não sou muito de ....

**E o tipo de filme que a senhora gosta, se interessa?**

Eu gosto de drama, suspense. Hoje em dia tem DVD e tu fica olhando... Quanto ta cansada até dormir

**Quando a senhora pensa em informação. Qual é o primeiro meio de comunicação que conhece pra se informar?**

Internet

**Porque?**

Porque eu passo quase 100% do meu dia com a internet ligada e trabalhando só hoje ta com problema, caiu ai e .....

**Seria mais pela facilidade de acesso?**

É pela facilidade de acesso

**E quanto a senhora quer se divertir, não mais a questão da informação, e sim de diversão, entretenimento. Qual é o meio que a senhora busca isso ?**

Diversão é sair com os amigos. E no meio de comunicação a televisão. É direto

**E tem algum motivo pra ser televisão?**

Não, não... eu acho que é alguma coisa de anti-radio (risos) não que eu puçá, mas de vez em quando eu ligo, mas e difícil

**Quais as notícias que mais interessam a senhora? É notícia sobre política, sobre a cidade, sobre o trânsito, desastres, violência, sobre o tempo, sobre os artistas, economia.**

Política, economia, ta. Esses programas educativos, eu gosto muito. Fantástico. Medicina alguma coisa assim. Devia ter esses programas que tu vê "Globo Ciência", essas coisas eu gosto muito.

**O que a senhora pensa a respeito da programação das emissoras?**

(Pausa) Eu acho que tinha que ser melhorado.

**Como assim?**

Tem muitos programas que tu ... é uma besteira só. Não te traz nada não te acrescenta nada, não te agrega nada hoje! Eles tinham que melhorar o nível da programação humorística, eu tenho (pausa) de ver. Sabe? Parei porque eles não te acrescentam nada, eles não sabem nem fazer mais humor hoje em dia

**Qual a opinião da senhora sobre a Rede Globo? Os aspectos positivos e os negativos da Globo?**

A Globo ela é muito boa nas novelas. Jornal, hoje em dia tá bom o jornal deles, porque antigamente a Globo não denunciava muita coisa que acontecia . Melhorou muito (pausa). Quanto aos programas que tu consegue ver é sexta-feira que é o (pausa), com o Chaplim, o Globo Repórter

**Mas de modo geral, a senhora acha que... Tem como tirar coisas mais positivas, um meio-termo**

Olha não sei te dizer assim. Porque esse que eu cite. Jornal deles é muito bom. Agora outro tipos de programas eles podiam melhorar.

**Na programação da TV, quando a senhora liga como é a senhora o programa?. É pela emissora, pelo horário, pela temática?**

Não. Pela temática. Alguma coisa que me interessa.

**Mais pelo conteúdo do programa?**

É pelo conteúdo.

**Qual horário que a senhora prefere para ver televisão ou costuma ver televisão?**

Da hora do jornal Nacional até onze horas. Meia noite.

**Horário noturno então?**

É.

**E tem algum motivo especial?**

Não. É que a hora que eu paro. Que eu paro de trabalhar.

**Qual o tipo de programas que a senhora se interessa mais?**

O Globo Repórter eu gosto muito.

**Mais documentário?**

É mais documentário.

**Tem algum motivo especial?**

Não, não.

**E o que a senhora não assistiu de jeito nenhum ?**

De jeito nenhum?

**Tipo assim, tá passando que é horrível que muda. Não gosta e ...**

A MTV tem programas que é horrível que é da Penélope. E tem a Globo aqueles programas de humor, eu não gosto. Eu mudo. Acho que é isso.

**O que é violência?**

A violência? A violência hoje pra mim é fruto da irresponsabilidade do governo. Por que eles não souberam administrar durante esses anos, não desse governo de hoje, também de hoje, mas a anos vem se acumulando isso. Não deram estrutura pra pessoa. O que acontece hoje? Tu não tem estrutura na tua família, com teu filho, não é de um modo geral, NE, praticamente vamos dizer 60% dele tem problemas. O governo não tem dado estrutura pra tu trabalhar. Hoje em dia tá uma dificuldade das pessoas trabalharem. O governo não dá a saúde. A saúde é precária no país. Então vem se arrastando a anos e eu não sei como isso vai ... A violência é fruto de tudo isso.

**A senhora já foi vítima de algum ato de criminalidade ou assalto?**

Assalto, me roubaram.

**E como foi? A senhora ...**

Eu vi e eu enfrentei, porque eu tava caminhando em Porto Alegre e me empurraram e eu olhei a minha bolsa toda aberta. Eu virei pra trás e peguei a primeira

senhora que tava atrás de mim e ela tentou me avisar, mas na verdade eles não tavam me avisando, ela que tinha pego. Coloquei ela pra dentro de uma loja e empurrei ela.

**E conseguiu recuperar?**

Sim, todos os meus documento

**E faz tempo isso?**

Faz, faz (pausa) Faz uns 8 anos por aí

**E no dia-a-dia da senhora como é que a senhora se previne contra a violência? Como é que a senhora convive com essa questão da violência assim, ta o tempo todo prestando atenção?**

Eu não ando de noite na rua sozinha (pausa). Então eu acho que já é uma prevenção. Quanto a mais prevenções, eu vou ficar trancada sempre dentro da minha caas, poruqe... com medo. A gente tem medo, mas tem que sair na rua

**Mas a senhora tem alguma... muda os caminhos de casa?**

Não

**Anda sem objetos?**

É. Isso sim. Por exemplo, se eu vou pra padaria eu já não levo nem minha carteira. Não levo cartão de crédito, levo só o dinheiro, só e separado, não dentro da carteira. A minha carteira ela vai vazia

**E a senhora confia na polícia da cidade? Na brigada militar?**

(Pausa) Em parte sim

**O que faz a senhora, mesmo apesar de tudo., continuar confiando na polícia? A senhora acha que o papel deles, eles tão exercendo esse papel?**

Acho que alguns funcionários que deveriam ser ..., como é que eu vou dizer. Na verdade, a relação deles eu acho que deveria ser rigorosa. O que ta acontecendo hoje que tu vê nas noticias. São pessoas que já no mundo do crime entrando nos órgão do crime pra ver como é que é pra da respaldo. Isso acontece no Rio

**E a senhora vê alguma diferença pra Brigada pra Polícia Civil, pra Federal?**

Não, não. Pra mim não, pra mim são autoridades

**Como é que a senhora faz pra ter acesso a informação sobre o problema da violência. Em geral qual meio de comunicação senhora acha que encontra essa melhor? Na televisão, na internet, no jornal?**

Isso no jornal. No jornal impresso

**Mas porque a senhora opta mais pelo jornal impresso pra saber sobre a violência?**

Não é que (pausa) Diariamente nós recebemos jornais e então é uma que aparece mais, né? O local, o problema local da cidade

**A senhora assiste o linha direta ou pelo menos já assistiu algumas vezes?**

Sim

**A senhora lembra porque a senhora tava passando e resolveu ficar no programa?**

Não. Eu assisto, eu acho horrível. Pra gente ficar alerta pro que acontece

**E teve algum programa do linha direta que marcou a senhora de alguma maneira? Alguma exibição de um caso que marcou que a senhora até hoje não esquece?**

O de uma menina que ela foi ... Num lembro mais. Eu sei que ela foi carregada. Vi no site do Linha Direta. Quem eles tavam procurando. Que horrível! Porque se é um filho teu. Deus me livre!

**Você acha que o *Linha Direta* pode ser visto como utilidade pública? Porque eu assim ele denuncia esses foragidos . A senhora acha que Le atua de uma maneira positiva?**

Acho que tem o lado positivo. Acho que ele atua positivo

**Porque que a senhora acha isso?**

Por que pelo menos as pessoas mais sabem se precaver melhor

**O *Linha direta*, ele mostra, ela da visibilidade pra vários tipos de ciúmes, mostra os criminosos. A senhora acha que isso é positivo. Porque ele faz com as pessoas a se proteger mas ou a senhora acha negativo por que causa uma sensação de pânico, de insegurança?**

A se cuidar mais.

**A senhora vê como um lado positivo de precaução?**

Eu vejo, eu vejo sim

**Porque, a senhora acha, que a Globo mantém no ar um programa sobre o *Linha Direta*?**

(Pausa) Porque a audiência é grande desse programa. Mesmo porque aqueles casos que vão ali, pelo o que eu sabia são pessoas que escrevem e constam a realidade, porque eles mostram isso. E a popularidade pelo o que a gente vê, ta ajudando a procurar os criminosos

**Então a senhora vê como...**

É um programa de ajuda.

**O que a senhora acha da maneira com eles retratam a pura realidade ou eles fantasiam um pouco naquelas simulações que eles fazem?**

Não. Acho que eles devem mostrar a realidade. Que aquilo ali foi inscrito por alguém deve ter autorizado eles a passarem aquilo, senão eles não podiam mostrar

**Mas a maneira que eles mostram o que é real ou eles dão uma apimentadinha?**

Eu acho que eles põem menos do que foi (risos) porque a situação hoje. Tu não sabe como é que essas pessoas agem

**O que a senhora sente quando vê aquelas imagens sendo exibidas? A senhora se envolve? Pensa na família, nos amigos da vítima? Tem um envolvimento com aquilo ou a senhora tenta manter uma ...**

Não eu tento manter o equilíbrio, por que eu sei que não ... Agora se acontece com alguém que eu conhecesse aí sim. Aí tu acaba se envolvendo, ne.

**Da maneira como esta a senhora consegue guardar um distanciamento?**

Sim, sim Eu tenho esse tipo de controle.

**E o que a senhora pensa da maneira que a polícia é retratada na televisão? Acha de uma maneira pejorativa, preconceituosa ou mostra a polícia de uma forma positiva? O que a senhora acha sobre isso?**

Isso aí depende de cada caso. Por que tem crime que lês mostram a parte que a polícia acaba sendo (pausa). Como é que eu vou dizer? Sendo ruim pra ela mesmo. Pra imagem da polícia, sabe há casos e casos, e muito relativo

**O que a senhora pensa sobre a pena de morte? E essa diminuição da maioria penal pra 16 anos tanto tem se falado?**

A diminuição da maioria pra 16 anos já deveria de ter acontecido aqui

**Por que a senhora acha?**

Porque hoje guris de 16 anos e meninas de 16 anos tão criados nos criminosos aí fora. Então ... Quanto a pena de morte eu sou a favor, mas tem aquele caso que (pausa) se eles não conseguem julgar nem os políticos que hoje estão aprontando por aí, como é que eles vão julgar um criminoso (pausa) não é do meio dele?

**E como a senhora acha que a televisão vem tratando esse questões? De maneira estão negligenciando, estão dando atenção? Tá tratando de maneira imparcial?**

Não, eu acho que a televisão ela ta tratando bem. Ela ate ta conseguindo focar alguns coisas que antigamente não tinha condições de focar. Tudo era proibido, não sei o que . Hoje eu acho que ta bem focado

**O que a senhora acha que é ser cidadão?**

Cidadão é aquele que (pausa), como eu vou te dizer. Eu tenho que fazer as coisas mais de acordo com o que a lei manda e tenta melhorar ... Como é que eu vou dizer? Há .... Trabalhar, dar instruções pro filhos. Isso é ser cidadão. Cumprir as leis, não fazer nada de errado.

**Qual a atividade do dia-a-dia da senhora que exerceu a sua cidadania? Ao longo das suas atividades a senhora diz que ta exercendo mais o meu lado cidadão?**

Eu sempre faço... (risos). Eu sou uma pessoa muito certinha e até chata demais com as coisas. São coisas assim, o que é certo é certo o que é errado é errado.

**Mas é algo assim no trabalho, na vida em família? Como é que a senhora mais pensa “ E u sou muito .. “**

Na vida em família, no condomínio, por que eu faço parte da administração do condomínio (pausa). Em tudo, em tudo. Com os meus amigos, que eu vejo que ta errado (pausa). Não tem perdão.

**Como a senhora acha que pode contribuir com a sociedade? Que tipo de contribuição a senhora acha que pode dar?**

(pausa) Olha, única contribuição que eu posso dar e que eu dou de vez em quando , eu ajudo uma entidade carente. E aqui dentro do condomínio a gente faz campanha pra isso de vez em quando. Feito uma caixa de livros que foi eu que coloquei, NE. Uma chamada que é pra uma entidade carente aqui de São Leopoldo.

**A senhora acha que os meios de comunicação, de um modo geral, eles podem ajudar o cidadão a exercer a cidadania?**

(pausa) Não porque eu não acho eu isso aí é (pausa)já vem por causa da... a pessoa não consegue ser um cidadão 100% se ela não tem condição pra isso. Sabe, não vais er os meios de comunicação que vai te mudar isso.

**Quais são essas condições?**

Condições, financeiras, condições de moradia. Como é que tu vai querer mudar uma pessoa, que ela tem uma visão totalmente diferente. De mudar ela de uma maneira outras pessoas que a gente acha que são cidadãos viva daquela maneira ali. Não adianta, mas é coisa de uma árvore tora. O meio de comunicação não consegue.



**A senhora já foi em algum meio de comunicação pra reclamar de um serviço, de alguma coisa assim que a senhora não ficou satisfeita e não conseguiu resolver? Então foi escrever pro jornal?**

Não.

**Nunca passou por essa situação?**

Não.

**A senhora também acha que a televisão não consegue atuar nesse movimento de proporcionar cidadania as pessoas?**

Não. Eu acho que não.

**E como o senhor acha que a violência vem tratando o problema da violência? De que maneira?**

Eu acho que eles não vem tratando. Eles não enxergam isso. Eles estão preocupados com os problemas que tem lá dentro do governo. Eles não estão nem aí olhando. Eles só estão preocupados no Rio de Janeiro, porque vem aí o Pan, mas depois. Porque deixaram chegar num ponto que não tem mais como. A não ser que eles botem um paredão lá e matem metade.

**E quais seriam as tuas sugestões pra que o Governo tirassem essas pessoas das ruas antes que elas entrassem na criminalidade?**

Eles têm... o governo tem que implantar sistemas de trabalho, montar empresas ou subsidiar empresas pequenas. Desde que essas empresas dêem trabalho, pra essas pessoas das ruas. Coloca num albergue essas crianças, só que essas crianças não podem sair e entrar do albergue a hora que quiser. Elas têm que trabalhar, estudar ( pausa) e ser alguém na vida. Tem que ter pessoas que gostem de crianças lá dentro trabalhando, pra poder ajudar. Treinadas, aptas pra fazer isso. Coloca uma pessoa que não gosta do que faz pra cuidar da marginalidade? Ele nunca vai conseguir mudar isso. Hoje tu vê, eu já vi no Globo repórter famílias que adotam crianças que estão nas ruas. E são famílias que adotam 15 crianças, e hoje essas crianças estão estudando. Algumas já se formaram conseguiram ser alguém na vida. Crianças abandonadas e conseguiram mudar. Porque? Porque essas pessoas fizeram isso de coração e não pelo dinheiro que vai ganhar.

**E a senhora acha correto que o *Linha Direta*.se intrometa? Ele permeia a áreas da polícia que não são próprias deles? A senhora vê isso...**

Acho, acho.

**Por que?**

Porque eu acho que a televisão tem que mostrar isso. Uma coisa que estava escondida anos e que a televisão não mostra nem 50% do que aconteceu. A medida que vai passando o tempo eles vão conseguir mostrar mais coisas. Pro povo ficar sabendo o que aconteceu. Assim eles conseguem fazer com que o governo tome alguma atitude.

**Como a senhora vê a relação entre a televisão e o governo?**

(pausa) Eu acho que é uma relação de colegas. De funções diferentes e que cada um vai fazer a sua parte. Não que tenha... porque hoje... tu... Se um presidente chegar ao poder ao ponto de falar o que o nosso presidente fala na TV. Que a imprensa deturpa tudo o que acontece no Brasil. Que não é bem assim, que não é violento, é porque ele não deveria estar no cargo que ele está.

**A senhora acha que é uma relação de cumplicidade e não de cobrança?**

Tem , tem uma parte de cumplicidade. (pausa) Mas cobrança só da parte da televisão para o governo.

**A senhora percebe isso? Uma cobrança da televisão com o governo? Ou a televisão está acobertando o governo devido essa relação de cumplicidade?**

Eu acho que acontece isso. Eles acobertam muita coisa.

**Se a senhora pudesse dizer alguma coisa da situação eu nós chegamos hoje no Brasil, essa situação de caos, de violência?Saberia dizer porque chegamos a esse ponto?**

Eu já te falei no início da entrevista. Eles não cuidaram. O governo atrás nunca deram bola, só estavam preocupados com o seu feijão com arroz. Não estavam preocupados com os que não tinham emprego ou com as gerações que viriam. E aí

chegou nesse ponto de não ter mais controle. E na área de drogas, eles passaram sempre a mão por cima. O que aconteceu? È isso que ta acontecendo ETA pior , porque... eu graças a Deus não tenho filho pra passar o que vai passar. Daqui a uns dez anos ninguém entra mais no rio de Janeiro e aí eles descem pra cá também.

**O que a senhora faria se fosse dona de um meio de comunicação? Dona de uma televisão, de um jornal, de um rádio, na luta contra essa situação?**

Eu abriria espaço para o povo falar. Tem jornal que tem espaço, mas são algumas colunas determinadas. Mas eu acho que deveria abrir espaço para o povo falar. Tipo assim, ter um representante em cada associação . As coisas, os problemas de cada local.

**Da voz a população?**

Da voz a população.

**Entrevista em profundidade com Cleto**

**Que tipo de pessoa você se considera?**

Eu me considero uma pessoa tranqüila, agora pai de família e... como é que vou te dizer, basicamente isso. Estudioso, trabalhador. Me considero um pessoa assim.

**E qual a importância da família na tu vida?**

A importância da família na minha vida tu fala? Inicialmente eu não sabia o que que era ter uma família, não dava valor , mas depois que o Felipe veio e eu casei com a Dé e tudo mais, é outra... dá outro sentido quando tem um filho na família. Parece que muda totalmente o sentido, tu se torna uma pessoa cada vez mais familiar, cada vez voltada mais pra família. Lutando, trabalhando pra que as coisas da família aconteçam. Basicamente era isso. O que era família pra mim? Pra ela é tudo.

**E o que que tu pensa obre o teu trabalho? As tuas aspirações profissionais?**

Olha, as minhas aspirações profissionais estão engatinhando, como se diz. Então é uma questão de tempo. Até porque eu estou me profissionalizando, estou buscando conhecimento, me formando, tentando estudar cada vez mais a minha área e como eu pude observar de uns tempos pra cá, nos últimos anos foi legal o crescimento

profissional atendeu as expectativas que eu tava imaginando. Agora aquela história, cada vez quando a gente tá crescendo a gente quer mais, quer buscar uma ascensão, uma coisa nova. Tu tá no patamar onde tu tá onde, e já começa pensar depois de amanhã tu que uma coisa a mais. Assim como você ganha mais, você gasta mais, consequentemente você tem que acompanhar isso senão não tem como.

**E qual a atividade mais gratificante do teu cotidiano que te dá mais prazer?**

Em diferentes... trabalho, lazer...

**Nas diversas atividades que tu exerce?**

Nos últimos tempos, com certeza foi estar mais próximo da minha família principalmente do meu filho. Foi a parte mais legal, a coisa que eu mais curto nos últimos tempos. Claro, também não vou deixar de lado o encontro que a gente tem pelo menos uma vez por semana que é entre os amigos, os antigos amigos que a gente se reuni pra bater um bolinha, trocar uma idéia, tomar um cervejinha e é o dia também pra relaxar e tirar o stress, desestressar um pouco. Acho que são essas duas coisas, dois parâmetro que eu acho que se enquadra.

**E aonde é que tu acha que tem mais aprendido durante a tua vida? Tem sido n escola, na rua, com a vida mesmo, com a família, no trabalho? Os lugares e as pessoas que mais te ensinaram na tua vida até então.**

Olha, eu acho que a família com certeza te ensina muita coisa, ela te ensina os princípios. Eu quando era mais novo aprendi muito coisa coma minha família. Só que duns tempos pra cá como tu vai crescendo, profissionalmente, tu vai estudando, te aprimorando, então no dia a dia no trabalho eu acho eu aprendi muita coisa nova. Todo a gente tá num processo de aprendizagem, todo dia tenta tirar uma coisa de novo. Eu acho que no trabalho, com as pessoas que eu me envolvo, na escola no meu dia a dia eu aprendo muito. Tô sempre aprendendo, sempre tem uma coisa nova. Eu sempre busco tenta aprender uma coisa nova. Eu acho que eu sou bem chatinho, bem curioso nisso aí. Lá na empresa lá, embora muitas coisas não sejam da minha área, eu gosto de questionar, eu gosto de saber o porquê das coisas

**E quais são as tuas atividades de lazer?**

Atividades de lazer hoje, eu já tinha falado que meu hobby maior era jogar uma bola, caminha com minha família, dá uma passeada, escutar um som e e também tocar teclado, que eu gosto muito. Gosto de tocar então de vez em quando, quando eu tô meio estressado eu monto meu teclado, toco uma música e dou uma relaxada. São as atividades que eu faço assim.

**E que é importante na vida pra ti?**

Importante pra mim na vida? Pra mim na vida importante hoje é a família. É onde eu sempre tento fazer as coisas por ela, claro não esqueço da minha parte. Isso que eu considero mais importante na minha vida é minha família.

**O que tu pensa da participação dos meios de comunicação na formação das pessoas? Qual a importância que os meios de comunicação têm na sociedade na formação dos indivíduos?**

Olha, eu como acordo muito cedo venho acompanhando Telecurso 2000 muitas vezes, noticiário e também é uma questão de programas que trazem o conhecimento. Muitas vezes a gente acaba esquecendo com o tempo, porque não utiliza ele, que é lembrado ou de repente até de uma, através da Mídia uma outra ótica, uma outra visão que tu começa a se questionar. Eu questiono um pouco daquilo que eu aprendi e do que a mídia tá me passando. Eu tento vê se realmente é verdade ou não. Mas muita coisa que a mídia tenta passar, pelo menos o que eu tento assistir, é válido, é importante. È muito bom, considero como um aprendizado.

**Sobre a televisão, rádio, a internet, revistas, jornais, de que maneira esses meios de comunicação participam da tua vida?**

Na minha vida participa... Tu pode repetir de novo, só pra eu...

**A televisão, rádio, a internet, revistas, jornais, de que maneira eles participam na tua vida assim, o acesso que tu tem a cada um deles.**

Olha, revista eu procuro ler muito assim da área da administração que é a área que eu atuo, é a área que eu estudo. Eu tenho bastante acesso e leio muito a S/A, também tem a Exame que eu mais leio. Jornais, Jornal do Comércio. Eu procuro escutar notícia, noticiário relacionados a política, economia, até porque meus estudos e comentários em sala de aula é em relação a isso, é o que acontece na mídia e meu acesso a isso é através da mídia, através da TV, do rádio. Escuto muito a Rádio Gaúcha,

que é uma rádio bem voltada pra essa área da política, da economia, então eu escuto muito, tenho acesso a internet. Não aqui, mas no trabalho na universidade. Todos os dias eu tenho acesso a essas informações. Todos os dias eu escuto o rádio, leio revistas ou pelo menos o jornal e ainda por cima, eu tento acompanhar os noticiário. Todos os dias tenho a acesso a eles.

**E qual deles você dedica mais tempo? Primeiro e segundo lugar.**

Mais tempo rádio e em segundo lugar, ultimamente tem sido o jornal.

**Jornal impresso?**

Jornal Impresso, em segundo lugar entre a revista e o jornal. Tá em meio termo, mais o jornal. Primeiro rádio, rádio com certeza é primeiro.

**E tu costuma ir muito ao cinema? Não tem muito costume?**

A gente gosta de muito de ir pro cinema. Quando a gente era... não faz 2 anos que somos casados, sou pai de família, sou casado. Mas a gente ia com mais frequência quando a gente tava namorando. Até porque tinha uma flexibilidade maior do que agora, porque a gente tem um filho. Mas a gente procura ir, procura ir, mas não com tanta frequência como antes. Uma ou duas vezes por mês a gente procura ir.

**Tu lembra quando foi a última vez que tu foi então?**

A última vez foi mês passado. Mês passado a gente foi.

**E tu lembra qual foi o filme?**

Filme?

**Que vocês assistiram?**

Não, peraí que eu me enganei. Nós íamos assistir o filme, só que daí a gente chegou lá , o filme a gente já tinha olhado, *O motoqueiro Fantasma*, só que a gente olha em Montenegro, agora ficou mais fácil a gente assistir. E daí foi quando entrou em cartaz e saiu e foi, vai pra Montenegro, que a Débora é natural de Montenegro. Daí a gente foi pra ver esse filme, e como agente já olhou ele em DVD e daí não olhamos.

Mas o anterior a ele que é o *Shrek 3* a gente não foi. O último foi *Os Incríveis*, né? Não *Casa Monstro...*

**E qual é o tipo de filme que tu prefere? Ação, aventura...**

Eu prefiro filmes de ação, terror, já de uns tempos pra cá, eu vou acompanhando a Débora. Então a gente tava, por incrível que pareça, mais naquela área de desenho animado, que um pouco de comédia, de diversão que é uma coisa legal também.

**E quando tu pensa em informação, qual o primeiro meio de comunicação que vem a tua cabeça? E porque?**

Informação? Rádio. Até porque é o que mais escuto, de uns tempos pra cá. Porque agora nesse momento eu tô tentando me ligar um pouco mais nesse lado político. Até eu tô com algumas idéias de me filiar a um partido e também como a gente comenta muito sobre o que tá acontecendo no cenário atual. E também, infelizmente, pelo quer tá acontecendo hoje na política. Eu tento me envolver muito nesse lado, então a rádio é o meio, é o primeiro meio que vem a mente e é o que eu mais escuto também.

**Tu acha que a partir do rádio tu consegue te um acesso maior a informações sobre política do que os outros meios?**

A princípio sim.

**Pra se divertir, qual o primeiro meio de comunicação que te atrai?**

Pra me divertir? Já é o oposto, já é a TV. Meios de informação pra me divertir...

**Por que?**

É porque justamente ou passa algum filme, ou tem alguma informação que eu gosto que... Tu fez uma pergunta anterior que era relacionada ao conhecimento e como eu gosto de entender o porquê das coisas, eu gosto muito de ver informação na TV no caso. Ou se fala de alguma história, história do Brasil, história do mundo, documentários científicos, em relação a animais e assim por diante. Eu acho que é a TV que vem a mente.

**E quais são os tipos de notícias que mais te interessam? Meio que tu já respondeu... mas é política, trânsito, cidade, desastre, sobre o tempo, economia... mas meio que tu já...**

Política e economia. Totalmente voltado. E até tu vai ver, no decorrer, eu vou me revelar, essa questão da tragédia e do terror, não que eu gosto dela, mas eu já vejo ela com outros olhos. A tragédia que aconteceu a pouco tempo com a TAM, eu vejo o porque disso acontecer. Daí tem toda aquela história da política no meio, CPI e tal e tal. Então eu vejo todo, nisso eu procuro me informar, entender e acompanhar. Até a questão de tragédia, que a gente vê tantas vezes, que aparece na TV criança jogadas no rio, é normal ultimamente. Mulheres, que tem a lei da Penha que entrou agora, as mulheres que são agredidas. Esse tipo de coisa que tem a ver com violência, mas eu vejo de um meio assim de como cidadão, tanto é que me envolvo com a política, tento entender ela pra de repente participar dela pra não só mais um cidadão, mas um representante. Então eu tento ver esse meio da polícia, da corrupção e também essa ideia da marginalidade, tentar ver caminhos soluções pra isso.

**O que que tu pensa da programação das emissoras de TV?**

A programação? Olha, durante o dia de segunda a sábado eu não olho TV desde que eu acordo. A não de manhã, que é a aquela parte inicial, pra mim ela é boa, porque é o horário que eu acordo e eu olho só o Telecurso 2000 e o noticiário. Daí por diante, eu não tenho acompanhado, não sei dizer o que que é a programação. Não sei dizer com certeza qual a programação, mas no meio-dia, algumas vezes, dependendo da onde eu vou almoçar, existe a televisão e a agente acompanha o noticiário. Geralmente aqui na região é o Jornal do Almoço, que é bem específico aqui da região. A gente tenta acompanhar esse noticiário que é jornal da região e abrange várias matérias. A tarde também, só a noite que eu procuro acompanhar o noticiário. E também, agora eu, duns tempos pra cá eu virei noveleiro então, eu considero boas até. Só que alguns canais deveriam ser mais informativos que nem eu tinha te falado antes. Então é de boa pra média, média boa. Não é uma coisa ótima. Quem tem assinatura de canal que tem “n” canais, de opções pra tu acessar. As de média pra boa, mais pra média que pra boa.

**E qual sua opinião sobre a Rede Globo? Quais os aspectos positivos e os negativos que tu vê?**



Olha, os aspectos positivos da Globo, eu vejo pelo que uns tempos pra cá, ela se tornou uma mídia que tentou mais do que ser informativa, ela deixou um pouquinho de lado o sensacionalismo, mas ela ficou cutucando com vara curta aquilo que tava errado. Então ela trouxe pra sociedade aquilo que tava nos escuros. Até porque muitas vezes, eu entendo lado ruim da Globo, até eu sei, que tem um jogo de interesse, tinha um jogo de interesse. Até tinha um documentário, que rodou muito pela internet que é referente a Globo. Sobre aquela idéia da Globo manipular, de induzir, de levar. Eu vejo ela com bons olhos, só que eu tento ser crítico muitas vezes, eu não absorvo tudo que ela me passa. Nem tudo que ela vai me falar, vai ser realmente aquilo. Mas a gente sabe, que a olhos da TV ela passa uma imagem que não é bem aquela, por exemplo. Por isso que eu gosto de escutar muito rádio. Ele se torna muito mais imparcial, ele não generaliza. Ele não mostro de um foco que faz tu ter uma opinião muitas vezes desvirtuada. Por isso que eu escuto muito rádio, porque existe muitos debates abertos ao público, dar a sua opinião. São convidados diferentes pessoas para debater esse mesmo tema, isso faz com que tu tenha um pensamento, que contextualize is so.

### **É uma coisa mais aprofundada...**

Bem mais aprofundada. E geralmente como a gente acompanha os noticiários, eles são muito... eu não sei como é que funciona essa área, mas eu acho que tem tempo, então eles tem que abranger o máximo possível e tentar jogar informação. E dependendo da formação da pessoa hoje em dia, ela pode absorver de uma maneira que não era realmente aquela que deveria ser. Então eu fico nessa dúvida, o lado bom é que, de uns tempos pra cá, na área que eu tento acompanhar que é essa área da política, ela tá sendo muito imparcial, muito ética, tendo trazer a verdade. Mas eu também sei que ela tem um lado obscuro, existe também essa questão de interesse. E basicamente seria isso o ponto forte e o ponto fraco.

**E na programação da TV, quando tu ligar a TV como você é que tu seleciona um ou outro programa? Pela emissora, pelo horário, pela temática, porque alguém te disse que ra interessante e ficou curioso? Como é que tu liga televisão, a partir de quais critérios tu escolhe um programa pra assistir?**

Olha, é meio que automático de uns tempos pra cá. É automático, só que conforme o horário eu tento acompanhar o noticiário. Fora do normal, eu procuro passar pra os outros canais para ver essa questão da informação. Tenta buscar uma coisa diferente,

que não seja coisas do nosso dia-a-dia, como a questão política. Porque muitas vezes enjoativo, taxativo, tu tem que tentar assistir alguma coisa diferente. Inicialmente é automático, exceto isso eu já procuro passar pra uma questão de informação, de aprender uma coisa nova, até pro lazer e pro conhecimento.

**E qual o horário que tu prefere pra assistir televisão?**

Horário?Pra assistir televisão? De segunda a domingo, o melhor horário pra eu assistir é noite.

**Que é até pela questão do acesso, é a hora que tu tá em casa?**

São basicamente esse horário. De manhã, muitas vezes, eu não vou dizer que é o melhor horário, porque dependendo do horário eu nem ligo a TV, tem dias que eu saí correndo, tem dias que eu consigo acordar mais cedo e tento pegar essa parte da informação na parte da manhã. Mas o melhor horário, até porque é o horário que eu tenho mais tempo e com mais calma. Eu posso sentar, olhar, não tenho o stress de sair correndo pra algum lugar.

**Qual a emissora que tu gosta mais, que tu acaba assistindo mais? E porque?**

É, a que eu mais assisto com certeza é a Globo. Porque ela tenta abranger dos canais, dentro do canal dela várias temáticas, que é a questão da informação, seja ela política, econômica, seja ela de instrução, de conhecimento. E eu acho que é a que tá mais bem estruturada, que tem uma estrutura por detrás disso, tanto é que ela é melhor. Então eu gosto de assistir mais ela, mas isso não me impede de assistir outros canais. Mas é a que eu mais assisto e a que eu gosto de olhar.

**E qual é o tipo de programa que tu gosta de assistir?**

Tipo de programa que eu mais gosto? Olha, o tipo de programa agora nos últimos tempos que eu venho olhando é justamente a noite, o *Linha Direta*, algumas vezes eu assisto novela, os noticiários. São basicamente esses três que eu mais gosto de olhar.

**O que você não assiste de jeito não nenhum?**

O que que você não assiste de jeito não nenhum?

**Se tiver passando tu muda de canal, desliga, mas tu se recusa a assistir?**

Deixa eu ver. Agora de cabeça, agora, assistir. A não, o *Programa do Didi*, eu não consigo assistir (risos), eu não...só eu olhando eu troco. Programinha infantil eu não fico olhando, eu não assisto. Programa Infantil, se for só eu, eu troco. Agora se for com meu filho, eu deixo ele olhando, mas eu me retiro, eu não fico olhando.

**O que que é violência pra ti?**

Violência, acho que é tudo aquilo que sai fora do comum, que é a parte irracional do ser humano. Que é fazer as coisas errada, fazer mal ao próximo, mal à sociedade. Eu acho que violência é basicamente isso, é ser um cidadão totalmente errado, totalmente fora dos princípios éticos que a sociedade se encontra hoje nesse contexto no Brasil.

**E tu já foi vítima de algum ato de criminalidade, de algum assalto, alguma coisa?**

Olha, graças a Deus até hoje não. Eu pessoalmente, eu não fui, agora amigos meus, conheço vários.

**Mas tu mesmo graças a Deus não...**

Não eu não. Graças a Deus! Tomara que não seja também (risos)

**No teu dia-a-dia, como é que o problema da violência urbana, ela interfere na tua vida? Tu tá sempre se prevenindo, tá sempre observando as pessoas, mudando os caminhos, andando assim tendo um certo cuidado? Como que tu se previne, como é que que ela interfere na tua vida no teu dia-a-dia?**

Claro, eu não foi dizer pra ti que nós não temos algumas preocupações. Tem algumas coisas que eu tomo cuidado: carteira, celular... Mas eu procuro ser discreto no caso. Eu acho que todos nós devíamos, porque ainda mais hoje em dia. Mas eu não tenho essa neurose, que eu tenho que ficar cuidando de todo mundo. Eu não costumo mudar meu caminho, meu caminho eu faço todo dia a mesma rotina. Então se eu tiver que mudar de caminho, não é o fator pra eu mudar de caminho a violência. Qualquer outro fator menos esse. Eu já considero isso meio que uma neurose. Agora a questão de se cuidar, assim como a carteira, o dinheiro, isso aí eu tomo cuidado. Isso aí é de praxe isso. Como eu te falei tem pessoas que eu conheço que foram assaltadas, tiveram

de...sofreram violência e tudo mais. Mas eu não tenho uma neurose, “agora eu vou mudar minha rotina, meu jeito de ser, não vou sair”. Meu pai sempre fala muito: “Não saia à noite.” Eu falo tá, mas eu acho que a gente tem que viver a vida. Então, a insegurança tá lá fora, e até porque eu não tenho esse pensamento, eu não recebi essa praga, eu não tive essa experiência. Daqui a pouco, eu tô te falando uma coisa, mas amanhã de repente a minha cabeça pode tá diferente. E é justamente por isso, por eu não ter sido vítima de violência é que eu posso tá hoje tranquilo, que eu não tenho essa neurose. Mas a gente tem cuidados como “onde eu vou deixar meu carro? Vou deixar ali, onde eu posso estar a vista”. Então eu acho que isso, são um fatos, até porque eu não fui vítima de violência. Porque eu tive alguns cuidados, tive um pouco de sorte. E hoje eu tô um pouco mais tranquilo, não tenho essa neurose, porque eu não fui vítima, digamos assim.

**E tu confia na polícia da tua cidade? Tu se sente seguro com a Brigada Militar?**

Olha, seguro... a gente questiona um pouco, mas com a segurança pública de hoje eu não sinto seguro.

**E em relação a Polícia Civil e a Polícia Federal, tu tem alguma posição de ser crítico? Como é que tu avalia o trabalho tanto da Polícia Civil como o da Polícia Federal? Tu tem alguma posição?**

O pouco que eu venho acompanhando do trabalho que eles vêm tentando fazer dentro do estado com a Polícia Civil, eu acho que as duas secretárias que passaram até agora tentaram desenvolver um bom trabalho. O primeiro inicial fez um trabalho muito forte, bateu de frente com muita gente, prendeu muita coisa, fez muito trabalho. Teve aquela história do caça níqueis aqui no estado também. Tava muito bem, só que acho que “esse tava muito bom” teve que ser cortado de alguma forma. Eu me questiono porque que teve de ser cortado. Mas a polícia Civil cada vez mais tá no caminho, tá trabalhando. A gente acompanha o noticiário vê frequentemente que existe muitas batidas junto coma Polícia Federal, eu vi várias vezes. O pessoal tava, essa questão agora que deu uma baixada, que toda sexta-feira eles tavam fazendo batidas, de final de semana eles estavam prendendo muitas pessoas, muitos foragidos e traziam todos pra

cá. Não sei o que aconteceu, a mídia trouxe um pouquinho essa questão da criminalidade e o governo teve que mexer os pauzinhos. Eu acho assim é uma questão mais política. Então, do início do ano pra cá eles trabalharam bastante, mas de uns tempos pra cá não se é porque a mídia não focou mais tanto, não mostrou mais isso, então tira o acesso ou porque tá deixando a desejar. Tô na dúvida. Tanto falam em mídia, mas eu não tenho essa informação. De uns tempos pra cá não vi mais, não tive mais informação nenhuma de batida policiais, de apreensões de foragidos, números, estatísticas, tô totalmente por fora. Mas eu acho que tá fazendo um bom trabalho

**Como e tu faz pra ter informação especificamente sobre o problema da violência? Qual o meio de comunicação que tu procura pra ter acesso a esses dados de violência urbana?**

Meio de comunicação? Olha, ultimamente como foi... é o rádio. Muitas vezes quando eu vejo alguma coisa no rádio, pelo menos no rádio que escuto, eu não foco muito essa coisa da violência. Quando é de interesse ou é muito próximo ou até mesmo eu tive a curiosidade, eu procuro ler no jornal. E quando é a nível nacional, meio sensacionalista eu acompanho só na TV. Esse é o acesso que eu tenho.

**Porque assim que tu assiste o *Linha Direta*? O que que te faz assistir o *Linha Direta*? Tu tava passando pela televisão e viu a primeira vez aquele programa? Como é que foi esse processo?**

A primeira vez, como era a noite, tava numa folga, não tinha o que fazer, terminou a novela e começou o *Linha Direta*. Como era primeira vez, então eu quis ver como que era. Bem naquela época inicial, eu lembro que foi uma coisa bem chamativa, uma coisa nova. Fizeram muita propaganda em cima, isso eu acho que fez com que eu ficasse curioso, uma curiosidade. Eu fiquei meio que curioso pra ver o que que era. Então, como eu gosto daquela coisa assim, eu não entendi bem qual era a idéia inicial, mas como eu era vidrado nessa história de ação e de terror, eu comecei a olhar. Depois de uns tempos fui acompanhando, eu comecei a olhar pela questão da cidadania. Porque além dele trazer a história, o que eu ficava encucado era como os caras montavam e formavam uma idéia dessa. Existem várias matérias que mostravam vários tipos de crimes e eu ficava tentando entender como é que os cara conseguiam fazer isso, co eles fizeram, como polícia interagiu? O cara tá ou não tá foragido? Tá vivo ou tá

morto? Inicialmente eu levei pelo lado assim filme, mas depois isso me batei na cabeça que era o real, real. Fiquei encucado. Eu costume meio que assistir.

**E existe algum episódio do *Linha direta* que te marcou até hoje? Alguma coisa específica que tu guardou na memória?**

A coisas fora do comum, fora do normal, que é dos extra-terrestres. Teve uma questão de uma mulher com um homem, que uma essa questão de uma seita. Tinha essa questão toda sabe. As que mais me marcaram foram os extraordinários, fora do comum, fora do nosso dia-a-dia, que agente ainda tem dúvidas que existem ou não existem, se é real ou não é. Então eu tentei, me marcou porque eu tentei assistir, então me chama muita atenção. E como o *Linha Direta*, ele traz muito essa questão de ser verdade, não só essa questão de violência, essa questão que ele agora começou a focar que é o extraordinário, fora do comum, eu tentei identificar se isso é real. E da forma que eles trazem, então foram os episódios que mais me marcaram.

**E tu acha que o programa *Linha Direta* pode ser considerado um programa faz uma ação positiva na sociedade utilidade pública, porque ele denuncia os criminosos foragidos? Tu acha que ele?**

Olha, eu acho que ele faz as duas. Uma positiva e uma negativa. Como eu te falei. Aclaro, conforme cada um tem os seus princípios, mas...eu tenho os meus. Mas a forma negativa que ele tem, que eu vejo que ele pode instigar pessoas que tenham alguns princípios não muito bons a fomentar idéias. Que ele dá, além dele mostra, ele pode sugerir. Mas mesmo nesse princípio ele tem um lado bom, porque ele tem a parte de cidadão. Embora ele tenha ficado um pouquinho sensacionalista, ele quis trazer audiência, ibope por trás disso, eu acho. Mas ele tem esse lado cidadão que é de promover justiça, tentar prender, tentar fazer justiça, passar informação de foragido, tentar esclarecer dúvidas. Só que algumas das matérias eu me questiono um pouco, mas se a idéia é tentar fazer justiça, é tentar esse foragido e se tem matérias que que o foragido já foi apreendido ou ele morreu ou até mesmo já tá em processo judicial aquilo. Então eu não entendi, porque eu vejo que o foco deles... então porque tão mostrando. Então é um pouquinho de sensacionalismo, é promoção deles também. Tem esse lado positivo e o lado negativo.

**O Linha Direta ele dá visibilidade, ele torna público vários tipos de crimes. Acha que isso é positivo porque faz com que as pessoas passam a se proteger mais, passam a ter um contato? Ou tu acha que é negativo porque de algum forma ele aumenta a sensação de medo, de insegurança, de pânico?**

É isso vai de pessoa pra pessoa. Agora no geral, eu não posso te dar... mas os dois, os dois fatos são. Porque as pessoas, é importante que as pessoas entendam o que que tá acontecendo na sociedade hoje e onde elas estão convivendo. Porque muitas vezes tu tá morando num lugar e tu não sabe o vizinho que tem então tu vai se questionar. Só que ao mesmo tempo faz com que pessoas na sociedade tenham essa neurose de ficar preocupado. Tanto é que elas fazem o oposto, os criminosos vão pra traz das grades e eles mesmos se trancam. Então eu acho que cria um pouquinho de medo, mas ao mesmo tempo ele faz com que as pessoas criem um pouquinho mais de atenção. Eu acho mais aquela questão dos golpes que viviam sendo aplicados, eu acho que isso foi muito bom. Só que melhor do que ele são os noticiários. Ultimamente o Fantástico vem trazendo algumas coisas sobre isso, sobre alguns golpes que vem acontecendo. O Jornal Nacional também. Eu acho que eles informam melhor do que eles, porque ali se torna como se fosse uma historinha contando como é que foi o golpe. Mas eu acho que ele tá de uns tempos pra cá eu vejo o pessoal comentar “ Tu viu o Linha Direta?” ,“que cara babaca, como que ele pode fazer isso?”. O pessoal tá ficando um pouquinho com medo. Tá mostrando uma sociedade que não é só coisa ruim, tem as coisas boas. Então as pessoas estão ficando um pouco medrosos, digamos assim. Acho que é mais isso.

**Porque que tu acha que a Globo mantêm no ar quase 8 anos um programa como o Linha Direta?**

Pra ti ter uma idéia, ele teve uma evolução de uns anos pra cá. Cada vez mais ele tentou trazer um público seletivo. Não só, tu pode ver eu sou jovem. Um jovem hoje em dia parar para assistir um programa desse. Eu vejo que eles focaram inicialmente o público de idade, de uns tempos pra cá começou a crescer o público dele. O sucesso dele estar há 8 anos é porque eu acho que justamente ele dá audiência. Tanto é que os intervalos que eu tenho observado (risos) com certeza os intervalos comerciais que eu tenho observado são de grandes empresas do Brasil e fora do Brasil também. Então juntando as duas coisas, tu fazendo um programa muito bom que dá audiência numa horário quase que nobre, tirando a novela. Ele tá no ar digamos por isso. Fizeram com

que o programa se torna-se um programa de audiência, que as pessoas assistem por curiosidade, por vários fatores e outras pessoas podem ser outros. Faz com que várias pessoas assistam e sejam *merchandasing*, né, cara? Na hora do comercial tá lá a propaganda da empresa esperando com várias pessoas assistindo.

**E o que que tu pensa da maneira como o programa retrata a violência urbana? Tu acha que ele mostra a realidade, que ele traz a realidade da violência pro telespectador? Ou tu acha que ele meio que fantasia ?**

Eu acho que ele dá umas retocadas. Ele incrementa, até porque se ele não incrementar ele não seria um programa muito mais informativo do que atrativo. Porque as pessoas assistem com olhos de como tivesse olhando um filme, por exemplo. Faz que as pessoas olhem aquilo com muita atenção, fosse assistir quem matou a Taís, digamos (risos). Ficam esperando o que que vai acontecer. Querem ver o relato da história, como foi, como vai terminar os fatos. Faz com que as pessoas atijam a mente. Então, somente isso.

**O que tu sente quando tu vê aquelas histórias de vida no programas? O que que tu acha, que tipo de sentimento, quando tu vê aquela família, aquele amigos que perderam pessoas queridas, tu meio que se envolve assim? Ou tu prefere manter um certo distanciamento, ou tu se envolve, fica lá com raiva,o criminoso seja preso? Como é que tu se envolve com as histórias?**

Eu basicamente tento me colocar no lugar. Claro, eu não tenho essa neura. Mas algumas vezes eu fico pensando “Nossa Senhora!”. Sabe, ainda mais agora que eu sou pai e tenho família. Então ainda trata muito daquela questão família, trata filho. Se eu me coloco no lugar eu fico muito mal. Nossa, como é que uma pessoa foi capaz de fazer isso. Essa é a questão. Mas, eu não cobro com essas neuroses. Eu não fico martelando, não fico sem dormir por causa disso. Mas na hora, eu me questiono assim: “ Puxa, que coisa, né. Imagina se fosse comigo. Como é que eu me senti”. Então, tanto é que isso instigou esse meu lado assim de de repente ser um pouco mais cidadão e acompanhar. Até porque no final, se esse crime inda tá andamento, a pessoa que fez esse crime está foragido, eu tenho que ser cidadão, mas aquela questão de raiva, mas de ajudar a fazer justiça. Tentar mudar esse quadro, pelo contrário tentar até extinguir esse quadro. Mas a idéia inicial é eu fico muito chateado. Eu fico triste eu me coloco no lugar da pessoa e me sinto mal, não pela raiva ,mas eu me sinto muito mal.



**O que tu pensa da maneira como a polícia, que o órgão policial é retratado no Linha Direta, pelo Linha Direta?**

Eu acho que quase não é muito, não mostra muito essa parte policial, é aquela questão de que a polícia está atrás, que tá buscando informações. Tá bem, como é que eu vou te dizer, pão com margarina, só por cima. Ela tá ali, mas não o foco da apresentação. Ela não é vem a ser o coadjuvante da história, não retrata muito, não é muito mostrada não.

**E sobre a questão da pena de morte e da maioria penal, tentativa de se levar essa discussão da pena de morte Brasil e diminuição da maioria penal de 18 para 16 anos, como é que tu acha que a televisão vem tratando essas duas temáticas?**

Olha, a TV teve uma discussão muito séria nessa área, só que ela não foi levada pra sociedade. Até por que no momento inicial nesse ano quando aconteceu aquela violência em São Paulo, se eu não me engano foi aquela criança que morreu, tinham três jovens que estavam dirigindo aquele carro...

**João Hélio.**

Isso mesmo. Então, essa questão foi levada pra plenária, foi levada pra questões políticas. Só que naquela época foi levado em consideração o seguinte, não podemos a decisão movida pela emoção, pela raiva, pelo querer fazer justiça. Porque como a gente vive numa nação que é muito grande, com diversas culturas, com diversos tipos de violências, com diversos tipos de realidade, onde tu consegue diminuir essa violência, tentar amenizar com alguns projetos. Tentar resolver não com essa questão de diminuir a maioria penal pra 16 anos ou até mesmo a pena de morte ela não seria a solução, porque nós estaríamos regredindo à moda romana. Essa questão de antigamente o direito, como se dizia, esqueci a palavra, ma quando tu roubava naquela época se dizia então “nós vamos roubar dele também”. A questão não é eu querendo diminuir um dano causando outro. Eu não posso fazer isso, eu quero diminuir o teu dano causando um outro dano. Imagine isso na sociedade, esse reflexo. Pelo contrário, se houve um dano que essa questão da violência, seja ele da menor idade ou até mesmo motivo pra ser pena de morte. A gente não deve tirara a vida de uma pessoa ou até mesmo colocar um menor de idade na cadeia. Acho que não é essa a solução. Então a gente deveria buscar

o foco. Qual é o problema da sociedade? Porque que isso tá acontecendo. Será que não é uma questão de escolaridade? Uma questão de educação no caso. É uma questão de buscar a ascensão dessas crianças e que tão crescendo na marginalidade, no meio. Que não têm acesso a educação, que não tem acesso a cidadania, que não precisam dessa violência. Eu acho que não é essa a solução. Eu sou uma pessoa que é contrária a isso. Acho que isso não ia resolver, não ia solucionar o nosso problema. Pelo contrário, ia é piorar. Porque se hoje no Brasil fosse criada a pena de morte, muitas pessoas iam ser condenadas a morte e dois meses depois i ser comprovado que eles inocentes. Tu vê muito bem isso, o processo é lento e muitas vezes ele não é nem o mais correto (risos).

**E tu acha que a televisão vem tratando essa questão de uma maneira superficial, tem falado, mas não tem trazido o debate? É isso?**

Não tem trazido o debate. Ela traz o debate quando ela tem o sensacionalismo dela.

**Só quando acontece o fato...**

Quando acontece o fato ela traz à tona, ela foca muito, ela tenta trazer a sociedade e tenta trazer aquilo que tá sendo proposto. Só que de uns tempos pra cá apagou. Parece que o Brasil não aprende. De tudo nós deveríamos tirar lições, aquela foi uma lição muito triste, não precisava ter acontecido. E como e fala muito, o que a gente não quer ver uma mãe no Linha Direta comentando essa fato um ano depois que é a do João Hélio, como provavelmente vai acontecer. A gente quer que toda sociedade, a economia, a política se volte pra tentar resolver esse problema. A gente não quer que tenha mais fatos desse pro jornal trazer. Eu acho que já deveria ter uma solução pra isso, só que sempre cai a tona. Mas a questão da mídia ela tenta trazer isso de volta. Porque eu acho que o povo brasileiro ele tem a memória não de elefante, tem memória de...

**Curta...**

É, curta (risos).

**O que tu acha que é ser cidadão?**

È tentar viver a sua vida dignamente. Viver ela da melhor forma, desde de que eu tenha limites, desde de que eu não ultrapasse limites do meu vizinho, do meu

concidadão, no caso. E que eu possa viver minha vida digna, ética, sem violência. Tentar viver uma vida onde eu possa desfrutar dos meus prazeres, das minhas alegrias junto com a minha família, com as pessoas que eu amo de uma maneira simples e correta, ética. Eu acho que isso é que é ser cidadão.

**Qual a atividade do teu dia-a-dia que tu se sente mais cidadão? Que tu acha que mais exerce tua cidadania naquela atividade?**

Na minha atividade conforme eu vou me relacionando com as pessoas sendo cordial, tendo escuta, conversar, trocar idéias. Acho que eu estou sendo cidadão quando eu tendo ajudar uma pessoa, seja ela uma pessoa de idade tentar visitar. No dia-a-dia se a gente tá sendo cidadão é quando a gente ajuda quem realmente precisa. Como muitas vezes eu não tive a oportunidade mais de participar de campanhas voltadas pra cidadania, que é a questão de ações sociais que acontecem, mas de uma forma ou de outra a gente tem que ajudar. Como vêm a mídia muito, que é a questão da ação social, se tem alguma coisa que tu faz bem seja ela qualquer que seja ela, se tu puder ajudar o próximo tu já tá fazendo a tua cidadania, tu já tá fazendo algo de bom. Que nem eu toco teclado, agora eu não tenho mais oportunidade, eu gostava de ensinar alguém tocar teclado. Na minha área que eu trabalho na área de administração, quando eu conheço alguma coisa que é meu domínio e tem alguém, estagiário ou até mesmo uma pessoa que tá começando eu gosto de ajudar, de passar essa informação adiante. E basicamente é isso, eu gosto de ajudar, ser cidadão sendo informação não guardar pra mim, mas passar adiante, ensinar, sem custo benefício. Dar sem receber. Eu gosto disso, isso é ser cidadão pra mim.

**Como é que tu pode dar a tua contribuição pra sociedade?**

Nessa opinião que nem eu tava te falando muitas vezes, eu não digo que cria uma raiva em mim, mas eu acho que é uma questão mais de revolta, então fica aquela coisa batendo “ eu podia fazer”. Essa questão de repente da política, de tanto que eu acompanho e estudo e estou vendo, não sou formado em Ciências Políticas, mas eu acho que por aí que eu gostaria de poder ajudar. Tentar ser um representante legal da sociedade. No meio político tentar fazer com que as idéias dos meus amigos, das pessoas com quem eu convivo, na sociedade na qual eu tô no contexto, fazer com que essas idéias venham acontecer, essas idéias boas. Eu acho que isso seria ser cidadão também. Ia melhorar isso.

**Como é que tu acha que os meios de comunicação, de uma maneira geral eles podem ajudar os indivíduos a exercerem a cidadania? De que maneira tu acha que...**

A informação é tudo. Tem uma cadeira que eu faço na administração que é a SIG, sistemas de informações gerenciais, o professor fala assim “informação é tudo!” A informação está aqui, Einstein já falava a informação está aqui. O acesso é para todos, quem tem a cesso com certeza tem informação. Se tem a informação, tem o acesso e ele vi poder fazer a sua cidadania, vai poder praticar sua cidadania.

**Tu já foi em algum meio de comunicação pra reclamar de algum serviço que não tenha dos teus direitos se sentido satisfeito? Vamos dizer assim tu comprou um eletrodoméstico, não funcionou e tu não conseguiu trocar pelos meios legal, fazer a troca e teve que recorrer a um jornal, mandar um anota pra uma revista. Enfim teve que apelar pra algum meio de comunicação pra exercer os seus direitos de consumidor?**

Olha, a princípio não, porque eu sempre recorri aos órgãos, no caso nos SAC's de todas as empresas. E se não fosse possível pela SAC eu ia pegar os órgãos representantes que ficam fiscalizando, controlando esses meios no caso. Até hoje meu limite foi os órgãos , a partir daí já fui quase capaz, mas não foi necessário. Também quando eu fui comprar alguns móveis fui nas Pequenas Causas e foi resolvido. Mas eu de repente ia levar adiante. Só que meu meio de conseguir isso, foi bem claro quando a gente foi nessa audiência das pequenas causas, eu disse: “A pior coisas que tu pode fazer...” eu disse pro representante da empresa que estava lá, “A pior coisa que tu pode fazer é eu perder essa causa hoje. Se eu perder essa causa hoje, tu vai ter a pior propaganda, pior mídia da tua empresa, que é o meu boca a boca. De mim tu não consegue arrancar mais nada, na tua loja eu não compro mais nada e quem eu conheço também não compra.” Então esse foi meu jeito de falar, mas de repente com andar da carruagem, se eu não tivesse ganho, seria bem capaz de fazer isso. Acho que seria o último órgão que eu ia recorrer depois destes dois que é o SAC, sistema de atendimento ao consumidor e depois os órgãos correspondentes. Mas em último caso seria esse meio, mas seria uma forma de expor minha indignação.

**De que maneira tu acha que a TV pode contribuir com isso com esse exercício de ser cidadão? A televisão especificamente.**

Eu acho importante ela fazer isso porque ela, com a gente vê muitas vezes na televisão principalmente nessa área dos eletrodomésticos, ela, ela... de uns tempos pra cá que eu venho instigando ,que eu pude ver acho que é por má informação do consumidor brasileiro. Até me lembro de muitas reportagens que era questão do manual, que muitas pessoas tinham problema com o aparelho e iam botar a boca no trombone, só que botavam a boca no trombone e não sabiam nem ligar o aparelho. Ou seja, não tinha a cultura de ler o jornal. Mas depois com essa idéia de ler o manual “Não, você tem que ler o manual.”, e eu comentava entre nós “Agora tô lendo manual”. Mas tu lê o manual e não entende. Criou-se a polêmica do Inmetro, tivemos a reportagem no fantástico do Inmetro. Ai começou a levantar essa questão de como são feitos os manuais e como eles eram reprovados. Como os manuais são automático para vários produtos. O que eu acho que não devia ser, devia ser diferente. É muito importante na mídia, além dela mostrar a figura da pessoa que tá ali, mostrar a imagem que é muito legal. Como é que tu vai falar de manual no rádio? Tu vai ler o manual. Então ali a figura pejorativa, as imagens ficam muitas mais claras.

**A televisão te possibilita ver a imagem que é o diferencial...**

A imagem, que é o diferencial.

**Como é que tu acha que os sucessivos governos vêm tratando o problema da violência urbana?**

Como eu tinha te falado inicialmente não sei porque, acho que foi porque era início de governo, no final do ano passado em relação aos assaltos que aconteceram na Grande Região metropolitana, que o índice era muito alto e a criminalidade era muito alta. Então um dos focos de campanha de governo da própria governadora era a segurança pública. Embora não tivesse muitos recursos pra dispôr nessa área, mas a gente sabe que não é uma questão de recursos muitas vezes, é questão de boa vontade. Então a pessoa que assumiu a segurança pública no início do ano, essa pessoa foi de repente ela foi cassada.

**Que era o Baci?**

Que era o Baci, exatamente. Pessoas que querem trabalhar parece que no governo, mexeram tanto os pauzinhos, mexeram demais que, desculpa a expressão, que a merda fedeu. Então tiveram que afastar o nosso amigo. Acho que é essa questão. A gente sabe a dificuldade, que a crise econômica que a gente da enfrentando em relação ao estado pelo que a gente arrecada e o que a gente tem de despesa. A gente sabe que o efetivo da polícia é mal pago, mal remunerado. A gente sabe que os equipamentos não são os melhores que são hoje. Mas não existe a possibilidade de se disponibilizar mais recursos, não tem como. Então pelo o que se tem, pelas ferramentas que se têm, pelas aplicações que podem ser feitas, pelos métodos que eles possuem, acho que estão fazendo um grande trabalho. Só que de um tempo pra cá parou, parou aquela idéia de fazer monitoramento, fazer blitz, batidas, ir atrás. Parece que morreu. Acalmou, gelou o negócio.

**E quais seriam as suas sugestão para que o governo tire as pessoas das ruas antes que elas se tornem marginais? Uma ação preventiva, não só punitiva, mas preventiva antes que aqueles cidadãos quem moram nas ruas se tornem marginais?**

Acho que é todo um contexto. Se a gente for ver hoje, como é que eu vou te explicar, ser basicamente um ciclo. Uma sazonalidade, tem altos e baixos. Quando você num área, quer dizer no estado, quando existe uma baixa de emprego, quando existe muito desemprego numa região, que nem foi na região dos Vale dos Sinos, a crise calçadista onde milhares e milhares de empresas fecharam por causa do dragão lá, a China. Isso fez com que muitas pessoas ficassem desempregadas. Consequentemente essas pessoa não tendo acesso, muitas vezes, ao que comer e também como sobreviver E não tem alguns princípios elas acabam tendo que se tornar marginais, tendo que ir pra rua, começando ter mercado informal, muitas vezes praticando até mesmo a violência. Então se o governo tiver uma prática de tentar reerguer essa economia, tentar melhorar essa questão do trabalho, fomentar de novo o mercado, tentar incentivar nossos empregos, tirar essas pessoas que estão desempregadas da rua, ter sua renda, consequentemente pode acompanhar com certeza vai diminuir a violência. Vai diminuir a violência consequentemente.

**O que tu acha do fato do Linha Direta se intrometer em espaços que oficialmente não seriam da alçada dele no caso da justiça e da polícia? O que que tu acha disso?**

É, que nem nós estávamos falando, ela tenta se intrometer. Às vezes eu não sei até onde ela tá atrapalhando ou ajudando. Eu não sou perito nisso, mas se ela está querendo passar essa informação acho que ela tem que ir a fundo, tem que ir atrás. Mas o pouco que eu acompanho e não está sendo tão...ela tá dando aquela pincelada por cima. Ela tenta mostrar o trabalho da polícia, que la tá trabalhando, tá indo trás, tá correndo. Ela tá tentando passar sua parte de cidadã que é passar informações de bandidos foragidos, por exemplo, para que mais pessoas possam ajudar a fazer justiça. Acho que isso é um meio de também ajudar a polícia, porque tem um número lá que é disponível que não existe identificação nenhuma, tu faz denúncia anônimas que eu acho que ajudaram muitas investigações. Eu não sei quais são os números, mas eu acho que nesses últimos anos que...são 8 anos que existe esse programa no ar, eu acho que nesse tempo deve ter acontecido muitas apreensões, muitas informações válidas.

**Foram ,na verdade da última vez que eu vi 408 fugitivos capturados.**

Então eu acho que é válido. Ter 408 e não ter nenhum (risos)

**E como é que tu vê a relação entre a televisão e o governo? Como tu acha que essas duas instâncias se relacionam?**

Eu percebi que agora com esse governo do Lula, que era um partido de esquerda que foi muito apoiado que entrou no governo até pela TV, pela mídia, não digo a TV, mas pela a mídia de maneira geral. Mas ela teve uma... eu acho que quebrou essa aliança, esse casamento não deu muito certo. Até porque eu tinha uma visão assim, se está no governo uma política que faz as coisas a meu favor, eu não tenho porque o prejudicar, eu não preciso passar algumas informações que são muito importantes, com que a sociedade tenha acesso e que faz com que essa política que existe hoje faça sair através de um meio que é o voto. Só que de uns tempos pra cá, eu não sei se foi uma quebra de aliança, esse casamento não deu certo ou se realmente, pelo que eu entendo, espero que seja, cada vez mais existe um profissionalismo em relação ao jornalismo, que fez com que se torna-se mais ético e tentar trazer a tona a informação. Tentar trazer a verdade, tentar trazer esse meio. Tem essa questão cidadã. Assim, conseqüentemente

essas informações fazem com que o cidadão hoje através do voto consequentemente possam votar realmente naquela pessoa que vai tá lá representando ele legalmente.

**A que tu atribui, como é que tu acha que a gente chegou nesse ponto de violência urbana no país? Quais fatores tu acha que foram responsáveis pra que se deixasse a situação chegar onde ela chegar, nos níveis alarmantes de criminalidade?**

É isso já não vem de hoje, vem dos tempos em que São Paulo começou a ser povoado com o êxodo urbano, êxodo rural fez com que as pessoas comessem cada vez mais migrar pra cidade. Onde não existia estrutura, não foi pensado nenhuma estrutura pra isso. Não pensou no amanhã. Fez com que cada vez mais pessoas viessem trabalhar com a ilegalidade, que é o mercado informal. Que é essa questão do não acesso a educação, educação precária. Tanto é que hoje nós vivemos num país que a educação não é de acesso de todos, sabemos disso. Não vamos comparar uma Alemanha, não vamos muito longe, na Argentina, no Paraguai, tu tem tua educação até tua graduação, tua formação garantida, de boa qualidade. Enquanto num país onde tu tem que pagar tantos tributos, uma taxa tão alta, uma carga de tributos tão alta, um terço do ano tu tem que pagar imposto e tu tem que pagar do teu próprio bolso. Ou muitas vezes, tem que financiar pra poder ter um acesso a universidade. Pessoas que não tem educação, não tem cultura, não tem essa informação, não tem princípios, não conseguem buscar essa ascensão profissional. E consequentemente não tem emprego, não tem trabalho, consequentemente tem um lado a cair pra esse lado da violência. Então eu acho que a educação e a questão do emprego, hoje no Brasil é um fator determinante. Se não tem emprego as pessoas não trabalham. Vão fazer o quê? Não educação, não tem informação, não tem acesso a educação. Ela não tem aquela questão de crescer. Porque a educação faz com que tu estude, trabalhe, lute. Vá achando o caminho das pedras. Acho que basicamente é isso.

**Se tu fosse dono de um meio de comunicação, dono de um jornal, de um meio de comunicação, o que que tu faria, qual seria a tua atitude, o que que tu proporia pra que se fizesse alguma coisa em relação ao problema da violência urbana? Que tipo de atitude tu tentaria liderar?**

Tentar conciliar essa questão cidadã. Tentar através de uma ONG ou através do próprio meio de comunicação, que hoje em dia faz com que seja formador de opinião.



Mas não como um Hitler dá vida que usou o meio de comunicação pra influenciar as pessoas, mas trazer a realidade e fazer com que as pessoas entendem que no dia-a-dia delas elas podem fazer a diferença sendo cidadãos e ajudar essas pessoas que vivem nessa violência, vivem na marginalidade a tomar um rumo, a mudar. Tentar ocupar a cabeça com alguma coisa de útil. Então, ações sociais seriam um boa idéia. Tentar fazer com que o governo, não sei de que forma, mas através dos meios de comunicação trazer a tona essa questão política. Porque o governo não pode um país que deve repassar seus problemas para as empresas, por exemplo. Grande parte das universidades hoje são instituições privadas e cada vez cresce mais, enquanto as públicas estão degradando. Sendo que essas privadas por incrível que pareça, por lei, por projetos de lei, elas são obrigadas abrir mais vagas de bolsistas ou até mesmo classe social, cor. E até mesmo por financiamento, porque o governo é incapaz de gerenciar recursos que são dessa área, por incrível que pareça através da corrupção são desviados. É importante mostrar esse veículo pra mostrar que a corrupção existe e como ela é feita e fazer com que as pessoas no dia-a-dia denunciem também nos meios. E que elas possam entender também ,porque o meio de comunicação é pra isso, elas possam entender também o porquê que elas deveriam fazer isso, quais são os fatores, o quanto isso ia ajudar e melhorar. E torcer (risos) pra que as próximas gerações possam evoluir, porque a gente sabe que hoje a gente está passando por um processo de evolução, mesmo processo que países do primeiro mundo como a exemplo da década de 80 que foi a máfia da Itália, mafiosos aí que foram presos. Eu acho que nosso país é um país que tá no rumo, que se encaminhando. Que tá naquela história do bric – Brasil, Rússia, Índia e Canadá. Acho são os países do futuro, nós temos território, temos recursos, temos um povo que luta, trabalha, só que eu acho que tinha que ser um povo que batesse mais o pé. Eu acho que tinha de usar essa mídia, esse meio de comunicação pra abrir os olhos. Fazer com que esse povo se torne um pouquinho mais crítico, mais atencioso a essa realidade, fosse um pouquinho mais cidadão. Não tivesse só orgulho quando o Brasil é campeão do mundo na área do esporte, mas tivesse orgulho como os americanos ou qualquer outro país de primeiro mundo tem. Bater no peito e dizer que “Nós demos certo nessa parte da economia, nós somos líderes na educação, nós somos líderes na saúde.”. Enfim, eu acho que basicamente isso, seria pro bem de todos.

## APÊNDICE 10

### Entrevistas com os pesquisadores do NEV – USP transcritas.

#### Entrevista com Eduardo Brito

##### **Porque o interesse da pesquisa da violência ?**

A minha pesquisa da violência é principalmente a violência na literatura. Literatura alemã, o doutorado é em Literatura Alemã. E o primeiro trabalho meu com pesquisa acadêmica foi *Como se processa a politização da violência na literatura*, especial na literatura de Kafka.

##### **E eu gostaria de saber se você tem algum pensamento sobre a postura dos brasileiros na discussão da violência urbana?**

A primeira, pegando minha experiência como pesquisador na minha tese, eu fiz entender não simplesmente politização da violência, mas como o texto literário, por exemplo, chegava na produção brasileira durante a ditadura militar e como as pessoas liam o texto literário pensando na violência que tava acontecendo no Brasil, principalmente final de 60 começo da década de 70. Essa foi minha formação teórica, agora eu como pesquisador do núcleo, na verdade o que a gente vê, a população brasileira de uma forma geral, ela tem uma relação com a violência de uma forma confusa na verdade. Por exemplo, eu sempre me preocupo, uma das coisas que me preocupam na questão violência é a questão da mobilização popular. Em torno de que que a população se mobiliza e quais são os valores de ditam a mobilização popular. A nossa experiência de núcleo, a nossa pesquisa mostra que a uma mobilização muito grande. Na verdade, de uma certa forma, a população se aproximou bastante da violência que é cometida contra alguns grupos sociais localizados na periferia das cidades e que essa violência não toca, não mobiliza a população. Claro que existe exceções, mas elas são também muito trabalhadas. Por exemplo, em São Paulo existe um coisa chamada Fórum em Defesa da Vida, que acontece no Jardim Angela que é um dos bairros mais pobres da cidade, mais excluídas da cidade, e lá a igreja organizou caminhadas que procuram chamar a atenção pra violência que acontece na periferia. Aparentemente essa mobilização ficou restrita a própria periferia e depois ela se preocupou um pouco com a mídia. Porque a mídia percebeu que é a mobilização muito

grande. Ela acontece sempre no final do ano no Dia dos Finados, então apesar do fórum ser mensalmente, mas eles fazem um grande mobilização anualmente. Mas de qualquer jeito isso é não é a questão, o fato é que as mortes que acontecem na periferia não se contam, elas são estatísticas, mas uma movimentação só vai acontecer de fato, quando membros da classe média, Cláudio Lemos aqui em São Paulo chamava de elite branca, quando a elite branca se unir. Existe alguns casos em São Paulo, tanto é que os grandes casos de São Paulo de violência que a gente pode lembrar rapidamente, o primeiro que me vem a cabeça são os presos do Carandiru. Mas ali a coisa foi muito dividida. Um boa parcela d população acha que eles receberam o que era merecido, não interessa se houve brutalidade, o que interessa era que era um grupo de presos. Então a opinião pública ficou dividida e um dos sinais de que ela ficou bem dividida foi que quando da absolvição do Coronel Ubiratan não houve nem um tipo de manifestação realmente da população. Algumas ong's se mobilizaram, pediram revisão do processo, mas o fato é que o Ubiratan foi eleito deputado. Quer dizer, houve uma certa aprovação da ação dele e ele se orgulhava, tanto que o número dele pra eleição era a sentença dele ligado diretamente as pessoas que ele tinha matado. E não houve um manifestação pública. As grandes manifestações públicas em torno de grandes crimes foram mobilizadas pela imprensa, como por exemplo, o caso da Escola Base. E a escola Base teve um trabalho da imprensa de criminalização, não havia nenhuma prova de fato. Tanto é que depois comprovou se que foi tufo uma grande fantasia dos pais das crianças, aceita pela a imprensa, primeiro pela polícia depois pela imprensa. Isso foi um caso, mas que aí de novo pegava o que uma “elite branca”. Eram crianças que estavam sendo exploradas...

### **Escola particular.**

É, escola particular. Quer dizer tem toda uma movimentação. Isso tudo habilmente contado pela imprensa. Isso foi um caso. Um segundo caso foi o da Roberta que seus assassinos foram mortos também. E a polícia apresentou os criminosos, agente pode chamar de suspeitos e eram negros e pobres. E depois se descobriu que não eram eles. Nos dois casos uma presença grande da imprensa e a opinião pública se mobilizou contra os possíveis suspeitos, os possíveis culpados. No caso da Escola Base houve a depredação da escola, por pouco os professores não foram lixados. E tudo isso, nunca houve uma reparação real. O Estado nunca reparou. Então a população se movimenta em torno de paixões, muito bem manipuladas.

### **E tu acha que essa manifestação é feita pela mídia?**

Sim, pela mídia. Na verdade, teve aí uma polícia que apresentou sem investigar. É preciso entender primeiro a cultura da polícia no Brasil. A polícia brasileira ou a justiça. A polícia brasileira, ela não se guia muito como uma polícia investigativa, mas como uma polícia de testemunha. Então quando acontece algum crime no Brasil dificilmente uma investigação científica é feita. Então com isso você recai principalmente na prova testemunhal. E isso explica em parte ou bastante a questão da tortura no Brasil. Porque se você vai pela prova você vai isolar uma área em torno de um crime, você vai investigar, pegar marcas, perícia. Como isso não é levado muito sério, essa coisa recai sobre as testemunhas, então você precisa ter testemunha. Não simplesmente testemunha aquela que fale o que houve, mas testemunha que fale o que você quer ouvir. Com isso a prática de tortura instalou. E daí você entende um pouco a divisão das violências das polícias. Enquanto a Polícia Militar é uma polícia que... a violência mais marcada dela tá nesse confronto, nesse eliminar suspeitos, a Polícia civil tá mais ligado a corrupção, porque nesse momento de prova testemunhal você também pode corromper ou ser corrompido pra que você não seja um... então a Polícia Civil tá ligada a corrupção. Vamos pegar o caso da Escola base, não havia, não foi feito de fato um investigação mais científica, policial. Não, não houve isso. Eram as criancinhas falando. Tomados como verdades, as crianças foram expostas na TV. E os repórteres perguntavam para as crianças: “É verdade que ele fez isso, isso, isso?” As crianças, cada vez tá mais provados na psicologia infantil que se você perguntar várias vezes uma pergunta pra uma criança uma hora ela vai responder aquilo que você quer. Isso tem sido trazido bastante a baila, que é como se você quisesse agradar ao adulto. Então ela acaba repetindo o que ela entende da pergunta anterior. Você pergunta três vezes e quando percebe que a a aprovação, tô simplificando muito que eu não sou psicólogo. Mas o fato é que aqui houve um encontro de uma imprensa que, na verdade houve uma avidez de conseguir os dados mais originais, uma espécie de furo jornalístico e as outras vão atrás. E todas elas querem mais, na época havia muito, não que hoje não tenha havido, mas nessa época era mais forte, essa avidez pelo monstruoso.

### **Pelo objeto.**

Esse objeto ele era reduzido a exaustão pela mídia e cada um tentando ser mais original que o outro. O fato é que deu no que deu e houve uma manipulação muito grande. E é muito engraçado porque a população que se escandalizava não era

população que estaria sob o julgo daquele tipo de situação, ou seja, não eram pessoas que tinham filho na escola particular, não eram criança que usavam transportes daquele tipo, mas mesmo assim a população foi habilmente manipulada na sua sensibilidade e respondeu bastante de acordo com o que se pedia, que o teatro da mídia bolou.

**Tu acha que as pessoas ficam mais informadas ou desinformadas da maneira como televisão aberta, de massa ela trata em geral a questão da violência?**

Eu acho que o que acontece é o seguinte, a questão principal é que existe o foco principal que é dado pela imprensa, há um foco. As pessoas não se preocupam porque razão determinadas informações estão sendo veiculadas. Bom ninguém para perguntar: “Bom, se eu estou assistindo..” Vamos pensar na situação, saiu hoje na imprensa paulista que o governo do Estado manipulou os números de assaltos a bancos no estado de São Paulo e até o governo que é do mesmo partido anterior, o José Serra hoje, era Alckmin anterior. Mas o fato é que o secretário de segurança divulgou que os números foram subestimados no último governo. Não subestimados ou pouco, foram subestimados o dobro. A quem interessava a divulgação do estado de que a criminalidade diminuía? Qual o dividendo, resultado feliz que você tinha de que o governo conseguiu diminuir a violência no estado? Então as pessoas vão aceitando os números e há uma sensação de que se a imagem tá passando é verdade. Há uma aceitação muito grande da imagem dada. Se apareceu na TV é verdade. Os argumentos de autoridade são muito fortes. Eu vi no Jornal Nacional, eu li na Veja, eu li na Folha de São Paulo, eu li no Estadão, eu vi na internet. Mas as pessoas... isso acaba virando um argumento de autenticidade, de autoridade e as pessoas aceitam. Então eu acho que a questão é que as pessoas aceitam essas informações sem questionar quem tá tirando lucro com ela. Então vamos pensar assim, eu não tava no Brasil quando houve a discussão sobre o desarmamento, mas ninguém questionou porque a Veja fez uma reportagem maravilhosa sobre os benefícios maravilhosos de se ter uma arma em casa. Ninguém colocou isso, ela manipula dados, é fato que ela manipula sobre o Nazismo. O primeiro tipo de controle onde as pessoas não podiam mais se armar. Ela pegou uma situação de horror que foi o Nazismo e colocou que o governo quando quer dominar uma população a primeira coisa que faz é desarmar a população, tirar o direito de andar armado. Só que ela escondeu o fato de que os judeus não podia andar armado e que o alemão ariano podia. Então o tirar a arma foi do judeu, então isso aí ela não colocou. Ela não colocou

esse fato, um fato histórico. E ela nunca se retratou quando a isso. Porque ela não mentiu, é verdade uns dos primeiros controles do nazismo foi tirar a arma da população, só que escondeu. Só que escondeu que era daa pessoas judias. Então essa descontextualização serviu muito bem aos propósitos dela de forma que pessoas saem dizendo “li na Veja, então eu vou votar na população ser armada, porque eu li na *Veja*” Mesmo quando a pessoa não fala que li na Veja, há um substrato, há um pano de fundo, que a pessoa fala aquilo acreditando ser verdade. A televisão é a mesma coisa. Há uma certa aceitação, quando a policia , por exemplo, há um confronto coma polícia e morrem dez pessoas, a polícia coloca assim eram traficantes. Ninguém questiona. Passa fácil. A mídia alimentou durante esse tempo, a polícia alimentou que o grande crime, o grande confronto da sociedade é contra o tráfico de drogas. Da cidade que trafica e d cidade que não trafica.

### **E como cenário a favela, a favela virou o cenário...**

Então se você entra numa favela e mata, não interessa se você matou uma criança de 7 anos. “Ah, era filho de traficante. É uma perda que se justifica porque nós eliminamos um traficante.” Agora a questão é: Todos eram traficantes? Então a manipulação da mídia é interessante. No Rio de Janeiro houve o brutal assassinado do João Hélio, então essa mídia que fez tanta cobertura, não fez quando em Ribeirão Preto uma prostituta foi arrastada pela rua da cidade por um membro da classe média. Então houve isso, acho que está no primeiro ou no segundo jornal dos direitos humanos o caso da prostituta arrastada até a morte. Só que as diferenças são brutais, no caso era uma criança da classe média arrastado por membro de grupos desprivilegiados economicamente, no outro caso era um rapaz da classe média arrastando uma prostituta. Então quem merece ser arrastado quem não merece ser arrastado? Quem pode ser arrastado quem não pode? Nenhum dos dois podem ser arrastados. Só que essa prostituta se é negra, se é pobre, não interessa. Agora nós definimos quem pode e quem não poder ser eliminado. Então quando os não elimináveis são eliminados na cidade há uma mobilização. Quando os elimináveis são eliminados há uma nota de rodapé como a prostituta de Ribeirão Preto.

**E tu acha que programas como o Linha Direta, que passam criminosos foragidos presos com a ajuda dos telespectadores, eles podem contribuir com cidadão para a formação de combate violência urbana? Ou não? E de que maneira isso se processa? A globo capitaneando essa verdadeira campanha contra a violência.**

No Rio acho que houve uma manifestação a favor do Linha direta. Vamos pegar um monte de coisa, Primeira é de você ter a questão de ter linhas abertas pra população fazer denúncias anônimas, essa linha aberta começou com São Paulo, em seguida não se identifica. Agora de qualquer forma essa denúncia é muito complicada. Não dá pra falar de denúncia no momento que o programa está coisa está acontecendo, porque se você ligar de um telefone público há um risco. “Eu vi Dona Maria fazendo uma ligação mais ou menos na mesma hora.” Agora o que que eu tenho, existe uma complicação nessa história de você trabalhar com um programa como o Linha Direta que é o seguinte, você acaba tirando do Estado algum tipo de autorização. Se a gente pegar alguns estudos sobre violência, Max tem um estudo sobre o Estado ser o único detentor legítimo da autoridade. Então eu não sei, o que me incomoda é o fato de outra instituição que não o Estado deter o direito de fazer justiça. Acho que justiça com as próprias mãos é um caminho muito curto. Além disso, eu não acredito que eles apresentando um programa por semana, eles vão conseguir fazer mudanças significativas na violência. Se você pegar o número de violências, os crimes de ordem desconhecidas é enorme. E a polícia não vai atrás, não há investigação. Então número de casos conhecidos, que é trabalhado pelo Linha Direta, é muito pequeno. E nesse número pequeno, o número trabalhado na imprensa é menor ainda. Então você acaba tendo na verdade, um programa investigativo que vende, muito comum na TV paga americana, super comum. E acho que existe um programa lá que é a questão de espetacularizar o crime. Você acaba colocando, por mais que tente criminalizar, coloque o criminoso, o fato é que você tem roteiro. E se você for bem inteligente você vai ver onde o cara errou. Então eu acho que é muito complicado esse tipo de programa, acho que você expõe na história pública mecanismo de investigação, mecanismo de pesquisa que seriam mais bem usados nas mãos dos agentes de segurança. Eu acho que a população tem um grande lucro com isso, eu acho que acaba sendo, na verdade, um voyerismo. Há uma fantasia nossa com relação ao mundo do crime. Tá mais que provado, não por acaso o cinema policial, a literatura policial tem feito tanto sucesso. Por há uma fantasia nossa de como é a cabeça de um criminoso, como que ele processa tudo isso.

### **Uma espécie de catarse, pois aconteceu com outro, não aconteceu comigo...**

Também. E eu acho que isso se soma toda um construção que é muito interessante de você perceber, por exemplo, que a população tem um medo fantasioso muito maior do que o medo do real. Eu vi uma pesquisa interessante feita aqui pelo núcleo e era de um rapaz que pesquisava sobre a questão do medo de ser seqüestrado. Na época não havia aquele seqüestro relâmpago. Ele mostrou como as pessoas que não faziam parte do grupo dos seqüestrados começou a desenvolver o medo do seqüestro. Mas aí ele perguntava: “O que você tem pra ser seqüestrado?” “Olha o lugar que você vive.” e daí criou-se o medo. E de onde vem esse medo? De uma hiper exposição ao seqüestro. Havia uma super exposição a isso e as pessoas criavam um fantasia de que elas seriam as próximas a serem seqüestradas. Eu acho que esse tipo de programa, eles num conjunto ele se somam pra criara uma sensação de uma sociedade violenta, perigosa, em pânico. Eu acho que quem trabalha com isso na TV americana é o Philip Colombine, ele mostra exatamente isso. A questão não é que a mídia cria violência, mas ela cria uma sensação de insegurança. Ainda mais quando mostra no programa Linha Direta, que mostra todas as classes. Eu acho que não há uma discussão ali quando há uma violência de gênero, não há uma discussão real sobre a questão da violência. Eu assisto pouco, mas o pouco que eu assisti a sensação era essa, você mostrava o crime acontecendo, mas não havia uma discussão uma discussão de gênero. Vamos discutir então. A violência praticada do homem contra a mulher, ela tem a ver com a posição paleocêntrica, machista, paternalista, posição de poder... Não havia nada dessa discussão. Acontecia o crime, sensação que eu tinha é que havia uma certa culpa, um processo de culpalização da vítima. Então, “ela poderia ter alguma coisa e não fez, ela foi ameaçada, mas permaneceu. Por mais que haja uma tentativa didática, essa sensação é de ameaça. Eu não vejo que ela promove algum tipo formação. Acho que a questão principal é essa, não vejo que ela forme. Ela expõe situações que de uma certa formas as pessoas estão na segurança de sua sala assistindo crimes real, não é ficção. Não há outra opção e aquilo é dramatizado. Há focos de câmeras.

**Há toda uma dramatização, o Linha Direta é o única produção da Globo que é feita por duas centrais, a de jornalismo e da produção de dramaturgia.**

Exato. Então é muito instável, eu não sei até onde isso atinge a psiquê da pessoa, mas pra mim não me acrescenta. Eu acho que... eu tive a experiência, de quando eu fiz minha a minha investigação sobre a Polícia Civil, e lá eles fizeram cenários. Eles



produziram o filme da mala. Eles colocaram uma mala. Então não me acrescenta nada. Talvez um investigador vendo isso e até defendendo que os policiais deveriam recriar situações pra servirem como modelo pra estudo, agora pra população em geral eu não vejo utilidade.

**Uma discussão que a gente tem muito é a questão da mídia como uma aceleradora de violência, de processo. Então a gente vê atualmente as pessoas preferem recorrer a mídia nas suas ações, por exemplo, se eu tenho um problema com um bem de consumo que eu comprei e ele veio com defeito de fábrica é muito mais fácil e muito mais rápido na seção dos direitos nas revistas, nos jornais expor meu caso. E é uma coisa que a gente pode pensar em aplicar na questão da justiça, que às vezes é mais rápido apelar pra um programa, uma coisa que a gente pensa sobre o fato, o campo midiático intervir em outros campos sociais, e muitas vezes atuando como um agente fiscalizador?**

Eu teria que pensar em termos de porcentagem. Então a questão é: quantos por cento da demanda apresentada ao programa é levado ao ar? Quantas pessoas se inscreveram no programa pra falar de um determinado problema e que de fato foram atendidas? Eu imagino que foi um número mínimo. Eles devem receber zilhões de cartas, zilhões de pedidos, selecionam alguns que eles acham que dão mais impacto social, mais impacto na imagem. Então, isso é muito complicado. Você vai de novo deslocando aquilo que é função do Estado, você vai tirando do Estado essa função dele de mediador e jogando isso pra mídia. E o mais complicado é que, eu creio, depois que elas recorrem ao sistema oficial, elas tem na cabeça delas o modelo de televisão. Você pensa que é aquilo que vai acontecer, daquele jeito que aconteceu. É patético, mas ocorre. Com relação a justiça, isso na verdade coloca, na minha opinião, coloca em destaque mesmo... eu lembro da primeira cena do *O Poderoso Chefão*, aquele filme do Marlon Brando. O personagem fala assim pra filha dele que foi agredida e ele vai pedir justiça. E o juiz fez todo um discurso contra os agressores, mas no final os liberou. No final ele percebeu que não era nada disso, que os agressores faziam parte de uma classe privilegiada e ele era um italiano pobre. E ele fala assim e fiquei pensando isso é só com o Dom Corleone. E o Corleone faz uma propaganda fantástica de injustiça mesmo. Porque é injustiça. Então esse desvio de você deixar o sistema oficial e ir pra esse tipo de apoio, de ajuda, ali representado pela máfia e aqui representado pela mídia, ela mostra o descrédito da instituição oficial. Então seria o momento da própria instituição

repensar, então por exemplo o Tribunal de Pequenas Causas ficar mais bem preparado. Agora é fato também que na mídia você é mais bem acolhido, o judiciário tem toda uma burocracia própria, uma estrutura própria, que causa na pessoa, ou deve causar na pessoa. E numa instituição particular ele vai ter uma sensação. E se gente for ver, das poucas vezes que eu assisti esse programa eu fiquei curioso pra saber como tratavam a cena. E o tratamento é fraternal, é muito carinhoso, quando a pessoas chora melhor ainda.

## **Entrevista com Renato Alves**

### **Qual o motivo do núcleo em pesquisar a violência, em ter essa linha de pesquisa de estudo?**

Na verdade é assim, o que a gente chama de violência, na verdade, é toda forma de não efetivação de direito, de não garantia de direito. Isso tem ver com história do núcleo um pouco aqui no Rio Grande do Sul no final dos anos 80 com a transição da ditadura para a democracia e se tinha uma certa perspectiva em relação ao núcleo, e era expectativa do núcleo, que com redemocratização do país você teria as garantias de direitos mais consolidadas, principalmente as não violências, as violências interpretadas pelo estado, um estado de ditadura: tortura, insegurança policial. Então você tinha idéia de que violência cometida pelo Estado com a redemocratização, com o tempo ela fosse mais sendo enquadrada no regime democrático e cada vez mais coibida pelo estado democrático. E aí nessa transição o núcleo surge justamente pra estudar um pouco como a democracia teve um impacto nas não garantias de direito prometido pelo estado. Com esse vinte anos, a gente percebe que tem uma persistência, grande ainda, dessa violência que é praticada contra o Estado e o interesse hoje é entender como não garantia do direito no acesso escrito a direito ele é também um espaço pro teu fortalecimento, para o enraizamento mais profundo da democratização. Então o que a gente estuda aqui de fato é a relação entre direitos humanos e democracia. É chamado violência, uma questão que toda forma de não garantia de direitos ela é uma violência, não é violência só bater, matar, no sentido estrito, mas a violência no sentido mais amplo pensando na garantia de direitos humanos das pessoas. Esse é o foco central que o núcleo estuda. Tem esse nome, porque é uma questão, na época anos 80, falar dos direitos humanos era meio polêmico, meio tabu, como hoje é um tema popularizado e aí se optou pelo nome da violência. Mas o nosso enfoca não é só...lógico o homicídio é a extensão mais ampla

dessa violência, a morte, agressões físicas, mas essa violência, o homicídio, ela é o corolário de uma série de violações que antecedem esse grau máximo de violação.

**E especificamente na questão da violência urbana, quais são as reflexões que vocês têm das posturas, das atitudes dos brasileiros diante disso? De passividade, de combate, como vocês imaginam a atitude dos brasileiros com relação ao tema da violência urbana?**

Eu acho que tem que pensar sempre isso no contexto cultural, num contexto onde a garantia dos direitos ela perpassa, sobretudo, na garantia do Estado em garantir esse direitos através de políticas públicas, de instrumentos tanto técnicos como pessoais de recursos pra implementação desses direitos, quando isso é muito escasso ou pouco universalizado, como é o caso do Brasil, o que acontece, primeiro você começa ter uma disputa dos poucos direitos que se tem numa discussão de quem merece mais, de quem merece menos a ter direitos que devim ser para todos. Então por exemplo, discussão de quem merece ser atendido no posto de saúde e de quem, não merece é uma discussão que todos deviam ter direito. O acesso a creche, por exemplo, por tem mãe que pensa “Não porque eu trabalho e eu mereço mais do que ela.” Não, o direito é pra todos, pra quem trabalha e pra quem não trabalha. Isso vai criando uma certa cultura que gente tem aí que primeiro que se acredita muito pouco nas ações do Estado, porque ele é muito pouco efetivo, muito pouco...é não dá resultados muito efetivos, você tem um descrédito de uma maneira que as ações do Estado, elas são ineficazes, ineficientes, então essa é uma maneira, uma dimensão. E também quando isso acontece, tem um certo reconhecimento que cada um é por si e começa a ter uma disputa entre as próprias pessoas entre os poucos acessos que se tem das coisas. Então quer dizer em vez de você criar um senso comunitário, você tem uma certa disputa interna entre as pessoas, em vez de lutarem pra que todos tenham, começam a lutar entre si pra quem tem mais direito a quê. Então numa ponta você tem isso. Numa outra ponta o que você tem reconhecimento daqueles que também infringem um acordo coletivo, a lei, essa coisa toda. Então, se já entre as pessoas “de bem” há a disputa ao direito, aquelas que já estão fora desse plano da legalidade, eles teriam que ter menos direitos do que os outros. Então você já tem uma certa cultura que você pode torturar, pode matar, não tem direitos...se tiver que ser atendido no hospital vai ter que ser atendido por último ou não ser atendido. Não tem direito a um julgamento digno, então você pode bater, pode matar ou até condição de encarceramento indigna, como a gente tem. Então você tem um

certo apoio da sociedade em relação a isso, nesse contexto, onde esses direitos são tão poucos e até dentro da legalidade há disputa entre si e aquele que estão fora dessa legalidade, eles são considerados com menos ainda direito a ter direitos. O direito deveria ser para todos, então você tem essa má cultura brasileira, na conjuntura brasileira um pouco essa postura.

**E com relação à mídia, aos meios de comunicação, você acha que as pessoas ficam mais informadas ou desinformadas com a maneira como a televisão, a televisão que eu falo é a televisão aberta, do grande público, ela, de maneira geral, claro que não dá pra generalizar, mas de maneira mais abrangente ela trata o problema da violência? Ela mais informa ou desinforma a população?**

Eu acho que acontece um pouco das duas coisas. Às vezes ela tem uma abordagem que contribui muito pra informar, pra trazer o debate, pra trazer o tema a público pra ser debatido, como às vezes também, ela já coloca a questão de uma certa forma já direcionado. Como a gente olha hoje, há uma certa campanha, principalmente aí pelos meios de comunicação nacionalizado, pra se discutir a questão da redução da maioria penal. Isso sempre é colocado de uma forma, maneira como deve ser colocado, como é conduzido, ele não é conduzido em forma de debate, de reflexão, mostrando os dois lados do problema. Eles mostram de um lado só. Então se alguns momentos isso serve até pra informar e eu acho que, em grande parte, por exemplo você teve aquele caso dos policiais em Diadema que foram filmados torturando e aquilo só teve uma repercussão porque foi pra mídia, ele informou, as pessoas viram o que tava acontecendo e teve uma comoção em relação aquilo. Em alguns momentos também essa discussão não tem uma pluralidade e não tem espaço pra você ter outros lados também discutindo aquele ponto que está sendo colocado. Então às vezes ele já vem bastante direcionado, até numa formação de opinião ele já vem bastante direcionado, ela é muito pouco reflexiva. Porque aí ao mesmo tempo que ela informa, ela informa com uma certa tendência. Não é que ela não informa, ela informa de uma maneira tendencializada, já puxando para um determinado lado, sem ter muitas vezes um espaço, recuando e até na mesma proporção e com o mesmo peso pra se discutir outras formas de pensar as problemáticas em relação aquelas ações, então ela é muito pouco reflexiva e muitas vezes até cala esse debate, então acho que isso acontece bastante também.

**E tu acha que programas como Linha Direta, que passam criminosos foragidos com a ajuda do telespectador, tu acha que ele pode contribuir com o cidadão na sua formação de ter um combate a violência urbana? Ele pode atuar de maneira positiva com o cidadão e se tu acha se isso é possível e de que maneira isso pode acontecer?**

Não, se eu pensasse... porque eu não assisto muito o Linha Direta, mas assim, algumas coisas que eu já ouvi vi e vi pequenos trechos é que ali se transforma a violência num espetáculo. Aquilo ali é passado como uma história, como um filme, como uma novela, tem toda uma encenação sobre o caso e muitas vezes se assiste por causa dessa dramatização que se faz sobre o caso. Paralelo a isso, o que tem ali também, ele aponta pra duas coisas: uma, ela aponta pra uma ineficácia do Estado e de alguma maneira coibir aquele tipo de ação e responsabilizar os responsáveis que são todos foragidos, foragidos de longa data. Ela aponta pra a ineficácia na investigação, uma ineficácia do estado pra poder de alguma maneira responsabilizar as pessoas, que os responsáveis as penas da lei de acordo com que elas deveriam ser cumpridas. Então, aqueles casos você vai pegando toda semana a maior caso são casos especiais, são casos acontecidos com pessoas foragidas. Toda semana tem uma história nova. Uma não, duas, sei lá quantos se passa. Duas né? Então eles apontam muito mais pra essa dimensão. Por outro lado também, nessa mesma discussão ele também abre pra dois pontos que eu acho que são importantes. O primeiro deles é a gente pensar que, ao mesmo tempo que ele conta com a participação do cidadão pra de alguma forma encontrar o suspeito ou até os condenados, que é um coisa boa e que inclusive a polícia poderia fazer se tivesse mais a confiança da comunidade, tanto polícia ter mais confiança na comunidade como a comunidade ter mais confiança na polícia. Comunidade ela fundamental nesse processo investigativo pra esclarecer pra denunciar, pra fiscalizar. Mas muitas vezes esse meio de campo entre a comunidade e a polícia, ele é pautado por muitas dúvidas das duas partes, muitas suspeitas dessas duas partes. Ao ponto de você ter um terceiro elemento aí, a televisão ou até esses anônimos como o Disque-denúncia, essa coisa toda pra qual a comunidade pudesse denunciar. Fora isso você tem um desconhecimento, televisão que vi tornar conhecido casos como esse. Ao mesmo tempo que isso é bom, isso por outro lado mostra como esse casos estão caindo no cotidiano, própria banalidade, eles são comuns, quer dizer faz parte do cotidiano, não é extraordinário o cara ser foragido. Se fosse tão extraordinário assim já criaria uma certa reação da população pela sua própria extraordinariedade, pela sua própria

extraordinária, então é uma coisa bastante comum. Por outro lado ele aponta pra essa questão, ali quando o telespectador é participante da resolução do crime ao mesmo tempo ele mostra... porque assim, estrutura não continua sendo mexida, ela continua sendo a mesma. Você não está mexendo numa reforma da polícia, numa reforma da investigação, pra tornar até tanto na parte policial quanto na parte de prender o foragido, e que ele possa cumprir sua pena como um coisa que passe por uma questão estrutural. São medidas paliativas. Ao mesmo tempo que isso ajuda, isso também mascara o problema, por ele não mexe na estrutura do problema. E até porque, programas como esses se alimentam desse tipo de ineficácia da estrutura. Nesse aspecto gente diz que a violência é uma coisa que vende, que dá audiência, a violência é uma coisa que vende jornal, que vende horário nobre d televisão nos seus anúncios. Não está por acaso, num horário daquele num dia de semana. Não é uma coisa que está passando de madrugada, num horário de pouca divulgação, é um horário grande, ou seja, ela vende também. Então a gente tem que pensar nisso, ao mesmo tempo que ela está resolvendo ela está mascarando, que seria o mais grave. A raiz do problema. Porque a própria estrutura é ineficiente nesse aspecto.

**O que a gente tem visto nos últimos nos uma ênfase da aceleração que o campo midiático proporciona as coisas, tipo se tu compra um carro e ele vem com defeito de fábrica é muito mais fácil, é muito rápido tu chegar e denunciar numa revista especializada que aprece denúncias, a a fábrica se interessa muito mais em resolver o teu caso do que se tu fosse procurar a justiça comum. Então o que que tu pensa do campo midiático, ele intervir nesses outros campos sociais? E muitas vezes atuando como fiscalizador, especialmente no campo jurídico.**

Não só no campo jurídico, eu acho que vários campos. Uma grande luta que a gente teve na época da ditadura foi a liberdade de expressão. A liberdade de imprensa era fundamental, se ela forma, deforma, no popular (risos), ter uma imprensa livre, ela é fundamental pra você ter um a democracia, e você ter transparência, você ter acompanhamento, você ter até o noticiário que vai acontecer. Isso não significa que elas são na sua maioria das vezes isentas, elas não são. Agora ter essa liberdade de imprensa também implica no compromisso que é também democrático, que é a responsabilidade daquilo que se diz, a pena da lei. Se você tá dizendo uma calúnia, você vai ser responsabilizado por aquilo, porque ela tem uma responsabilidade sobre o que se diz e sobre fonte também que tá dizendo essa coisa toda. Mas ela é fundamental pra

gente pensar na democracia e você processa as informações, você tem transparências nas informações. Então assim, por esse lado ela fundamental. Por outro lado é um instrumento histórico de pressão, de pressão sobre o governo, de pressão da opinião pública, na pressão sobre as políticas públicas. Aí sim é de pressão e não de mudança. Não é por acaso que, tanto é que se sabe tanto disso que até há um grande interesse político também qualquer uma rádio. Qualquer tipo de mídia- rádio, televisão, escrita no nosso país. Não só no Brasil, mas em outros países também na mão de agentes políticos. Não há uma certa inocência, tem se o interesse nisso também. Mas assim, por um outro lado ela é um instrumento fundamental pra veiculação da informação, mas sempre pensando a informação não como uma verdade, mas como algo que traz o debate, traz a investigação, a busca de novos fatos. Então nesse aspecto ela é fundamental. E num país continental como o nosso, com um grande número de pessoas, ela é fundamental pra circular informação e até criara essa consciência coletiva, o início, pensando seriamente, não só trazer opinião, mas trazer o debate. Eu acho que isso é fundamental.

**E tu acredita que é possível uma diminuição nos índices de violência urbana no país a curto ou médio prazo? Ou tu vê como solução uma total reestruturação política, econômica, social, mas isso a longo prazo? Ou tu acha que não tem mais saída viável par o quadro da criminalidade para as futuras gerações, chegou num ponto que meio perdeu o controle?**

A nossa posição aqui no núcleo, sem dúvida nenhuma, que é possível uma transformação. Temos uma universidade com grupos de estudos, que faz pesquisa nessa área, faz sugestões muitas vezes até participa de alguns projetos públicos dando algumas sugestões de diretrizes que poderiam ser feito, como poderiam ser feito. Se coloca como uma instituição que não só pode produzir dados pra você pensar em políticas públicas, mas casos a partir dos resultados de políticas públicas já existentes, levantando também diagnósticos de uma realidade que não poderiam ser feitos sem uma prevenção. Então você pode fazer um monitoramento dessa políticas públicas. O grande problema do Brasil é esse, às vezes as políticas não tem um certo diagnóstico da realidade, partem da cabeça de algum iluminado que sabem que tem que ser feito. Mas não tem um monitoramento, não é acompanhado o que tá sendo feito, como tá sendo feito, se tá sendo desenvolvido com recursos ou não, como é que tá sendo empregado aquilo e não tem uma avaliação que mostre os resultados, um avaliação que vá mostra

que se o que agente planejo atingiu o objetivo. Ou uma avaliação pra pensar se vale apenas continuar com isso ou se vamos pegar esse recurso e pensar numa nova estratégia pra dosar o problema. Ou seja, elas são muitas vezes feitas aleatoriamente. Então a gente trabalha achando que a transformação é possível. Há transformações que são possíveis a curto, médio e a longo prazo. Uma coisa não depende necessariamente da outra. Essas transformações culturais, estruturais são transformações de longo prazo. Mas, quando você pensa a longo prazo, você tem que de alguma maneira incluir esse debate também a curto prazo. Então desde a formação de números, de dados, de critérios que vão formando uma certa opinião que contrabalanceiam ou até se confrontem com o senso comum ou com a opinião já posta, como também você vi pensando em até políticas em curto prazo mesmo. Por exemplo, a discussão da redução da maioria penal, tem que ser a curto prazo mesmo. Não se pode espera uma recuperação da sociedade pra isso, tem que ser feito já. Debater, ser visto o que dá certo, o que não dá certo, se a política é efetiva, se não é efetiva. Elas tem que ser feitas agora, porque também as mudanças estruturais não só por grandes revoluções, mas também por pequenas revoluções que vão formando a questão da democracia e também uma consciência que de essa estabilidade. Então aqui a gente trabalha um pouco dessa linha. È possível mudanças, algumas coisas já mudaram. Se a gente pega o Brasil de hoje, tem muitos problemas? Tem, sem dúvida nenhuma, o Estado de garantia de direito, todos os problemas que ainda tem é melhor do que um regime autoritário de opressão. A liberdade de imprensa, liberdade de expressão, liberdade de idéias, de opinião, divergências e tudo mais, tudo isso é uma expressão muito boa. Agora por outro lado é preciso consolidar ainda mais, é preciso avançar ainda mais. O regime democrático também passa por todo um debate, uma construção de uma outra consciência, que seria muito diferente do que a gente vê hoje que é uma sociedade extremamente reacionário em termos de direitos humanos a questão relacionada a questão penitenciária, aos presos, a questão da pena de morte. E muito pressionada na questão de opinião também por tudo isso. Então ao mesmo tempo uma coisa está interligada coma outra e nessa situação de violência é isso, uma garantia extremamente parcial, extremamente fragmentada dos direitos de todos. Desde de direitos como a segurança, a escola, a habitação, a grande maioria das pessoas esse direitos não é garantido, então começa disputa entre ela mesmo pra ver quem tem mais direitos a ter esses direitos. Agora se é direito de todos, tem que ser pra todos. Se não é pra todos, então não é pra ninguém. Se é direito de todos ele não pode ser disputado.



## APÊNDICE 11

### Videofóruns transcritos

#### Mães de família da Vila

**Com qual ponto do programa vocês mais se identificaram? Desse programa que a gente viu.**

Cleuza – Se identificou? Como assim?

**Por qual parte que vocês mais se sentiram atraídas? Mais chamou atenção de vocês?**

Lori – A minha atenção foi a frieza dele. Que não tem como ele esconder. Desde o começo eu assisti, assisti tudo da frieza dele. Se ele queria, existia ali um fundamento que era ela. Que ia ser descoberto aquilo ali. A frieza dele que ele poderia ir até mais... bandido aonde tiver ta aprontando, né. O que eu posso dizer...

C – É preciso muita frieza pra ele matar a própria mulher, né... porque quando é alguém que a gente nem conhece a gente já vê como uma coisa horrível, ainda mais matar alguém da própria família... é uma ruindade muito grande.

**Foi o que mais chamou atenção? Foi a frieza dele?**

L – A frieza. Tu viu que ele já tava provocando a morte dela, ele já vinha fazendo aquilo ali. Uma pessoa puxa um revólver, eu vou botar na boba, porque que eu não vou disparar? Então eu vi que eu quero mais, que eu quero outro, não eu. Vai fazer o jeito dela. Ali ele fez tudo pra chamar atenção dela. E não... sei lá.

C – Pra mim foi a covardia dele.

**E que valores vocês acha que o programa transmite? Quais são os valores que vocês percebem nesse programa?**

L - Eu acho assim que isso aí é uma realidade de muitas coisas que foram acontecendo, que foi guardado. Então têm muitas coisas que hoje diz *Ah, mudou!* Hoje a lei mudou o assassino... qualquer outra coisa assim que muda. Então esse caso tantos anos atrás tava abafado e veio. Tantas pessoas, como eu mesma, que alugo casa, que olho às vezes, isso mexe comigo. Muitas vezes a gente tá conversando com uma pessoa que a gente não sabe com quem que a gente tá conversando. Que nem tem um rapaz que eu vi ele na *Linha Direta* que mora aqui perto. E desde que eu falei que eu vi ele, ele sumiu. Então ele disse *Porque que a senhora fala dele?* Fez um monte de pergunta essa *Linha Direta*. Tu viu aquele do homem que tava sentado no sofá com a sogra. Não sei se tu viu... Ele ali com a sogra sentada olhando a fita e foi preso. Foi preso. Então tem muita coisa assim que... eu olho essa *Linha Direta*, que ninguém gosta de olhar... Me chama muita a atenção porque eu já passei por muita coisa. Então às vezes eu fico aqui com luz apagada e olhando, uma coisa que mexe com a gente. Uma hora tu tá aqui e depois tá lá. Eu viajei muito, também saio muito. Então tu às vezes tem que tá prevenida pra certas coisas e vê a frieza das pessoas, vê as coisas que acontecem.

C - A gente não conhece as pessoas. A gente pensa que conhece, mas na verdade tem muita gente falsa. A gente se engana muito com a cara das pessoas, acha que porque tem uma cara boa a pessoa é de bem. A mulher não sabia nem com quem tava casada.

**E qual o sentimento que o programa desperta em vocês? Quando vocês assistem ao programa, quais sentimentos sentem pelo que tá sendo passado ali?**

L - Eu sinto, às vezes até choro. Que às vezes envolve muito a vida da gente, como eu digo quem morre morreu, mas fica pra aqueles. Tu vê aquele pobre do velho, morreu de um infarto. Isso aí acontece, cara. Eu também tenho filho, às vezes dá um pouco de trabalho e a gente sofre junto. Isso aí mexe muito com a gente, que a gente certas coisas não pensa e faz. Como eu digo, se tu faz, faz sozinho, mas não deixa os outros sofrer. Tem muita gente que sofre calado. Eu converso muito sobre isso aí. Aí eu não gosto, me dá um ataque de nervos e não consigo dormir depois de ver isso aí. E eu acho, assim, que eu gosto de ver o fim. Aquela coisa de ver o fim, o que aconteceu, o que vai acontecer.

C - Eu sinto pena dos que ficam, né... porque quem morre não vê mais nada, vai até pra um mundo melhor do que esse daqui. Mas pra quem fica é muito sofrimento.

Deus o livre de ver isso acontecendo com um filho meu. Acho que eu queria morrer junto.

**E caso vocês fossem diretoras do programa, estivessem organizando a história, (por exemplo, vocês têm uma história e vão contar no programa), vocês sendo a diretora do programa, o que vocês mudariam na forma de contar as histórias das pessoas? As pessoas mandarim as cartas pra vocês e vocês diriam como seriam contadas, o que vocês fariam de diferente ou não? Como é que seria?**

L – Eu poderia dizer que tá certo. Ele mostra todos os detalhes, todas as coisas certas, que é uma simulação não é o caso perfeito que já botou no ar à noite, porque tem muita gente que não gosta. Eu não sei o que eu faria, pra mim tá bem. Mudar pra quê?

C – Eu acho errado esse negócio de cabuetar os outros, porque isso é muito perigoso. Tu conta as coisas e depois vem alguém que fica sabendo e quer se vingar de ti. Disso aí eu tenho medo, dessa história de dedurar as pessoas.

**Vocês acham que o formato, a maneira de fazer a simulação, tá bom desse jeito?**

L – Tá, pra mim tá bem, porque... sei lá o que poderia fazer pra se a gente não entrou em liberdade pensar. Que isso mexe contigo, que não é de uma hora pra outra, porque às vezes mesmo que tu vai desmanchar ou vai limpar uma casa, cada um tem um jeito cada um tem uma maneira de fazer aquilo ali. Mas um dia eu pensei assim, por que não voltava repetindo outro dia assim uns trechos daquele na quinta e quando fosse abrir o programa botasse um pouquinho pra pessoa que perdeu, podia pegar um trecho daquilo ali pra ver.

C – Eu acho que a maneira como eles contam a história tá legal. Porque eles mostram a verdade, as coisas do jeito que aconteceram.

**Que tipo de conteúdo vocês percebem no programa vinculado à cidadania? Como vocês percebem a questão de cidadania nesse programa que a gente assistiu?**

L – Eu acho legal, acho certo. E é umas pessoas assim, que esse homem quando começou a fazer isso, ele deu muita audiência.

**Esse homem é o apresentador?**

L – É. Pra mim, sabe aquela coisa, eu gosto de olhar, porque eu gosto de ver o fim. Eu gosto de ver as coisas terminar. Como dizem, começa um caso e tu leva 10, 12 anos. Que ali tem caso de 20, 30 anos que agora tá sendo mostrado.

**Como vocês percebem que é feito a cidadania nesse programa? Ou não é feito?**

L – É feito. Pra mim tá bem, eu nunca debati com outra pessoa sobre o direito, o acerto, que agora que tu tá fazendo essas perguntas aí. Acho que ele mostra tudo direitinho, faz a gente entender as coisas que eles tão falando, mostra os lugares e tal.

C – Acho que é feito quando eles mostram esses assassinos. Se não fossem eles a gente não teria como saber, né?

**Como vocês perceberam o papel da polícia nesse episódio? Nessa história como vocês acham que foi a atuação da polícia?**

L – Eu acho que embroma muito, ele já tinha o caso quase que... claro, como eu disse, que esses casos que até hoje se tu vai no juiz assinar e fazer os papéis embroma muito, mas nesse caso. Se eles tinham o certo, já sabiam como o homem lá, eles já decretaram. Sabiam que foi jogado, prenderam o cara, soltaram o cara. Pra que? Eles não deviam ter soltado que eles já tinham a certeza, pra depois levar e soltar. Eu acho que não tá certo isso aí.

C – A polícia enrola demais... tu viu que eles demoraram pra chegar na hora que o cara jogou a mulher lá de cima. A polícia só tá preocupada com os interesses dela, não com os do povo.

**Vocês têm mais algum comentário pra fazer? O que vocês acham do programa?**

L – Eu gosto do programa e acho certo, porque às vezes a gente não sai. Mas é aquela coisa assim que eu gosto de me envolver, até fazer uma festa, um jantar. Gosto de quando as pessoas saem satisfeitos, tu não sai arrependida daquilo que tu faz, daquilo que tu quer, daquilo que tu vai. Até um passeio, eu penso duas, três vezes pra não me arrepender depois. Então é aquela coisa que eu te disse.

C – Eu também gosto do programa. É muita violência, mas é importante pra alertar a gente das coisas que acontecem.

### **Jovens da fábrica**

**Com qual ponto vocês mais se identificaram o longo desse trecho do programa?**

Cláudia – A Injustiça do cara ter matado a guria e estar livre, leve e solto.

Yuri – Eu com a indignação do pai da menina do caso. Por ele ter morrido antes de ver o assassino da filha dele ser preso.

Vitor – E a menina pelo resto da vida traumatizada com aquilo.

**A filha que tu diz?**

V – Matou a mãe e não foi preso.

**Quais os valores que vocês acham que o programa transmite? Que tipo de valores vocês conseguem enxergar ali?**

C – Ele tá tentando buscar uma justiça, que a justiça mesmo não conseguiu encontrar ainda. Não consegue fazer funcionar o sistema. A televisão tem que tentar ajudar de alguma maneira porque a justiça só no Brasil não faz o que deveria ser feito.

Y – Eu concordo com a visão da Cláudia, eu acho que a televisão praticamente age mais do que a justiça normal na resolução desses casos, porque esse passou dez anos, foi dito ali, e eles ainda estão buscando pistas. Então, um valor assim de indignação, de querer buscar a justiça, mesmo que tardia. É isso que eu penso.

V – Os mesmos itens. Só que a justiça, como eles estão falando, só que se o cara foge pra outro estado e fica longe, já não... criminoso só se for numa malha, ou uma blitz pra pegar ele. Mas a televisão ajuda com certeza. Mas se o cara fugiu...

C – É difícil achar o cara. (risos)

Y – Se o cara tá em outra cidade dando uma de bonzinho, não tem como desconfiar dele. Por isso que é importante esse papel da televisão de mostrar esses bandidos

**Que sentimento o programa despertou em vocês? Que sentimentos que a partir do programa vocês...**

C – Indignação. A gente até tenta pensar será *que eu não vi esse cara em algum lugar pra ligar?* Fica sentido de ter que ver isso ainda acontecendo.

Y – Fico indignado quando imagino a situação que a família está passando. A menina sem os pais, tristeza por eles, mais indignação pela justiça não ter feito a parte dela.

V – Indignação também. Principalmente da menina que vai sofrer o resto da vida e vai ficar com aquilo ali na cabeça, traumatizada.

**O que vocês mudariam pra contar essa história caso vocês fossem produtores do programa ou fossem dirigir essa cena? Se vocês fossem contar a mesma história o que vocês fariam de diferente?**

C – Acho que formato tá bom. Acho que ele toca assim a pessoa.

**Tu acha que tem que tocar?**

C – Tem que tocar. Senão não tem sentido só mostrar assim, tem que contar como é que foi.

V – Acho que tá bem legal o formato do programa. Eles pegam e demonstram como é que foi a cena bem certinha. Procuram figurantes parecidos até com os... as pessoas reais que aconteceu. Então dá pra tu imaginar bem o que aconteceu. O formato do programa tá pra bom.

Y – A produção sim, é ótima a produção da Globo. E pelo horário que passa tem que passar as cenas reais mesmo.

**Nada que vocês pudessem mudar *Tal coisa eu acho que foi muito chocante.* Ou então *Tal coisa eu acho que foi muito apelativo.* Alguma coisa vocês acham que poderia ter sido mudado?**

C – Não.

Y – Particularmente não.

V – As cenas que vimos hoje não são muito brutais. Tem cenas bem mais brutais que essas.

**Essas foram mais *light*... Certo. Vocês percebem nesse trecho que nós vimos conteúdo vinculado à cidadania? Há uma tentativa de uma prática cidadã?**

C – Quando ele está buscando a justiça que ele fala ali: *Se você viu esse homem você liga.* Você tenta ajudar a prender. Eu acho que isso é uma prática cidadã. Não basta só contar a historinha ali, tem que tentar fazer com que as pessoas se mobilizem. Pra ligar, pra tentar encontrara a pessoa, se viu, se não viu.

Y – Eu acho que sim. No final do programa, quando o apresentador mostra a foto bem grande do acusado, dá o telefone pra ligar, diz que sua imagem é mantida em sigilo. E em seguida, quando eles conseguem capturar com essas ligações, eles mostram pra ver que funciona. Então é uma prática cidadã que influencia bastante a sociedade.

V – E rápido. Em maio foi mostrado uma senhora e no dia seguinte já prenderam.

C – A Justiça deveria ter um canal e mostrar toda semana quem são os procurados.

**E vocês perceberam como a polícia foi mostrada? Por exemplo, essa questão da investigação, de pegar as provas e medir ângulos da queda? Como vocês enxergaram isso?**

C – Isso é um trabalho bem interessante.

Y – Bastante dedicados. Dá pra ver que eles foram em cima. Não foram só pelas testemunhas, pelos depoimentos, foram pesquisar, foram em cima. Não só uma coisa...

C – Foram atrás de evidências.

V – Foram concretos na decisão que tomaram, que ela não se jogou da janela, que ela foi empurrada.

**E mais algum comentário pra fazer?**

C – Não, eu acho que está interessante.

Y – Eu acho que eu mudei minha opinião um pouquinho desde o início das entrevistas. Eu disse que eu não era muito a favor de fazer da mídia demonstrando os crimes e a gente, analisando bem ao longo, a gente vê que é uma boa influência.

V – Acho que o programa poderia também mostrar crianças desaparecidas além de assassinos.

**Mostrar as crianças desaparecidas...**

V – É uma coisa que chama a atenção. Programas que chamem atenção, programas de violência chamam a atenção. Desaparecidos não.

**Porque tu acha?**

V – Que violência chama? Porque, como estava dizendo, a produção em si é bem eficaz. É por isso que chama a atenção.

Y – As cenas de violência...

C – Que prendem as pessoas.



V – E as crianças desaparecidas não. Vai dizer o que ali, traz a foto e só.

C – Teve uma época que de tempos em tempos aparecia em uma novela umas fotos de crianças desaparecidas.

V – Mas não prendia atenção. A violência, porque tem toda uma cena envolvida, toda uma história, uma entrevista com os familiares dessa pessoa, depoimentos. Então isso aí, eles escolheram bem o programa pra puxar a audiência e fazer um meio social também.

**Vocês vêm como uma coisa diferente da produção, se fosse só pra contar história ou na revista, se fosse só contando a história não teria a eficácia. Porque tem toda a questão da produção da televisão, da imagem, o som, os diálogos...**

C – É só tu ver os jornais, tem pouca gente que lê jornal todo dia. Se tu contar só com o jornal não é a mesma coisa, não vai ter a mesma eficácia que se tu colocar na TV. Mas também a TV não vai poder mostrar isso todo dia, toda hora. As pessoas não querem ver só violência.

Y – A demanda é muito grande para o número de crimes que ela pode apresentar.

V – O maníaco do parque foi preso no interior daqui, por causa da mídia, em todos os canais.

C – Só que a TV, não é questão de perder tempo, mas não pode só mostrar isso, as pessoas não vão querer ver tanta violência.

Y – Só os mais marcantes mesmo.

C – Nossa, é tanto assunto pra falar sobre isso.